ÂNGELA NUBIATO LOPES

LUIZ VILELA EM CONTEXTO EXTRACURRICULAR:
ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE LITERATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
MESTRADO EM LETRAS – ESTUDOS LITERÁRIOS
TRÊS LAGOAS - MS
2016

ÂNGELA NUBIATO LOPES

LUIZ VILELA EM CONTEXTO EXTRACURRICULAR:
ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE LITERATURA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Literários) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues - UFMS/CPAN
Co-orientadora: Prof.ª Dr.ª Eunice Prudenciano de Souza - UFMS/CPTL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
MESTRADO EM LETRAS – ESTUDOS LITERÁRIOS
TRÊS LAGOAS - MS
2016

LOPES, Ângela Nubiato. ***LUIZ VILELA EM CONTEXTO EDUCACIONAL EXTRACURRICULAR****: ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE LITERATURA.* Três Lagoas, 2016, 573 fls. (Dissertação de Mestrado – orientador: Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues; co-orientadora: Profª. Drª. Eunice Prudenciano de Souza) – UFMS/CPTL.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues - UFMS/CPAN – Presidente

_____

Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia Silva Dionísio Santos – UNIMONTES – Titular

_____

Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Espíndola – UFMS /CPTL– Titular

_____

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Marchezan – UNESP – Suplente

TRÊS LAGOAS - MS
31/08/2016

A Deus, meu primeiro louvor. Ele me possibilitou estudar e concluir mais uma etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Lourdes e Valdevino Nubiato minha gratidão e amor sem limites. Vocês são fonte de inspiração, de vida, mentores intelectuais, que cuidaram, lapidaram e acolheram minhas emoções, que fortalecem todos os dias meu ânimo.

Ao meu esposo André, meu grande amor, pelos anos de caminhada, parceria, aventuras e cumplicidade, estando ao meu lado nos momentos que mais exigiram sua presença.

A minha filha, Camila, meu maior presente, que dividiu atenção que lhe deveria dedicar e soube entender os momentos que não pude estar presente.

Aos meus irmãos Rosana, Luciane, Émerson, cunhados Américo e Aldo, e queridos sobrinhos Pedro, Sara, Samuel e Lucas, meu amor e gratidão por estarem ao meu lado.

Aos meus sogros, Darci e Lóide, agradeço a atenção, cuidado, carinho dispensados a mim e a minha filha. Ao apoio nas etapas de digitalização do trabalho e torcida para que meus objetivos fossem alcançados.

Ao professor Joaribes Torquato e Dona Marilene, agradeço de forma especial o carinho, incentivo intelectual e companheirismo.

Ao José Paulo Bossolani meu sincero reconhecimento por todas as horas de estudo que precisei usar no tempo dos préstimos em serviço e apoio.

À Senhora Iglair Carvalho, meu respeito e agradecimento.

Ao grupo de alunos do 8º ano B de 2014, do Unicolégio Araçatuba, que participaram e contribuíram ativamente desta pesquisa, ampliando, modificando, auxiliando na construção de uma relação mediadora e significativa de conhecimento, meu eterno agradecimento.

À Professora Edna Feliciano da Costa, amiga incentivadora, que desde a graduação me aconselha e me apoia em tudo que preciso. Por estar sempre pronta a me ajudar e principalmente por sua grande amizade, minha gratidão.

À Professora Priscila Feliciano Costa, amiga leal, que esteve ao meu lado em todos os momentos da elaboração dessa dissertação, pelo incentivo e amizade, pelas horas de estudo que fizeram a diferença nesta caminhada.

À Professora Ione Conduta Franzo, com quem pude contar em diversos momentos da minha vida, os quais pude dividir a ansiedade, a insegurança e vontade de trilhar novos caminhos.

À Cláudia Patrícia Gomes de Carvalho Corrêa pelo apoio, contribuição e carinho, nas etapas da construção do trabalho.

À Professora Roselaine Torquato pela incrível disponibilidade oferecida, meus agradecimentos.

À professora Gisele Patrícia e toda equipe de professoras e funcionários administrativos do Unicolégio Araçatuba, meus sinceros agradecimentos.

Aos alunos do curso de Pedagogia, corpo administrativo, professores da UCESP, Professor Valmir e Professora Márcia, pela motivação e apoio, meu reconhecimento e admiração.

Ao meu Pastor George Harmon e sua esposa Eunice, pelas orações e palavras incentivadoras em todos os momentos, minha gratidão.

Ao Pastor Nilton de Paula e família, por sua colaboração, ajuda e apoio, meu carinho e gratidão.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa “Luiz Vilela” minha gratidão sem fim, pelas viagens, participação em seminários e congressos, pelas discussões de ideias que nos enriqueceram.

À professora Clara, professor Salles e demais professores que ministraram as disciplinas no decorrer do curso, pela competência na estruturação do programa, pelas aulas que ministraram e, em especial, pela dignidade e ética que mantiveram nos tumultuados tempos que vivemos na universidade.

Aos meus companheiros acadêmicos do Mestrado e Doutorado de 2014, obrigada pela força, sinto que percorremos este caminho juntos nos completando e nos fortalecendo, obrigada pela troca e cumplicidade.

À Karina Machado Torres, meus sinceros agradecimentos por compartilhar comigo desta caminhada, pois o seu apoio foi imprescindível para realização deste trabalho.

Às professoras kelcilene Grácia Rodriguês e Ana Lúcia Espíndola pela realização da leitura criteriosa e valiosas observações e indicações que foram apresentadas no exame qualificação .

Ao escritor Luiz Vilela, meus sinceros agradecimentos pela oportunidade de conhecer e trabalhar com sua obra, por apreciar de forma tão delicada, profunda e sensível meu trabalho apresentado em Ituiutaba.

À Professora Co-Orientadora Eunice Prudenciano de Souza, pelo respeito, carinho, paciência e competência com que me orientou durante a elaboração desta pesquisa.

Ao Professor Orientador Rauer Ribeiro Rodrigues meus sinceros agradecimentos pela oportunidade que me foi concedida na realização desta pesquisa, pelo incrível conhecimento, pela dedicação, inspiração, amizade e por ser um excelente professor, que acreditou em mim quando eu mesma achava que não tinha possibilidades de continuar, e que assim transformou minha realidade, e de meus colegas de curso ou orientação, sabendo lapidar a essência de cada aluno.

Agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte de minha caminhada, instruindo, dando palavras de apoio, inspirando por meio de livros, conversas, abraços e orações. Aos que acompanharam meu crescimento e incentivaram minha busca pelo conhecimento, minha profunda gratidão.

[...] só uma vez, uma noite em que havia desaparecido mais uma galinha e então mamãe falou que, se Corisco ainda estivesse vivo aquilo não teria acontecido, e então Papai levantando de repente falou que nada, que cachorro era um bicho velhaco que só servia para dar amolação e pra comer a comida da gente, ela não falasse naquilo, não queria saber mais daquela praga na fazenda, e foi até a janela e ficou olhando o céu estrelado, e então Mamãe me cutucou a perna e eu olhei pra ele e vi ele enxugando uma lágrima.

Luiz Vilela
Histórias de bichos
2002

Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

Michèle Petit
Os jovens e a leitura
2008

LOPES, Ângela Nubiato. ***LUIZ VILELA EM CONTEXTO EDUCACIONAL EXTRACURRICULAR****: ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE LITERATURA.* Três Lagoas, 2016, 573 fls. (Dissertação de Mestrado – orientador: Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues; co-orientadora: Profª. Drª. Eunice Prudenciano de Souza) – UFMS/CPTL.

RESUMO

A proposta do projeto pedagógico, cuja aplicação é relatada nesta dissertação, abordou a problemática da aprendizagem do ensino de leitura literária em sala de aula e caminhos que visam contribuir na formação do leitor literário. A pesquisa, dividida em dois grandes momentos, desenvolveu, na primeira fase, a descrição e aplicação das cinco alternativas metodológicas concebidas por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, apresentadas no livro ***Literatura: a formação do leitor — alternativas metodológicas*** (1993). A segunda fase se desenvolveu com a criação de um Círculo de Leitura nos moldes propostos inicialmente por Luzia de Maria, no livro ***O clube do livro: ser leitor, que diferença faz?*** (2009), e posteriormente discutidos por Rildo Cosson, em ***Círculos de leitura e letramento literário*** (2014). Como *corpus* literário para aplicação da pesquisa, utilizou-se a obra do escritor mineiro Luiz Vilela. As obras de Vilela tratam de temas universais, permitem a expansão do pensamento crítico e foram selecionadas narrativas adequadas à faixa etária dos alunos. Entre os alunos do ensino fundamental que participaram do projeto, os textos despertaram grande interesse e motivação, resultando em análises críticas e sensíveis da realidade. As alternativas, no primeiro momento, e o Círculo de Leitura, no segundo momento, em conjunto com a obra de Luiz Vilela, pareceram adequadas, uma vez que as metodologias e a proposta do círculo decorrem de um longo processo de pesquisa em que foram validadas e reestruturadas. Para despertar nos alunos o interesse de se tornarem leitores literários, optamos por estruturar as aulas fora do período obrigatório, utilizando autor brasileiro que expõe temas com profundidade e sensibilidade, ao mesmo tempo em que propicia reflexão crítica sobre a linguagem e a sociedade. Os resultados da pesquisa demonstraram a importância tanto da aplicação das alternativas quanto da formação do Círculo de Leitura e a necessidade de adaptá-los ao público ao qual a proposta é direcionada. Mostraram também que a escolha de textos literários fora dos *best-sellers* e das imposições da indústria cultural e da cultura de massa resultam em formação literária e crítica que normalmente não verificamos na escolarização da literatura, nos moldes escolares triviais.

Palavras-chave: Círculo de Leitura. Escolarização da Literatura. Formação de leitores. Leitor literário. Literatura Brasileira Contemporânea.

LOPES, Ângela Nubiato. ***LUIZ VILELA EM CONTEXTO EDUCACIONAL EXTRACURRICULAR****: ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE LITERATURA.* Três Lagoas, 2016, 573 fls. (Dissertação de Mestrado – orientador: Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues – UFMS/CPAN – co-orientadora: Profª. Drª. Eunice Prudenciano de Souza) – UFMS/CPTL**.**

ABSTRACT

The education program aim, whose implementation is reported in this dissertation, was to search about the literary reading instruction in the classroom. The research was divided into two great moments. The first phase explored the description and application of the five methodological alternatives developed by Maria da Bordini Gloria and Vera Teixeira Aguiar, and presented in the book "***Literature: the reader's training – methodological alternatives"*** (1993). The second phase involved the creation of a Reading Circle according to what was proposed initially by Luzia de Maria, in the book "***The book club: being a reader, what does it matter?"*** (2009), and subsequently discussed by Rildo Cosson in ***"Reading circles and literary literacy***" (2014). As a literary corpus for application of the research, we used the work of the writer Luiz Vilela, from Minas Gerais. Vilela's works deal with universal themes, therefore allowing the expansion of critical thinking. Appropriate narratives were chosen regarding the age of the students. Among elementary school students who participated in the project, the texts rose great interest and motivation, resulting in critical and sensitive analysis of reality. The alternatives, as a first moment, and the Reading Circle, as a second one, added by the Luiz Vilela's work seemed appropriate to us, once the methodologies and the circle proposal are based on a long research process, which were validated and restructured. In order to rise students' interest to become literary readers, we chose to establish the classes in other periods rather than the obligatory one, using Brazilian author who exposes issues with depth and sensitivity and, at the same time, who provides critical reflection on language and society. The research results showed the importance of both the application of the alternatives as well as the formation of the Reading Circle and the need to adapt them to the public to which the proposal is directed. They also showed that the choice of literary texts beyond the best-sellers as well as the impositions of the cultural industry and mass culture, resulted in literary and critical training that are not supposed to be found in the education literature based on trivial school molds.

Keywords: Reading Circle. Education Literature. Training readers. literary reader. Contemporary Brazilian literature.

Documento de Produções Analisadas dos alunos - Figuras

PA 01- Método Científico- figura 1- A/CAM/8/4.....514
PA 02- Método Científico- figura 2- A/ISA/8/4.....515
PA 03- Método Científico- figura 3- A/GAB/8/4.....517
PA 04- Método Científico- figura 4- A/MAR/8/4.....518
PA 05- Método Científico- figura 5- A/LET/8/4.....519
PA 06- Método Científico- figura 6- A/MARP/8/4.....520
PA 07- Método Criativo- figura 7- descrições das carências.....521
PA 08- Método Criativo- figura 8- trecho da música.....522
PA 09- Método Criativo- figura 9- conto “Felicidade”.....523
PA 10- Método Criativo--figura 10- conto “Amor”.....524
PA 11- Método Criativo- figura 11- personagem.....525
PA 12- Método Criativo- figura 12A- Conclusão.....526
PA 13- Método Criativo- figura 12B- conto “Imagem”.....527
PA 14- Método Recepcional- figura 13- conto “Pai e Filho”.....530
PA 15- Método Recepcional- figura 14- conto” Por toda vida”.....531
PA 16- Método Recepcional- figura 15- texto- Conto.....532
PA 17- Método Recepcional- figura 16- história em quadrinhos.....533
PA 18- Método Comunicacional- figura 17- texto- A/FAB/8/4.....536
PA 19- Método Comunicacional- figura 18- texto- A/CAE/8/4.....537
PA 20- Método Comunicacional- figura 19- texto- A/MARP/8/4.....538
PA 21- Método Semiológico- figura 20A- entrevista-professora.....539
PA 22- Método Semiológico- figura 20B- entrevista-professora.....540
PA 23- Método Semiológico- figura 21- entrevista-inspetora.....541
PA 24- Método Semiológico- figura 22- entrevista-aluna.....542
PA 25- Método Semiológico- figura 23- jornal Vilela.....543
PA 26- Novela ***O choro no travesseiro***- figura 24-texto.....552
PA 27- Novela ***Bóris e Dóris***- figura 25- texto- A/MARP/9/5.....553
PA 28- Novela ***Bóris e Dóris***- figura 26- texto- A/GABL/9/5.....554
PA 29- Novela ***Bóris e Dóris***- figura 27- texto- A/JOA/9/5.....555
PA 30- Novela ***Bóris e Dóris***- figura 28- texto- A/CAR/9/5.....556
PA 31- Novela ***Bóris e Dóris***- figura 29- texto- A/CAM/9/5.....557
PA 32- Produção de texto- figura 30- A/MARP/9/5.....558
PA 33- Produção de texto- figura 31- A/CAR/9/5.....559
PA 34- Produção de texto- figura 32- A/RAF/9/5.....560
PA 35- Produção de texto- figura 33- A/JOA/9/5.....561
PA 36- Produção de texto- figura 34 -A/GAB/9/5.....562
PA 37- Produção de texto- figura 35- A/GABL/9/5.....563
PA 38- Produção de texto- figura 36- A/LET/9/5.....564

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 013
1. **CAMINHOS DA PESQUISA** 019
    1.1. Contos em Luiz Vilela 041
    1.2. Novelas em Luiz Vilela 045
    1.3. Metodologia e Procedimentos 052
    1.4. Escola e alunos 054
    1.5. Sondagem inicial dos alunos 058
2. **NA SALA DE AULA** 062
    2.1. Método Científico (1º momento) 064
        2.1.1. Método Científico- aplicação 066
        2.1.2. Método Científico- analise 071
    2.2. Método Criativo (2º momento) 077
        2.2.1. Método Criativo- aplicação 080
        2.2.2. Método Criativo- analise 084
    2.3. Método Recepcional (3º momento) 091
        2.3.1. Método Recepcional- aplicação 094
        2.3.2. Método Recepcional- analise 099
    2.4. Método Comunicacional (4º momento) 101
        2.4.1. Método Comunicacional- aplicação 103
        2.4.2. Método Comunicacional- analise 107
    2.5. Método Semiológico (5º momento) 109
        2.5.1. Método Semiológico- aplicação 112
        2.5.2. Método Semiológico- analise 115
3. **CÍRCULO DE LEITURA** 118
    3.1. ***O Choro no Travesseiro***- aplicação (6º momento) 118
    3.2. ***O Choro no Travesseiro***- resultados 126
    3.3. ***Bóris e Dóris***- aplicação (7º momento) 128
    3.4. ***Bóris e Dóris***- resultados 131
    3.5. Impressões finais dos alunos 133
CONCLUSÃO 136
REFERÊNCIAS 140
1-Documentos de Aplicação do Projeto em Ordem Lógico-Cronológica 148
2-Documentos de Produções Analisadas dos Alunos- Figuras 513

INTRODUÇÃO

A ideia geral deste trabalho se desenvolveu a partir de reuniões com o professor Rauer Ribeiro Rodrigues, em que discutimos o livro ***Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas*** (1993), de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar**.** O cerne da ideia residia na investigação da problemática do aprendizado de literatura por alunos do Ensino Fundamental II e os motivos pelos quais eles supostamente não só não estariam desenvolvendo o gosto pela leitura literária à medida que progrediam de série, como perdiam eventual aptidão desenvolvida nos anos iniciais da escola.

No panorama atual do Ensino de Literatura, as perspectivas tendem a ser similares aos problemas relatados por Bordini e Aguiar. O livro se divide em duas frentes: 1) A pesquisa sobre os problemas relacionados ao crescente desinteresse pela leitura de literatura; e 2) A apresentação de propostas metodológicas que visam sugerir soluções às dificuldades encontradas.

Por meio da leitura de pesquisas mais recentes, como as de Pena, ***Ler para a vida*** (2000), Machado, ***Literatura, escolarização e práticas de ensino*** (2015), e Cristo, ***Estratégias para despertar o gosto pela leitura e assim formar leitores para vida inteira*** (2007), verificamos que os problemas continuam. As respectivas pesquisas, de modo semelhante a Bordini e Aguiar, apontam as falhas na adequação do ensino de literatura e o crescente desinteresse pela literatura por parte dos alunos do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental. As alternativas metodológicas, propostas na obra de Bordini e Aguiar, visam despertar nos alunos a vontade de se tornarem leitores literários. A problemática na esfera do ensino de leitura é reforçada quando observamos que, no Plano Nacional de Educação (2011-2020), as metas ainda são focadas em universalizar o atendimento escolar e erradicar o analfabetismo absoluto e funcional, sem debates relacionados à questão da formação leitora.

Utilizamos Bordini e Aguiar como referencial uma vez que as alternativas propostas oferecerem liberdade na escolha das obras literárias a serem estudadas, e definimos os textos do escritor Luiz Vilela como *corpus* literário. A opção se deu em razão do longo processo de estudos sobre a obra do autor proporcionado pelas reuniões mensais do Grupo de Pesquisa Luiz Vilela

(GPLV). Esses estudos nos motivaram a conhecer toda sua obra, que se mostrou densa e profunda e, ao mesmo tempo, possível de ser compreendida por adolescentes, nosso foco de interesse. A obra proporcionaria aos alunos a ampliação da visão crítica nas esferas social, afetiva e emocional, de modo que eles, a partir da obra de Vilela, entrassem, posteriormente, em contato com outros textos literários, tendo como base uma visão reflexiva, sensível e crítica.

Na primeira fase do projeto, trabalhamos dezoito contos. Catorze deles além da publicação nas coletâneas originais, haviam sido republicados em antologias destinadas ao público infantojuvenil. O único que não foi reunido em antologias, “O professor de inglês”, encontra-se na coletânea ***Tarde da noite*** (1983). E três contos "Imagem", "O buraco" e "O fantasma", compõem a antologia ***Três histórias fantásticas*** (2006).

Esse projeto foi realizado em conjunto, na parte referente à aplicação dos métodos, com a mestre Karina Torres Machado, do PROFLETRAS, que desenvolveu a pesquisa intitulada ***Literatura, escolarização e práticas de ensino*** (2015), em uma escola estadual localizada na cidade de Lençóis Paulista, no estado de São Paulo. Nossa pesquisa foi realizada na cidade de Araçatuba, localizada no interior de São Paulo. As duas propostas foram desenvolvidas com alunos do 8° ano do Ensino Fundamental.

A professora Karina Torres Machado fez sua pesquisa na rede estadual, enquanto a mestranda deste projeto aplicou a proposta em uma escola da rede privada de ensino, onde é coordenadora do Ensino Fundamental. Os dados coletados por Bordini e Aguiar no ano de 1983[1], se assemelhavam aos observados pela docente deste projeto no ano de 2014, que trabalha há 25 anos com Educação e que também percebeu o crescente desinteresse dos alunos em relação à leitura de literatura, conforme os mesmos avançam o nível de escolaridade.

Os métodos propostos pelo livro de Bordini e Aguiar foram aplicados nos dois projetos. Nosso projeto teve um desdobramento na forma de um Círculo de leitura, no qual foram lidas duas novelas de Vilela, a partir dos conceitos adquiridos pela formação desenvolvida ou maturada pelas alternativas estudadas.

[1] A pesquisa foi realizada no ano de 1983. O livro foi publicado no ano de 1993.

De modo geral, objetivamos contribuir para a formação do leitor literário. Como proposta para atingir esse intento, descrevemos, aplicamos e analisamos a validade dos métodos desenvolvidos por Bordini e Aguiar, em conjunto com os textos de Luiz Vilela como meio de fomentar nos alunos o gosto pela leitura de literatura no ciclo II do Ensino Fundamental.

Desenvolvemos adaptações das propostas metodológicas de acordo com o contexto nos quais elas foram aplicadas, bem como escolhemos o *corpus* literário mais adequado às turmas. As obras de Luiz Vilela despertaram grande interesse e motivação nos alunos, o que produziu a ampliação do plano inicial do projeto: de ler os contos sob a perspectiva das metodologias de Bordini e Aguiar para também ler novelas com a dinâmica dos Círculos de Leitura.

Para Lewis, no livro ***Um experimento na crítica literária*** (2009), leitores letrados são os que captam as nuances de uma obra, conseguem “ver por meio dos olhos de outros”, aquilo que suas realidades não comportam, buscam tempo livre para poder ler, transformando-se a cada leitura; Lewis complementa: o leitor letrado é aquele capaz de considerar que a “experiência literária cura a ferida da individualidade sem arruinar seu privilégio”, e que é profundamente tocado pelas histórias nas quais “torno-me mil homens e ainda permaneço eu mesmo” (LEWIS, 2009). Esta visão profunda da formação leitora subsidiou nossa busca durante o desenvolvimento deste trabalho.

A expansão da proposta ocorreu na forma de um Círculo de leitura sobre duas novelas do escritor Luiz Vilela. O que caracterizou um segundo momento do projeto e foi resultado das discussões propostas nas reuniões do GPLV e da necessidade e desejo dos alunos de aprofundarem as perspectivas construídas nas leituras dos contos, realizadas na primeira fase do projeto, resultando, ao final, no enriquecimento da proposta deste trabalho.

A estruturação geral do nosso trabalho foi, portanto, e ao final, divida em duas fases. Na primeira fase, houve o desenvolvimento de cinco momentos, relativos aos procedimentos da aplicação dos cinco métodos em que foram trabalhados os contos. A segunda fase se dividiu em três momentos; dois relacionados à leitura e ao estudo de ***O Choro no Travesseiro*** (1994) e ***Bóris e Dóris*** (2006), e um momento final, no qual os alunos descreveram as contribuições do projeto para sua formação e suas vidas. A leitura das novelas

foi dividida em etapas de estudo, conforme os aspectos literários[2] que foram abordados em cada uma delas.

Quanto à organização do trabalho, os apêndices e anexos estão organizados conforme as normas da ABNT [NBR 14724, 4.3.2] e [NBR 14724, 4.3.3], que os considera como elementos opcionais, em um critério específico que nos parece mais adequado para o leitor seguir o desenvolvimento de nossa pesquisa. Em tese, fazem parte dos anexos documentos não elaborados pelo autor, enquanto, dos apêndices, fazem parte os arquivos formulados pelo autor do texto com o intuito de complementar a argumentação desenvolvida. Como podemos perceber pelas explicações de Gil, apêndices são documentos: "cujo conteúdo foi elaborado pelo próprio autor e que podem ser consultados para melhor compreensão do projeto (GIL, 2002, p. 167). E os "anexos são constituídos por tabelas, quadros, mapas e outros documentos que não foram elaborados pelo autor do projeto" (GIL, 2002, p. 167).

Para além da divisão em apêndices e anexos, foi necessária a criação de uma ordem que facilitasse a compreensão do leitor quanto aos momentos de aplicação de nossa proposta. Organizamos, então, os documentos em ordem lógico-cronológica, nas quais constam de modo conjunto, sem tal terminologia, apêndices e anexos, formando uma seção ordenada de acordo com os momentos em que os artigos, questionários, imagens e textos foram utilizados no projeto. Ao final a documentação ficou dividida em duas partes: a primeira, AP, que designa a aplicação do projeto em ordem, lógico-cronológica, composta de anexos e apêndices, e a segunda parte, PA, que engloba as produções dos alunos, analisadas em nosso trabalho e nomeadas como figuras.

Quanto à metodologia geral da pesquisa, nos utilizamos da proposta de Pesquisa-ação. Por meio dela, foi possível imergir na realidade da escola, observar, levantar dados através de questionários, entrevistas, textos e gravações realizadas durante o início, o desenvolvimento e o fim do percurso,

---

[2] O estudo dos aspectos literários foi realizado com os alunos oralmente, durante as leituras dos livros e em forma de discussões no Círculo de Leitura. Na novela ***O choro no travesseiro***, o aspecto abordado foi o do espaço. Em ***Bóris e Dóris***, trabalhamos com as personagens. Em geral, discutimos os elementos da narrativa, ou categorias básicas da narrativa, e, de forma mais detalhada, o espaço e a personagem.

assim como discutir os dados levantados, corroborando o processo da pesquisa.

No que se refere à divisão de capítulos, no primeiro, intitulado **Caminhos da pesquisa**, ocorre a discussão sobre a formação do leitor e a escolarização da literatura, com práticas que se proponham a questionar e desenvolver de forma adequada as propostas atuais de ensino, salientando a importância do professor no centro do processo educativo. Nesse capítulo também é exposto um recorte sobre os gêneros e são apresentados alguns aspectos da fortuna crítica do escritor Luiz Vilela, com breve panorama de sua obra.

No segundo capítulo, **Na sala de aula**, são exploradas as alternativas de Bordini e Aguiar, divididas em cinco métodos, Científico, Criativo, Recepcional, Comunicacional e Semiológico. Também são apresentados os objetivos e conclusão de cada método e as bases teóricas nas quais cada um deles repousa, conforme as diretrizes de Bordini e Aguiar. Na sequência à exposição de cada método, discorremos sobre os contos, de forma resumida, bem como apresentamos a discussão dos alunos sobre os contos e procedemos a análise dos resultados a partir da produção dos alunos. Em síntese, discorremos sobre as atividades promovidas pelas alternativas e as adaptações necessárias para efetivação dos objetivos propostos.

No terceiro e último capítulo, **Círculo de Leitura**, destacamos as duas novelas, ***O Choro no Travesseiro*** (1994) e ***Bóris e Dóris*** (2006), de Luiz Vilela, assim como os resultados e impressões dos alunos sobre essas narrativas mais longas, com tramas e personagens dimensionadas de modo diverso aos dos contos.

Na conclusão, há o reforço para a necessidade de pesquisas que verifiquem a formação dos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental e a validade de métodos e textos que auxiliem na formação literária adequada do aprendiz. Isso sem deixar de observar as constantes mudanças que estão ocorrendo na sociedade em relação à cultura e às novas tecnologias, observando-se como as mesmas estão integradas na formação do leitor literário. Cremos demonstrar, ao longo da pesquisa, que a leitura literária que não cede à tentação dos modismos editoriais e as imposições da cultura de

massas, provoca modificação no horizonte de expectativa dos alunos, fomentando a formação crítica e forjando leitores literários letrados.

1. CAMINHOS DA PESQUISA

A Literatura é um campo do saber que exige do leitor algumas experiências e aprendizados prévios, necessários ao seu entendimento, da mesma forma que as outras disciplinas do currículo as quais possuem seus pré-requisitos para serem trabalhadas de formas satisfatórias[3]. Quando ocorrem falhas na aquisição das competências, levando o aprendiz a não dominar o contexto de exigências e estratégias que o tornam um bom leitor, ocorre um grande entrave na busca pela formação leitora e desvendamento do texto literário.

Quanto à formação leitora, Lewis (2009), faz algumas considerações, dividindo os leitores entre letrados e iletrados[4]. As constatações do autor, longe de nos darem definições rígidas sobre as distinções de literariamente letrados e de literariamente iletrados, nos levam à reflexão sobre quais atitudes são necessárias para o letrado avançar em seus conhecimentos e o iletrado ser inserido no mundo da leitura, destacando que os dois tipos de leitores "não são separados por barreiras irremovíveis" (LEWIS, 2009, p. 12).

Algumas distinções são necessárias. Quanto aos leitores literariamente iletrados, Lewis destaca: "a maioria nunca lia duas vezes a mesma coisa. Um traço característico de um homem literariamente iletrado é que ele considera

---

[3] Nas escolas brasileiras o que é considerado satisfatório para cada área do saber está disponível nos volumes dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Quanto aos PNC´s de Língua Portuguesa, há o enfoque na priorização de textos que proporcionem a "reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada" (BRASIL, 1997, p. 24). Desse modo, infere-se as premissas básicas a serem desenvolvidas nos alunos, a reflexão, a crítica e a sensibilidade, todas englobadas pelo hábito de leitura da literatura.

[4] Literariamente iletrado é expressão utilizada como tradução para unliterary, em correspondência às ideias de Lewis; iletrado aqui, portanto, não corresponde a analfabeto, mas diz respeito a alguém pouco cultivado no mundo das letras, sem repertório de leituras canônicas e sem sensibilidade desenvolvida para o campo literário (N.T) (LEWIS, 2009, p. 8).
Literariamente letrado é o termo utilizado, daqui para adiante, em oposição a literariamente iletrado, termo explicado na nota anterior.

“Eu já li isso” como um argumento conclusivo contra a leitura de qualquer obra” (LEWIS, 2009, p. 8). Em outro momento trata do leitor assíduo, porém iletrado:

> [...] a maioria das pessoas, embora às vezes seja leitora assídua, não dá muita importância para à leitura. As pessoas se voltam à leitura como última opção e a abandonam com entusiasmo assim que qualquer alternativa de passatempo se faça presente. A leitura é reservada para viagens de trem, doenças, momentos atípicos de solidão forçada ou para o processo chamado “ler para adormecer”. Essas pessoas, por vezes, combinam a leitura com conversa ligeira e desconexa e, com frequência, com o hábito de ouvir rádio. (LEWIS, 2009, p. 8).

Continuando nessa perspectiva o autor reforça que os iletrados “quase nunca pensam ou falam sobre suas leituras” (LEWIS, 2009, p. 8), e ao ler uma obra pela primeira vez, seja um conto ou romance “nada de muito especial ou nada ─ simplesmente ─ parece ter acontecido a eles” (LEWIS, 2009, p. 8). A leitura não tem uma função significativa, não atinge esses leitores de forma reflexiva.

Entretanto, quando a abordagem se volta para os literariamente letrados, “Aqueles que lêem grandes obras, em contrapartida, lerão a mesma obra dez, vinte ou trinta vezes ao longo de suas vidas” (LEWIS, 2009, p. 8), buscando silêncio e tempo livre para ler com toda a atenção “Quando lhes é impossibilitada essa leitura atenta e sem perturbações, mesmo que por poucos dias, eles se sentem empobrecidos” (LEWIS, 2009, p. 8). A primeira leitura de uma obra literária para:

> [...] os literatos é, com frequência, uma experiência tão importante e significativa que apenas experiências com o amor, a religião ou o luto podem servir como parâmetro de comparação. Toda a sua consciência é alterada. Eles se transformam no que não eram antes. (LEWIS, 2009, p. 8-9).

Observamos que “Finalmente, como resultado natural de seu comportamento distinto em relação à leitura, o que eles leram faz-se constante e proeminentemente presente na mente dos poucos, mas não na de muitos” (LEWIS, 2009, p. 9). Esses leitores repetem:

> [...] na solidão, seus versos e estrofes favoritos. Cenas e personagens dos livros lhes fornecem uma espécie de iconografia com a qual interpretam ou sintetizam sua própria experiência. Eles falam uns com os outros sobre livros com frequência e profundidade .(LEWIS, 2009, p. 9).

A abordagem de Lewis sobre leitores letrados e iletrados nos forneceu pistas para estabelecermos alguns aspectos que direcionaram nossa busca na formação leitora. A atividade leitora se constrói por meio da interação, seja com os escritores e suas histórias, seja por meio do modo ativo como nos colocamos diante do mundo. É importante salientar a necessidade de conscientização sobre a postura tomada pelo indivíduo frente ao mundo, frente à leitura por ser este posicionamento um dos fatores essenciais nessa formação. Essa postura passa pelas interações sociais e pela escola, agente principal na construção do conhecimento de uma sociedade.

A escola separou os níveis de conhecimento, fragmentando as áreas do saber[5], proposta que coloca o início da apreensão dos significados dos símbolos e aprendizagem da leitura já nos primeiros anos de escola, nos quais se desenvolve o processo de alfabetização, letramento e contato com a literatura.

A literatura infantil encontra seu respaldo e construção no próprio mundo em que a infância foi colocada quando a burguesia lhe dedicou outro sentido, diferente daquele dado pela época medieval. A infância passa a ter a conotação de cuidado, fragilidade, encantamento, de ludicidade, e tudo referente a ela é cuidadosamente formulado:

> Antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união

[5] A fragmentação do ensino decorre da influência que o pensamento cartesiano, formulado pelo filósofo René Descartes (1596-1650), teve no desenvolvimento do conhecimento científico, além da política de fragmentação do processo de produção industrial do final do século XIX. Disponível em < http://www.infoescola.com/pedagogia/a-fragmentacao-disciplinar-e-por-areas-de-conhecimento/>. Essa compartimentalização resulta em conteúdos desconectados, separando as áreas do saber como se elas não possuíssem conexão e direcionam a entrada ao mundo do conhecimento ao livro, tornando apreensão e aprendizagem dos símbolos necessidade inicial na formação de uma criança.

> familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas pra cumprir uma missão. (ZILBERMAN, 1981, p. 15).

A mudança nas famílias com crianças requerendo necessidades, estruturas e cuidados diferentes dos adultos, promoveu a ligação entre infância, literatura infantil e escola. A criança não é mais um pequeno adulto em formação e sim um ser desprotegido, que necessita de cuidados para sobreviver no mundo e precisa de educação voltada a ela, estrutura adequada, materiais e livros atraentes. Nesse contexto, os livros infantis, essencialmente literários, remetem a esse processo: são coloridos e criativos, possuem fundo moral, que priorizam a transmissão de valores, chamando a atenção das crianças. A atividade de leitura adquire interessante caráter lúdico:

> No Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infanto-juvenil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica de colônia. Essa fase embrionária da literatura infanto-juvenil brasileira é representada em especial por Carlos Jansen (*Contos seletos das mil e uma noites)*, Robinson Crusoé,(*As viagens de Gulliver a terras desconhecidas*), Figueiredo Pimentel (*Contos da carochinha*), Coelho Neto e Olavo Bilac (*Contos pátrios*) e Tales de Andrade (*Saudade*). Com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infanto-juvenil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. No Sítio do Pica-pau Amarelo vivem Dona Benta e Tia Nastácia, as personagens adultas que "orientam" crianças (Pedrinho e Narizinho), "outras criaturas" (Emília e Visconde de Sabugosa) e animais como Quindim e Rabicó. Ao lado de obras marcadamente didáticas, escreve Lobato outras de exploração do folclore ou de pura imaginação, com ou sem o reaproveitamento de elementos e personagens da literatura infantil tradicional. (CUNHA, 1985, p. 20).

Assim, no Brasil, inicialmente, a literatura infantojuvenil possuía fundo pedagógico e a dependência do Brasil em relação a Portugal promoveu a criação de obras que tinham como intuito disseminar valores da sociedade da época. Será somente com Monteiro Lobato[6] o início da literatura infantojuvenil,

[6] Monteiro Lobato é um dos mais importantes escritores brasileiros do século XX, tendo uma vasta produção literária composta por livros, poemas, contos, crônicas e artigos. A coleção Sítio do Pica-Pau Amarelo, escrita entre os anos de 1920-1944, composta de 15 volumes, foi a obra de maior repercussão do autor e era direcionada ao público infantil. Além de escritor, Lobato exercia atividade editorial expressiva no período, por meio da Companhia Editora

o escritor foi um dos precursores do desenvolvimento da linguagem literária brasileira para o público infantil. O avanço histórico permitiu a evolução da literatura, entretanto a transmissão de valores, que visa reforçar uma certa estrutura social ainda persistiu. Essa mesma estrutura reserva para si grande parte da atividade leitora.

Quando a literatura é reservada a uma pequena camada da população acaba sendo para exercício do poder, conforme pondera Michèle Petit no livro ***Os jovens e a leitura*** (2008, p. 37). Nesse sentido sua função não é só a de transmitir mensagens, pois está inserida em uma sociedade de classes, transpassada por diferentes interesses concorrentes entre si, daqueles que possuem e não possuem acesso ao conhecimento. Tal processo traz à tona um certo tipo de relacionamento entre linguagem, saber e poder, tomando a leitura como uma "instância legitimadora do poder, justamente aquela que instaura uma diferença irredutível entre aqueles que dominam a linguagem escrita e aqueles que a desconhecem. Os primeiros, certamente, tornam-se detentores de uma leitura eficiente de mundo" (MACHADO et. al., 2011, p. 151). O Brasil passou por vários períodos históricos: colônia, império e república. A educação, no início da formação brasileira, era destinada as elites, limitando o acesso da maioria da população:

> Se a república, quando inaugurada, busca soluções para o impasse educacional brasileiro, e depois, sucumbe à força econômica e política dos grupos tradicionais, a história subsequente da sociedade nacional apresenta a persistência do mesmo conflito. De um lado, os esforços contínuos visando a manutenção de uma estrutura conservadora e elitista para o ensino, dificilmente criando oportunidades iguais para os diferentes setores da sociedade brasileira; de outro, a necessidade inadiável de transformação, por várias razões, como: a pressão dos grupos menos favorecidos e a necessidade de formação de mão de obra habilitada para o país que se industrializa (e se moderniza) desde o início do século. (ZILBERMAN, 2010, p. 76).

Nacional e Editora Brasiliense, "Por elas foram publicados muitos de seus livros. Lobato considerava que a qualidade gráfica dos livros era muito importante e, por isso, atribuía a ela um fator primordial. A aparência do produto, sua capa e qualidade, eram indispensáveis para atrair a atenção dos leitores. A intensa e notável atividade literária e editorial de Monteiro Lobato somava-se a um profundo engajamento social e político em seu tempo, especialmente, a partir dos anos de 1920, momento em que a República estava fortalecendo as suas bases. Embora a velha estrutura rural ainda fosse muito presente, o Brasil buscava a sua modernização. Emergiu o nacionalismo que se manifestou na arte, na literatura, na educação, enfim, disseminou-se pelo país nos mais diversos âmbitos" (MARTINELI; MACHADO, 2002, p. 2).

Com a proclamação da república a escola se tornou mais democrática no que concerne a acessibilidade, formulando uma política educacional, que, ao menos em teoria, era viável. Tal contexto produziu a entrada de grande número de alunos nas escolas. Todavia a qualidade do ensino não se manteve no mesmo nível da demanda produzida pela quantidade de matrículas. A questão na qualidade atingiu grande parte das instituições educacionais e não é recente, “A massificação do ensino foi desse modo conduzida a passo forçado, sem oferecer os meios pedagógicos para acolher esses novos estudantes” (PETIT, 2008, p. 9-10).

A elite (detentora do conhecimento, delimitando, cerceando e produzindo o mesmo) seleciona aquilo que é viável, como a produção de mão de obra qualificada para setores mecanizados e que não exijam muito esforço intelectual, desprezando a prática integradora e de reflexão crítica da sociedade. Sendo assim, grande parte dos projetos voltados para escola são propostos com a finalidade de preservar essa prática e não de mudá-la. E em relação à literatura, seja ela infantil ou direcionada ao público adulto, é reservada ao grupo que domina a simbologia construída socialmente.

A literatura brasileira acaba ficando acessível a uma parcela restrita da população e o processo de evolução literária referente ao mundo da infância, também segue nessa linha. A expansão do contexto literário infantil, na esfera burguesa do sistema capitalista, ocorreu, não por que a intenção era favorecer um ambiente rico em estímulos direcionados à reflexão do aprendiz, mas por que a criança passou a ser vista como um ser que poderia se tornar um potencial consumidor. O público infantil foi, desse modo, explorado pelo sistema como um importante nicho mercadológico. Os livros tornam-se atrativos e criativos. Essa medida poderia ser considerada relevante para a formação leitora, entretanto, segundo Zilberman:

> Também essa medida revela-se contraditória, pois, como simultaneamente favorece o aumento do consumo acaba por transformar a ação pedagógica reparadora, que se diz desinteressada e neutra ou então progressista e emancipadora, em um agente de incremento de mercado, vale dizer, em um organismo que atua em prol dos setores ligados ao capital no conjunto da sociedade burguesa. (ZILBERMAN, 2010, p. 15).

A contradição entre o sistema capitalista, o lucro e as intenções pedagógicas, buscando autonomia e emancipação, revelada pela autora, não descarta o fato de que as crianças são atraídas pelo mundo da literatura, seja pelo conteúdo dos livros, pelo *design* e cores ou, mais atualmente, pelas tecnologias utilizadas de inúmeras formas. A perspectiva é que, com tanta informação e criatividade a seu dispor, obviamente, essas crianças em seu percurso de desenvolvimento, deveriam se tornar jovens e adultos leitores.

Todavia, infelizmente, conforme cresce, a criança vai perdendo seu interesse, chegando ao momento no qual as leituras literárias se dão somente quando estas, já adolescentes, necessitam passar no vestibular ou em momentos de leitura obrigatória. E esse momento parece culminar com a crise da criatividade, da curiosidade e dos problemas relacionados ao desenvolvimento das aptidões necessárias às capacidades interpretativas. Quando se tornam adolescentes, parecem não refletir ou não partilhar da ideia de ser a literatura um caminho para a análise crítica do mundo, um caminho de resolução e de criação de dúvidas, um meio para o aprofundamento da interpretação do mundo de maneira crítica e sensível.

Perdendo ou não construindo a capacidade leitora, a constatação do momento de crise, resultante da observação da docente desse projeto, advinda de 25 anos dentro da área educacional, dos quais 20 anos são dedicados ao Fundamental I, se confirmam por meio de estudos como os de Bordini e Aguiar (1993), nos quais as autoras ressaltam que a situação crítica do ensino de literatura tem sido bastante discutida e que “o ponto nevrálgico da questão reside nas deficiências de domínio de leitura" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 32).

Também os recentes dados divulgados pelo INEP 2012 (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) sobre o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) ratificam nossas constatações sobre o panorama crítico na área da leitura. Esses dados revelam que a capacidade dos aprendizes de reter e deduzir informações, de interpretar textos e de compreender nuances da linguagem não alcança o nível 2, em uma prova que chega ao nível 6 (42,9 % dos alunos). O país somou 410 pontos em leitura, dois a menos que a sua pontuação na última avaliação realizada em 2012 e 86

pontos abaixo da média dos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

Outra perspectiva pode ser observada no Plano Nacional da Educação, no qual as expectativas não são animadoras. As diretrizes, objetivos e metas que foram definidas para o decênio 2011-2020, destacam como principais percursos a erradicação do analfabetismo funcional, a diminuição do analfabetismo absoluto e atendimento universalizado. Esses trajetos nos apontam o quanto a educação brasileira ainda está distante de um parâmetro desejável de instrução e mostra a grande necessidade de formação leitora para a população.

As deficiências relacionadas à leitura, também podem ser relacionadas aos trâmites burocráticos que impedem a escola de desenvolver a função de conscientizar seus participantes sobre a situação em que se encontram. Ela falha na sua primeira função, de alfabetização, além de, supostamente, promover, em seu ambiente, práticas que visam reproduzir e manter o controle social exercido pelas classes dominantes.

A situação se vincula também à constituição do regime capitalista que marginaliza o intelectual quando este não se foca em gerar lucro com sua produção. Esse tipo de trabalho intelectual só é reconhecido quando visa reforçar os aparatos de dominação dos detentores do capital. A iniciativa de voltar-se para atividades promotoras de ganho anularia gradativamente a importância da leitura nos bancos escolares. A preparação para o sistema, referente à formação para o mercado de trabalho, seria o projeto mais importante, fazendo os alunos abandonarem a leitura, principalmente certos tipos de leituras literárias, por estas se vincularem a uma literatura marginalizada que, ao invés do lucro, geraria reflexão (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 13).

Sendo o livro uma ferramenta construída socialmente e baseado na cultura coletiva, requer agentes que tenham domínio do conteúdo para poder transmiti-lo. No livro ***Os jovens e a leitura*** (2008), Petit exemplifica uma situação que se passava na China e que cabe em contexto brasileiro e geral:

> Na China antiga, a primeira obrigação do chefe consistia em fornecer a seus súditos emblemas, divisas e "designações corretas". Era o que lhes permitia impor as regras e a hierarquia social. Como as palavras tinham força quase mágica de manter os seres e as coisas no seu devido lugar na ordem estabelecida, a escrita foi um instrumento fundamental do poder político [...] mesmo sem ser chinês qualquer ser humano preocupado em ter influência sobre seus semelhantes parece compreender instantaneamente essa função de mandarim da escrita. (PETIT, 2008, p. 23-24).

Escrita e poder se entrelaçam, alicerçando uma sociedade dividida entre os cultos e os incultos, na qual os primeiros são admirados. Aqueles que não possuem o conhecimento almejam pertencer e parecer com os integrantes das classes dominantes, e entendem, mesmo de forma sutil, "a manipulação da escrita" (PETIT, 2008, p. 24), como "um instrumento decisivo de poder" (PETIT, 2008, p. 24).

Antes de explicitarmos a função da escola na aproximação de esferas sociais supostamente divergentes entre si, e propormos a análise crítica da cultura como ponte para o saber é necessário refletir, um livro não é essencialmente conhecimento. É necessário, primeiramente, o diálogo entre autor, leitor e obra. Por meio desse leitor é que poderá ocorrer apreensão da realidade contida no conteúdo. Portanto a atividade de leitura perfaz:

> [...] um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador [...] A obra, por sua vez, vincula o autor ao público [...] Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. (CANDIDO, 2000, p. 33).

A tríade indissolúvel da qual fala Candido (2000), nos leva a conjecturar sobre o caminho da informação (transmissão de notícias), até se tornar conhecimento (consciência, sentido a respeito da ideia com a qual o ser interage), principalmente na sociedade atual em que há grande disponibilidade de informação. Conhecer um objeto ou qualquer matéria que esteja diante dos olhos implica em ativar relações e conexões interiores, desequilibrá-las, para receber a intervenção do mundo externo e após a recepção, equilibrar o novo conhecimento adquirido. Sendo o indivíduo influenciado por essa interferência, tem suas estruturas internas modificadas, portanto:

> O conhecimento não é visto como algo situado fora do indivíduo, a ser adquirido por meio de cópia do real, tampouco como algo que o indivíduo constrói independentemente da realidade exterior, dos demais indivíduos e de suas próprias capacidades pessoais. É antes de mais nada, uma construção histórica e social, na qual interferem fatores de ordem cultural e psicológica. (BRASIL, 1997, p. 36-37).

Se fatores sociais, culturais, psicológicos e históricos, ou seja, fatores internos e externos ao indivíduo interagem na formação do conhecimento, a informação se torna apenas um dos caminhos gerativos de saber, como um ser passivo esperando ser descoberto. A interação respaldada pelo pensamento se dá por meio das manifestações e expressões dos indivíduos e a linguagem intervêm tornando-se um dos principais meios de comunicação das necessidades dos seres humanos: "o pensamento e a linguagem não representam dois processos independentes um do outro, se desenrolando um em paralelo e se articulando de vez em quando, mas constituem um único e mesmo processo" (FRIEDRICH, 2012, p. 87).

Em artigo sobre leitura significativa, Smith (1999), discorre que depender o mínimo possível dos olhos é uma habilidade essencial para leitura e, portanto conhecimento. O mesmo texto enfatiza que, para ocorrer uma boa leitura, há a necessidade da informação visual e da não visual. A informação visual é caracterizada pelos símbolos representante das letras, estruturas e formas do texto e a informação não visual seria a bagagem dos leitores antes de ter o conhecimento dos textos (seria a chamada vivência). Assim, quanto mais informação não visual o leitor possuir, menor a necessidade de informação visual. Isso se refletiria no modo como a leitura é absorvida. Em tese, o aprendiz reterá maior quantidade de conhecimento quando sua leitura impressionar, possuir significado ou sentido para ele (SMITH, 1999, p. 21-38).

O significado se expressa por meio do conhecimento, habilidade gerada quando se tem capacidade de interagir e de interpretar o mundo. De devolver ao ambiente externo aquilo que foi acumulado por inúmeros processos de experiências internas, dinâmica essa dada por meio do deslumbramento da mente diante das possibilidades de criação humana como a escrita:

> A psicanálise enfatiza que tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo na obscuridade do inconsciente. Essa constatação evidencia a

> importância da memória tanto para a vida quando para a leitura. Principalmente a da palavra escrita - daí a valorização do saber ler e escrever -, já que se trata de um signo arbitrário, não disponível na natureza, criado como instrumento de comunicação, registro das relações humanas, de ações e aspirações dos homens; transformado com frequência em instrumento de poder pelos dominadores, mas que pode vir a ser a liberação dos dominados. (MARTINS, 2012, p. 19).

Se a palavra escrita, o saber ler e escrever impressiona a mente resultando em atividade de registro, comunicação, também deriva em forma de poder das classes dominantes as quais estão ligadas à formação estrutural das escolas e sua função. Mesmo que os ambientes de ensino supostamente tenham, em um dos seus princípios, a aproximação entre dominados e dominantes, Bordini e Aguiar (1993) discutem sobre a falha da escola residir justamente no campo da aprendizagem dos símbolos (campo da alfabetização e letramento):

> Decorre daí a necessidade, nas sociedades democráticas, da implementação da alfabetização, por ser esse o instrumento de apropriação da cultura dominante. É sintomático que, exatamente nessa tarefa, a nossa escola tenha se mostrado tão ineficaz, deixando transparecer, mesmo a contragosto, seu caráter de aparelho ideológico do Estado burguês. Tanto a ausência da escolaridade quanto a evasão precoce que hoje ainda se observam a níveis preocupantes se devem ao modo de ser do sistema de organização escolar, programado para atender apenas as necessidades das classes médias e alta. Vejam-se itens como horários, períodos de férias, exigência de assiduidade, uniforme, material didático, etc., que ficam aquém das camadas proletárias ou campesinas. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 12).

O estado burguês, com seus aparelhos ideológicos, busca manter os indivíduos não pertencentes à classe dominante dentro da redoma de alienação. Abrir os olhos da consciência reivindica a quebra de postura passiva, promovendo inquietação, imaginação, sensibilidade, crítica e reflexão.

À escola foi conferida a função de iniciar o aluno no conhecimento da linguagem escrita, esse processo necessitou ser metodizado, escolarizado, fazendo do livro, no qual os símbolos são impressos, a principal mediação para qualquer conhecimento. A perspectiva gerou uma relação de competição e admiração entre os detentores e os não detentores das possibilidades de conhecimento dadas pelos livros. Assim o livro, “pois não temos outro jeito de conhecer uma obra literária sem que esteja transcrita no papel com vistas a

leitura" (MOISÉS, 1967, p. 15), destaca-se por ser uma produção da classe dominante e a ela pertencente, afunilando o conhecimento da esfera de decodificação, interpretação e análise. Esse tipo de valorização a um objeto específico (o livro) confere às classes dominantes poder sobre todas as outras (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 9-14). Essa relação de poder entre dominador possuindo algo admirado e desejado pelo dominado resulta em uma espécie de cerceamento da liberdade, das reflexões e até mesmo do modo como o indivíduo se relaciona socialmente, afinal "manipular a escrita permite aumentar o prestígio junto a seus semelhantes" (PETIT, 2008, p. 25).

Livros, conhecimento e informação nos levam a fonte principal de formação de nossa sociedade: a escola, que atende atualmente a grande parcela da população o que, no entanto, não a redime quando a prerrogativa é a qualidade, atendo-se aos aspectos já abordados por Bordini e Aguiar: a evasão escolar e a ausência de escolaridade. Questões, de algum modo, ligadas à falta de incentivo por parte da instituição escolar e família e vontade dos alunos em se formarem como leitores. A escola é o principal espaço para a formação da competência leitora, dependente da assiduidade e interesse daqueles inseridos nesse contexto. Os detentores do saber, aparentemente, estariam sempre prontos a estimular o conhecimento e a leitura. Na prática essa premissa não se comprova e relaciona-se à estrutura da escola e dos métodos utilizados para a abordagem literária.

O bloqueio em relação aos livros é extremamente prejudicial e "a relação com a cultura escrita é um elemento essencial para o êxito escolar, é mesmo a chave de tudo" (PETIT, 2008, p. 10). Mesmo que no início a leitura tenha se tornado um exercício "prescrito, coercitivo, para submeter, controlar à distância, ensinar a se adequar a modelos, inculcar "identidades" coletivas, religiosas ou nacionais" (PETIT, 2008, p. 18), esta não é a finalidade da leitura, principalmente da literatura, que se foca na formação crítica e autônoma do aluno, sendo assim "a parcela da sociedade que não partilha desse conhecimento deveria começar a ler por iniciativa própria mesmo que a duras penas, para que a mudança na estrutura social possa ocorrer" (MARTINS, 2012, p. 20). Todavia para isso a escola deveria cumprir com sua função de levar o ensino a todas as camadas, observando-se que a luta por uma escola

democrática, de qualidade, com o trabalho de literatura em sala de aula não é recente. O que nos leva ao processo de escolarização da literatura.

A literatura necessita passar pelo processo de escolarização. Isso é inevitável, todavia, é necessário discutir a forma como essa escolarização é feita, o que faz a diferença e direciona a aquisição do saber (informação se tornando conhecimento). Segundo Soares (2011):

> Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar "saber escolar", se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, [...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola [...]. O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (SOARES, 2011, p. 21 - 22).

Sobre essa desvirtuação, falseamento da literatura, Soares (1992), reforça que essa distorção se reflete no aluno, incitando-o a ter uma atitude passiva e reprodutora diante do saber oferecido. São apresentados a esse aluno aspectos estáticos da literatura, propiciando o desenvolvimento de certa trivialidade no “trabalho com a leitura e a literatura, estabelecendo-se normas amparadas por essa passividade reorientando a produção encomendada de livros e textos escolares num moto-contínuo e autorreprodutor” (SOARES, 1992, p. 48-49).

É necessário refletir, principalmente em relação a apostilas escolares e livros didáticos, sobre o valor dado a trechos e fragmentos de textos, o que torna autores excelentes em simples peças mutiladas de seu verdadeiro ou imaginado contexto. O que tira deles também a conotação de grande obra, imbuída de significado denso e profundo. Se a própria obra é destituída de boa parte do seu significado, o que se pode dizer da interpretação dada a ela? Também devemos acrescentar a necessidade da leitura da obra ficcional em si, evitando-se transformar a aula de leitura literária em discussões de abordagens críticas da obra. Todorov reflete sobre essa concepção:

> Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos [...] ao ensinar uma disciplina. A ênfase deve

> recair sobre a disciplina em si, ou sobre seu objeto? E, portanto, em nosso caso: devemos estudar, em primeiro lugar, os métodos de análise, ilustrados com a ajuda de diversas obras? Ou estudarmos as obras consideradas como essenciais, utilizando os mais variados métodos? Qual é o objetivo, e quais são os meios para alcançá-lo? O que é obrigatório, o que se mantêm facultativo? .(TODOROV, 2009, p. 27).

Sendo inevitável, a escolarização da literatura deve atender alguns preceitos para valorização e apreciação de uma obra em todas as suas dimensões. Cosson (2014), discorre sobre a necessidade de o aluno ser preparado para a leitura do texto literário o qual não deve ser fragmentado, nos diz sobre a importância do estudo integral de uma obra e que ela conversa com outros textos produzindo intertextualidade. Esse processo de preparação pode acontecer por meio de uma introdução, com leitura realizada em momento extraclasse, uma primeira interpretação, destinada a apreensão global da obra, e a contextualização, dividida em teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática. Por fim, ocorre a segunda interpretação e a expansão, destinadas a ultrapassar o limite do texto para outros textos (COSSON, 2012, p. 75-96). Nesse momento o aluno ou leitor pode “conversar” criticamente com a obra, identificando-se ou questionando-a. Essa verificação também é explorada pelas escritoras Bordini e Aguiar:

> No ato da produção/reprodução, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a eles transferidas. O texto se torna o campo em que dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 83).

Assim seria importante o ato de se favorecer a recepção, sem fragmentação da obra e privilegiando-se o leitor, uma vez que a obra também é modificada, atualizada e discutida por ele, construtor de sentidos baseados nos textos. Sentidos que dariam vazão a novas propostas, mesmo divergentes do texto lido, ampliando assim a percepção de mundo do leitor e consequente enriquecimento da obra, que se vale da virtude da autonomia própria da obra literária. A leitura em si implica o reconhecimento de um sentido, operado pelo deciframento dos signos codificados por outrem para veiculá-lo:

> Todavia nem esse código que possibilita cifrar e decifrar signos, nem o sentido a que eles apontam são assunto pacífico entre emissor e receptor, podendo haver, com isso, diferenças de entendimento do texto na sua produção e recepção. (BORDINI; AGUIAR,1993, p. 15).

A busca pelo saber consiste, entre outras propostas, no domínio da leitura, no entendimento da apreciação de produtos culturais e em maior grau a leitura literária, que exigem uma boa capacidade interpretativa, podendo ser alcançada quando o aluno se sente parte de um contexto e é incentivado a refletir sobre o mesmo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais discutem essa ideia de recepção leitora, capacidade interpretativa, como formação integral e autônoma do aluno, proporcionada, efetivamente, quando há “o respeito às diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas, que atravessam a socieade múltipla, estratificada e complexa, no qual o aprendiz está inserido” (BRASIL, 1997). Esse sentido amplo de respeito às diversidades, sejam elas de qualquer tipo, de entendimento do mundo, pode ser favorecido pela leitura de literatura, uma vez que ela proporciona inúmeras visões de mundo, de linguagens e de culturas. Nesse sentido, habilitaria os alunos para usufruir das diferentes “linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais” (Brasil,1997, p.7-8). Contextos que podem ser “públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação” (BRASIL, 1997, p. 7-8).

O uso de diferentes linguagens e interpretação pode ser proporcionado pelo ato da leitura, transmitida por meio de textos e, embora a prática raramente se desenvolva como descrita nos parâmetros curriculares nacionais, em sua respectiva proposta é nítida a preocupação com situações escolares com foco em textos priorizando o desenvolvimento da criticidade nos alunos, para que estes possam, futuramente, ter participação plena e efetiva como cidadãos:

> Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem. Os textos a

> serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 1997, p. 24).

Priorizar textos que estimulem a reflexão crítica, produtores de formas mais elaboradas e abstratas de pensamento, é propor obras que carreguem consigo esse confronto entre ficção e realidade, fazendo o leitor sair da zona de conforto na qual comumente é estimulado a ficar e se transforme a cada nova leitura. Essa transformação ocorre por meio da interpretação do texto, dos questionamentos levantados por obras que modificam nossas estruturas internas e produzem as reações externas, reações essas refletidas na fala, nas ideias, na visão da sociedade e até mesmo nos usos ideológicos dados à linguagem. Cosson (2012) discorre:

> O confronto de leituras no tempo e no espaço é um diálogo poderoso no processo de letramento literário. Ele nos dá a dimensão do tempo e do leitor que as obras carregam consigo no universo da cultura. São elos de uma corrente que vai se ampliando e se transformando a cada novo leitor que a ela acrescenta. (COSSON, 2012, p. 88).

O ensino de literatura faz parte do processo e construção da linguagem, elemento elaborado socialmente e resulta disso que uma sociedade construída em bases capitalistas, reproduza em grande parte de sua linguagem e literatura as intenções que a governam. O teórico Bakhtin (1979), coloca a linguagem como ponto de partida na investigação das questões humanas e sociais e propõe a apreensão da natureza real da linguagem como código ideológico:

> Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (BAKHTIN, 1979, p. 95).

Nesse estudo Bakhtin ainda ressalta, em crítica aos estudiosos que separam a linguagem de seu conteúdo ideológico, sobre o caráter indissociável da língua, comunicação verbal e os indivíduos; estes, penetrando na corrente de comunicação verbal, encontram o primeiro despertar da consciência:

> Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar [...] os sujeitos não adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1979, p. 108).

A língua, nesse âmbito, é entendida como interação verbal, possuindo um caráter dialógico. Toda declaração é um diálogo que faz parte de um processo ininterrupto. Toda enunciação pressupõe um receptor da mensagem e esta pode ser interpretada em forma oral ou escrita (por meio de símbolos). Esses signos recaem na escrita e, consequentemente, na leitura, ratificando o processo dialógico. Entendendo como se dá esse processo dialógico da comunicação verbal, no qual cultura e sociedade transformam e são transformadas, é que o sujeito estaria pronto para despertar sua consciência sobre a questão ideológica presente na linguagem. O que nos leva a conjecturar se a proposta de fragmentação literária também possuiria intenção premeditada, visando dificultar o acesso aos livros e à cultura:

> É por essa razão que sempre se temeu o acesso direto ao livro e a solidão do leitor diante do texto. É por essa razão que, ainda hoje [...] os poderes autoritários preferem difundir vídeos, fichas ou trechos escolhidos, acompanhados de sua interpretação e contendo a menor possibilidade de “jogo” deixando ao leitor a mínima liberdade. (PETIT, 2008, p. 26).

Nesse sentido se faz necessário e urgente elaborar e buscar propostas que coloquem o leitor de frente com os livros, sem intermediários da competência leitora. O processo de aquisição deve ser cuidadoso e despertar na criança e no adulto a vontade de, primeiramente, apreender os signos da linguagem e, posteriormente, de se tornar leitor, proficiente, consciente e capaz de reagir e tomar posições em seu meio social.

A literatura contribui para essa formação, pois "a obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor [...] resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criador" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 14). A literatura participa do âmbito maior da cultura, possuindo autonomia de significação; e o leitor, em contato com a obra, veria no mundo criado pelo autor, um mundo possível para si mesmo (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 14).

Na concepção de Barthes (1977), ratificando a perspectiva da tomada da consciência por meio da linguagem literária, reforça-se que esta não se submeteria ao poder, devido ao fato da linguagem literária não necessitar de regras de estruturação para se fazer compreender. O autor que se utiliza dessa linguagem não seria obrigado a moldar seus pensamentos dentro das estruturas linguísticas, porque ela não obedece a qualquer regra estrutural fixa. Isso tornaria o autor livre para escolher e criar uma estrutura própria que daria às suas ideias e sentimentos uma expressão clara. Nesse sentido a linguagem literária teria poder de libertação, gerando liberdade a quem dela faz uso (BARTHES, 1977 p. 65 -69).

A tomada de consciência direcionaria a busca pela liberdade de pensamento e reflexão, refletindo-se na quebra de alienação sobre como se formam e são moldadas estruturas dominantes da sociedade "pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas [...] uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania" (PETIT, 2008, p. 19). Consequentemente, a linguagem, forma de expressão da sociedade, sintetizadora do processo de condensação do aparato ideológico, seria observada por um ângulo consciente:

> A literatura opera exatamente no plano em que o homem vive a vida com luta, tomada a consciência da morte e da precariedade do destino humano. Tal homem não se acomoda, não se torna feliz; muito pelo contrário. E quanto mais indaga, mais se inquieta, e por isso vive num círculo vicioso incessante. Aí entra a Literatura. (MOISÉS, 1967, p. 100).

A inquietação proporcionada ao leitor de literatura se desenvolveria na medida em que esse leitor toma a leitura por hábito, recorrendo ao mundo literário para ampliar suas perspectivas; afinal, "ler é portanto a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, de forma clandestina ou discreta, tempo de imaginar outras possibilidades e reforçar o espírito crítico" (PETIT, 2008, p. 56), mesmo porque:

> A leitura é o resultado de uma interação entre o texto e o leitor e produto de um diálogo negociado entre a coerência interna do texto e a que o leitor lhe atribui. O leitor adapta a informação recebida pelo texto, matiza-a em virtude das suas particularidades condicionantes

> de recepção, estabelecendo conexões entre o que o texto diz, o que sugere e os seus conhecimentos prévios sobre a temática, sobre o estilo, etc. Trata-se de um processo de construção de significado em que o leitor se outorga uma considerável autonomia, uma vez que se realiza num processo individual e íntimo. (LOSS BIER, 2004, p. 35).

A interação entre texto e leitor, produzida pela leitura, transforma-se num diálogo contínuo e a literatura, no que concerne a essa construção de significados, a essa visão ampliada, provoca “maior reflexão, pensamentos mais elaborados e uma maior fruição estética dos usos artísticos da linguagem” (Brasil, 1997, p. 24), reivindicando para si um poder e importância atualmente ainda não totalmente compreendidos ou valorizados. Esse poder e importância da literatura são sintetizados por Todorov: “Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2009, p. 76). Já Colomer (2014) nos sensibiliza ao dizer que as funções da literatura:

> São muitas, entre elas apresentar outras perspectivas, permitir ao leitor se colocar na pele de outras pessoas e ver o mundo com distintos olhos. Ela também está relacionada à fantasia, à fabulação, que é uma necessidade humana, e por isso inventamos histórias desde sempre. E mais: a literatura constrói comunidades ao reunir pessoas que tem os mesmos referenciais, gostam dos mesmos personagens e das linguagens [...]. Ela é o laboratório da língua e, tal qual as artes plásticas e a música, gera prazer. (COLOMER, 2014, p. 1).

A literatura pode muito mais do que expandir nossa capacidade de interpretação, ela pode ser um apoio para a vida do aluno, aguçando sua criatividade, fazendo-o entrar em contato com outras realidades, informações, ideologias e ideias, tornando-se reduto de prazer e questionamento. Se para ter consciência do mundo é preciso despertar para outras possibilidades, qual motivo para não se apoiar na literatura como essa fonte de promoção para diferentes significações da realidade? Bordini e Aguiar (1993) também refletem sobre essa concepção:

> [...] a obra literária acaba por fornecer ao leitor um universo muito mais carregado de informações, porque o leva a participar ativamente da construção dessas, com isso forçando-o a reexaminar a sua própria visão da realidade concreta.

> A atividade do leitor de literatura se exprime pela reconstrução, a partir da linguagem, de todo universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito. A literatura, desse modo, se torna uma reserva de vida paralela, onde o leitor encontra o que não pode ou não sabe experimentar na realidade. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 15).

O leitor que se aprofunda na literatura consegue perceber a forma de arte na qual estão implícitos os sentidos sociais e culturais de sua própria visão de realidade. Ele então pode confrontar essa visão, perceber as imposições sociais ou, ao menos entender sua existência. A literatura pode nos deslocar no tempo e espaço, nos fazer revisar, em cada leitura significativa, nossa visão de mundo.

Como ferramenta para explorar experiências não abrigadas pela realidade, como alento a incógnita existencial, como proposta para compreensão de um contexto não convencional, como um sinalizadora e modificadora de inúmeros espaços e tempos, a literatura demonstra sua proeminência e poder e se torna ferramenta relevante para formação humanística e social do aluno. Ela toma para si o papel de auxiliá-lo nas conexões entre texto e contexto e na interpretação de realidades, sociedades e temporalidades diferentes das que presencia. Isso se refletiria não somente na aprendizagem escolar, mas, sobretudo, como uma experiência para vida (diferente em cada aluno), revelando seus resultados na leitura, na escrita e no amadurecimento de ideias:

> O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte [...] arrisca-se a nos conduzir a um impasse sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura. (TODOROV, 2009, p. 33).

O ensino literário, que pode resultar no amor pela literatura, deve ser adequadamente construído e, segundo Freire (2000), o ato de ler não se esgotaria na decodificação pura da palavra escrita. A realidade e a linguagem se prendem de forma dinâmica, a leitura do mundo viria antes da leitura da palavra. A percepção das relações entre texto e contexto residiria na leitura crítica resultando na compreensão do texto (FREIRE, 2000, p. 11). O ambiente de experiência do leitor baseado em suas vivências seria importante

ferramenta na aquisição dessa formação, que, em conjunto com a literatura, se torna meio propício para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça. A relação entre texto e contexto na formação dos leitores é um ponto central na aquisição do conhecimento:

> A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Todas as pessoas, desde a infância, são, portanto, leitoras em formação, uma vez que estão constantemente atribuindo sentidos às mais diversas manifestações da natureza e cultura. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 11).

Se essa formação ocorre desde a infância, se essa significação entre texto e contexto é algo inerente ao ser humano, para que ele possa alcançar uma visão crítica, o cuidado na formação desse leitor literário pode ser apurado, moldado e ampliado com a aquisição de obras que tenham conteúdos que visem não só atrair esses jovens, mas também dar a base para que realmente se tornem leitores. E, nesse sentido, a leitura literária tem grande contribuição.

Em posse do material adequado, há de se refletir sobre o papel do professor nessa estrutura. O professor, como mediador do conhecimento na escola, se torna ferramenta essencial para que os alunos sejam conscientizados, sensibilizados, valorizados em sua criatividade e pensamentos:

> [...] é imprescindível que as crianças leiam de forma independente na escola porque nem todas vão fazer isso quando estiverem fora dela. O papel da educação em relação a essa desigualdade social é muito importante. Para aprender a ler de forma rápida e eficiente, é necessária muita dedicação. Os alunos só conseguem isso com o investimento dos educadores, que precisam ensinar também como escolher o que ler. (COLOMER, 2014, p. 2).

A figura do mediador se torna extremamente importante, ele deve estar consciente das estruturas sociais envolvidas e das metodologias necessárias para o despertar da consciência acontecer. Professores despreparados podem não ter a completa noção sobre o processo de apreensão do conhecimento e em como ele pode ser usado de forma benéfica, mediadora e crítica para

facilitar a absorção pelo aluno. O professor, antes de tudo, deve ser um mediador reflexivo, e dotado de capacidade criativa. “É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa” (ALARCÃO, 2011, p. 44).

Aqui se reflete na proposta de um professor consciente sobre a sociedade, sobre os processos muitas vezes incertos com os quais irá se deparar na educação, sobre a estrutura que o envolve e a reflexão crítica necessária, antes de propor a absorção desse mundo pelo aluno. A formação desses professores é muito importante frente às propostas colocadas pelo atual contexto de educação. Alarcão (2011), sugere a valorização de contextos que favoreçam esse desenvolvimento:

> Se a capacidade reflexiva é inata no ser humano ela necessita de contextos que favoreçam o seu desenvolvimento, contextos de liberdade e responsabilidade. É repetidamente afirmado, nos estudos em que o fator da reflexão é tido em consideração, a dificuldade que os participantes revelam em pôr em ação os mecanismos reflexivos, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos. É preciso vencer as inércias, é preciso vontade e persistência. É preciso fazer um esforço grande para passar do nível meramente descritivo ou narrativo para o nível em que se buscam interpretações articuladas e justificadas e sistematizações cognitivas.
> Nestes contextos formativos com base na experiência, a expressão e o diálogo assumem um papel de enorme relevância [...]. Este diálogo não pode quedar-se a um nível meramente descritivo, pois seria extremamente pobre. Tem de atingir um nível explicativo e crítico que permita aos profissionais do ensino agir e falar com o poder da razão. (ALARCÃO, 2011, p. 48-49).

O diálogo, extremamente relevante no processo formativo, de alunos ou professores, deve ser rico, alcançado pela experiência leitora e deve fornecer ao docente as bases argumentativas, racionais e sensíveis que podem proporcionar reflexões mais enriquecedoras e dinâmicas. Segundo Pimenta e Ghedin (2012), Schon propõe todo ser humano como ser reflexivo, e eles reforçam essa concepção baseados em Dewey (1952), e que também propõe uma formação ativa em que a experiência não recaia só na técnica, mas também na ação e na análise das consequências dessa ação, valorizando, assim, a experiência e a reflexão:

> Assim, valorizando a *experiência* e a *reflexão na experiência,* conforme Dewey, e o conhecimento tácito, conforme Luria e Polanyi, Schön, propõe uma formação profissional baseada numa *epistemologia da prática,* ou seja, na valorização da prática profissional como momento de construção de conhecimento, através da reflexão, análise e problematização desta, e o reconhecimento do conhecimento tácito, presente nas soluções que os profissionais encontram em ato. [...] Frente a situações novas que extrapolam a rotina, os profissionais criam, constroem novas soluções, novos caminhos, o que se dá por um processo de reflexão na ação [...]. Com isso abre perspectivas para valorização da pesquisa na ação dos profissionais, colocando as bases para o que se convencionou denominar o *professor pesquisador* de sua prática. (PIMENTA; GHEDIN, 2012, p. 23).

O professor reflexivo seria aquele que faz de sua prática um processo de aquisição de conhecimento, valorizando esse procedimento como ferramenta para enriquecimento da reflexão. Esse conhecimento tácito se relaciona a entender que a prática também leva à teoria e vice versa. As necessidades dos alunos devem despertar novas orientações teóricas, novas buscas e pesquisas. Esse docente apreende que a pesquisa valoriza sua prática e a prática é ratificada ou refutada por seu processo de pesquisa.

As reflexões levantadas nos levaram a propor aulas contextualizadas[7], com um professor em constante processo de aprendizagem que, na busca por obras adequadas, e partindo, inicialmente, de leituras literárias não fragmentadas, contemporâneas, que proporcionassem reflexão, sensibilidade e crítica, estruturaram todo o desenvolvimento do projeto. E observando a escola, não somente com uma visão crítica, e sim, sobretudo, como reduto de manifestação do saber, na qual pode ser explorada a visão emancipadora sobre texto e contexto[8] e proporcionar aos alunos um sentido não alienado da realidade é que se buscou realizar essa proposta de trabalho.

O subcapítulo a seguir discorre, primeiramente, sobre o gênero conto, trabalhado na primeira fase desse projeto. Descrevemos também a importância da obra de Luiz Vilela e sua fortuna crítica.

---

[7] As aulas foram adequadas quanto aos horários e interesses dos alunos. Temas como animais, amizade e sociedade estavam presentes na maior parte das discussões realizadas.

[8] "A palavra aparece como um "dentro de nós" em oposição a um mundo fora de nós. E à medida que a consciência se torna mais aguda, mais presente a si própria, a linguagem tende a ser menos mimética, mais modalizada, mais intelectual. O dentro vai trabalhando o fora" (BOSI, 1983, p. 60).

1.1. Contos em Luiz Vilela

Partindo-se do conto que são narrativas breves alicerçadas em estruturas simples, mas que podem ter significados muito profundos dependendo da análise proposta, tencionamos chegar às estruturas mais complexas como as novelas que são narrativas mais longas[9].

Assim, recorrendo não a textos críticos sobre uma obra, método frequentemente trabalhado na escola, mas à leitura da obra e de seu contexto, o aluno por si mesmo pode, futuramente, se tornar um crítico dessa obra com uma visão mais ampla e qualificada que, provavelmente, não possuiria se fosse somente um leitor de estudos críticos sobre a obra ou de textos literários fragmentados. Nesse sentido o trabalho do professor pode ser realizado com textos curtos sem que ocorra a fragmentação das obras. Essa proposta pode ser realizada por meio da aplicação e estudos de contos.

O conto geralmente possui poucas personagens e tem história curta. Segundo Maria (1992):

> Em princípio, o conto se caracteriza por ser uma narrativa curta, um texto em prosa que dá seu recado em reduzido número de páginas ou linhas. Mas não seria simplicionismo defini-lo apenas pelo tamanho? Não é bem isto. Ocorre porém, que a forma conto apresenta como sua maior qualidade o fator concisão. Concisão e brevidade. Assim o dado quantitativo é mera decorrência do aspecto qualitativo do texto. Curto porque denso. (MARIA, 1992, p. 23).

Sobre os aspectos do conto, Moisés (1997) discorre que, em relação às personagens, elas devem ser poucas, isso devido às unidades de ação, tom e lugar. A estrutura geralmente foca-se num ponto central e por isso é objetivo. A linguagem deve ser direta e geralmente contém diálogos. Segundo o autor, "em suma: conto constitui uma fração dramática, a mais importante e a decisiva, duma continuidade em que o passado e o futuro possuem significado menor ou nulo" (MOISÉS, 1997 p. 21):

> O conto é, de ângulo dramático, unívoco, univalente. Num parêntese, cabe dizer que sentido têm, aqui, as palavras "drama", dramático e seus cognatos. Devem ser entendidos como conflito, ação conflituosa, etc. O drama nasce quando se dá o choque de duas ou

[9]O aprofundamento da questão sobre o gênero novela será ampliado no capítulo 6 que discorre sobre o segundo momento desse projeto.

> mais personagens, ou de uma personagem com suas ambições e desejos contraditórios. Se tudo estivesse em plena paz e ordem entre as personagens, não haveria conflito, portanto, nem história. E mesmo que se viesse a escrever um conto acerca do tema do bem-estar e da tranquilidade de espírito, é certo que não teria interesse algum. A bem-aventurança medíocre produzida pela satisfação dos apetites primários não importa à Literatura, pois mesmo fora da Arte as pessoas "felizes" são monótonas e desatraentes. Só a dor, o sofrimento, a angústia ,a inquietude criadora, etc., faz que as criaturas se imponham e suscitem interesse nos outros. (MOISÉS, 1967, p. 100).

É possível observar que, na prática educativa, os contos podem tomar grande espaço e relevância, por sua brevidade, quando se diz respeito ao ensino de literatura. O importante a ser observado seria a qualidade do que está sendo transmitido aos alunos e o interesse despertado, promovendo, assim, um ambiente rico em aprendizagem. A abordagem discutida nos leva ao nosso *corpus* literário,as obras do escritor Luiz Vilela.

Luiz Vilela nasceu em Ituiutaba – MG, no ano de 1942, e foi criado numa família de leitores. Com 13 anos de idade começou a escrever e, aos 14, fez sua primeira publicação em um jornal de estudantes. O escritor mineiro publicou, até o momento, sete volumes de contos, três novelas, cinco romances e cerca de quinze antologias.

A escolha de Luiz Vilela se deu em virtude de seus contos terem linguagem concisa e prática, além de poucas personagens, o que facilitaria a abordagem e a recepção pelos alunos que se encontram na fase da adolescência. Sanches Neto (2009), discorre sobre a obra do autor:

> Uma das marcas de sua ficção são os fartos diálogos, próprios de uma percepção mais profunda das experiências cotidianas, de uma maneira interiorana de habitar o tempo. A sua é uma literatura sem pressa, que devassa as situações narradas, criando uma temporalidade mais espessa, extremamente original numa literatura contemporânea baseada na rapidez [...]. Nele, a linguagem tem medidas humanas. (SANCHES NETO, 2008, p. 202-203).

A exploração de situações cotidianas, conflitos envolvendo situações corriqueiras da vida de personagens aparentemente simples, temáticas como a visão de pequenas cidades ou confronto entre a partida de pequeno para grande centro, da criação de histórias envolvendo os maus tratos aos animais, revelam o caráter universal da obra de Luiz Vilela:

> A obra de Luiz Vilela que, num primeiro momento, se anunciou como um atalho para o campo. Eu veria depois que esta leitura não correspondia à obra que apresenta uma universalidade [...] A vida numa pequena cidade, a proximidade com o mundo rural, tudo isso entra na literatura de Luiz Vilela mais pela percepção de uma temporalidade lenta e densa. Se há narrativas com um ritmo nervoso, com cortes abruptos, estas não constituem a maioria. (SANCHES NETO, 2008, p. 201-202).

Em situações corriqueiras e cotidianas, a grande marca do autor é desenvolver em suas personagens o sentimento diferente daquilo que a sociedade impõe, promovendo conflito existencial, de concepções ideológicas, expondo questionamentos sobre a reação da personagem diante das circunstâncias as quais suas vivências são impostas, tornando situações aparentemente simples em questões de alto rebuscamento e reflexão intelectual:

> [...] a simplicidade enganosa; a representação do cotidiano das pessoas comuns; a atmosfera rarefeita que se aproxima da crônica literária; o silêncio; a crise de comunicação; o enfraquecimento do narrador, quando não a sua ausência; a narrativa desdobrando significados ocultos, como o *iceberg* proposto por Hemingway; o homem na circunstância de seu momento histórico, quase sempre o do nosso presente; o conto pressupondo um passado, sobre o qual o diálogo reflete, e propondo um futuro, que o conto escamoteia, deixando-o em aberto. (RODRIGUES, 2006, p. 291).

Luiz Vilela engloba em sua obra uma infinidade de existências, impele o leitor a conversar, por meio de sua escrita, com outros autores, como Hemingway, Joyce, Kafka, entre outros, esboçando através de sua escrita única, sensibilidade e crítica, inquietando o leitor, pois sua obra é focada na reação, no conflito que o ser humano tem ao vivenciar os fatos cotidianos. A consequência parece sempre ser a modificação da percepção primeiramente interior, que se reflete em mudanças corporais ou do espaço na tentativa de explicitar a angústia, o conflito, a falta de comunicação do ser diante da imposição social:

> Nesse sentido, os contos de Luiz Vilela representam a tentativa do homem urbano desdobrar-se dentro de suas aflições, complexidades, isolamentos, na busca de resolver-se, de encontrar-se. Se, assim, a identidade é um tema central na obra de Luiz Vilela, o tema, muitas vezes, tem por protagonistas crianças ou jovens em momentos cruciais de sua formação, da definição de seu caráter, na descoberta da crueza do mundo e do modo pelo qual devem enfrentar a alteridade com a qual se confrontam.

> É no desnudamento das faces que compõem a estrutura social, utilizando-se de uma linguagem simples, objetiva e totalmente expressiva e significativa que Luiz Vilela propicia ao leitor o contato com as ideologias sociais e uma reflexão das mesmas, promovendo, consequentemente, a transformação do aluno, enquanto sujeito leitor. (MACHADO, 2015, p. 56).

A linguagem simples utilizada nos contos confronta-se com a profundidade de sentido dos textos do escritor. Essa complexidade na absorção e entendimento dos sentimentos, a exposição das manobras sociais para inibir nas personagens a exploração dessa interioridade obscura que são os pensamentos, as sensações, a nítida impressão da existência de uma ideologia impondo os costumes, o modo de viver e sentir, estão presentes em Luiz Vilela e "vale lembrar ainda que essa simplicidade de linguagem é uma herança de suas experiências infantis, às quais o autor se mantém fiel" (SANCHES NETO, 2008, p. 205). Embora seus contos sejam elaborados com linguagem simples, de uso cotidiano, eles promovem um diálogo profundo, incitando no aluno uma reflexão crítica a ser explorada pelo professor.

A inserção dos contos de Luiz Vilela no Ensino Fundamental, foi realizada em conjunto com a aplicação dos métodos propostos por Bordini e Aguiar (1993). Os contos, aliados à metodologia adequada, foram fundamentais no auxílio à formação de leitores críticos e cidadãos conscientes de sua posição, capazes de promoverem mudanças, de interpretarem leis, de questionarem conceitos propostos pela sociedade, refletindo em ensino que privilegie não somente um tipo de aprendizado e que promova o conhecimento como interação de experiências adquiridas na escola e na vida, e essas, por sua vez, são diferentes em cada aluno. A linguagem singela e medida, a temática real e reflexiva, proporcionou elo adequado para busca de uma alternativa metodológica significativa, conjecturando um ensino que auxiliou na promoção do gosto pela leitura do texto literário.

A seguir faremos uma breve exposição sobre alguns aspectos das novelas e estruturas que foram trabalhadas e utilizadas no desenvolvimento da segunda fase do projeto. A proposta se deu a partir da sugestão dos orientadores desta pesquisa e do entusiasmo dos alunos que demonstraram interesse em aprofundar seus conhecimentos literários na obra de Luiz Vilela.

Nessa etapa foram estudadas duas novelas do escritor, ***O choro no travesseiro*** (1994) e ***Bóris e Dóris*** (2006).

1.2. Novelas em Luiz Vilela

Se contos são narrativas curtas e simples, novelas se definiriam por ser a ponte, o elo entre o romance e o conto. Em entrevista para Editora Ática, Luiz Vilela revela que para ele os três têm a mesma importância, um não tem maior valor que o outro. A diferença se daria no tamanho; o conto seria pequeno, o romance seria grande e a novela estaria entre os dois (VILELA, 2001 apud. RODRIGUES, 2013, p. 168).

Em artigo sob o título de ***Aspectos estruturais das novelas do ficcionista brasileiro Luiz Vilela***, Rodrigues (2013) relata:

> Na prática, assim se configura a novela de Luiz Vilela: uma narrativa que avança para além dos limites definidos pela tradição do conto que vem de Poe e Tchekhov, mas que não chega ao corpo físico do romance, medido pelo volume, pelo número de páginas (no Brasil, a mensuração de textos pelo número de palavras ou de toques não é disseminada). Assim, se os contos de Luiz Vilela vão de meia página a pouco mais de trinta páginas (e, nesse caso, em apenas uma narrativa), as três novelas estão em edições que variam entre sessenta e oitenta páginas, enquanto os romances variam de edições entre 112 e 400 páginas. (RODRIGUES, 2013, p. 168).

Se, por um lado, o número de páginas define um dos aspectos da novela, por outro, esse mesmo número de folhas não revela a sua importância. No caso de Luiz Vilela, pela densidade e profundidade de toda sua obra, essa visão sobre quantidade de folhas poderia ser um aspecto definidor quanto às diferenças físicas, visto que em toda a sua obra temas relevantes são abordados independente do gênero. O escritor publicou três novelas até o momento: ***O choro no travesseiro*** (1994), ***Te amo sobre todas as coisas*** (1994) e ***Bóris e Dóris*** (2006)[10].

Na abordagem realizada por Rodrigues (2013), sobre os aspectos estruturais das novelas de Vilela, o estudioso sintetiza os pontos comuns das obras e também trata dos aspectos em que elas se diferem:

[10] As novelas ***O choro no travesseiro*** (1994) e ***Bóris e Dóris*** (2006), foram estudadas nesse projeto. As análises das obras constam nos capítulos 3.1 e 3.3.

> Em síntese quanto ao aspecto estrutural do discurso da narrativa, as três novelas apresentam-se em blocos relativamente curtos, não numerados, nos quais as cenas se desenvolvem predominantemente pelo diálogo, no fluxo cronológico dos fatos. O narrador é observador, ao modo câmera, mesmo quando em primeira pessoa, pois, neste caso, o protagonista narra sua formação quase sem digressões. [...] entendemos que ***O choro no travesseiro*** é novela de espaço, ***Te amo sobre todas as coisas*** é novela de tempo, e ***Bóris e Dóris*** é novela de personagem. De modo que Luiz Vilela, a cada vez que enfrentou a narrativa intermediária entre o conto e o romance, teve por centro uma diferente categoria da narrativa. (RODRIGUES, 2013, p. 171).

A construção de uma novela, conto ou romance tem características em comum que podem ser estudadas resultando em um aprofundamento da interpretação, reflexão e enriquecimento do texto. Os apontamentos se tornam relevantes na medida em que, ao serem estudados, revelam a história sob um contexto mais significativo. Esses termos estão presentes no estudo da teoria da narrativa abordando os conceitos de personagem, narrador, espaço e tempo.

Esses aspectos se relacionam a estruturação da obra e requerem uma breve consideração que será realizada com base na visão de Massaud Moisés. Incialmente para Moisés a novela "constitui-se duma série de unidades ou células dramáticas ligadas entre si. Cada unidade tem fim em si própria o que quer dizer que apresenta começo, meio e fim". (MOISÉS, 1967, p. 130). Essa visão também é compartilhada por Rodrigues (2013) que expõe: "Em termos estruturais, a novela se apresenta com diversos blocos curtos, sequenciais, cronológicos, centrados na figura do protagonista". (RODRIGUES, 2013, p. 170). Nesse sentido e como exemplo, podemos verificar a novela ***O choro no travesseiro*** (1994), o capítulo 2[11] no qual é descrita a personagem Carolina ou Creolina, que sintetiza uma história ou bloco agregando sentido, dentro da história basilar que descreve a história da personagem principal, Roberto.

Essa personagem tem sua história revelada nesse capítulo. No enredo ela se torna o contraponto dramático, com argumentação contrária à da personagem principal, funcionando como uma espécie de consciência supressora ou repressora social das vontades do jovem, embora não influencie

[11] Embora os capítulos não sejam numerados, a sequência se dá em forma de blocos, colocamos dessa forma para melhor entendimento do leitor.

de forma efetiva o protagonista. No caso a separação em contos ou blocos sequenciais se dá quando as personagens criam diferentes temas de argumentação a cada etapa do livro. Esses temas perpassam, como descrito por Rodrigues (2013), “quase todas as obsessões de Luiz Vilela (infância, religião, sexo, relações humanas, riso literário, morte)” (RODRIGUES, 2013, p. 174).

Em relação ao estudo das personagens podemos diferencia-las em quantidade quando relacionamos a novela ao conto:

> Quanto ao número de personagens, a situação muda radicalmente de figura em relação ao conto. Em decorrência da multiplicidade dramática, a população da novela não tem limite, salvo o imposto pela própria medida do entrecho. Os protagonistas centrais são agora inúmeros, e só se pode falar em heróis, jamais em herói, exceto do âmbito de cada fração dramática. As chamadas personagens secundárias aparecem com grande frequência, e não raro de forma misteriosa e apagada. (MOISÉS, 1967, p. 136).

Todavia tal distinção não existe nas novelas de Luiz Vilela, as quais são compostas de narrativas com poucas personagens. Essa faceta nos demonstra as adaptações realizadas por Vilela, ao mesmo tempo em que o autor tem suas obras classificadas por um gênero, ele modifica essas especificações elaborando seu próprio método de escrita.

Quanto ás características, as personagens se distinguem em planas e redondas; planas são aquelas construídas para servirem como apoio as personagens principais. Redondas são as personagens[12] que se desenvolvem em atitudes mais elaboradas de pensamento, ações e reflexões:

> É sabido que podem ser ordenadas em dois grupos, conforme suas características básicas: *personagens redondas* e *personagens planas*. Estas seriam bidimensionais, dotadas de altura e largura mas não de profundidade: um só defeito ou uma só qualidade. Quanto às personagens redondas, ostentariam a dimensão que falta às outras, e, por isso, possuiriam uma série complexa de qualidade e/ou defeitos. As personagens planas geram os tipos e *caricaturas*, enquanto as outras envolvem os *caracteres.* (MOISÉS, 1987, p. 110).

[12] O termo incialmente foi cunhado por Edward Morgan Foster, romancista britânico, autor de ***Aspectos do romance*** (2005), no qual faz as definições das características planas e redondas das personagens.

As personagens Roberto, ***Bóris e Dóris*** se caracterizam como personagens redondas, são elas que fazem com que a trama se desenvolva. Essas personagens são trabalhadas em termos complexos quanto aos sentimentos, desenvolvendo crises existenciais e profundas reflexões a respeito da vida. As outras personagens presentes na trama servem como mediadores das ações dessas personagens, ora justificando-as, ora criticando-as.

Quanto ao narrador[13], Moisés explora a seguinte concepção:

> Por ponto de vista ou foco narrativo, se entende a posição em que se coloca o escritor para contar a história, ou seja, qual a pessoa verbal que narra, a primeira ou a terceira? O primeiro foco, relativo ao emprego da primeira pessoa, esgalha-se em dois: a personagem principal relata-nos sua história, ou uma personagem secundária comenta o drama do protagonista. Por sua vez, o emprego da terceira pessoa bifurca-se em 1) o escritor onisciente, conta-nos ou mostra-nos a história, e 2) o escritor limita-se às funções de observador, apenas comunicando o que estiver ao seu alcance. (MOISÉS, 1987, p. 113).

No caso do enredo de ***O Choro no Travesseiro*** (1994), a personagem Roberto é o narrador em primeira pessoa e discorre sobre os dramas pelos quais vai passando ao longo da história. O desenvolvimento da trama se dá na forma de lembranças da personagem principal. Em ***Bóris e Dóris*** (2006), o narrador ora surge em primeira pessoa, ora ao modo de câmera, captando o diálogo entre as duas personagens.

Sobre o espaço, Moises discorre que se liga ao tempo:

> A noção de espaço, estreitamente ligada à de tempo, acompanha-lhe de perto o desenvolvimento dentro da novela [...] Por suas origens, a novela determina que as coisas se possam dar dentro duma geografia fictícia, apenas a servir de cenário para a ação física ou dramática das personagens. E é a ação que importa na novela personagem. (MOISÉS, 1967, p. 132).

O tempo[14] da narrativa pode se desenvolver de forma cronológica (tempo objetivo) ou psicológica (tempo subjetivo). A forma cronológica se dá

[13] Para aprofundar questões relativas ao narrador verificar FRIEDMAN, Norman. ***O Ponto de Vista na Ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico.*** IN *Revista USP.* São Paulo, CCS-USP, n 53, março/maio 2002, trad Fábio Fonesca de Melo, pp. 166 a 182. GENETTE, Gerárd. ***Discurso da narrativa***. Lisboa: Veja, 1979.

em relação à sucessão temporal dos acontecimentos enquanto que a psicológica é a experiência subjetiva das personagens no qual são experimentadas sensações e emoções que fazem o tempo fluir:

> O tempo constitui um dos aspectos mais importantes ─ se não o mais importante ─ da prosa de ficção. Na verdade é para ele que confluem todos os integrantes da massa ficcional, desde o enredo até a linguagem [...] existem dois tipos de tempo, o cronológico ou histórico e o psicológico ou metafísico. O primeiro corresponde à marcação das horas, minutos e segundos, no relógio, de acordo com o tempo físico e natural [...] o tempo psicológico caracteriza-se por desobedecer ao calendário e fluir dentro das personagens, como um eterno presente [...] sem começo, meio nem fim. (MOISÉS, 1987, p. 101-102).

Sobre as narrativas das duas novelas, estas têm seu tempo decorrido de forma cronológica quase se misturando as características das personagens, dos espaços, flui numa ordem horizontal de acontecimentos possuindo um começo, meio e fim, o que não impede as divagações das personagens.

A construção temporal mesmo sendo cronológica se passa (percebemos sua passagem) como uma lembrança da personagem principal. Espaço e tempo se ligam na medida em que lembranças demonstram a passagem do tempo e esse progresso temporal produz mudanças no espaço:

> O tempo da novela é cronológico, marcado pelo relógio ou pelas convenções sociais. Nenhuma nota contrária aparece, salvo contadas exceções. No geral, tudo flui dentro duma ordem horizontal, linear, que pressupõe encadeamento de fatos segundo uma casualidade rigorosa e inflexível. E é sempre tempo presente, embora o passado possa vir apontado pelo narrador ou por alguma personagem. (MOISÉS, 1967, p. 131).

Em ***Bóris e Dóris*** (2006), encontramos uma narrativa desenvolvida em um hotel, dando a conotação de um espaço passageiro, fugaz, com personagens fixas com foco em um drama específico; a crise na relação do casal. A construção temporal é linear, pautada pelas passagens dos dias refletidas no espaço da personagem Dóris com momentos cada vez mais apáticos e insossos. Sobre a personagem Bóris o espaço recai como medida

---

[14] Para aprofundamento do tema verificar BOSI, Alfredo. ***O ser e o tempo da poesia***. São Paulo: Cultrix, 1983.

de seu trabalho, com rapidez e energia. A falta de amor (próprio e do outro) de um lado e o excesso de trabalho (ambição) revelam a incomunicabilidade do casal.

Espaço e tempo estão ligados e são percebidos por meio do diálogo das personagens. É esse conflito entre a velocidade de uma personagem e a passividade de outra que se demonstra no tempo da narrativa e explode em situações conflitantes do casal. É crise momentânea porque se passa dentro de um ambiente (espaço) passageiro, dentro de um hotel; é cíclico como os diferentes temas de conversas levantados e discutidos pelo casal. É alternado por diferentes sentimentos, vontades, percepções como são as relações entre casais, relações sociais e relações que o indivíduo enfrenta consigo mesmo.

Na novela ***O Choro no travesseiro*** (1994), a narrativa recai quase todo tempo em um bar. Esses ambientes geralmente são conhecidos por serem redutos de efervescência cultural englobando a libido, alegria e transparência das relações; no bar as pessoas, supostamente, poderiam revelar suas verdadeiras intenções. Esse espaço na trama de Vilela é colocado como o momento de lucidez[15] (e paradoxalmente é loucura) da personagem Roberto, é quando ele se torna um leitor. É a "loucura lúcida", a carnavalização descrita por Bakhtin (1999).

O conceito de carnavalização elaborado por Bakhtin pode ser relacionado à proposta de Luiz Vilela para o espaço desse livro. A carnavalização expõe uma faceta ao mesmo tempo em que é cruel também é libertadora; uma sociedade que necessita dar espaço ao homem para que ele extrapole seus limites e instintos e volte a conviver dentro de normas sociais impostas e repressoras.

O conceito de carnavalização se estabelece então como momento de loucura do homem, mas também, como momento de introspecção, de lucidez social, de verdadeira felicidade. É momento de paradoxo, feliz por adquirir conhecimento ou liberdade e triste por perceber como o conhecimento muitas vezes nos deixa a par das manobras e injustiças de nossa sociedade. Luiz

---

[15] BAKHTIN, M. M. ***Problemas da Poética de Dostoiévski***. Trad. Paulo Bezerra. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981. _____. ***A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.*** São Paulo: Hucitec, 1999.

Vilela relaciona a formação do leitor com a personagem Roberto a um espaço, o bar, caracterizado por emanar loucura e felicidade.

A sensação é de que o espaço é fixo e as pessoas são passageiras, o espaço é a sociedade que não se preocupa com a atividade leitora, marginaliza o intelectual exposto na figura de Nicolau. A personagem Roberto é aquele leitor iniciante, empolgado, que busca a verdade e sucumbe diante das imposições da vida.

Enfim, ao tratarmos da obra somos levados a Luiz Vilela. Ele nos faz essa provocação não somente por meio de ***O choro no travesseiro*** (1994), como por toda a sua obra, nos levando, como descrito por Lewis (2009), a compreender o valor específico da literatura:

> Este, até onde posso compreender, é o valor específico da literatura considerada Logos; permitir que tenhamos acesso a experiências que não são as nossas. Nem todas elas, aliás, tal como nossas experiências pessoais, possuem o mesmo valor. Algumas, como dizemos, interessam-nos mais do que outras. As causas desse interesse são, naturalmente, bastante variáveis e diferem de pessoa para pessoa. Pode ser o típico (e diremos "como é verdadeiro!"); o anormal (e diremos "Que estranho!"); pode ser o belo, o terrível, o assustador, o hilariante, o patético, o cômico ou o meramente picante. A literatura proporciona a *entrée* delas todas. Aqueles que têm sido verdadeiros leitores durante toda a vida raramente percebem por completo a enorme extensão de nosso ser devida aos autores. (LEWIS, 2009, p. 120).

A literatura nos permite conhecer facetas de nossas próprias personalidades, ajuda-nos a expandir as percepções sobre o mundo nos levando a um conhecimento mais profundo de nós mesmos. Por meio de autores como Luiz Vilela podemos vislumbrar personagens diversas, histórias fantásticas, acolhedoras entre tantas possibilidades dadas pela literatura. A seguir trataremos da metodologia geral utilizada em nosso trabalho e dos procedimentos necessários para desenvolvimento e aplicação da pesquisa.

1.3. Metodologia e procedimentos

Esta pesquisa em sua estrutura geral, baseou-se na metodologia de pesquisa-ação, que é um método de pesquisa qualitativo, de análise crítica,

que visa observar a realidade, propor alternativas e modificar, por meio de ação, o contexto pesquisado. Esse método valoriza a imersão consciente do professor em sua prática, partindo de uma análise problematizadora e intencional.

Nesse contexto, além de pesquisador, o professor é sujeito da pesquisa e deve propor novos meios de verificação, problematização e mudança da sociedade. Segundo Thiollent (2011):

> O método de pesquisa-ação consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de grupos em que encontram-se reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas. No processo de pesquisa-ação estão entrelaçados objetivos de ação e objetivos de conhecimento que remetem a quadros de referência teóricos, com base nos quais são estruturados os conceitos, as linhas de interpretação e as informações colhidas durante a investigação. (THIOLLENT, 2011, p. 7-8).

Ainda segundo Thiollent, na área convencional da educação (1° e 2° graus), o método de pesquisa-ação é raro, todavia a desilusão dos profissionais com as pesquisas tradicionais tem mudado esse quadro:

> [...]com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condições de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para o esclarecimento das microssituações escolares e para definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes. (THIOLLENT, 2011, p. 85).

Nessa problemática a situação favorável se dá quando pesquisadores não desejam limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas tradicionais. Desejam pesquisas nas quais os participantes tenham algo a dizer e fazer, não se tratando de simples levantamento de dados ou de relatórios futuramente arquivados. Nesse tipo de pesquisa, os promotores da ação decidem desempenhar um papel ativo na realidade dos fatos que são observados (THIOLLENT, 2011, p. 22).

O professor nessa proposta interage com o sujeito da pesquisa, verifica e interpreta os problemas levantados e ele, sendo parte da investigação, é

também modificado, propondo uma pesquisa e ao mesmo tempo fazendo parte da solução que pode ser desenvolvida.

A estrutura dessa pesquisa, em seus principais aspectos incide em uma estratégia metodológica de pesquisa social na qual:

> a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
> b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
> c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nessa situação;
> d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
> e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
> f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência" das pessoas e grupos considerados. (THIOLLENT, 2011, p. 21).

Observando-se este paradigma é possível inferir que, apesar da barreira proporcionada pela ideologia vigente, a metodologia da pesquisa-ação busca novos desafios e vem ampliando seu leque de ações. A proposta metodológica prevê uma aplicação conscientizadora, participativa e não apenas de aplicação e transmissão de informações, adequando-se às alternativas exploradas por Bordini e Aguiar. O subcapítulo a seguir trata do ambiente e dos participantes e procedimentos gerais de nossa pesquisa. Quanto aos procedimentos específicos aplicados em cada metodologia adaptada de Bordini e Aguiar, estão descritos nos capítulos referentes aos métodos.

1.4. Escola e alunos

Esse projeto foi realizado em uma escola particular, situada na cidade de Araçatuba, com aproximadamente 200 mil habitantes, localizada no interior do estado de São Paulo. A escola escolhida se deu em razão de sua viabilidade, pela docente da pesquisa ser coordenadora da escola no Ensino Infantil e Fundamental I, facilitando a inserção do projeto. A instituição selecionada

possui aproximadamente 1400 alunos, e possui todos os níveis de ensino, desde o infantil até o ensino superior.

O espaço escolar atende às exigências legais, com autorização dos bombeiros, e todos os documentos exigidos por lei. Salas de aula planejadas com datashow, laboratórios de informática e ciências, ginásio de esportes, sala de coordenação pedagógica e salas adequadas para os demais departamentos.

A proposta geral do projeto foi enviada à respectiva escola. Após o deferimento, foram realizadas reuniões com o diretor geral, a coordenadora do Ensino Fundamental II e com os professores da área de Língua Portuguesa, envolvidos na pesquisa, para estabelecimento dos horários de realização das atividades e também para troca de ideias e sugestões sobre o trabalho com obras literárias. Foram explicadas, nesses encontros, as fases do desenvolvimento do projeto, demonstrando-se a relevância dessa pesquisa para a instituição e para a sociedade em geral.

Para o desenvolvimento da proposta, foram sugeridas aulas fora da grade de horários obrigatória da escola, tornando-se uma disciplina optativa. Não ocorreram propostas de avaliações sistematizadas (que fazem parte do histórico escolar estabelecido pelo sistema nacional), desse modo, as avaliações realizadas foram por meio da observação da docente da pesquisa, com foco voltado para as propostas dadas pelos métodos de Bordini e Aguiar.

Em relação aos alunos participantes, foram selecionados os do 8° ano do ciclo II do Ensino Fundamental. Foram enviadas aos pais, cartas para consentimento, nas quais foi solicitada a permissão para participação do aluno e breve explicação do projeto.

Todos os dias, os alunos têm um responsável, sejam os pais ou funcionários deles, para levá-los e buscá-los na escola. O transporte escolar é utilizado por dois alunos. Dos vinte e cinco alunos participantes, treze estudam na escola desde 2007 e doze estudam desde 2008.

Os pais são presentes em reunião de pais e mestres, que são quatro durante o ano letivo, e, quando são convocados para atendimento individual, comparecem, prontamente. Também participam de atividades e eventos propostos pela escola como a Festa da Família, que acontece no mês de

junho, na qual os alunos participam de quadrilhas, danças em grupo e concursos entre classes.

Os alunos tem frequência considerada satisfatória (acima de 75%) na escola. As faltas, quando ocorrem, são justificadas. Quanto ao desempenho disciplinar desses alunos, não apresentaram problemas de comportamento. Não receberam, durante esses anos, medida disciplinar de suspensão. São alunos atentos às regras colocadas no espaço escolar, sem muitos questionamentos. Os conflitos, quando acontecem, são resolvidos com diálogos.

Os problemas recorrentes desses alunos se referem à falta de interesse por algumas atividades, perda de prazo na entrega de trabalhos e de tarefas solicitadas pelos professores. Sobre o processo de avaliação, dentro deste grupo, não temos alunos repetentes, e os mesmos mantêm-se dentro da média estabelecida pela escola, que é sete. Muitos alunos precisam passar por recuperação e aulas de plantão para alcançar ou superar esta média. Eles são avaliados, durante o bimestre, por meio diversas atividades como provas dissertativas e objetivas, trabalhos, simulados semestrais e apresentação de seminários.

Todos os alunos bimestralmente recebem material apostilado distribuído por empresa parceira da escola. O conteúdo é atualizado anualmente e atende às propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Os alunos são acompanhados por uma equipe composta por coordenadores, diretores, professores capacitados, auxiliares e inspetores de alunos.

Os alunos participam, durante o ano, das Olimpíadas de Astronomia e Astronáutica (OBA), de Matemática, de Língua Portuguesa e prova do Desafio Nacional Acadêmico (DNA), que acontecem todos os anos, além de frequentarem as aulas de robótica e participarem dos desafios propostos por essa disciplina. A escola promove eventos como saraus, viagens culturais, e estadia em acampamentos, como o “Carroção” no estado de São Paulo e o NR em Minas Gerais. Os alunos têm acesso à cultura e lazer, frequentam shoppings, cinemas, restaurantes e viajam com frequência, acompanhados pela família. Os pais, em geral, não frequentam museus, bibliotecas e nem teatros. Todos os alunos do grupo têm notebook com internet disponível e celular, além de acesso a jornais, revistas e livros.

No que se refere aos materiais da pesquisa, para o desenvolvimento das aulas, foram utilizados lápis HB, lápis 6B, canetas, lápis de cor, folhas de papel A4, folhas xerocopiadas, cartolinas, E.V.A, tintas, revistas, jornais, programa de edição de imagem Windows Movie Maker, Microsoft Power Point, Microsoft Word, Câmera de vídeo, câmeras fotográficas, celulares, entre outros.

Inicialmente, o projeto foi dividido em duas fases. Na primeira fase, ocorreu a aplicação dos cinco métodos expostos no livro ***Literatura: a formação do Leitor - alternativas metodológicas*** (1993), de Bordini e Aguiar e, a partir dessa exploração, ocorreu o diálogo com a teoria pesquisada, bem como a discussão da temática e dos procedimentos metodológicos em eventos acadêmicos e seminários de pesquisa. Por meio das discussões propostas e análise de teorias, ocorreram reformulações para agregar diversas contribuições dos profissionais da área para o projeto. Os alunos presentes nesta fase foram entrevistados pela docente da pesquisa de modo a entender suas opiniões a respeito do projeto. Suas ideias e sugestões foram aproveitadas para dar prosseguimento a outro momento da pesquisa. Em momento posterior a fase de aplicação das propostas metodológicas, foi criado um Círculo de Leitura, em que foram trabalhadas duas novelas de Luiz Vilela, para prosseguir na perspectiva da formação do leitor.

Para este momento, que foi realizado no ano de 2015, foram enviados aos alunos participantes da primeira fase, convites para participarem do círculo de leitura. Esse convite foi estendido a todos os alunos do 9° ano do Ensino Fundamental.

Com relação aos contos, presentes na proposta inicial do projeto, foram escolhidos os das antologias de Luiz Vilela lançadas com direcionamento para a faixa juvenil, entre eles: ***Contos escolhidos*** (1978), ***Uma seleção de contos*** (2002), ***Contos*** (2001), ***O violino e outros contos*** (1989), ***Contos da infância e da adolescência*** (1998), ***Boa de garfo & outros contos*** (2009), ***Sete histórias*** (2000), ***Amor e outros contos*** (2009), ***Histórias de família*** (2001), ***Sofia e outros contos*** (2009), ***Três histórias fantásticas*** (2003), ***Chuva e outros contos*** (2010), ***História de bichos*** (2002). As novelas escolhidas para a proposta do círculo de leitura foram ***O Choro no travesseiro*** (1994) e ***Bóris e Dóris*** (2006).

As aulas da primeira fase iniciaram-se no dia 4 de março do ano de 2014. Todas as aulas começavam às 11h40 minutos, às terças-feiras, de forma semanal, e finalizavam-se às 12h30 minutos. O local escolhido, na primeira fase para a realização das aulas foi o bloco C, sala n°8, sala de aula destinada ao 8° ano B, para estudos regulares (formais).

De início promoveu-se um estudo com outros professores sobre como poderia ser feita uma primeira aproximação dos adolescentes que seriam envolvidos na pesquisa. A docente da pesquisa assistiu a aulas de outros docentes e pesquisou métodos de trabalhos com adolescentes como a proposta de Petit (2008), desenvolvida no livro ***Os jovens e a leitura***.

As primeiras aulas se iniciaram com conversa informal sobre a semana dos alunos, nas quais a docente tentou conhecê-los melhor, saber de suas perspectivas para o ano letivo, criar vínculos e assim dar prosseguimento para inserção do tema da aula.

Em segundo momento, o tema das aulas, baseado nos métodos de Bordini e Aguiar, foram abordados, abrindo-se, ao final, espaço para discussões dos alunos. Em relação à estrutura didática das aulas, os conteúdos eram trabalhados por meio de rodas de leitura, grupos temáticos, leituras individuais, investigação em contextos externos, como a biblioteca, os meios midiáticos, a família ou por leitura compartilhada, focando a troca de experiências, apontamentos, análises e discussões.

As aulas utilizadas para cada método variaram de 5 a 6 aulas, observando-se a necessidade e variações do tempo de aplicação de cada um. A primeira fase, de aplicação dos cinco métodos, foi finalizada em novembro de 2014, durando 9 meses. A segunda fase, a formação de um Círculo de leituras de novelas do escritor Luiz Vilela, desenvolveu-se no ano de 2015, com duração de 8 meses. As aulas foram desenvolvidas na biblioteca da escola que fica no Bloco A. O subcapítulo a seguir discorre sobre a aplicação de um questionário inicial com objetivo de sondar as considerações sobre as habilidades literárias dos alunos.

1.5. Sondagem inicial dos alunos

De um grupo inicial de 36 alunos matriculados no 8° ano B no ano de 2014, 28 alunos aderiram ao projeto e 24 permaneceram durante todo o processo. Antes da aplicação dos cinco métodos, como forma de sondagem dos alunos, foi proposto um questionário retirado do artigo de Silva (2014), “Um estudo sobre as estratégias de leitura e os alunos de letras”. O artigo aborda a habilidade de leitura[16] como importante ferramenta de aquisição de conhecimento. Dessa forma, na pesquisa de Silva foi aplicado um questionário sondando as habilidades literárias de um grupo de 25 alunos do 4° período da Faculdade de Letras, período noturno, de uma instituição de ensino particular superior.

Esse questionário continha 6 questões: se o aluno se considerava bom leitor e qual motivo para respectiva constatação, qual a atitude do aluno quando encontrava alguma dificuldade no texto, qual atitude tinha quando encontrava alguma palavra desconhecida, e os obstáculos para o exercício da atividade de leitura.

As conclusões do artigo de Silva destacam a perspectiva subestimada dos alunos quanto às suas leituras, considerando-se maus leitores, todavia eles se utilizam de estratégias de leituras mesmo de forma inconsciente. Também foi possível verificar que processos externos como falta de tempo, conflitos pessoais, textos considerados chatos e preocupações com a quantidade de leitura interferem na formação do hábito leitor, resultando em alunos que ainda não se sentem confortáveis com a leitura. O artigo finaliza explorando a necessidade de estudos que verifiquem o desenvolvimento dessa atividade leitora e propostas que tracem caminhos para direcionar o aluno a desenvolver esse processo de forma satisfatória (SILVA, 2014, p. 7).

O questionário foi aplicado aos alunos participantes dessa pesquisa, com a finalidade de ser realizada uma sondagem inicial. Os resultados demonstraram uma perspectiva parecida com a dos alunos abordados por Silva. Dos 25 alunos que responderam ao questionário, 1 aluno desistiu durante a aplicação e não foi considerado dentro do processo. Dos 24 alunos

[16] Para saber mais sobre habilidades de leitura e sobre o leitor letrado verificar, ***Um experimento na crítica literária*** de Lewis (2009), discutido neste trabalho.

respondentes, 14 se consideravam alunos leitores e 10 se consideravam não leitores.

Dos 14 alunos leitores, todos eles citaram a questão do hábito da leitura como parte importante na construção do gosto pela leitura. Dos 10 alunos não leitores, as justificativas para tal consideração giraram em torno do fato de que liam pouco, não possuindo o hábito da leitura diária. Essa percepção os fez caracterizarem-se como não leitores. Um aluno respondeu não gostar de ler livros sem especificar quais eram esses livros, mas gostava de ler mangás (histórias em quadrinhos) e animes (desenho japonês).

Na questão sobre se os alunos liam os títulos e subtítulos antes da leitura do texto, em relação aos leitores, um aluno respondeu "não" e um aluno respondeu "às vezes", justificando que a leitura dependia da necessidade e do interesse despertados pelo texto. Doze alunos responderam "sim" para a leitura de títulos e subtítulos justificando a importância e necessidade dos mesmos para caracterização da obra e compreensão do tema do texto. Em relação aos não leitores, nove alunos responderam "sim", mas a leitura dependia do interesse que eles possuíam no momento. Um aluno respondeu "não", dando como justificativa a leitura somente dos títulos.

Quando a questão se relacionou à qual atitude tomada pelos alunos quando encontravam uma palavra no texto que não fazia parte de seu vocabulário e, portanto, eles não conheciam o significado; dos leitores, treze alunos disseram realizar pesquisas não especificadas, pesquisas na internet, pesquisas com outras pessoas e nos dicionários sejam impressos ou virtuais. Somente um aluno especificou que, quando não entendia a frase, continuava lendo o texto para ver se entendia o significado pelo contexto não fazendo uso do dicionário. Em relação aos não leitores, sete alunos disseram realizar pesquisas, sejam elas nos dicionários, na internet ou com outras pessoas. Três alunos justificaram não buscar o significado só realizando a ação se considerassem muito importante para a compreensão do texto.

Na questão sobre qual atitude tomada diante da dificuldade na leitura de um texto, os catorze alunos leitores especificaram que tentam fazer uma nova leitura e, dentre esses catorze alunos, quatro disseram que além de fazer uma releitura, se a dificuldade persistir, eles perguntam para leitores considerados por eles mais experientes.

Dentre os quatro alunos que tentam fazer uma releitura, dois alunos responderam que se a dificuldade persiste, eles trocam a leitura do texto por um livro ou parágrafo que consideram mais fácil. Quanto aos não leitores, seis alunos responderam preferir realizar a releitura do texto, três alunos disseram preferir perguntar para pessoas que consideram mais experientes e somente um aluno disse interromper a leitura quando não entende as palavras utilizadas no texto.

Quando indagados sobre quais os obstáculos encontrados na atividade de leitura; dos leitores, nove alunos disseram não encontrar dificuldades na leitura. Dois alunos relataram ter preguiça, dois alunos disseram que o cansaço causado pela falta de tempo era fator de dificuldade e um aluno relatou ser desconhecimento de certas palavras um impedimento para realizar a atividade de leitura. Dentre os não leitores, quatro relataram dificuldades para entender as histórias e as palavras contidas nos textos, quatro alunos expuseram a preguiça atrelada ao cansaço e falta de tempo como fator primordial. Somente um aluno relatou não ter dificuldades para ler, todavia esse mesmo aluno se caracterizou como não leitor. A falta de energia foi o motivo indicado por um aluno como barreira para buscar atividades prazerosas de leitura.

Na sondagem inicial de nossa pesquisa, foi possível perceber que, para os adolescentes, a quantidade de leitura, como abordado no artigo de Silva (2014) influencia na caracterização de um leitor, nenhum desses alunos citou questões referentes a interpretação ou à assimilação do texto para fomentar tal apontamento. Outra característica relacionada a formação do leitor ou o que a impedia, foi a falta de tempo, interesse e preguiça, o que corrobora com a visão de Bordini e Aguiar: "O primeiro passo para a formação do hábito da leitura é a oferta de livros próximos a realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 18).

Quanto ao total geral do grupo de nossa pesquisa, com vinte e quatro alunos, é importante ressaltar que dez deles não se consideram leitores e, mesmo entre os leitores, os fatores externos, como preguiça, falta de tempo, cansaço, entre outros, influenciam na formação do hábito leitor. Perspectiva reveladora das inúmeras dificuldades para que o processo de leitura seja completo, tornando mais relevante a abordagem de uma metodologia

adequada e de uma literatura significativa para os alunos que desperte interesse e curiosidade.

2. NA SALA DE AULA

O livro ***Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas***, de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar, é resultado de um extenso trabalho de pesquisa em diferentes instituições de ensino superior e fundamental, realizado nos anos de 1983 à 1986 com caráter experimental e que, ao longo das aplicações, foi sendo melhorado.

A pesquisa investigava as condições e problemas do ensino de literatura[17] no Rio Grande do Sul, pelo centro de pesquisas literárias da PUC-RS que contou com apoio financeiro do INEP/MEC, concebida de modo a dar conta da realidade das salas de aula e, ao mesmo tempo, trazer dessas as contribuições práticas que pudessem alicerçar a investigação universitária para alternativas metodológicas nessa área.

Essa pesquisa se desenvolveu em dois planos paralelos. Foram entrevistados 240 alunos e 80 professores de escolas públicas e particulares, de 1° e 2° graus de Porto Alegre. A intenção era verificar como se desenvolvia o ensino de literatura em salas de aula. Essa parte da pesquisa teve como foco o levantamento do processo percorrido pelo ensino de literatura. No outro plano da pesquisa ocorreu a elaboração de alternativas metodológicas que seriam as contribuições práticas da pesquisa. Os resultados dessa pesquisa foram apresentados ao INEP/MEC sob o título ***Diagnóstico da situação do ensino de literatura no 1° e 2° graus em escolas de Porto Alegre***.

As conclusões básicas da pesquisa foram a constatação de um crescente desinteresse pelos alunos, conforme o avanço do grau de

[17] "A palavra *Literatura* deriva do Latim *littiratura*, que por sua vez se origina de *littira*, e significa o ensino das primeiras letras, o ensino primário, da escrita e das letras. Com o tempo, a palavra ganhou melhor sentido e passou a significar arte das belas letras ou simplesmente arte literária. Como se observa, desde a etimologia a Literatura esteve condicionada à letra escrita e depois impressa. Isto esclarece de pronto acerca dum aspecto, de resto secundário, da problemática literária que diz respeito ao caráter oral da Literatura. Na verdade, só podemos falar em Literatura quando possuímos documentos escritos ou impressos, o que equivale a dizer que a chamada Literatura oral não corresponde a nada. O que há é a transmissão oral da Literatura depois que existe o texto escrito ou impresso. Antes disso, é tudo menos arte literária, a não ser embrionariamente: folclore, material antropológico, etc." (MOISÉS, 1967, p. 15).

escolaridade, e um considerável despreparo dos professores quanto à abordagem das obras literárias nos vários currículos escolares. Quanto aos resultados após a aplicação dos métodos foi constatado que dos 362 alunos participantes, 294 sujeitos passaram a se interessar pela leitura e pela literatura.

A partir da pesquisa e de sua aplicação em universidades e escolas, e após processo de reformulação, é que as autoras Bordini e Aguiar fizeram a proposta do livro descrevendo cinco métodos – científico, criativo, recepcional, comunicacional e semiológico, que podem ser aplicados no ensino fundamental, auxiliando no processo de formação do leitor. As respectivas alternativas oferecem liberdade para que o professor possa escolher os materiais literários para sua aplicação e visam fazer da literatura uma prática de ensino planejada.

No método científico, a proposta é o conhecimento pelo aluno das regras para o estabelecimento de uma teoria, formulando hipóteses, confrontando-as e estabelecendo metas para validar ou refutar suas hipóteses. Com essa formação científica estruturada, o aluno será levado a sensibilizar suas ações e reflexões, para estabelecer uma visão diferente da realidade, proposta pelo método criativo. Com a visão ampliada de como o mundo se mostra, de como são as facetas da sociedade, o aluno será convidado a criticar (contestar os signos) a simbologia na sociedade vigente, estabelecendo o método recepcional.

Por meio da discussão de ideias e ampliação da linguagem será promovido o momento de desconstrução de conceitos estabelecidos socialmente, levando-se a uma reflexão autônoma e crítica da realidade, proposta pelo método comunicacional. Com a reflexão autônoma, crítica e consciente chega-se ao método semiológico, que formula a construção do novo e a transformação das práticas cotidianas e históricas vigentes na sociedade:

> Os métodos elaborados têm como princípio básico o fato de que todos são concebidos a partir de uma teoria, seja da ciência, da arte, da linguagem ou da literatura, que assegura sua coesão interna e viabiliza uma uniformidade de pensamento. As teorias que os embasam foram preferidas, nos seus respectivos campos, porque implicam uma possível concepção pedagógica de caráter transformador. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.152).

Os métodos expostos a seguir são reproduções das propostas desenvolvidas pelas autoras Bordini e Aguiar, mesmo quando não explicitado no texto. Cada método possui um objetivo e pode ser aplicado em conjunto ou separadamente um do outro.

2.1. Método científico (1º momento)

O currículo por áreas [18], dentro do qual se trabalhou o método científico, consiste na prática de uma sequência metodológica baseada inicialmente na elaboração de um conteúdo, na seleção do material, propondo-se o desenvolvimento do objetivo de pesquisa. Os procedimentos didáticos se subdividem em atividade exploratória, estabelecimento do tema, formulação e levantamento das hipóteses, justificativa, coleta de dados e conclusão.

O método científico envolve as diversas áreas do conhecimento, buscando, por meio da análise científica, a confirmação ou refutação das hipóteses levantadas, a exploração prevê o trabalho com concepções diversas:

> Ciência é, pois, uma modalidade de conhecimento que se dirige ao real com uma explicação preconcebida, a ser corroborada ou não pelo contato do sujeito com o objeto. Esse contato pode se dar pela observação ou pela experimentação, devendo ser planejado de forma racional e ordenada. A atividade científica está fundada sempre no predomínio do intelecto sobre as demais esferas da mente. (BORDINI, AGUIAR, 1993, p. 44).

Nesse sentido, ocorre a observação de um modelo, a ser verificado para corroborar ou substituir o conhecimento prévio. Nesse método, as etapas se distribuem em: definição do problema, formulação de hipóteses, justificativa da

[18] Os procedimentos didáticos referentes ao currículo por áreas, utilizado em todos os métodos, se distribuem em: **Atividade exploratória**, na qual se propõe uma discussão geradora do tema a ser estudado; **estabelecimento do tema**, prevê a leitura da obra escolhida, elaboração do problema e debate oral entre as turmas separadas por grupos; **formulação de hipóteses**, na qual os alunos são solicitados a responder de forma hipotética às perguntas levantadas, elaborando justificativa para o estabelecimento do tema; **coleta de dados**, discussão em grupo grande para os alunos decidirem a forma como irão reunir as informações, seja por entrevistas ou questionários; **analise e interpretação dos dados**, no qual são computados e analisados os dados coletados; **conclusão**, reunião em círculo para confrontar hipóteses e dados levantados, sugerindo que os alunos tomem posição sobre o trabalho realizado e as vantagens que tiraram para sua vida (BORDINI; AGUIAR 1993, p. 55-58).

pesquisa, a coleta de dados, tratamento analítico e interpretativo dos dados e a conclusão.

A sala de aula é vista como um laboratório de investigação e reflexão. A realidade do aluno, no que diz respeito ao sentido social e cultural, deve ser levada em conta pelo professor, assim como seus interesses e necessidades. O método proporciona situações desafiadoras aos discentes, estimulando a investigação. O objetivo é ampliar a visão de mundo do aluno, expandindo seus conhecimentos, provocando-o a se tornar um indivíduo reflexivo, inserindo a crítica em sua análise social.

> Uma metodologia de ensino de literatura, com base no método científico, concebe a sala de aula como um laboratório de experimentação e reflexão, em que as atividades se estruturam obedecendo às fases da pesquisa científica [...]. Tendo como partida a realidade cultural do aluno, seus interesses e necessidades, o plano de ensino prevê a proposição de situações desafiadoras aos estudantes, que estimulem a investigação e o raciocínio na solução de problemas. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 47).

O método requer a participação de todos os alunos na proposta de investigação. A avaliação é participativa, visando dois processos de aprendizagem: observação da atitude investigativa e conclusões atingidas a partir das hipóteses levantadas.

O método é desenvolvido em várias etapas. Na fase inicial ocorre pesquisa sobre as observações levantadas por meio da formulação de um problema, buscando soluções que vão ao encontro ou refutem as hipóteses levantadas. Na fase descritiva, com os dados coletados os alunos partem para interpretação e análise dos mesmos. Na fase comparativa, após a interpretação ser realizada, os alunos comparam as hipóteses levantadas, inicialmente, com os dados coletados, confirmando ou refutando as propostas desenvolvidas. Na última fase, de conclusão, há a reflexão e discussão dos dados finais, proposição de novas hipóteses e consequente elaboração de novas situações problemas.

A atividade exploratória pode ser um relevante ponto de partida para despertar o interesse dos alunos com o objetivo de aproximá-los da temática proposta, a ser desenvolvida por meio do diálogo, pesquisa em revistas, jornais

e idas à biblioteca. Nesse sentido, ocorre a observação de um modelo, que deve ser verificado para corroborar ou substituir o conhecimento.

> O método científico gera alunos voltados para a realidade enquanto objeto de investigação e experimentação, o que redunda em indivíduos comprometidos e reflexivos em relação ao mundo em que vivem. Contudo esse método pode satisfazer a ideologia tecnicista da sociedade contemporânea, em que a produção de bens culturais se faz com vistas ao lucro e à reificação dos possíveis beneficiários. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.154).

Nesse sentido é importante, segundo as autoras, que a ação educacional se atente na formação de um indivíduo que tenha em suas bases a ética e a percepção crítica da realidade por ele descoberta. Importante também é esse indivíduo entender o conhecimento como patrimônio comunitário do qual ele faz parte.

2.1.1. Método Científico - aplicação

Participaram da etapa do método científico, 24 alunos do 8° ano do Ensino Fundamental. A aplicação do primeiro método desenvolveu-se a partir da observação do que vinha sendo feito na escola de Lençóis Paulista, em que a temática envolvia a problemática dos maus tratos aos animais, adaptada ao contexto de idade dos alunos adolescentes.

O Método Científico trabalhado no currículo por áreas, tinha como conteúdo adaptado o tema "Da compaixão aos maus-tratos dos animais". Os materiais literários utilizados foram os contos de Luiz Vilela: “Um peixe”, “Bichinho engraçado”, “As formigas”, “Andorinhas” e “Corisco”.

O conto “Um peixe” narra a história de um menino que, depois de uma pescaria, coloca os peixes em um tanque na sua casa. Ao observá-los, percebe que um deles, uma traíra, está viva. A história gira em torno da tentativa do garoto de salvar o peixe sobrevivente trazendo à tona a argumentação de tê-lo encontrado vivo e que então ele merecia sobreviver. “Mas o que ele faria com ela agora? Matá-la ele não ia; não, ele não faria isso. Se ela já estivesse morta, seria diferente, mas ela estava viva, e ele não queria matá-la” (VILELA, 2002, p. 64).

O garoto enche o tanque e sai em busca de alimento para dar ao peixe e, quando retorna, encontra a empregada dizendo ter esvaziado o tanque e tirado o peixe pois, segundo ela, foi esquecido lá. Diante da morte do animal, o garoto se sente cansado e triste.

A empregada argumenta sobre a situação:

> – Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim! Eu soquei a ponta da faca naquelas coisas que faz o peixe nadar, sabe? Pois acredita que ela ainda ficou mexendo? Aí peguei o cabo da faca e esmaguei a cabeça dela, e foi aí que ela morreu. (VILELA, 2002, p. 64).

O conto "Bichinho engraçado" narra a história de um homem chamado Tito que vai a uma pescaria com os amigos. Todavia, ao invés de peixes, os amigos só pescam cágados e a atitude corriqueira dos amigos de passar a faca no pescoço dos bichos não agrada a Tito. Quando ele pesca um cágado, finge estar com raiva, mas não o mata, resolvendo levá-lo para casa para cuidar dele. Sua família e amigos não se agradam com tal atitude, o que faz com que Tito resolva deixar o animal em um parque da cidade, no qual há um lago.

O animal sofre maus tratos dos moradores, sempre sendo socorrido pelo pescador e, conforme o tempo passa, Tito deixa de ir visitá-lo, desabafando com a mulher "Antes eu tivesse cortado o pescoço dele na pescaria; antes eu tivesse feito isso" (VILELA, 2002, p. 54). Na última vez que Tito o vê, enquanto dirige o seu automóvel, passa pelo animal sozinho na pista, mas não desce para socorrê-lo, suspira e continua seu trajeto.

O conto "As formigas" relata a história de uma criança que “conversa” com algumas formigas que estão em uma fenda na parede de seu quarto, em um dia chuvoso. A personagem imagina a vida das formigas, conversando baixinho, todos os dias com elas. "A conversa ficava interessante quando ele lembrava de perguntar uma porção de coisas, e elas também perguntavam para ele. (Conversava baixinho, para os outros não escutarem)" (VILELA, 2002, p. 58). A personagem, com sua grande imaginação, faz amizade com as formigas, porém um dia encontra a fenda tampada por cimento, fica triste e chora, percebendo que seu pai consertara a rachadura: "Quando olhava para a fenda cimentada sentia um bolo na garganta e cobria a cabeça com um cobertor" (VILELA, 2002, p. 59).

O conto “Andorinha” narra a história de um menino entediado, numa tarde de domingo. Ele sai para encontrar algo para se distrair: resolve matar uma andorinha com seu estilingue. Ele tenta e não consegue matá-la, muda a posição em relação à ave para melhor visualização do alvo e, ao mesmo, pensa em todos os todos seus amigos que obtiveram êxito na tarefa. Em um momento de concentração, atira e consegue acertar a andorinha, todavia, ao invés do sentimento de felicidade, sente tristeza ao observar que acertara a andorinha e não a matara, fazendo-a sofrer. Sente raiva por perceber sua possível morte.

> Agachando-se estendeu a mão, devagar para não assustá-la, e então segurou-a: ela não se debateu; e antes que abrisse os dedos para olhar, sentiu a umidade e compreendeu que era sangue: a pedra havia acertado de cheio. E então teve raiva de sua astúcia, sua espera, sua alegria, e agora sua impotência: sabia que a andorinha ia morrer, sabia que ela ia morrer e que ele não podia fazer nada. (VILELA, 2002, p. 15).

O conto "Corisco" expõe a história de um menino vivendo em uma fazenda junto com seus pais. O sonho dele era ter um cachorro, mas seu pai, avesso a esses animais, não permitia. Foi por meio de sua mãe que o garoto conseguiu o cachorro, no qual colocou o nome de Corisco.

A vida corria na fazenda, o garoto brincando com o cachorro e o pai se mantendo afastado em alguns momentos, reclamando do animal. Certo dia, o cachorro fica doente e o pai, mesmo expressando frieza diante da situação, manda entregar na fazenda um remédio para o cachorro.

O cachorro morre, o garoto sofre e o pai, apesar de parecer não expressar qualquer sentimento pelo animal, derrama uma lágrima no canto dos olhos:

> [...] só uma vez, uma noite em que havia desaparecido mais uma galinha e então mamãe falou que, se Corisco ainda estivesse vivo aquilo não teria acontecido, e então Papai levantando de repente falou que nada, que cachorro era um bicho velhaco que só servia para dar amolação e pra comer a comida da gente, ela não falasse naquilo, não queria saber mais daquela praga na fazenda, e foi até a janela e ficou olhando o céu estrelado, e então Mamãe me cutucou a perna e eu olhei pra ele e vi ele enxugando uma lágrima. (VILELA, 2002, p. 21).

Com a proposta de contos para tratar do tema, atrelada ao método científico, o objetivo foi propiciar aos alunos o estabelecimento de relações entre a literatura e suas vidas.

No que se refere às aulas, a docente apresentou-se aos alunos, desafiando-os e incentivando-os no processo de pesquisa, leitura e discussão, propondo uma relação mediadora entre todos do grupo. Em outro momento, foi apresentado aos alunos um vídeo que abordava a vida e obra do escritor Luiz Vilela. Segundo percepção da professora, nenhum aluno demonstrou conhecimento da obra ou do escritor.

Constatado o desconhecimento dos alunos em relação ao escritor, a professora propôs a realização de uma pesquisa sobre a obra de Luiz Vilela na qual deveriam buscar informações sobre o escritor atrelando a isso a temática maus tratos aos animais, em livros, jornais ou internet, sem relatar, inicialmente, qual o objetivo de tal pesquisa. Ficou combinado entre a docente e os alunos a entrega da pesquisa na próxima aula.

Na semana seguinte, a professora trouxe para o grupo material sobre o assunto: caça predatória, maus-tratos, abandono, agressões, tráfico, etc. Em conjunto com os materiais trazidos pelos alunos, foi aplicada a atividade exploratória, na qual ocorre proposição de uma discussão sobre como os animais são tratados em nossa sociedade.

Esse material foi apresentado em forma de *slides,* utilizando o programa *Microsoft Power Point*. A exposição se deu de forma silenciosa, incentivando os alunos, após a apresentação, a participarem da discussão, expondo suas reações e explicações diante do que estavam visualizando. A discussão do tema continuou por meio dos diversos textos trazidos para a sala de aula. Nesse momento, a professora sugeriu aos alunos investigarem como esse assunto era tratado na obra de Luiz Vilela.

Durante a discussão, um aluno relatou que havia descoberto, por meio da pesquisa sobre os maus tratos aos animais e sobre a obra de Luiz Vilela, que muitos contos do escritor falavam de animais, o autor deveria gostar muito de bichos. Quando indagado sobre onde ele havia encontrado tal informação, ele relatou que fora na plataforma de vídeos ***Youtube***, em uma entrevista do escritor concedida para o ***Itaú Cultural***.

Aproveitando a colocação do aluno, a docente apresentou cópias dos cinco contos a serem trabalhados nessa etapa, nas quais constavam, na primeira folha, somente o título, instigando a curiosidade dos alunos e a identificação com o título.

Segundo observação da professora, alguns alunos escolheram as obras que iriam ler de acordo com o título e outros contaram o número de páginas para realizar a escolha, optando por aqueles com menor número de folhas. Após a escolha feita pelos alunos os grupos foram constituídos de acordo com as escolhas dos contos, ou seja, os que escolheram o conto "Andorinha" formaram o grupo para leitura do mesmo texto e assim sucessivamente.

Os alunos leram a obra escolhida e definiram, divididos por grupos temáticos, uma pergunta relacionada ao conto lido e a transcreveram para uma cartolina afixada na parede, próxima a eles, para que os alunos dos outros grupos pudessem ver o problema levantado a partir da obra escolhida.

Quanto à formulação de hipóteses diante da questão-tema posta, cada grupo respondeu a sua própria questão de forma hipotética, baseando-se somente na leitura feita do texto e na vivência que possuíam e, em seguida, escreveram a resposta em uma folha, afixada embaixo da cartolina do grupo.

Durante esse processo, segundo observações da docente, os alunos levantaram algumas proposições a respeito dos contos de Vilela, alegando que esses não possuíam um final e nenhum conto lido por eles terminava de forma feliz e isso não atendia as expectativas esperada por eles.

Após o momento em que cada grupo respondeu sua própria questão-tema, a proposta foi aberta todos os grupos para interagirem entre si, revelando a justificativa e escolha dos temas e hipóteses dos alunos. Seguindo a ordem dos grupos, os alunos contaram a história lida por eles a todos os outros grupos e explicaram como chegaram à questão problema, bem como as possíveis respostas para o problema levantado, chamando alguns alunos de outros grupos para dar sua opinião.

Um questionário foi entregue aos alunos, de acordo com a temática de cada grupo, para fosse realizarem o procedimento de coleta de dados baseado no interesse demonstrado pela discussão e a partir dos apontamentos feitos pelos alunos. Eles responderam aos questionários, em sala de aula, e estes foram recolhidos, no mesmo dia, pela docente.

Na aula seguinte, a professora, em conjunto com os alunos, organizou na lousa um banco de dados, a partir de cada conto estudado e das respostas dadas aos questionários da aula anterior. Os alunos confrontaram as opiniões de acordo com as respostas obtidas nesses questionários.

Segundo observação da docente, o único momento em que os alunos concordaram inteiramente foi em relação ao conto "Um peixe", sobre a história da traíra morta pela empregada, concordando que ela deveria ser demitida. O questionamento a respeito da demissão da empregada gerou um debate, que não estava em pauta, mas foi relevante para os alunos, que consideraram a atitude uma invasão à privacidade da família.

Na fase de conclusão da atividade, cada aluno leu as hipóteses fixadas inicialmente e discutiu com o grupo as relações que tiveram com os dados coletados. Para encerrar, os alunos produziram uma releitura relacionando o texto lido e as conclusões obtidas.

2.1.2. Método Científico - Análise

O método científico propõe pesquisa com levantamento do problema buscando soluções racionais, identificando, em conjunto com a literatura, os problemas e as vivências dos alunos. A proposta segue a metodologia científica que, no caso desta pesquisa, tinha como resultado a reescrita dos contos de Luiz Vilela com a modificação do final da história. Nesse contexto os alunos teriam um olhar atento para literatura e ao mesmo tempo teriam que se basear em suas próprias visões (vivências) para modificar o texto.

Na figura 1 (PA 01, página 514), o texto da aluna A/CAM/8/4 se refere ao conto "Andorinha". Nele a aluna modifica a ação da personagem menino e da personagem Dona Durvalina, inicialmente vista como uma mulher que "tem parte com o demônio", com "olhos amarelados", e "não gostava de gente branca e que se aparecia alguma lá, ela jogava praga" (VILELA, 2002, p. 12). No conto de Vilela a personagem menino se vê entediada e é impelida a praticar uma ação para ser aceita socialmente por seus amigos. Depois de a ação ser realizada, a personagem se vê com "raiva de si mesmo" (VILELA, 2002, p. 15).

Na reescrita da figura 1 (PA 01, página 514), a Dona Durvalina se torna uma espécie de conselheira do menino ao discordar do garoto e aconselhá-lo "─Escuta garoto, os pássaros não têm nada a ver com os seus problemas, muito menos as pessoas, então não desconte em que não tem culpa". A personagem que no texto de Vilela causava medo é vista agora como uma senhora, aos moldes das avós tradicionais que repreendem e aconselham, de forma assertiva, a ação do garoto.

Ao invés da raiva, na reescrita, o menino prefere continuar a buscar alguma atividade para amenizar o tédio que sente: "Devo confessar que ouvindo aquelas palavras percebi o quanto ignorante estava sendo e acabei me arrependendo. Perguntei àquela senhora o que poderia fazer para me divertir, mas ela me olhou e disse: ─ Ah, filho, você não iria querer ouvir sugestão de uma velha...você é um jovem, aproveite (...) voltei a pensar num jeito para acabar com a minha tristeza naquele entediante domingo".

A aluna A/CAM/8/4, figura 1 (PA 01, página, 514), preferiu que, em sua reescrita, a personagem continuasse com o sentimento de tédio ao invés de raiva ou insatisfação consigo mesma. Além disso, a figura 1 (PA 01,página 514), demonstra que a aluna não quis inserir em seu texto elementos que caracterizassem as personagens de forma negativa.

Na figura 2 (PA 02, página 515), a aluna A/ISA/8/4 fez a reescrita da parte final do conto "Um peixe". No original de Vilela, o conto sobre o peixe traíra morto pela empregada, tem como final a reação do garoto "Acendeu a luz da sala. Deixou o pão em cima da mesa e sentou-se. Só então notou como estava cansado" (VILELA, 2002, p. 65). A aluna retoma a história a partir desse ponto e relata que, no dia seguinte, especificamente "as nove horas", a mãe chamou o menino para sair, eles iriam a "uma loja de animais" onde o menino poderia escolher qualquer peixe, "mas somente um". No texto a aluna insere o elemento "carro" e, ao chegar à loja, relata "a mãe chamou a atendente, pegaram o peixe, compraram um aquário e ração" e a história finaliza com "todos ficaram contentes". A dor da personagem do conto original é trocada pela compensação proposta pela mãe do garoto que dá a ele uma "Taíra, igualzinha a outra" (observe que a aluna utiliza o nome Taíra e não Traíra em todo texto). A aluna optou por encerrar seu texto como um conto de fadas remetendo sua história ao clássico “felizes para sempre”.

Na figura 3 (PA 03, página 516), de autoria da aluna A/GAB/8/4, também há a reescrita do conto "um peixe". O elemento da compensação, como na figura 2 (PA 02, página 515), está presente, entretanto neste texto quem compensa o garoto é a empregada, pedindo "desculpas" dizendo que "no próximo dia iria a uma casa de peixes comprar peixes a ele, para que não fique chatiado com ela". Termos como "coloridos", "alegres", "radiantes", "contente", "feliz", "belíssimo", "encantador" são frequentemente utilizados no texto. Além de dar outro peixe para o garoto, a empregada, "pediu permissão para a mãe" do menino e monta com ele um aquário "realmente maravilhoso". A história finaliza com a empregada se tornando a melhor amiga do garoto e cuidando dos peixes enquanto ele "estava na escola, quando ele ia ao dentista, quando ele tinha aula de música, ou seja quando ele não tava em casa".

No texto original do conto de Luiz Vilela, em três páginas o autor cita a palavra empregada apenas duas vezes. Na reescrita da figura 3, a aluna em pouco mais de meia página cita a palavra 7 vezes. Apesar de reforçar na história ser a empregada uma “amiga, melhor amiga” da personagem, a aluna distância a personagem menino da personagem empregada, dando-lhe a função de compensadora de frustrações, identificando-a por sua função e não por ser uma amiga.

Na figura 4 (PA 04, página 517), de autoria da aluna A/MAR/8/4, a aluna faz uma reescrita de todo texto referente ao conto "Um peixe" e não somente do final. Nesta releitura ela resolve nomear a personagem menino de "Caio". Caio acaba de retornar de uma pescaria com o pai dele e quer contar quantos peixes eles pescaram e nesse instante percebe que ainda há um vivo. Ao que ele decide: "vai se tornar o meu bicho de estimação". Percebendo que o peixe não tinha comida, Caio pega "a mesada que tinha juntado, para comprar um aquário e um pouco de ração para peixe", e sai. Quando volta, vê o peixe morto e, quando indaga quem havia feito isso, o próprio pai do garoto assume a ação, o peixe era alimento.

A compensação novamente está presente, dessa vez na promessa do pai: "Amanhã vou no pet shop com você e compro um lindo peixe, está bem?". A recompensa dada pelo pai é tão boa que Caio "com o tempo, foi até esquecendo do outro" peixe.

Na figura 5 (PA 05, página 518), o texto é uma reescrita do conto "Corisco". No original Vilela não nomeia as personagens que representam o garoto, a mãe e o pai (são nomeados somente o cachorro, Corisco, e o empregado, Tuti) e finaliza a história de modo que o leitor que inicialmente interpreta as atitudes do pai como frias, insensíveis e duras, ao final, surpreende-se com uma visão implícita da amabilidade do pai, em que "Mamãe" cutucando o garoto distraído que olha para o pai na janela e vê "ele enxugando uma lágrima" (VILELA, 2002, p. 21).

A aluna A/LET/8/4, nomeia as personagens pai e mãe de "João e Maria" e a personagem do garoto de "Alfredo". Além da nomeação das personagens, a aluna expõe de forma clara os sentimentos do pai descrevendo: "O pai, muito emocionado, responde que na sua infância os seus pais não deixaram ele ter um cachorro e assim acabou pegando desgosto do animal. E o amor do animal de estimação só voltou com Corisco". Nesta história embora a dor da perda não seja suprimida nem compensada como nas figuras anteriores, ela tem uma justificativa demonstrada no final da reescrita, não cabendo ao leitor a função de imaginar o motivo do pai parecer ser tão frio como no conto original e sim de compactuar, justificar e entender a dor do pai.

A aluna A/MARP/8/4, autora da releitura do conto "Bichinho engraçado" na figura 6 (PA 06, página 519), ao contrário de Luiz Vilela, não nomeia as personagens de seu texto. No original a personagem que pesca o cágado se chama Tito, a mulher dele se chama Dalila e o cágado recebe o nome de Adalberto. Além de suprimir os nomes das personagens, a aluna modifica o final da história: "Sua esposa diz a ele que o cágado poderia ficar apenas até arrumarem outro lugar para ele, mas ela acaba se apaixonando e criando amor pelo bicho, então o cágado vira um membro da família e todos vivem felizes para sempre". Novamente a felicidade compensa o final reflexivo proposto por Vilela. A aluna torna a personagem do cágado um membro da família e, assim como na figura 2 (PA 02, página 514), a história finaliza com uma frase que comumente se observa nos textos referentes aos contos de fadas.

Com relação à estrutura do texto, dentro da perspectiva de formação do leitor e da proposição do método científico, os alunos atingiram os objetivos observando-se que todos fizeram a reescrita dos contos selecionados. Os textos possuem estrutura satisfatória, com recuo de parágrafos, construções de

diálogos com uso do travessão e dois pontos, início de frases com letras maiúsculas, correta utilização de tempos verbais, parágrafos coesos, uso de personagens, espaço, tempo e narrador coerentes, uso correto das palavras e finalizações das histórias.

No que se refere à coesão textual, esta se desenvolve na medida em que a interpretação de um elemento no discurso depende de outro. Esse mecanismo é construído quando há determinadas relações de sentido entre enunciados ou parte de enunciados, como oposição ou contraste, finalidade ou meta, consequência, localização temporal, explicação ou justificativa e adição de argumentos e ideias (KOCH, 2010, p. 15). Esse aspecto foi alcançado pelos alunos, uma vez que os sentidos, justificativas e adição de argumentos foram retomados e inseridos nas histórias formuladas por eles.

Em relação à coerência, Koch e Travaglia discorrem:

> [...]a coerência está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto. Esse sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é globlal. (KOCH; TRAVAGLIA, 2006, p. 21).

O estabelecimento dessa coerência estaria ligada ao conhecimento do leitor e aumentaria à medida que este toma conhecimento do mundo que o cerca, absorvendo uma série de fatos. Segundo Koch e Travaglia (2006), esses conhecimentos seriam armazenados em *blocos*, denominados de *modelos cognitivos*. Alguns exemplos desses tipos de modelos cognitivos seriam:

> a) os *frames* - conjuntos de conhecimentos armazenados na memória sob um certo "rótulo", sem que haja qualquer ordenação entre eles; ex.: c*arnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas, etc.), *natal, viagem de turismo*;
> b) os *esquemas* - conjuntos de conhecimentos armazenados em sequência temporal ou causal; ex.: como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum;
> c) os *planos* - conjunto de conhecimentos sobre como agir para atingir determinado objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez;
> d) os *scripts* - conjunto de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; ex.: os rituais religiosos (batismo, casamento, missa), as fórmulas de cortesia e as praxes jurídicas;

> e) as *superestruturas* ou *esquemas textuais*- conjunto de conhecimentos sobre os diversos tipos de textos, que vão sendo adquiridos à proporção que temos contato com esses tipos e fazemos comparações entre eles. (KOCH; TRAVAGLIA, 2006, p. 72-73).

A coerência foi alcançada uma vez que reescrever o texto implicou em perceber as relações entre as personagens, estruturando suas ideias e propondo respostas aos problemas levantados, explicitando e recorrendo aos modos estereotipados na cultura e fazendo relações entre textos e vivências diferentes como, por exemplo, os contos de fadas, a obra de Luiz Vilela e o contexto de vida dos próprios alunos:

> Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis. (BARTHES, 1977, p. 81).

Logo, à medida que o leitor vai aumentando sua cultura em relação à leitura, esses modelos cognitivos tendem a ser fortalecidos, fazendo com que as conexões entre texto e contexto apareçam de forma mais natural na construção que o indivíduo tece de sua própria realidade.

Os alunos, dentro do contexto de suas vivências, conseguiram entender o problema relacionado aos maus tratos dos animais, mas não elaboraram soluções em seus textos poupando os animais de estimação do sofrimento causado por adultos. O que ocorreu foram finais que poupassem as personagens do sofrimento da perda, mas não os animais. Todavia, nos textos de Luiz Vilela, os animais em questão abrangem um significado mais amplo. Os textos expõem a crítica ao amor seletivo em relação aos animais, a incomunicabilidade do ser humano e a construção cultural dos valores de nosso sistema.

Em relação à associação com diferentes contextos (texto com contexto) históricos, culturais e sociais (no levantamento das influências dos problemas para formulação de hipóteses), os alunos expuseram, aparentemente, contextos vividos em casa, reproduzindo uma hierarquia social constituída e ratificada historicamente, como a compensação do problema por meio de valor monetário (quando a mãe compra um enorme aquário para o peixe ou a empregada compensa o garoto não com apenas um, mas com vários peixes).

Sobre o levantamento de hipóteses e solução do problema, na esfera ideológica, não houve reconhecimento (somente a reprodução) de que há uma ideologia dominante, um conjunto de regras e normas a serem obedecidas, e a constatação de que a sociedade capitaliza e seleciona as formas de amor, assim como esse sentimento deve ser orientado e sentido.

Os alunos também não demonstraram percepção das manobras ideológicas por trás das construções sociais às quais eles pertencem. Não elaboraram finais de histórias que contivessem críticas sociais, não perceberam o mundo além de seus sentimentos e não formularam soluções racionais que atendam à questão da crítica ideológica.

2.2. Método Criativo (2º momento)

O método criativo está relacionado a práticas artísticas dentro da literatura. A utilização desse método busca gerar prazer e conhecimento se tornando um meio de apropriação e transformação da realidade. Todavia esse processo não se dá de forma desorganizada e supõe a criação de um sistema coerente que ultrapasse o puro lazer e se converta em conhecimento:

> Para a maioria das escolas, ensino criativo significa a proposição de atividades assemelhadas às das várias artes, sem que considerem a organização de tais experiências de criação num sistema coerente com aquilo que desejam que os alunos aprendam para a vida. Criar, para esse tipo de escola, se opõe a estudar e iguala-se a brincadeira que se esgota em si mesma. A criatividade porém, ultrapassa o puro lazer e pode converter-se em aquisição de conhecimento quando se processa planejadamente. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 62).

A proposta disponibiliza uma tomada de consciência de que todos os produtos construídos são sociais e, portanto, devem estar adequados à realidade. A fundamentação teórica do método criativo encontra-se na atitude intuitiva do sujeito, dependente dos estímulos recebidos, da motivação para incorporar o ambiente e promover o equilíbrio entre as concepções internas e externas. A motivação, nessa perspectiva, desencadeia o processo criativo por provocar uma reação espontânea; reação que encontra na existência das relações culturais e mundanas sua solução. Esse método entende por criatividade:

> A operação que confere uma forma a certa interação estabelecida entre o homem e seus mundos externo e interno. Essa forma é investida de materialidade e se produz por uma atuação em que participam subjetividade e exterioridade, razão e intuição, personalidade e tradição cultural, consciente e inconsciente, sensibilidade e intelecto, espontaneidade e cálculo, impulso e disciplina. A proporção em que cada um desses elementos entra no processo criativo é variável e nem sempre mensurável, mas todos eles se presentificam quando se trata de criar. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 62-63).

A criatividade motiva, e, no aluno, isso se constitui em uma ação intuitiva sobre a realidade. Nessa proposta a ação é coletiva, estruturada dentro de um contexto que promova interações. Há a necessidade de liberdade de expressão, todavia essa liberdade não significa a expansão egoísta e sem freio da personalidade individual, mas sim o reconhecimento dos limites de cada coisa, de cada ser. Essa concepção implica em postura receptiva e integradora, cultivando a sensibilidade criativa em intercâmbio com objetos culturais e "não teme desestruturações interiores, preço para a construção de novas estruturas. Criar é expandir a personalidade e as formas de comunicação da vida social" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 65).

Para o desenvolvimento da proposta, os objetivos devem estruturar-se em três frentes; o sujeito criador, o processo de criação e o contexto cultural e histórico. Em conjunto com o contato literário, passa a estabelecer relações significativas entre o eu e o mundo, por meio da percepção expressiva do texto literário que organiza essas relações e as concretiza por meio da linguagem.

As etapas do método criativo são: a constatação de uma carência, a coleta desordenada de dados, a elaboração interna dos dados, a constituição do projeto criador, a elaboração do material e a divulgação do trabalho.

Dois níveis abrangem a avaliação do método, o primeiro ocorre por meio de anotação em fichas do processo criativo de cada aluno, em cada etapa. O processo é considerado satisfatório quando o aluno conseguir discernir as relações entre uma carência[19] que apresente o contexto sugerido, suprimindo-a e reordenando-a, e venha a entender o contexto mutável ao qual a própria carência está submetida; e o segundo nível é avaliado pelo projeto criativo elaborado pelo aluno, observando a comunicação expressiva depreendida para

[19] As carências a serem supridas por esta proposta metodológica seriam relacionadas à superação das dificuldades de expressões emocionais por meio da escrita. Além disso, por meio da maturação emocional, os alunos atingiriam maior intimidade com a leitura e escrita.

suprir a carência inicial, bem como o domínio técnico que utilizou para a inovação formal.

Na fase de constatação de uma carência, por meio do diálogo informal, o professor averigua algumas carências, de forma individual ou coletiva, dos seus alunos. Diante disso, estabelece alguns temas e sugere aos alunos a pesquisa em diversos meios de comunicação. Em outro momento, em conjunto, discutem os resultados e denominam um tema de estudo.

Quanto à *coleta* desordenada de dados, o professor traz uma música relacionada ao tema a ser trabalhado e pede para os alunos anotarem em fichas os trechos que mais os comoveram e influenciaram. Em seguida, propõe a leitura do texto literário selecionado, sublinhando as partes mais significativas para cada um. Em aula posterior, o professor, com a ajuda de um aluno, anota no quadro os fragmentos mais recorrentes anotados pelos alunos, e propõe um enigma para o texto lido; em grupos, os discentes formulam uma resposta que será exposta e debatida por todos da turma. A finalização dessa atividade recai na entrega de um novo texto literário, para ser lido individualmente, no qual os alunos devem se colocar no lugar da personagem, imaginando quais seriam suas atitudes.

A proposta de elaboração interna de dados, ocorre paralelamente às anteriores, em processo semelhante ao do método científico, visto que, em cada atividade desenvolvida anteriormente, os alunos anotaram em fichas as respostas, os fragmentos selecionados, material relevante que os auxiliará na fase final.

Na fase de constituição do projeto criador, os alunos decidem como expressar seus sentimentos e a quem, partindo então para a elaboração do material, planejando o que e como farão a partir do modelo de roteiro de perguntas: Qual o conteúdo da mensagem? Como será expresso esse conteúdo? A quem a mensagem se dirige? Como será transmitida ao destinatário? Qual o prazo para o envio da mensagem?

A elaboração do material desenvolve-se quando em posse de todos os fragmentos selecionados nas atividades anteriores, os alunos elaboram o rascunho da mensagem, e, depois de corrigido pelo professor e outros alunos, possam passá-lo a limpo.

A fase final, divulgação do trabalho, necessita do auxílio do docente para envio dos trabalhos realizados. Dentro de um “combinado” com os alunos, aqueles que se sentirem à vontade podem expor as reações obtidas pelos receptores das mensagens elaboradas, “O método criativo origina estudantes que manipulam a realidade intuitivamente, para modificá-la. Assistemático por excelência, privilegia a espontaneidade e a liberdade de ação” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 154).

Há de se observar a tendência do método ao individualismo, sendo importante a promoção de ações que conscientizem o aluno da dependência da cultura e dos vínculos que o ligam ao meio social, ao qual pertence, e que promovam modificações originais a serem trabalhadas.

2.2.1. Método Criativo - Aplicação

Trabalhado no currículo por áreas, o método criativo teve como tema "A carência afetiva e familiar: diálogos com a literatura de Luiz Vilela". Os materiais utilizados foram os contos de Luiz Vilela: “Felicidade”, “Amor” e “Nosso fabuloso tio”.

O conto "Felicidade" narra a história de um homem aniversariante e, por esse motivo, a mulher lhe faz uma festa surpresa, convidando todos os parentes e amigos para o evento. Conforme a noite passa, a personagem do homem sorri e interage com os convidados. Em certo momento da festa ele pede licença:

> [...] pediu licença e atravessando a sala e a copa e o corredor sorrindo mais uma porção de vezes trancou-se no banheiro e sozinho sentado na quina da banheira olhando para a porta trancada e pensando que pelo menos durante alguns minutos não teria de sorrir ou de falar ou de apertar a mão de alguém ele pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade. (VILELA, 1983, p. 144).

O conto "Amor" descreve a história de um casal que conversa em frente a uma vitrine de loja, cada personagem está presa em um pensamento diferente e essa diferença se demonstra na fala delas, por meio de uma discussão causada pela incomunicabilidade de seus sentimentos e

percepções. Em certo momento, a personagem que representa o namorado, cansado de brigar, questiona a namorada:

> – Por que não podemos passar sem brigas? Por que a gente tem sempre de estar brigando?
> – Não é minha culpa.
> – Eu sei: é minha.
> – Hoje, por exemplo: eu só estava puxando conversa, e você...
> – Foi ríspido, já sei, não precisa começar tudo de novo. (VILELA, 2009, p. 8).

O casal acaba se separando fisicamente, quando a namorada pega um ônibus e não tem tempo de responder para o namorado, conforme o rápido distanciamento do ônibus, se iria ligar ou não.

No conto "Nosso fabuloso tio" se desenvolve a história de uma família com um tio mulherengo e bebedor que agredia a mulher. Esse mesmo tio tinha a fama de ser um bom caçador, de fumar muito, mas também de ser trabalhador.

A personagem da tia é descrita como uma mulher sofrida e envelhecida, além da idade, por conta do sofrimento causado pelo tio e pela falta de dinheiro acarretada pela constante bebedeira do marido. Certo dia, o tio convida a personagem da tia para um baile, causando estranhamento na família por conta da visão negativa que todos têm dele. No baile "dizia para os que iam visitá-los à mesa: Hoje é o carnaval da velha. Pelo menos um dia na vida ela vai saber o que é viver" (VILELA, 2009, p. 61).

O objetivo da aplicação desse método era propiciar ao adolescente encontrar respostas a seus anseios emocionais, desenvolvendo e maturando seus sentimentos de forma a expor essa maturidade nos textos literários.

Quanto aos procedimentos, inicialmente foi proposto à constatação de uma carência. Em momento de roda de conversa a docente leu a definição da palavra carência no dicionário de Língua Portuguesa ***Houaiss*** (2015). Em seguida foi solicitado aos alunos a expressão de suas carências.

Após esse momento de diálogo, no qual os alunos se sentiram inibidos em demonstrar seus sentimentos, a professora propôs a eles a pesquisa em livros, revistas, letras de músicas e meios midiáticos, passagens ou trechos que ilustrassem a carência sentida para ser entregue na aula seguinte.

Na aula posterior, os alunos levaram para a sala suas pesquisas. Eles receberam uma ficha elaborada pela professora e registraram informações com a descrição dos trechos que figuravam as carências sentidas por eles. Em outro momento, essas carências individuais foram socializadas com todos do grupo, aqueles alunos que se sentiram à vontade compartilharam sua escrita.

As observações desse momentos, promoveram o relato de alguns alunos que expuseram, oralmente, não sentir e não possuir qualquer tipo de carência e seus conflitos geralmente se referiam ao momento de desenvolvimento deles, ou seja, à fase da adolescência.

Após a observação e leitura dos conflitos, relatados pelos alunos na ficha intitulada de “Ficha 1” (AP 94, página 287), a professora direcionou a realização da coleta de dados, por meio da música “O que eu também não entendo”, da banda de pop/rock Jota Quest. A letra da música foi impressa e entregue a todos os alunos, enquanto eles também ouviam o áudio.

Os alunos ouviram a canção e anotaram, na “Ficha 2” (AP 94, página 287), o verso que mais chamou a atenção deles. A professora os deixou livres para anotarem escritos de outros autores que justificassem seus sentimentos. Os alunos recorreram a memória e aos celulares para lembrar das passagens de músicas preferidas. Discutiram, brevemente, as passagens mais impressionantes em momento coletivo de interação.

Após o momento de interação, foi entregue aos alunos o conto "Felicidade" e foi solicitada a leitura individual em suas casas. A docente explicou que na aula seguinte eles iriam fazer a constatação da carência abordada pelo texto literário que agora tinham em mãos.

Na semana seguinte, com a leitura individual realizada, os alunos, entusiasmados, fizeram apontamentos sobre a leitura. Na “Ficha 3” (AP 94, página 287), a professora pediu para os alunos anotarem as passagens com as quais se identificaram. Grande parte dos alunos transcreveu o excerto referente ao momento no qual aniversariante da festa surpresa, consegue estar sozinho no banheiro, sendo este seu único momento de felicidade.

A professora entregou, então, o conto “Amor”, pedindo a realização da leitura em sala de aula. Nesse momento, ao invés da leitura individual, foi proposta a leitura sequenciada em que cada aluno leu um trecho do texto. Os alunos anotaram, na “Ficha 4” (AP 95, página 288), a passagem da história

considerada mais relevante. As fichas foram recolhidas no mesmo dia. Em momento posterior, a professora entregou o conto "Nosso fabuloso tio", a leitura deveria ser feita em casa pelos alunos. Na aula seguinte, foi realizado o momento coletivo de discussão do texto.

Logo após o debate, a docente revisou com os alunos as personagens principais e as histórias dos três contos. Em seguida, solicitou que os alunos anotassem, na “Ficha 5” (AP 95, página 288), a escolha de uma das personagens desses contos, instigando-os a escrever, em sala de aula, individualmente e de forma silenciosa, qual atitude teriam se estivessem no lugar dessas personagens: “O que você faria na mesma situação da personagem?”.

A professora propôs a socialização das escolhas realizadas e, em meio a um momento de euforia, risadas e descontração, os alunos descobriram que todos haviam escolhido o mesmo conto e a mesma personagem, sendo este o conto "Amor" e a personagem foi o namorado.

Em relação à constituição do projeto criador, ao término da socialização, os alunos foram orientados pela docente a decidirem como poderiam expressar seus sentimentos. A observação desse instante demonstrou a inibição dos alunos em produzir um material para ser entregue ao receptor, considerado por eles, especial. A dificuldade de expressar os sentimentos foi constatada.

Diante dessa percepção, a professora compartilhou com a sala que os alunos, aproveitando a data do dia das mães, poderiam fazer uma produção destinada a elas e grande parte deles optaram pela produção de uma mensagem, por meio de cartas, bilhetes, mensagens via celular, etc., destinada às mães.

Sobre a elaboração do material, os alunos registraram o que queriam dizer ao destinatário e escolheram a forma de envio do material, na “Ficha 6” (AP 95, página 288). Elaboraram o rascunho da mensagem e mostraram à professora. Os rascunhos foram passados a limpo de acordo com o canal de transmissão.

Em relação à divulgação do trabalho, aqueles que se sentiram à vontade puderam comentar as respostas ou as reações percebidas após o envio do material desenvolvido. Muitos alunos relataram que os destinatários choraram e gostaram muito das mensagens recebidas.

2.2.2. Método Criativo - Análise

O tema do método criativo era a constatação de uma carência e o objetivo foi propiciar ao adolescente encontrar algumas respostas a seus anseios e questionamentos nos textos literários. A figura 7 (PA 07, página 520), demonstra algumas carências relatadas pelos alunos. Palavras e frases como "sozinho", "preciso de alguém perto de mim", "falta de pessoas que já se foram", "culpa por não ter gastado tempo com entes queridos", "mas espero que ele me perdoe pois eu o amo", "vergonha", "medo por estar errado", "falta de tempo para descansar" estão entre as principais falas dos alunos.

Na figura 8 (PA 08, página 521), há a descrição de músicas que mais chamaram a atenção dos alunos e registravam uma carência sentida por eles, um aluno relatou: "não possuo nenhuma música que me traga carência ou me chame a atenção". Essa afirmativa nos chamou a atenção, porque todos os outros alunos fizeram registros por meio de músicas sobre sua carência [20].

Grande parte dos alunos retirou trechos da música "O que eu também não entendo" do Jota Quest. Uma aluna quis pesquisar outra música e retirou um trecho de “Fuckin’ Perfect”, da cantora de pop/rock Pink. O trecho traz a tradução feita pela aluna: "Segui o caminho errado uma ou duas vezes, cavei até consegui sair, sangue, fogo, decisões ruins, tudo bem, bem-vindo a minha vida boba. Mal tratada, deslocada, mal compreendida, sabichona, tá tudo bem, mas isso não me parou, errada, sempre em dúvida, subestimada, olha ainda estou por aqui. Querido, querido por favor nunca nunca se sinta como se fosse menos do que perfeito Querido, querido, por favor, se em algum momento você se sentir como se fosse nada, você é perfeito pra caramba pra mim".

Outra música chamada “Skin”, da banda de pop/rock Six A. M. foi traduzida por outra aluna: "Tudo que veê são cicatrizes, eles não veê o anjo vivendo em seu coração. Deixe-os descobrir o seu verdadeiro eu. Enterrado

[20] O aluno em questão sofreu a perda do único irmão que tinha em meados de fevereiro de 2015. A pesquisa foi realizada em abril de 2014. Após sofrer a perda, em conversa informal, o aluno perguntou a professora se poderia modificar sua ficha, pois agora ele possuía uma carência, agora ele não tinha mais o irmão.

bem no fundo. Deixei-os saber com tudo que você tem que você não é sua pele". As abordagens das músicas relacionam-se a questões do universo do adolescente, como o sentimento de incomunicabilidade, a dificuldade de expressão e a solidão, mesmo quando estão entre muitas pessoas.

Esse aparato comunicativo expresso por meio da música foi o incentivo inicial para o trabalho a ser desenvolvido nesse método. Segundo Bordini e Aguiar:

> A raiz do processo criativo está na atitude intuitiva do homem que se dispõe a criar. Esta depende de um incentivo que lhe é lançado por uma situação vivencial qualquer, a qual movimenta a interioridade e instala nela um desequilíbrio, uma tensão psíquica. Toda a tensão tende a desfazer-se e o indivíduo, dessa forma, procura acomodar o estímulo externo a seu aparato psíquico, de modo a reestabelecer o equilíbrio perdido. Essa disposição aberta para incorporação do elemento exterior aos esquemas já elaborados é o que se designa como motivação. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 64).

O método criativo, propondo uma tensão psíquica, inicialmente provocada pela seleção de trechos significativos de músicas, trouxe aos alunos a reflexão de que o contexto vivenciado por eles, com suas histórias, poderiam encontrar na literatura um receptor renovado a cada leitura, a cada nova estruturação, resvalando na motivação que:

> [...] provoca a reação espontânea e intuitiva do sujeito, que desencadeia o processo criativo, voltando-se para o mundo à busca de traços referenciais que o ajudem a solucionar a tensão inicial. O modo de conhecimento do mundo de que o sujeito se vale é o perceptivo, apoiado nas impressões sensoriais. Os dados conhecidos e novos que os atingem via percepção se ordenam num conjunto estável e significativo porque o sujeito não só os capta, mas os interpreta e compreende como o conteúdo da situação problemática vivida. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 64).

Na figura 9 (PA 09, página 522), os alunos deveriam registrar, do conto "Felicidade", o trecho que mais chamou a atenção deles. Um dos trechos citados é referente ao momento em que a personagem Edgar, descobre por meio da esposa, sua festa surpresa, situação descrita pelo narrador: "Seu grito de solidão jamais chegaria até ela, quando então escutou seu nome suavemente e era ela sorrindo e dizendo *fale alguma coisa querido*" (VILELA, 1983, p. 143). Outro trecho anotado pela mesma aluna diz respeito ao momento de interação da personagem Edgar com os amigos convidados pela

sua mulher para a festa surpresa, no qual a personagem não entende o motivo do riso dos amigos, "Outro amigo que estava perto riu também sem saber de quê que os dois estavam rindo e falou também qualquer coisa que não tinha nada a ver com que os dois falaram e os três riram juntos e nenhum sabia direito de quê que estava rindo" (VILELA, 1983, p. 144).

O segundo excerto da figura 9 (PA 09, página 522), revela o momento quando a personagem consegue ir ao banheiro e longe das vistas "ele pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade" (VILELA, 1983, p. 144). Na última ficha, o aluno reuniu algumas citações do livro. A primeira relata o início do conto e a distância da emocional da personagem Edgar em relação a sua mulher "E sua mulher ao lado era também apenas um rosto sorrindo e ele sentiu como estava longe dela naquele instante" (VILELA, 1983, p. 143).

A segunda citação se refere ao momento em que os convidados esperam a personagem fazer algum discurso sobre a festa surpresa "E olhando para o chão e pensando o que ia falar se não tinha vontade de falar a ninguém ali e se não tinha nada para falar" (VILELA, 1983, p. 143). A terceira citação se refere ao momento da ida personagem ao banheiro. É interessante notar modificação da aluna por meio do uso de reticências: "Trancou-se no banheiro e sozinho e sentado...ele pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade" [21].

Na figura 10 (PA 10, página 523), os alunos deveriam registrar as passagens que julgaram mais importantes do conto "Amor". A primeira citação faz referência à discussão ocorrida em praticamente todo o conto, todavia ao confrontarmos a citação da aluna com o texto original percebemos que ela fez uma espécie de resumo do trecho, "Você anda tão diferente... ─ calado... distraído... Ríspido" (VILELA, 2009, p. 6), que resultou em "Quando ele começa a dar respostas ríspidas, pois parece uma criança brigada com a outra".

A segunda citação se refere ao momento de despedida do casal "Ela já havia entrado no ônibus. Da janelinha olhou para ele: mas não sorriu, nem abanou- lhe a mão. Ele ficou vendo o ônibus se distanciar pela avenida, o rosto

[21] O trecho original é “trancou-se no banheiro e sozinho sentado na quina da banheira olhando para a aporta trancada e pensando que pelo menos alguns minutos não teria de sorrir ou de falar ou de apertar a mão de alguém ele pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade” (VILELA, 1983, p. 144).

abatido, pensando que o amor era tão difícil" (VILELA, 2009, p. 9). A terceira citação se refere a uma opinião dada pelo aluno sobre a história do conto, “Triste, pois quando a pessoa ama ela permanece dentro da gente e com certeza o amor ficou dentro daquele rapaz que provavelmente ficou esperando a sua amada voltar”.

Na figura 11 (PA 11, página 524), os alunos deveriam dizer o que fariam se estivessem no lugar das personagens do conto "Amor". Na “Ficha 1”, a aluna descreveu: "Quando o ônibus chegasse em casa esperaria ele me ligar, se ele não me ligasse, eu ligaria para podermos resolver a situação mas com certeza seria melhor se eles terminassem pois parece que eles não se comunicam mais, ele está sempre cansado e ela querendo atenção, acho que não daria mais certo". A aluna se colocou no lugar da personagem namorada e descreve ser a falta de comunicação o motivo do fim do namoro. Na “Ficha 2”, a aluna discorre que "Se eu percebesse que o amava e que ele realmente me ama também...eu voltaria atrás, pediria desculpas e o abraçava fortemente". Novamente a aluna se coloca na situação da namorada. Na “Ficha 3”, o aluno diz que "na verdade faria a mesma coisa no lugar da personagem. Sairia e esperaria a ligação e desculpas do meu namorado".

Após o trabalho com os contos, os alunos, na conclusão do método, deveriam escrever uma mensagem endereçada a uma pessoa significativa na vida deles, o que culminou nas fichas da figura 12-A (PA 12-A, página 525), na qual a aluna A/MAR/8/4, respondeu a um questionário dizendo a quem seria endereçada a mensagem que ela iria escrever, bem como o texto que escreveu.

A aluna disse que o conteúdo de sua mensagem era sobre o dia das mães, expresso por meio de uma carta entregue pessoalmente a sua mãe e o prazo seria até o segundo domingo de maio. O conteúdo da carta continha teor de agradecimento "Sabe porque tem um dia dedicado só a você? Por que ser mãe é ser guerreira, protetora, delicada, cuidadosa, paciente. Tudo isso ao mesmo tempo, transmitido por um sentimento muito forte: o amor. Parabéns por você além de ser a melhor mãe do mundo, ser minha amiga, meu anjo e meu porto seguro. Te amo!".

Todavia nesse processo de trabalho com o método criativo percebemos que o objetivo não fora completamente atingido, visto que a proposta tendeu

para um lado deveras pessoal e o objetivo tendia para resolução da problemática pessoal por meio da literatura. Assim para completar a proposta, trabalhamos com a indicação de leitura do livro ***Três Histórias Fantásticas*** (2006), de Luiz Vilela contendo três contos, sendo eles "Imagem", "O buraco" e "Fantasma".

O primeiro conto descreve a história de um jovem, trabalhado nos moldes de Narciso personagem da mitologia grega, que em busca de sua própria identidade confronta, por meio de um espelho, as perspectivas sobre si mesmo com as ideias que os outros possuem dele.

> Foi aí que eu comecei a busca. Olhava-me dia e noite no espelho, não mais para encantar-me, mas para encontrar-me, para saber quem eu era aquele dia que estava ali, no espelho. Aquele era eu: mas quem era eu? [...] comecei a pensar: essas pessoas me conhecem; elas talvez possam me dizer quem sou. (VILELA, 2006, p. 17-18).

O segundo conto, "O buraco", retrata a personagem chamada Zé, o próprio narrador de seus conflitos existenciais. A personagem sofre de algum transtorno, o que podemos interpretar inicialmente como solidão. Assim, encontra refúgio em um buraco no quintal de sua casa. Ali começa a passar seus dias, afastando-se de sua noiva Maria e de sua mãe, a qual o protagonista não revela o nome.

Em certo momento, sofrendo diversas transformações de caráter físico e psicológico, talvez repulsivas aos outros que convivem com ele, Zé prefere ficar permanentemente no buraco, fazendo com que sua mãe, que já não pode mais vê-lo (por conta do isolamento a que ele mesmo se impõe), lhe faça companhia na parte de fora do buraco. A mãe não pode vê-lo, mas o instinto materno a faz sentir a presença do filho.

Zé se afastou do mundo exterior e passou a viver como um tatu, sua aparência, com o tempo, se assemelhou a do animal. Dessa forma, ele se desapega da vida humana e passa a se sentir incomodado com os ruídos sociais. Todavia, com o tempo e o isolamento proporcionado pelo o buraco, a personagem sente saudades dos sons humanos e busca no meio da noite, às escondidas, se aproximar da casa de sua mãe, momento em que ouve conversas a respeito de sua noiva que o deixara por outro homem. Ele sente

uma pontada no peito, porém ironiza com “humor” a situação, pensando em uma manchete de jornal: "Mulher apaixonada por um tatu mata-se" (VILELA, 2006, p. 37).

O terceiro conto descreve a história de um homem que vai passar férias na casa abandonada de um tio e descobre que lá vive um fantasma, iniciando com ele um diálogo inusitado. O fantasma deseja assustar o homem, mas quem acaba se assustando é a própria assombração:

> ─ Mas a Bomba Atômica...Não se arrependeram de ter feito a Bomba?
> ─ Disseram.
> ─ Meu Deus, meu Deus, ─ ele disse tirando a cabeça e cobrindo-a no peito com as duas mãos.
> ─ E as guerras? ─ eu disse.
> ─ Não! ─ ele disse. ─ Não quero mais saber disso. Por favor, não me fale mais disso.
> Foi uma coisa estranha, então, como ele começou a tremer, a ponto de fazer barulho na cadeira.
> Perguntei o que estava havendo com ele: com voz trêmula, ele respondeu que era medo.
> ─ Medo?
> ─Quase dei uma risada.
> ─ Mas medo de que? ─ perguntei.
> ─ medo de vocês homens. (VILELA, 2006, p. 46).

As três histórias são permeadas de questões existenciais, reflexões acerca da vida, identidade e solidão. A leitura do livro ocorreu em sala de aula. Os alunos, além da admiração pelos contos, se encantaram com a versão e *design* do livro, que possui três cores diferentes (amarelo, rosa e verde) que, remetem ao estilo de desenho infantil, e ilustram os contos.

A discussão dos contos resultou na criação de um poema presente na figura 12-B (PA 12-B, página 526), o é transcrito a seguir:

“A dúvida destemida”

Eu cresci, eu vivi
Tô à-toa, tô de boa.

Só me intriga uma coisa,

O que sou de verdade,
Ninguém sabe.

Saí perguntando o que acham de mim,
Mas dizer a verdade ninguém tá afim.

A vida é cheia de dúvidas e descobertas,
Umas erradas e outras certas.

Eu quero seguir a minha vida,
E a dúvida destemida,
Um dia, será resolvida

E a verdade vou transformar em liberdade
A sociedade em igualdade
E o amor em cumplicidade

A/MAR/8/4, A/LET/8/4, A/CAM/8/4

Esse poema foi resultado de um processo de discussão dos alunos em relação ao conto "Imagem", e está de acordo com as carências citadas pelos alunos no início do método criativo. As carências constatadas foram expressas em cartas enviadas pelos alunos a seus entes, todavia esses momentos não puderam ser registrados pela necessidade de privacidade exposta pelos adolescentes, culminando na necessidade de uma alternativa que pudesse registrar a exploração dessas carências e a superação das mesmas por meio da literatura. As próprias autoras Bordini e Aguiar discorrem sobre essa necessidade adolescente, dizendo: "O contato informal do professor com a turma permite que perceba o interesse de seus alunos por assuntos amorosos, bem como uma grande inibição em manifestar esses sentimentos" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 75).

Enquanto que no conto "Imagem" a personagem se vê envolta em dúvidas sobre sua verdadeira identidade e questiona os outros em uma tentativa de se descobrir, o texto dos alunos, com o título de "Dúvida destemida", mostra um narrador um pouco mais resolvido com sua questão existencial sabendo que suas escolhas podem acarretar diferentes momentos com dúvidas limitadas a estes momentos e isso não lhe causa grandes conflitos. O narrador ainda se mostra esperançoso, buscando a igualdade na sociedade e vendo o amor como forma de aproximação das pessoas (cumplicidade). Quanto à verdade, o narrador traça um paralelo com a

liberdade, querendo demonstrar que nos tornamos livres quando descobrimos a verdade.

As carências detectadas tais como o sentimento de impotência diante dos acontecimentos da vida, a passividade na reflexão sobre os sentimentos e suas origens entre outros, não foram supridas, em primeiro momento, por meio da literatura. O que se constatou foram alunos escrevendo de forma sistemática apelos carinhosos às mães como resultado da própria temática dada pela docente.. Após a leitura do livro ***Três Histórias Fantásticas*** (2006), os alunos desenvolveram um poema e solucionaram algumas de suas inquietações expostas no início desse método. Em suma a fase da adolescência é permeada por conflitos que tendem a ações ditas rebeldes, mas que, muitas vezes, não contribuem para analise ou reflexões que podem amenizar os sentimentos em ebulição dessa fase. Os problemas podem ser resolvidos quando os jovens conseguem ter uma visão afastada de seus próprios sentimentos, na medida em que conseguem perceber que muitas pessoas passam pelo mesmo processo. É possível externalizar e entender as angústias, medos e inseguranças por meio do processo de leitura e escrita literária que revela uma prática criativa, reflexiva e auxilia o aluno na percepção de sua própria identidade. Os discentes citaram a necessidade de uma sociedade que promova igualdade, na qual eles buscam a verdade e propõem o amor como resposta para uma sociedade evoluída. Observando a proposta do poema criado pelos alunos é possível inferir que o objetivo do método foi alcançado.

2.3. Método Recepcional (3º momento)

O método Recepcional preocupa-se com a recepção da obra pelo leitor, ou seja, centra-se no ponto de vista do leitor, colocando em discussão o próprio conceito de literatura. Essa perspectiva é incomum no cenário escolar brasileiro

observando-se que o ponto de vista do leitor não faz parte da tradição escolar. As bases dessa teoria têm suas raízes na *estética da recepção*[22].

A estética da recepção propõe que o texto dialogue com o leitor, que o trabalho artístico transforme-se em objeto estético e artístico do leitor, sob o qual se forma uma concretização da obra justamente no momento de interação do leitor com o texto. Entretanto, diferentemente da comunicação entre duas pessoas que pode ser realizada por meio de um diálogo promotor de perguntas e respostas:

> Com a obra e leitor isso não é possível, uma vez que a obra fornece pistas a serem seguidas pelo leitor, mas deixa muitos espaços em branco, em que o leitor não encontra orientação e precisa mobilizar seu imaginário para continuar o contato. A atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 83).

O horizonte de expectativa de uma obra torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e grau que ela produz seu efeito sobre um suposto público, o que Jauss (1971) nomina como *horizonte de expectativas*[23]. A obra se caracterizaria por ser social, intelectual, ideológica, linguística e literária, e seu valor está na capacidade de expandir horizontes: " no ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 83).

Envolvimento seria a palavra definidora da ação ou troca entre a obra e leitor, uma vez que a leitura de uma obra considerada difícil pelo aluno pode provocar uma tomada de consciência, influenciando-o na busca de outros pré-requisitos, como o conhecimento do gênero, as formas e temas textuais para entender o desenvolvimento e a repercussão da obra.

O desenvolvimento do processo receptivo estará completo quando o leitor "tendo comprovado a obra emancipatória ou conformadora com a tradição e os elementos de sua cultura e de seu tempo, a inclui ou não como

---

[22] Para aprofundar o conceito sobre *estética da recepção,* buscar INGARDEN, R. ***A obra de arte literária***. Lisboa: Calouste, Gulbenkian, 1973. VODICKA, F. A história da repercussão das obras literárias. In: TOLEDO, Dionísio (org.). ***Círculo Linguístico de Praga***; estruturalismo e semiologia. Porto Alegre: Globo, 1978.

[23] JAUSS, Hans Robert. La história literária como desafio a la ciência literária. In: GUMBRETCH et al. ***La actual ciência literária alemana***. Salamanca: Anaya, 1971.

componente de seu horizonte de expectativas, mantendo-o como era ou preparando-o para novas leituras" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 85), ou seja, a atitude receptiva promove a emancipação e a reformulação de suas exigências enquanto leitor.

Os objetivos do método recepcional consistem no desenvolvimento de atitude participativa dos alunos no contato com os diferentes textos. A função docente recai em provocar questionamentos sobre as temáticas levantadas pelos alunos, levando-os a uma análise crítica de seu próprio comportamento, fazendo-os revisarem os conhecimentos internalizados, rompendo ou ampliando suas expectativas.

Com esse intento como finalidade, o professor deve proporcionar ao estudante leituras que problematizem suas convicções, incitando-o a refletir sobre suas atitudes, transformando-as, o que para a estética da recepção significa que o indivíduo é um sujeito social em transformação, capaz de alterar todas as esferas sociais das quais faz parte.

A avaliação desse método a ser realizada pelo professor consiste na observação do aluno em sua leitura, tendo como efeito a busca por obras compreensivas e críticas, tornando-se receptivo a leitura de novos textos e questionando as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural.

No que se refere à estrutura, o método recepcional se desenvolve nas seguintes etapas de aplicação: determinação do horizonte de expectativas, atendimento ao horizonte de expectativas, ruptura do horizonte de expectativas, questionamento do horizonte de expectativas e ampliação do horizonte de expectativas.

Na determinação do horizonte de expectativas, os alunos, por meio da leitura individual e livre, escolhem matérias, notícias e reportagens que desejam ler, enquanto o docente observa os assuntos mais pertinentes. Em seguida, promove um debate oral dos temas e de suas implicações, extraindo do debate o assunto mais significativo para a sala, pedindo logo depois, para buscarem nos textos lidos elementos que mais os tocaram.

Quanto ao atendimento do horizonte de expectativas, o docente propõe a leitura em casa de um texto literário relacionado à temática em questão, tecendo por meio da capa dos livros propostos alguns comentários. O professor divide a classe em dois grupos: um irá preparar perguntas

pertinentes à narrativa lida e o outro irá propor perguntas inusitadas sobre a mesma. A forma como cada grupo responderá a cada questão deve ser previamente estabelecida por todos.

Na ruptura do horizonte de expectativas, após o levantamento dos elementos textuais que mais chamaram a atenção dos estudantes, o docente propõe uma nova leitura literária, em que os alunos devem contar por escrito a história de uma das cenas que envolva a personagem central. Cada grupo deve ler em voz alta seu texto, a ser avaliado pelos demais grupos. Ao término da leitura, os grupos trocam as histórias escritas e as quadrinizam.

Quanto ao questionamento do horizonte de expectativas, os estudantes elaboram uma reportagem a partir da história lida, por meio de um roteiro investigativo centrado nas personagens da obra. O foco da reportagem é a personagem escolhida. O texto final deve ser lido por todos.

Finalmente na fase de ampliação do horizonte de expectativas, depois de estabelecidas as diferenças ou semelhanças entre as personagens das obras lidas, o docente prepara cartazes com perguntas pertinentes a cada narrativa. Fixadas nas paredes, as perguntas devem provocar o estranhamento nos alunos, que, por sua vez, devem buscar no contexto da obra elementos relacionados com a pergunta feita de forma a respondê-la. Ação que provavelmente levantará novas discussões e novas leituras:

> O método recepcional provoca a formação de alunos que não temem a ruptura com o estabelecido, questionadores constantes e reflexivos em termos de ajustamentos sociais. Ao romper com as estruturas vigentes, pode acontecer que venham a minimizar o passado ou reproduzi-lo em termos de clichês culturais. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 154).

Para não ocorrer a ação de minimizar o passado ou reproduzir clichês culturais, é necessário a promoção de atividades que mobilizem o acervo de conhecimentos herdados pelos alunos, esse contexto promoverá a perspectiva de que os horizontes que eles possuem estará sempre ligado à vivência que eles possuíam anteriormente.

2.3.1 Método Recepcional - Aplicação

O método recepcional, do currículo por áreas, teve como conteúdo “A literatura social”. Os materiais utilizados foram os contos de Luiz Vilela: “Pai e filho”, “Por toda a vida” e “Escapando com a bola”.

O conto "Pai e filho" descreve a história de um pai chamado Geraldo que em um bar, relata ao amigo Rubens estar chocado por causa de um acontecimento com seu filho. O texto se desenvolve com os lamentos do pai, nos quais suas lembranças são carregadas de emoção relembrando os momentos passados com o filho para, quase no final do conto, revelar o que realmente aconteceu a ele:

> – Foi seis dias depois que aconteceu ─ ele disse, dessa vez olhando na direção da janela, para o escuro do pequeno jardim lá fora. ─Quer dizer: que eu fiquei sabendo, pois o fato mesmo foi no dia anterior- esclareceu já controlado, com aquela calma que vem depois de um momento de emoção e lágrimas. ─ Eu tinha saído de manhã para o serviço no ponto final do lotação tem uma banca onde eu sempre compro jornal. Eu comprei e fui folheando. E então, lá na última página estava a fotografia: "Terrorista morto pela polícia". (VILELA, 2001, p. 74-75).

No conto “Por toda a vida”, se desenvolve a história de um casal que, muito apaixonado, resolve se casar apesar das ressalvas da mãe da moça:

> – Nós já somos pobres, e você ainda namora um rapaz mais pobre do que nós? – Falou a mãe, que não via com bons olhos aquele namoro.
> – Quê que tem isso, Mamãe? Ele é trabalhador e inteligente.
> – Isso não basta. Sem dinheiro, ninguém vale nada hoje. É o dinheiro que manda. Em toda a parte é assim. Você ainda é moça e inexperiente. É melhor casar com um homem bom e rico do que com um homem bom e pobre. Não estou desfazendo dele, parece até ser um bom rapaz. Mas você ainda é inexperiente. Casar hoje com uma pessoa pobre não é um bom negócio. (VILELA, 2001, p. 94).

A moça se casa e algum tempo depois, com filhos, ao observar sua vida, dá razão para as opiniões da mãe e acredita que a falta de dinheiro acarretou brigas e culminou com a tristeza de seu casamento.

O conto “Escapando com a bola” relata a história de dois jovens com carreiras promissoras na área futebolista, quando um acontecimento

inesperado interrompe a carreira de ambos. O conto vai tecendo a história de modo que uma das personagens mostra-se culpada pelo episódio ocorrido e tenta se encontrar com a outra personagem a quem causou o problema.

O encontro ocorre em um bar e a personagem causadora do problema tenta se redimir da culpa carregada por longo tempo. Embora a personagem que sofreu a ofensiva, que resultou na interrupção de sua carreira, pareça fria e firme em não perdoar o adversário, ao final do conto, quando se levanta de repente e interrompe o diálogo indo embora e deixando o ex-colega sozinho na mesa do bar, ocorre a surpresa. Ao se levantar e se encaminhar para o balcão do bar, a personagem causadora do problema reflete "assim era e assim devia ser ─ conclui a caminho do balcão, onde, surpreso, ficou sabendo que o outro tinha pago sua cerveja (VILELA, 1979, p. 86).

Quanto ao objetivo do método recepcional foi proporcionar, aos alunos, o contato com textos que representem problemas sociais no Brasil.

Em relação aos procedimentos didáticos sobre a determinação do horizonte de expectativa, a professora levou, para a sala de aula, jornais com assuntos voltados para temas sociais, como filhos que matam pais, jovens presos por tráfico de drogas, jovens estupradas, enfim, situações que, nos dias atuais, fazem parte do cotidiano de todas as pessoas e estão sendo divulgados pelos meios de comunicação.

Após a exposição, a docente propôs uma sessão de leitura em que os alunos selecionaram, dentre os textos trazidos para sala, alguns identificando uma problemática social. Os alunos ainda não tinham conhecimento do objetivo do trabalho.

Não foi solicitada a formação de grupos, mas os alunos voluntariamente se reuniram com outros colegas por grupos de mesmo interesse ou focados no mesma temática. Durante a leitura, a professora circulou entre as carteiras, observando e dialogando sobre os assuntos escolhidos pelos alunos, com base no que já havia sido previamente conversado com eles.

A observação deste momento demonstrou que, apesar de estarem reunidos em grupos, os alunos permaneceram em silêncio, não deram risadas e não esboçaram o humor presente nas aulas anteriores. Em diálogo com a docente, disseram que mesmo tendo acesso a muitos jornais e revistas em casa, evitavam ao máximo esse tipo de leitura.

Ao término da atividade, a professora promoveu um debate informal sobre os temas levantados e solicitou aos alunos que, dentre as notícias escolhidas, eles deveriam separar a que mais chamou a atenção deles. A escolha da reportagem precisaria ser justificada. Após esse momento, foi solicitado aos alunos o registro em uma cartolina sobre a temática da notícia escolhida.

Em relação à formulação de hipóteses e para atender aos interesses levantados pelos alunos sobre o tema (problemática social), a professora propôs a leitura do conto “Pai e filho”, do escritor Luiz Vilela.

Os alunos reunidos em círculo iniciaram uma leitura coletiva, com cada aluno lendo uma parte do conto. Ocorreram manifestações de comentários por parte dos alunos e da docente, despertando interesse pela leitura, motivando a curiosidade dos alunos. A última parte do conto, na qual ocorre a revelação da história, não foi entregue aos discentes.

Após a leitura, a docente escolheu um aluno que fez o papel de investigador, interrogando os outros alunos sobre quais as possibilidades do que teria ocorrido com a personagem filho.

Depois do interrogatório, nenhum aluno acertou a resposta para o final da história do conto. Em meio a muita curiosidade, euforia e solicitações para revelação do final da trama, a professora contou o final da história causando perplexidade e comentários sobre nenhum deles imaginar ser a personagem filho um terrorista.

Diante da discussão causada pelo final da história, os alunos interrogaram a docente sobre a personagem filho realmente ser um terrorista ou se não fora a polícia quem forjara as informações, tornando um inocente culpado. O questionamento permitiu a professora fazer uma proposta, aceita pelos alunos.

Eles foram separados em dois grupos, um defenderia a personagem taxada como terrorista e o outro defenderia a polícia. Essa divisão de alunos foi feita de acordo com as escolhas deles, e grande parte dos alunos optou pelo grupo que acusava a polícia, justificando que haviam ficado com dó da personagem pai.

Sobre a ruptura do horizonte de expectativas, a atividade propiciou a revelação dos elementos textuais extraídos do texto, revelando as angústias que envolviam um pai na tentativa de entender a tragédia vivida por seu filho.

Em face disso, a professora propôs, na aula seguinte, a leitura do conto “Por toda a vida” e "Escapando com a bola", narrativas que explanam os interesses sociais em torno do matrimônio, das relações familiares e de uma personagem que tenta vencer o isolamento e receber perdão de um companheiro de profissão.

Após a leitura, os alunos, divididos em dois grupos, fizeram uma esquete dos dois contos lidos. Dessa atividade surgiu a ideia da elaboração de um teatro. O projeto do teatro, que foi levado muito a sério pelos alunos, a ponto de solicitarem aulas de quartas-feiras para que pudessem criar, encenar e estudar o desenvolvimento da peça, surgiu da necessidade expressa pelos próprios alunos. O teatro sobre o conto "Escapando com a bola", escolhido pelos alunos, foi apresentado aos alunos do Ensino Fundamental I e II, em data que culminou com a festa do pijama da escola pesquisada. A interpretação desse conto também foi gravada. Uma aluna do grupo escreveu o roteiro de apresentação do teatro.

Em momento posterior, a sala foi dividida em quatro grupos, cada qual encarregado de desenhar uma das cenas das personagens centrais dos contos estudados. O desenho serviu de roteiro para a elaboração de uma história em quadrinhos. A descrição conteve todos os indicadores de espaço, tempo, sequência de ações, caracterizações, falas, etc.

Depois de realizada a atividade, cada grupo leu em voz alta seu texto e os outros grupos avaliaram se este correspondia à história lida. Aprovadas, as versões foram trocadas entre os grupos, para que todos pudessem verificar as histórias. Os alunos expuseram seus trabalhos, por meio desse compartilhamento entre grupos.

A atividade terminou com os grupos comentando seus próprios textos. Quanto à verificação do horizonte de expectativa, a professora, relembrando a atividade e os trabalhos realizados, propôs a discussão do texto utilizado por cada grupo.

Na ampliação do horizonte de expectativas, a discussão anterior coincidiu sobre a constatação das regras impostas pela sociedade, os

estereótipos estabelecidos e as influências que estas visões tinham na vidas e formação dos alunos.

De posse desses dados, a professora expôs na lousa as seguintes questões: 1) Como a sociedade determina o comportamento das pessoas? 2) Que outros problemas sociais afetam o comportamento das pessoas? A docente incentivou-os a relacionar as questões com o conteúdo dos contos estudados.

Após a explanação feita na lousa, ocorreu a proposta final de buscar uma relação dos problemas sociais na literatura, verificando como o escritor Luiz Vilela trata dessa temática em sua obra e como seus temas são atuais e trazem para nossa sociedade relevante contribuição, promovendo-se uma análise mais crítica.

2.3.2. Método Recepcional - análise

No método recepcional o objetivo foi ampliar a visão do aluno na tentativa de elaborar leituras compreensivas e críticas. Neste método os alunos realizaram a leitura de "Pai e filho", "Por toda a vida" e "Escapando com a bola".

Na figura 13 (PA 13, página 530), há uma releitura do conto "Pai e filho", adaptada ao modelo de história em quadrinhos, sugestão dada pela docente, já que o método apregoa a recepção por meio da imagem. A história foi feita por um grupo de alunos. Na história, distribuída em 8 quadrinhos, não há o desenho de pessoas, só aparecem os balões de falas das personagens e os objetos representantes dos espaços de um bar, de uma cozinha, de uma sala de estar e de uma banca de jornal. A história começa com um diálogo no bar e a aparente lembrança do pai, desenhadas em outros dois quadrinhos, sobre as raras vezes que o filho estava em casa. Segundo os alunos a ausência de pessoas nos quadrinhos foi intencional remetendo ao conto que, para eles, representava a ausência de relações do pai e filho. E a aparente falta de nexo da história em quadrinhos representou a incomunicabilidade nas relações percebida na leitura do conto, como, por exemplo, o fato de o pai não saber onde o filho trabalhava e nem sequer sobre sua morte.

Na figura 14 (PA 14, página 531) e 15 (PA15, página 532), a releitura é sobre o conto "Por toda a vida". Um grupo de alunas fez uma adaptação da história distribuída em seis quadrinhos. Na figura 14 (PA 14,página 531), há a história em quadrinhos e, na figura 15 (PA 15, página 532), há a explicação do grupo sobre os quadrinhos que reproduziremos na íntegra, "Entre os personagens do conto (o pai, a mãe, a filha...) escolhemos a mãe. Como no texto diz que ela era uma mulher gananciosa, que gostava muito de dinheiro, pegamos somente ela e criamos uma nova história com base na mãe. Na nova história ela se casa com um homem muito rico, só que infelizmente seu marido falece. Com o marido falecendo, suas contas aumentam, contas bancárias, dívidas muito caras e com isso seu dinheiro está quase acabando. Só que ela descobre que está grávida de seu falecido marido. E vê em sua filha uma chance de ganhar novamente todo o seu dinheiro".

A elaboração dessa história surpreendeu a docente na medida em que esses alunos, a partir de uma personagem de Vilela, criaram uma história nova na qual o final produz um contexto inquietante que demonstra a face cruel do ser humano, expondo uma adequação fria e calculista ao sistema na busca por capital. Situações de sofrimento não fazem a personagem dos alunos refletir sobre as ações num sentido mais humano, a tornam mais endurecida e focada no plano de ter dinheiro.

Na figura 16 (PA 16, página 533), também há a releitura do conto "Pai e filho", distribuída em 18 quadrinhos. Os alunos conseguiram desenvolver uma história com um pouco de humor quanto aos diálogos utilizados, apesar de lidar com o tema da morte que geralmente é visto sob uma perspectiva trágica pela sociedade. A personagem filho já não é um terrorista, como no conto original, e sim um traficante que é morto por ter se arrependido e não querer transportar drogas. A história dos alunos responsabiliza a personagem filho pela falta de comunicação, propondo que o afastamento entre as personagens ocorre como resultado de o filho resolver se tornar um traficante.

No conto original, a história se passa como uma lembrança do pai em relação aos momentos com o filho, já, na releitura, os alunos inserem um diálogo entre ambos. No penúltimo quadrinho, há a revelação da morte do filho com a frase "Nossa um garoto de 20 anos morto por traficantes após não querer passar drogas", o que causa um estranhamento no pai e no leitor

porque a personagem filho se arrepende da ação, mas já é tarde demais. O último quadrinho mostra o pai no enterro do filho já mais conformado com a morte. Outra modificação é a retirada da personagem Rubens, amigo do Geraldo, pai da personagem que vem a se tornar terrorista.

As releituras realizadas pelos alunos têm em comum os finais não remeterem aos contos de fadas, as personagens não ficaram felizes para sempre, como nos textos escritos no método científico, os alunos descreveram a dor das personagens e as ações humanas que são consideradas negativas, naturais, com certa dose de humor e ironia aproximando-se da realidade cotidiana e do estilo de escrita de Luiz Vilela.

Os alunos também produziram diálogos e expressaram, por meio de imagens, o descontentamento das personagens, sem tentar remediar a situação. Como na releitura de "Por toda a vida", em que as alunas a partir da personagem mãe criam outra história com proposta de final inusitado pois a mãe não se arrepende e, quando nasce sua filha, vê nela outra oportunidade de lucrar. Os objetivos foram atingidos, os alunos ampliaram sua visão de mundo e criaram narrativas que geravam reflexões acerca do modo como a sociedade se estrutura.

2.4. Método Comunicacional (4º momento)

O método comunicacional estrutura-se em torno da valorização da linguagem, proposta que a coloca como constituinte dos fenômenos culturais, e, portanto, exteriorização do pensar. As autoras fundamentam seus estudos nos postulados comunicacionais de Jakobson (1985)[24], para quem a comunicação é constituída de atos comunicacionais compreendendo o remetente, a mensagem, o destinatário, o contexto, o código e o contato, que, assumindo ordens hierárquicas diversificadas, determinam a intenção do remetente com o destinatário.

Jakobson (1969), reitera ser todo ato comunicativo o elo entre a mensagem de um emissor (remetente) que enviará a alguém (destinatário), por meio de um sistema de signos (código), e de veículo de comunicação (canal) a

[24] JAKOBSON, R. ***Linguística. Poética. Cinema***. São Paulo: Cultrix, 1985.

partir de uma temática comum (contexto) aquilo que deseja transmitir (mensagem).

Cada elemento comunicacional é pensado e estruturado a fim de alcançar o objetivo comunicativo, portanto, assume funções diferentes em determinados contextos, denominadas de: denotativa (o tema ou aquilo que se fala – contexto), emotiva (o remetente e sua disposição para emitir algo a alguém), conativa (aquele que é afetado pela mensagem emitida – destinatário), fática (o elemento que possibilita a veiculação da mensagem – canal), metalinguística (o sistema de signos que constroem a mensagem – código) e a poética (aquilo que comunica – mensagem). Nesse sentido, esses elementos comunicacionais são dispostos para o remetente conseguir, por meio de uma motivação, interagir com os demais.

Um ensino de literatura, por meio do método comunicacional, centra-se na busca em desvendar outros elementos participantes da construção significativa da narrativa, como a análise metalinguística, os objetivos fáticos, o seu teor referencial, o modo como os signos são dispostos, explorando, assim, a apreensão das ideias principais, da aquisição do vocabulário e da identificação historiográfica, comumente observada no trabalho com o texto literário.

A avaliação desse método é qualitativa, e deve ser feita constantemente dentro do processo educativo, sendo capaz de constatar se os estudantes conseguem discernir textos em linguagens variadas, observando suas particularidades e suas intenções nos processos comunicativos.

Constituem-se etapas de desenvolvimento do método comunicacional o contato com textos que comuniquem um fato individual ou social; a identificação dos elementos do jogo comunicativo; a análise das funções linguísticas expressas nos textos comunicativos; o exame das formas de manifestação da função predominante e o cotejo dos textos quanto à predominância de funções linguísticas.

No contato com textos que comuniquem um fato individual ou social, ocorre o trabalho que se inicia partir de uma situação problemática que tenha ocorrido em sala de aula, o professor disponibiliza textos que a retratem, mostrando os direitos e os deveres referentes ao caso. Em seguida, pede aos alunos que escrevam, priorizando um veículo de comunicação, textos

denunciando tais atos. Entrega para cada aluno um texto literário que tenha em seu cerne a temática veiculada. Em grupos, os alunos discutem sobre o tema e preparam um documento para ser enviado ao canal que o compete. O docente pede aos estudantes, como lição de casa, a observação de como as pessoas de seu cotidiano se comportam em relação ao tema em estudo, registrando os apontamentos em fichas. Os apontamentos devem ser discutidos perante a turma e indicações de leituras devem ser disponibilizadas para suscitar mais descobertas.

Quanto a identificação dos elementos do jogo comunicativo, o professor distribui diagramas a serem completados pelos grupos a partir das suposições feitas por meio do título do livro. Enquanto os colegas que leram o texto analisam o preenchimento.

Na análise das funções linguísticas expressas nos textos comunicativos, os discentes escolhem dois textos diagramados e invertem suas histórias. Logo em seguida, narram a nova história e a relacionam com a narrativa original, para a sala decidir qual teve o sentido mais pleno.

No que se refere ao exame das formas de manifestação de função predominante, o professor propõe a elaboração de seminários sobre os textos lidos, entregando-os para cada aluno. Os textos nortearão a intervenção a ser feita. Após o término da atividade, agrupa os alunos e inicia um debate. O objetivo é que ao final do debate os alunos consigam identificar qual função da linguagem predominou nos textos lidos.

Quanto ao cotejo dos textos quanto à predominância de funções linguísticas, os alunos, em posse das funções predominantes em cada texto, têm por objetivos modificá-las por outras, observando os efeitos obtidos:

> O método comunicacional produz sujeitos capazes de perceber a vida como um jogo de comunicações em que circulam mensagens emitidas com certas intenções, recebidas através de um filtro também intencional, em que influenciam o canal, o código e o contexto a que estão vinculadas. (BORDINI; AGUIAR; 1993, p. 154).

Por ser um método analítico, deve-se observar que as ações não recaiam em atividades mecânicas pautadas em esquema teórico isolado da prática comunicativa global. Ocorre a necessidade de considerar todos os

elementos analisados sob um contexto de vivência social e significativa para o aluno.

2.4.1. Método Comunicacional - aplicação

No método comunicacional, o conteúdo recaiu na literatura como expressão comunicacional da sociedade. Os materiais utilizados foram os contos: “Feliz Natal” e “O suicida”.

O conto "Feliz Natal" apresenta a história de um homem cheio de mistérios que sai de sua casa no meio da noite de natal para buscar uma encomenda. Ele se disfarça e, no caminho, tenta se desviar de todas as pessoas para não ser reconhecido. Depois de pegar a encomenda que foi buscar, volta rapidamente para seu prédio, onde tem uma surpresa:

> E assim, bufando de cansaço e exausto emocionalmente, chegou ao décimo andar onde morava para descobrir que, exatamente agora, na última etapa de sua caminhada, o maior dos azares o esperava: a porta do apartamento vizinho estava aberta e havia gente na sala conversando [...] chorou de raiva. (VILELA, 1979, p. 19).

Após essa contrariedade, o homem é salvo por um acidente de carro ocorrido na rua, que faz com que todos os ocupantes do apartamento vizinho corram para as janelas e escadas, deixando o caminho livre para ele voltar à segurança de seu apartamento, para finalmente abrir o pacote que havia buscado, com um litro de vinho e um pote de azeitonas, com os quais, sozinho, brinda um “Feliz natal”.

O conto “O suicida” descreve a história de um homem que liga para uma rádio dizendo que alguém vai se suicidar. Logo a história se prolifera e na frente do edifício citado pelo homem ao locutor do rádio, se amontoa uma multidão. As pessoas ali reunidas discutem sobre a possível tragédia:

> O magrinho voltou para fora: "O cúmulo do azar é se um freguês me chamar na hora exata que o sujeito pular." O velho olhou para dentro da loja para ver de quê que era e ficou mascando as gengivas, depois voltou a olhar para o alto do edifício. Olhou as horas. " Ainda tenho de ir longe daqui", falou; "Até as cinco e quinze eu espero; se até a essa hora não acontecer nada, eu vou embora, não posso perder tempo". Quando parava de falar, mascava mais depressa ainda. "Bom se a

> gente tivesse um binóculo aqui", falou o magrinho. (VILELA, 1983, p. 122).

Ao final do conto o suicídio não acontece, ninguém pula, só a multidão continua a discutir sobre a situação, esperando, ansiosa, como se a ocasião fosse um grande espetáculo e torcendo para que tragédia acontecesse.

O objetivo do método foi propor à classe textos literários para análise dos procedimentos artísticos associados à denúncia e reivindicação social.

Quanto aos procedimentos, foram passados aos alunos dois vídeos abordando o tema sobre direitos humanos e o código de defesa do consumidor. Ocorreu uma discussão sobre os temas apresentados nos vídeos.

Após a conversa, a professora propôs aos alunos a realização de uma pesquisa via internet ou outros meios aos quais eles tivessem acesso, sobre Código de Defesa do Consumidor e Direitos humanos, para posterior discussão do tema.

Em outro momento de interação, os alunos relataram à professora a percepção do Código de Defesa do Consumidor como uma ferramenta que pode ser utilizada no dia a dia, mesmo não sendo empregado por grande parte das pessoas, seja por falta de conhecimento ou por falta de vontade de buscar seus direitos.

Em relação à pesquisa sobre os Direitos humanos, os alunos relataram que os cidadãos têm muitos direitos, porém, esses não são respeitados, a própria população não cobra um posicionamento político e social para que estes sejam cumpridos.

Com base nessa discussão a docente dramatizou o conto "Feliz Natal", utilizando um terno preto, montando um cenário com pouca luz, expressando as características da personagem, como a perna manca e a demonstração dos sentimentos de medo e pavor.

A professora leu alguns trechos em voz alta e, ao final do conto, instigou os alunos a identificarem quais os elementos guardados no embrulho e perguntou aos alunos qual o motivo do disfarce da personagem, de seu medo e do mistério envolvendo toda a história.

Os alunos expressaram reações animadas, empolgadas e curiosas diante das respostas de todos os envolvidos, solicitando constantemente a

revelação do conteúdo do embrulho. O mistério foi mantido com a promessa de resolução na próxima semana de aula.

Na aula seguinte, já sem estar caracterizada, a docente retomou o assunto abordado na aula anterior, aguçando a mesma curiosidade nos alunos. Como nenhum aluno acertou qual era o conteúdo do embrulho, a professora revelou que havia o vinho e o pote de azeitonas.

A revelação causou frustração nos alunos, eles não entenderam o significado de a personagem ter que esconder aqueles elementos. A decepção fez os alunos levantarem a hipótese de perguntar ao escritor Luiz Vilela sobre qual o motivo teria uma personagem para se esconder e ter tanto medo para comprar um vinho e um pote de azeitonas.

Nesse momento, observando todas as reações, a docente interveio trazendo para a discussão o questionamento sobre a data de publicação do conto e o que estava acontecendo no Brasil nesse período.

Sem dizer qual era o período, narrou alguns acontecimentos, expondo o regime militar, no qual havia toque de recolher, esboçando um sistema repressor para aqueles que desejassem combater o governo e dizendo que as medidas supressoras da liberdade foram sentidas principalmente nas capitais, pois nas cidades interioranas a percepção desse sistema não foi tão intensa.

Nesse momento, a professora destacou a questão da liberdade de expressão e, assim, entrou na literatura de Luiz Vilela, explicando que o conto na verdade era uma denúncia velada sobre esse período em que a liberdade para escrever era cerceada, o autor não poderia escrever a denúncia de forma mais clara sob pena de não ter seu livro publicado.

Uma aluna, interpelando a professora e se expressando com emoção, disse ter descoberto a chave do mistério. O conto se tratava do período da ditadura, ela havia entendido o sentido do texto, propondo-se a explicar aos amigos a sua visão.

Muitos pontos, após a descoberta da aluna, foram tratados pelos colegas de sala, como o medo da personagem em ser identificada e denunciada e até mesmo presa e torturada. Discutiram a tensão e a angústia que pairava sobre a época, resultando na falta de liberdade de expressão e na repressão dos direitos. O vinho foi colocado como fator embriagante e,

portanto, alienante sobre a realidade e a azeitona como algo tão pequeno como era a liberdade naquela época.

A questão sobre a liberdade de expressão e sobre a repressão dos direitos foi retomada em aula posterior para propor uma discussão sobre o que seres humanos fazem quando têm liberdade para expressar suas ideias. Neste momento, foi promovida a atividade de leitura do conto "O suicida".

A atividade foi desenvolvida com os alunos divididos em grupos, de no máximo quatro pessoas, para realizar a leitura do conto. Os contos deveriam ser organizados segundo a estrutura original do texto, já que estavam desorganizados, os parágrafos haviam sido recortados e misturados. Para isso, foram dadas a cada grupo cartolinas em que deveriam anexar e organizar em sequência as partes do conto.

Sobre a identificação dos elementos do jogo comunicativo, depois de realizada a leitura dos contos, a professora propôs correlação dos textos lidos, colocando um esquema no quadro.

Esse esquema foi desenvolvido em relação aos contos "Feliz Natal", "O suicida" e aos temas sobre Direitos humanos e Código de Defesa do Consumidor. Os alunos deveriam refletir sobre questões como: Quem? A quem? O quê? Através de quê? Quais as regras para x funcionar? Sobre o quê?

Os alunos, em conjunto com a docente, refletindo sobre os contos e os temas chegaram à conclusão de que o indivíduo, quando tem liberdade, como no conto "O suicida", não sabe utilizá-la em seu favor. Ao invés de aproveitar a rádio para passar informações de utilidade pública, que pudessem auxiliar a comunidade, a via de informação foi utilizada para criar um falso espetáculo.

Levantaram também a questão da falta de liberdade, quando as notícias são manipuladas, associando-a ao conto "Feliz Natal". Os alunos observaram a questão do aproveitamento do tempo nos dois contos. No primeiro conto apresentado, apenas uma fração da noite faz com que a personagem desenvolva toda sua história, no outro, a multidão perde a tarde toda esperando ocorrer um suposto suicídio.

Ao final, os alunos produziram alguns textos e compararam suas escritas, observando as intenções comunicativas de cada narrativa.

2.4.2. Método Comunicacional - análise

A análise do método comunicacional recaiu na literatura como expressão comunicacional da sociedade. A proposta para os alunos foi que fizessem uma relação entre os contos "O suicida" e "Feliz Natal". O primeiro conto narra uma suposta tentativa de suicídio que acaba se tornando um grande espetáculo para muitas pessoas; o segundo conto descreve a história de um homem que, na tentativa de comemorar o natal, sai em busca de alguns alimentos para comprar para a festa, todavia ele não pode ser visto e a tensão toma conta do espaço da história.

Na figura 17 (PA 17, página 536), a aluna A/FAB/8/4 discorre sobre a relação entre os contos dada por meio do aspecto do segredo. No conto "O suicida", há a demonstração do que ocorre quando todos ficam sabendo de um segredo, o que cria um grande espetáculo. Já no conto "Feliz Natal", há todo um cuidado para esconder um segredo, sendo assim a aluna diz que "Ao que parece, relacionando ambos os contos, concluímos que "Feliz Natal" é uma metáfora: o homem se esconde junto de uma caixa durante toda a história, e já que 'O suicida' fala sobre a língua do povo, entender o que havia dentro da caixa (azeitonas) representa um possível segredo que ele tanto guardava para não cair na lábia do povo".

Na figura 18 (PA 18, página 537), a aluna A/CAM/8/4 não fez uma relação entre os contos, mas sim uma relação do conto "Feliz Natal" com o período histórico em que ele foi escrito, ditadura no Brasil de 1964 a 1985. A aluna relata que a falta de liberdade fazia com que escritores "corajosos" publicassem textos "com mensagens subliminares falando mal do governo para o povo". A aluna também relacionou essa época de repressão militar com as lutas atuais pelos direitos e liberdades do povo, justificando que esses artistas enviavam esses tipos de mensagens porque "eles queriam tirar aquelas pessoas do poder e terem seus direitos de volta".

Na figura 19 (PA 19, página 538), a aluna A/MARP/8/4 também traça um paralelo entre o texto de Luiz Vilela e a ditadura. Na primeira leitura, o conto não fez muito sentido "no começo, o desfecho do conto não tinha sentido algum mas ele se passa na época da ditadura onde as pessoas tinham medo de conversar, tinham medo de ser elas mesmas". Após essa reflexão, a aluna

vê sentido nas atitudes da personagem, justificando ser a história o "modo que Luiz Vilela encontrou de se expressar e libertar sua opinião".

Na reflexão sobre o conto "O suicida", a aluna resume o conto ao espetáculo provocado pela esperança do povo de que um homem pule de um prédio. Porém o homem acaba não pulando e a aluna relata que "o pior foi que as pessoas ficaram tristes pelo homem não ter pulado". Ela relaciona o texto ao contexto atual de nossa sociedade ao dizer que "O conto destaca a mídia e sua repercussão nos dias atuais", fazendo, assim, uma análise crítica sobre os meios midiáticos e sua influência negativa na vida das pessoas uma vez que temas relacionados a "tragédias" tomam grande espaço e são banalizados nos noticiários.

Os objetivos do método foram alcançados, ao observamos a assimilação pelos alunos sobre as diferentes formas de comunicação de nossa sociedade, nos meios midiáticos e na liberdade de expressão individual. Uma vez que a primeira frequentemente manipulada para servir a elite dominante e a segunda é cerceada para impedir a mudança dessa perpectiva. A reflexão recaiu no contexto histórico de abordagem das obras de Luiz Vilela. Os alunos compreenderam, discutiram e refletiram sobre possíveis soluções para se evitar a manipulação das mídias.

2.5. Método Semiológico (5º momento)

O método semiológico, centra-se na linguagem e em seu uso social a fim de dar oportunidade ao estudante entrar em contato com novos títulos, novos textos literários, que não os clássicos consagrados pela literatura mundial.

O objetivo de uma prática metodológica com foco no método semiológico visa “transformar a aprendizagem numa prática cotidiana de intercâmbio e coexistência de valores diferenciados, que elegem a linguagem literária ou outras linguagens como veículo de circulação” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 132).

A teoria na qual a metodologia se baseia é a interacionista bakhtiniana, que compreende a sociedade como um conjunto de vozes postas e justapostas

e a linguagem como um artefato social carregado ideologicamente pelos signos linguísticos.

Para os integrantes do Círculo de Bakhtin (1979)[25], "toda consciência abriga um feixe de ideologias que justificam suas relações com a experiência concreta" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 133), o signo linguístico/ideológico é uma parte da realidade social, que por sua vez conjectura outras realidades externas a ele. Portanto, é necessário observar as práticas linguísticas não isoladamente em sua neutralidade, mas em seu contexto social real. Transpondo tais linhas teóricas para o contexto literário, temos os discursos enunciativos, derivados da sua interação com outros discursos. Dessa maneira, a atitude semiológica:

> [...] é aquela que percebe as intenções ideológicas dos signos, uma vez que os signos não podem ser pensados senão em seu uso social efetivo [...]. Importa, assim, estar atento para os níveis de sentido dos textos, implícitos na articulação dos signos nos diversos enunciados. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 134).

Nesse sentido, o método semiológico provoca no estudante uma atitude consciente por meio do contato direto com os mais variados textos literários, dando-lhes condições de observar e refletir sobre a realidade que o circunda, vivenciando sua heterogeneidade.

Ao possibilitar a interação por meio do signo linguístico e o questionamento da ideologia que o mesmo traz consigo, o estudante converte-se em um sujeito semiológico, ou seja, um sujeito capaz de ler as diversas manifestações artísticas, reconhecendo e relacionando-as com outras manifestações, captando sua ideologia.

As etapas envolvendo a aplicação do método semiológico são: coleta de textos culturais diversificados; aquisição das regras do jogo semiológico; reconhecimento do uso intencional das linguagens; análise das intenções conformadoras ou emancipatórias dos textos e a interação dos sujeitos com os textos.

---

[25] BAKHTIN, Mikhail. ***Marxismo e filosofia da linguagem***. São Paulo: Hucitec, 1979.

A avaliação do professor deve focalizar tanto o processo de tomada de consciência dos estudantes quanto à percepção da ideologia reinante e maneiras de suprimi-las e questioná-las.

Na coleta de textos culturais diversificados, a partir de uma situação problema observada, o docente sugere aos alunos uma pesquisa prescritiva de textos que contemplem a temática em estudo. Na data prevista, os alunos relatam a coleta realizada. Com o auxílio de uma urna, elaboram uma votação para verificarem as melhores pesquisas. Após a apuração dos votos, selecionam os textos a serem trabalhados posteriormente.

Sobre a aquisição das regras do jogo semiológico, os alunos, divididos em grupos de três, analisam, num primeiro momento, textos não literários e, num segundo momento, textos literários a fim de construir um banco de dados sobre a temática em questão. Com um mapa cedido pelo professor, os estudantes escolhem os textos vencedores, separando-os por categorias afixadas em um mural.

Na fase de reconhecimento do uso intencional das linguagens, a partir das categorias listadas, as turmas criam cenas parodiando as situações apresentadas nos textos. Os alunos apresentam suas criações; o objetivo é gerar a identificação com o texto original pelos demais alunos. Ao término das apresentações, o professor escreve duas perguntas no quadro instigando-os à reflexão das intenções enunciativas dos textos, abrindo, em seguida, para o debate.

Quanto à análise das intenções conformadoras ou emancipatórias dos textos, o docente sugere a criação de uma página de jornal para pontuar as descobertas feitas e analisadas. Cada grupo escolhe um texto criando uma coluna para o jornal, pontuando sua escolha e sua justificativa. E, em conjunto, montam a página do jornal.

No que se refere à fase de interação dos sujeitos com os textos, da página do jornal à tomada de atitude prática, o professor sugere a elaboração de um determinado documento que promova interação e entre em contato com outros ambientes e vozes. “O método semiológico forma alunos com uma visão pluralista da realidade, capazes de discernir os jogos ideológicos dos aparelhos de manutenção das estruturas de poder” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.154).

Neste método a observação recai em não reduzir todo contexto a uma faceta ideológica, sendo necessário revelar a importância de cada concretude que resvala no ato social e nas circunstâncias que o cercam, bem como as inúmeras possibilidades de posicionamentos da comunidade, insistindo na percepção do diálogo das relações humanas pautadas pela ética e respeito as posições divergentes.

2.5.1. Método Semiológico - aplicação

No método Semiológico, proposto no currículo por áreas, o conteúdo se relacionou ao espaço literário veiculado pela escola. Os materiais utilizados foram os contos de Luiz Vilela: “Professor de Inglês” e “Aprendizado”.

No conto “Professor de Inglês”, há o desenvolvimento de uma história sobre um professor com características relacionadas à figura tradicional e autoritária de ensino e seu trabalho com os alunos é proposto de forma a inibi-los e humilhá-los:

> A menina, concentrada no livro, ia lendo, quando chegou num parágrafo novo, parou e olhou para o professor.
> – Onde você fez o ginásio? – o professor perguntou: – no interior?
> – É sim senhor - a menina respondeu com timidez.
> – Está se vendo - disse o professor. Voltou-se para a caderneta, e sem olhar para a menina: - pode ir: ganha um. (VILELA, 1983, p. 100).

As atitudes do professor levam os alunos a sentir medo e raiva das aulas dadas por ele, levantando questionamentos sobre denunciar esses modos. Todavia eles não sabem a quem direcionar e enviar essas indagações e acabam ficando somente na conversa.

O conto "Aprendizado" narra à história de um garoto, orgulhoso por ter tirado uma boa nota na redação. Encaminhando-se para casa para mostrar aos pais a nota, se vê impedido por dois amigos para seguir seu caminho para casa. Eles pegam a redação e rasgam-na:

> Jordão rasgou a folha e tornou a rasgar e a rasgar. – Fedaputa! – e Eduardo deu um murro com tanta força que Jordão foi cair sentado no chão.

> Na mesma hora foi agarrado por trás; tentou escapar, mas Grilo o segurava com força. E então viu Jordão se aproximando com os punhos fechados. – Você vai aprender agora. (VILELA, 1983, p. 30).

O objetivo do método foi proporcionar aos alunos a oportunidade de portar-se como sujeito social e observar as ideologias e concepções literárias veiculadas pela escola de forma crítica.

Em relação aos procedimentos didáticos, a professora iniciou uma conversa indagando aos alunos se os pais, professores, outros alunos e funcionários da escola tinham contato com a leitura literária, o que despertou o interesse imediato deles.

Para esse momento, a docente trouxe para sala, revistas, jornais, textos culinários, revistas de caça-palavras, de moda, enfim, textos em vários estilos, distribuindo para que os alunos pudessem apreciar. Eles foram observando e esboçando comentários sobre as revistas que tinham em casa e a grande maioria dos alunos disse que os pais assinavam a revista ***Veja***.

Após o compartilhamento dos textos culturais diversificados e com base na curiosidade dos alunos em relação aos tipos de leituras realizadas pelos adultos, a professora propôs aos alunos examinarem o contato dos mesmos com o texto literário. Aproveitando os temas despertados na discussão com os alunos, propôs a investigação do espaço concedido ao texto literário na unidade escolar, colhendo entrevistas, relatórios e descrições sobre a Instituição Escolar. Os questionários já haviam sido previamente elaborados pela docente.

Na aula seguinte, os alunos expuseram à turma, através de relatos orais, os resultados junto à bibliotecária, aos funcionários, aos alunos e docentes. Em grupo, leram os materiais coletados, retirando seus conceitos básicos.

Os alunos descreveram suas impressões gerais sobre o espaço físico da escola, em especial da biblioteca, apontando que teria que ser um ambiente mais atrativo. A professora então desafiou os alunos para realizar um projeto sobre a biblioteca e, quando pronto deveriam, encaminhar ao diretor da escola.

A docente questionou os alunos, em relação às entrevistas realizadas, quem, dentre todos os pesquisados, poderia contribuir de forma significativa na formação do leitor literário. A resposta unânime foi que era o professor.

Os alunos relataram perceber o cansaço dos docentes, na maioria das vezes eles não tinham novas informações literárias para passar; só possuindo os livros exigidos pelo material da escola. Destacaram o pouco tempo disponível, suprimido pela quantidade excessiva de material a ser trabalhado. O contexto resultava na falta de tempo para discussão de outros tipos de livros não propostos para vestibular pelos docentes em sala de aula.

Em relação às respostas dadas pelos alunos, a docente observou uma postura extremamente respeitosa quanto à figura do professor, justificando em todo momento que os professores eram bons, era a falta de tempo o motivo das lacunas expostas no trabalho deles.

Relataram também a necessidade da pressão do trabalho com os conteúdos para atingir as metas propostas pelos vestibulares das universidades, reforçando a visão deles sobre o esforço dos professores em lhes proporcionar uma educação que os inserisse no sistema.

A docente, rememorando suas pesquisas sobre os levantamentos dos dados de cadastros dos alunos realizados anteriormente, percebeu que grande parte dos alunos do grupo estavam na escola há pelo menos sete anos, a visão deles sobre os professores era de acordo com uma postura tradicional, a figura docente não deve ser questionada, levando os alunos a terem uma postura frequentemente passiva diante da questão ensino-aprendizagem.

Esse momento culminou com o questionamento quanto a visão dos alunos sobre docência e foi proposto a eles uma ampliação dessa visão. A docente distribuiu a todos o conto "Professor de Inglês", lido de forma coletiva.

Após a leitura, foi feito um levantamento dos tipos de professores que eles conheciam ou tinham ouvido falar. Esse momento trouxe à tona a visão de inúmeras histórias sobre professores, de outros colegas, ou mesmo alguns que eles tiveram contato e possuíam a postura do professor de inglês, exposto no conto de Luiz Vilela.

Essa discussão sobre a docência levou também ao questionamento sobre o papel do aluno, e qual sua contribuição nesse contexto. Alguns expuseram que o trabalho do professor pode ser dificultado pela postura dos alunos dentro de sala de aula. Expuseram que, muitas vezes, alunos considerados bons são alvo de críticas por aqueles que não estudam e essas provocações muitas vezes atrapalhariam a aula.

Dentro desse contexto de discussão sobre qual deveria ser a postura dos alunos e a relação de amizade ou inimizade entre eles, foi que a professora propôs a leitura do conto "Aprendizado", solicitando a leitura em casa, de forma individual, eles deveriam discutir sobre o papel do aluno, não só em relação ao professor, mas em relação aos colegas.

A aula seguinte iniciou-se com comentários empolgados dos alunos sobre o quanto eles haviam gostado do texto e tinham se identificado com a história, pois muitas vezes se sentiam alvo de chacotas por tirarem boas notas. A professora relatou, então, o quanto é difícil viver em sociedade e que há um uso intencional da linguagem e papéis a serem representados, como o dos alunos, dos professores e até o de diretor.

Nesse instante, a docente retomou o desafio do projeto da biblioteca, solicitando aos alunos a entrega do projeto desenvolvido. Utilizando um notebook e o Data Show, os alunos expuseram, por meio do programa Power Point, toda a construção do projeto, as observações realizadas na escola e propostas para solucionar os problemas identificados. Quatro cópias do projeto foram impressas, uma ficando com o grupo, outra com a docente, outra com os professores orientadores dessa pesquisa e outra com o diretor.

Para entrega da proposta do projeto da biblioteca ao diretor, foi marcada pela professora uma reunião entre a direção e os alunos. Cinco alunos foram selecionados pelo próprio grupo para fazerem parte desse momento. No processo, eles apresentaram a proposta ao diretor, sem a participação da docente, e voltaram muito empolgados, relatando a atenção do diretor dada a eles e o atendimento de algumas propostas, a serem realizadas em curto, médio e longo prazo.

Percebendo os resultados positivos, a docente incentivou os alunos a desenvolverem uma reflexão sobre todo o desenvolvimento do grupo e em como isso seria registrado para que outros alunos não participantes da proposta pudessem tomar conhecimento de tudo que havia sido construído durante os meses dentro do projeto.

A professora abordou a questão do método semiológico e sua finalidade quanto a análise das intenções conformadoras ou emancipatórias, propondo que o registro fosse feito por meio de um jornal virtual, o que foi prontamente

atendido pelos alunos, que se propuseram a fazer resumos dos contos, *design* do jornal, matérias, enfim, todo o conteúdo.

2.5.2. Método Semiológico – análise

No método semiológico o objetivo foi proporcionar aos alunos a oportunidade de portar-se como sujeito social e observar as ideologias e concepções literárias veiculadas pela escola de forma crítica. Os alunos realizaram entrevistas, fizeram um projeto sobre a biblioteca e desenvolveram um jornal da escola.

A figura 20 A (PA 20 A, página 539), mostra a entrevista de uma professora de Língua Portuguesa /LIL/, em que ela relata que ganhava livros mesmo antes de ser alfabetizada e, hoje, gosta muito de presentear as pessoas com livros. A professora ainda destaca que lê por prazer e por conta do trabalho, sua leitura perpassa desde "anúncios de bulas de remédios à clássicos de literatura". O último livro lido foi "Senhora", de José de Alencar. Quando questionada sobre o significado da leitura, a resposta foi "Tudo. Julgo a leitura como item fundamental à formação de qualquer pessoa, pois abre as portas da imaginação e do conhecimento".

A figura 20 B (PA 20 B, página 540), também é uma entrevista com uma professora /ARL/, que leciona geografia. A leitura está presente na vida dela na forma de jornais, revistas e sites de notícias e entretenimento. Além disso, ela lê romances, livros da área de sua formação e livros científicos. Sobre a frequência de suas leituras, ela respondeu: "Todos os dias leio noticias e durante o ano costumo ler uns 3 romances e também de 2 a 4 livros de autoajuda. Todos os dias leio a Bíblia". Sobre os tipos de leitura, destacou livros de autoajuda, sites de internet e romances. Quando indagada sobre como ela adquiria os livros, ela informou: "Os romances e autoajuda são de fácil acesso, tem em postos, lojas de conveniência, livrarias pequenas. Já os livros mais científicos pela internet".

Sobre suas preferências, a professora respondeu: "Romance, tenho medo de ler suspense e sofro muito com dramas, por isso, não tenho muita coragem de ler". Sua última leitura foi "A menina que roubava livros" e o

significado da leitura para ela era de "comunicação, aprendizado e crescimento pessoal".

A figura 21 (PA 21, página 541), é uma entrevista da inspetora de alunos /CLA/. A entrevistada discorreu sobre a presença da leitura em sua vida lendo pelo menos 4 ou 5 livros por ano. Quanto ao tema de suas leituras, a inspetora relatou gostar de livros de auto - ajuda e livros religiosos. Quando questionada sobre suas preferências, ela destacou: "livros sobre psicologia, auto - ajuda e história". Em relação à última leitura literária realizada, ela relatou ser "Como fazer amigos e influenciar as pessoas". Quanto ao significado da leitura em sua vida, ela disse: "tudo, significa ampliar o pensamento e abrir a mente".

A figura 22 (PA 22, página 542), é uma entrevista a uma aluna /MARJ/8/4, relatando estar a leitura o tempo todo em sua vida. Quando questionada sobre o livro que mais gostou de ter lido, ela respondeu: "Como eu era antes de você. Porque é um romance diferente dos outros e não tem um final feliz, o que o torna melhor". Sobre a quantidade de leituras realizadas em um ano, a aluna descreveu que, em 2013, leu cerca de 30 livros, em 2014, havia lido 50 livros e, em 2015, até o momento da entrevista, já havia lido 17 livros.

Sobre sua última leitura a aluna disse: "A vingança de Mara Dyer" sempre lendo por iniciativa própria, suas leituras costumam ir até o fim dos livros. Sobre o hábito de leitura familiar, a aluna descreveu como sua mãe lê bastante, resultando disso grande parte de sua vontade de ler.

A figura 23 (PA 23, página 543), trata do resultado final do projeto, no qual foi desenvolvido um jornal da escola elaborado pelos alunos. Nesse jornal, eles explicaram como foi o projeto, expuseram algumas obras de Luiz Vilela, bem como sua biografia, relataram, em depoimentos, os benefícios causados pela leitura literária, inseriram um poema, de autoria própria e algumas entrevistas realizadas na escola.

Os objetivos do método foram atingidos uma vez que os alunos realizaram entrevistas e partilharam as mesmas com outros alunos. Essa medida gerou discussão e reflexão acerca da atividade leitora dos entrevistados e dos alunos que realizaram a entrevista. Por meio da análise do espaço escolar e dos livros presentes na biblioteca, puderam formular um projeto com o objetivo de atrair mais alunos para esse ambiente. A criação do

jornal foi momento de se sentirem sujeitos sociais e participantes de mudanças, isso, atrelado à conversa com o diretor da escola, promoveu um sentimento de responsabilidade no grupo, parte fundamental no contexto de possível transformação.

3. CÍRCULO DE LEITURA

A seguir serão analisadas as contribuições dadas pelas novelas estudadas no círculo de leitura proposto para o segundo momento desse projeto.

3.1. *O Choro no travesseiro* – aplicação (6º momento)

A novela ***O choro no travesseiro*** conta a história de jovens amigos que se reúnem em um bar chamado "Rei da Sinuca" para jogar, comer, beber e trocar ideias sobre a vida, amizade, religião e filosofia.

Três personagens se destacam: o misterioso Frederico o dono do local frequentado pelos amigos; Nicolau conhecido por seu peso físico e intelectual, no sentido de ser um homem considerado muito inteligente pelos amigos e com aparência roliça; Roberto o narrador que tem muita admiração pela leitura de Nicolau, o qual dá prioridade, em suas leituras, aos textos dos ficcionistas russos. Essa admiração de Roberto o faz questionar Nicolau a respeito de indicações de leitura, sendo correspondido por ele:

> Ele fez mais do que escrever nomes: se ofereceu para me emprestar os livros, o que aceitei na hora. E assim, no dia seguinte, ele apareceu com o primeiro, um livrinho fino em cuja capa li: *O Capote.*
> Eu nunca soube por que Nicolau escolhera esse livro para ser o primeiro, e era difícil adivinhar seu pensamento; o surpreendente é que ele acertou em cheio: o livro me impressionou profundamente, me impressionou como nenhum outro livro tinha até então me impressionado.
> E dessa vez meu entusiasmo, ao entrar no salão, foi plenamente correspondido por Nicolau; ele me pareceu até mesmo, se possível, mais entusiasmado do que eu ─ talvez porque julgasse ter encontrado enfim uma alma gêmea. Meu entusiasmo era tanto, que pedi a ele que me emprestasse de uma vez todos os outros livros daqueles escritores; e como

> o entusiasmo dele não era menor, ele topou na hora. O que eu não sabia é que os livros eram tantos: só de Dostoievski uma pilha; mas, ao invés de me espantar, isso me empolgou. (VILELA, 1994, p. 19).

É nesse contexto de trocas de livros que a amizade das personagens Roberto e Nicolau se aprofunda, e somente é interrompida quando Roberto vai embora da cidade em busca de novas oportunidades. Antes de partir, Roberto faz um acordo com Nicolau; eles continuariam se comunicando. Todavia, conforme o tempo passa, a troca de cartas se torna rara e a amizade fica tão distante quanto os quilômetros separando-os.

Doze anos depois, ele volta e percebe as mudanças, seu amigo havia morrido de um colapso provocado pelo abuso de bebidas. Tenta em vão recuperar algo do tempo perdido. Faz uma visita ao “Rei da sinuca”, nomeado agora de “Fred’ s” e resolve levar a antiga placa do bar como lembrança. No caminho de volta para sua nova cidade, perde a placa refletindo serem somente suas as lembranças daquele tempo, concluindo reflexivamente sobre, as vezes, ocorrer uma sabedoria determinista nos acontecimentos.

Na aula inaugural da segunda fase iniciada em março de 2015, após três meses da aplicação da primeira fase, a professora recebeu os alunos e explicou que, a partir daquele momento, seriam estudadas duas novelas de Luiz Vilela. Não estudariam mais os contos. A docente fez uma enquete com os alunos para verificar quais deles tinham conhecimento do gênero novela.

De acordo com o relato oral, foi possível verificar a quantidade de alunos leitores de contos, alguns já tinham trabalhado com romances, mas nenhum deles havia trabalhado com a novela, o gênero intermediário. Feita essa constatação, a professora estimulou os alunos a relatarem suas leituras (em inúmeras fontes, sobre variados temas, com conteúdos diversificados) desenvolvidas tanto na escola quanto em horários extracurrilares, os quais proporcionavam leituras consideradas por eles prazerosas, relevantes ou interessantes.

Nesse período, a professora explicou que as atividades seriam diferentes, não haveria aplicação de métodos e agora eles fariam parte de um Círculo de leitura[26]

[26] A estrutura de círculo de leitura foi inicialmente desenvolvida pela professora Luzia de Maria. A experiência é descrita no livro ***O clube do livro: Ser leitor – que diferença faz?*** (2009), que foi utilizada e é descrita nesse trabalho com adaptações retiradas da proposta de Rildo Cosson.

como nos moldes propostos por Rildo Cosson em ***Círculo de leitura e letramento literário*** (2014). No livro há a proposta de formação de um círculo de estudos com objetivo comum de discutir a leitura de uma obra literária. O autor apresenta uma proposta de funcionamento e organização de círculos de leitura baseada no estudo de Harvey Daniels (2002)[27], oferecendo aos educadores e leitores meios para a atividade ser orientada de forma adequada. Assim cabe ressaltar:

> Talvez um dos mais bem sucedidos e certamente um dos mais bem conhecidos modelos de círculos de leitura é aquele proposto por Harvey Daniels (2002) sob a denominação de círculo de literatura. Trata-se, como defende o autor, de uma atividade de leitura independente em que grupos de alunos se reúnem para discutir a leitura de uma obra. Tornando operacional essa definição geral, o círculo de literatura de Daniels tem as seguintes características essenciais:
> a) a escolha da obra que será objeto de leitura é feita pelos próprios estudantes;
> b) os grupos são temporários e pequenos, ou seja, reúnem-se para leitura de uma obra de quatro a cinco alunos que devem trocar de grupo na próxima obra;
> c) os grupos leem diferentes obras ao mesmo tempo;
> d) as atividades dos grupos obedecem a um cronograma de encontros que se estendem pelo ano letivo;
> e) registros feitos durante a leitura são fundamentais para desenvolver a discussão sobre o livro, podendo ser um diário de leitura, anotações em *post-it* em ficha de função (registros que os alunos fazem a partir de uma função previamente definida em relação ao texto);
> f) os tópicos a serem discutidos são definidos pelos próprios alunos;
> g) as discussões em grupo devem ser livres para que os alunos as sintam como um processo natural de discussão;
> h) a função do professor é dar condições para que a atividade aconteça agindo como um facilitador;
> i) a avaliação é feita por meio de observação e autoavaliação do aluno;
> j) uma aula de círculos de leitura é uma aula divertida, com muita interação entre os alunos;
> k) os novos grupos se formam a partir da seleção das obras para leitura, ou seja primeiro escolhe a obra e os alunos que escolheram aquela obra formam um grupo. (COSSON, 2014, p. 140).

Buscamos com base nesse modelo estruturar o círculo de leitura da segunda fase. Foram necessárias algumas modificações; o projeto inicial previa o estudo com obras de Luiz Vilela, perspectiva que foi mantida. Isso não impedia os alunos de trazerem leituras que considerassem relevantes para o grupo. Em relação à leitura de obras, no caso de nossa pesquisa, os alunos se agrupavam, em cada aula, para a leitura de capítulos dos livros e não para a leitura da obra geral (a leitura era fracionada por capítulos em várias aulas).

---

[27] Para saber mais ler ***Literature Circles****. Voice and choice in Books Clubs and Reading Groups* (2002) de Harvey Daniels.

Iniciada a proposta e explicado aos alunos sua participação em um estudo de duas novelas de Vilela, a professora então indagou aos alunos a seguinte questão: "ser leitor - que diferença faz?". Os alunos responderam, oralmente, que fazia diferença, por meio da leitura, eles poderiam passar no vestibular, iriam conseguir ganhar argumentação nas discussões e a aprendizagem viria de uma maneira mais fácil.

Para demonstrar aos alunos como o projeto se desenvolveria a partir daquele momento, a docente apresentou o livro ***O clube do livro: Ser leitor – que diferença faz?*** (2009), de Luzia de Maria, compartilhando alguns capítulos da obra que abordavam a importância da formação literária dos alunos em qualquer nível escolar e na vida.

Nessa obra, há a exposição da história de vida de Machado de Assis:

> [...] afrodescendente, de origem humilde, precocemente órfão, que em 69 anos de vida conquistou pela competência o reconhecimento de seus pares e atravessou cem anos recebendo um qualificativo “gênio”, para salientar o esforço, o trabalho, as horas de sono e de lazer empenhadas nessa conquista e reconhecer, nela, o papel fundamental da leitura.
> Gênio sim. Mas não por ter sido agraciado pela natureza com uma habilidade linguística inata e sim por ter convivido assiduamente com as grandes obras literárias que lhe chegavam as mãos e ao mesmo tempo ter exercitado de forma permanente a escrita. (MARIA, 2009, p. 322).

Este capítulo foi apresentado e lido integralmente para os alunos, e, inicialmente, não houve a revelação de que era Machado de Assis a personagem por trás da história, criando um certo ar de mistério instigando os discentes.

Os alunos expressaram reações de surpresa, diante da leitura do capítulo referente a Machado de Assis e da posterior revelação de ser ele a personagem, concluindo que conheciam muitas obras do escritor, mas poucas experiências relativas à sua vida. A docente, então, relacionou como o amor aos livros e a leitura transformaram a vida do pobre menino, chamado Joaquim Maria Machado de Assis.

Esse contexto proporcionou a reflexão sobre a importância da literatura não somente para quem seguiria na formação acadêmica relacionada à literatura, mas também para os outros, visto que ela transformava a vida das pessoas, como ocorrera com Machado de Assis. No livro de Luzia de Maria ainda estão reproduzidas cartas de seus ex-alunos, nas quais escreveram depoimentos e relatos

sobre a mudança promovida em suas vidas no projeto realizado pela escritora, em uma escola pública, no ano de 1982.

Intitulado “Clube do livro”, o projeto de Luzia de Maria previa incentivar os alunos de uma escola pública de Niterói no Rio de Janeiro, chamada Liceu Nilo Peçanha, a se tornarem leitores literários. Inicialmente a ideia foi vista com desconfiança por parte de alunos e professores, entretanto, durante o curso do projeto, os alunos relataram um grande aumento em seus currículos de leitura literária e muitas outras contribuições:

> Essa atividade se torna, assim, aquilo que preenche um vazio que inexiste por não possibilitar o apagar de luzes tampouco o fechamento das portas dentro de nós. [...] E sinto falta daqueles momentos e do que eu lia. Aprendendo a viver e plantando para colher mais tarde. [...] Sem dúvida, quem lê tem mais ideias para escrever, está mais familiarizado com as palavras, estruturas...a escrita flui melhor. [...] a historiografia marxista, pois esta era crítica, engajada, e me levava a refletir sobre o mundo. [...] Hoje em tudo o que faço, falo e penso, expresso senso crítico que adquiri [...] Assim meu relato é de agradecimento. Eu e os meus colegas de liceu aceitamos a proposta e investimos, no melhor período de nossas vidas em leitura e, por isso, posso com certeza afirmar que, em meio a tantas adversidades, fizemos da educação uma arma de superação e inclusão social. (MARIA, 2009, p. 245-257).

O livro ainda traz muitas dicas de leituras, não somente literárias e que foram compartilhadas com os alunos. Essa introdução foi necessária para eles entenderem o novo momento ao qual o grupo seria introduzido e para despertar nos mesmos a perspectiva de um futuro melhor como leitores, demonstrando a existência de livros com propostas de experiências de sucesso desenvolvidas de forma enriquecedora.

Durante o período de apresentação e discussão do livro de Luzia de Maria, a professora entregou aos alunos, alguns exemplares da novela ***O Choro no travesseiro*** (1994), pedindo a eles uma leitura individual realizada em casa. Seria necessário a realização de um “rodízio”; a quantidade de alunos era maior do que a de livros disponíveis. Quando a apresentação do livro de Luzia de Maria foi finalizada, a professora solicitou a leitura coletiva dos capítulos da novela.

Em cada aula foi lido e estudado um capítulo, observando-se narradores, as personagens, os espaços, e o tempo. Todas essas características se encontram na estruturação de uma história e são partes indispensáveis para análise do contexto e aprofundamento crítico da obra. Com relação ao narrador este se caracteriza por ser

quem conta a história, descrevendo as situações e sensações sobre si mesmo e sobre as outras personagens.

Quanto às personagens, elas dão vida a história, fazem com que os acontecimentos se desenvolvam, imprimindo suas personalidades e dando suas características à história. Em relação ao espaço de uma história, esse é o ambiente no qual a trama se desenvolverá, podendo ou não ter características assimiladas as personagens. O tempo em uma história é aquele cronograma, psicológico ou temporal, no qual as ações se desenvolvem[28].

Explicados os conceitos de acordo com os livros ***A Criação Literária*** (1967) e ***A análise literária*** (1987), ambos de Massaud Moisés, o livro de Vilela foi retomado. Em alguns capítulos foi dada maior ênfase e o foco permaneceu nos que geraram maiores discussões, os quais serão aqui apresentados. Em relação ao capítulo inicial, os alunos observaram a descrição da personagem Frederico, dono do bar, como um jovem misterioso sendo seu bar uma segunda casa para os amigos que sempre vinham visitá-lo . A metamorfose sofrida pela personagem Frederico quando saía após o expediente foi a cena que mais chamou a atenção dos alunos. Alguns relataram ser ele um pai de santo e outros discutiram sobre a suposta homossexualidade da personagem.

No capítulo seguinte, na página 4, há uma personagem solteira, religiosa, chamada Carolina, personagem secundária que interfere na vida de Roberto, tentando tirar-lhe o direito de frequentar o bar "Rei da Sinuca". Apela aos pais e até ao padre da comunidade para fecharem o bar. Os alunos expressaram terem muitas tias que, por não terem filhos, eram na linguagem deles, "recalcadas" e interferiam em suas vidas como fazia a personagem Carolina, apelidada por Roberto de “Creolina”.

No capítulo referente à página 15, a personagem em foco era Nicolau, o mais velho do grupo, obeso, o que mais bebia e comia e tinha a maior soma de dinheiro, sendo dentre todos o mais culto. A discussão dos alunos, nesse momento, girou em torno da questão de como a personagem que mais bebia e comia poderia ser também a mais culta. Ocorreu um estranhamento nos alunos o fato de Nicolau possuir dinheiro e inteligência, ou melhor, possuir “tudo” e frequentar um bar tão simples como o Rei da Sinuca.

[28] As respectivas abordagens de narrador, tempo, espaço e personagem foram tratadas no início desse capítulo.

No capítulo referente à página 17, as personagens Roberto e Nicolau conversam sobre as leituras realizadas, causando a frustração de Roberto, era perceptível o desprezo de Nicolau por suas leituras. Esse momento se torna oportuno para Nicolau emprestar o livro ***O Capote*** (2008), de Gogol. A docente aproveitou o instante para rememorar com os alunos a diferença entre os tipos de leituras literárias. A ocasião gerou grandes discussões a respeito do que era considerado literatura de qualidade.

Em meio ao debate os alunos levantaram a indagação sobre a página 18 do livro: Luiz Vilela cita escritores como Dostoievski, Tolstoi, Turgenev, Tchekhov, Gogol, Andreev e Gorki, questionando o motivo pelo qual, em meio a tantos escritores conhecidos, o autor teria citado esses. A docente, então, baseando-se na biografia do autor, relatou que a leitura desses escritores havia sido feita por Vilela em sua adolescência, quando tinha apenas 13 anos e, embora eles não conhecessem aqueles autores, poderiam entrar em contato suas obras.

A discussão levou alguns alunos a buscarem o livro de Gogol, encontrado na internet por um aluno do grupo, o qual compartilhou o achado com todos. O aluno relatou ter feito a leitura do livro e incentivou todos os colegas a fazerem o mesmo. Os colegas se sentiram animados em realizar a leitura.

Na página 23, o pai de Roberto critica Nicolau, chamando-o de alcoólatra, dizendo ser ele era uma vergonha para a família. Este capítulo teve o momento de maior entusiasmo com relação ao livro. Os alunos relataram perceber que pessoas com pensamentos diferentes do padrão estabelecido pela sociedade são consideradas inúteis, sendo Nicolau a “ovelha negra” da família por suas falas e maneira de levar a vida. Disseram que seus pais faziam o mesmo com seus amigos, tratando de forma diferente quem não se enquadrava nos moldes estabelecidos por eles como corretos ou adequados diante dos padrões sociais.

Na página 42, Roberto vai para São Paulo e, como havia feito um trato com Nicolau, vai direto para uma livraria comprar um exemplar de ***Fumaça***, de Turgenev, para enviar ao amigo junto com uma carta. Todavia, conforme o tempo passa e os imprevistos acontecem, Roberto deixa de manter contato com o amigo. Ele começa a se desencantar com Nicolau, tentando destruir mentalmente sua memória. Neste momento os alunos esboçaram muitas reações sobre Roberto ter traído o amigo quando o chamara de maluco em uma roda de novas amizades. Uma aluna

comentou concordar que as pessoas com pensamentos de liberdade, que conseguiam se libertar das regras e viviam fora dos padrões impostos pela sociedade, eram consideradas malucas.

Na página 43, Roberto volta ao interior, momento no qual a personagem rememora todas as situações vividas na cidade, tentando resgatar fisicamente essas memórias. Uma aluna relatou não haver nada que fosse eterno, tudo seria passageiro, se modificando bem como as pessoas com suas mudanças frequentes, o interior da cidade havia mudado, assim como a personagem Roberto.

No capítulo final do livro, os alunos discutiram a perda da placa, que de certa forma representou a ação determinista do destino na vida da personagem, afinal, aquela placa ficaria perdida em meio a objetos velhos, não teria mais utilização para a personagem. Ela queria resgatar as suas memórias e não aquilo representado fisicamente pelos objetos.

Encerrado o livro, a professora propôs uma escrita coletiva de um texto relacionando a cidade dos alunos àquela descrita no livro. O texto foi publicado no livro ***Araçatuba: Dos trilhos de ferro ao caminho das águas*** (2015), e encerrou a etapa de leitura da novela ***O Choro no travesseiro*** (1994).

Posteriormente, a docente, que estava cursando a disciplina de Tópicos de Literatura Brasileira: *História e Ficção na Literatura nos anos 60-70*, comprou e levou para os alunos os livros estudados nessa disciplina. Realizou-se uma rápida exploração e exposição de cada livro. Foram seis livros utilizados nesses momentos: ***Em liberdade*** (1994), de Silviano Santiago, ***A festa*** (1961), de Ivan Angelo, ***Incidente de Antares*** (1971), de Érico Veríssimo, ***Aquele mundo de Vasabarros*** (1982), de José J. Veiga, ***Os novos*** (1971), de Luiz Vilela, e ***Um dia no rio*** (1969), de Osvaldo França Junior.

Essas exposições foram realizadas com o objetivo de demonstrar aos alunos os tipos de estilos, histórias, personagens variadas que eles poderiam encontrar na escrita literária. A docente os incentivou a trazerem livros de suas casas para compartilhar as histórias com os outros alunos, porque foi constatada a vontade deles em realizar essas exposições, visto que, em sala de aula regular, eles não tinham essa oportunidade por conta do tempo escasso. Esse momento foi encerrado com as férias de julho.

Em agosto, após as férias, os alunos voltaram ao projeto e inicialmente fizeram a leitura e estudo do artigo ***Aspectos estruturais das novelas do ficcionista brasileiro Luiz Vilela*** (2013), de Rauer Ribeiro Rodrigues. O texto trata da biografia e da obra do escritor, expondo as diferenças entre conto, novela e romance, tendo sido discutido com os alunos.

Na aula seguinte a professora trouxe para a sala os cinco romances de Luiz Vilela; ***Os novos*** (1971), ***O inferno é aqui mesmo*** (1979), ***Entre Amigos*** (1983), ***Graça*** (1989) e ***Perdição*** (2011). Em relação às novelas foram trazidas ***O choro no travesseiro*** (1994), ***Te amo sobre todas as coisas*** (1994) e ***Bóris e Dóris*** (2006), novela a ser trabalhada na sequência.

Foi apresentado aos alunos o blog do Grupo de Pesquisa Luiz Vilela (GPLV), criado em 2013. A docente explicou aos alunos sobre a fortuna crítica de um escritor, apresentando artigos e várias dissertações disponíveis no blog, ressaltando a possibilidade de acesso e participação de todos. Os alunos foram incentivados a se tornarem pesquisadores e lhes foram apresentadas as contribuições da pesquisa e dos trabalhos acadêmicos.

Esse momento foi necessário por conta da constatação do pouco conhecimento dos alunos na área acadêmica, que revelaram não conhecer a estrutura de um artigo, seu uso e sua relevância e contribuição para a área científica e social, tendo em vista que dentro dos próximos anos eles fariam parte do mundo acadêmico. As reações, de modo geral, foram de curiosidade e vontade em conhecer de forma mais aprofundada a universidade e os artigos acadêmicos.

3.2. *O choro no travesseiro* – resultados

Como resultado do trabalho com a leitura da novela ***O choro no Travesseiro*** (1994), os alunos desenvolveram um texto coletivo que faz parte do livro ***Araçatuba: Dos trilhos de ferro ao caminho das águas*** (2015), publicado pela editora Riani Costa. O texto, disponível na figura 24 (PA 24, página 552), trata de uma abordagem da cidade de Araçatuba sob a perspectiva interiorana presente na literatura de Luiz Vilela. O texto escrito pelos alunos é composto por seis parágrafos e possui o título de “O interior na literatura”.

No primeiro parágrafo, os alunos demonstram conhecimento sobre a questão do espaço ao relatarem que “Uma cidade pode ser fictícia ou real, pertencer ao interior”, revelando a perspectiva de que cada espaço tem suas características específicas. Além disso, eles descrevem nas frases “almas solitárias de uma cidade grande” e “Nas profundezas de um ser humano se desenvolvem os mais complexos sentimentos, e a busca por expressão se torna parte de um cotidiano” um elo com as reflexões propostas pela obra de Luiz Vilela, na qual os sentimentos de inadequação, solidão e de incomunicabilidade estão presentes.

No segundo parágrafo, a frase “O interior da alma e do espaço físico já formou os mais interessantes escritores” propõe o conhecimento tácito dos alunos, a percepção da construção de obra na interação entre sentimento, experiência, linguagem e ideologia na qual “a palavra tem o poder de dar sentido aos símbolos histórica e culturalmente construídos e a literatura de descrever sensações que a alma incomunicável aos olhos demonstra tacitamente perceber”. Além disso, os alunos exploram de forma breve a biografia do escritor.

O terceiro parágrafo nos revela a relação ou conexão tecida pelos alunos sobre a cidade de Araçatuba com a novela de Vilela propondo: “A obra não trata especificamente da cidade, mas da subjetividade que caracteriza uma pequena cidade em face das mudanças propostas pelo progresso, seja ele do tempo ou dos pensamentos provincianos que vão se perdendo, se globalizando como a tecnologia, a ideologia e os sentimentos”. O trecho dá margem a interpretações profundas, uma delas é observar o progresso de uma cidade. Este não se dá somente em relação ao espaço físico, as ideias se modificam conforme o tempo passa, o pensamento evolui ou as experiências se acumulam, como no caso da obra de Vilela; a personagem principal Roberto, ao retornar a sua cidade natal, percebe a mudança não somente física, mas também emocional, ocorrida na cidade.

No quarto parágrafo, podemos observar uma associação dos sentimentos dos alunos com a história do livro e cidade de Araçatuba. Ao explorarem sobre o céu de Araçatuba e os pingos da “alma” permeando a história de ***O choro no travesseiro*** (1994), relacionaram aos contextos que enleiam as lembranças dos jovens e “motiva suas esperanças na busca de um livro, um grito, um amor ou um amigo que lhes dê sentido”. Eles demonstram entender como a literatura pode atender a seus anseios e pode ser um meio para amadurecimento de suas reflexões e sentimentos.

No quinto parágrafo, os alunos expuseram o espetáculo da vida se instaurando nos momentos em que as pessoas estão nos bares e esses representam a folga necessária à coerção exigida pelos padrões, impostos na sociedade. A cidade de Araçatuba com seus bares propõe o divertimento tão necessário à vida. Os alunos também relacionaram os jovens de Araçatuba com as personagens Nicolau e Roberto, dizendo possuir a "mesma sede por mudanças" e revelando o sentimento de proximidade representado pelas descrições e personalidades construídas para as personagens na obra de Luiz Vilela.

O último parágrafo nos coloca defronte com as atitudes não passivas desses jovens diante do conhecimento. Eles expõem a cidade com seu aparato tradicional, e as "mentes jovens" acompanhando "o progresso dos grandes filósofos e das grandes ideias" citando, além disso, um conhecimento histórico revelado nas palavras "guerras" e "ditaduras". Os alunos propõem na última frase o conhecimento da literatura não somente por sua estrutura linguística, mas também pela mensagem, interpretação fornecida, na qual o conhecimento da obra de um autor pode revelar a intenção de sua escrita embora essa, como por exemplo, na ditadura, esteja camuflada ("as entrelinhas que são tão úteis às verdadeiras intenções"). Na última parte da frase, os alunos propõem a literatura como um dos sentidos para a vida, visão compartilhada pelo teórico Todorov (2009), o qual descreve ter a literatura um poder muito grande "Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver" (TODOROV, 2009, p. 76).

3.3. *Bóris e Dóris* – aplicação (7º momento)

Para introduzir a novela ***Bóris e Dóris*** selecionamos um texto da aluna A/MARP/9/5 participante do projeto com uma síntese interessante. O texto será reproduzido aqui na íntegra e sua digitalização consta na figura 25 (página 553).

> Bóris é um empresário ganancioso, com uma personalidade forte e é muito impaciente. Além de ser cheio de metas e objetivos. Dóris é uma mulher calma e frágil, que basicamente vive para o marido. Dóris não se opõe ou discute com o mesmo; o que lembra a neutralidade do papel da mulher na época. A mulher seria apenas para funções básicas de casa e do dia-a-dia.

> A maior parte da história acontece durante o café da manhã, onde o casal discute por "coisas bobas". Nessas brigas, assuntos como religião surgem despertando o consumo extremo de alguns fiéis, a questão da mulher volta à tona e a Ditadura. Luiz Vilela traz assuntos que as pessoas evitam de um jeito simples e marcante.

Bóris e Dóris é uma história carregada de diálogos e se passa em um hotel com um casal que discute sobre assuntos como religião, infância, sexo, morte, entre outros temas. Bóris é um homem de mais idade, empresário ambicioso, está no hotel por conta de uma viagem. A estadia no hotel, devido a uma reunião de negócios, pode lhe proporcionar uma promoção no serviço. Dóris é uma jovem mulher, carente de atenção, aparentando não ter expectativas profissionais, acompanhando o marido em suas viagens. Diálogos como "— Você é o maior machista que eu conheço. — Ainda bem que você não é a maior feminista", (VILELA, 2006, p. 75) recheiam as páginas do livro.

Em certa passagem Dóris revela ao marido ter recebido o convite de um rapaz hospedado no mesmo hotel que eles. O moço supostamente a teria convidado para nadar em um lago próximo ao hotel. Dóris ainda revela ao marido que nadar nua em um lago é uma de suas fantasias. Então se desenvolve o seguinte diálogo:

> — Mulher, para você, é só isso, né, Bóris? Peitos e bunda.
> — Não; só isso, não. Tem mais coisas...
> — Peitos e bunda.
> — Não, tem mais coisa; você está esquecendo...
> — Tirando isso, você não vê mais nada numa mulher.
> — Vejo; vejo sim...
> — Você é o maior machista que eu conheço.
> — Ainda bem que você não é a maior feminista.
> — Mas, então — ela retomou, — o rapaz se aproximou de mim, talvez condoído de minha solidão, e disse: " A senhora não gostaria de dar um passeio até o lago?"
> — Lago? Tem lago aqui?
> — Foi o que eu também perguntei. "Tem lago aqui?", eu perguntei. "Tem", o rapaz disse.
> — Confesso que eu não sabia; que aqui tinha um lago...
> — Eu também não. Mas... O rapaz disse que é um lago pequeno; é por isso que ele não é conhecido.
> — Hum...
> — O lago fica lá, detrás daquela montanha — ela apontou; — aquela montanha maior lá...
> [...]
> — Bóris...
> — O quê?
> — Você não se importa, né?
> — Não me importo com o quê?
> — De eu ir.
> — Ir aonde?
> — Ao lago

> ─ Faça o que você quiser ─ ele disse e virou-se para o motorista: ─ Vamos?
> Os dois saíram.
> Ela permaneceu no salão, sozinha, olhando, através da vidraça, as montanhas lá fora. (VILELA, 2006, p. 75-80).

A personagem Dóris confessa ao final do livro ter inventado o convite do passeio, na verdade passou a tarde sozinha e sem nada para fazer. O conflito da novela se passa na demonstração de Bóris como um homem ganancioso vendo em todos os momentos formas de ganhar dinheiro, ele suprime as argumentações da mulher relegando suas falas a um plano secundário e somente a opinião dele é relevante. Na trama Dóris é uma mulher insegura, carente, submissa que inibe suas argumentações para dar voz ao marido. Essa construção revela os moldes nos quais a sociedade se imprime, distinguindo papéis relegados aos homens e às mulheres, além de expor conflitos relacionados aos temas que são discutidos pelo casal.

Os alunos assistiram à adaptação fílmica da novela realizada em 2007, elaborada como trabalho de graduação na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Após o filme, em roda de conversa, a docente revisou a diferença entre os gêneros conto, novela e romance com os alunos, utilizando para isso a entrevista de Luiz Vilela para editora Ática, concedida em 1981.

Assim como havia sido feito com o livro ***O choro no travesseiro*** (1994), os alunos levaram cópias de ***Bóris e Dóris*** (2006), para casa para realizarem a leitura individual. Logo no início das aulas, os alunos já haviam feito a leitura individual, possibilitando assim a leitura coletiva. Como o livro é praticamente feito com diálogos, antes de iniciar leitura, foi discutido com os alunos como poderia ser realizado de forma dinâmica esse momento. Eles optaram por, em cada aula, serem formadas duplas diferentes para interpretarem história.

Os alunos leram coletivamente o livro com foco na dramatização da história e somente ao final da leitura foi proposta a atividade de discussão dos aspectos das personagens.

A sala foi dividida em dois grupos, um de alunos representando Bóris e outro de alunas representando Dóris. Os grupos deveriam fazer a defesa das personagens apresentando suas características e suas representações de papéis na sociedade. O debate foi iniciado com as alunas justificando as atitudes de Dóris.

As discentes expuseram Dóris como a parte frágil da sociedade, com Bóris e tratando-a com inferioridade, resultando disso sua falta de interesse pelos assuntos levantados nas interações com ele. Relataram ser a autoestima dela baixa e ela fazia de tudo para chamar a atenção da personagem Bóris. Quando indagadas sobre qual atitude teriam se estivessem no lugar da personagem, as alunas responderam que não tolerariam tais atitudes, e abandonariam o marido. Dóris merecia ter um papel especial na sociedade.

Quanto aos alunos, estes defenderam Bóris, dizendo ser o homem o responsável pelo sustento da casa, ele deveria pensar em sua vida profissional, refletindo sobre formas de ganhar mais dinheiro para sustentar o lar. Colocaram também a mulher como dependente, precisando de dinheiro e sempre o querendo para realizar muitas coisas. Os homens deveriam se virar para conseguir conquistar a independência financeira. Sobre a personagem Dóris, os alunos discutiram sobre a necessidade de sua conformação com o que Bóris poderia dar a ela.

As declarações dos alunos não foram bem recebidas pelas alunas. Elas discordaram da posição deles, os homens eram egoístas, eram individualistas e não conseguiam perceber a dor da personagem Dóris. Isso fez as alunas concluírem que esse era o motivo pelo qual a maioria das mulheres não querem se casar atualmente.

Após o debate, em dupla, com troca de ideias, os alunos redigiram um texto registrando as impressões obtidas por meio da novela, relatando qual a mensagem do livro. Os alunos demonstraram ter gostado da novela e entenderam o “papel” do homem e da mulher na sociedade e em como esses estereótipos podem influenciar a vida das pessoas. As impressões foram registradas nos textos que constam nas análises dos resultados.

3.4. Bóris e Dóris - resultados

Como resultado da leitura da novela ***Bóris e Dóris*** (2006), os alunos produziram textos dissertativos a respeito das impressões, conclusões obtidas após todos debates, diálogos, representações teatrais das falas das personagens. O texto deveria conter uma análise crítica a respeito da obra de Luiz Vilela. Foi explicado

aos alunos a necessidade de ser realizada uma interpretação da obra com cunho social, direcionando a análise da obra para o contexto da sociedade.

Na figura 26 (PA 28, página 554), a aluna A/GABRL/9/5, fez uma relação entre religião e machismo, dizendo que ele está presente dentro das práticas religiosas. Ela abordou nosso sistema econômico relatando as possibilidades de ser feita uma ligação entre o homem, o capitalismo e a sociedade descrevendo: “A população é a cada dia que passa mais reprimida pelo capital, as pessoas vivem para trabalhar, pois são escravizadas pelo nosso sistema econômico”.

A aluna promove ainda uma abordagem relacionando a novela estudada com a religião e o sistema capitalista, revelando que nosso sistema, no qual a moeda de troca é o lucro, capitaliza até as relações religiosas, citando como exemplo a fala da personagem Borís sobre a ideia de abrir um comércio utilizando a imagem de Nossa Senhora:

> — Por falar em milhão — ele disse, — eu tive uma ideia, uma ideia sensacional: criar uma loja de Nossa Senhora. Imagens, terços, orações, o diabo, com o perdão da palavra...
> — Você está falando sério?
> — Por que não? Religião é um prato cheio, minha filha. Religião...Nossa Senhora, então, nem se fala: Nossa Senhora pode ser uma mina de ouro. (VILELA, 2006, p.18)

A aluna finaliza propondo as semelhanças da novela com a realidade, na qual algumas igrejas utilizam a fé das pessoas como meio para explorá-las financeiramente. A abordagem da aluna se revelou crítica e reflexiva, ela conseguiu fazer a conexão da literatura com o sistema no qual ela está inserida e observar os problemas colocados tanto na literatura de Luiz Vilela quanto na realidade daqueles que, de alguma forma, são explorados pelo sistema.

Na figura 27 (PA 29, página 555), o aluno A/JOA/9/5, faz uma abordagem a respeito do papel do homem e da mulher na sociedade, demonstrando ter entendido que Vilela propõe os mesmos moldes sociais e inserindo-os em suas personagens. O aluno coloca que a personagem Dóris se demonstra submissa ao marido uma vez que aceita todas as ideias propostas por ele. A última colocação do aluno se refere ao caráter atual da obra de Vilela, dizendo que apesar de o livro ter sido escrito há alguns anos, ele se mostra atual: “o ser humano não evoluiu intelectualmente, pois ainda tem pensamento antigo”.

Na figura 28 (PA 30, página 556), a aluna A/CAR/9/5, como o aluno A/ JOA/9/5, acredita que desde a criação da novela não houve evolução no pensamento do ser humano. Ao abordar a questão religiosa a aluna revela conhecer os preconceitos sofridos por algumas religiões não enquadradas no padrão ocidental e colonizador de nossa sociedade. Ela também expõe: “A novela também mostra o comportamento machista dos homens, querendo ser maiores que as mulheres, sempre achando-as incapazes de realizarem alguma atividade. Mesmo que hoje haja movimentos feministas por todo o mundo, esse pensamento ainda existe”.

Na figura 29 (PA 31, página 557), a aluna A/CAM/9/5, deu um título a seu texto, “Uma sociedade diferente”. Embora sua visão sobre o contexto social tenha sido crítica, ela faz uma abordagem positiva a respeito dos rumos tomados pela sociedade. A aluna explora o contexto no qual a novela foi criada e tece críticas a respeito dos rumos religiosos dizendo: “Muitas pessoas seguem suas religiões com suas determinadas crenças e julgam estas por serem melhores que as outras. De certa forma, acaba ocasionando uma divisão da sociedade, sendo que, se houvesse respeito, isso não seria um problema...”.

Chamando de “figura humana” homens e mulheres, a aluna discorreu sobre o machismo, incluindo-se nessa visão, expondo de forma crítica o papel do homem como provedor de sustento da família e da mulher como cuidadora da casa e da criação dos filhos. A abordagem final desse parágrafo nos revela uma visão diferente da maioria das visões dos colegas do grupo: “Atualmente essa realidade não é a mesma, pois felizmente a cada dia buscamos por mais liberdades e direitos igualitários. As mulheres saíram de casa e cada vez mais ingressam no mercado de trabalho, lutando para serem aceitas com os mesmos direitos e deveres dos homens”.

Quanto à sociedade a aluna reconhece o poder exercido pela pressão ou coerção social, conduzindo as pessoas a seguir “certos padrões para serem aceitos”. Todavia ela revela uma atitude não passiva diante dessa imposição social alegando: “Muitos outros fatores nos cercam, fazendo que tudo o que façamos seja pensado para ser apresentado ao mundo. Pois bem, determinados padrões devem deixar de existir pois são ridículos e por outro lado mais respeito ajudaria muito”.

3.5. Impressões finais dos alunos

Ao final da proposta, no encerramento do projeto, os alunos foram convidados a descrever as impressões e contribuições causadas por sua participação. Dentre as impressões gerais os alunos citaram a ampliação de horizontes, gosto e admiração por autores brasileiros e mudança de visão a respeito do mundo, formulando uma perspectiva mais crítica em relação aos conteúdos apreendidos.

Essas perspectivas ajudaram os alunos a trabalhar com mais intimidade os textos, desenvolvendo a escrita com maior facilidade bem como a interpretação, socialização, leitura e entrosamento.

A aluna A/MARP/9/5, figura 30 (PA 32, página 558), relatou: “percebi que comecei a ter uma visão diferente do mundo, tenho sido mais crítica ao abordar vários assuntos. Já a aluna A/CAR/9/5, figura 31 (PA 33,página 559), resumiu: “O projeto foi excelente em vários aspectos para mim, mas o que eu considero importante é a questão da interpretação”. A visão de mundo diferente, que reúne, entrosa e aprofunda é abordada por Lewis (2009) de quando discorre:

> A experiência Literária cura a ferida da individualidade sem arruinar seu privilégio. Há emoções de massa que também curam a ferida, mas destroem o privilégio. Nelas, nossos seres isolados fundem-se entre si, e afundamos de volta à subindividualidade. Mas lendo a grande literatura, torno-me mil homens e ainda permaneço eu mesmo. Como o céu noturno no poema grego, vejo com uma miríade de olhos, mas ainda assim sou eu quem vê. Aqui, tal como no ato religioso, no amor, na ação moral e no conhecimento, transcendo a mim mesmo. E nunca sou mais eu mesmo do que ao fazê-lo. (LEWIS, 2009, p. 121).

A experiência literária nos modifica por nos permitir explorar diversos mundos, criando conexões entre inúmeras dimensões nas quais se abriga o conhecimento. Nos faz suportar e refletir sobre nossa existência, nos permite recomeçar em cada nova história, acolhe nossas lágrimas, abraça nossa solidão. Ao folhearmos as páginas de uma boa literatura nos encontramos suspirando, sorrindo surpresos ou torcendo tensos da ousadia, do amor, da maldade de cada personagem. Somos envolvidos em um mundo que não é nosso mas está em nossas mãos e ao

fecharmos um livro com boa literatura este jamais permite que fechemos nossas mentes, e essa é sua faceta tão singular.

No que se refere à impressão do aluno A/RAF/9/5, figura 32 (PA 34, página 560): “no começo eu era o mais tímido da sala de aula, não conversava, não falava durante a aula, mas quanto mais passava o tempo mais eu conversava e conseguia aprender melhor em como interpretar textos e isso faz toda a diferença na hora de estudar humanas”.

O aluno A/JOA/9/5, figura 33 (PA 35, página 561),descreveu: “os alunos depois do término, poderiam sair com algo a mais que os outros, e foi esse o objetivo que uniu os alunos em cooperação e responsabilidade”.

Já a discente A/GAB/9/5, figura 34 (PA 36,página 562), escreveu: “o projeto para mim foi ótimo, fez com que eu me interessasse mais pelos escritores brasileiros, além de brotar em mim uma paixão pela leitura, no qual fez com que meu rendimento na interpretação de texto aumentasse. Com o projeto, meu raciocínio evoluiu e meu senso de crítica aumentou, assim me tornando uma leitora crítica”.

A aluna A/GABRL/9/5, figura 35 (PA 37, página 563), discorreu: “em todas as aulas, sempre tivemos o nosso momento de discussão, podendo expor a nossa opinião. A professora apenas auxiliava, não impôs em momento algum o certo ou errado, trazia para nós a ferramenta e o caminho para chegarmos a uma determinada conclusão”.

Finalmente a aluna A/LET/9/5, figura 36 (PA 38,página 564), escreveu: “desde o início do projeto até o término, houve um desenvolvimento impressionante, tanto dos alunos quanto da professora”. É importante salientar: “Não é apenas para iniciar a leitura, para legitimar ou revelar um desejo de ler, que o papel de um iniciador aos livros se revela primordial. É também, mais tarde, no acompanhamento do trajeto do leitor” (PETIT, 2008, p. 166) que sua figura se torna tão relevante. Mediar é acompanhar, é transformar e ser transformado. Incutindo essa semente o mediador modifica e tem seus pensamentos e ações modificados durante a experiência leitora, ratificando que “a leitura pode ser uma espécie de atalho que conduz a uma intimidade rebelde à cidadania” (PETIT, 2008, p. 176), elo entre o saber crítico, sensível e humanista.

Com esses relatos podemos observar como os próprios alunos constataram o quanto eles e a docente tiveram grande avanço após a realização do projeto, demonstrando importância do professor mediador; o adolescente precisa ser ouvido, e necessita expor sua opinião. Suas declarações são muito importantes no processo ensino aprendizagem. É nessa interação aluno versus professor que se amplia o conhecimento, a vivência, a sensibilidade e a crítica.

CONCLUSÃO

O objetivo geral de nosso trabalho foi auxiliar na formação de leitores literários. As metodologias propostas por Bordini e Aguiar, com as adaptações necessárias, forneceram subsídios para a formação leitora e humanística de alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. Constatamos a relevância da aplicação dos métodos por meio da participação voluntária, assídua e ativa dos alunos, bem como a evolução da escrita e textos elaborados em cada uma das etapas. Recorremos a análises integradoras entre propostas científicas, artísticas e literárias que estimularam a sensibilidade e amadurecimento das visões sociais e culturais dos alunos[29].

No método científico, os alunos perceberam a importância da etapa de organização e elaboração dos processos científicos que compõem a escrita, desenvolvendo textos organizados em estruturas narrativas que foram modificadas e interpretadas com diferentes formatos, mas que conservaram aspectos como coesão, coerência e normas gramaticais. No método criativo, os alunos foram estimulados a sensibilizar suas percepções, explorando suas carências e elaborando um texto que, embora tenha os moldes da juventude, cheios de ideias e ideais, explicitaram suas percepções na forma construtiva da escrita literária. No método recepcional, puderam expressar suas vozes jovens e criativas e compreender a relação entre emissor, mensagem e receptor por meio do desenvolvimento de histórias em quadrinhos que se mostraram criativas e críticas.

[29] Na conclusão desse trabalho foi dada uma devolutiva aos alunos sobre o desenvolvimento do projeto as conclusões, bem como os agradecimentos pela participação que foi de grande relevância para o fechamento conclusão dessa proposta.

No método comunicacional, entenderam algumas estruturas de poder que dominam a linguagem e a sociedade elaborando textos que demonstravam um avanço no entendimento das manobras sociais. Finalmente, no método semiológico, se perceberam como agentes de mudança, função tão necessária em nossa sociedade, por meio da criação de projetos que sugeriam intervenção na realidade escolar, e um jornal que trabalhava com informação sobre o escritor Luiz Vilela.

Verificamos que, conforme os métodos avançavam, os debates em sala de aula se tornaram mais críticos e aprofundados. Os alunos relacionavam as histórias não somente com suas vivências, mas também com o contexto histórico, social e até mesmo com a vida do autor que estavam trabalhando. Esboçaram reações acaloradas sobre suas visões de mundo e as confrontaram com as dos colegas, o que resultou em temáticas que foram além do que estava previsto. Assim motivados, produziram poemas e peças teatrais, compartilharam as leituras de outras obras literárias, fotografaram e filmaram as atividades do grupo, trazendo seus anseios para a sala de aula. Além disso, buscaram desenvolver um projeto para a nossa proposta de estudo, esboçando visões de mundo mais abrangentes em relação às situações sociais vivenciadas pela maioria da população. Enfim, percebemos que é possível atrelar metodologia eficaz ao estudo de literatura não convencionada por modismos editorias e cultura de consumo.

Percebemos que a escolarização adequada da literatura é fator fundamental na formação de alunos para o mundo de hoje, e que o seu processo de inserção em sala de aula deve ser cuidadoso, por meio de alternativas metodológicas diversificadas e eficazes, de modo a captar a riqueza da obra em sua plenitude, transformando os alunos em leitores voluntários e autônomos.

Quanto ao Círculo de Leitura trabalhado na segunda fase, este demonstrou que a escolha de textos literários fora das imposições da cultura de massa e indústria cultural resultam em formação literária crítica.

Quanto à recepção literária, especificamente, percebemos que o processo de iniciar o trabalho com contos e seguir posteriormente com as novelas foi adequado na medida em que os alunos descobriram nas narrativas curtas a existência de outros mundos e outras possibilidades a serem exploradas. Isso nos forneceu meios e incentivos para que trabalhássemos narrativas mais longas. Por conhecerem o autor e terem apreciado sua obra, os alunos se sentiram motivados a prolongar a

proposta inicial e conhecer outros de seus textos. Esses alunos, por meio das obras de Luiz Vilela, tiveram a oportunidade de despertar para a análise crítica do mundo e de desenvolver o gosto pela leitura literária.

A leitura literária provoca modificação no horizonte de expectativa dos alunos, fomentando a formação crítica de leitores letrados literariamente, reforçando o que Lewis (2009), retrata sobre leitores letrados como sendo aqueles que captam as nuances de uma obra, conseguem “ver por meio dos olhos de outros”, aquilo que suas realidades não comportam, buscam tempo livre para poder ler, transformando-se a cada leitura; o leitor letrado é aquele capaz de considerar que a “experiência literária cura a ferida da individualidade sem arruinar seu privilégio”, e que é profundamente tocado pelas histórias nas quais “torno-me mil homens e ainda permaneço eu mesmo” (LEWIS, 2009).

O professor, que é a ferramenta mediadora de todo o processo, também foi um grande beneficiado. O contato com a vida na universidade, com novos teóricos e com os discentes proporcionou a reflexão sobre a real importância do professor no processo de ensino-aprendizagem, assim como o confronto de ideias e conceitos durante as discussões do grupo de estudos. O docente deve estar em constante renovação em seu processo de aquisição do saber e ser leitor principalmente de textos literários, não para que diga aos seus alunos que devem ler, mas para que mostre, por meio de sua fala, de suas ações e de sua vivência, o papel fundamental da leitura para a decodificação, interpretação e transformação dos códigos e das ideologias.

As análises aqui levantadas não encerram a busca por soluções, são apenas pequeno recorte da realidade educacional brasileira. Perspectiva que visa modificar, ampliar ou, ao menos, levar ao questionamento das bases nas quais a educação está fundada. Pretendemos demonstrar a importância de teorias que estruturem o ensino em sólidos alicerces, recorrendo a propostas inovadoras, e questionando as barreiras sociais e ideológicas. Há necessidade de estudos que relacionem a competência leitora como aspecto fundamental na formação do professor de literatura pois só professores leitores e aficionados por literatura podem transmitir a seus alunos a real importância da leitura, e métodos adequados de escolarização literária que possam ser efetivamente inseridos na escola.

Foi possível observar que os alunos utilizaram muitas ferramentas tecnológicas ─ como *tablets* e celulares ─ nas pesquisas em sala de aula. Observamos que essas ferramentas foram meios que auxiliaram no processo de construção da competência leitora e apontamos para a necessidade de pesquisas que verifiquem o melhor modo da tecnologia contribuir no âmbito do ensino de literatura.

Quanto ao escritor Luiz Vilela, apontamos sua literatura como objeto essencial para o sucesso do projeto. Luiz Vilela nos conflita e nos abraça com uma profundidade às vezes assustadoramente compreensiva e, como reforça Lewis, quando trata do valor de toda grande literatura, é um tipo de obra que permite "[...] que tenhamos acesso a experiências que não são nossas [...] pode ser o belo, o terrível, o assustador, o hilariante, o patético, o cômico ou o meramente picante [...] transcendo a mim mesmo. E nunca mais sou eu mesmo" (LEWIS, 2009, p.120-121).

Acreditamos na literatura como resposta fundamental aos anseios existenciais, culturais, sociais e emocionais dos envolvidos no código ideológico da linguagem, inserido no desenvolvimento da experiência, afinal "Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal" (PETIT, 2008, p. 43), desde que a sensibilidade, ética e ciência formem elo adequado na aquisição do saber.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. ***Professores reflexivos em uma escola reflexiva***. São Paulo: Cortez, 2011.

ANGELO, Ivan. ***A festa***. Rio de Janeiro: Vertente, 1961.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin. ***Marxismo e filosofia da linguagem***. Trad. De Marina Yaguello. São Paulo: Hucitec, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. ***Problemas da Poética de Dostoiévski***. Trad. Paulo Bezerra. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. ***A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.*** São Paulo: Hucitec, 1999.

BARTHES, Roland. ***Aula***. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.

BORDINI, Maria da Glória ; AGUIAR, Vera Teixeira de**. *Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas***. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. ***Plano Nacional de Educação (PNE)***. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>.Acesso em 14 de março de 2015.

BRASIL. ***Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)***. Disponível em http://portal.inep.gov.br/internacional-novo-pisa-resultados acesso em: 21 nov.2015.

BRASIL. ***Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)***. Brasília: MEC, 1997.

BOSI, Alfredo. ***O ser e o tempo da poesia***. São Paulo: Cultrix, 1983.

CANDIDO, Antonio. ***Literatura e sociedade***. São Paulo: Publifolha, 2000.

COLOMER, Teresa. Nova Escola. ***Literatura não é luxo***. É a base para construção de si mesmo. Ed. 274, agosto de 2014. Publicado em <www.novaescola.abril.com.br>. Acesso em 27/05/16.

COSSON, Rildo. ***Letramento Literário***: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2012.

COSSON, Rildo. ***Círculos de leitura e letramento literário***. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Riani. Textos coletivos alunos do Unicolégio Objetivo. ***Araçatuba: Dos trilhos de ferro ao caminho das águas*.** São Carlos: Riani Costa, 2015.

CRISTO, Joaquim de Lima. ***Estratégias para Despertar nos alunos o Gosto pela Leitura e assim, formar leitores para a vida inteira***. Londrina, PR, 2007. UFSC.

Disponível em < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/394-4.pdf> Acesso em 27/05/16.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. ***Literatura Infantil: teoria e prática***. 4 ed. São Paulo: Ática, 1985.

DEWEY, John. ***Democracia e educação*.** São Paulo: Nacional, 1952.

FRANÇA JUNIOR, Oswaldo. ***Um dia no rio*.** Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

FREIRE, Paulo. ***A importância do ato de ler****:* em três artigos que se completam. 39 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FRIEDMAN, Norman. ***O Ponto de Vista na Ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico.*** IN *Revista USP.* São Paulo, CCS-USP, n 53, março/maio 2002, trad Fábio Fonesca de Melo, pp. 166 a 182.

FRIEDRICH, Janette. ***Lev Vigostski***: mediação, aprendizagem e desenvolvimento. Uma leitura filosófica e epsitemológica. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

FOSTER, Edward Morgan. ***Aspectos do romance.*** São Paulo: 2005.

GENETTE, Gerárd. ***Discurso da narrativa***. Lisboa: Veja, 1979.

GIL, Antonio Carlos. ***Como elaborar projetos de pesquisa***. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOGOL, Nicolai. ***O Capote seguido de O Retrato***. Porto Alegre: L&pm Pocket,2008.

HOUAISS, Antonio. VILLAR, Mauro de Salles. ***Dicionário Houaiss da língua portuguesa***. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INGARDEN, Roman. ***A obra de arte literária***. Lisboa: Calouste, Gulbenkian, 1973.

SILVA, Andrè Luis Silva. Info Escola. ***A fragmentação disciplinar e por áreas de conhecimento***. 2015. Publicado em < http://www.infoescola.com>. Acesso em 27/05/16.

JAKOBSON, Roman. ***Linguística e comunicação****.* São Paulo: Cultrix, 1985.

JAUSS, Hans Robert. ***La história literária como desafio a la ciência literária***. In: GUMBRETCH et al. **La actual ciência literária alemana**. Salamanca: Anaya, 1971.

KOCH, Ingedore Vilhaça. ***A coesão textual***. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Vilhaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. ***A coerência textual***. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Vilhaça . ***O texto e a construção de sentidos***. São Paulo: Contexto, 2008.

LEWIS, Clive Staples. ***Um experimento na crítica literária***. São Paulo: UNESP, 2009.

LOSS BIER, Marilena. ***A criança e a recepção da literatura infantil contemporânea:*** Uma leitura de Ziraldo. Tubarão, SC, 2004. UNISUL.

MACHADO, Karina Torres. ***Literatura, escolarização e práticas de ensino:*** A recepção dos contos de Luiz Vilela no Ensino Fundamental. Três Lagoas, MS. Tese (Mestrado- Estudos Literários). Orientador Rauer Ribeiro Rodrigues, 2015.

MACHADO, Maria Zélia Versiani; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. ***A escolarização da leitura literária***: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MARIA, Luzia. ***O que é conto***. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MARIA, Luzia. ***O Clube do livro ser leitor-que diferença faz?***. São Paulo: Globo, 2009.

MARTINELI, Lais Pacifico; MACHADO, Cristina Cristina Gomes . ***Monteiro lobato e a educação***: o ideário pedagógico expresso na personagem dona Benta. Maringá, PR, UEM, 2002.

MARTINS, Maria Helena. ***O que é leitura****.* São Paulo: Brasiliense, 2012.

MOISÉS, Massaud. ***A criação literária****.* São Paulo: Melhoramentos, 1967.

MOISÉS, Massaud. ***A análise literária****.* São Paulo: Cultrix LTDA, 1987.

MOISÉS, Massaud. ***O conto****.* In: A criação literária. São Paulo: Cultrix, 1997.

PENA, Perciliana; RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues]. ***Ler para vida***. Uberlândia: Rauer Livros, 2000.

PETIT, Michèle. ***Os jovens e a leitura****.* 1. ed. São Paulo: 34, 2008..

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. ***Professor reflexivo no Brasil***: gênese e crítica de um conceito. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues]. ***Faces do conto de Luiz Vilela****.* Araraquara, SP, 2006. 2 volumes. Tese (Doutorado - Estudos Literários) - FCL-Ar, UNESP. Orientador: Luiz Gonzaga Marchezan. Disponível em GPLV.

RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues]. ***Aspectos estruturais das novelas do ficcionista brasileiro Luiz Vilela***, 10ª ed. Formas Breve, Universidade de Aveiro, Portugal, 2013, p.167-178.

SANTIAGO, Silviano. ***Em liberdade*****.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANCHES NETO, Miguel. ***O romancista Luiz Vilela***. Estudos de literatura contemporânea. Brasília, 2008, p.201-215.

SILVA, Adriana. ***Um estudo sobre as estratégias de leitura e os alunos de letras***. http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem10/COLE_2108.pdf. Acesso em: Jan. 2014.

SMITH, Frank. ***Leitura Significativa***. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: _____. EVANGELISTA, A. M; BRANDÃO, H. M. B; MACHADO, M. Z. (Orgs.) ***A escolarização da leitura literária***: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, Solange Jobim. ***Infância e linguagem****:* Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 13. ed Campinas: Papirus, 2012.

THIOLLENT, Michel**.** ***Metodologia da pesquisa-ação***. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, Tzvetan. ***A literatura em perigo***. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VEIGA, José J. ***Aquele mundo de Vasabarros****.* São Paulo: Difel, 1982.

VERISSIMO, Erico. ***Incidente de Antares.*** Porto Alegre: Globo, 1971.

VILELA, Luiz. ***Amor e outros contos****.* São Paulo: Edelbra, 2009.

VILELA, Luiz. ***Boa de garfo****.* 4ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

VILELA, Luiz. ***Bóris e Dóris***. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VILELA, Luiz. ***Chuva e outros contos****.* São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

VILELA, Luiz. ***Contos da infância e da adolescência****.* São Paulo: Ática, 1998.

VILELA, Luiz. ***Contos escolhidos****.* São Paulo: Francisco Alves, 1978.

VILELA, Luiz. ***Contos****.* São Paulo: Nankin, 2001.

VILELA, Luiz. ***Entre Amigos****.* São Paulo: Ática,1983.

VILELA, Luiz. ***Graça***. São Paulo: Liberdade,1989.

VILELA, Luiz. ***Histórias de bicho****.* São Paulo: Editoria do Brasil, 2002.

VILELA, Luiz. ***Histórias de Família***. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

VILELA, Luiz. ***Histórias de família****.* São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

VILELA, Luiz. ***Lindas pernas***. São Paulo: Cultura, 1979.

VILELA, Luiz. ***No bar.*** São Paulo: Ática, 1979. 2. ed.

VILELA, Luiz. ***O Choro no Travesseiro***. São Paulo: Cultura, 1994. 3º. ed., São Paulo: Atual, 2000.

VILELA, Luiz. ***O inferno é aqui mesmo****.* São Paulo: Ática, 1979.

VILELA, Luiz. ***O violino e outros contos****.* São Paulo: Ática, 1989.

VILELA, Luiz. ***Os novos****.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

VILELA, Luiz. ***Perdição****.* Rio de Janeiro: Record, 2011.

VILELA, Luiz. ***Sete histórias***. São Paulo: Global, 2000.

VILELA, Luiz. ***Tarde da noite****.* São Paulo: Ática, 1983.

VILELA, Luiz. ***Três histórias fantásticas****.* São Paulo: Scipione, 2006.

VILELA, Luiz. ***Uma seleção de contos***. São Paulo: Nacional, 2005.

VODICKA, Felix. A história da repercussão das obras literárias. In: TOLEDO, Dionísio (org.). ***Círculo Linguístico de Praga***; estruturalismo e semiologia. Porto Alegre: Globo, 1978.

ZILBERMAN, Regina. ***A literatura infantil na escola***. São Paulo: Global, 1981.

ZILBERMAN, Regina. ***A literatura e o ensino de literatura****.* Curitiba: Ibpex, 2010.

BIBLIOGRAFIA DE LUIZ VILELA[30]

[30] Retirado do Grupo de Pesquisa Luiz Vilela GPLV. Disponível em: http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/notícias.html, acesso em: 12 jul. 2016.

Contos

A Cabeça. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 1.reimpr: São Paulo, Cosac & Naify, 2002; 2. reimpr: Cosac & Naify, 2012.

Lindas Pernas. São Paulo: Cultura, 1979.

No Bar. Rio de Janeiro: Bloch, 1968. 2. ed: São Paulo: Ática, 1984.

O Fim de Tudo. Belo Horizonte: Liberdade, 1973.

Tarde da Noite. São Paulo: Vertente, 1970. 5. ed: São Paulo: Ática, 1999.

Tremor de terra. Belo Horizonte: edição do autor, 1967. 9. ed: São Paulo: Publifolha, 2004.

Você Verá. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Romances

Entre Amigos. São Paulo: Ática, 1983.

Graça. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

O Inferno É Aqui Mesmo. São Paulo: Ática, 1979. 3. ed: São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

Os Novos. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971. 2. ed: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Perdição. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Novelas

Bóris e Dóris. Rio de Janeiro: Record, 2006.

O Choro no Travesseiro. São Paulo: Cultura, 1979. 9. ed: São Paulo: Atual, 2000.

O filho de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Te Amo Sobre Todas as Coisas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Antologias

Amor e Outros Contos. Erechim, RS: Edelbra, 2009.

Boa de Garfo e Outros Contos. São Paulo: Saraiva, 2000. 4.ed: São Paulo: Saraiva, 2010.

Chuva e Outros Contos. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.

Contos da Infância e da Adolescência. São Paulo: Ática, 1996. 4. ed: São Paulo: Ática, 2007.

Contos Eróticos. Belo Horizonte: Leitura, 2008.

Contos Escolhidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. 2. ed: Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

Contos. Belo Horizonte: Lê, 1986. 4. ed: Introdução de Miguel Sanches Neto. São Paulo: Scipione, 2010.

Histórias de Bichos. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.

Histórias de Família. Introdução de Augusto Massi. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

O Violino e outros Contos. São Paulo, Ática, 1989. 7.ed: São Paulo: Ática, 2007.

Os Melhores Contos de Luiz Vilela. Introdução de Wilson Martins. São Paulo: Global, 1988. 3. ed: São Paulo: Global, 2001.

Sete Histórias. São Paulo: Global, 2000. 3. ed: São Paulo: Global, 2008.

Sofia e Outros Contos. São Paulo, Saraiva, 2008. 2.ª tiragem, 2012.

Três Histórias Fantásticas. Introdução de Sérgio Rodrigues. São Paulo: Scipione, 2009.

Uma Seleção de Contos. São Paulo: Nacional, 1986. 2. ed. reformulada: São Paulo: Nacional, 2002.

DOCUMENTOS DE

APLICAÇÃO DO PROJETO:

1- ORDEM LÓGICO – CRONOLÓGICA

2- PRODUÇÕES ANALISADAS DOS ALUNOS[31]

[31] Para além da divisão em apêndices e anexos, foi necessária a criação de uma ordem que facilitasse a compreensão do leitor quanto aos momentos de aplicação de nossa proposta. Organizamos, então, os documentos em ordem lógico-cronológica, nas quais constam de modo conjunto, sem tal terminologia, apêndices e anexos, formando uma seção ordenada de acordo com os momentos em que os artigos, questionários, imagens e textos foram utilizados no projeto. Ao final a documentação ficou dividida em duas partes: a primeira, AP, que designa a aplicação do projeto em ordem, lógico-cronológica, composta de anexos e apêndices, e a segunda parte, PA, que engloba as produções dos alunos, analisadas em nosso trabalho e nomeadas como figuras.

AP 001

Artigo Adriana da Silva – Documento de sondagem

UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA E OS ALUNOS DE LETRAS

ADRIANA DA SILVA.

Resumo
Neste trabalho, analisam-se as práticas das estratégias de leitura de alunos do Curso de Letras. Considera-se que as estratégias de leitura influenciam a compreensão de textos e são os de procedimentos realizados durante a atividade de leitura que facilitam a compreensão de textos ou as operações que realizamos ao abordar um texto (CHAMOT, 2005; ALVERMANN, 2001). Aplicou-se um questionário para avaliar as práticas de leitura de alunos do quarto período de Letras de uma faculdade particular. Considera-se que a habilidade de leitura é importante para qualquer universitário, mas torna-se especialmente importante, por exemplo, para o aluno do Curso de Letras, pois no futuro será responsável pelo trabalho com o texto e os gêneros textuais em sala de aula. Ao trabalhar nesse curso, surgiu um questionamento: será que o aluno de Letras pode ser considerado um bom leitor e tem conhecimento da leitura enquanto um processo complexo que envolve fatores lingüísticos e extralingüísticos? Outras questões foram levantadas em busca de se compreender o perfil leitor do aluno de Letras e sua perspectiva sobre a leitura. Será que esse aluno pratica o uso de estratégias na sua leitura? Como percebe a atividade da leitura? Concluiu-se que esses alunos, muitas vezes, não se sentem seguros em relação à leitura, ora usam estratégias, ora não, mas, normalmente, não as usam de maneira consciente.

Palavras-chave:
estratégias, leitura, compreensão.

1 Introdução

A leitura é uma atividade que requer do leitor não apenas habilidades lingüísticas como reconhecer palavras, estruturas sintáticas, sentidos de frases, mas também extralingüísticas, como acessar seus conhecimentos, estabelecer objetivos e expectativas para construir uma unidade de sentido (Kleiman, 1989; Koch, 2002).

A habilidade de leitura é importante para qualquer universitário, mas torna-se especialmente importante para o aluno do curso de Letras, pois no futuro será responsável por continuar o processo de letramento de seus alunos de língua. Eles serão responsáveis na apresentação de textos e gêneros textuais para alunos em sala de aula, assim como avaliar a leitura, compreensão e produção textual. Durantes o meu trabalho no curso de Letras, avaliando a leitura dos alunos, surgiu um questionamento: será que o aluno de Letras pode ser considerado um bom leitor e tem conhecimento da leitura enquanto um processo complexo que envolve fatores linguísticos e extralinguísticos? Outras questões foram levantadas para buscar compreender o perfil leitor do aluno de Letras e sua perspectiva sobre a leitura. Será que esse aluno conhece e usa estratégias na sua leitura? Como percebe a atividade da leitura?

Para tentar responder a essas questões, aplicou-se um questionário em alunos do 4° período de Letras de uma faculdade particular para avaliar suas práticas de leitura. O perfil leitor desses alunos foi traçado a partir das análises de suas respostas. Com isso, pretende-se verificar os conhecimentos desses alunos sobre as estratégias de leitura, pois eles serão futuros professores de Língua Portuguesa e deverão ter conhecimentos teóricos e práticos sobre a leitura para facilitar o

processo ensino/aprendizagem em sala. Além disso, é preciso verificar se esses alunos têm deficiências, para se traçar metas que possam sanar seus problemas de leitura.

2 A Leitura e as Estratégias de Leitura

A leitura é uma atividade que requer do leitor não apenas habilidades linguísticas, como reconhecer palavras, estruturas sintáticas, sentidos de frases, mas também extralinguísticas, como acessar seus conhecimentos, estabelecer objetivos e expectativas, para construir uma unidade de sentido. As pesquisas em leitura e compreensão textual demonstram que há complexas interações entre leitor, texto e seus conhecimentos de mundo (Clark, 1996; Silva, 1997; Koch, 2002).

Para desenvolver a habilidade de leitura, o leitor deve realizar uma série de estratégias de leitura, que são os procedimentos realizados antes, durante e após a leitura e que facilitam a compreensão de textos. As estratégias de leitura levam o leitor a refletir sobre as relações de sentido de um texto e a estabelecer a relação entre fatores linguísticos e extralinguísticos. É importante ressaltar que essas estratégias variam em função de leitores e operações cognitivas que são realizadas para a compreensão do texto como aspectos textuais, por exemplo, a estrutura do texto, a organização interna do texto, o tipo e o gênero textual.

As estratégias de leitura (Solé, 1998; Joly *et al.*, 2004) receberam outros nomes, em função de suas especificidades como estratégias de compreensão (Alvermann, 2001; Tanaka, 2003), cognitivas e metacognitivas (Leiman, 1989; Salataci e Ariel, 2002). Há autores que classificam as estratégias como conscientes e inconscientes. As inconscientes, por exemplo, são aquelas relacionadas aos conhecimentos lexicais, sintáticos e semânticos, as conscientes são estratégias como sublinhar as informações mais importantes do texto, ler com um objetivo, verificar títulos e subtítulos como pistas para construir a compreensão e ler efetivamente, ou seja, criar uma representação significativa para o texto, uma unidade de sentido (Koch, 2002).

"As estratégias de leitura caracterizam-se por serem planos flexíveis que os leitores usam, adaptados às diferentes situações" (Joly *et al.*: 61). Dessa forma, elas sempre variam e não funcionam como um modelo fixo a ser seguido por cada leitor, na leitura de todo e qualquer texto. É importante ressaltar que diferentes gêneros textuais podem exigir diferentes estratégias de leitura e neste trabalho existe uma preocupação com o uso e conhecimento de estratégias de maneira geral. As estratégias são flexíveis e não são passos a serem seguidos rigorosamente pelos leitores.

Muitos pesquisadores buscaram compreender as diferenças entre bons e maus leitores. Resumindo as idéias apresentadas por Duke e Pearson (2002:01) verifica-se que os bons leitores: a) são leitores ativos; b) criam objetivos para a leitura; c) avaliam constantemente se sua leitura confirma os objetivos já levantados; d) fazem uma varredura pela superfície do texto antes de iniciar a leitura, para apreender a estrutura do texto e as seções que o compõe; e) elaboram predições sobre o que virá; f) lêem seletivamente, tomando decisões; g) constroem, revisam e questionam os significados; h) assim como tentam determinar o significado de palavras e de conceitos desconhecidos a partir do próprio texto; i) selecionam, comparam e integram seu conhecimento prévio com as informações do texto; j) pensam sobre os autores do texto, seu estilo, opinião, intenções, ambiente histórico, e assim por diante; k) monitoram sua compreensão do texto, fazendo ajustes em sua leitura como necessário; l) processam as informações do texto não

somente durante a atividade de leitura, pois continuam processando-o mesmo depois de concluir a leitura, construindo em suas mentes a compreensão textual.

Percebe-se que os bons leitores participam ativamente da atividade de leitura e constroem a compreensão a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Nessa perspectiva, a leitura não é mais vista como um produto, mas um processo interativo entre leitor e escritor via texto.

Espera-se que o aluno de Letras seja um bom leitor, capaz de ler estrategicamente. Será que esse aluno reconhece o uso dessas estratégias na leitura? Será que ele usa algumas dessas estratégias em suas leituras? Cabe lembrar que essas estratégias não são usadas em qualquer leitura, pois não se trata de uma lista a ser checada em cada leitura, mas se considera que ter a noção dessas estratégias pode facilitar a leitura.

3 Metodologia

Elaborou-se um questionário que foi respondido por 27 alunos do 4° período de Letras, noturno, de uma Instituição de Ensino Superior particular. O questionário foi respondido em sala de aula, aplicado pela professora da turma, no primeiro dia de aula do semestre, na disciplina Linguística Textual. Eles tiveram que responder às seguintes perguntas:

1. Você se considera um bom leitor? _____ Sim _____ Não.

2. Por quê?

3. Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos?

4. O que você faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?

5. O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?

6. Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura?

As respostas dadas pelos alunos foram contabilizadas e transformadas em porcentagem e serão discutidas a seguir.

4 Resultados

Sobre a pergunta *você se considera um bom leitor*, constatou-se que 40,74% responderam que sim, 40,74% responderam não e alguns alunos criaram um novo item - mais ou menos. Assim, 18,52% responderam mais ou menos. Vê-se que basicamente não há diferença entre os alunos que se consideram bons leitores e os maus

VER ANEXO 1

Gráfico 1 - Você se considera um bom leitor

Parece que a maioria ainda não se considera um bom leitor, mas qual será o conceito de leitura que esses alunos possuem? Se não se consideram bons leitores, como poderão, por exemplo, ensinar o gosto pela leitura no futuro? Para tentar entender essas questões, os alunos deveriam justificar suas respostas. A análise

das razões apresentadas, nota-se que no grupo dos alunos que responderam sim, 14,81% relacionaram leitura à quantidade e 25,93% disseram que buscam compreender o texto, associar seus conhecimentos e não ficar apenas na decodificação. No grupo que responderam não, detectou-se que 7,41% só lêem quando o professor manda, 14,81% disseram que não lêem tudo, 7,41% não têm tempo e 14,81% apontaram problemas com a interpretação e o desejo de não fazer apenas uma leitura de decodificação. No grupo dos indecisos, 2% relacionaram à quantidade, 1% explicou que só lê o que lhe interessa e 2% não souberam explicar.

VER ANEXO 2

Gráfico 2 - Justificativas dadas para a pergunta 1

Na terceira pergunta (*Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos?)* somente 1% afirmou que não lê títulos e subtítulos, 4% lêem apenas os títulos, 1% só algumas vezes e 84% afirmaram que lêem, pois consideram que esses elementos servem como pistas para os leitores construírem o sentido dos textos. Assim, a maioria faz a leitura de títulos e subtítulos, pois os considera como elementos que podem guiá-los na busca pelo sentido durante a leitura.

VER ANEXO 3

Gráfico 3 - Sobre a leitura de títulos e subtítulos

Ao responderem à pergunta *O que você faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?*, 33,33% afirmaram que buscam identificar primeiro a palavra no contexto e só depois fazem uso do dicionário, mas 66,67% preferem procurar primeiro o significado dessas palavras no dicionário. Nesse aspecto, verifica-se que os alunos preferem usar o dicionário a tentar descobrir o significado pelo próprio texto.

VER ANEXO 4

Gráfico 4 - O que fazem ao encontrar palavras desconhecidas

Sobre *O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?*, a quinta pergunta, 81,48% releem o texto e procuram outras fontes, 14,82% desistem e 3,70% procuram a internet.

VER ANEXO 5

Gráfico 5 - O que fazem ao encontrar alguma dificuldade de leitura

Na sexta pergunta, o uso da estratégia de sublinhar o texto durante a leitura, 7,41% afirmaram que nunca sublinham o texto, 77,78% sublinham conceitos, palavras desconhecidas, 14,81% só de vez em quando. Muitos ressaltaram que aprenderam isso no curso de Letras.

Quando os alunos foram questionados sobre *Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura?*, eles resumiram da seguinte forma:

Tabela 1 - As dificuldades para exercitar a leitura

VER ANEXO 6

5.Discussão

Sabemos que o processo da leitura e compreensão de um texto envolve fatores linguísticos e extralinguísticos como indiquei na introdução. A fim de controlar esse processo, o leitor faz previsões sobre o texto lido e usa estratégias metacognitivas de monitoração para atingir o objetivo de verificação de suas hipóteses. Os experientes, de certa forma, controlam o processo da leitura por meio de estratégias que podem ser usadas antes, durante e após a leitura. O problema é que essa leitura participativa e reflexiva, geralmente, se opõe "aos automatismos e mecanismos típicos do passar do olho que muitas vezes é tido como leitura na escola" (Kleiman, 1989:43).

A prática de leitura em sala de aula, no Curso Superior, indica que os alunos, na maioria das vezes, desconhecem as estratégias de leitura, pois foram treinados, na escola, para uma leitura mecânica ou "de passar os olhos". Constata-se que os alunos não se consideram bons leitores e julgam a leitura uma atividade chata e óbvia. Em função disso, ressalta-se a necessidade de se investigarem as crenças, perspectivas e concepções dos alunos sobre temas como a leitura.

Os resultados mostraram que os alunos consideram a leitura como interpretação ou como produto, prevalecendo aqui a quantidade de material lido e não a qualidade da leitura. Além disso, nem sempre usam as estratégias de leitura de maneira consciente e isso abre espaço para que o professor, mesmo na graduação, venha a trabalhar as estratégias explicitamente em sala de aula.

O problema é que, muitas vezes, a escola tem falhado na capacitação do aluno para a leitura. Em função disso, faz-se necessário investigar as concepções dos professores em formação e, também, aqueles que são formados em relação à leitura. Reinaldo (2007) defende a necessidade de se construir práticas de formação que valorizem a sistematização pelo docente dos seus saberes experienciais. Essas práticas só serão construídas a partir do momento em que esses saberes experienciais forem descobertos, apresentados e analisados. Nóvoa (1999) considera que há uma distância entre o excesso das linguagens dos especialistas e do discurso científico-educacional e isso justifica, por exemplo, a pesquisa de concepções de professores em formação em relação a temas que fazem parte do seu arcabouço teórico.

Nos últimos anos, houve um crescimento, no Brasil e no exterior, de estudos sobre as crenças no ensino e aprendizado de línguas, assim como, seus métodos de investigação (Barcelos e Abrahão, 2006). Os termos concepções, percepções e crenças são considerados sinônimos neste trabalho. O estudo das crenças tornou-se um promissor campo de investigação que, cada vez mais, desperta o interesse de pesquisadores de diferentes áreas (Barcelos, 2006). O termo crença, normalmente, é usado nos trabalhos de língua estrangeira (Barcellos e Abrahão, 2006) já o termo concepção é usado em trabalhos de leitura e escrita em língua materna (Rottava, 2004; Freudenberg e Rottava, 2004; Figueiredo e Bonini, 2006). Em comum, esses estudos buscam ultrapassar os limites teóricos e consideram as experiências e representações dos atores envolvidos no processo ensino/aprendizagem: professores e alunos.

Acredita-se que é necessário investigar como o aluno de Letras, por exemplo, futuro professor, concebe a leitura e quais são suas crenças sobre esse tema. A partir deste trabalho, observa-se a necessidade de se estudar as crenças dos alunos em relação à leitura. Isso não foi feito neste trabalho, mas já existe um

projeto de pesquisa com esse objetivo. Os resultados indicaram que as noções de leitura e estratégias dos alunos ainda são fragmentadas e, muitas vezes, ele não têm a consciência de que a leitura é um processo do qual o leitor participa ativamente pelos seus objetivos e hipóteses criadas antes, durante e após a leitura.

Por meio das respostas dos alunos, é possível compreender um pouco mais quais são as suas perspectivas sobre a leitura, se usam e como usam as estratégias de leitura. Quando questionados se seriam bons leitores, verificamos que os alunos ficaram divididos. A justificativa das respostas serve para se compreender sobre as perspectivas dos alunos em relação à leitura. Observou-se que a leitura assume diferentes papéis para os alunos do 4° período de Letras.

Verificamos que não houve diferença significativa entre aqueles que se consideram bons e os maus leitores. Na verdade, a maioria desses alunos considera que o fato de ser um bom leitor está relacionado ao aspecto quantitativo da leitura e não à qualidade e à interpretação. Dessa forma, conclui-se que eles ainda percebem a leitura como um produto, apresentam um modelo mais tradicional de leitura. A princípio, é possível entender que esses alunos são mesmo maus leitores, mas quando verificamos o uso de estratégias, por meio do questionário, observa-se que nem tudo está perdido, mas, na maioria das vezes, não há o uso consciente dessas estratégias.

Por exemplo, a maioria lê os títulos e justifica essa leitura informando que consideram como pistas para que se possa (re)construir o sentido do texto. Em compensação, a maioria prefere usar o dicionário quando encontra uma palavra desconhecida. Assim, verificou-se que a maioria ainda tem uma postura passiva diante do texto, talvez reflexo de uma concepção de texto enquanto um produto de decodificação. O leitor ainda não consegue estabelecer uma interação com o texto, um diálogo, então, se não reconhece uma palavra, não é capaz de compreendê-la dentro do próprio texto. Podemos considerar que esses alunos tenham em mente que o uso do dicionário é muito importante e que poderiam ajudá-los na compreensão de textos. Essa é uma questão que merece ser melhor investigada por meio de questionários ou até mesmo entrevistas.

Os alunos têm o hábito de reler o texto quando encontram alguma dificuldade e apenas uma minoria desiste ou procura sanar as dúvidas utilizando a internet. Isso demonstra que, de alguma forma, eles acreditam que o texto é capaz de responder a qualquer dúvida que possam ter durante a leitura. Esse aspecto, também, merece ser mais estudado, pois a dificuldade pode existir em função de problemas textuais, por exemplo, uso inadequado de elementos coesivos, como também em função de elementos extralinguísticos, como falta de conhecimento prévio sobre o tema apresentado. De qualquer forma, tanto a opção de reler como a de procurar uma maneira de resolver o problema por intermédio da internet pode indicar que esses sujeitos procuram estabelecer uma interação com o texto. Talvez, nesse momento, entendam "o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais" (Beaugrand, 1997, p. 10). Ou seja, tentam estabelecer a construção do sentido, revendo os fatores textuais e até mesmo os extratextuais que garantem a textualidade de um texto, percebendo "o texto como um processo, e não um produto acabado" (Marcuschi, 2008, p. 96).

A última questão foi apresentada para se verificar, na perspectiva dos alunos, quais seriam os maiores obstáculos encontrados para o exercício da leitura. Como já era esperado, o maior obstáculo foi a falta de tempo, pois, normalmente, trabalham durante o dia e frequentam o curso à noite. Ao responderem o questionário, citaram a falta de conhecimentos para acompanhar a leitura, indicando que a leitura não é apenas decodificação, mas interação, mediada por fatores linguísticos,

cognitivos e sociais (Marcuschi, 2008). Em seguida, veio a resistência ao assunto, demonstrando a influência do leitor no processo de leitura. Além disso, citaram a preguiça, a não-concentração e o uso de textos chatos como motivos para o afastamento da atividade de leitura. Esses fatores demonstram que não há leitura sem a participação do leitor, pois "um texto não existe, como um texto, a menos que alguém o processe como tal" (Beaugrande, 1997, p. 13). Então, abordaram a questão da falta de tempo associada ao espaço inadequado, pois muitos não possuem um espaço propício para o estudo, o que influencia a leitura, principalmente, textos acadêmicos, que eles ainda não dominam. Pelas respostas coletadas, vê-se que os alunos interiorizaram a idéia de que a leitura é um processo complexo baseado em fatores cognitivos e sociais. Percebem o texto como um processo complexo, usam estratégias de leitura, mas talvez, de maneira implícita, sem ter muito conhecimento sobre essas estratégias que consideram como naturais apenas. Daí, a importância de explicitar os processos e estratégias feitos durante a leitura, para que no futuro possam ensinar a seus alunos como fazer uma leitura crítica, não-passiva, apenas decodificadora.

6 Considerações Finais

Conclui-se que esses alunos não são maus leitores ou leitores mais ou menos, como se classificaram. Eles fazem o uso de estratégias de leitura, mas, muitas vezes, não de maneira consciente. Parece que consideram, ainda, a leitura como um produto de decodificação e não como o processamento de um texto. Considera-se que ainda estão preocupados com a quantidade de leitura e com fatores externos ao processo como a falta de tempo, conflitos pessoais e textos chatos. Esses aspectos indicam, também,que muitos desses alunos não têm a leitura como um hábito. Dessa forma, como poderão cobrar de seus alunos o gosto e o hábito de leitura? Concluiu-se, através dos dados, que os alunos, futuros professores, ainda não se sentem confortáveis em relação à leitura.

Neste trabalho, notou-se que, muitas vezes, os graduandos demonstraram usar as estratégias de leitura, mas, geralmente, não têm noção desse uso. Surge a necessidade de se investigar mais sobre as crenças e concepções desses alunos em relação à leitura e suas práticas de leitura. O professor de Educação Superior precisa verificar quais são as crenças desses alunos sobre a leitura, avaliar como eles desenvolvem essa atividade, detectar falhas e dificuldades, para que se possa traçar caminhos que levem o aluno a desenvolver essa atividade de maneira satisfatória. A preocupação de qualquer professor, não apenas os de língua materna, deve ser a de formar cidadãos críticos e leitores proficientes. Para tal tarefa, o professor deve atuar como mediador, levar o aluno a conhecer e a aplicar as estratégias, a realizar a atividade de leitura como um jogo estratégico. Em trabalhos futuros, pretende-se abordar novamente a questão. Para isso, serão usados questionários abertos e entrevistas, para entender mais como os alunos de Letras compreendem o processo de leitura e como efetivam esse processo. Por meio desses estudos, espera-se compreender mais sobre o processo da leitura, entender como os alunos percebem o texto, se têm consciência da complexidade desse processo e, no futuro, propor metas de trabalho com a leitura em sala de aula.

Referências

ALVERMANN, D. E. *Effective literacy instruction for adolescents*. executive summary and paper by national reading conference. Chicago, IL: National Reading Conference. 2001. Disponível em: <http://www.coe.uga.edu/lle/faculty/alvermann/effective2.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2008.

BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Org.), *Crenças e ensino de línguas. Foco no professor, no aluno e na formação de professores,* Campinas: Pontes, 2006.

BEAUGRANDE, R. de.,*New foundations for a Science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*.,Norwood: Albex, 1997.

GALVÃO, A. M. O. (Org.), *Leitura: práticas, impressos, letramentos,* Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 89-98.

CLARK, H. , *Using language,* Chicago: The University of Chicago, 1996.

DUKE, N. K.; PEARSON, D., Effective practices for developing reading comprehension. In: FARSTUP, A. E.; SAMUELS, S. J. (Ed.) *What research has to say about reading instruction*. Newark, DE: International Reading Association. 2002. Disponível em: <http://magma.nationalgeographic.com/ngexplorer/0809/ax/effectivepractices.pdf >. Acesso em: 4 abr. 2008.

KLEIMAN, Â., *Leitura. Ensino e pesquisa,* Campinas: Pontes, 1989.

_____,*Texto e leitor. Aspectos cognitivos da leitura,* Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, I. G. V., *Desvendando os segredos do texto,* São Paulo: Cortez, 2002.

JOLY, M. C. R. A.; CANTALICE, L. M.; VENDRAMINI, C. M. M., *Evidências de validade de uma escala de estratégias de leitura para universitários,* Revista Interação em Psicologia, v. 8, n. 2, p. 261-270.

MARCUSCHI, L. A. , *Produção textual, análise de gêneros e compreensão,*São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POSSENTI, S., *Por que (não) ensinar a gramática na escola,* Campinas: ALB / Mercado das Letras, 1996.

PULLIN, E. M. M. P. *Leitura de estudo: estratégias reconhecidas como utilizadas por alunos universitários*, Ciência & Cognição, v. 12, p. 51-61, 2007.

SALATACI, R.; AKIEL, A. Possible effects of strategy instruction on L1 and L2 reading. *Reading in a foreign language*, Honolulu: AI, v. 14, n. 10, April, 2002. Disponível em: <http://nflrc.hawaii.edu/rfl/april2002/salataci/salataci.html>. Acesso em: 18 mar. 2008.

SOLÉ, I., *Estratégias de leitura,* Porto Alegre: ArtMed, 1998.

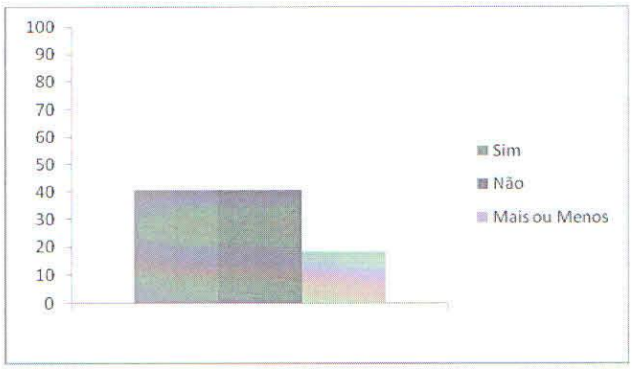
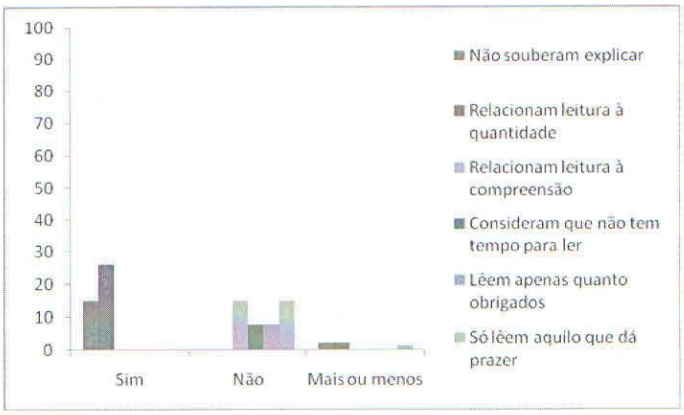
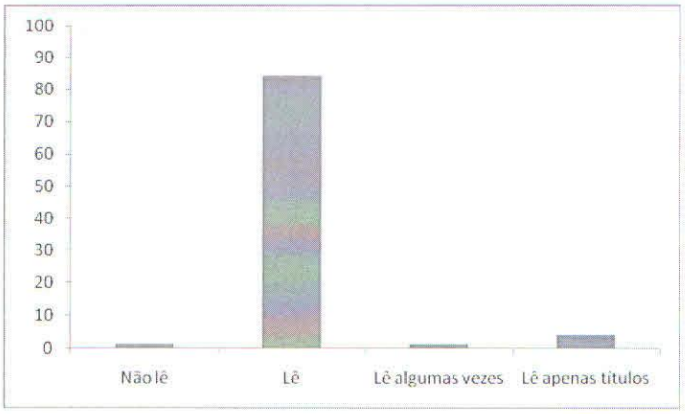
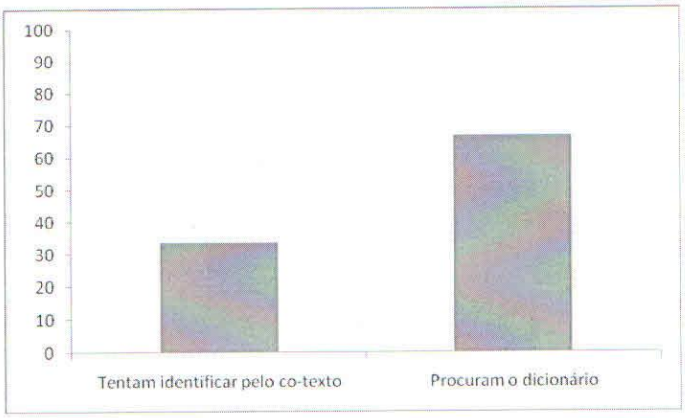
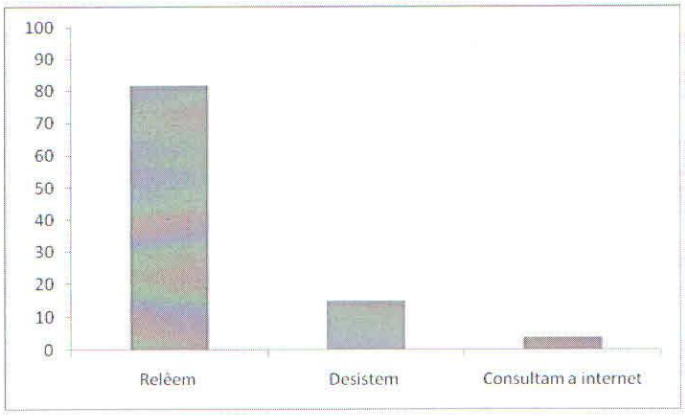


Gráfico 1 – Você se considera um bom leitor


100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
Sim
Não
Mais ou menos
Não souberam explicar
Relacionam leitura à quantidade
Relacionam leitura à compreensão
Consideram que não tem tempo para ler
Lêem apenas quanto obrigados
Só lêem aquilo que dá prazer


100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
Não lê
Lê
Lê algumas vezes
Lê apenas títulos


100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
Tentam identificar pelo co-texto
Procuram o dicionário


100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
Relèem
Desistem
Consultam a internet

Porcentagem	Justificativa
25,92	Falta de tempo
14,81	Resistência ao assunto
14,81	Falta de tempo e ambiente adequado
18,52	Falta de conhecimento para acompanhar a leitura
11,11	Falta de disciplina e concentração
7,41	Muito trabalho e preguiça
3,70	Considerar os textos muito chatos
3,70	Ter conflitos pessoais para resolver

AP 002

Documento de Sondagem Inicial- A/CAM/8/4

1. Você se considera um bom leitor?

X sim ___ não

2- Por quê?

Porque para mim ler é uma fonte de conhecimento e sempre que posso, leio.

3- Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos?

Sim, sempre que vou ler um livro, verifico o título, subtítulo e leio o resumo da história, contido atrás.

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?

Normalmente procuro no glossário (às vezes contido nos livros) ou até mesmo pergunto a alguém.

5- O que faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?

Leio-o novamente e se mesmo assim não entender, peço que alguém me ajude.

6- Quais dificuldades você tem para exercitar as atividades de leitura?

Minha maior dificuldade é o tempo, mas normalmente leio nas férias.

AP 003

Documento de Sondagem Inicial- A/CAR/8/4

1- Você se considera um bom leitor?
X sim ___ não

2- Por quê?
Porque além de me trazer conhecimentos, eu gosto de ler

3- Antes de ler um texto, você verifica seus títulos subtítulos?
Somente o título e o gênero sobre o que ele fala

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?
Pergunto para uma pessoa mais próximo.

5- O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?
Dependendo da dificuldade eu leio o texto várias vezes até conseguir entender, ou eu paro de ler e pego outro texto ou livro.

6- Quais as dificuldades você tem para executar a atividade de leitura?
Eu não encontro nenhum tipo de dificuldade no hor

AP 004

Documento de Sondagem Inicial- A/DAN/8/4

1- Você se considera um bom leitor? ___ sim ___

2- Por que?

não, porque não tenho o hábito de ler

3 Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e seu títulos?

Sim

4 O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?

Eu vou direto ao dicionário

5 O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?

Eu procuro ler quantas vezes for preciso até que eu entenda

6 Quais as dificuldades que você tem para exercitar a atividade de leitura

No verdade não tenho dificuldade para ler

Atividade (Sonefa)

1 Escreva um trecho de música que identifique com

AP 005

Documento de Sondagem Inicial- A/EDUS/8/4

1- Você se considera um bom leitor?
sim X não

2- Por quê?
Porque não gosto muito de ler

3- Antes de ler um texto, você verifica os seus títulos e subtítulos?
Sim, eu vejo a última frase do livro também

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?
Pergunto para a minha avó

5- O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?
Eu tento ler e se não consigo peço ajuda

6- Quais as dificuldades você tem para executar a atividade de leitura?
Eu tenho preguiça de ler, mas quando começo na paro.

AP 006

Documento de Sondagem Inicial- A/EDUP/8/4

1- Você se considera um bom leitor? ____ sim
X não

2 Porque? não, porque pra mim só serve pra perder tempo

3- Antes de ler um texto você verifica seus títulos e subtítulos? não, já começo a ler quando abro o livro

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende? continuo lendo não me preocupo com a palavra

5- O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto? não leio este livro leio outro

6- Quais as dificuldades que você tem para exercitar a atividade de leitura? muitos entre elas a dificuldade de prestar

AP 007

Documento de Sondagem Inicial- A/EMA/8/4

1. Você se considera um bom leitor?
R. X sim — não

2. Por quê?
Eu sempre gostei de ler e acabo querendo mais e mais.

3. Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos?
Às vezes, quando eu leio o resumo, eu já fico interessada em ler e nem preciso ler. Mas alguns é necessário ler.

4. O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?
Bom eu procuro no dicionário

5. O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?
Eu leio até entender.

6. Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura?
Eu não tenho dificuldade, mas as vezes a preguiça não deixa.

AP 008

Documento de Sondagem Inicial- A/GIO/8/4

Você se considera um bom leitor?
☐ Sim ☒ Não

Porque?
Porque eu não leio muito, e não gosto muito de ler

Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos?
Não, so leio os títulos

O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?
-Pergunto para um amigo, e raramente procuro na internet

O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?
Eu fico tentando ler até conseguir

Quais as dificuldades você tem para executar a atividade de leitura?
Eu sinto sono quando leio, não consigo prestar atenção.

AP 009

Documento de Sondagem Inicial- A/GIOV/8/4

Pergunta 1 Você se considera um bom leitor?

Sim

Pergunta 2 Por que?

Porque eu tenho um hábito de leitura diário, e isso faz com que a cada dia eu aprenda coisas novas e tudo mais.

Pergunta 3 - Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos?

Sim.

Pergunta 4 - O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?

Eu a grifo e no fim do texto eu a procuro no dicionário virtual.

Pergunta 5 - O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?

Eu procuro reler a palavra até entende-la.

Pergunta 6 - Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura

O desconhecimento de certas palavras.

AP 010

Documento de Sondagem Inicial- A/ISA/8/4

1. Você se considera um bom leitor?
Sim [X] Não [ ]

2. Porque?
Resposta: Pois eu leio varios livros

3. Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos?
Resposta: Sim.

4. O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?
Resposta: Eu procuro no dicionário ou na internet ou para quem está perto de mim

5. O que você ~~faz~~ faz quando encontra alguma ~~dificuldade~~ dificuldade na leitura de um ~~texto~~?
Resposta: Eu vou para um lugar onde não tem barulho e leio de novo.

6. Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura?
Resposta: Depois que eu começo ler, eu não consigo parar.

AP 011

Documento de Sondagem Inicial- A/JOA/8/4

1 - Você se considera um bom leitor?
X sim ___ não

2 - Por quê?
R: Porque eu leio bastante, e leio vários gêneros e autores.

3 - Antes de ler um texto, você vê seus títulos e subtítulos?
R: Sim

4 - O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não conhece?
R: Continuo a frase para ver se entendo pelo ~~contexto~~ contexto, se não, vejo no dicionário.

5 - O que você faz quando encontra alguma ~~dificuldade~~ dificuldade na leitura de um texto?
R: Leio de novo

6 - Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura?
R: Nenhuma

AP 012

Documento de Sondagem Inicial- A/LET/8/4

1) Você se considera um bom leitor? X sim ____ não.

2) Porque? Porque eu gosto muito de ler e lendo bastante, eu percebo isso.

3) Antes de ler um texto, você verifica seus títulos ou subtítulos?
Sim, pois se ~~você~~ eu não ler, não consigo saber se é de terror, romance, comédia se não houver capa, e o título caracteriza praticamente o texto ou livro e é muito importante.

4) O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende.
Muitas vezes eu pergunta para quem está comigo ou quem está próximo, se a palavra não for tão importante, eu deixo passar sem saber seu significado, mais se precisar realmente, eu procuro no dicionário.

5) O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto.
Muitas vezes eu leio de novo, e de novo, se não entender, vou procurar alguem, ler a frase ou o ~~trecho~~ trecho que fala aquilo que não ~~entender~~ entendi, se a pessoa responde, eu continuo, se a pessoa não sabe eu pulo e vou para outro trecho.

6) Quais as dificuldades que você tem para exercitar a atividade de leitura.
Muitas vezes eu tenho muita preguiça, por isso as vezes eu acabo não lendo.

AP 013

Documento de Sondagem Inicial- A/LUF/8/4

1- Você se considera um bom leitor?
Sim Não
☒ ☐

2- Porque, digo, por que?
Porque mesmo não lendo muito eu consigo entender rapido.

3- Antes de ler um texto, voce verifica seus titulos e subtitulos?
Não

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que voce não entende?
Eu tento ler o resto da frase para tentar entender, mas se não consigo pergunto para uma pessoa mais velha.

5- O que voce faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?
Eu procuro um livro mais facil para entender.

6- Quais as dificuldades que voce tem para exercitar a atividade de leitura?
De todas as dificuldades a maior é a preguiça.

Filipeta

AP 014

Documento de Sondagem Inicial- A/LUH/8/4

1- Você se considera leam leitor

2- Porque

3- Antes de ler um texto você observa o seu título e subtítulo

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?

5- O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto

6- Quais as dificuldades você tem que exercitar a atividade de leitura?

Resposta:

1- Não

2- Porque eu apanse na leia.

3- Sim

4- Passo por cima

5- Eu para

6- Interagir com o texto

AP 015

Documento de Sondagem Inicial- A/LUO/8/4

1- Você se considera um bom leitor?
X Sim — não

2- Por que?
Pois me interesso muito por histórias e estórias.

3- Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos?
Sim.

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?
Eu procuro no dicionário, pois assim é mais fácil de entender.

5- O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?
Eu leio mais vezes e se não der certo eu peço ajuda à outra pessoa.

6- Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura?
Nenhuma, pois quando começo a ler um livro eu leio todos dias e as vezes pouco e as vezes muito.

AP 016

Documento de Sondagem Inicial- A/MARC/8/4

1 Você se considera um bom leitor?
X Sim ___ Não

2- Porque?
Porque ler é algo para mim que virou necessidade, saio do meu mundo e entro em outro com pessoas novas e coisas novas e mágico.

3- Antes de ler um texto, você verifica seus e subtitulos?
Eu olho a capa e os Titulos para imaginar melhor os personagens ou a propria historia.

4 - O que faz encontrar no texto uma palavra que você entende?
Procuro, pesquiso, para poder continuar.

5 - O que você faz ao encontrar alguma dificuldade na leitura do texto?
Eu leio de novo, até conseguir entender

6- Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura?
Eu não consigo parar, se paro e saio daquele mundo daquela imaginação, na minha cabeça eu fico martelando de saber o resto, saber o que aconteceu, voltar para o mais rapido possivel.

AP 017

Documento de Sondagem Inicial- A/ MARCC/8/4

Você se considera um bom leitor? — sim Não Não

Porque

Eu preciso ler mais porque quanto mais conhecimento

Antes de ler um texto Você verifica seus títulos e subtítulos

Sim sempre leio o título e o gênero do livro.

- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que Você

Eu busco saber o significado dessa palavra

5- O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?

Tento ler mas aquela parte

6- Quais as dificuldades você tem para exercitar

Dificuldade de leitura

Eu pratico, mas estou lendo mais.

AP 018

Documento de Sondagem Inicial- A/MAR/8/4

1- Você se considera um bom leitor?

X sim — não

2- Por quê?

Porque não tenho muitas dificuldades para ler, pois gosto muito de ler, a leitura incentiva a imaginação.

3- Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos?

Sim.

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?

Pergunto para pessoas mais experientes ou procuro no dicionário.

5- O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?

Pergunto para pessoas mais experientes e persisto até entender.

6- Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura?

Falta de tempo e coragem.

tilibra

AP 019

Documento de Sondagem Inicial- A/MARP/8/4

01/04/14

1- Você se considera um bom leitor? X sim ____ não

2 - Por quê?

Porque desde de pequena sou acostumada a ler vários tipos de livros e todo ano eu me aventuro a ler livros de gêneros diferentes, ler é uma das coisas mais legais para mim.

3- Antes de ler um texto você verifica seus títulos e subtítulos?

Sim, o título é uma das partes mais importantes do texto.

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?

Eu pergunto para os meus pais e caso eles não entendam também eu procuro no dicionário.

5- O que ~~faz~~ você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?

Tento reler várias vezes e grifar/destacar as partes mais importantes do texto.

6- Quais as dificuldades você tem para executar a atividade de leitura?

Basicamente nenhuma, como ler virou uma coisa de rotina eu quase nunca encontro dificuldades, mais claro em textos mais complexos e com palavras diferentes eu tenho muita dificuldade então procuro evitar ler livros mais complexos e com linguagens diferentes.

AP 020

Documento de Sondagem Inicial- A/MAT/8/4

1- Você se considera um bom leitor?
___ sim / X não.

2- ~~Porque~~ Porque?

Porque, eu leio mas não com tanto entusiasmo, como se eu fosse um fã.

3- Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos?

Sim, para saber o que o livro comenta.

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entenda?

Procuro saber o significado e o contexto que foi colocado no texto.

5- O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?

Perguntar para um professor de português ou alguém que saiba o que ~~o texto~~ a frase ou o capítulo significado.

6- Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura?

Algumas vezes eu fico com cansaço.

AP 021

Documento de Sondagem Inicial- A/NAT/8/4

1- Você se considera um bom leitor? X sim — não

2- Porquê?

Porque muitas ~~f~~ vezes leio os textos com facilidade.

3- Após de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulo

Sim.

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?

Paro de ler e procuro a palavra no dicionário Depois continuo a ler.

5- O quê você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?

Eu passo por cima dessa dificuldade e continuo lendo, talvez talvez, depois eu entendo umendando do texto

6- Quais as dificuldades você tem para executar a atividade de leitura?

Nenhuma.

Eu não gosto de ler. Acho muito entediado.

AP 022

Documento de Sondagem Inicial- A/BEA/8/4

1- Você se considera um bom leitor?

___ Sim X não

2- Porque? - Porque um não leio muito.

3- Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos?
Sim, para saber do que se trata o texto

4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende? procuro no dicionário ou na internet

5- O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto? - pergunto para alguem que ja leu o texto

6- Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura - preguiça ou muitas vezes se cansa.

AP 023

Documento de Sondagem Inicial- A/RAF/8/4

- Porquê?
Porque eu não gosto muito de ler esses livros mas gosto de ler manga (histórias em quadrinhos) de anime (desenho japonês).

- Antes de ler um texto, você verifica seu título e subtítulos?
Sim, para dar algumas informações

- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende?
Eu às vezes não procuro eu só procuro quando é muito importante eu vou no dicionário procurar ou no google.

- O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?
Eu vou lá na minha mãe perguntar para explicar a história mas se ela não sabe eu tento entender a história

- Quais as dificuldades você tem para executar a atividade de leitura?
Eu tenho dificuldade de entender as histórias as palavras.

AP 024

Documento de Sondagem Inicial- A/RAQ/8/4

1) Você se considera um bom leitor?

___ Sim _x_ Não

2) Porque?

Eu não leio diariamente e também não fico horas só lendo, porque as vezes eu não acho o livro que eu gostaria de ler, e as vezes mesmo lendo a sinopse do livro ele acaba não sendo o que eu esperava, acho que isso causa um desapontamento que não tenho mais ~~tanto~~ tanta energia para procurar e naramente achar.

3) Antes de ler um texto, você verifica sous-títulos e subtítulos?

Quando eu estou procurando algo em especial eu olho, mas quando alguém manda eu ler para fazer alguma coisa como uma prova ou outra coisa do tipo eu não olho, só o título principal.

4) O que faz ao encontrar no texto uma palavra que não ~~conhece~~ entende?

Pergunto a algum parente, ou pessoa próxima, se eles não souberem pesquiso no dicionário e se mesmo assim não entender, eu pesquiso na internet.

5) O que você faz quando encontra uma dific
na leitura de um texto?

Tento ler-lo novamente, e se mesmo assim n
entender leio o contexto para alguém mais
para que ele me explique.

6) Quais as dificuldades você tem para exercit
Atividade de leitura?

A falta de energia em procurar o que re
quero.

tilibra

AP 025

Documento de Sondagem Inicial- A/GAB/8/4

1- Você se considera um bom leitor? X sim ___ não.
2- Por que? Porque adoro ler, texto sempre fica caracterizada.
3- Antes de ler um texto, você verifica seus Títulos e subtítulos? Sim, tanto textos, como filmes.
4- O que faz ao encontrar no texto uma palavra que você não entende? Procuro o significado
5- O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto? Eu repito a leitura quantas vezes for necessário.
6- Quais as dificuldades você tem para exercitar a atividade de leitura? Nenhuma, eu me dou muito bem com a leitura. Quando começo a ler algum livro, eu me dedico.

PRIMEIRO MOMENTO:

MÉTODO CIENTÍFICO

CONTOS TRABALHADOS

“Um peixe” (2002)
“Bichinho engraçado” (2002)
“As formigas” (2002)
“Andorinhas” (2002)
“Corisco” (2002)

AP 026
PLANEJAMENTO

Método Científico – currículo por áreas

Conteúdo
Dos maus-tratos aos animais à compaixão.

Material
Contos de Luiz Vilela: “Um peixe”, “Bichinho engraçado”, “As formigas”, “Andorinhas” e “Corisco”.

Objetivo
Propiciar à criança o estabelecimento de relações entre a literatura e sua vida.

Procedimentos didáticos
O professor propõe uma discussão de como os animais são tratados, trazendo para o grupo material jornalístico sobre o assunto: caça predatória, maus-tratos, abandono, agressões, tráfico, etc. A partir da discussão dos temas nos diversos textos e da pesquisa realizada pelos alunos, o professor sugere que os alunos investiguem como esse assunto é tratado na obra de Luiz Vilela. Apresenta cópia dos contos citados acima; contos que terão na primeira folha somente o título, instigando a curiosidade do aluno e a identificação com o título. Explorar, de forma oral, o que cada título cria como expectativa em cada aluno.

Estabelecimento do tema
Os alunos, dentro de cada grupo, leem a obra escolhida. Definem juntos, já que estarão divididos por grupo temático, o tema de pesquisa e transcrevem este para uma cartolina que fixam na parede, próxima a eles, para que todos os alunos possam ver o problema levantado por cada grupo a partir do conto escolhido.

Formulação de hipóteses
Diante do problema posto, os alunos do grupo são solicitados a responderem a questão-tema de forma hipotética, baseado somente na leitura que fez do texto e na vivência que possui; em seguida, devem escrever as várias opiniões em uma folha, que será fixada embaixo da cartolina do grupo.

Justificativa: a escolha do tema e das hipóteses
Os alunos, seguindo a ordem dos grupos, contarão a história lida por eles a todos os grupos; explicitarão à questão problema elaborada pelo grupo a partir da leitura do conto e as respostas que cada integrante do grupo deu para o problema levantado. Alguns alunos de outros grupos são chamados para dar sua opinião. Um aluno de cada grupo registrará na lousa os questionamentos feitos pelos alunos dos outros grupos, incitando a discussão, o debate entre eles, confrontando a hipótese inicial.

Coleta de dados
Após a leitura de cada conto e a discussão da questão-problema, os alunos, dentro de seus grupos, comparam as respostas dadas inicialmente com os outros apontamentos fornecidos pelos outros alunos e respondem um questionário elaborado a partir dos apontamentos feitos pelos demais alunos.

Depois de respondidas todas as questões, o grupo original volta a se reunir e faz o levantamento dos dados obtidos para confrontar com as primeiras impressões que tiveram.
Os alunos descrevem os dados em seus cadernos, confrontando as opiniões. Em seguida, organizam na lousa a exposição dos resultados.

Conclusão
Cada aluno lê as hipóteses fixadas inicialmente e discute com o grupo as relações que têm com os dados obtidos. Para encerrar os alunos devem produzir um texto modificando o final dos contos.

AP 027

MODELO QUESTIONÁRIO- conto "Um Peixe"

Conto Um Peixe

1)Você gostou do conto?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) Você já participou de uma pescaria ?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Se você pescasse uma traíra, você a manteria viva?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você teria a mesma atitude da empregada ?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

5)O menino e a empregada tiveram a mesma ação em relação aos peixes?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"O peixe, quieto em um canto, parecia escutar".** Você acredita que os animais têm a capacidade de compreender o que nós, seres humanos, falamos?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) No trecho: **"Mas o que faria com ela agora? Matá-la não ia; não, não faria isso. Se ela já estivesse morta, era diferente".** Você acha condizente a justificativa dada pelo menino?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você teria uma traíra como peixe de estimação?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha normal a atitude da empregada ao fazer isto: "**Eu soquei a ponta da faca naquelas coisas que faz o peixe nadar, sabe? Pois acredita que ela ainda ficou mexendo? Aí eu peguei o cabo da faca e esmaguei a cabeça dele, e foi aí que ele morreu. Mas custou, ô peixinho duro de morrer!"**

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

AP 028

MODELO QUESTIONÁRIO- conto “Bichinho Engraçado”

Conto Bichinho Engraçado

1) Você gostou do conto lido?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) Você tem um bichinho de estimação ?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Você estaria pronto para fazer um sacrifício por algum animal de estimação ?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4)Os seus familiares apresentam resistência em ter um animal de estimação?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

5) O comportamento do personagem principal muda do começo ao fim da história?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

6) Você aprova a atitude das pessoas em relação ao cágado?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você também acharia desagradável “**Passar a faca no pescoço**” de um cágado?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você já foi julgado pelas pessoas por ajudar algum animal?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha certo retirar os animais do seu habitat de origem?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

AP 029

MODELO QUESTIONÁRIO- conto "As Formigas"

Conto As Formigas

1)Você gostou do conto?
( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO.

2)Releia o trecho: **" O bom é que ninguém precisava gritar, nem também mentir, como as pessoas estavam sempre fazendo. "**
Essa frase revela o conceito que o menino tem dos adultos. Você também tem esse mesmo conceito?
( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)A reação do menino ao ver o conserto da rachadura na parede mostra que ele considerou tal ato uma violência. Você também tem a mesma opinião do menino?
( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você aprecia o modo de vida das formigas?
( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

5) Releia o trecho: **"formiga tinha hora que era gente mesmo".** Você acredita que as formigas podem ser consideradas "gente"?
( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

6) O trecho **"Uma tarde entrou no quarto e viu a mancha de cimento novo na parede, brutal, incompreensível."** revela um ato de maus-tratos aos animais. Em sua opinião, muitos seres humanos agem dessa forma com os animais?
( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você aprova a atitude do pai do menino, de exterminar as formigas?
( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você está de acordo com a atitude da mãe do menino?
( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

9) A forma como a história termina assemelha-se com o que acontece de verdade?
( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

AP 030

MODELO QUESTIONÁRIO- conto "Andorinha"

Conto Andorinha

1) Você gostou do conto lido?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

2)Já esteve em situação parecida a do personagem ? (Não tendo nada o que fazer) .

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Você já praticou este tipo de "brincadeira" – caçar pássaros?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você aprova a atitude do personagem em matar a andorinha por prazer ?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

5)Acredita na existência de amuletos da sorte?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

6)O comportamento do menino muda do começo para o fim da história?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Releia o trecho: **"Percebeu o medo no olhinho que piscava, sentiu-se poderosos e cruel diante da insignificância e fragilidade do pássaro"**. Você acredita que os seres humanos que maltratam os animais também se sentem poderosos diante da fragilidade dos animais?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8)Você concorda que **"matar um passarinho: apontar bem no alvo, soltar a pedrada e ver o pássaro despencando morto, despencando lá de cima com as asas caída..."** traz uma sensação de epifania, como afirma o protagonista da história?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

9) No final da história o menino sente raiva da sua atitude, como mostra o fragmento a seguir **"... E então teve raiva; teve raiva de si mesmo, do domingo, e do que fizera; teve raiva de sua astúcia, sua espera, sua alegria, e agora sua impotência".** Você acredita que esse sentimento possa isentar toda a maldade praticada por ele?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

AP 031

MODELO QUESTIONÁRIO- conto "Corisco"

Conto Corisco

1)Você gostou da história?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) O comportamento do pai muda do começo para o fim da história?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)A atitude da mãe traz benefício ao filho?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4) O conto traz algum sentimento que você já vivenciou?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

5) Você partilha a opinião do pai do menino, de que animais de estimação **"só servem para dar amolação"**?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"como se Corisco não existisse, pois era assim, parecia que Corisco não existia para ele, nunca falava nele".** A ação do pai em relação a Corisco representa a atitude de muitas pessoas em relação aos animais?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você acredita que o pai do menino sentiu, em algum momento, compaixão pelo cachorro?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você acha que a dor de cabeça que o pai sentiu, após a morte do cachorro, possa ser a manifestação da dor pela perda do animal?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

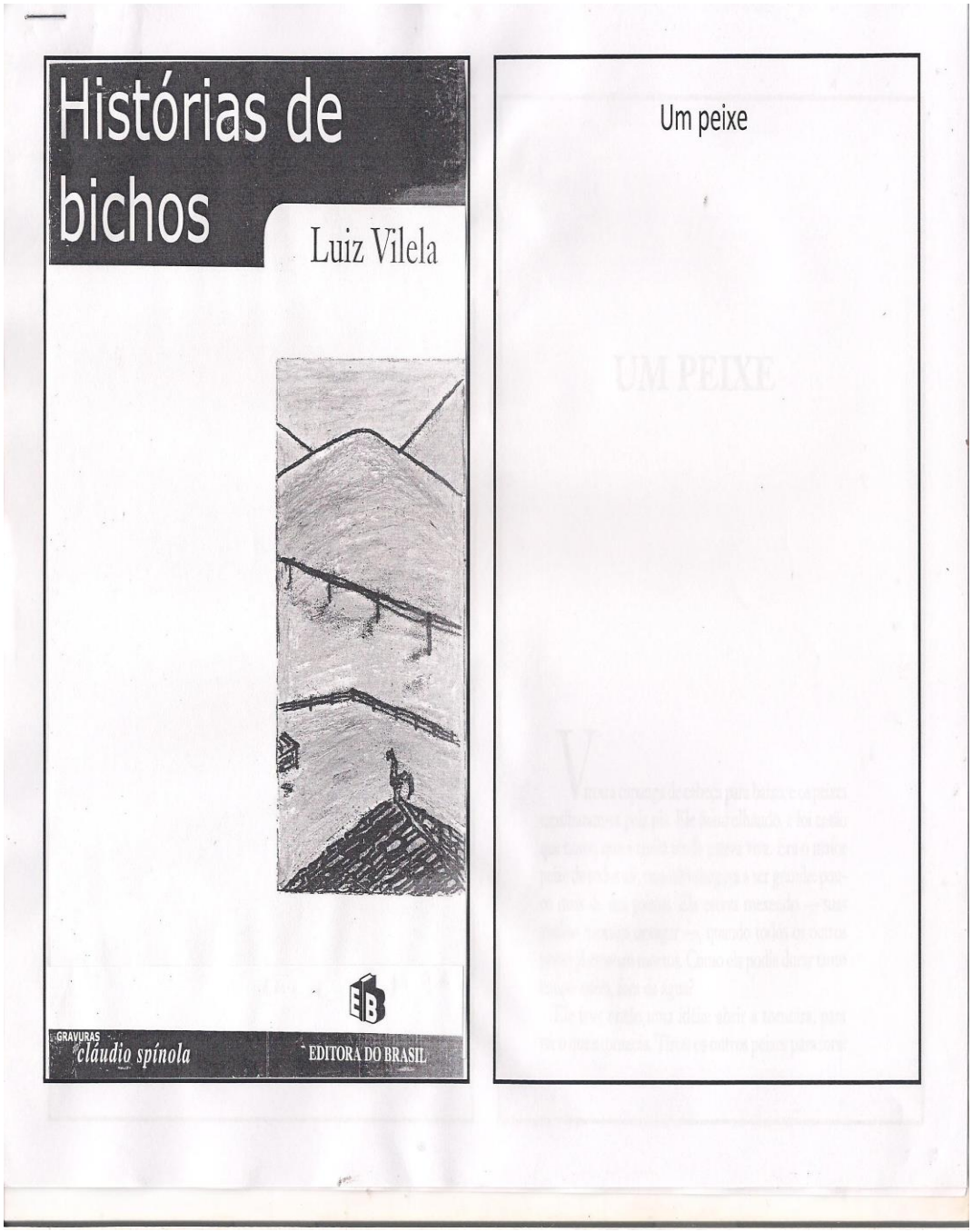
9) Releia o trecho: **"Tudo voltou a ser como antes, eu brincando com os meninos da fazenda, Mamãe cozinhando, Papai trabalhando".** Você partilha a ideia de que quando amamos muito alguém ou um animal o sentimento de perda pode passar rapidamente?

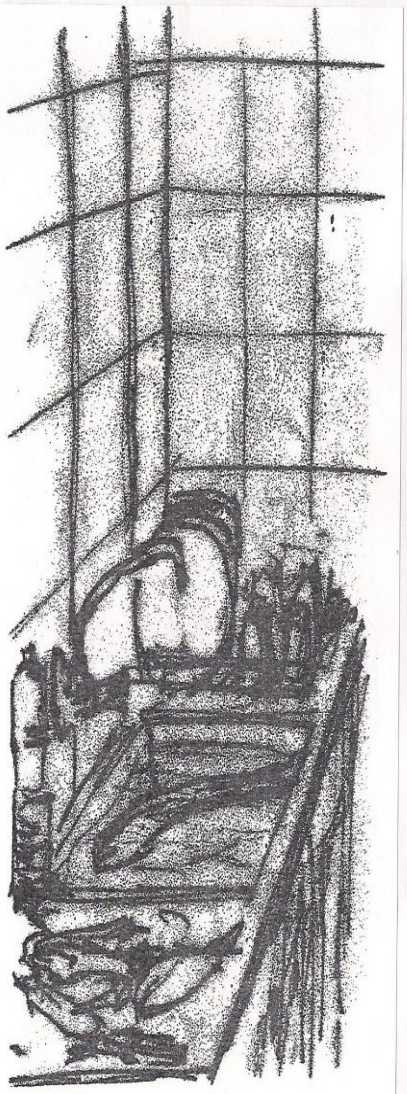
( ) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

AP 032

CONTO: UM PEIXE

Método científico – Conto: “Um peixe”





UM PEIXE

Virou a capanga de cabeça para baixo, e os peixes espalharam-se pela pia. Ele ficou olhando, e foi então que notou que a traíra ainda estava viva. Era o maior peixe de todos ali, mas não chegava a ser grande: pouco mais de um palmo. Ela estava mexendo — suas guelras mexiam devagar —, quando todos os outros peixes já estavam mortos. Como ela podia durar tanto tempo assim, fora da água?

Ele teve então uma idéia: abrir a torneira, para ver o que acontecia. Tirou os outros peixes para fora:

lambaris, chorões, piaus. Dentro do tanque deixou só a traíra. E então abriu a torneira. A água espalhou-se, e quando cobriu a traíra, a traíra deu uma rabanada e disparou. Ele levou um susto. Ela estava muito mais viva do que ele pensara, muito mais viva.

Ele riu; ficou alegre e divertido, olhando a traíra, que agora tinha parado num canto, o rabo oscilando de leve, a água continuando a jorrar da torneira. Quando o tanque encheu, ele fechou a torneira.

— E agora? — falou para o peixe. — O que eu faço com você?...

Enfiou o dedo na água: a traíra deu uma corrida assustada e ele tirou o dedo depressa.

— Você está com fome?... E as minhocas que você me roubou no rio?... Eu sei que era você: devagarzinho, sem a gente sentir... Agora está aí, né?... Está vendo o resultado?...

O peixe, quieto num canto, parecia escutar.

Ele podia dar alguma coisa para a traíra comer. Talvez pão. Foi olhar na lata: tinha acabado. Que mais? Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma idéia — a mãe era boa para dar idéias. Mas ele estava sozinho. Não conseguia lembrar de outra coisa. O jeito era ir comprar um pão na padaria. Mas sujo, assim, de barro, a roupa molhada, imunda?

— Dane-se — disse, e foi.

Era domingo à noite, o quarteirão movimentado, rapazes no footing, bares cheios. Enquanto andava, ele foi pensando no que acontecera. No começo fora só curiosidade, ver o que acontecia; mas depois foi bacana, ficou alegre quando viu a traíra bem viva de novo, correndo pela água, esperta.

Mas o que faria com ela agora? Matá-la ele não ia; não, ele não faria isso. Se ela já estivesse morta, seria diferente, mas ela estava viva, e ele não queria matá-la. Mas o que faria com ela?

Poderia criá-la — por que não? Havia o tanquinho do quintal, que a mãe uma vez mandara fazer para criar patos. O tanque estava entupido de terra, mas ele poderia desentupi-lo, arranjar tudo, ficaria cem por cento. É, é isso o que faria. Deixaria a traíra numa lata de água até o dia seguinte; e de manhã, logo que ele se levantasse, iria mexer com o tanque.

Enquanto era atendido na padaria, ficou olhando para o movimento, os ruídos, o vozerio do bar em frente. E então pensou na traíra, sua trairinha deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura. Era até meio besta como ele estava alegre com aquilo. E logo um peixe feio como traíra, isso é que era o mais engraçado...

Toda manhã — ia pensando, de volta para casa — ele desceria ao quintal, levando pedacinhos de pão para ela. Além disso, arrancaria minhocas do chão, e de vez em quando pegaria alguns insetos. Uma coisa que podia fazer também era pescar depois outra traíra e trazer para fazer companhia àquela: um peixe sozinho num tanque era algo muito solitário.

A empregada já tinha chegado e estava ao portão, olhando o movimento.

— Que peixada bonita você pegou...

— Você viu?

— Uma beleza. Tem até uma trairinha.

— Ela foi difícil de pegar, quase que ela escapole; ela não estava bem fisgada.

— Traíra é duro de morrer, hem?

— Duro de morrer?

Ele parou.



— Uai, essa que você pegou estava vivinha na hora que eu cheguei; e você ainda esqueceu o tanque cheio de água... Quando eu cheguei, ela estava toda folgada, nadando. Você não está acreditando? Eu juro. Ela estava toda folgada, nadando.

— E aí?

— Aí? Uai, aí eu escorri a água pra ela morrer. Mas você pensa que ela morreu? Morreu nada! Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim! Eu soquei a ponta da faca naquelas coisas que faz o peixe nadar, sabe? Pois acredita que ela ainda ficou mexendo? Aí eu peguei o cabo da faca e esmaguei a cabeça dela, e foi aí que ela morreu. Mas custou; ô peixinho duro de morrer! Por que você está me olhando?

— Nada.

— Você não está acreditando? Eu juro; você pode ir lá na cozinha ver: ela está lá, do jeitinho que eu deixei.

Ele foi caminhando para dentro.

— Eu vou ficar aqui mais um pouco — disse a empregada, — depois vou arrumar os peixes, viu?

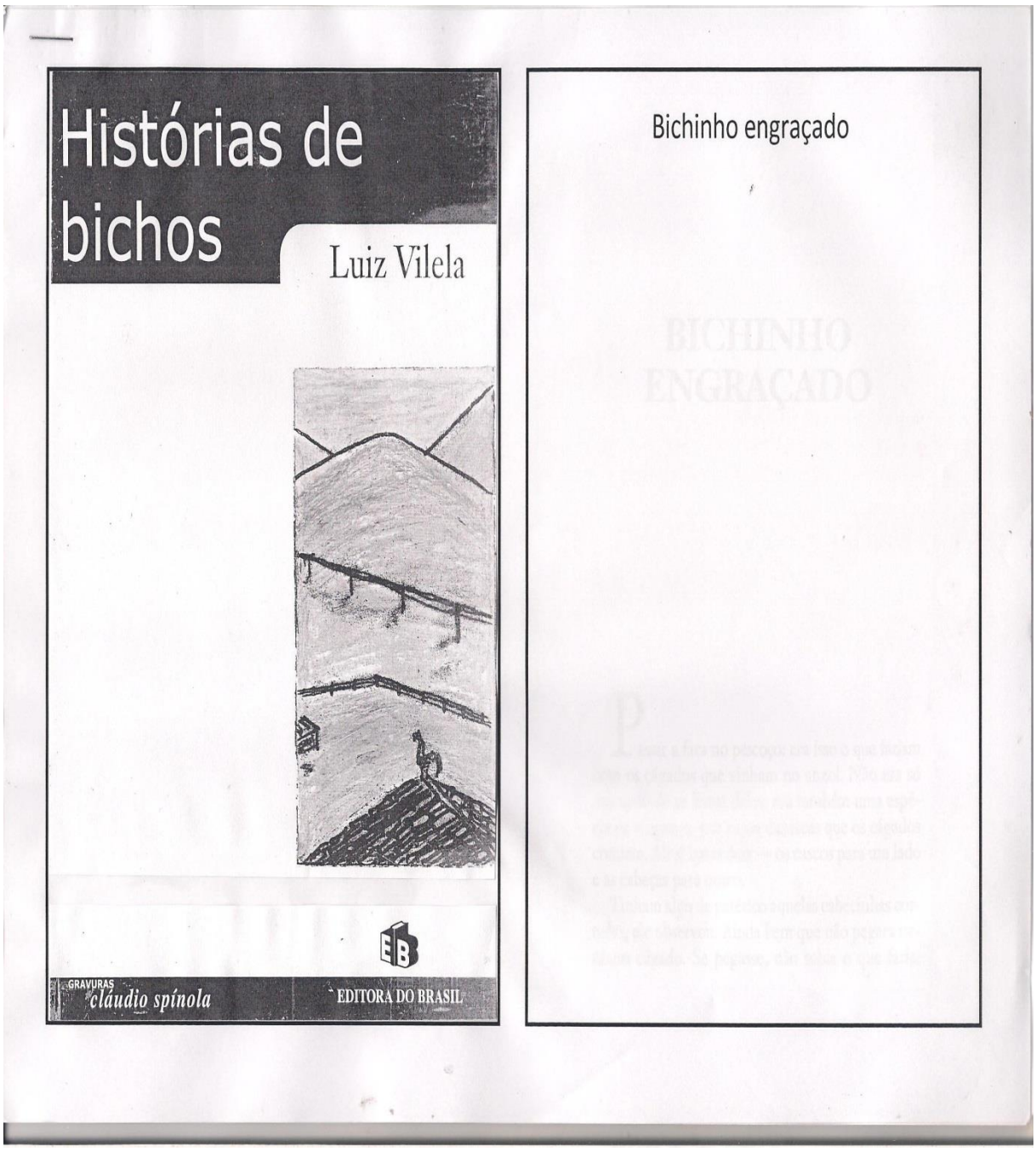
— Sei.

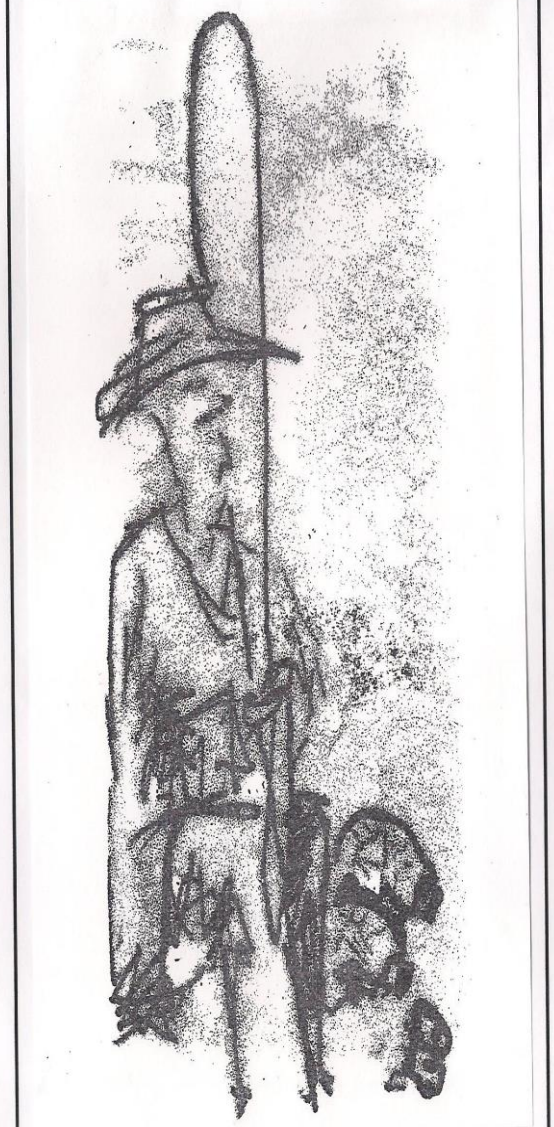
Acendeu a luz da sala. Deixou o pão em cima da mesa e sentou-se. Só então notou como estava cansado.

AP 033

CONTO: BICHINHO ENGRAÇADO

Método científico – Conto: “Bichinho engraçado”





BICHINHO ENGRAÇADO

Passar a faca no pescoço: era isso o que faziam com os cágados que vinham no anzol. Não era só um meio de se livrar deles; era também uma espécie de vingança, por causa das iscas que os cágados comiam. Ali já havia dois — os cascos para um lado e as cabeças para outro.

Tinham algo de patético aquelas cabecinhas cortadas, ele observou. Ainda bem que não pegara nenhum cágado. Se pegasse, não sabia o que faria:

passar a faca, ele não teria coragem; e pedir a um dos companheiros que o fizesse por ele não ficaria nada bem — ainda mais que já o olhavam com um certo ar de deboche por ser da cidade.

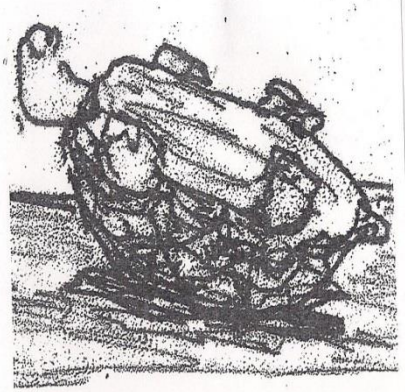
Era a sua primeira pescaria grande — o que prudentemente ocultara dos companheiros —, e estava dando tudo para não fazer feio. Não pegara ainda nenhum peixe, mas, como eles também não tinham pego, isso não era problema. O problema seria o cágado. Cada puxadinha ou aparência de puxada — às vezes era apenas a correnteza, ou um galho de árvore, ou as pedras do fundo — já o fazia crispar-se todo, pensando que fosse um.

Na verdade, sua preocupação principal não era mais pegar um peixe: era não pegar um cágado. Ela já se tornara quase obsessiva. Um pouco, também, era o resultado daquelas horas seguidas sob o sol quente, a falta de conforto, o perigo ali, no barranco. Reconhecia isso; reconhecia, mas nada podia fazer para dominar-se. Tudo o que podia fazer era torcer para que um cágado não viesse à sua linha.

E ele torceu. Mas sua torcida não adiantou: quando sentiu um peso diferente na linha, um peso que se movia, não teve dúvida. E antes que dissesse qualquer coisa, já um dos companheiros, pescador experimentado, vendo-o recolher a linha, observava lacônico: "Agora é você que pegou um..."

"É", ele respondeu, contrariadíssimo, recolhendo a linha na carretilha, o peso acompanhando firme.

Pôde então, próximo ao barranco, na água esverdeada e límpida, ver o cágado: de tamanho regular, ele batia as patinhas, preso à linha. Os companheiros limitavam-se a olhar, com um ar de riso, quase de gozação.



"Porcaria", disse ele, fingindo uma grande raiva: na realidade, não sentia nada contra o cágado; sentia contra o acontecido, que o obrigaria agora a enfrentar uma situação que achava mil vezes desagradável.

Veio trazendo o cágado barranco acima.

"Porcaria", tornou a dizer, com medo de que os companheiros não tivessem acreditado muito em sua raiva.

Agora o cágado estava ali, a seus pés, entre as pedras, de costas, mexendo as patinhas no ar. O anzol, amarelo, estava preso na beirada da boca: felizmente o cágado não o engolira. Ele curvou-se então para tirá-lo.

"Você tem faca ou canivete?", perguntou cordialmente um companheiro.

"Faca? Esqueci a minha em casa..." A verdade é que nem tinha faca.

O outro tirou-a da cintura, com a bainha, e fez menção de jogar: ele se preparou e catou-a no ar.

Tirou a faca da bainha — mas é claro que não faria aquilo. Pensamentos passaram rápidos por sua mente. E então ele teve o lampejo: "Sabe?", falou, sem se voltar: "eu vou levar esse cágado."

"Levar?", um dos companheiros se espantou, os dois voltando-se para ele: "Levar pra quê?"

"Pra criar."

"Criar?", e o espanto foi maior ainda.

"Você nunca viu gente criar cágado?..."

"Eu não."

"Pois eu tenho um primo que tinha três na casa dele."

Pura invenção. Mas precisava falar alguma coisa assim; o pessoal da roça só acredita quando a gente diz que fulano ou sicrano, um primo ou um tio nosso, tem ou fez tal coisa. E, afinal de contas, criar um cágado não era nada de tão excepcional assim para provocar tanto espanto: embora não conhecesse uma determinada pessoa que criasse algum, sabia que isso existia. E gente que criava bichos bem mais estranhos?

"É", disse, com algo de provocação, "é isso o que eu vou fazer com ele: levar pra casa e criar."

Devolveu a faca, agradecendo cordialmente.

Os dois companheiros continuavam olhando-o, admirados: nunca tinham dado a menor importância a um cágado e não conseguiam entender como que alguém podia se interessar por criar um deles — um bicho feio e desengonçado, que só servia para atrapalhar uma pescaria...

"Você vai mesmo?", perguntou o mais incrédulo.

"Por que não?"

"Mas a gente cria isso?"

"A gente cria tudo", ele respondeu; "é só gostar."

O companheiro, admirado.

"Minha mulher é que vai adorar", ele falou, rindo ambiguamente, pois o mais provável é que sua mulher, quando visse o cágado, caísse dura para trás. "Ela gosta tanto de animais...", continuou. "Ela costuma dizer que somos todos filhos de Deus. É por isso que eu vou levar esse cágado pra ela. Posso não levar um peixe, mas pelo menos um cágado eu levo. Ela vai adorar..."

Ficou olhando divertido e quase com ternura para o cágado ali, entre as pedras, já de pé, a cabeça e as patinhas encolhidas no casco.

"É", disse, "cágado pode atrapalhar uma pescaria, não há dúvida; mas, observando bem, até que cágado é um bichinho muito interessante, vocês não acham não?"

"Eu acho", disse um dos companheiros; "principalmente pra passar a faca no pescoço."

"É, pra isso cágado é bão", disse o outro.

"Não vejo a hora de chegar em casa...", ele disse, com o mesmo ar de provocação.

Iscou de novo o anzol, morosamente, sem interesse em continuar a pesca. Agora só desejava que o tempo passasse depressa e anoitecesse e eles fossem embora. Já não se importava de não pegar peixe. Tinha medo é de pegar outro cágado. Mas isso também não seria problema: levaria os dois, e já tinha até uma resposta preparada para tal eventualidade: "Vou levar um pra minha mulher e o outro pra mim."

Dessa vez, a sorte colaborou com ele: não pegou mais cágado. Nem os outros pegaram. E nenhum deles pegou peixe.

"Foi a pior pescaria que eu já fiz na minha vida", queixava-se um dos companheiros, arrumando a tralha. "Nunca fiz uma pescaria tão ruim."

"Nem eu", disse o outro.

"E eu?", acrescentou ele, deixando-os acreditar que já pescara em rio muitas vezes, quando, em rio, até aquele dia, nunca tinha pescado: só pescara em córregos, só peixinhos miúdos.

"Você não pode queixar", disse para ele o primeiro companheiro: "você vai levando um cágado; e vivo ainda, hem?"

Os três riram juntos.

"Estou quase resolvendo levar esses outros dois que eu matei", continuou o companheiro.

"Leva", disse o outro: "pelo menos um caldinho pra sopa é capaz de dar."

Os três riram de novo. E riram ainda várias vezes a respeito de cágados, enquanto caminhavam de volta para a casa da fazenda, pela estrada já quase escura. Suas risadas iam ficando para trás, engolidas pelo silêncio da noite, que vinha lentamente chegando.

Ele pôs o carro a funcionar; despediu-se novamente dos amigos; houve uma última piada sobre o cágado, e então ele partiu.

Chegou em casa pouco depois das dez horas. Entrou com o caniço na mão e, na outra mão, um saco de pano. Foi andando até a cozinha.

A mulher estava lavando pratos.

"Quantos dourados?", ela perguntou, com uma displicência irônica, sem interromper o serviço.

Ele já esperava por aquilo.

"Dourado", disse, "eu não trouxe nenhum. Mas antes que você faça qualquer comentário sobre as minhas brilhantes qualidades de pescador, eu quero te informar que nenhum de nós pegou nada. Portanto, você não pode dizer nada. Mas não fique triste: eu não trouxe peixe, mas trouxe uma coisa muito melhor pra você. Você vai adorar..."

"Já sei", disse ela, voltando-se rápida: "murici! Não é?..."

"Bom: pensando bem, a cabeça até que dá de parecer um pouco..."

"Cabeça?", e ela então observou melhor o saco que ele segurava: "Mas então não é fruta."

"E quem disse que é fruta?"

"Você disse que parece com murici."

"Eu disse que a cabeça dá de parecer um pouco. Um murici meio surrealista, evidentemente..."

Ela olhava intrigada e meio desconfiada.

"É bicho?"

"Não sei...", e ele fez cara de mistério: "Não vou dizer nada..."

"Você disse que eu vou adorar?"

"Pelo menos é o que eu acho; você sabe, às vezes a gente se engana..."

"Posso apalpar?"

"Só um pouquinho, senão fica fácil; aí perde a graça..."

Ela apalpou de leve, com medo, os olhos piscando muito.

Ele estava delirando com a coisa; quase não agüentava mais esperar pelo momento de abrir o saco.

"É duro...", ela constatou. "Não está parecendo bicho não..."

Ele riu.

"Não, Tito, quê que é? Fala; me mostra quê que é..."

"Eu vou ficar triste se você não gostar..."

Ele abriu o saco, e ela chegou o rosto perto: ela deu então um grito que atravessou a casa.

"Quê que é isso, Tito?"

Ela tinha se encostado à parede, o rosto apavorado como se tivesse acabado de ver o mais horrendo monstro da terra.

Ele dava gargalhadas.

"Quê que é isso, Tito?"

"É um cágado... um cágado...", e ele ria.

"Seu cretino; me fazer quase pôr a mão nisso, me passar esse susto..."

Ele continuava a rir.

"Dá mais uma olhadinha, você nem viu direito... Ele é uma gracinha... Acho que os olhos são da mesma cor dos seus, bem..."

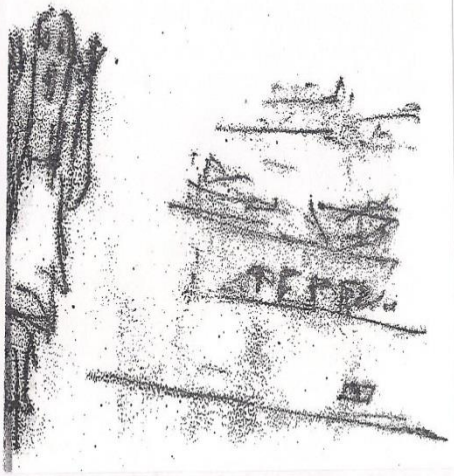
Ela não quis falar mais; fechou a cara. Voltou a lavar os pratos.

"Você ficou com raiva? Que isso, bem; foi só uma brincadeira. Além do mais, cágado é um bicho inofensivo, não faz mal a ninguém. Só atrapalha um pouco os pescadores; mas, diabo, por que não dizer que os pescadores é que os atrapalham? Afinal, lá sempre foi o lugar deles, e se alguém joga uma minhoca dentro da água, é claro que eles vão querer comer. E, depois, os pescadores se queixam e se vingam covardemente, cortando o pescoço deles. Eu não, não sou covarde; pelo menos a esse ponto. E foi por isso que eu trouxe ele. E também porque achei ele engraçadinho. Olha como ele faz: ele esconde a cabeça e as perninhas dentro do casco; não é engraçado? Olha, bem; olha só um pouquinho..."



"Não quero olhar; quero é que você suma com isso."

"Puxa, mas assim agora sou eu quem fica chateado. Tive a melhor intenção. Pensei até que... Que isso podia ser uma distração pra gente, entende? Um bichinho engraçado, inofensivo... Já pensei até no nome dele: Adalberto. Não sei se você gosta. É que, desde criança, todo cágado eu acho que tem cara de Adalberto. Não sei por quê, mas é assim; não consigo imaginar que um cágado possa ter outro nome. Olha bem se não é", e ele ergueu o cágado



para ver a cabecinha dentro do casco. "É Adalberto purinho. Não pode ser outro nome. Está na cara. Hem, Beto?", tremelicou o dedo na frente, e os olhinhos do cágado piscaram. "Como não gostar de um bichinho desses? Esse ar assustado, esse jeitinho engraçado... É um gauche, não resta a menor dúvida. Cortar o pescoço, como podem fazer isso?... Você também vai acabar gostando dele, Dalila; eu tenho certeza..."

"Acabar gostando dele?", ela se virou e pôs as mãos na cintura: "Quê que você está pensando em fazer, hem?"

"Estou pensando em criar ele, apenas isso."

"Criar esse monstro?"

"Monstro... Um bichinho inofensivo, um inocentezinho salvo da morte..."

"Pois antes ele tivesse morrido; antes você tivesse passado a faca nele."

Ele abanou a cabeça, chateado.

"Não quero nem saber disso aqui", ela continuou. "Você dá um jeito. Não quero ver nem cheiro disso aqui amanhã."

Ele olhou para a cabecinha do cágado dentro do casco.

"Se você olhasse um pouco mais para ele, você também ia ter pena..."

"Ter pena dessa coisa horrível?"

"Coisa horrível..."

Saiu com o cágado para a varanda. Ficou lá com ele alguns minutos, depois voltou.

"Cadê minha toalha? Vou tomar banho."

"E o bicho?", ela perguntou, ainda tensa.

Dessa vez ele se queimou: "Deixa ele em paz, Dalila! Ele não vai te comer não!"

Foi a última palavra. Os dois não se falaram mais àquela noite. Nem, no dia seguinte, falaram mais no cágado.

A mulher sabia como era o marido nesses casos: nada do que ela dissesse adiantaria para quê ele se desfizesse do animal. E então só restava a ela uma coisa: ignorar o cágado, fazer como se ele não existisse. Foi o que ela fez.

E, assim, o cágado ficou, e foi ficando, para alegria do homem e aborrecimento da mulher. Mas, também, o homem, não querendo abusar de seu poder, tomou providências para que o cágado não fosse além da pequena área que para ele arranjara ao lado da casa. Era uma área que estava quase abandonada; tinha sido feita para os filhos do casal brincarem — mas os filhos não vieram, e o casal, desgostoso, deixou a área ao abandono. O homem nunca pensara que a área fosse servir para aquilo...

"Quê que se há de fazer", ele refletiu em voz alta, observando o cágado a um canto: "na falta de filhos, a gente cria cágados... Não é mesmo, Adalberto?"

Adalberto não deu nenhum sinal de concordância: continuava metido no casco e não se mostrava para nada.

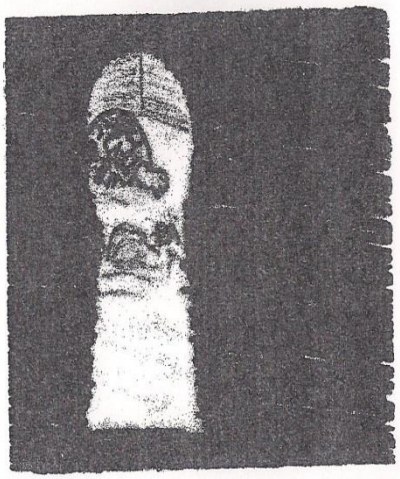
"Sujeito mais tímido", ele disse; mas concluiu que, com o tempo, o cágado certamente iria se desinibindo.

Fechou o portão e resolveu espreitar pela fechadura. Só depois de alguns minutos Adalberto deu o ar da graça, pondo a cabeça de fora e observando com medo; e então deu alguns passos.

Ele ficou mais esperançoso, achando que o cágado agora fosse comer os pedacinhos de carne que levara para ele; as folhas de alface, que de manhã deixara, tinham murchado — o cágado nem tocara nelas.

"Você gosta é de uma carninha, né, seu malandro?" Por isso é que ele comia tanta minhoca na pescaria...

Mas o cágado não tocou também na carne, nem pareceu interessado. Deu mais alguns passos, até o buraco no muro, por onde escorria a água da chuva, e ali ficou. Estaria procurando a fuga?



Na manhã do outro dia, a primeira coisa que ele fez foi ir ver o cágado. Primeiro olhou pelo buraco da fechadura: lá estava ele, no canto — teria estado ali desde a véspera? Os pedaços de carne continuavam no chão. Entrou e verificou que o cágado não comera nada.

Preocupou-se; não sabia o que mais podia fazer. Pensou até em pedir uma sugestão à mulher — mas é claro que não faria isso.

Agachou-se e improvisou uns chamados carinhosos haveria um modo especial de se falar com cágados? Tudo o que conseguiu foi que o bicho se espremesse mais ainda contra o cantinho do muro, ficando quase na vertical.

"Que bicho mais medroso", falou, já meio aborrecido por não encontrar correspondência às suas atenções. "Quê que há, meu chapa? Eu não fiz nada com você, só estou querendo te agradar." Pegou o cágado e ergueu-o: fez uns barulhinhos carinhosos com a boca, tentando cativá-lo. "Quê que há? Por que todo esse medo? E a nossa amizade?"

O problema é que não tinha jeito de acariciar um cágado, como se faz com um cachorro ou com um gato. Assim mesmo, ele ainda passou a mão pelo casco duro — haveria alguma sensibilidade ali?

Não sabia nada, absolutamente nada sobre cágados; era um ignorante completo no assunto. A única coisa que sabia — ouvira dizer — é que tartarugas vivem até quatrocentos anos. Mas não sabia se acontecia o mesmo com os cágados. Qual a diferença entre tartarugas, cágados e jabutis? Jabutis eram personagens de várias histórias que lhe contavam quando criança — sempre em disputa com bichos velozes e sempre vencendo-os pela astúcia.

No mais, só se lembrava de ter lido sobre esses animais nos quadrinhos "Maravilhas da Natureza", de Walt Disney, que alguns jornais e revistas traziam — mas do que lera nem de longe se lembrava. Livro, ele não tinha nenhum onde pudesse encontrar algo, e duvidava que a Biblioteca Pública tivesse. Certamente deviam existir livros que ensinavam a criar cágados, talvez até o livro de algum americano, *Minha vida com Joe* — Joe sendo, naturalmente, o cágado. Mas, para encontrá-los, só nas livrarias ou bibliotecas das capitais, e seu problema era agora:

tinha de descobrir um meio de o cágado se alimentar. Do contrário...

Ou os cágados podiam ficar muito tempo sem comer? Mas, ainda que pudessem: era chato ver o cágado assim, não querendo comer nada e morrendo de medo o tempo todo.

Àquela hora, ao pousá-lo no chão, ele saiu doido em disparada, de volta ao cantinho do muro. Estava superapavorado. Talvez, para ele mudar, só mesmo com o tempo, quando ele fosse se acostumando com o novo ambiente.

Ou seria a falta de água para nadar? Se fosse, ele poderia construir um tanque ali. Compensaria? É que andava apertado de dinheiro, e um tanque não ficaria tão barato. E, o pior, isso aumentaria mais ainda o problema com a mulher, que se mantinha irredutível em sua recusa ao animal. Se, pelo menos, Adalberto colaborasse, fizesse alguma graça, se mostrasse, enfim, mais amável, mais interessante... Com o tempo, podia ser até que a resistência da mulher cedesse. Mas daquele jeito?...

"Hem, Adalberto? Como é que vai ser?..."

Fechou o portão, desanimado.

Uma nova tentativa: trazer para ele algumas minhocas. Conseguiu-as no quintal de um amigo. Mas, como já acontecera com as outras comidas, o cágado nem tocou nelas.

Outra tentativa: colocá-lo no tanque de lavar roupa. Se essa não desse certo... Mas deu; felizmente deu. Pela primeira vez o cágado mostrou uma reação mais animadora: mergulhou e nadou dentro daqueles exíguos limites; depois ficou flutuando, quieto. A água estava muito suja, e só aparecia sua cabecinha de fora, lembrando uma cabeça de cobra e dando até um certo arrepio.

Conservando-se à distância, ele observou que o cágado ficava assim para pegar mosquitos; duas vezes o viu golpear rápido o ar, depois recolher a cabeça, e, em seguida, lentamente emergi-la de novo, à espera de nova presa. Ficou bastante animado e acreditou que aquilo já era o princípio da adaptação.

Assim, nos dias seguintes, toda manhã ele levava o cágado para o tanque cheio de água e ali o deixava por uma hora — o tempo exato em que a mulher ficava fora, na aula de costura. Tudo foi correndo bem, embora o cágado ainda se recusasse a comer o que ele punha e mostrasse perto dele o mesmo comportamento arredio; mas, pelo buraco da fechadura, já o vira movimentando-se mais, não ficava emburrado lá no canto. A "desinibição" seria questão de dias apenas...

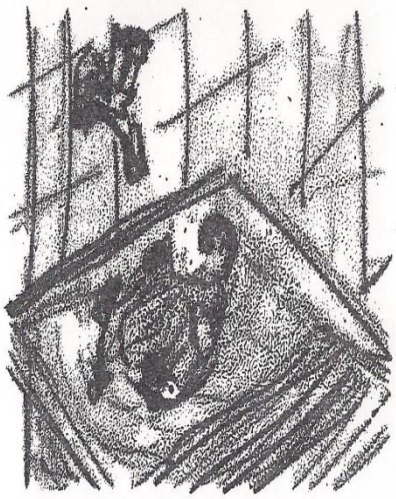
E já imaginava coisas que ensinaria para Adalberto, o cágado atendendo-o pelo nome, seguindo-o pela casa como um cachorro. Talvez até passeasse com Adalberto pela calçada — como Baudelaire fizera com uma tartaruga pintada de verde, pelas calçadas de Paris. Ele poderia fazer o mesmo pelas calçadas de seu quarteirão, para escândalo da vizinhança, que já o olhava de um modo esquisito... Tinha muitas idéias, e cada dia pensava uma coisa nova.

Mas dois acidentes destruíram todos os seus planos. O primeiro aconteceu numa manhã em que estava tomando banho, e a mulher, por algum motivo, voltara mais cedo da aula. Não a escutou entrando e só soube que ela tinha chegado pelo grito horrível, que o fez sair do banheiro ainda ensaboado, embrulhado na toalha. Ao vê-la perto do tanque,

deduziu tudo. Que azar, pensou, indo acudi-la. Ela estava branca e trêmula.

"Queria ver se ele estava sentindo falta de água", justificou-se; "esqueci de falar com você. Desculpe, bem; não tive nenhuma intenção de passar susto, juro. Quer tomar uma água com açúcar?"

Ela o afastou e, passado o susto, foi ficando vermelha de raiva. Sem falar nada, ela deu-lhe as costas, e pouco depois ele escutou a porta da sala batendo com força.



"É, Adalberto, estamos sem sorte...", lamentou.

Mas não deixou, nos outros dias, de colocar o cágado no tanque — o coitadinho achava tão bom... Só que agora ficava ali, perto, vigiando, pronto para uma emergência.

O segundo acidente foi pior. Aconteceu numa noite em que a sogra tinha ido visitá-los. Estavam os três no auge de uma animada conversa, quando a sogra deu um grito e subiu no sofá com uma vitalidade surpreendente para os seus sessenta anos. A causa do grito foi logo vista: Adalberto, ó infeliz Adalberto, que, por um descuido seu, não fechando o portão, resolvera dar uma esticada até a sala.

Antes que ele pudesse tomar qualquer atitude, já a mulher saíra da sala e voltara com uma vassoura: a raiva acumulada de todos aqueles dias explodiu num gesto decisivo e final — Adalberto foi varrido pela sala e empurrado porta afora como se fosse um simples objeto.

Ele nada fez, nem falou, e procurava agora salvar as aparências, desculpando-se com a sogra, oferecendo água com açúcar, etc.

Em pouco tempo a situação anterior se recompôs, e eles voltaram a conversar, mas sem a animação de antes e com um vago mal-estar devido ao acontecimento. Por dentro, ele só pensava naquilo, chateado com o seu descuido — não por causa da sogra, mas por causa do cágado.

Não via, agora, como continuar com o animal. As mulheres, com seus medos idiotas e seus malditos gritos. Um bichinho daqueles — o mais inofensivo, pacífico, pacato, doentiamente medroso —, um bichinho daqueles provocar gritos e quase desmaios... E depois ser varrido como um objeto, como lixo, ser jogado lá fora...

A sogra não demorou muito mais; despediu-se e, ao atravessar o jardim, ia olhando para os lados: como se ali houvesse, amoitadas nos canteiros, mil cobras venenosas — pensou ele, com ódio.

Ele e a mulher voltaram para dentro — e, como naquela primeira noite, quando ele chegou com o cágado, ela não lhe falou mais uma palavra.

Basta — ele decidiu. Cansara-se. Saiu e procurou lá fora o cágado. Encontrou-o no meio-fio, todo encolhido.

"Pobre Adalberto", falou, mais para si mesmo do que para o cágado. Pegou-o. "Você se machucou? A sorte é você ter um casco como esse; porque a fúria irracional de uma mulher, meu caro... A culpa foi minha; mas, também, que mal tinha você dar uma esticadinha pela casa? Nem sujar, você suja; ou suja menos que o sapato de uma pessoa. É, acabou, meu velho. Agora você vai ter mesmo de ir embora..."

Refletiu um pouco sobre o destino a dar a Adalberto; fechar a porta da casa e abandoná-lo ali, em plena rua, como um enjeitado, isso é que não faria, de forma alguma.

Não demorou muito a encontrar a solução: o lago do Jardim, a dois quarteirões dali. Já tinha pensado antes no lago, mas é que queria ter o cágado em casa, como um companheiro...

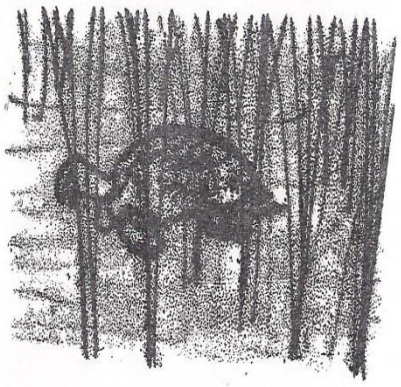
Foi andando com ele na mão. Já eram mais de dez horas, o céu ameaçando chuva.

Não havia ninguém no Jardim. Ele parou diante do lago: "Aqui vai ser melhor pra você", falou. "Aqui você pode nadar muito melhor e caçar mais insetos. De vez em quando eu virei te visitar. Tá? Tiau, Adalberto."

Colocou-o no lago. O cágado sumiu logo, na água lodosa.

Começava a pingar, e a chuva veio rápida e forte. Foi a conta de ele chegar em casa.

Agora, deitado ao lado da mulher, no escuro, os dois calados, a chuva caindo mansa lá fora, ele refletiu melhor sobre as coisas e sentiu-se mais conformado: às vezes a gente não pode ter tudo o que



quer. Adalberto é que devia estar achando bom aquela chuvinha, pensou, com um vago sorriso; o malandro devia estar lá, espraiando-se à vontade no lago, com uma porção de insetos para caçar...

E assim, com a ausência do cágado, a paz foi lentamente voltando ao lar. A mulher não soube o que ele fizera do animal; ele não falou nada.

No outro dia, de manhã, foi visitar Adalberto, ver como ele tinha passado a noite em seu novo lar. Olhou o lago, procurando-o; o fundo lodoso tornava difícil distinguir as coisas, e ainda havia, boiando na superfície, plantas aquáticas e folhas.

Observou se não havia alguém por perto, e então chamou: "Adalberto."

Esperou um pouco, os olhos procurando. Não viu nada.

"Adalberto", chamou de novo.

Talvez ele tivesse fugido; talvez já estivesse longe dali. Apesar de ser um cágado, dez horas davam para se andar uma boa distância...

Quando estava pensando isso, percebeu uma coisa meio diferente entre as folhas: uma cabecinha.

"Safado...", riu. "Você está bem quieto aí, e eu preocupado com você..."

O cágado olhava na sua direção: será que o tinha reconhecido? Devia estar ali todos aqueles minutos, com a cabecinha entre as folhas, observando-o, e ele nem percebera. Com uma camuflagem daquelas, não havia inseto que escapasse...

"Você, com essa cara de bobo, hem?...", disse ele, sentindo cumplicidade com o cágado.

Voltou para casa satisfeito, tranqüilo com o futuro de Adalberto. Eram essas pequenas coisas que faziam a alegria de um dia. E aquele dia ele sentiu-se feliz.

Tão feliz quanto, no dia seguinte, infeliz se sentiu: ao chegar ao Jardim, viu dois meninos que se divertiam chutando uma coisa; aproximou-se e viu que a coisa era simplesmente Adalberto.

Foi em cima, enfurecido, agarrou os meninos e por pouco não fazia uma besteira maior ainda. Tão grande era sua cólera, que ele ficou sem falar, os meninos presos em suas mãos.

Por fim disse: "Sumam daqui, ouviram? E se eu pegar vocês de novo fazendo isso, nem queiram saber o que eu faço com vocês."

Soltou-os: num minuto os meninos azularam.

Um senhor, velho e gordo, sentado num banco ali, perto, olhava para ele com um ar de perplexidade.

Agachou-se e pegou o cágado; examinou-o, vendo se ele não tinha sofrido alguma avaria. Felizmente, parecia que não. Depositou-o então com cuidado no lago, e o cágado sumiu, fugindo para o fundo.

Olhou ao redor, ainda transtornado, verificando se os meninos não estavam por ali. O velho, no banco, continuava olhando para ele com a mesma cara de perplexidade. Qual o motivo? Ele ter agarrado os meninos? Mas os meninos terem chutado um indefeso animal, isso não provocara nada nele não, né? Pelo contrário: devia estar ali se divertindo muito com aquele futebol original...

Foi andando de volta e, de propósito, passou bem rente ao velho: lançou-lhe, então, um olhar que era como um tapa.

No caminho de casa, sua indignação foi cedendo lugar a uma descrença triste nas pessoas e na humanidade: o ser humano era aquilo mesmo, da infância à velhice — refletiu, resumindo neste pensamento toda a sua amargura.

No dia seguinte houve algo que, de certa forma, foi pior ainda e acabou de consolidar seus sentimentos da véspera: os meninos não estavam lá, mas, ao descobrir o cágado, que se arrastava medrosamente pela grama, sob umas plantas, viu que alguém escrevera com tinta branca no casco; era um palavrão.

Dessa vez sua reação foi muda: seus olhos marejaram. E agora? Levar o cágado para casa? Reclamar do zelador do jardim? Mas que tinha com isso o zelador? O cágado fora posto ali sem ninguém pedir, e já era muito que o deixassem ficar, que ele pudesse ali sobreviver.

Voltou para casa cabisbaixo. Nesse dia a mulher, que já vinha estranhando certas atitudes dele, quis saber o que havia. Ele tinha decidido nunca mais falar naquilo, mas, na depressão em que se achava, acabou falando. Contou tudo, desde o dia em que ela expulsara o cágado. Mas não fez nenhuma queixa ou recriminação: simplesmente contou as coisas, como elas haviam acontecido.

Ela, mais compadecida dele do que propriamente do cágado — se bem que, à distância e depois de

todos aqueles azares, o cágado já não lhe parecia tão repulsivo —, se desculpou, dizendo que não era por sua vontade que não gostava do bicho: era uma coisa que sentia, uma coisa incontrolável...

Ele sacudiu a cabeça: não tinha problema; lá no Jardim era até melhor para o cágado, por causa do lago.

O problema era as pessoas. Por que não deixavam o cágado em paz? Por que tinham sempre de inventar novas maldades contra ele?

Na manhã do outro dia, ele voltou ao Jardim. Dessa vez não encontrou novidades: o cágado estava lá, no lago, tranqüilo. A tinta já havia se desmanchado um pouco.

"Como é, Adalberto?..."

Talvez, passada a novidade, as pessoas o fossem esquecendo e o deixassem em paz.

Com novas e imprevistas ocupações, ele não pôde voltar ao Jardim nos dias seguintes. E uma tarde em que andava pelo centro, ao passar por uma lata de lixo, algo chamou-lhe a atenção; foi examinar, e o que ali encontrou, entre papéis, cascas de frutas e outros detritos, não foi nada menos que Adalberto: de cabeça para baixo, o cágado mexia inutilmente as perninhas.

Ele foi ao mercadinho em frente e se dirigiu ao homem gordo, que sabia ser o dono:

"Aquele lixo ali é do senhor?"

"É; por quê?", o homem o olhou, com algum medo.

"Foi o senhor que pôs o cágado nele?"

"Cágado?"

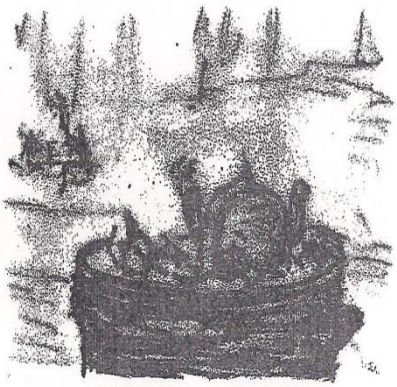
"Ah", o empregado, um rapazinho moreno, que naquele momento atendia a uma senhora e escutara a conversa, se aproximou rápido: "fui eu, Sô Pedro; eu que pus o bicho lá. Ele estava perto da lata, aí eu aproveitei e pus ele também. Colaborando com a Prefeitura, né?...", e deu uma risadinha idiota, mas, vendo que os outros não riam, ficou sério e assustado: "Isso presta pra alguma coisa?..."

"Cágado?", a mulher também entrou na conversa. "Cágado tem muitas utilidades", disse professoralmente, olhando para o rapazinho, mas falando para todos. "Pode-se fazer muita coisa com eles. Eu tenho uma cunhada que fez um arranjo com um, ficou uma maravilha. Ela é muito habilidosa. Ela fez uma espécie de vaso: lixou o casco, envernizou, pôs um arco de arame, e depois plantou. Hoje o vaso está pendurado lá na sala de visitas. Todo mundo que vai lá acha uma maravilha."

"É mesmo?", o rapazinho perguntou, com os olhos muito abertos, abobado. "Poxa, eu não sabia..."

O dono se voltara para ele:

"O senhor está querendo o cágado?"



"O cágado é meu", disse ele, esforçando-se para manter a calma.

"Do senhor?", o homem admirou. "Mas como ele veio parar aqui?"

"Não sei; sei que ele é meu, e vou levá-lo", disse, encerrando a conversa, e foi saindo.

"Se o senhor estiver interessado em vender...", falou a mulher, muito gentil.

Ele não respondeu.

Lá fora, enfiou a mão na lata de lixo, retirou o cágado, colocou-o dentro do jornal dobrado e foi andando em direção ao Jardim.

"É a última vez que te socorro, Adalberto; a última. Trate de se esconder aí, no lago, e não se mostrar a ninguém, que eu não vou mais te socorrer não; mais nenhuma vez. Se cuide."

Pôs o cágado no lago e foi embora.

Em casa, contou o fato à mulher, e comentou desesperançado: "Antes eu tivesse cortado o pescoço dele na pescaria; antes eu tivesse feito isso..."

Realmente, não voltou ao Jardim. Nem lhe aconteceu mais de ver o cágado na rua. Com o distanciamento e as ocupações, foi se desligando dele, e já o tinha quase esquecido, quando, um dia, ao fazer uma viagem, viu-o na estrada. Não teve a menor dúvida de que fosse ele — e, para confirmar, lá estavam ainda as manchas brancas de tinta.

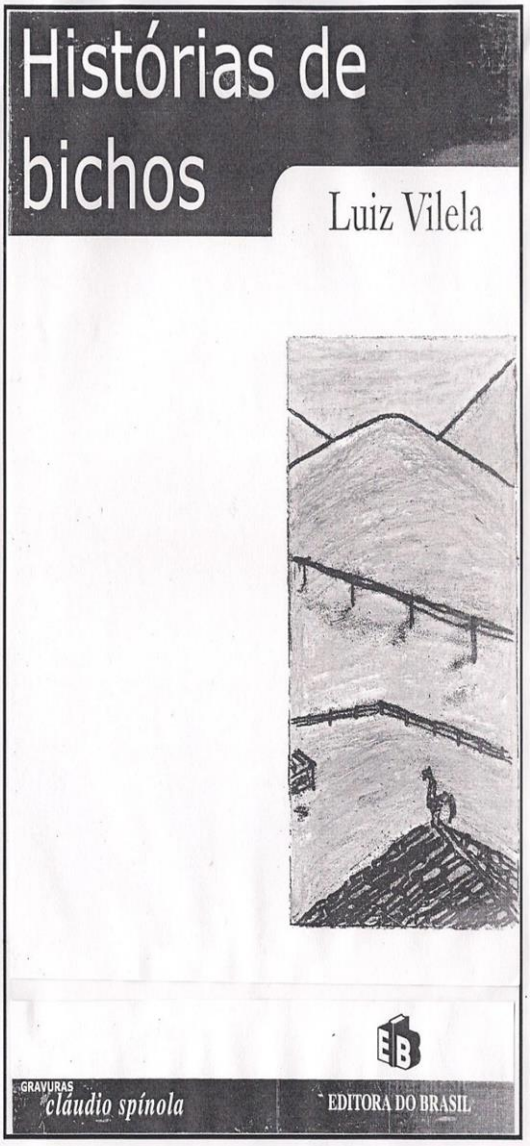
O cágado ia pela beirada do asfalto, de costas para a cidade, na direção do rio — mas o rio estava a mais de cem quilômetros dali, o cágado nunca chegaria, ou só chegaria com anos; antes disso, ele provavelmente teria morrido de fome ou sido esmagado por algum carro na estrada.

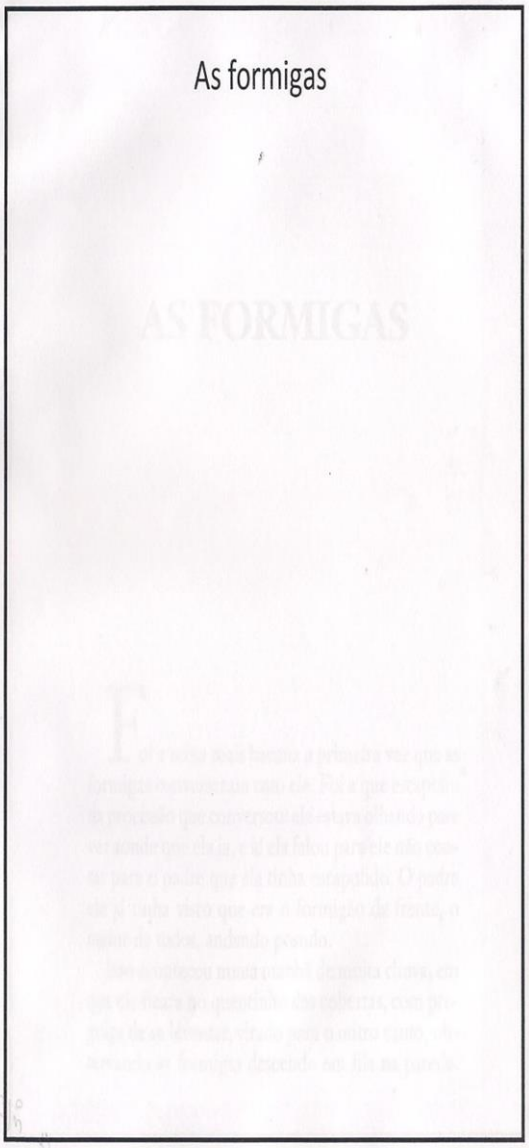
Podia pegá-lo e levar até algum córrego ou rio onde não houvesse perigo de pescadores, mas não sabia onde encontrar um córrego ou rio desse jeito — e, também, talvez a sua afeição pelo cágado já não fosse tão grande que o fizesse parar e ter esse trabalho...

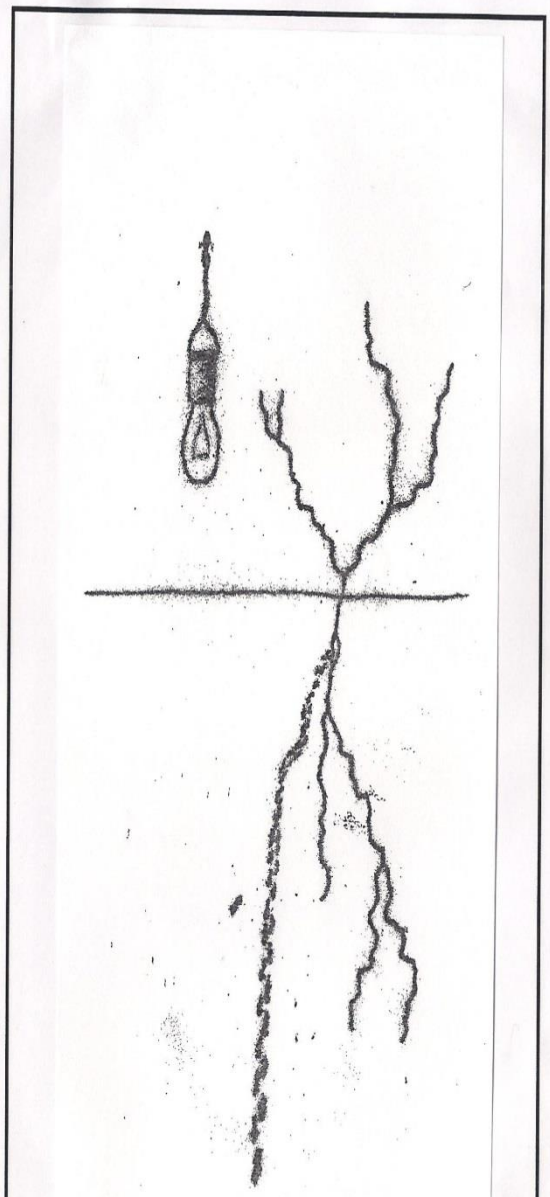
Assim, limitou-se a suspirar e a exclamar: "Pobre Adalberto", enquanto via no espelho, pela última vez, aquela pequena coisa viva caminhando pelo asfalto.

AP 034

CONTO: AS FORMIGAS







AS FORMIGAS

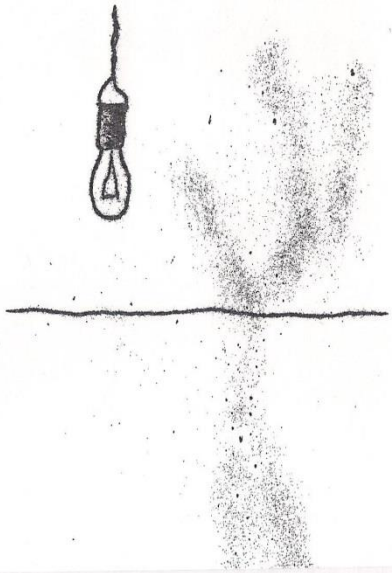
Foi a coisa mais bacana a primeira vez que as formigas conversaram com ele. Foi a que escapuliu da procissão que conversou: ele estava olhando para ver aonde que ela ia, e aí ela falou para ele não contar para o padre que ela tinha escapulido. O padre ele já tinha visto que era o formigão da frente, o maior de todos, andando posudo.

Isso aconteceu numa manhã de muita chuva, em que ele ficara no quentinho das cobertas, com preguiça de se levantar, virado para o outro canto, observando as formigas descendo em fila na parede.

Tinha um rachado ali, perto, por causa da chuva: era de lá que elas saíam, era lá a casa delas.

Toda manhã aquela chuva sem parar, pingando na lata velha lá fora, no jardim, um barulhinho gostoso que ele ficava ouvindo, enrolado no cobertor, olhando as formigas e conversando com elas, o quarto meio escuro, tudo escuro de chuva.

A conversa ficava interessante quando ele lembrava de perguntar uma porção de coisas, e elas também perguntavam para ele. (Conversavam baixinho, para os outros não escutarem.) Mas às vezes não lembrava nada para perguntar, a conversa ficava chata, e ele acabava dormindo — formiga tinha hora que era feito gente mesmo.



O bom é que ninguém precisava gritar, nem também mentir, como as pessoas estavam sempre fazendo. E também poder ficar assim, olhando, sem falar nada, só olhando, sem precisar falar. Gente, se tinha outra pessoa perto, logo uma tinhà de falar, ninguém agüentava ficar calado. Vaca amarela, pulou a janela, cagou na tigela, mexeu, mexeu, quem falar primeiro come a bosta dela: logo uma falava ou ficava fazendo hum, hum, e ria — ninguém agüentava. Ficar assim, só olhando, tão bom que ele nem sabia direito se estava acordado mesmo ou sonhando, as formigas uma atrás da outra, descendo, a fila certinha.

Uma tarde ele entrou no quarto e viu a mancha de cimento novo na parede: brutal, incompreensível.

— Por que o senhor fez isso? Por que o senhor fez assim com as minhas formigas?

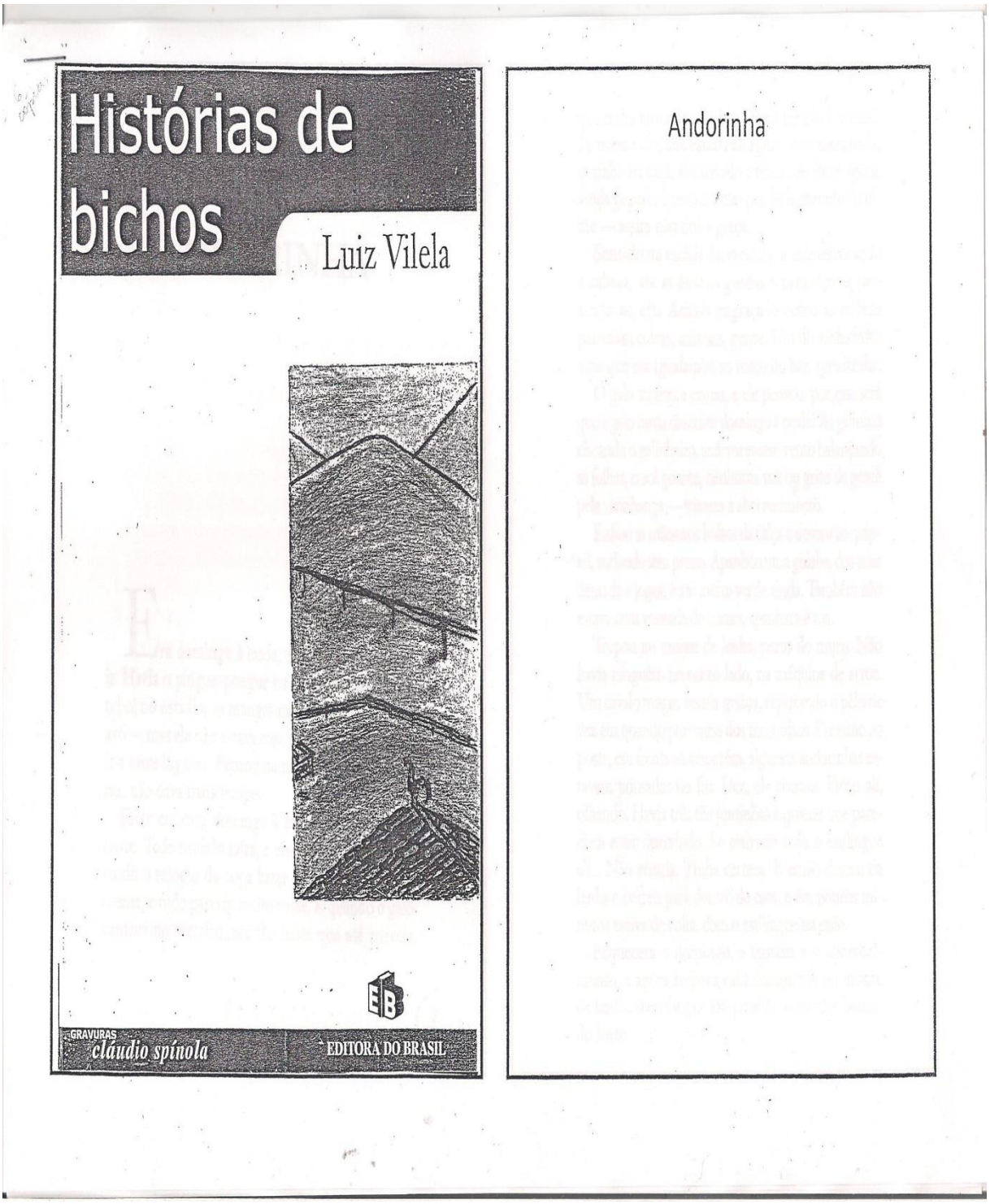
O pai não entendia; e o menino chorando, chorando. Então o pai deu no espalho. Mas a mãe pediu para ele ter paciência: naquele tempo, de chuva, as crianças ficavam muito excitadas porque não podiam sair à rua e não tinham onde brincar.

De manhã o menino acordava e olhava para a mancha de cimento na parede. Ficava olhando, até que sentia um bolo na garganta — e então cobria a cabeça com o cobertor.

AP 035

CONTO: ANDORINHA

Método científico – Conto: “Andorinha”



ANDORINHA

Era domingo à tarde, e ele não sabia aonde ir. Havia o pingue-pongue na casa de Mário, o futebol no estádio, as mangas madurinhas na casa da avó — mas ele não estava com vontade nenhuma de ir a esses lugares. Pensou na matinê: eram três horas, não dava mais tempo.

Ficar em casa domingo à tarde era cansativo e triste. Todo mundo saíra, e ele estava sozinho, ouvindo o relógio da copa bater as horas sonolentamente, e tudo parecia muito triste. E quando o galo cantava no terreiro, era tão triste que até parecia

que tinha morrido alguém. Devia ter ido à matinê. Se tivesse ido, não estaria ali agora, sem fazer nada, sozinho na casa, aborrecido e triste. Se fosse agora, ainda pegaria o seriado, mas perderia metade do filme — assim não tinha graça.

Sentado na escada da varanda, a mão escorando a cabeça, via as nuvens gordas e preguiçosas passando no céu. Achava engraçado como as nuvens pareciam coisas, animais, gente. Um dia tinha visto uma que era igualzinha ao turco do bar. Igualzinha.

O galo tornou a cantar, e ele pensou: por que será que o galo canta tão triste domingo à tarde? As galinhas ciscando o galinheiro, as árvores sem vento balançando as folhas, o sol quente, nenhuma voz ou grito de gente pela vizinhança — tristeza e aborrecimento.

Enfiou as mãos nos bolsos da calça e desceu ao quintal, andando sem pressa. Apanhou uma goiaba; deu uma dentada e jogou fora: muito verde ainda. Também não estava com vontade de comer, apanhara à toa.

Trepou no monte de lenha, perto do muro. Não havia ninguém no outro lado, na máquina de arroz. Um cavalo magro comia grama, repuxando o pêlo de vez em quando por causa dos mosquitos. Próximo ao poste, em frente ao armazém, algumas andorinhas estavam pousadas no fio. Dez, ele contou. Ficou ali, olhando. Havia três tão juntinhas e quietas que pareciam estar dormindo. Se estivesse com o estilingue ali... Não erraria. Tinha certeza. E então desceu da lenha e correu para dentro de casa, e em poucos minutos estava de volta, com o estilingue na mão.

Esquecera o domingo, a tristeza e o aborrecimento, e agora trepava cautelosamente no monte de lenha, o estilingue em punho, o coração batendo forte.

Era o que sempre o atrapalhava: o coração batendo forte. Queria acalmá-lo, e não tinha jeito, ia só piorando, batendo cada vez mais forte. Ficava ouvindo o pum-pum aflito e acabava errando: e via o pássaro se afastando para longe. Se o coração não batesse tanto, se ele não ficasse afobado, quantos passarinhos já não teria matado? Cada pássaro, um piquè na forquilha. Que inveja tinha da forquilha de Zé Santos: não tinha lugar para nem mais um pique. A sua estava lisinha...

Atingiu o alto da lenha e equilibrou-se nos paus mais firmes. Mal fez a pontaria, as andorinhas voaram assustadas.

— Desgraça! — ele xingou, batendo o pé e sentindo vontade de chorar de tanta raiva.

Ficou olhando desconsolado para as andorinhas, que agora voavam em piruetas, esvoaçadas.

Também, ali dava muito na vista, pensou, já mais calmo. Tinha que ser de debaixo — era até melhor para acertar.

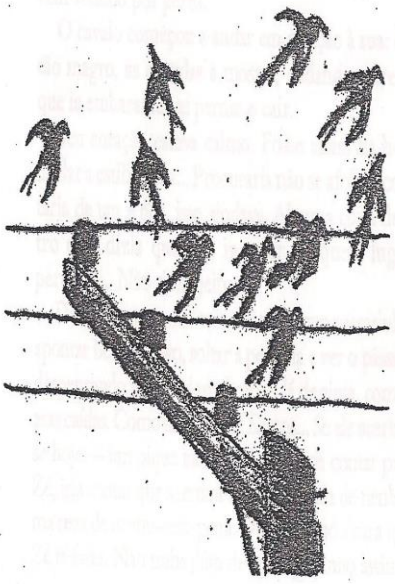
Saltou do muro, procurou o melhor lugar — a uns cinco metros do poste — e ficou esperando, agachado. Dali sim, era impossível errar.

O diabo era o coração, pum pum pum, como se fosse arrebentar. Se, ao menos, Zé Santos lhe ensinasse a reza do urubu-sem-pena... Era por isso que Zé não errava pedrada; era por isso que ele não ficava com o coração batendo forte.

Riu, lembrando-se de como pensara um dia que Zé Santos não errava pedrada porque o estilingue dele era de goma vermelha — e fez um novo, igual ao de Zé, e não adiantou nada. E como ele pensara depois que era por causa do cartucho de bala que Zé tinha posto no pé da forquilha — e pôs um também na sua, e não adiantou nada.

E aquela vez em que estavam juntos, viu que Zé, antes de fazer a pontaria, fechou os olhos e mexeu os lábios como se estivesse rezando; depois deu a estilingada, e o bem-te-vi veio despencando morto do alto da mangueira. Perguntou o que era aquilo que Zé fizera, mexendo os lábios como se estivesse rezando. Zé falou que era a reza do urubu-sem-pena. Era uma reza para não errar na pontaria. Ele rezava toda vez, por isso é que ele não errava.

Na mesma hora pediu a Zé para ensinar a reza, mas Zé falou que não. Pediu, insistiu — e Zé nada. Chegou a prometer dois sorvetes de coco — mas Zé nada. Ainda o via chorando, quando falou que, se Zé não ensinasse, eles ficariam de mal para sempre — para sempre. Lágrimas desciam pelo rosto



escuro; Zé falou que não queria ficar de mal, era seu melhor amigo, não queria ficar de mal. Se era o melhor amigo, então por que não queria ensinar a reza do urubu-sem-pena?

Zé então contou que não é porque não queria: é porque não podia ensinar. Contou que se ensinasse a reza para alguém, ela perdia o feitiço. Quem dissera fora a Durvalina; ela é que tinha ensinado a reza para ele. Se não acreditasse, podia ir ao outro lado do rio perguntar à velha. É porque não podia, senão ensinava. Durvalina tinha ensinado outros feitiços para ele, e estes ele podia contar: engolir piabinha viva para aprender a nadar; invocar São Longuinho e dar três gritos e três pulos para achar coisas perdidas; pendurar sabuco no pescoço para curar caxumba. Mas a reza do urubu-sem-pena não podia, que ela perdia o feitiço. Ele viu que não tinha mesmo jeito e então falou que estava só brincando, que falara aquilo só de brincadeira. "Só de brincadeira? Só de brincadeira?", Zé repetia, arregalando os olhos de alegria.

Se pudesse ir ao outro lado do rio... Bem que sabia como ir até lá: era só atravessar o caminho de pedras no meio do rio. A casa de Durvalina ficava mais adiante, escondida atrás da moita de bambu-jardim. Tinha ido até lá perto aquela vez que estava pegando canarinho com Zé. Zé foi do outro lado tomar a bênção da velha, e ele ficou ali, esperando, na margem, atrás de uma árvore. De longe, viu só a cabeça dela, com turbante vermelho. Da cara não deu para ver nada — mas Zé já tinha contado que ela era preta feito carvão, banguela e de olhos amarelados, olhos que hipnotizavam passarinho que nem cobra.

Era o mais perto que ele chegara. Assim mesmo, só uma vez. Não voltou lá nunca mais — era bobo? E o medo de topar com Durvalina olhando para ele com aqueles olhos amarelados? Sabia que ela não gostava de gente branca e que, se aparecia alguma lá, ela jogava praga — e diziam que não havia praga dela que não pegasse. Toniquinho tinha ido lá uma vez: voltou mancando, e até hoje ainda mancava. Havia também quem dizia que ela transformava gente em sapo, e que os sapos que cantavam de noite na beira do rio tinham sido gente antes. Nisso ele não acreditava, só quem era bobo. Mas em outras coisas.— cegar, mancar, dar dança-de-são-guido — ele acreditava. "Durvalina tem parte com o demônio", ouvira Toniquinho dizer uma vez.

Esperaria mais um pouco: somente duas andorinhas haviam assentado no fio. As outras continuavam voando por perto.

O cavalo começou a andar em direção à rua: era tão magro, as costelas à mostra; andando, parecia que ia embaralhar as pernas e cair.

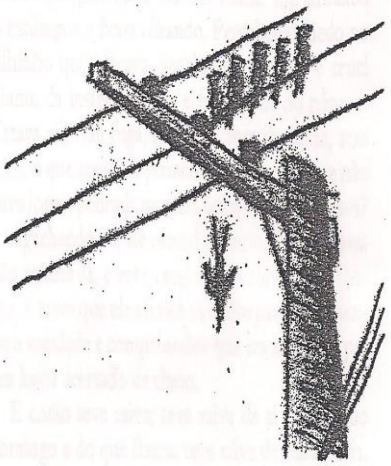
Seu coração estava calmo. Fosse assim na hora de dar a estilingada... Procuraria não se afobar; contaria de um a dez, isso ajudava. Alguma coisa dentro dele dizia que não ia errar. Daquele lugar, pertinho... Não tinha jeito...

Devia ser uma coisa enorme matar um passarinho: apontar bem no alvo, soltar a pedrada e ver o pássaro despencando morto, despencando lá de cima, com as asas caídas. Como invejava Zé Santos... Se ele acertasse hoje — um pique na forquilha —, iria contar para Zé, iria contar que acertara e não precisava de nenhuma reza de urubu-sem-pena. Queria ver só a cara que Zé ia fazer. Não tinha jeito de errar, pertinho assim...

Não esperaria mais, que elas podiam voar. Havia seis pousadas agora, juntas. Apontaria numa: às vezes podia errar, e acertar na outra, perto.

Colocou a pedra no couro. Fez a pontaria. O coração começou a bater depressa. Ele contou até dez. Apontou, apontou — e deu a estilingada.

No primeiro instante, viu confundidos as pancadas de seu coração e o vôo assustado das andorinhas — e então gritou "acertei! acertei!", vendo uma andorinha despencando rente ao poste.



Quis logo correr para ela, mas estacou, lembrando-se de repente de que ela talvez não estivesse morta — pelo jeito de cair, parecia viva ainda —, e ele teria de se aproximar com cuidado, senão ela poderia fugir.

Viu bem onde ela caíra: no monte de capim seco ao redor do poste. Ele acertara, e ela estava lá: talvez morta, talvez viva ainda.

Pôs outra pedra no estilingue e aproximou-se. Ao curvar-se sobre o capim, viu atônito a andorinha voar e deu a estilingada a esmo; viu-a ainda voando rasteiro, rente à parede do armazém, e correu a procurar outra pedra, que só achou ao fim de alguns minutos: colocou a pedra no estilingue e correu para a andorinha.

Podia agora vê-la inteiramente: ela estava encolhida, no chão, no ângulo formado pelo armazém e uma pilha de tijolos velhos. Era uma andorinha de asas muito pretas e luzidias. Não parecia que ela ia tornar a voar: uma de suas asas estava estirada sobre o chão, e a cabecinha levemente erguida. Ela estava deitada, estava caída — como se não pudesse firmar-se. Pensou que ela talvez estivesse apenas tonta; a pedra talvez a tivesse atingido só de raspão e ela fosse voar a qualquer instante. E se ele errasse a próxima pedrada, ela poderia assustar-se e dessa vez voar para o céu, para longe — e ele teria perdido tudo, perdido a grande sorte que tivera àquela tarde, acertando pela primeira vez.

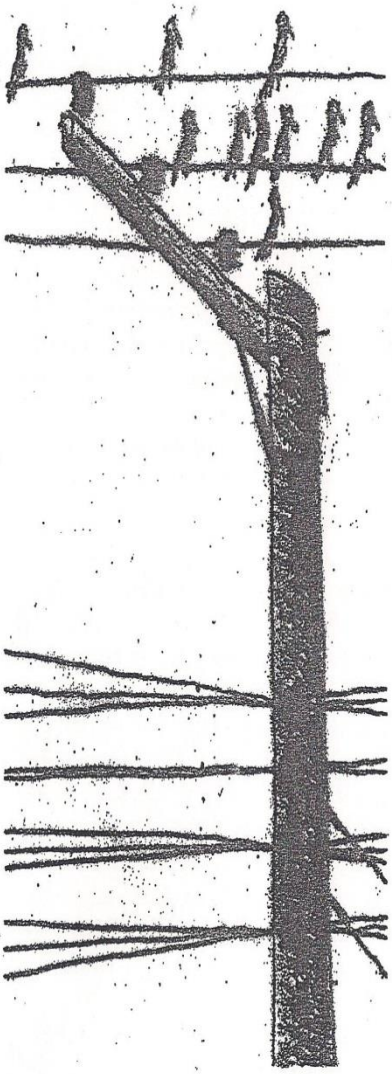
Mas era engraçado: vendo o pássaro ali no chão, à sua frente, pertinho, ele não tinha vontade de dar a estilingada. Era muito diferente vê-lo lá em cima do fio, o peito erguido, a cabecinha destacando-se contra o azul do céu. Com o pássaro ali embaixo, caído no chão, encolhido contra a parede escura e suja do armazém, tão fácil de acertar, ele não tinha mais aquela vontade violenta de dar a estilingada. E era engraçado também como ele estava calmo, como seu coração não estava batendo doidamente.

Caminhou devagar para a andorinha, o estilingue em punho, esperando, para desferir-lhe a pedrada, apenas o primeiro movimento dela. Mas ela não se movia: talvez não estivesse apenas tonta; talvez estivesse ferida, tão ferida que não podia mover-se.

Chegara bem perto: ela encolheu-se um pouco mais contra a parede, mas não fez ameaça de voar. Havia qualquer coisa: ela não voaria. Ele afrouxou o estilingue e ficou olhando. Percebeu o medo no olhinho que piscava, sentiu-se poderoso e cruel diante da insignificância e fragilidade do pássaro. Estava ali, sem fuga, sem vôo, sem distância, sem erro, o que seria seu primeiro pássaro: por que não dava logo a pedrada mortal? por que não o matava?

Agachando-se, ele estendeu a mão, devagar para não assustá-la, e então segurou-a: ela não se debateu. E antes que ele abrisse os dedos para olhar, sentiu a umidade e compreendeu que era sangue: a pedra havia acertado de cheio.

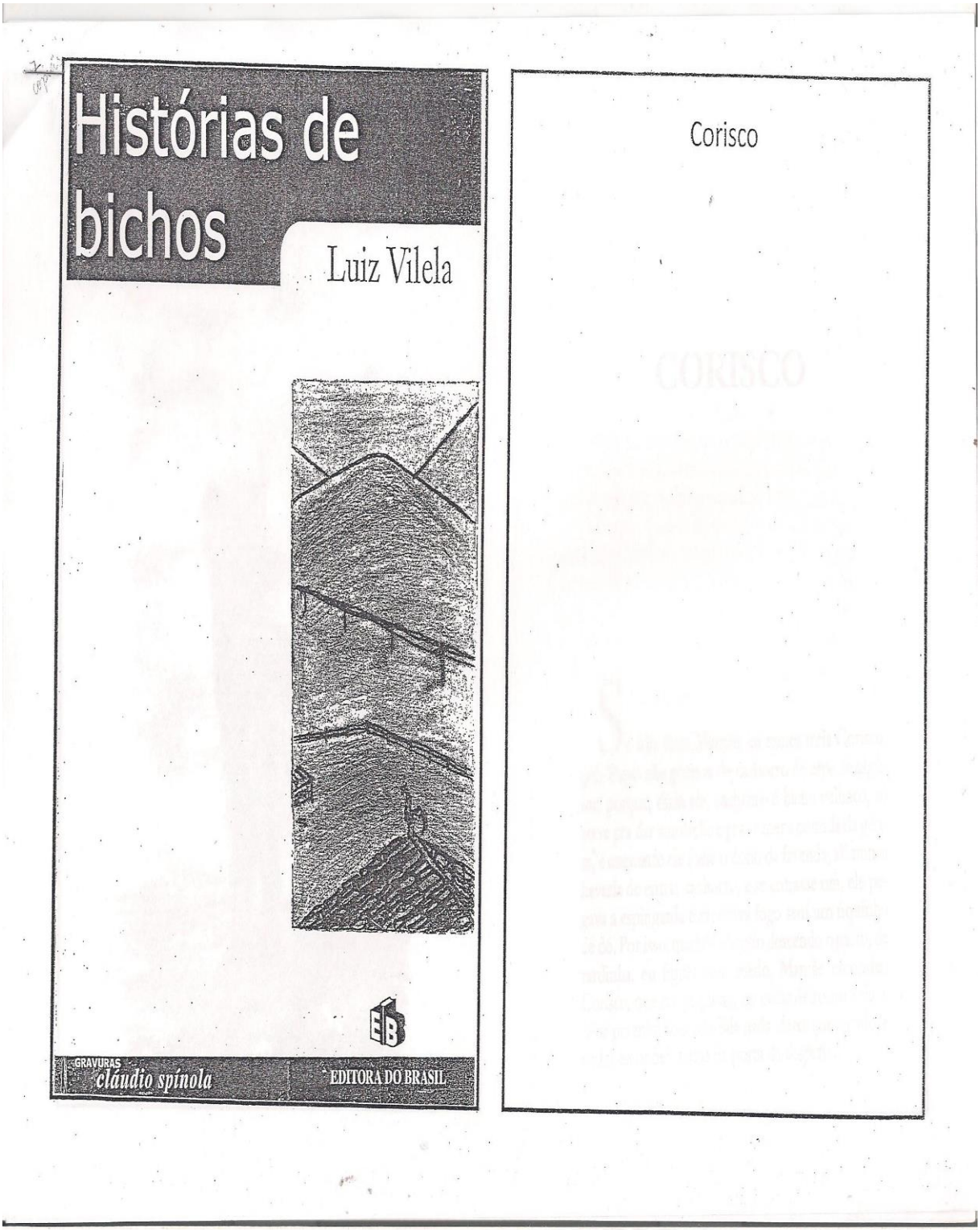
E então teve raiva; teve raiva de si mesmo, do domingo e do que fizera; teve raiva de sua astúcia, sua espera, sua alegria, e agora sua impotência: sabia que a andorinha ia morrer, sabia que ela ia morrer e que ele não podia fazer nada.

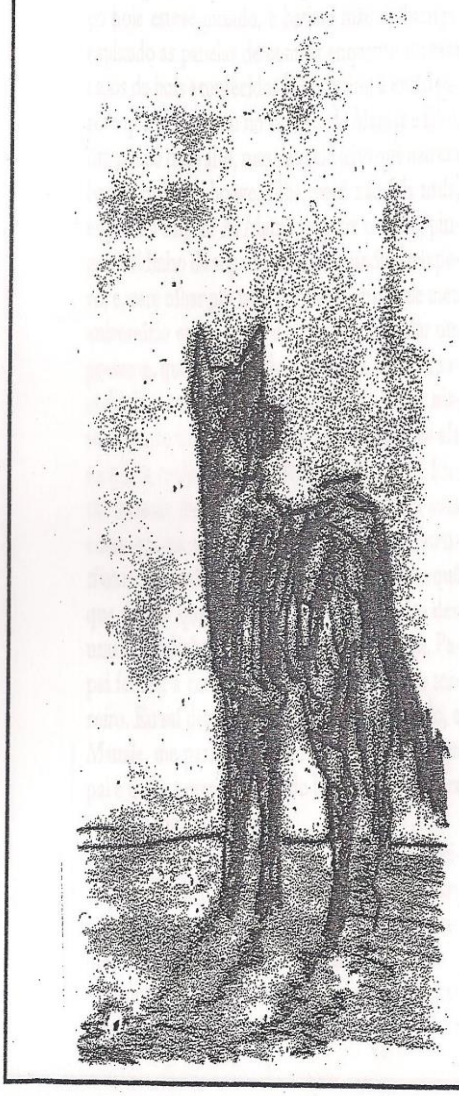


AP 036

CONTO CORISCO

Método científico – Conto: “Corisco”





CORISCO

Se não fosse Mamãe, eu nunca teria Corisco, pois Papai não gostava de cachorro de espécie alguma, porque, dizia ele, cachorro é bicho velhaco, só serve pra dar amolação e pra comer a comida da gente, e enquanto ele fosse o dono da fazenda, ali nunca haveria de entrar cachorro, e se entrasse um, ele pegava a espingarda e sapecava fogo sem um tiquinho de dó. Por isso, quando ele veio descendo o pasto, de tardinha, eu fiquei com medo, Mamãe escondeu Corisco, que era pequeno, no cesto de roupa suja, e disse pra mim você não fala nada, deixa que eu falo, e eu fui esconder detrás da porta da despensa.

Papai entrou batendo os pés, como sempre fazia, pra sacudir a poeira das botas, pendurou o chapéu na parede, depois deu um tapinha nas costas de Mamãe, falando com voz grossa ê filha, o serviço hoje esteve puxado, e batia a mão na barriga, espiando as panelas de comida enquanto contava casos de bois acontecidos lá no retiro, e então parece que ele reparou no silêncio de Mamãe e falou um pouco mais alto, mas daquele jeito que não era bravo, quê que houve, filha, você não fala nada, engoliu a língua? Aí Mamãe soprou o fogão, pingou caldinho de sopa na mão, provando o tempero, e, sem olhar pra trás, pra Papai, disse que meu aniversário estava perto e pensava em me dar um presente, quê que ele achava da idéia, e Papai, sacudindo a cabeça, disse que também pensara nisso, mas não tinha idéia do presente, era melhor ela escolher, mulher é que entende dessas coisas. Então Mamãe disse que já tinha escolhido, era uma coisa que eu sempre desejara e ia ficar contentíssimo de ganhar, vamos ver se você adivinha quê que é, mas quando ela falou assim, Corisco deu uma choradinha no cesto, ela baixou a cabeça, Papai fechou a cara e, sem dizer nada, saiu pro terreiro. Eu saí detrás da porta, de onde vira tudo, e Mamãe, me passando a mão na cabeça, disse seu pai é duro, e engoliu fazendo barulho, e virou pra soprar o fogão outra vez.

No outro dia, ela me disse que tinha dado um jeito e que Corisco não ia embora, mas eu não falasse nada com Papai, e eu não falei, e três dias depois, no meu aniversário, ele me deu um abraço apertado e um canivete de cabo de osso, dizendo toma um presentinho de seu pai, e não falou nada sobre Corisco.

Corisco não foi mesmo embora, e com sete meses já estava grande e bonito, o pêlo pretinho, de alumiar, e as patas brancas, e, era engraçado, parecia que ele tinha medo de sair pra longe, porque ficava o tempo todo em frente ao alpendre, espichado, com a cabeça entre as patas, e as orelhonas arrastando no chão, dormindo ou espiando com preguiça os currais, não levantando pra nada, nem mesmo quando Papai voltava, de tardinha, do serviço e, em vez de tocar ele dali, passava por cima, nem olhando, como se Corisco não existisse, pois era assim, parecia que Corisco não existia pra ele, nunca falava nele, nem mesmo quando Corisco pegou aquela mania de acompanhar ele ao retiro.

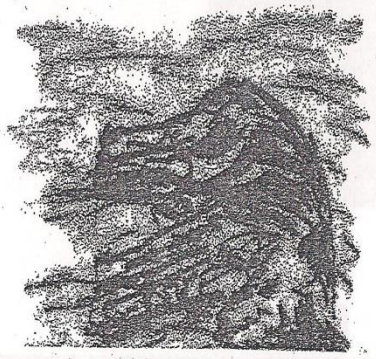
Toda tarde, quando os pássaros-pretos começavam a cantar no arrozal e ia escurecendo do lado da serra, eu trepava na porteira e, espichando a vista até onde podia, ficava esperando Corisco, com medo de Papai ter feito alguma coisa com ele, e quase pulava de alegria quando via ele aparecendo atrás da poeirinha que o cavalo de Papai fazia. Ele sempre vinha atrás, mas, na hora de abrir a porteira, passava na frente, passava por baixo e ia pro alpendre, ficando deitado na porta, resfolegando com a língua comprida e vermelha de fora, só depois é que ia pra varanda beber água.

Uma vez ele voltou mais cedo e sozinho, e, em vez de ir pro alpendre, foi descendo o terreiro, com a cabeça baixa e o rabo entre as pernas. Eu estranhei e falei com Mamãe, e nós fomos ver o que era e encontramos ele lá no paiol, enrolado num canto, o olhar triste. Passei a mão na cabeça dele, mas ele não abanou o rabo, nem ligou, e Mamãe falou é capaz de ser doença. No jantar, não falamos nada sobre o assunto, mas de noite fiquei com dó dele e

chamei Mamãe pra ir lá de novo. Papai estava sentado no alpendre, fazendo um cigarro, e quando viu nós dois, não falou nada, mas ficou olhando pra Mamãe, depois continuou a picar o fumo. Corisco estava do mesmo jeitinho, enroscado feito cobra, sem ligar pra gente. Ele não está nada bom, Mamãe falou, e eu comecei a chorar, e ela falou não chora não, vou falar com seu pai pra comprar remédio.

Papai ainda estava no alpendre, fazendo o cigarro, e, ao ver Mamãe, embolou tudo e jogou fora e perguntou com voz seca o que era, e ela falou que era o Corisco, estava doente e precisava de remédio, então ele falou que não tinha nada a ver com isso, e eu corri pra ele, chorando e pedindo pra ele deixar de ser ruim e ter dó de Corisco, e ele falou era só o que faltava, chorar por causa de um bicho, e então eu fui chorar no quarto.

Na manhã do outro dia, Sô Tuti chegou do retiro com um embrulhinho, dizendo que Papai é que tinha mandado. Mamãe abriu, e era remédio pro Corisco. Nós demos, mas não adiantou nada, ele continuava triste e tinha começado a vomitar uma



baba amarela, e de tarde ouvi Mamãe falando com Papai, que voltara do serviço mais cedo porque estava com dor de cabeça, que, pelo jeito, o cachorro não escapava.

Foi de tardezinha que Corisco morreu. Começou a torcer o pescoço e a gemer, depois quietou, e eu chamei baixinho Corisco, Corisco, mas os olhos dele só olhavam pra frente, e parecia que ele não estava mais escutando. E então esticou as pernas e abriu a boca, que foi fechando devagar, e uma baba escorreu dela. Coitado, Mamãe falou, e eu não consegui segurar o choro.

No jantar, ela falou o Corisco morreu, e Papai, tomando uma colherada de sopa, falou sei, e limpou a boca e não falou mais uma palavra, e Mamãe, vendo que ele não queria comer mais, perguntou o que era, e ele falou que era aquela dorzinha de cabeça aborrecida.

Tudo voltou a ser como antes, eu brincando com os meninos da fazenda, Mamãe cozinhando, Papai trabalhando, e era como se Corisco nunca tivesse existido, pois ninguém falou mais nele, só uma vez, uma noite em que havia desaparecido mais uma galinha, e então Mamãe falou que, se Corisco ainda estivesse vivo, aquilo não teria acontecido, e então Papai, levantando de repente, falou que nada, que cachorro era um bicho velhaco que só servia pra dar amolação e pra comer a comida da gente, ela não falasse naquilo, não queria saber mais daquela praga na fazenda, e foi até a janela e ficou olhando o céu estrelado, e então Mamãe me cutucou a perna e eu olhei pra ele e vi ele enxugando uma lágrima.

AP 037

Questionários entregues aos alunos, após a realização das atividades propostas pelo método científico.

Questionário 1

Aluno: A/CAR/8/4

Conto Um Peixe

1)Você gostou do conto?

(✕) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) Você já participou de uma pescaria ?

(✕) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Se você pescasse uma traíra, você a manteria viva?

( ) SIM (✕) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você teria a mesma atitude da empregada ?

( ) SIM (✕) NÃO ( ) Um Pouco

5)O menino e a empregada tiveram a mesma ação em relação aos peixes?

( ) SIM (✕) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"O peixe, quieto em um canto, parecia escutar".** Você acredita que os animais têm a capacidade de compreender o que nós, seres humanos, falamos?

(✕) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) No trecho: **"Mas o que faria com ela agora? Matá-la não ia; não, não faria isso. Se ela já estivesse morta, era diferente".** Você acha condizente a justificativa dada pelo menino?

(✕) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você teria uma traíra como peixe de estimação?

( ) SIM (✕) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha normal a atitude da empregada ao fazer isto: **"Eu soquei a ponta da faca naquelas coisas que faz o peixe nadar, sabe? Pois acredita que ela ainda ficou mexendo? Aí eu peguei o cabo da faca e esmaguei a cabeça dele, e foi aí que ele morreu. Mas custou, ô peixinho duro de morrer!"**

( ) SIM ( ) NÃO (✕) UM POUCO

AP 038

Questionário 2

Aluna: A/ISA/8/4

Conto Um Peixe

1)Você gostou do conto?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) Você já participou de uma pescaria ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Se você pescasse uma traíra, você a manteria viva?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você teria a mesma atitude da empregada ?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

5)O menino e a empregada tiveram a mesma ação em relação aos peixes?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"O peixe, quieto em um canto, parecia escutar".** Você acredita que os animais têm a capacidade de compreender o que nós, seres humanos, falamos?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

7) No trecho: **"Mas o que faria com ela agora? Matá-la não ia; não, não faria isso. Se ela já estivesse morta, era diferente".** Você acha condizente a justificativa dada pelo menino?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você teria uma traíra como peixe de estimação?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha normal a atitude da empregada ao fazer isto: **"Eu soquei a ponta da faca naquelas coisas que faz o peixe nadar, sabe? Pois acredita que ela ainda ficou mexendo? Aí eu peguei o cabo da faca e esmaguei a cabeça dele, e foi aí que ele morreu. Mas custou, ô peixinho duro de morrer!"**

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

AP 039

Questionário 3

Aluna: A/EMA/8/4

Conto Um Peixe

1)Você gostou do conto?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) Você já participou de uma pescaria ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Se você pescasse uma traíra, você a manteria viva?

( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

4)Você teria a mesma atitude da empregada ?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

5)O menino e a empregada tiveram a mesma ação em relação aos peixes?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"O peixe, quieto em um canto, parecia escutar".** Você acredita que os animais têm a capacidade de compreender o que nós, seres humanos, falamos?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) No trecho: **"Mas o que faria com ela agora? Matá-la não ia; não, não faria isso. Se ela já estivesse morta, era diferente".** Você acha condizente a justificativa dada pelo menino?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

8) Você teria uma traíra como peixe de estimação?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha normal a atitude da empregada ao fazer isto: **"Eu soquei a ponta da faca naquelas coisas que faz o peixe nadar, sabe? Pois acredita que ela ainda ficou mexendo? Aí eu peguei o cabo da faca e esmaguei a cabeça dele, e foi aí que ele morreu. Mas custou, ô peixinho duro de morrer!"**

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

AP 040

Questionário 4

Aluna: A/ CAM/8/4

Conto Um Peixe

1)Você gostou do conto?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) Você já participou de uma pescaria ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Se você pescasse uma traíra, você a manteria viva?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você teria a mesma atitude da empregada ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

5)O menino e a empregada tiveram a mesma ação em relação aos peixes?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"O peixe, quieto em um canto, parecia escutar".** Você acredita que os animais têm a capacidade de compreender o que nós, seres humanos, falamos?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) No trecho: **"Mas o que faria com ela agora? Matá-la não ia; não, não faria isso. Se ela já estivesse morta, era diferente".** Você acha condizente a justificativa dada pelo menino?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você teria uma traíra como peixe de estimação?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha normal a atitude da empregada ao fazer isto: **"Eu soquei a ponta da faca naquelas coisas que faz o peixe nadar, sabe? Pois acredita que ela ainda ficou mexendo? Aí eu peguei o cabo da faca e esmaguei a cabeça dele, e foi aí que ele morreu. Mas custou, ô peixinho duro de morrer!"**

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

AP 041

Questionário 5

Aluna: A/ GAB/8/4

Conto Um Peixe

1)Você gostou do conto?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

2) Você já participou de uma pescaria ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Se você pescasse uma traíra, você a manteria viva?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você teria a mesma atitude da empregada ?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

5)O menino e a empregada tiveram a mesma ação em relação aos peixes?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"O peixe, quieto em um canto, parecia escutar".** Você acredita que os animais têm a capacidade de compreender o que nós, seres humanos, falamos?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) No trecho: **"Mas o que faria com ela agora? Matá-la não ia; não, não faria isso. Se ela já estivesse morta, era diferente".** Você acha condizente a justificativa dada pelo menino?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você teria uma traíra como peixe de estimação?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha normal a atitude da empregada ao fazer isto: **"Eu soquei a ponta da faca naquelas coisas que faz o peixe nadar, sabe? Pois acredita que ela ainda ficou mexendo? Aí eu peguei o cabo da faca e esmaguei a cabeça dele, e foi aí que ele morreu. Mas custou, ô peixinho duro de morrer!"**

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

AP 042

Questionário 6

Aluna: A/ MAR/8/4

Conto Um Peixe

1)Você gostou do conto?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) Você já participou de uma pescaria ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Se você pescasse uma traíra, você a manteria viva?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você teria a mesma atitude da empregada ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

5)O menino e a empregada tiveram a mesma ação em relação aos peixes?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"O peixe, quieto em um canto, parecia escutar".** Você acredita que os animais têm a capacidade de compreender o que nós, seres humanos, falamos?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) No trecho: **"Mas o que faria com ela agora? Matá-la não ia; não, não faria isso. Se ela já estivesse morta, era diferente".** Você acha condizente a justificativa dada pelo menino?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você teria uma traíra como peixe de estimação?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha normal a atitude da empregada ao fazer isto: **"Eu soquei a ponta da faca naquelas coisas que faz o peixe nadar, sabe? Pois acredita que ela ainda ficou mexendo? Aí eu peguei o cabo da faca e esmaguei a cabeça dele, e foi aí que ele morreu. Mas custou, ô peixinho duro de morrer!"**

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

AP 043

Questionário 7

Aluno: A/ RAF/8/4

Conto Bichinho Engraçado

1) Você gostou do conto lido?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) Você tem um bichinho de estimação ?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

3)Você estaria pronto para fazer um sacrifício por algum animal de estimação ?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

4)Os seus familiares apresentam resistência em ter um animal de estimação?

( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

5) O comportamento do personagem principal muda do começo ao fim da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

6) Você aprova a atitude das pessoas em relação ao cágado?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você também acharia desagradável **"Passar a faca no pescoço"** de um cágado?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você já foi julgado pelas pessoas por ajudar algum animal?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha certo retirar os animais do seu habitat de origem?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

AP 044

Questionário 8

Aluna: A/ EDU/8/4

Conto Bichinho Engraçado

1) Você gostou do conto lido?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

2) Você tem um bichinho de estimação ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Você estaria pronto para fazer um sacrifício por algum animal de estimação ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4)Os seus familiares apresentam resistência em ter um animal de estimação?

( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

5) O comportamento do personagem principal muda do começo ao fim da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

6) Você aprova a atitude das pessoas em relação ao cágado?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você também acharia desagradável "**Passar a faca no pescoço**" de um cágado?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você já foi julgado pelas pessoas por ajudar algum animal?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha certo retirar os animais do seu habitat de origem?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

AP 045

Questionário 9

Aluna: A/ RAQ/8/4

Conto Bichinho Engraçado

1) Você gostou do conto lido?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) Você tem um bichinho de estimação ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Você estaria pronto para fazer um sacrifício por algum animal de estimação ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4)Os seus familiares apresentam resistência em ter um animal de estimação?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

5) O comportamento do personagem principal muda do começo ao fim da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

6) Você aprova a atitude das pessoas em relação ao cágado?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você também acharia desagradável "**Passar a faca no pescoço**" de um cágado?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você já foi julgado pelas pessoas por ajudar algum animal?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha certo retirar os animais do seu habitat de origem?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

AP 046

Questionário 10

Aluna: A/ GIO/8/4

Conto Bichinho Engraçado

1) Você gostou do conto lido?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) Você tem um bichinho de estimação ?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

3)Você estaria pronto para fazer um sacrifício por algum animal de estimação ?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4)Os seus familiares apresentam resistência em ter um animal de estimação?

( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

5) O comportamento do personagem principal muda do começo ao fim da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

6) Você aprova a atitude das pessoas em relação ao cágado?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você também acharia desagradável "**Passar a faca no pescoço**" de um cágado?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você já foi julgado pelas pessoas por ajudar algum animal?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) Você acha certo retirar os animais do seu habitat de origem?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

AP 047

Questionário 11

Aluna: A/ LET/8/4

Conto As Formigas

1)Você gostou do conto?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO.

2)Releia o trecho: **" O bom é que ninguém precisava gritar, nem também mentir, como as pessoas estavam sempre fazendo. "**
Essa frase revela o conceito que o menino tem dos adultos. Você também tem esse mesmo conceito?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)A reação do menino ao ver o conserto da rachadura na parede mostra que ele considerou tal ato uma violência. Você também tem a mesma opinião do menino?
( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

4)Você aprecia o modo de vida das formigas?
( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

5) Releia o trecho: **"formiga tinha hora que era gente mesmo".** Você acredita que as formigas podem ser consideradas "gente"?
( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

6) O trecho **"Uma tarde entrou no quarto e viu a mancha de cimento novo na parede, brutal, incompreensível."** revela um ato de maus-tratos aos animais. Em sua opinião, muitos seres humanos agem dessa forma com os animais?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você aprova a atitude do pai do menino, de exterminar as formigas?
( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você está de acordo com a atitude da mãe do menino?
( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) A forma como a história termina assemelha-se com o que acontece de verdade?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

AP 048

Questionário 12

Aluna: A/ BEA/8/4

Conto As Formigas

1)Você gostou do conto?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO.

2)Releia o trecho: **" O bom é que ninguém precisava gritar, nem também mentir, como as pessoas estavam sempre fazendo. "**
Essa frase revela o conceito que o menino tem dos adultos. Você também tem esse mesmo conceito?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)A reação do menino ao ver o conserto da rachadura na parede mostra que ele considerou tal ato uma violência. Você também tem a mesma opinião do menino?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você aprecia o modo de vida das formigas?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

5) Releia o trecho: **"formiga tinha hora que era gente mesmo".** Você acredita que as formigas podem ser consideradas "gente"?
( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

6) O trecho **"Uma tarde entrou no quarto e viu a mancha de cimento novo na parede, brutal, incompreensível."** revela um ato de maus-tratos aos animais. Em sua opinião, muitos seres humanos agem dessa forma com os animais?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você aprova a atitude do pai do menino, de exterminar as formigas?
( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você está de acordo com a atitude da mãe do menino?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

9) A forma como a história termina assemelha-se com o que acontece de verdade?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

AP 049

Questionário 13

Aluna: A/ NAT/8/4

Conto As Formigas

1)Você gostou do conto?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO.

2)Releia o trecho: **" O bom é que ninguém precisava gritar, nem também mentir, como as pessoas estavam sempre fazendo. "**
Essa frase revela o conceito que o menino tem dos adultos. Você também tem esse mesmo conceito?
( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

3)A reação do menino ao ver o conserto da rachadura na parede mostra que ele considerou tal ato uma violência. Você também tem a mesma opinião do menino?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você aprecia o modo de vida das formigas?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

5) Releia o trecho: **"formiga tinha hora que era gente mesmo".** Você acredita que as formigas podem ser consideradas "gente"?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

6) O trecho **"Uma tarde entrou no quarto e viu a mancha de cimento novo na parede, brutal, incompreensível."** revela um ato de maus-tratos aos animais. Em sua opinião, muitos seres humanos agem dessa forma com os animais?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você aprova a atitude do pai do menino, de exterminar as formigas?
( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você está de acordo com a atitude da mãe do menino?
( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) A forma como a história termina assemelha-se com o que acontece de verdade?
( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

AP 050

Questionário 14

Aluna: A/ MARP/8/4

Conto As Formigas

1)Você gostou do conto?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO.

2)Releia o trecho: **" O bom é que ninguém precisava gritar, nem também mentir, como as pessoas estavam sempre fazendo. "**
Essa frase revela o conceito que o menino tem dos adultos. Você também tem esse mesmo conceito?
( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

3)A reação do menino ao ver o conserto da rachadura na parede mostra que ele considerou tal ato uma violência. Você também tem a mesma opinião do menino?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você aprecia o modo de vida das formigas?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

5) Releia o trecho: **"formiga tinha hora que era gente mesmo".** Você acredita que as formigas podem ser consideradas "gente"?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

6) O trecho **"Uma tarde entrou no quarto e viu a mancha de cimento novo na parede, brutal, incompreensível."** revela um ato de maus-tratos aos animais. Em sua opinião, muitos seres humanos agem dessa forma com os animais?
(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você aprova a atitude do pai do menino, de exterminar as formigas?
( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você está de acordo com a atitude da mãe do menino?
( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) A forma como a história termina assemelha-se com o que acontece de verdade?
( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

AP 051

Questionário 15

Aluno: A/ MARC/8/4

Conto Andorinha

1) Você gostou do conto lido?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

2)Já esteve em situação parecida a do personagem ? (Não tendo nada o que fazer) .

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Você já praticou este tipo de "brincadeira" – caçar pássaros?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você aprova a atitude do personagem em matar a andorinha por prazer ?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

5)Acredita na existência de amuletos da sorte?

( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

6)O comportamento do menino muda do começo para o fim da história?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

7) Releia o trecho: **"Percebeu o medo no olhinho que piscava, sentiu-se poderosos e cruel diante da insignificância e fragilidade do pássaro"**. Você acredita que os seres humanos que maltratam os animais também se sentem poderosos diante da fragilidade dos animais?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8)Você concorda que **"matar um passarinho: apontar bem no alvo, soltar a pedrada e ver o pássaro despencando morto, despencando lá de cima com as asas caída..."** traz uma sensação de epifania, como afirma o protagonista da história?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) No final da história o menino sente raiva da sua atitude, como mostra o fragmento a seguir **"... E então teve raiva; teve raiva de si mesmo, do domingo, e do que fizera; teve raiva de sua astúcia, sua espera, sua alegria, e agora sua impotência".** Você acredita que esse sentimento possa isentar toda a maldade praticada por ele?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

AP 052

Questionário 16

Aluno: A/ IGO/8/4

Conto Andorinha

1) Você gostou do conto lido?

( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

2)Já esteve em situação parecida a do personagem ? (Não tendo nada o que fazer) .

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Você já praticou este tipo de "brincadeira" – caçar pássaros?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você aprova a atitude do personagem em matar a andorinha por prazer ?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

5)Acredita na existência de amuletos da sorte?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

6)O comportamento do menino muda do começo para o fim da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Releia o trecho: **"Percebeu o medo no olhinho que piscava, sentiu-se poderosos e cruel diante da insignificância e fragilidade do pássaro"**. Você acredita que os seres humanos que maltratam os animais também se sentem poderosos diante da fragilidade dos animais?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8)Você concorda que "**matar um passarinho: apontar bem no alvo, soltar a pedrada e ver o pássaro despencando morto, despencando lá de cima com as asas caída...**" traz uma sensação de epifania, como afirma o protagonista da história?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

9) No final da história o menino sente raiva da sua atitude, como mostra o fragmento a seguir **"... E então teve raiva; teve raiva de si mesmo, do domingo, e do que fizera; teve raiva de sua astúcia, sua espera, sua alegria, e agora sua impotência".** Você acredita que esse sentimento possa isentar toda a maldade praticada por ele?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

AP 053

Questionário 17

Aluno: A/ JOA/8/4

Conto Andorinha

1) Você gostou do conto lido?

( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

2)Já esteve em situação parecida a do personagem ? (Não tendo nada o que fazer) .

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)Você já praticou este tipo de "brincadeira" – caçar pássaros?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você aprova a atitude do personagem em matar a andorinha por prazer ?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

5)Acredita na existência de amuletos da sorte?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

6)O comportamento do menino muda do começo para o fim da história?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

7) Releia o trecho: **"Percebeu o medo no olhinho que piscava, sentiu-se poderosos e cruel diante da insignificância e fragilidade do pássaro"**. Você acredita que os seres humanos que maltratam os animais também se sentem poderosos diante da fragilidade dos animais?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8)Você concorda que "**matar um passarinho: apontar bem no alvo, soltar a pedrada e ver o pássaro despencando morto, despencando lá de cima com as asas caída...**" traz uma sensação de epifania, como afirma o protagonista da história?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

9) No final da história o menino sente raiva da sua atitude, como mostra o fragmento a seguir **"... E então teve raiva; teve raiva de si mesmo, do domingo, e do que fizera; teve raiva de sua astúcia, sua espera, sua alegria, e agora sua impotência".** Você acredita que esse sentimento possa isentar toda a maldade praticada por ele?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

AP 054

Questionário 18

Aluno: A/ MAT/8/4

Conto Andorinha

1) Você gostou do conto lido?

( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

2)Já esteve em situação parecida a do personagem ? (Não tendo nada o que fazer) .

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

3)Você já praticou este tipo de "brincadeira" – caçar pássaros?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

4)Você aprova a atitude do personagem em matar a andorinha por prazer ?

( ) SIM (X) NÃO ( ) Um Pouco

5)Acredita na existência de amuletos da sorte?

( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

6)O comportamento do menino muda do começo para o fim da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Releia o trecho: **"Percebeu o medo no olhinho que piscava, sentiu-se poderosos e cruel diante da insignificância e fragilidade do pássaro"**. Você acredita que os seres humanos que maltratam os animais também se sentem poderosos diante da fragilidade dos animais?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8)Você concorda que **"matar um passarinho: apontar bem no alvo, soltar a pedrada e ver o pássaro despencando morto, despencando lá de cima com as asas caída..."** traz uma sensação de epifania, como afirma o protagonista da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

9) No final da história o menino sente raiva da sua atitude, como mostra o fragmento a seguir **"... E então teve raiva; teve raiva de si mesmo, do domingo, e do que fizera; teve raiva de sua astúcia, sua espera, sua alegria, e agora sua impotência".** Você acredita que esse sentimento possa isentar toda a maldade praticada por ele?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

AP 055

Qustionário 19

Aluno: A/ DAN/8/4

Conto Corisco

1)Você gostou da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) O comportamento do pai muda do começo para o fim da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)A atitude da mãe traz benefício ao filho?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4) O conto traz algum sentimento que você já vivenciou?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

5) Você partilha a opinião do pai do menino, de que animais de estimação **"só servem para dar amolação"**?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"como se Corisco não existisse, pois era assim, parecia que Corisco não existia para ele, nunca falava nele".** A ação do pai em relação a Corisco representa a atitude de muitas pessoas em relação aos animais?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você acredita que o pai do menino sentiu, em algum momento, compaixão pelo cachorro?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

8) Você acha que a dor de cabeça que o pai sentiu, após a morte do cachorro, possa ser a manifestação da dor pela perda do animal?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

9) Releia o trecho: **"Tudo voltou a ser como antes, eu brincando com os meninos da fazenda, Mamãe cozinhando, Papai trabalhando".** Você partilha a ideia de que quando amamos muito alguém ou um animal o sentimento de perda pode passar rapidamente?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

AP 056

Questionário 20

Aluno: A/LUH/8/4

Conto Corisco

1)Você gostou da história?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

2) O comportamento do pai muda do começo para o fim da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)A atitude da mãe traz benefício ao filho?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4) O conto traz algum sentimento que você já vivenciou?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

5) Você partilha a opinião do pai do menino, de que animais de estimação **"só servem para dar amolação"**?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"como se Corisco não existisse, pois era assim, parecia que Corisco não existia para ele, nunca falava nele".** A ação do pai em relação a Corisco representa a atitude de muitas pessoas em relação aos animais?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você acredita que o pai do menino sentiu, em algum momento, compaixão pelo cachorro?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você acha que a dor de cabeça que o pai sentiu, após a morte do cachorro, possa ser a manifestação da dor pela perda do animal?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

9) Releia o trecho: **"Tudo voltou a ser como antes, eu brincando com os meninos da fazenda, Mamãe cozinhando, Papai trabalhando".** Você partilha a ideia de que quando amamos muito alguém ou um animal o sentimento de perda pode passar rapidamente?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

AP 057

Questionário 21

Aluno: A/LUF/8/4

Conto Corisco

1)Você gostou da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

2) O comportamento do pai muda do começo para o fim da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)A atitude da mãe traz benefício ao filho?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4) O conto traz algum sentimento que você já vivenciou?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

5) Você partilha a opinião do pai do menino, de que animais de estimação **"só servem para dar amolação"**?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"como se Corisco não existisse, pois era assim, parecia que Corisco não existia para ele, nunca falava nele".** A ação do pai em relação a Corisco representa a atitude de muitas pessoas em relação aos animais?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você acredita que o pai do menino sentiu, em algum momento, compaixão pelo cachorro?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você acha que a dor de cabeça que o pai sentiu, após a morte do cachorro, possa ser a manifestação da dor pela perda do animal?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

9) Releia o trecho: **"Tudo voltou a ser como antes, eu brincando com os meninos da fazenda, Mamãe cozinhando, Papai trabalhando".** Você partilha a ideia de que quando amamos muito alguém ou um animal o sentimento de perda pode passar rapidamente?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

AP 058

Questionário 22

Aluno: A/ EDU/8/4

Conto Corisco

1)Você gostou da história?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

2) O comportamento do pai muda do começo para o fim da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)A atitude da mãe traz benefício ao filho?

( ) SIM ( ) NÃO (X) Um Pouco

4) O conto traz algum sentimento que você já vivenciou?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

5) Você partilha a opinião do pai do menino, de que animais de estimação **"só servem para dar amolação"**?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"como se Corisco não existisse, pois era assim, parecia que Corisco não existia para ele, nunca falava nele".** A ação do pai em relação a Corisco representa a atitude de muitas pessoas em relação aos animais?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você acredita que o pai do menino sentiu, em algum momento, compaixão pelo cachorro?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você acha que a dor de cabeça que o pai sentiu, após a morte do cachorro, possa ser a manifestação da dor pela perda do animal?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

9) Releia o trecho: **"Tudo voltou a ser como antes, eu brincando com os meninos da fazenda, Mamãe cozinhando, Papai trabalhando".** Você partilha a ideia de que quando amamos muito alguém ou um animal o sentimento de perda pode passar rapidamente?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

AP 059

Questionário 23

Aluno: A/MAT/8/4

Conto Corisco

1)Você gostou da história?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

2) O comportamento do pai muda do começo para o fim da história?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

3)A atitude da mãe traz benefício ao filho?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) Um Pouco

4) O conto traz algum sentimento que você já vivenciou?

( ) SIM ( ) NÃO (X) UM POUCO

5) Você partilha a opinião do pai do menino, de que animais de estimação **"só servem para dar amolação"**?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

6) Releia o trecho: **"como se Corisco não existisse, pois era assim, parecia que Corisco não existia para ele, nunca falava nele".** A ação do pai em relação a Corisco representa a atitude de muitas pessoas em relação aos animais?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

7) Você acredita que o pai do menino sentiu, em algum momento, compaixão pelo cachorro?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

8) Você acha que a dor de cabeça que o pai sentiu, após a morte do cachorro, possa ser a manifestação da dor pela perda do animal?

(X) SIM ( ) NÃO ( ) UM POUCO

9) Releia o trecho: **"Tudo voltou a ser como antes, eu brincando com os meninos da fazenda, Mamãe cozinhando, Papai trabalhando".** Você partilha a ideia de que quando amamos muito alguém ou um animal o sentimento de perda pode passar rapidamente?

( ) SIM (X) NÃO ( ) UM POUCO

AP 060

Tabulação dos questionários

Banco de Dados: Conto “Um peixe”

1. Você gostou do conto lido?

Sim	Não	Um pouco
6	0	1

2. Você já participou de uma pescaria?

Sim	Não	Um pouco
6	1	0

3. Se você pescasse uma traíra, você a manteria viva?

Sim	Não	Um pouco
0	6	1

4. Você teria a mesma atitude da empregada?

Sim	Não	Um pouco
2	5	0

5. O menino e a empregada tiveram a mesma ação em relação ao peixe?

Sim	Não	Um pouco
0	7	0

6. Você acredita que os animais tem a capacidade de compreender o que nós, seres humanos, falamos?

Sim	Não	Um pouco
6	0	1

7. Você acha condizente a justificativa dada pelo menino?

Sim	Não	Um pouco
6	0	1

8. Você teria uma traíra como peixe de estimação?

Sim	Não	Um pouco
0	7	0

9. Você acha normal a atitude da empregada ao fazer isto: **“Eu soquei a ponta da faca naquelas coisas que faz o peixe nadar, sabe? Pois acredita que ele ainda ficou mexendo? Aí eu peguei o cabo da faca e esmaguei a cabeça dele, e foi aí que ele morreu. Mas custou, ô peixinho duro de morrer!”**

Sim	Não	Um pouco
1	2	4

AP 061

Banco de Dados: Conto “Bichinho engraçado”

1. Você gostou do conto lido?

Sim	Não	Um pouco
3	0	1

2. Você tem um bichinho de estimação?

Sim	Não	Um pouco
2	2	0

3. Você estaria pronto para fazer um sacrifício por algum animal de estimação?

Sim	Não	Um pouco
3	1	0

4. Os seus familiares apresentam resistência em ter um animal de estimação?

Sim	Não	Um pouco
1	0	3

5. O comportamento do personagem principal muda do começo ao fim da história?

Sim	Não	Um pouco
4	0	0

6. Você aprova a atitude das pessoas em relação ao cágado?

Sim	Não	Um pouco
0	4	0

7. Você também acharia desagradável **“passar a faca no pescoço”** de um cágado?

Sim	Não	Um pouco
4	0	0

8. Você já julgado pelas pessoas por ajudar algum animal?

Sim	Não	Um pouco
0	4	0

9. Você acha certo retirar os animais do seu habitat de origem?

Sim	Não	Um pouco
0	3	1

AP 062

Banco de Dados: Conto “As formigas”

1. Você gostou do conto lido?

Sim	Não	Um pouco
4	0	0

2. Você também tem esse mesmo conceito?

Sim	Não	Um pouco
3	0	1

3. A reação do menino ao ver o conserto da rachadura na parede mostra que ele considerou tal ato uma violência. Você também tem a mesma opinião do menino?

Sim	Não	Um pouco
3	0	1

4. Você aprecia o modo de vida das formigas?

Sim	Não	Um pouco
2	0	2

5. Você acredita que as formigas podem ser consideradas “gente”?

Sim	Não	Um pouco
2	1	1

6. Em sua opinião, muitos seres humanos agem dessa forma com os animais?

Sim	Não	Um pouco
4	0	0

7. Você aprova a atitude do pai do menino, de exterminar as formigas?

Sim	Não	Um pouco
0	4	0

8. Você está e acordo com a atitude da mãe do menino?

Sim	Não	Um pouco
1	3	0

9. A forma como a história termina assemelha-se com o que acontece de verdade?

Sim	Não	Um pouco
2	0	2

AP 063

Banco de Dados: Conto “Andorinha”

1. Você gostou do conto lido?

Sim	Não	Um pouco
1	0	3

2. Já esteve em situação parecida com a do personagem? (Não tendo nada o que fazer)

Sim	Não	Um pouco
3	1	0

3. Você já praticou esse tipo de “brincadeira” – caçar pássaros?

Sim	Não	Um pouco
3	1	0

4. Você aprova a atitude do personagem em matar a andorinha por prazer?

Sim	Não	Um pouco
0	4	0

5. Acredita na existência de amuletos da sorte?

Sim	Não	Um pouco
0	2	2

6. O comportamento do menino muda do começo para o fim da história?

Sim	Não	Um pouco
2	0	2

7. Você acredita que os seres humanos que maltratam os animais também se sentem poderosos diante da fragilidade dos animais?

Sim	Não	Um pouco
4	0	0

8. Você concorda que **“matar um passarinho: apontar bem no alvo, soltar a pedrada e ver o pássaro despencando morto, despencando lá de cima com as asas caídas...”**

Sim	Não	Um pouco
1	2	1

9. Você acredita que esse sentimento possa isentar toda a maldade praticada por ele?

Sim	Não	Um pouco
1	1	2

AP 064

Banco de Dados: Conto “Corisco”

1. Você gostou do conto lido?

Sim	Não	Um pouco
2	0	3

2. O comportamento do pai muda do começo para o fim da história?

Sim	Não	Um pouco
5	0	0

3. A atitude da mãe traz benefício ao filho?

Sim	Não	Um pouco
4	0	1

4. O conto traz algum sentimento que já vivenciou?

Sim	Não	Um pouco
2	2	1

5. Você partilha a opinião do pai do menino, de que animais de estimação **“só servem para dar amolação”**?

Sim	Não	Um pouco
0	5	0

6. A ação do pai em relação a Corisco representa a atitude de muitas pessoas em relação aos animais?

Sim	Não	Um pouco
5	0	0

7. Você acredita que o pai do menino sentiu, em algum momento, compaixão pelo cachorro?

Sim	Não	Um pouco
4	0	1

8. Você acha que a dor de cabeça que o pai do menino sentiu, em algum momento, compaixão pelo cachorro?

Sim	Não	Um pouco
5	0	0

9. Você partilha a ideia de que quando amamos muito alguém ou um animal o sentimento de perda pode passar rapidamente?

Sim	Não	Um pouco
0	5	0

AP 065

Desenho 1, baseado na leitura do conto “**Um peixe**”, de Luiz Vilela.

Aluno- A/RAF/8/4



AP 066

Desenho 2, baseado na leitura do conto “**Um peixe**”, de Luiz Vilela.

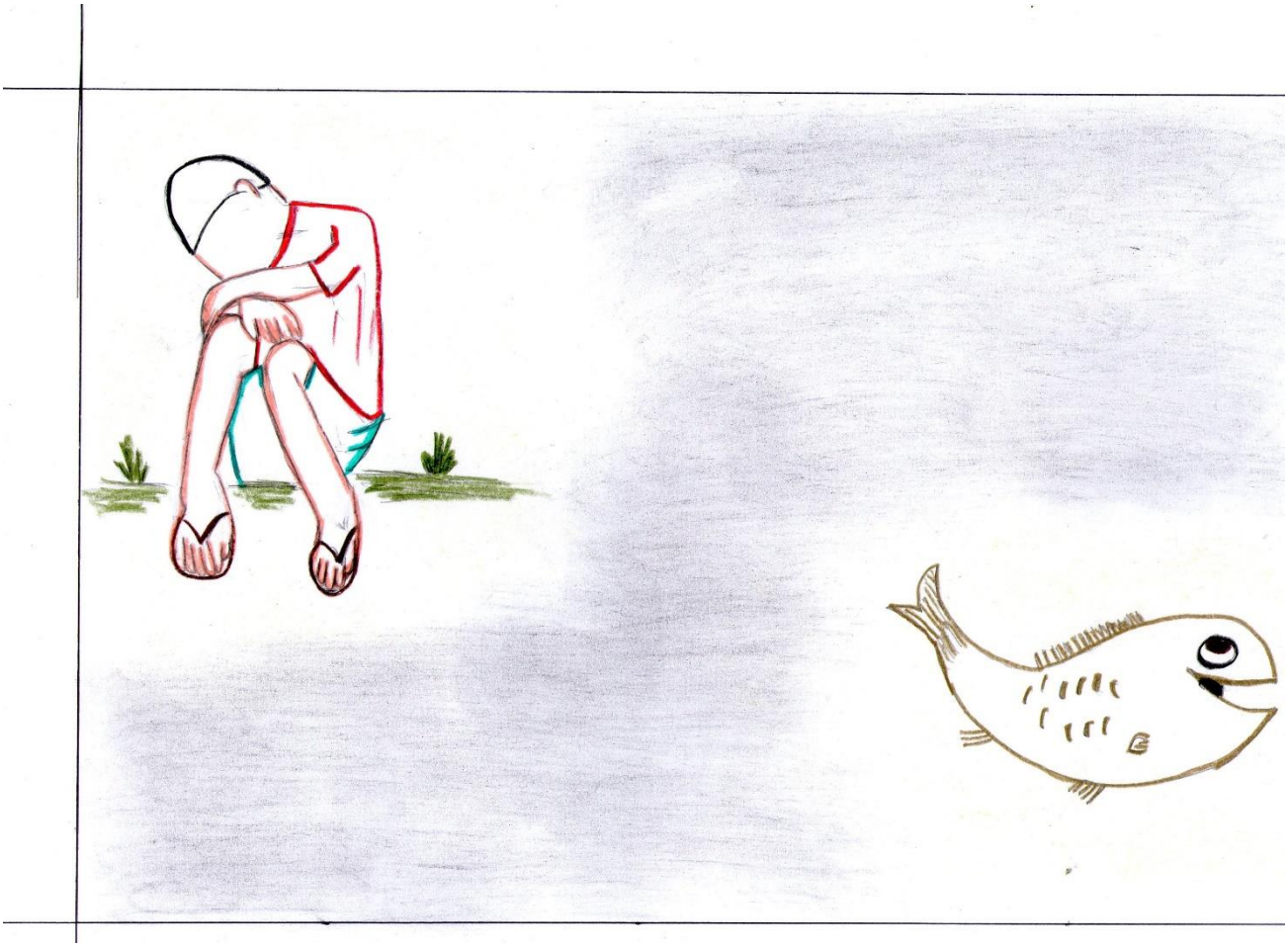
Aluna- A/MAR/8/4



AP 067

Desenho 3, baseado na leitura do conto “**Um peixe**”, de Luiz Vilela.

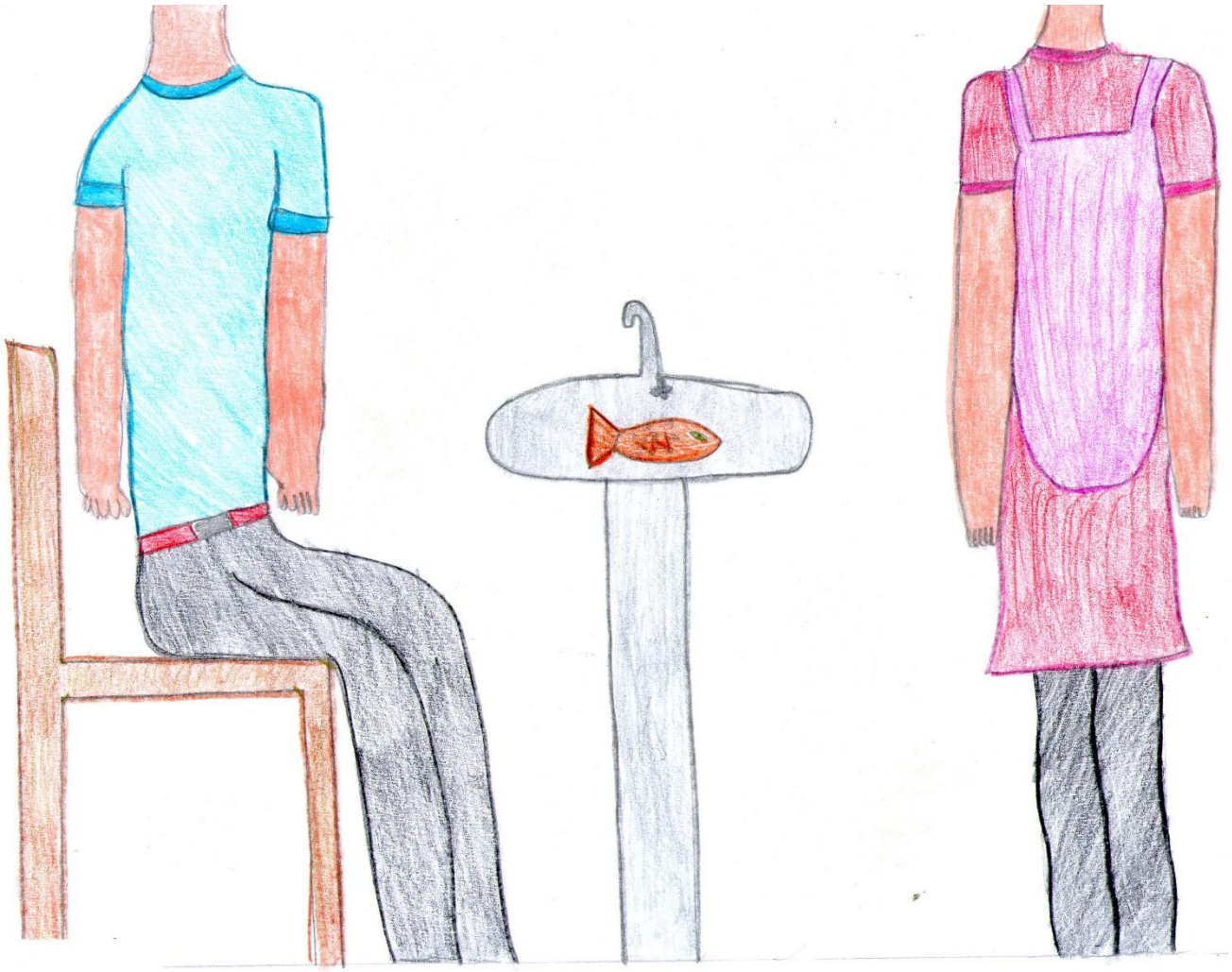
Aluna- A/ LET/8/4



AP 068

Desenho 4, baseado na leitura do conto “**Um peixe**”, de Luiz Vilela.

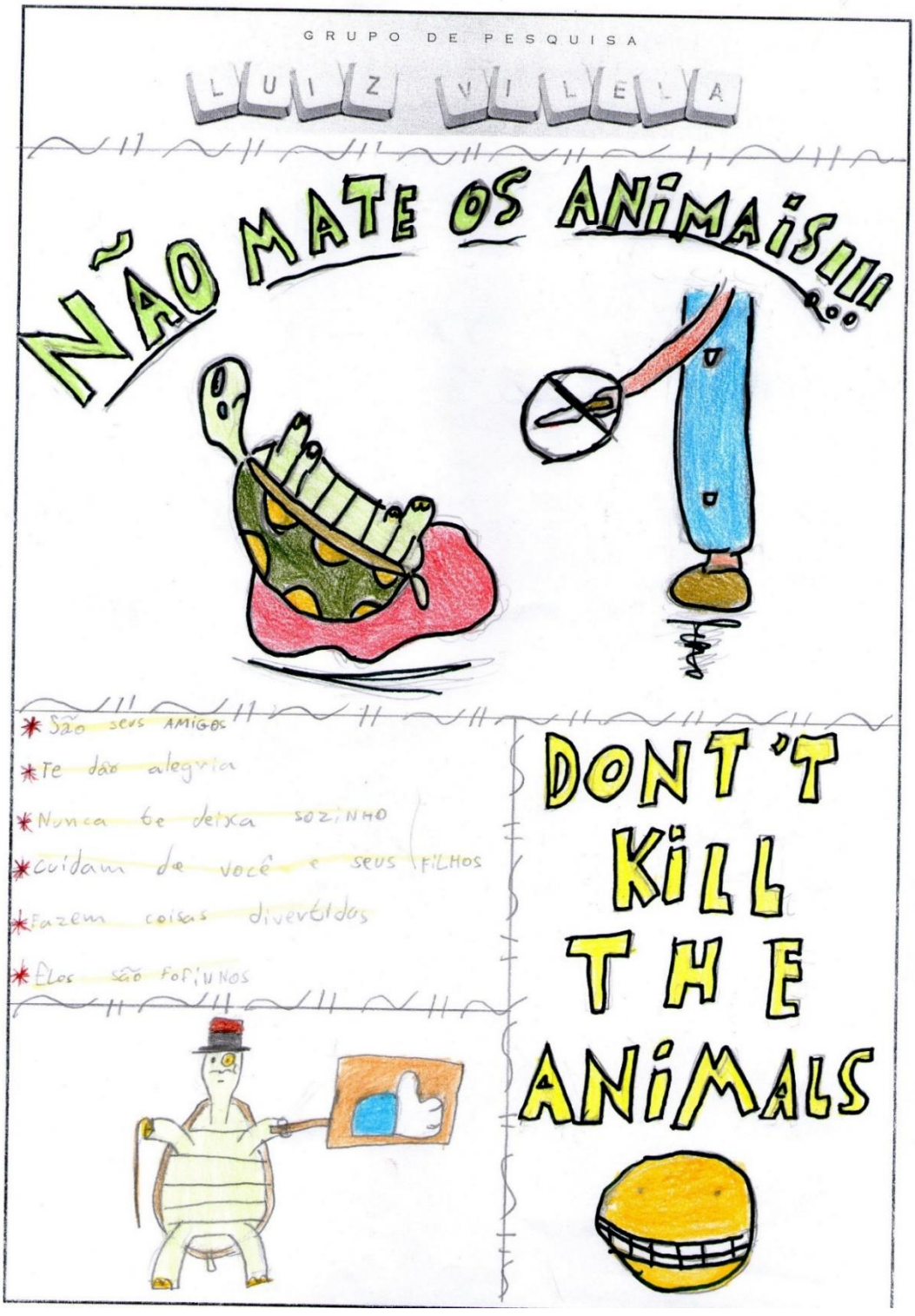
Aluna- A/ GAB/8/4



AP 069

Desenho 5, baseado na leitura do conto “**Bichinho engraçado**”, de Luiz Vilela.

Aluno- A/GABR/8/4



AP 070

Desenho 6, baseado na leitura do conto “**As formigas**”, de Luiz Vilela.

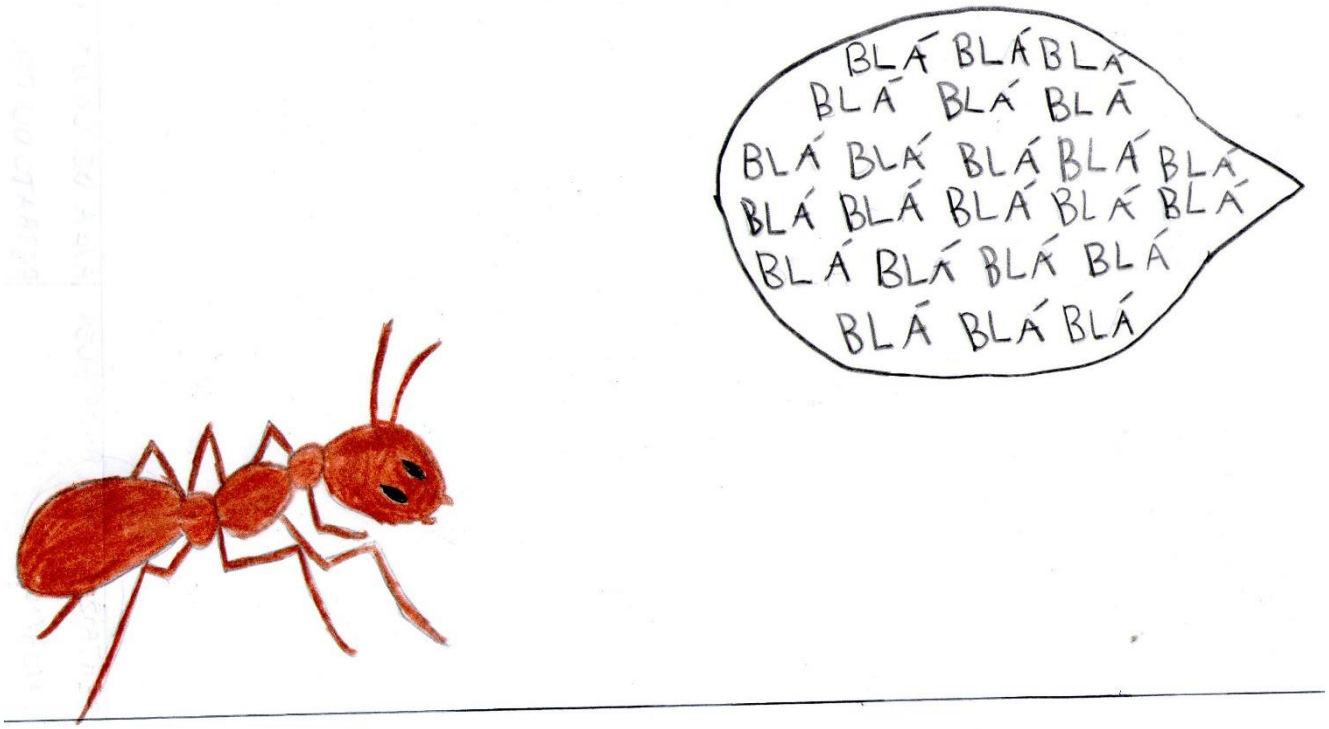
Aluna- A/ FAB/8/4



AP 071

Desenho 7, baseado na leitura do conto “**As formigas**”, de Luiz Vilela.

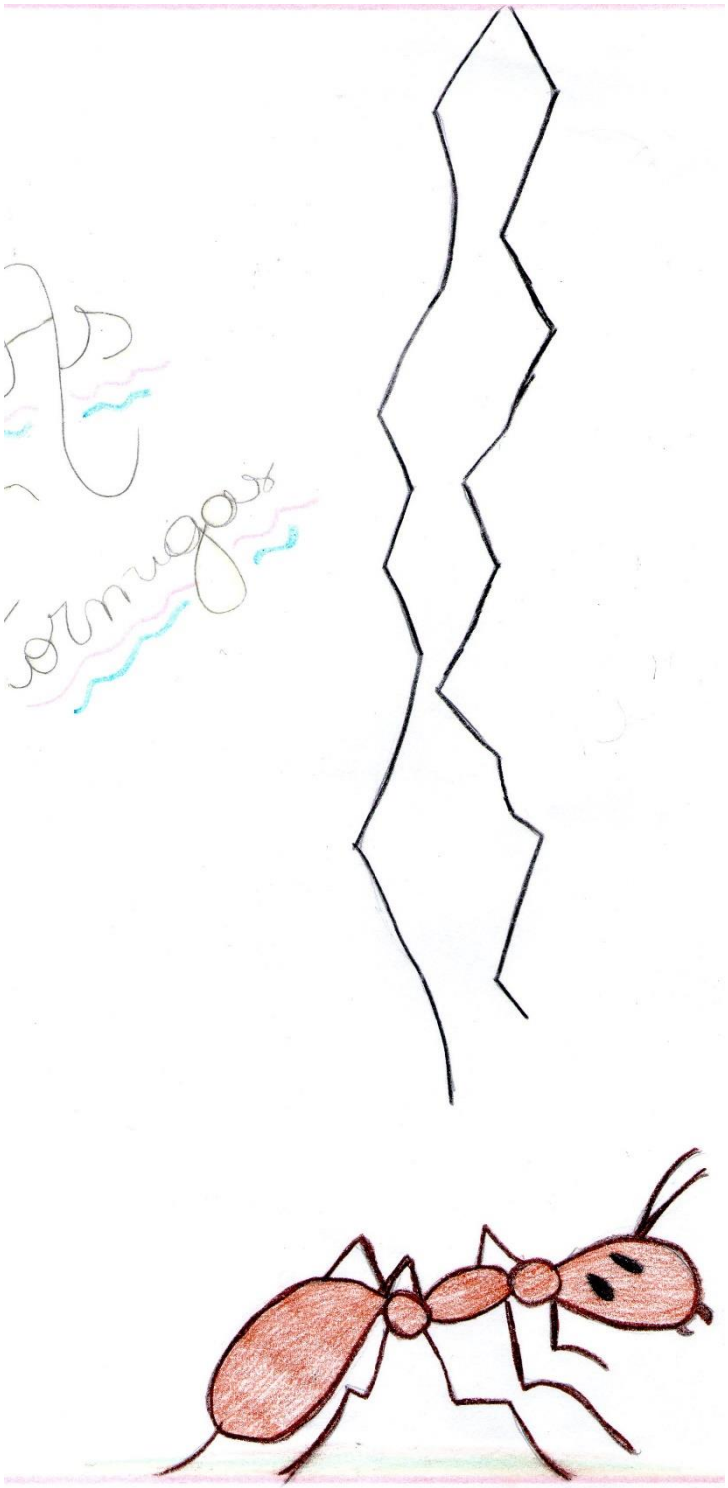
Aluno- A/ MAT/8/4



AP 072

Desenho 8, baseado na leitura do conto “**As formigas**”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ EMA/8/4



AP 073

Desenho 9, baseado na leitura do conto “**Andorinha**”, de Luiz Vilela.

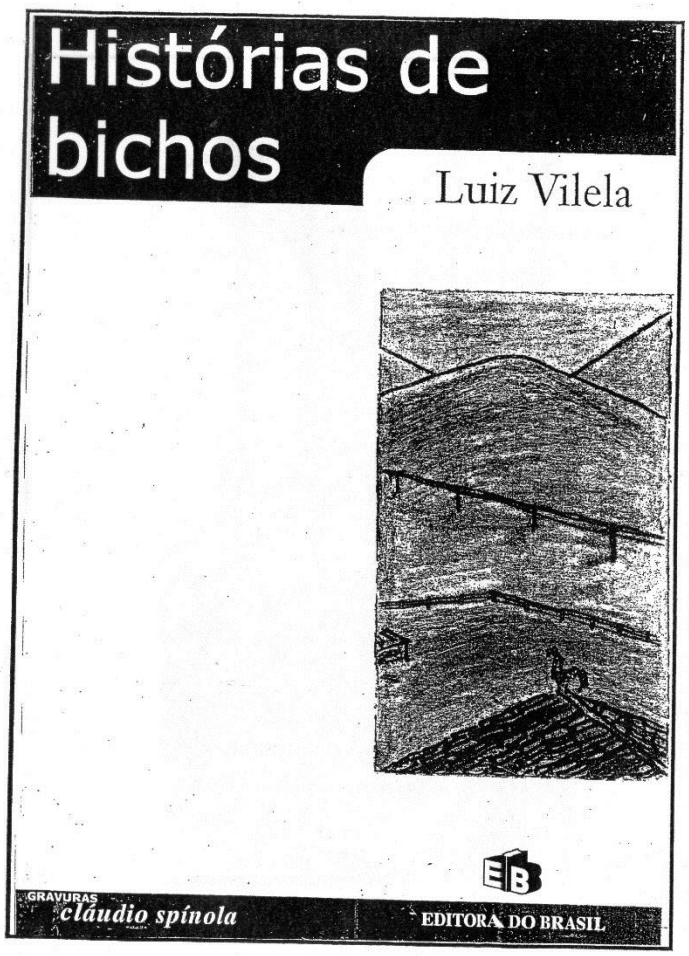
Aluno- A/JOA/8/4

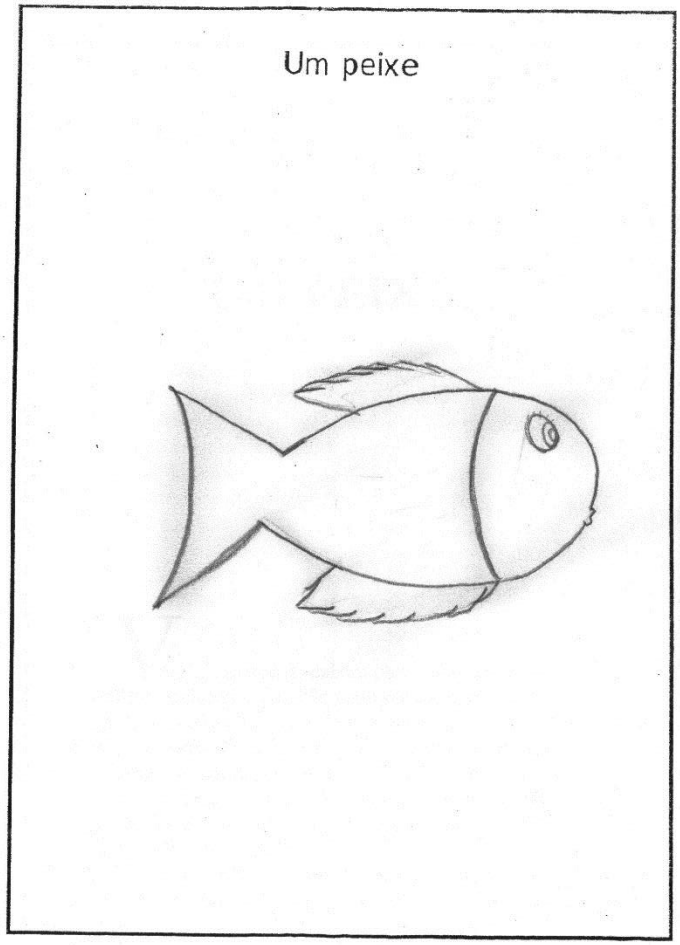


AP 074

Ilustração 1, baseado na leitura do conto “**Um peixe**”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ GAB/8/4

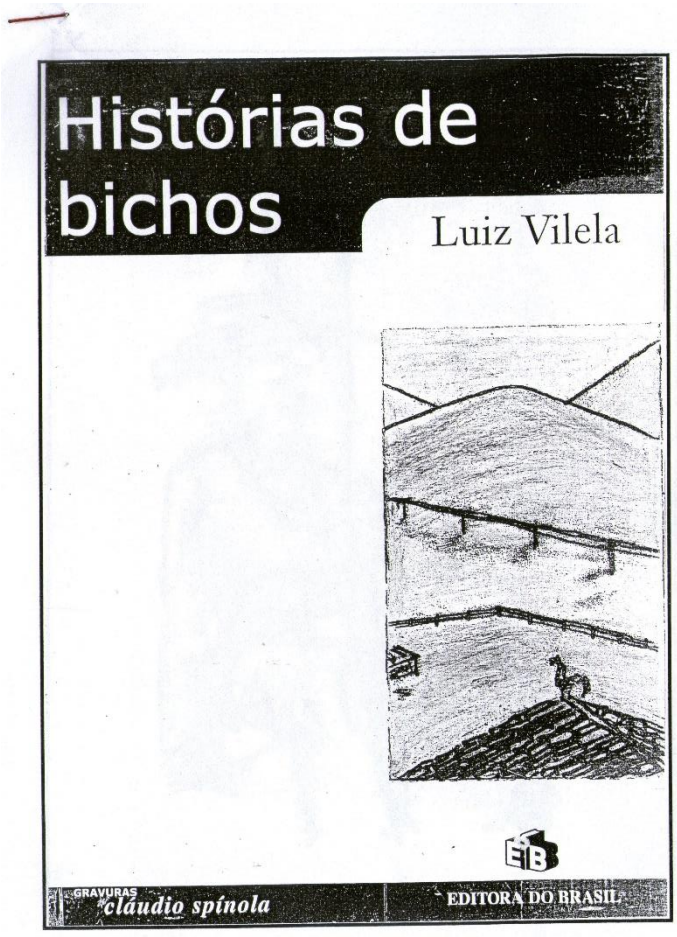


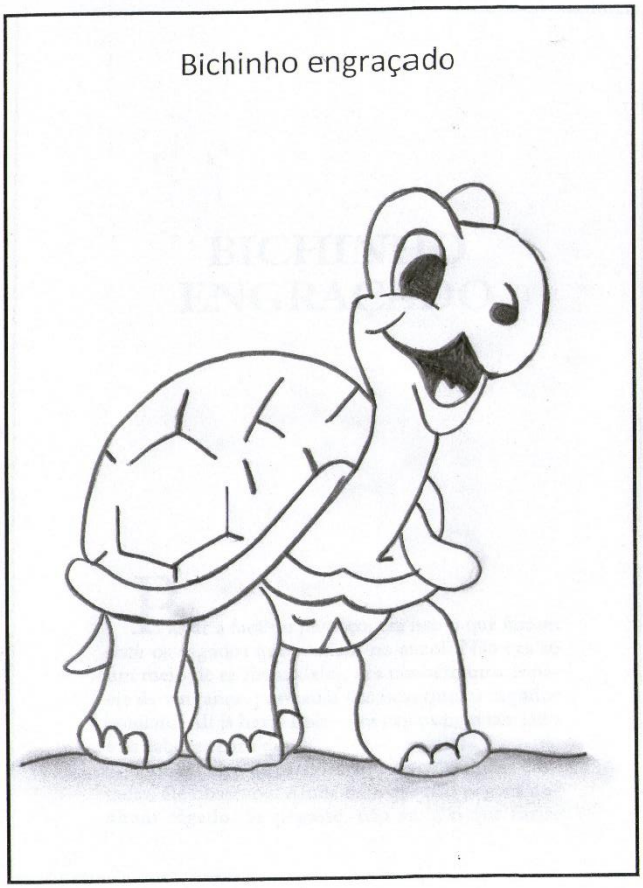


AP 075

Ilustração 2, baseado na leitura do conto “**Bichinho engraçado**”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ GAB/8/4

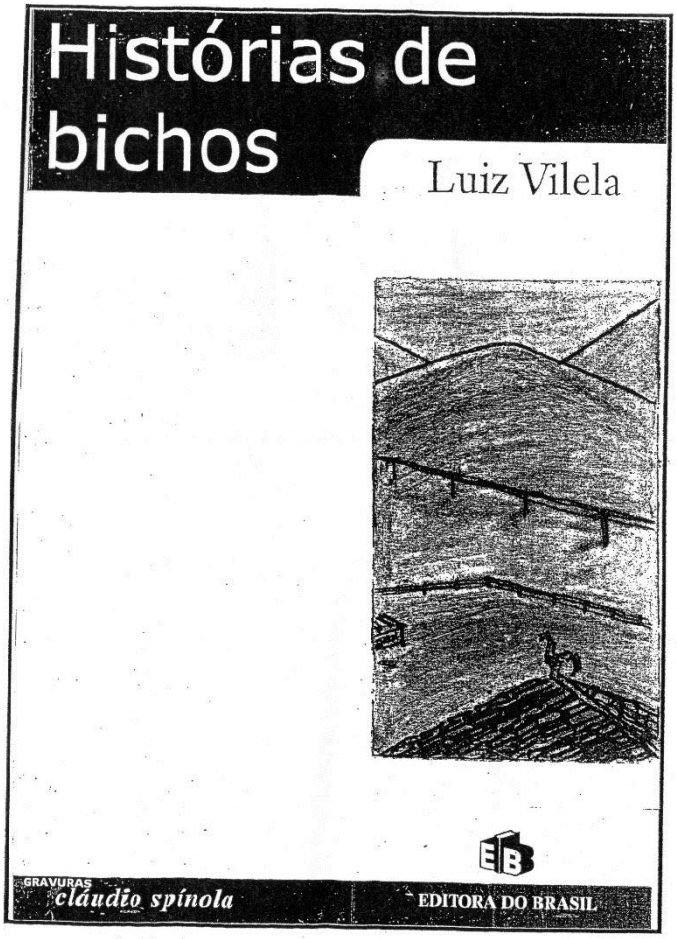




AP 076

Ilustração 3, baseado na leitura do conto “**As formigas**”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ GAB/8/4

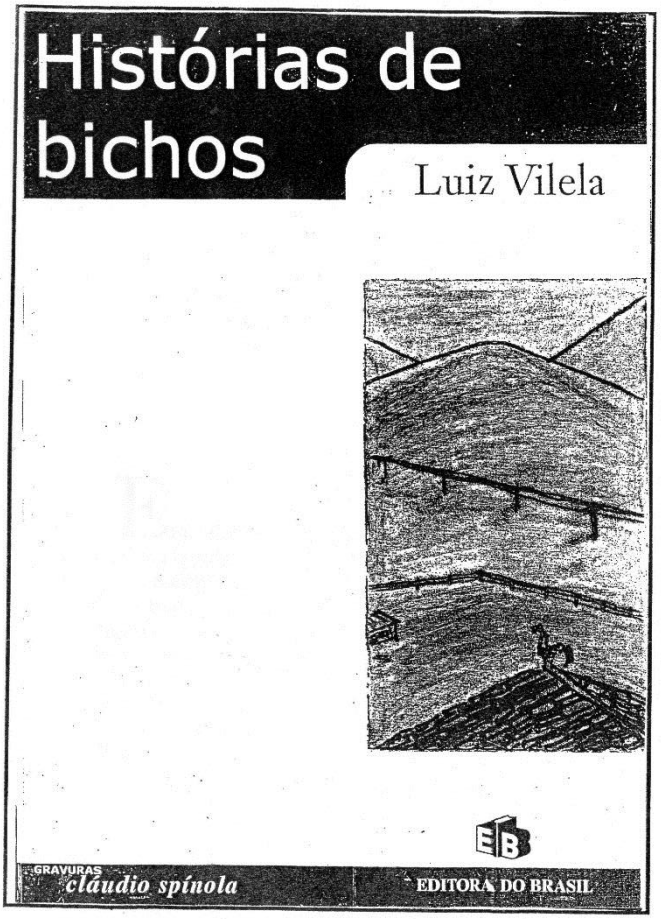




AP 077

Ilustração 4, baseado na leitura do conto “**Andorinha**”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ GAB/8/4

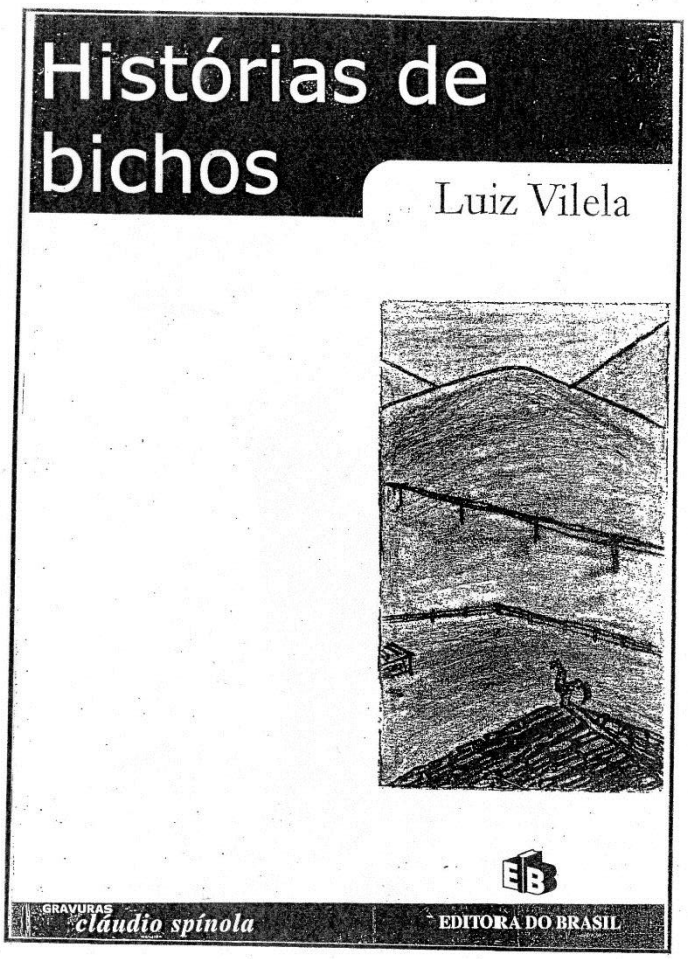


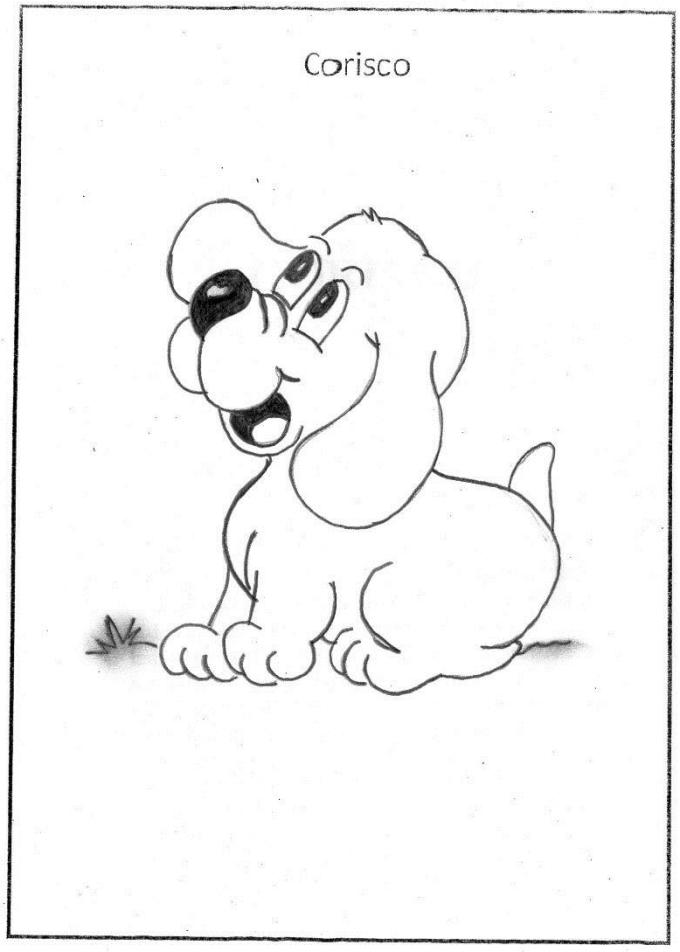


AP 078

Ilustração 5, baseado na leitura do conto “**Corisco**”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ GAB/8/4





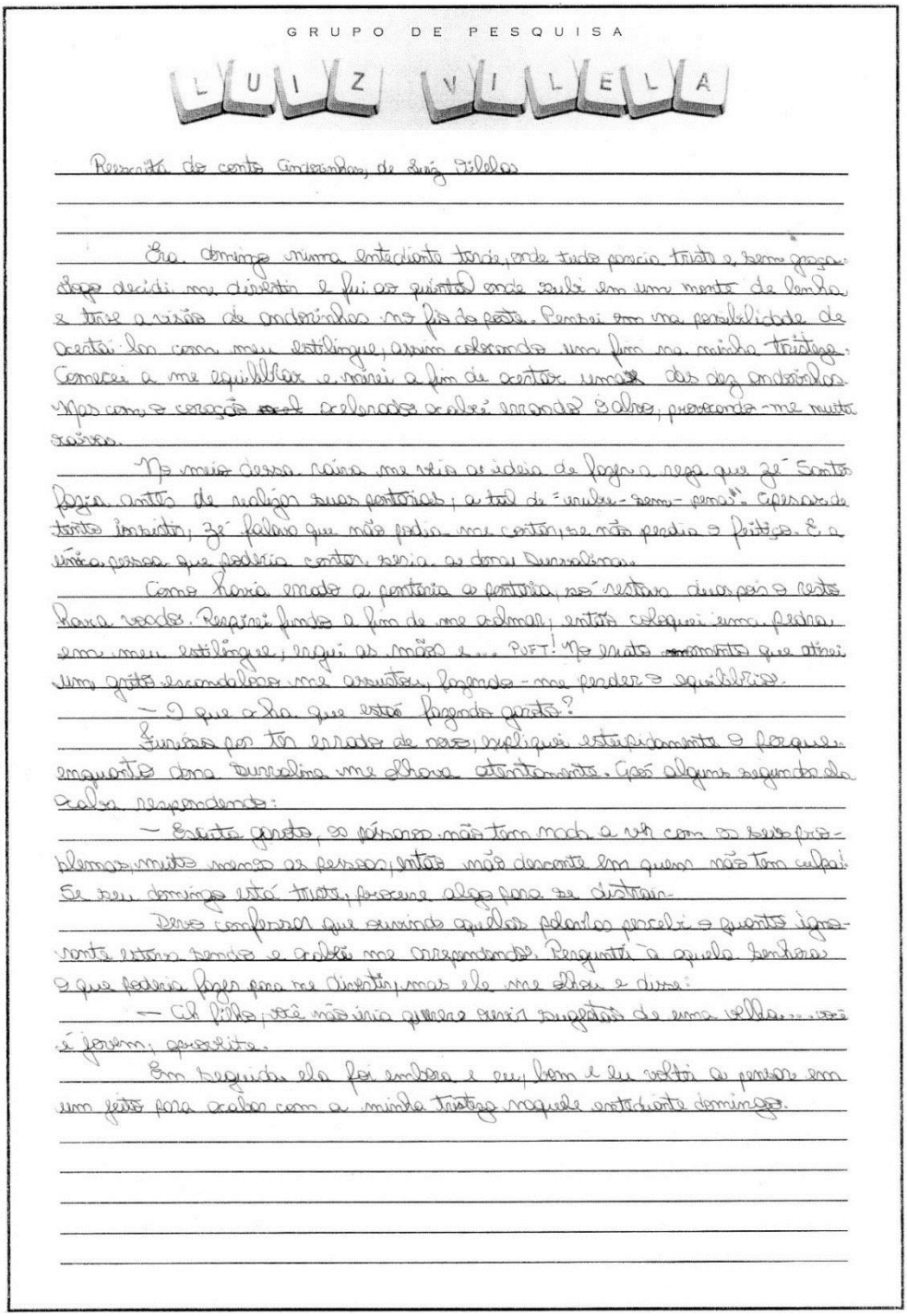
AP 079

Textos elaborados como trabalho final do método científico.

FIGURA 1

Texto1, baseado na leitura do conto “Andorinha”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ CAM/8/4



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Reescrita do conto Andorinha, de Luiz Vilela.

Era domingo numa antechuva tensa, onde tudo parecia triste e sem graça. Daqui decidi ~~me divertir~~ e fui ao quintal onde subi em uma manta de lenha e tive a visão de andorinhas ~~no fio~~ do poste. Pensei em ~~na~~ possibilidade de acertá-las com meu estilingue, assim colocando uma fim na minha tristeza. Comecei a me equilibrar e ~~mirei~~ a fim de acertar ~~uma~~ das dez andorinhas. Mas como o coração ~~estava~~ acelerado acabei errando todos, provocando-me muito raiva.

No mais nessa, ~~nem~~ me veio a ideia de ~~pegar~~ o ~~pega~~ que Zé Santos pegou antes de matar suas pantorras, a tal de "urubu-rei-rei". Apesar de tanto insistir, Zé falou que não podia ~~me~~ contar, se não perdia o feitiço. E a única pessoa que poderia contar seria ~~a~~ dona Durvalina.

Como havia errado a pontaria e pontaria, pois restava duas para o resto haver vocês. Resgatei forças a fim de me acalmar, então coloquei uma pedra em meu estilingue, ~~mirei~~ as mãos e... PUFT! No mesmo momento que atirei uma gota escandalosa me assustou, fazendo-me perder o equilíbrio.

— O que será que estão fazendo gente?

Surpresa por ter errado de novo, ~~exclamei~~ estupefatamente e ~~pergunte~~ enquanto dona Durvalina me olhava atentamente. Após alguns segundos ela falou, ~~respondendo~~:

— Existe gente, os pássaros não tem medo a nós com os seus problemas, muito menos as pessoas, então não devemos ter que ~~ser~~ não tem culpa! Se teu domingo está triste, procure algo para se distrair.

Devo confessar que ouvindo aquelas palavras percebi o quanto ignorante estava sendo e acabei me arrependendo. Perguntei à aquela senhora o que poderia fazer para me distrair, mas ela me olhou e disse:

— Ah filho, você não teria que ser uma criança de uma vila... você é jovem, aproveite.

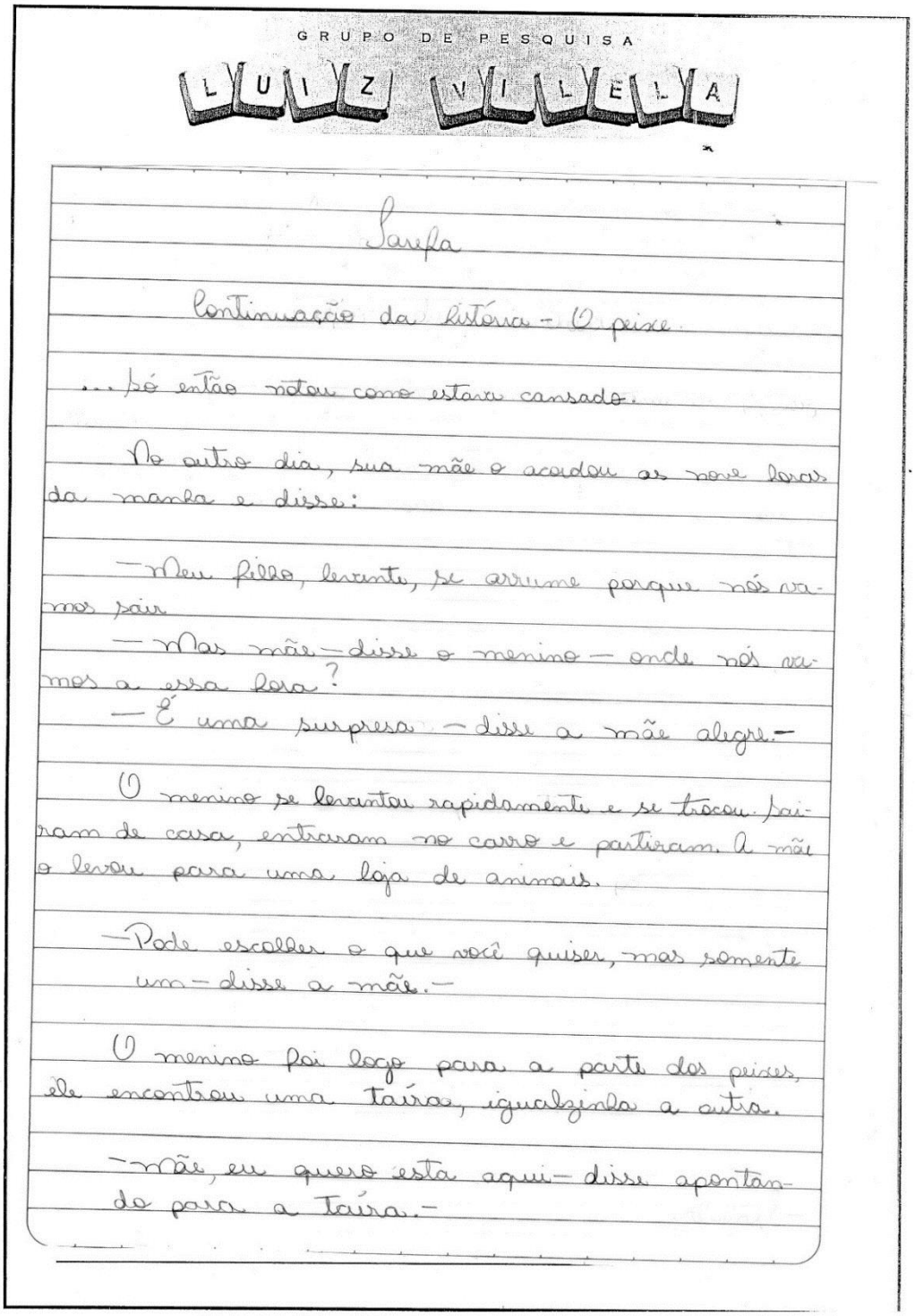
Em seguida ela foi embora e eu, bem e ~~eu~~ voltei a pensar em um jeito para acabar com a minha tristeza naquele entechuvante domingo.

AP 080

FIGURA 2

Texto 2, baseado na leitura do conto “Um peixe”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ISA/8/4



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Tarefa

Continuação da história - O peixe

...Só então notou como estava cansado.

No outro dia, sua mãe o acordou as nove horas da manhã e disse:

— Meu filho, levanta, se arruma porque nós vamos sair

— Mas mãe — disse o menino — onde nós vamos a essa hora?

— É uma surpresa — disse a mãe alegre.—

O menino se levantou rapidamente e se trocou. Saíram de casa, entraram no carro e partiram. A mãe o levou para uma loja de animais.

— Pode escolher o que você quiser, mas somente um — disse a mãe.—

O menino foi logo para a parte dos peixes, ele encontrou uma Taíra, igualzinha a outra.

— mãe, eu quero esta aqui — disse apontando para a Taíra.—

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILLELA

— Então é este que vamos levar - disse a mãe. —

A mãe chamou a atendente, pegaram o peixe, compraram um aquário e ração. No carro, o menino disse:

— Muito obrigado mãe.

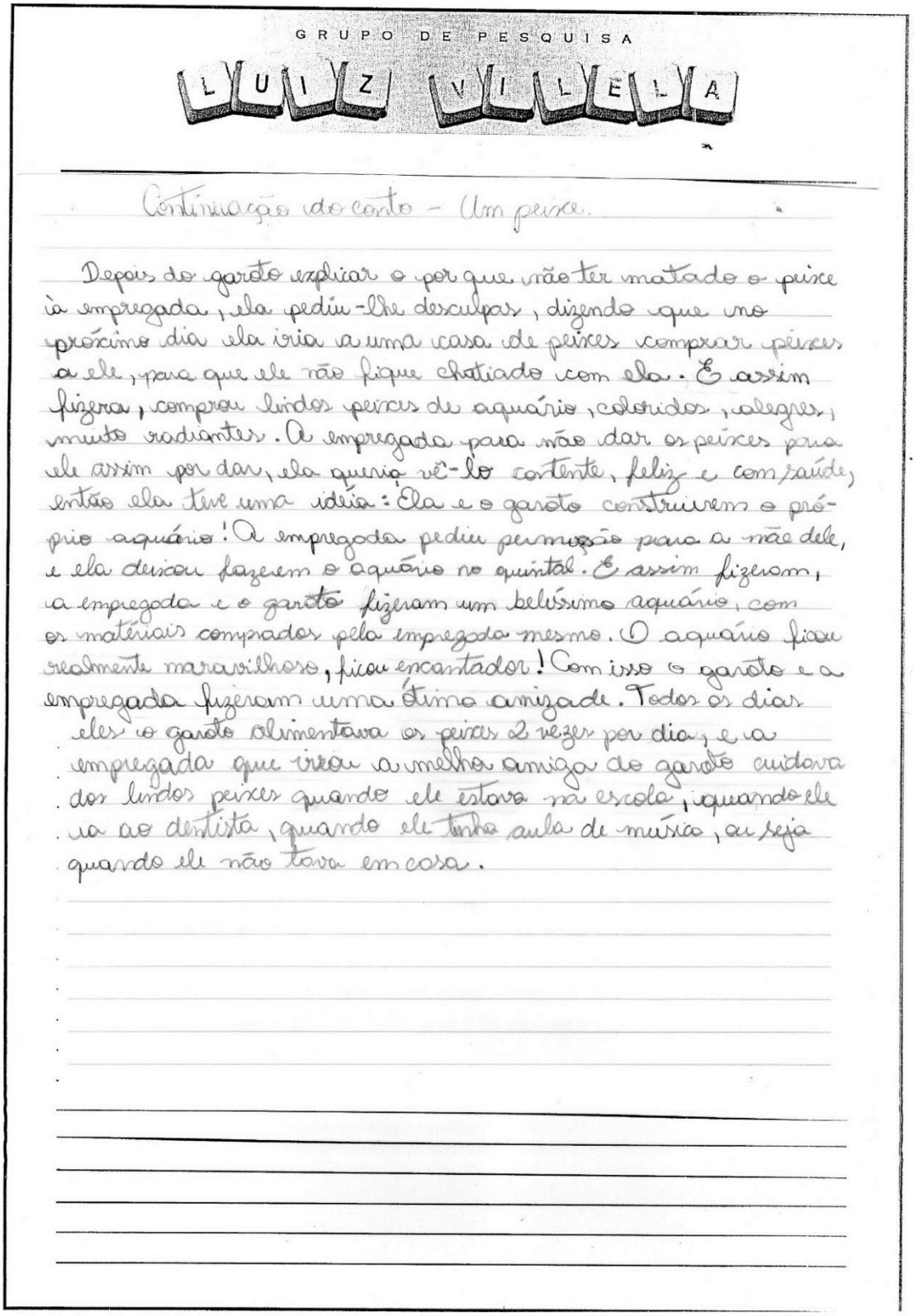
Os dois sorriram, chegaram em casa, montaram o aquário, colocaram o peixe e todos ficaram contentes.

AP 081

FIGURA 3

Texto 3, baseado na leitura do conto “Um peixe”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ GAB/8/4


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Continuação do conto - Um peixe.

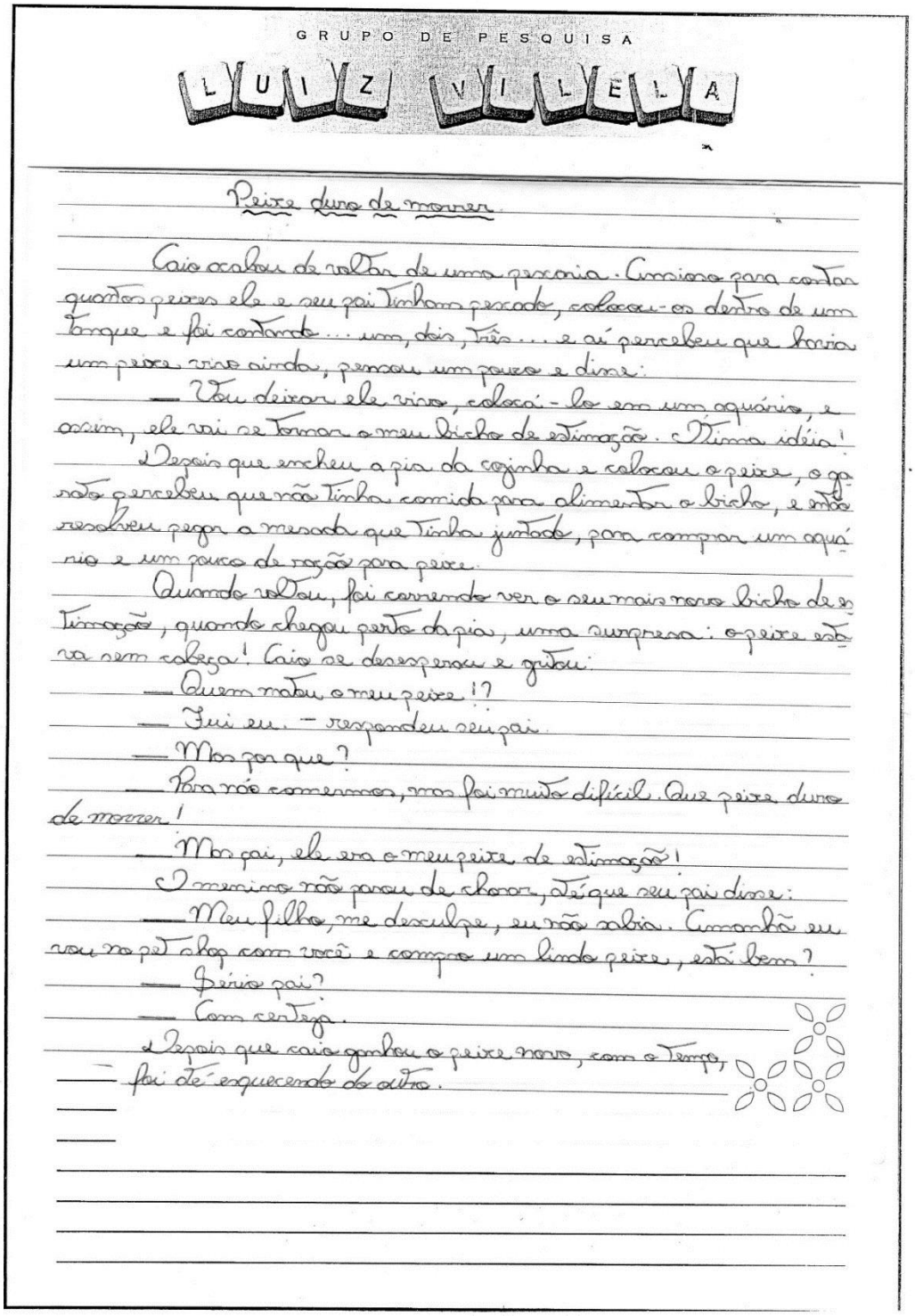
Depois do garoto explicar o porque não ter matado o peixe à empregada, ela pediu-lhe desculpas, dizendo que no próximo dia ela iria a uma casa de peixes comprar peixes a ele, para que ele não fique chateado com ela. E assim fizera, comprou lindos peixes de aquário, coloridos, alegres, muito radiantes. A empregada para não dar os peixes para ele assim por dar, ela queria vê-lo contente, feliz e com saúde, então ela teve uma idéia: Ela e o garoto construirem o próprio aquário! A empregada pediu permissão para a mãe dele, e ela deixou fazerem o aquário no quintal. E assim fizeram, a empregada e o garoto fizeram um belíssimo aquário, com os materiais comprados pela empregada mesmo. O aquário ficou realmente maravilhoso, ficou encantador! Com isso o garoto e a empregada fizeram uma ótima amizade. Todos os dias eles o garoto alimentava os peixes 2 vezes por dia, e a empregada que virou a melhor amiga do garoto cuidava dos lindos peixes quando ele estava na escola, quando ele ia ao dentista, quando ele tinha aula de música, ou seja quando ele não tava em casa.

AP 82

FIGURA 4

Texto 4, baseado na leitura do conto “Um peixe”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ MAR/8/4


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Peixe duro de morrer

Caio acabou de voltar de uma pescaria. Ficou para contar quantos peixes ele e seu pai tinham pescado, colocou-os dentro de um tanque e foi contando... um, dois, três... e aí percebeu que havia um peixe, vivo ainda, pensou um pouco e disse:

— Vou deixar ele vivo, colocá-lo em um aquário, e assim, ele vai se tornar o meu bicho de estimação. Uma idéia!

Depois que encheu a pia da cozinha e colocou o peixe, o garoto percebeu que não tinha comida para alimentar o bicho, e então resolveu pegar a mesada que tinha juntado, para comprar um aquário e um pouco de ração para peixe.

Quando voltou, foi correndo ver o seu mais novo bicho de estimação, quando chegou perto da pia, uma surpresa: o peixe estava sem cabeça! Caio se desesperou e gritou:

— Quem matou o meu peixe!?

— Fui eu. — respondeu seu pai.

— Mas por que?

— Para não comermos, mas foi muito difícil. Que peixe duro de morrer!

— Mas pai, ele era o meu peixe de estimação!

O menino não parou de chorar, até que seu pai disse:

— Meu filho, me desculpe, eu não sabia. Amanhã eu vou no pet shop com você e compro um lindo peixe, está bem?

— Prêmio pai?

— Com certeza.

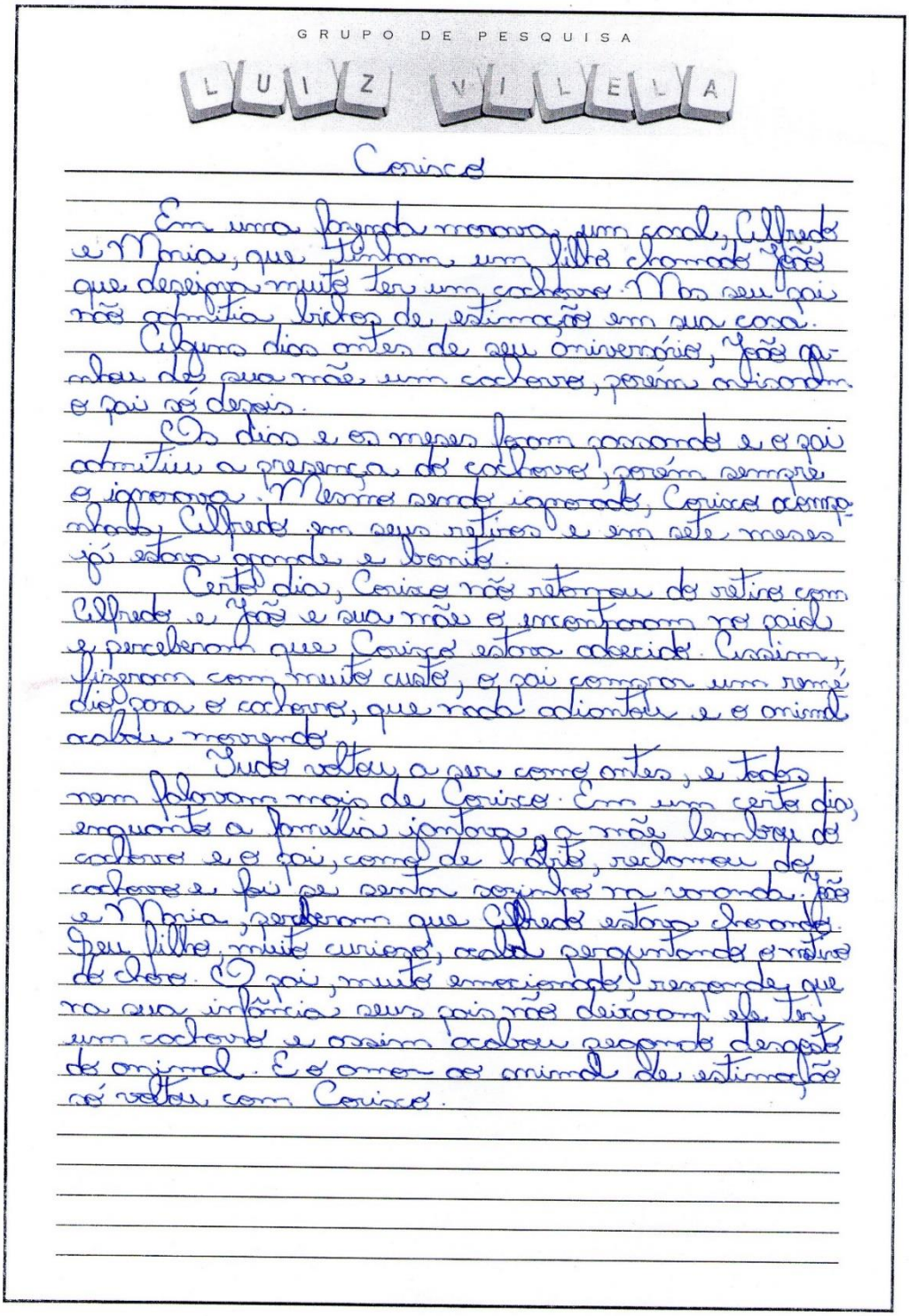
Depois que Caio ganhou o peixe novo, com o tempo, foi de esquecendo do outro.

AP 083

FIGURA 5

Texto 5, baseado na leitura do conto “Corisco”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ LET/8/4



Corisco

Em uma fazenda moravam um casal, Alfredo e Maria, que tinham um filho chamado João que desejava muito ter um cachorro. Mas seu pai não admitia bichos de estimação em sua casa.

Alguns dias antes de seu aniversário, João pediu à sua mãe um cachorro, porém avisando o pai só depois.

Os dias e os meses foram passando e o pai admitiu a presença do cachorro, porém sempre o ignorava. Mesmo sendo ignorado, Corisco acompanhava Alfredo em seus retiros e em sete meses já estava grande e bonito.

Certo dia, Corisco não retornou do retiro com Alfredo e João e sua mãe o encontraram no pasto e perceberam que Corisco estava doente. Assim, fizeram com muito custo, o pai comprou um remédio para o cachorro, que nada adiantou e o animal acabou morrendo.

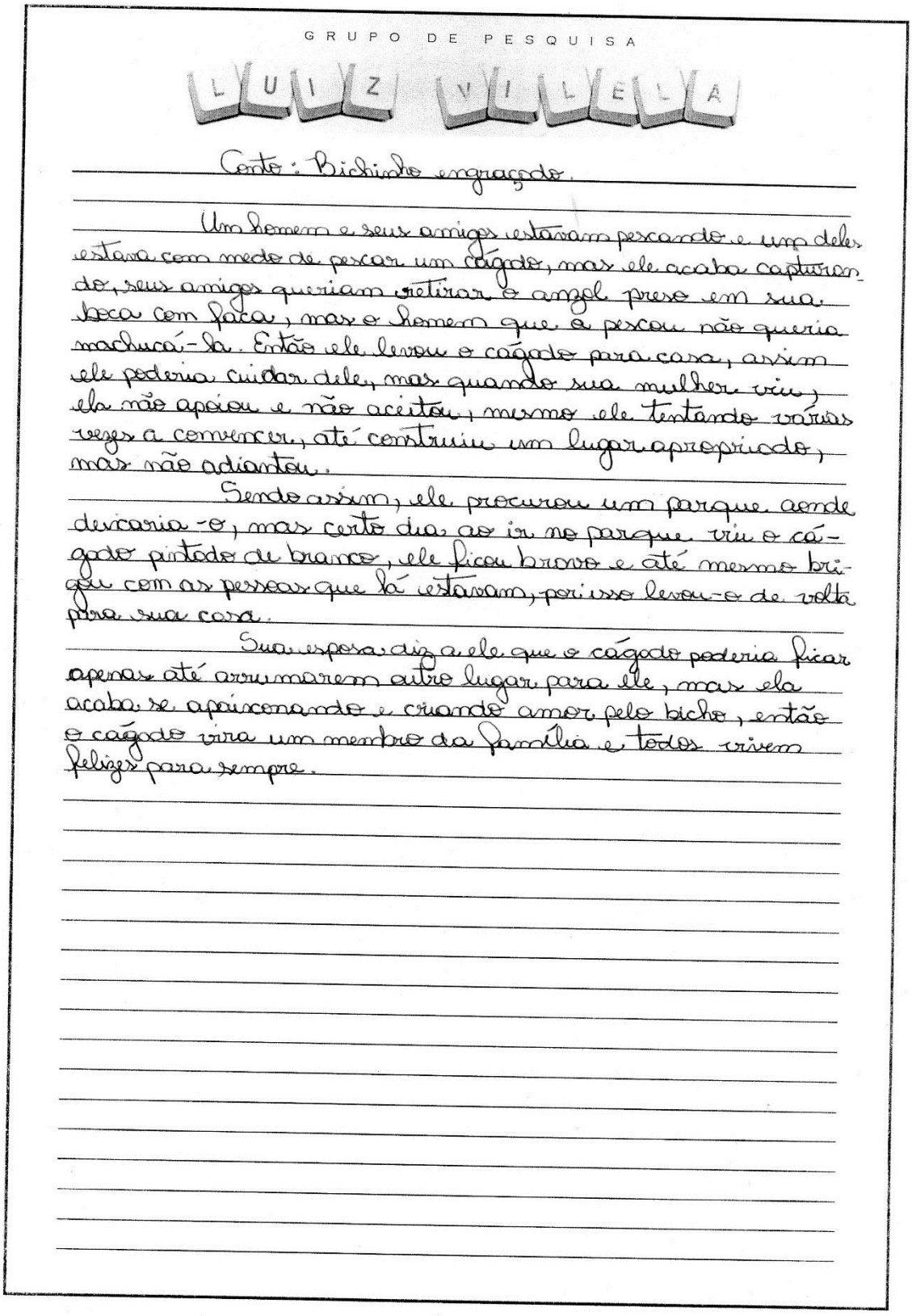
Tudo voltou a ser como antes, e todos nem falavam mais de Corisco. Em um certo dia, enquanto a família jantava, a mãe lembrou do cachorro e o pai, com ar triste, relembrou do cachorro e foi se sentar sozinho na varanda. João e Maria, perceberam que Alfredo estava chorando. Seu filho, muito curioso, logo perguntando o motivo de choro. O pai, muito emocionado, respondeu que na sua infância seus pais não deixaram ele ter um cachorro e assim acabou perdendo demais do animal. E o amor ao animal de estimação só voltou com Corisco.

AP 084

FIGURA 6

Texto 6, baseado na leitura do conto “Bichinho engraçado”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ MARP/8/4



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Conto: Bichinho engraçado.

Um homem e seus amigos estavam pescando e um deles estava com medo de pescar um cágado, mas ele acaba capturando, seus amigos queriam retirar o anzol preso em sua boca com faca, mas o homem que o pescou não queria machucá-lo. Então ele levou o cágado para casa, assim ele poderia cuidar dele, mas quando sua mulher viu, ela não apoiou e não aceitou, mesmo ele tentando várias vezes a convencer, até construiu um lugar apropriado, mas não adiantou.

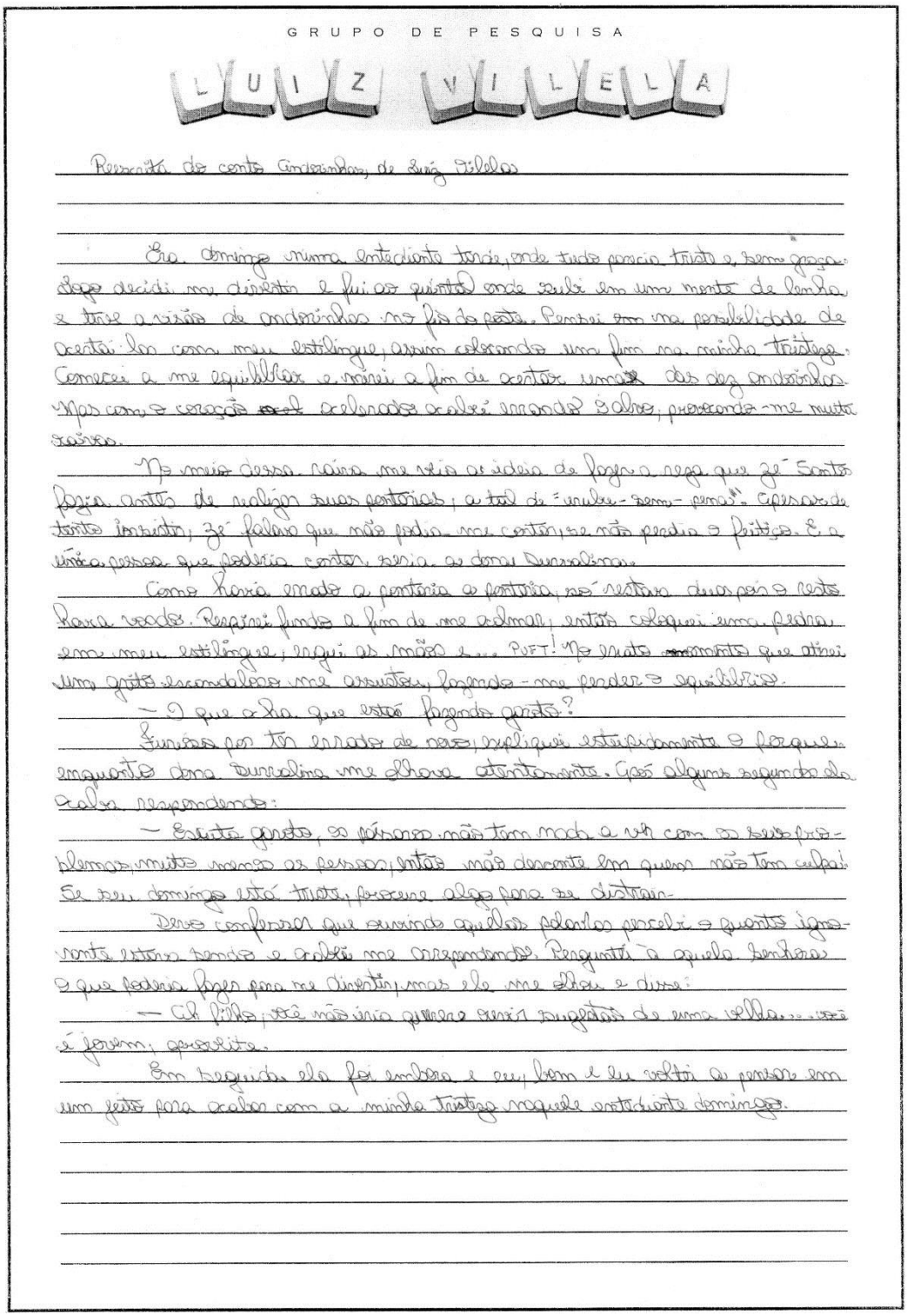
Sendo assim, ele procurou um parque aonde deixaria-o, mas certo dia ao ir no parque viu o cágado pintado de branco, ele ficou bravo e até mesmo brigou com as pessoas que lá estavam, por isso levou-o de volta para sua casa.

Sua esposa diz a ele que o cágado poderia ficar apenas até arrumarem outro lugar para ele, mas ela acaba se apaixonando e criando amor pelo bicho, então o cágado virra um membro da família e todos vivem felizes para sempre.

AP 085

Texto 7, baseado na leitura do conto “Andorinhas”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/ CAM/8/4



Resenha do conto Andorinhas, de Luiz Vilelas

Era domingo numa entediante tarde, onde tudo parecia triste e sem graça. Daqui decidi ir para o quintal onde subi em um monte de lenha, e tive a visão de andorinhas no fio da pipa. Pensei em na possibilidade de acertá-las com meu estilingue, assim colorindo uma flor na minha tristeza. Comecei a me equilibrar e mirei a fim de acertar uma das dez andorinhas. Mas com a coração acelerado acabei errando o alvo, provocando-me muita raiva.

No mais dessa raiva me veio a ideia de fugir e pegar que Zé Santos fugia antes de realizar suas peripécias, a tal de "mulher - homem - pomba". Apesar de tanto imbróglio, Zé falava que não fugia mas contigo se não perdia a pontaria. E a única pessoa que poderia contar, seria a dona Durvalina.

Como havia errado a pontaria e pontaria, não restava duas opções a não ser voltar para casa. Respirei fundo a fim de me acalmar, então coloquei uma pedra em meu estilingue, mirei as mãos e... PUFT! No mesmo momento que atirei uma gritaria escandalosa me assustou, fazendo-me perder o equilíbrio.

— O que a Sra. que estão fazendo aqui?

Furioso por ter errado de novo, expliquei atrapalhadamente o porquê enquanto dona Durvalina me olhava atentamente. Após alguns segundos ela calou, respondendo:

— Existe gente, os pássaros não tem medo de ver com os seus problemas, muito menos os pessoas, então não descontes em quem não tem culpa. Se hoje domingo está triste, procure algo para se distrair.

Devo confessar que ouvindo aquelas palavras percebi o quanto ignorante estava sendo e acabei me arrependendo. Perguntei à aquela benfeitora o que poderia fazer para me distrair, mas ela me olhou e disse:

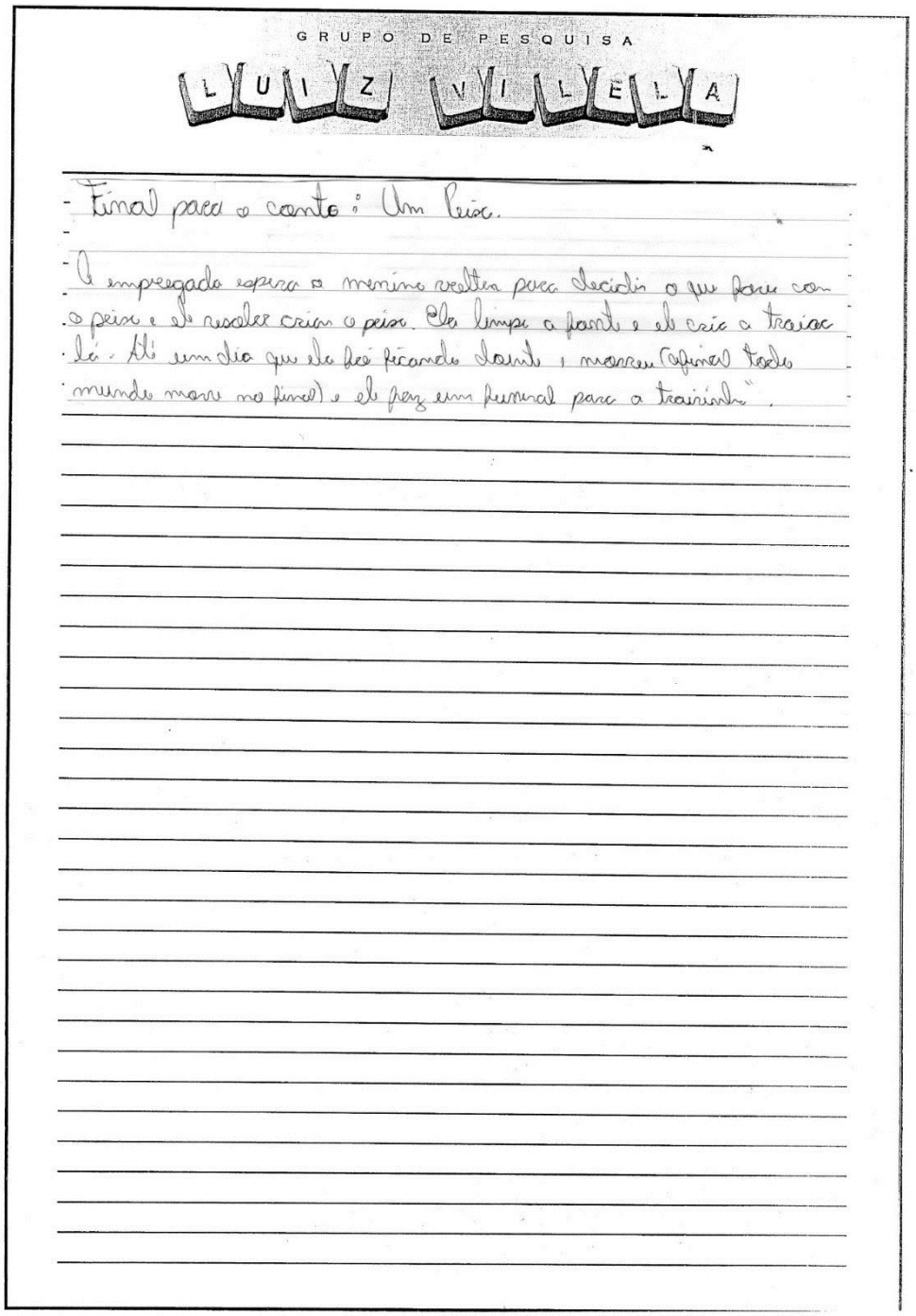
— Ah filho, você não iria querer ouvir conselhos de uma velha... você é jovem, aproveite.

Em seguida ela foi embora e eu, bem e lá voltei a pensar em um jeito para acabar com a minha tristeza naquele entediante domingo.

AP 086

Texto 8, baseado na leitura do conto “Um peixe”, de Luiz Vilela.

Aluno- A/ BEA/8/4


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

- Final para o conto: Um peixe.

- O empregado espera a menina voltar para decidir o que fazer com o peixe e ele resolve criar o peixe. Ele limpa a fonte e ele cria a traíra lá. Até um dia que ela fica ficando doente e morreu (afinal todo mundo morre no final) e ele pega um pensamento para a traíra".

AP 087

Texto 9, baseado na leitura do conto “Um peixe”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/CAR/8/4

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Final da História : Um Peixe

O garoto saiu para comprar o ~~peixe~~ pão, correu em direção à sua casa com medo de sua empregada ter ~~com~~ cozinhado o traíra.

Olhou o tanque e percebeu que ele ainda estava lá, nadando como se estivesse no rio; o peixe estava vivo!

Logo viu sua empregada correndo em sua direção com uma faca, o pobre menino se assustou e logo se pronunciou:

– O que você vai fazer? – O menino arranca a faca da mão da empregada que se abraçou com tal ato

– Eu ia matar essa traíra! Tentei matar ela várias vezes mais a danada não morre!

– Você não vai matar ela não! Vou comprar um aquário e você não ouse tocar nesse peixe!

Ele saiu e foi ao Pet Shop mais perto e comprou o maior aquário da loja, assim ela teria espaço suficiente para nadar e se sentir bem.

Chegando em casa, ele colocou a traíra no belo aquário e a deixou lá longe da empregada.

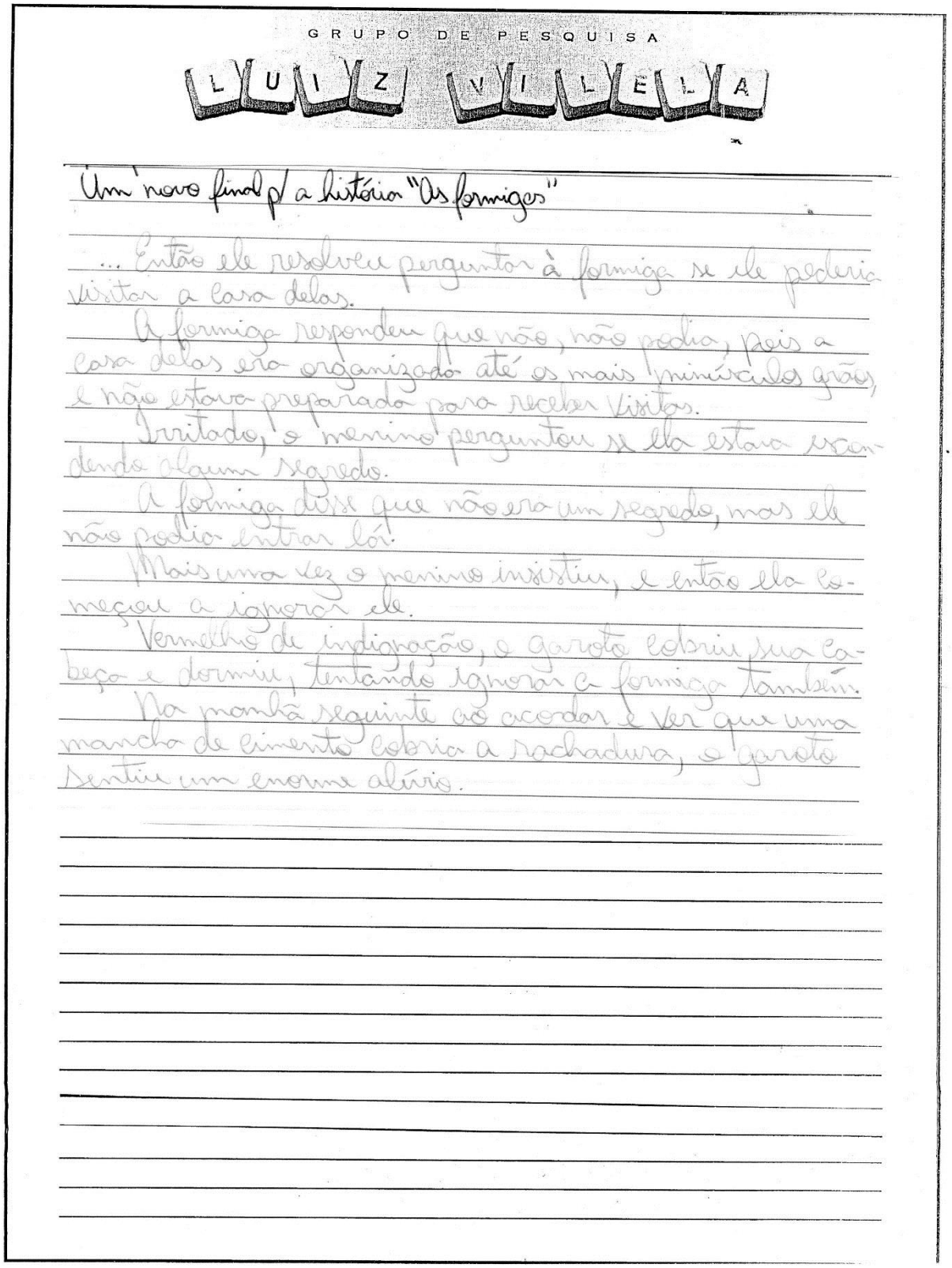
– Se por favor esse peixe é meu mascote novo! Espero que não machuque ele. – disse colocando o aquário no quarto

E assim nasceu uma amizade, o menino e o peixe traíra.

AP 088

Texto 10, baseado na leitura do conto “As formigas”, de Luiz Vilela.

Aluno- A/ RAF/8/4



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Um novo final p/ a história "As formigas"

... Então ele resolveu perguntar à formiga se ele poderia visitar a casa delas.

A formiga respondeu que não, não podia, pois a casa delas era organizada até os mais pequenos grão, e não estava preparada para receber visitas.

Irritado, o menino perguntou se ela estava escondendo algum segredo.

A formiga disse que não era um segredo, mas ele não podia entrar lá.

Mais uma vez o menino insistiu, e então ela começou a ignorar ele.

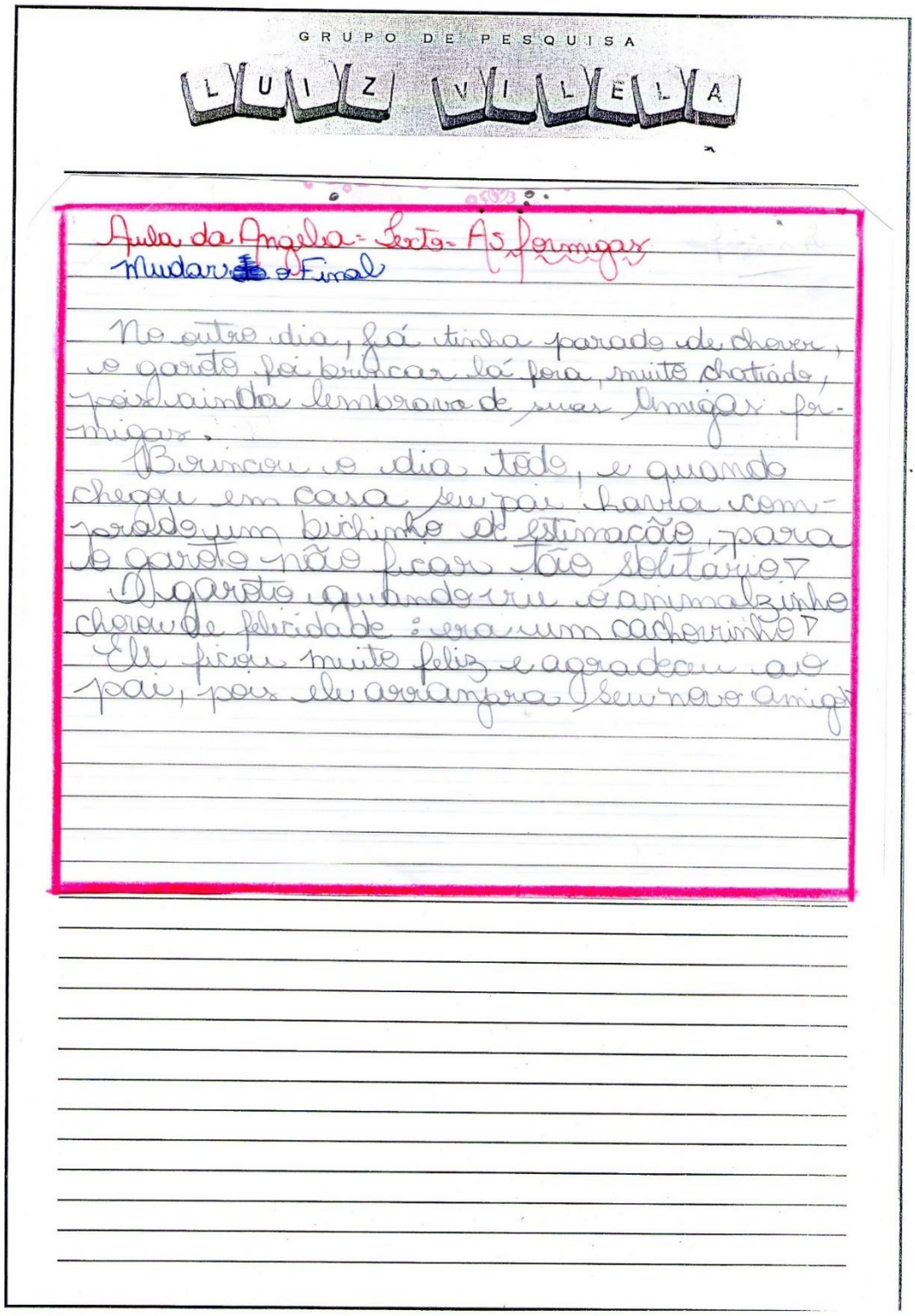
Vermelho de indignação, o garoto cobriu sua cabeça e dormiu, tentando ignorar a formiga também.

No manhã seguinte ao acordar e ver que uma mancha de cimento cobria a rachadura, o garoto sentiu um enorme alívio.

AP 089

Texto 11, baseado na leitura do conto “As formigas”, de Luiz Vilela.

Aluna- A/LET/8/4


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Aula da Angela - Texto - As formigas

Mudar o Final

No outro dia, já tinha parado de chover, o garoto foi brincar lá fora, muito chateado, pois ainda lembrava de suas amigas formigas.

Brincou o dia todo, e quando chegou em casa seu pai havia comprado um brinquedo de estimação, para o garoto não ficar tão solitário.

O garoto, quando viu o animalzinho chorou de felicidade: era um cachorrinho.

Ele ficou muito feliz e agradeceu ao pai, pois ele arrumou seu novo amigo.

AP 090

Texto 12, baseado na leitura do conto “As formigas”, de Luiz Vilela.

Aluno- A/LUH/8/4

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Continuação:

Depois que o garoto chorou, para de chover e ansioso, vai brincar no quintal de uma vizinha.

Lá conhece os cigarras, os esquilos, os pássaros, a minhocas lagartixas, entre outros animais, mas não esquece de suas amigas formigas.

Conhecer a história de cada um, são bem legais os acontecidos, mais nenhum se compara com a História das benditas formigas.

O papo estava ótimo, mais estava na hora de ir entrar, escuta o grito de sua mãi e sai correndo para não levar bronca.

Chegou lá, ele disse á sua mãe o porque chorara quando chovia. Ela achou meio estranho, mais lembrou que havia guardado lixos recicláveis.

Passou o dia, chegou o domingo e foram pensar o que fazer com aquele lixo. Sua mãe teve uma ideia:

— Já que voá sente tanta falta das formigas, vamos utilizar esse lixo reciclável para fazer uma moldura das formigas.

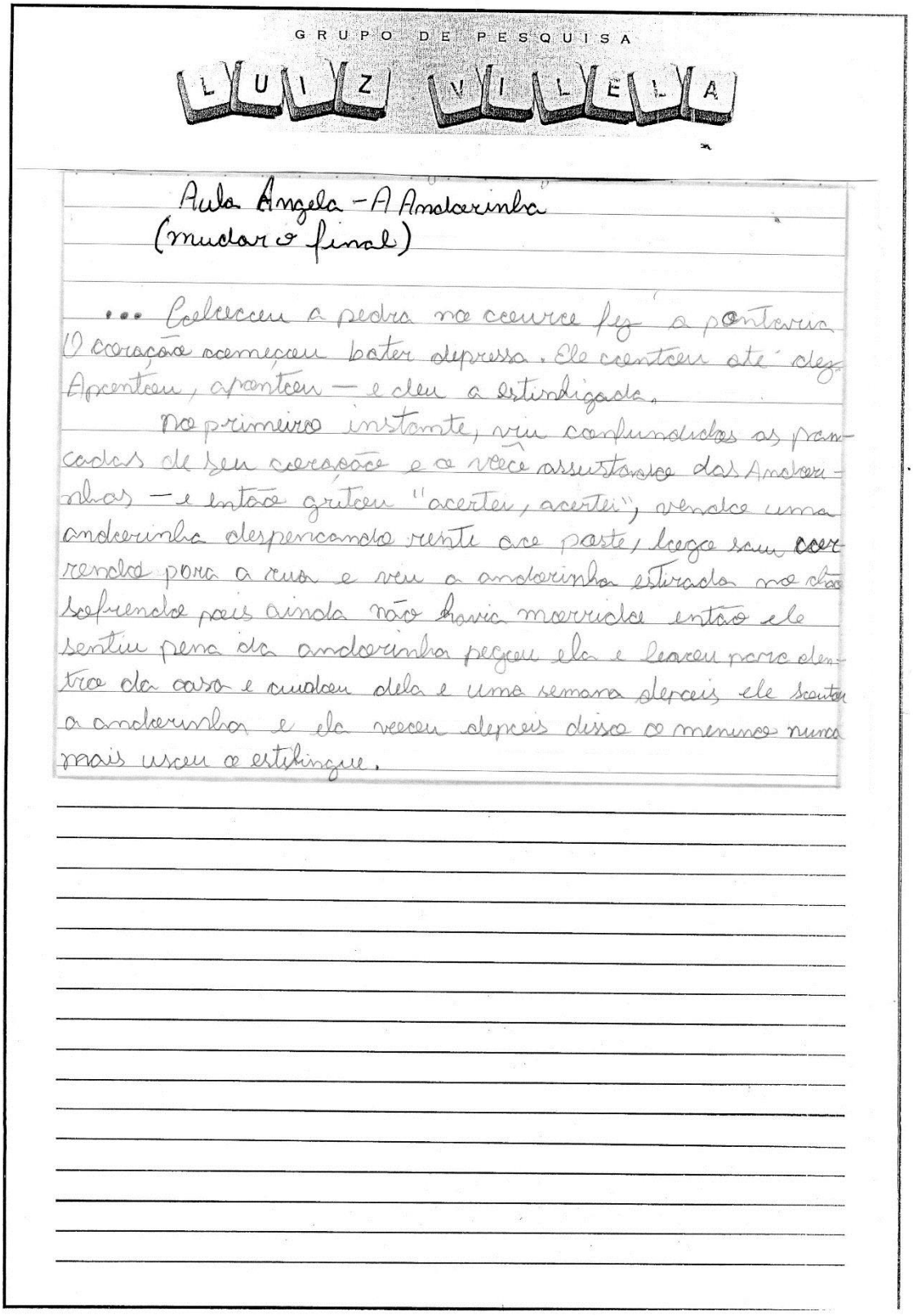
Passaram o dia fazendo as formigas e quando seca a cola, vão brincar juntos.

Esse foi um final feliz para aquela menina que tanto desejava as formigas novamente.

AP 091

Texto 13, baseado na leitura do conto “Andorinha”, de Luiz Vilela.

Aluno- A/MAT/8/4


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Aula Angela - A Andorinha
(mudar o final)

... Colocou a pedra na atiradeira fez a pontaria
O coração começou bater depressa. Ele contou até dez.
Apontou, apontou — e deu a estilingada.

No primeiro instante, viu confundidas as pancadas de seu coração e o vôo assustado das Andorinhas — e então gritou "acertei, acertei", vendo uma andorinha despencando junto aos pastos, logo saiu correndo para a casa e viu a andorinha estirada no chão sofrendo pois ainda não havia morrido então ele sentiu pena da andorinha pegou ela e levou para dentro da casa e cuidou dela e uma semana depois ele soltou a andorinha e ela voou depois disso o menino nunca mais usou o estilingue.

AP 092

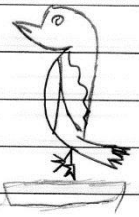
Texto 14, baseado na leitura do conto “Andorinha”, de Luiz Vilela.

Aluno- A/ GABR/8/4

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

A andorinha foi assentada [illegible] mãe ti-
nesse um jeito de salvar ela e a andorinha
quando tivesse boa os meninos soltariam ela
para ela ser livre com é a natureza



SEGUNDO MOMENTO

MÉTODO CRIATIVO

CONTOS TRABALHADOS

“Felicidade” (1983)
“Amor” (2009)
“Nosso Fabuloso tio” (2009)
“O Fantasma” (2006)
“Imagem” (2006)
“O Buraco” (2006)

AP 093

PLANEJAMENTO

Método Criativo – currículo por áreas

Conteúdo

A literatura como meio para suprir uma carência e superá-la.

Material

“**Felicidade**”, “**Amor**” e “**Nosso fabuloso tio**”.

Objetivo

Propiciar ao adolescente encontrar respostas a suas carências nos textos literários.

Procedimentos didáticos

Constatação de uma carência

O professor propõe aos alunos que pesquisem em livros, revistas, letras de músicas, ou seja, em qualquer meio midiático, passagens que ilustrem a carência que sentem. Pede, também, que levem o material para a sala de aula. Os alunos registram essas informações na ficha 1, que será entregue pelo professor.

Coleta desordenada de dados

O professor leva para a sala de aula a música “**O que eu também não entendo**”, da banda de pop/rock Jota Quest. Os alunos ouvem a canção e anotam, na ficha 2, os versos que mais chamou a atenção deles. Discutem, brevemente, as passagens que mais os impressionaram e o motivo em momento coletivo de interação.

Em seguida, fazem a leitura do conto “**Felicidade**”, de Luiz Vilela; o professor pede que anotem as passagens que se identificaram, na ficha 3.

O professor entrega, então, o conto “**Amor**”, de Vilela e pede que os alunos leiam em casa, sublinhando os trechos que mais gostaram.

Na ocasião marcada, os alunos socializam, anotando na lousa as passagens pertinentes escolhidas pelos alunos e discutem qual a relação do conto, das passagens com a temática da atividade. Logo depois, anotam na ficha 4, as passagens selecionadas do conto

Em momento posterior o professor entrega o conto “**Nosso fabuloso tio**”, de Luiz Vilela para que a leitura seja realizada em casa de modo individual. Em sala de aula, ocasionando um debate oral entre os grupos, o professor propõe a seguinte questão “O que você faria na mesma situação da personagem?”. As respostas serão escritas na ficha 5, que será entregue aos alunos.

Constituição do projeto criador

Ao término das respostas, os alunos decidem como podem expressar seus sentimentos afetivos ou familiares e a quem, na busca de solucionar a carência detectada inicialmente. Partem, então, para a elaboração de um texto que deve ser enviado a uma pessoa muito especial para eles.

Para a realização dessa atividade, o professor solicita que os alunos planejem o que vão escrever, respondendo às questões na ficha 6.

Elaboração do material

Os alunos registram o que querem dizer aos destinatários e os meios de comunicação para que a mensagem seja enviada. Elaboram o rascunho da mensagem e mostram ao professor. Os rascunhos são passados a limpo de acordo com o canal de transmissão.

Divulgação do trabalho

Àqueles que se sentirem à vontade poderão comentar as respostas ou as reações percebidas.

AP 094

Fichas do método criativo.

Ficha 1

Nome:_____ Nº:_____
Série:_____ Data:___/___/____

Descrição das carências.

_____
_____
_____
_____
_____

Ficha 2

Nome:_____ Nº:_____
Série:_____ Data:___/___/____

Anotação dos trechos da música.

_____
_____
_____
_____

Ficha 3

Nome:_____ Nº:_____
Série:_____ Data:___/___/____

Anotação dos trechos do conto "**Felicidade**", de Luiz Vilela.

_____
_____
_____
_____

AP 095

Ficha 4

Nome:_____ Nº:_____
Série:_____ Data:___/___/____

Anotação das passagens pertinentes do conto "**Amor**", de Luiz Vilela.

_____
_____
_____
_____
_____

Ficha 5

Nome:_____ Nº:_____
Série:_____ Data:___/___/____

O que você faria no lugar da personagem escolhido?

_____
_____
_____
_____
_____

Ficha 6.

Nome:_____ Nº:___ Série:_____ Data:___/___/____

1) Qual o conteúdo da mensagem?

_____
_____

2) Como será expresso esse conteúdo?

_____

3) A quem a mensagem se dirige?

_____

4) Como será transmitida ao destinatário?

_____

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

_____

AP 096

Método Criativo - Música

O Que Eu Também Não Entendo

Jota Quest

Essa não é mais uma carta de amor
São pensamentos soltos
Traduzidos em palavras
Pra que você possa entender
O que eu também não entendo

Amar não é ter que ter
Sempre certeza
É aceitar que ninguém
É perfeito pra ninguém
É poder ser você mesmo
E não precisar fingir
É tentar esquecer
E não conseguir fugir, fugir

Já pensei em te largar
Já olhei tantas vezes pro lado
Mas quando penso em alguém
É por você que fecho os olhos
Sei que nunca fui perfeito
Mas com você eu posso ser
Até eu mesmo
Que você vai entender

Posso brincar de descobrir
Desenho em nuvens
Posso contar meus pesadelos
E até minhas coisas fúteis
Posso tirar a tua roupa
Posso fazer o que eu quiser
Posso perder o juízo
Mas com você
Eu tô tranquilo, tranquilo

Agora o que vamos fazer
Eu também não sei
Afinal, será que amar
É mesmo tudo?
Se isso não é amor
O que mais pode ser?
Tô aprendendo também

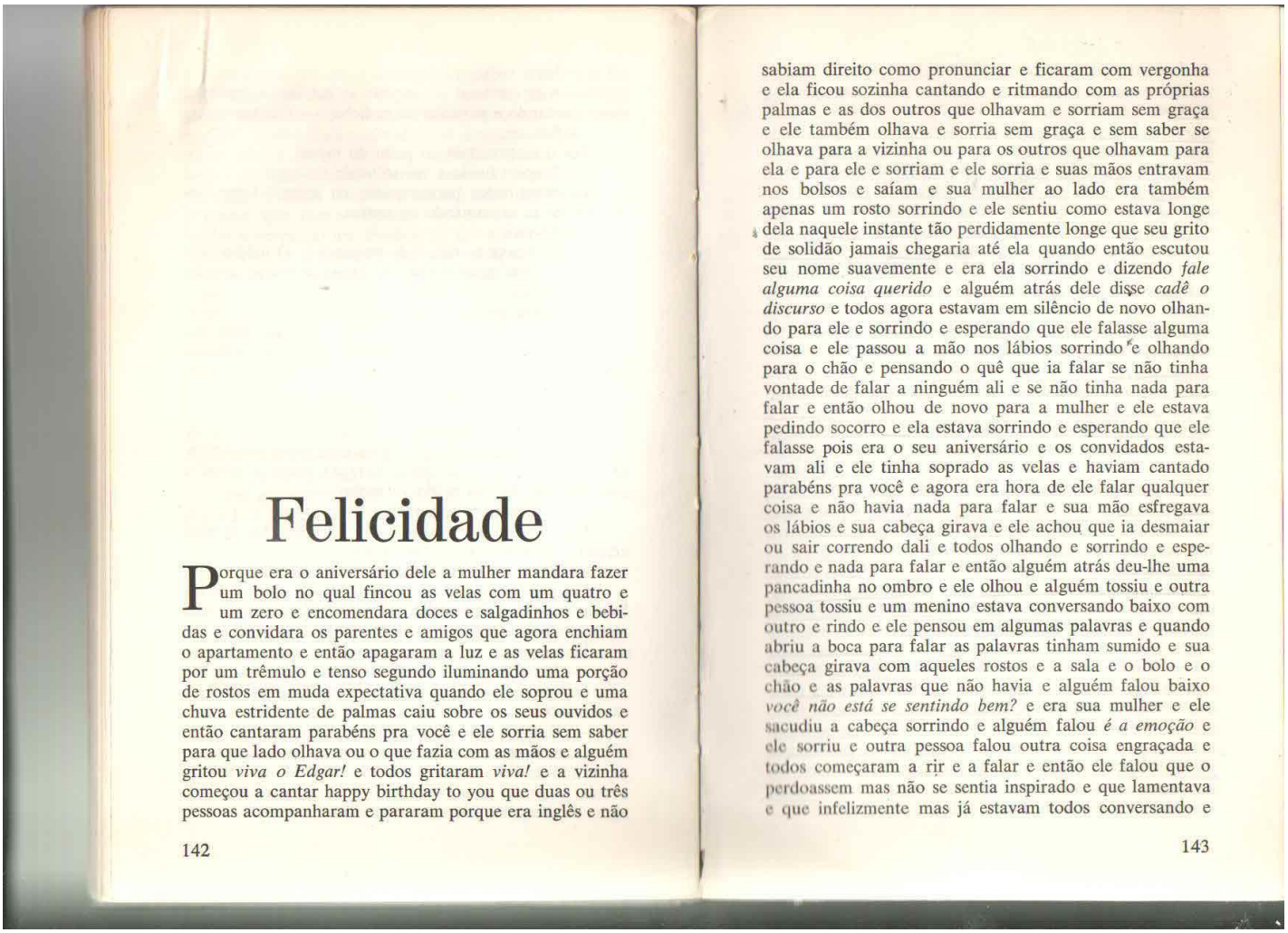
Já pensei em te largar
Já olhei tantas vezes pro lado
Mas quando penso em alguém
É por você que fecho os olhos
Sei que nunca fui perfeito
Mas com você eu posso ser
Até eu mesmo
Que você vai entender

Posso brincar de descobrir
Desenho em nuvens
Posso contar meus pesadelos
E até minhas coisas fúteis
Posso tirar a tua roupa
Posso fazer o que eu quiser
Posso perder o juízo
Mas com você
Eu tô tranquilo, tranquilo

Agora o que vamos fazer?
Eu também não sei!
Afinal, será que amar
É mesmo tudo?
Se isso não é amor
O que mais pode ser?
Estou aprendendo também

AP 097

Método Criativo – conto: “Felicidade”



Felicidade

Porque era o aniversário dele a mulher mandara fazer um bolo no qual fincou as velas com um quatro e um zero e encomendara doces e salgadinhos e bebidas e convidara os parentes e amigos que agora enchiam o apartamento e então apagaram a luz e as velas ficaram por um trêmulo e tenso segundo iluminando uma porção de rostos em muda expectativa quando ele soprou e uma chuva estridente de palmas caiu sobre os seus ouvidos e então cantaram parabéns pra você e ele sorria sem saber para que lado olhava ou o que fazia com as mãos e alguém gritou *viva o Edgar!* e todos gritaram *viva!* e a vizinha começou a cantar happy birthday to you que duas ou três pessoas acompanharam e pararam porque era inglês e não

142

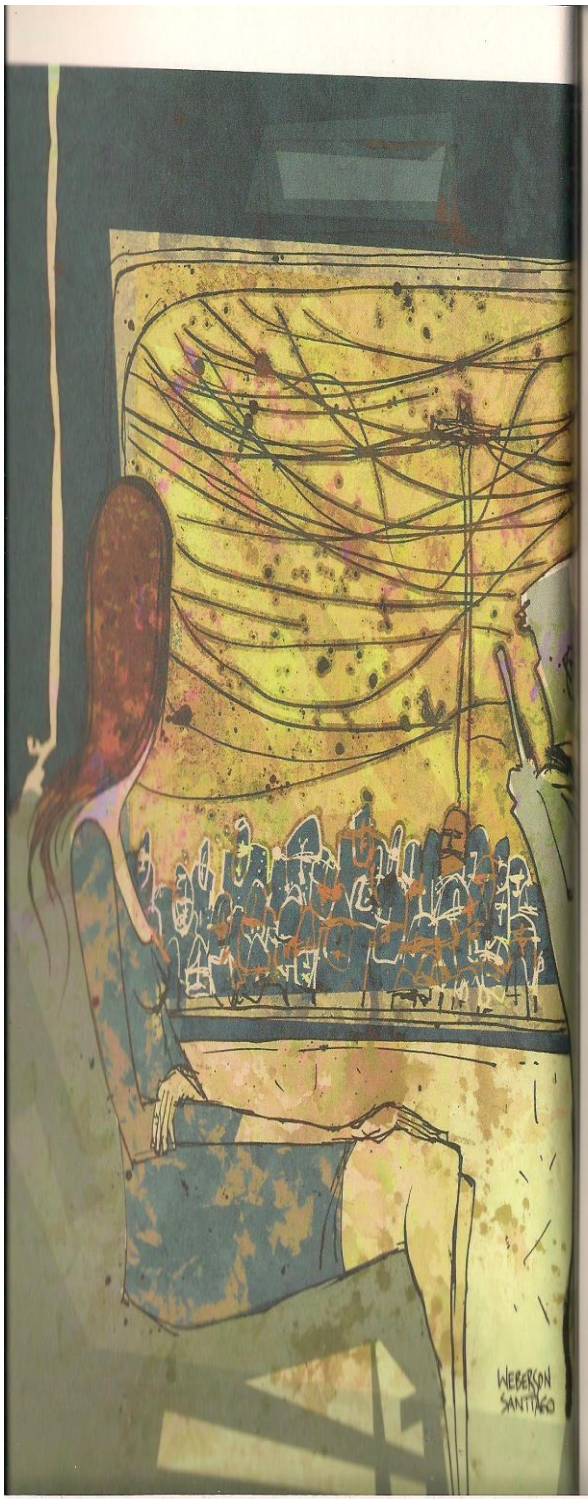
sabiam direito como pronunciar e ficaram com vergonha e ela ficou sozinha cantando e ritmando com as próprias palmas e as dos outros que olhavam e sorriam sem graça e ele também olhava e sorria sem graça e sem saber se olhava para a vizinha ou para os outros que olhavam para ela e para ele e sorriam e ele sorria e suas mãos entravam nos bolsos e saíam e sua mulher ao lado era também apenas um rosto sorrindo e ele sentiu como estava longe dela naquele instante tão perdidamente longe que seu grito de solidão jamais chegaria até ela quando então escutou seu nome suavemente e era ela sorrindo e dizendo *fale alguma coisa querido* e alguém atrás dele disse *cadê o discurso* e todos agora estavam em silêncio de novo olhando para ele e sorrindo e esperando que ele falasse alguma coisa e ele passou a mão nos lábios sorrindo e olhando para o chão e pensando o quê que ia falar se não tinha vontade de falar a ninguém ali e se não tinha nada para falar e então olhou de novo para a mulher e ele estava pedindo socorro e ela estava sorrindo e esperando que ele falasse pois era o seu aniversário e os convidados estavam ali e ele tinha soprado as velas e haviam cantado parabéns pra você e agora era hora de ele falar qualquer coisa e não havia nada para falar e sua mão esfregava os lábios e sua cabeça girava e ele achou que ia desmaiar ou sair correndo dali e todos olhando e sorrindo e esperando e nada para falar e então alguém atrás deu-lhe uma pancadinha no ombro e ele olhou e alguém tossiu e outra pessoa tossiu e um menino estava conversando baixo com outro e rindo e ele pensou em algumas palavras e quando abriu a boca para falar as palavras tinham sumido e sua cabeça girava com aqueles rostos e a sala e o bolo e o chão e as palavras que não havia e alguém falou baixo *você não está se sentindo bem?* e era sua mulher e ele sacudiu a cabeça sorrindo e alguém falou *é a emoção* e ele sorriu e outra pessoa falou outra coisa engraçada e todos começaram a rir e a falar e então ele falou que o perdoassem mas não se sentia inspirado e que lamentava e que infelizmente mas já estavam todos conversando e

143

rindo e começando a comer e a beber e ninguém escutou direito o que ele falou e um amigo estava abraçando-o de novo dizendo *pois é meu velho pois é* e falando qualquer coisa sobre os quarenta anos ao que ele respondeu falando também qualquer coisa sobre os quarenta anos e os dois deram uma gargalhada e nenhum tinha achado muita graça nisso e outro amigo que estava perto riu também sem saber de quê que os dois estavam rindo e falou também qualquer coisa que não tinha nada a ver com o que os dois falaram e os três riram juntos e nenhum sabia direito de quê que estava rindo e pareciam muito amigos e felizes e todos ali na sala pareciam muito amigos e felizes com a cerveja enchendo os copos e os salgadinhos enchendo as bocas e as risadas e conversas e gritos das mulheres e dos meninos na copa enchendo o apartamento de barulho e movimento e enquanto um amigo contava uma piada ele estava pensando quê que tinha tudo aquilo a ver com os seus quarenta anos e então riu também e falou que aquela era boa mesmo e o outro falou *você já manjou o fim?* e ele respondeu *claro* e os outros da roda olharam para ele com admiração e incredulidade porque não tinham manjado o fim e ele então prestou atenção mas não tinha escutado o começo e quando a piada acabou ele não entendeu e estavam todos morrendo de rir e um perguntou se ele não tinha gostado mas ele falou *eu já estava manjando o fim* e sorriu e achou que seria bom contar uma piada também mas não se lembrava de nenhuma e pensou com medo e quase desespero que iam contar outras piadas e ele teria de rir e não estava com vontade nenhuma de rir e havia mais de uma hora já que sua boca estava rindo e sorrindo sem parar e ele não agüentava mais e então pediu licença e atravessando a sala e a copa e o corredor sorrindo mais uma porção de vezes trancou-se no banheiro e sozinho sentado na quina da banheira olhando para a porta trancada e pensando que pelo menos durante alguns minutos não teria de sorrir ou de falar ou de apertar a mão de alguém ele pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade.

AP 098

Método Criativo – conto: “Amor”



AMOR

Ela apontou para a vitrine:

— Olha ali, que amor de sapato!

Chegaram mais perto. Ele viu seu rosto difusamente refletido no vidro: um rosto cansado, encardido, a barba crescida.

— Não é um amor?

— É.

— Qual é o que você está pensando? Estou falando é aquele ali, aquele branco ali, ó.

— Eu sei.

— Aquele branco de lá.

Ele olhava fixo para o vidro, aproximando e afastando a cabeça, tentando apanhar a imagem completa de seu rosto, que parecia fugir-lhe, numa brincadeira diabólica.

— Você acha mesmo?

— Acha o quê?

— Bonito, esse sapato; o quê...

— Acho; eu não disse que acho?

— Então qual que é ele?

— Aquele ali — arriscou.

— Não.

— Estou falando aquele segundo, de lá para cá.

— Na fila de cima?

— É.

— Também não.

— Então é aquele furadinho ali.

— Furadinho? Ah; também não.

— Então não sei, pronto.

Começou a andar, de cara fechada. Ela o acompanhou.

Era fim de tarde, avenida movimentada, pessoas voltando para casa com embrulhos, rapazes na beirada do passeio, colegiais em grupos, lojas fechando, filas, rostos cansados, gastos, suados, barulho dos lotações, estalo dos elétricos...

— Eu estava só querendo puxar conversa — ela disse. — Não era caso de você ficar assim...

— Assim?

— Com essa cara.

— O que tem minha cara?

— Nada; não tem nada...

Ele olhou para ela: ela não olhou para ele.

— Está bem, aqui minha cara, ó — e ele fez uma careta alegre. — Está boa assim?

— Não foi pra chatear que eu estava perguntando; queria só puxar conversa, você estava tão calado...

— Eu sei, bem, eu sei — ele disse, sem raiva, sem irritação, sem mágoa, pensando como devia ser bom estar aquela hora lá em cima daquela serra, aquela serra calma, longe, azulada, que aparecia lá no fim da avenida, por trás dos edifícios.

— Mas se você não quer conversar, então não conversemos; como você quiser.

— Eu quero — quero o quê?, ele pensou, sem se importar com a resposta, olhando para um lotação que passou, soltando fumaça.

— Você anda tão diferente... — ela desabafou. — Calado... Distraído... Ríspido...

— Eu estou cansado.

— Você sempre diz isso.

— E o que você queria que eu dissesse?

— A verdade.

— E essa não é a verdade?

— Não.

— Então qual é a verdade?

Ela não respondeu.

— Hem, qual é a verdade? Você não vai me dizer?

Ela não respondeu.

— Bem, então não diga.

— Você não é mais como era antes, quando nos conhecemos...

— E você? Você acha que é a mesma? Ninguém é sempre o mesmo.

— Você era alegre, brincalhão...

— Bem, eu estou cansado, você não vê? Não vê que eu estou cansado? Olha pra minha cara: não vê?

— Não é cansaço.

— Então me diga o que é.

— Você sabe.

— Não sei.

— Sabe, sim.

— Juro que não sei.

— Você não gosta mais de mim.

— É? Escuta: por que você diz isso se sabe que eu gosto, hem?

— Se você gostasse, você não estaria assim.

— Assim como?

— Como está agora.

— Ai, meu Deus — ele passou a mão pelo rosto, sofridamente.

— Aí, eu não estou dizendo? A gente não pode dizer nada, que você explode.

— Isso é explodir?

— Você está uma pilha.

— Está bem: então eu não vou dizer mais nada; eu não posso dizer nada, que você diz que eu estou explodindo, ríspido, uma pilha e não sei mais o quê...

— Não diga, a boca é sua.

— Sua é que não é.

— Ainda bem.

O silêncio ia inteirar um quarteirão, quando ele disse:

— Por que não podemos passar sem brigas? Por que a gente tem sempre de estar brigando?

— Não é minha culpa.

— Eu sei: é minha.

— Hoje, por exemplo: eu estava só puxando conversa, e você...

— Foi ríspido, já sei; não precisa começar tudo de novo.

— Quer saber de uma coisa? O melhor é nós terminarmos.

— Terminarmos?

Ele sentiu um frio.

— Não combinamos mais mesmo.

De repente tudo perdido, não há mais palavras nem gestos, só um espaço escuro sufocando a garganta.

— Acho que não é caso disso... Não é caso de a gente terminar... Eu sei, reconheço que eu estou mesmo como você disse, mas não é minha culpa — ele disse, de cabeça baixa, como quem pede perdão; — não é porque eu quero que eu estou assim...

Haviam chegado ao ponto do ônibus. O ônibus já estava para sair.

— Vou tomar esse ainda — disse ela. — Tenho de chegar mais cedo hoje em casa.

Ele olhou para ela e, não sabendo o que dizer, voltou a olhar para o chão.

— Até logo — ela disse.

— Amanhã te telefono?

— Se você quiser.

— E você?

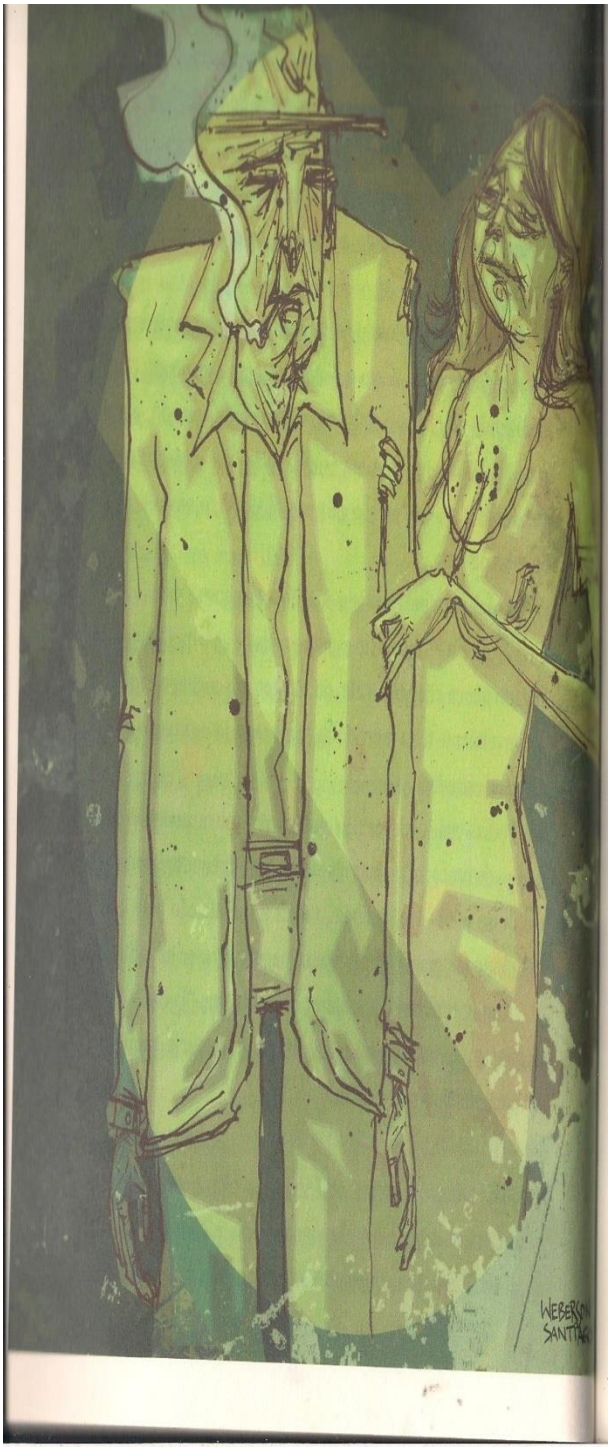
Ela já havia entrado no ônibus.

Da janelinha olhou para ele: mas não sorriu, nem abanou-lhe a mão.

Ele ficou vendo o ônibus se distanciar pela avenida, o rosto abatido, pensando por que o amor era tão difícil...

AP 099

Método Criativo – conto: “Nosso fabuloso tio”



NOSSO FABULOSO TIO

Dizem que ele dava surras tremendas em Titia. É uma coisa difícil de imaginar para nós — nós, que só fomos conhecê-los depois de velhos, quando essas brigas já haviam passado à história da família. Eu era menino esse tempo, e você nem tinha ainda nascido. Dizem até que uma vez ele deu uns tiros nela, para matar. Mas ou não tinha pontaria muito boa, ou então estava bêbado. O mais provável é que estivesse bêbado, porque tinha fama de bom caçador — e a de bom bebedor também... Não enjeitava uma pinguinha por nada desse mundo. Você sabe a explicação dele para o fato de que não sofria doenças infecciosas: os micróbios, ao entrarem no sangue, ficavam bêbados e perdiam a força para atuar...

Não sei como ele chegou aos oitenta anos, pois, além de beber, fumava muito. Foi toda a vida assim. Isto é, desde que o conheci, ele foi sempre assim, e imagino que não tenha sido diferente antes. Acendia um cigarro no outro — isso eu vi muitas vezes. Depois dos setenta é que começou a fumar menos. Menos, para ele, era um maço por dia, o que uma pessoa de meia-idade normalmente fuma. Mesmo depois dos setenta, ainda o vi acendendo um cigarro no outro. De vez em quando fumava cigarro de palha. Fazia-o da grossura de um dedo, afunilado. O ar, no lugar onde ele fumava, ficava irrespirável — menos, é claro, para ele, que permanecia no meio daquela fumaçada como uma estranha chaminé. Tinha uma tosse terrível, e quando tossia, gastava todo o seu dicionário de nomes feios, que não era pequeno. Sabia que a tosse era proveniente do cigarro, mas nunca pensaria em parar de fumar por causa disso.

Não admitia que uma pessoa que gostava de determinada coisa, deixasse de fazê-la, fosse por que causa fosse.

Mamãe costuma dizer que uma pessoa que foi bonita na mocidade, até na velhice conserva os traços de beleza. Foi o caso dele. Velho, ainda era bonitão. Na mocidade, foi um dos homens mais bonitos do lugar. Não sei se você lembra de um retrato dele que lhe mostrei aqui em casa uma vez, um daqueles retratos ovais, marrons, do tempo em que se escrevia "photographo": parece um artista de cinema. E as aventuras dele, levando-se em conta a época e o tamanho da cidade, não ficavam também muito atrás das de um artista de cinema. São inúmeros os casos que contam dele. Deve haver muita mentira nisso tudo, mas deve haver também muita verdade. Titia é que sofreu. Ela também era bonita, mas o sofrimento acabou com a sua beleza — e hoje ela não tem nem mais aqueles traços de que Mamãe fala.

Os filhos, como você sabe, saíram o contrário do pai: fracos e doentes. E fraqueza e doença eram duas coisas que ele não podia tolerar. Aplicava aos meninos o mesmo sistema de educação que dizia ter recebido do pai e que considerava o único apropriado para um homem: o relho. Relho; deixar trancado no quarto o dia inteiro, sem comida; nessa base... Um dos filhos, o Tião, fugiu de casa quando era rapazinho e nunca mais voltou. Contam que Titio uma vez o encontrou, por acaso, num barzinho de estrada; isso já depois de Tião homem, e quando Titio já beirava os setenta. Acho que Tião até já havia casado. Titio mandou-o voltar para casa — assim, como se o caso tivesse acontecido no dia anterior e Tião fosse ainda um rapazinho. Tião respondeu uma coisa pesada: que não era mais filho dele. O que você acha que o velho fez? Não pense que ele

chorou, ou coisa parecida. Ele rancou o correão e meteu-o na cara de Tião, que saiu correndo apavorado — e Titio atrás, estalando o correão e xingando-o. Depois disso, Titio proibiu, na família, de falarem o nome de Tião — para ele, o filho estava morto. Assim mesmo, contam que ele andava com um retrato de Tião na carteira. Não sei se isso é verdade...

Havia também a falta de dinheiro. Titio era trabalhador, até muito, mas as farras e a bebida consumiam mais da metade do dinheiro. A outra metade ia embora com as doenças dos filhos. É fácil compreender por que aos cinquenta anos Titia parecia ter setenta. Depois que os filhos cresceram e casaram, e não tinham mais necessidade dela, a resistência de anos seguidos acabou por completo na primeira doença. Depois disso, foi o que você sabe: médicos e remédios. Acabava uma doença, vinha outra. "Enciclopédia", como a chamava Titio — "Enciclopédia de Medicina". Às vezes ela passava muito mal e ficava à morte. Aquela vez mesmo que você estava aqui, ela passou mal, como você lembra. Recebíamos notícias de que ela estava nas últimas — mas as últimas nunca eram as últimas. Por fim nos acostumamos com as notícias, e ninguém mais se assusta hoje nem pensa que ela vai morrer — embora, pela idade, ela deva mesmo morrer a qualquer hora.

Pouco depois de você ter viajado, ela adoeceu de novo e de novo melhorou. Foi aí que Titio explodiu: tocou de casa o médico e disse que ali nunca mais entraria um, e que, se entrasse, o trinta e dois dele estava esperando na gaveta. Você sabe como era ele quando ficava furioso, e qual a opinião que tinha dos médicos. Contava que nunca consultara um e que devia a isso sua saúde. Esse dia ele destampou um falatório, xingou o médico de tudo quanto é nome,

disse que era por causa deles que Titia vivia doente, que estavam matando-a e roubando o dinheiro dele — e por aí vai.

Isso foi num sábado, ao anoitecer. Depois dessa cena, Titio mandou Titia vestir o melhor vestido, que eles iam sair. Titia só tinha uns poucos vestidos, velhos e desbotados, mas ele, naturalmente, nunca notara isso. Bom: quando dava uma ordem, não admitia discussão, e Titia pôs lá o seu vestidinho melhor, sem entender aquele repente. Essa hora não havia nenhum filho perto. Mas, também, se houvesse, não faria diferença: ninguém ousaria dar palpites — o pai com oitenta anos, e ainda tinham medo dele... Titia pôs o vestido. "E o ruge?", ele perguntou. "E o batom?" Ruge? Batom? Ela estava perplexa. Ela não tinha ruge nem batom: depois dos primeiros anos de casada, nunca mais usara essas coisas; vivera sempre como se estivesse de luto. Conseguiu-os emprestados com a vizinha, depois de alguma dificuldade, pois a vizinha achou que Titia tinha ficado doida. Não era para menos. Imagine você: conhecendo Titia como essa vizinha conhecia, de longos anos, conhecendo a vida dela, de reclusão e sofrimento, de repente a vê entrando e pedindo ruge e batom? Era mesmo para assustar...

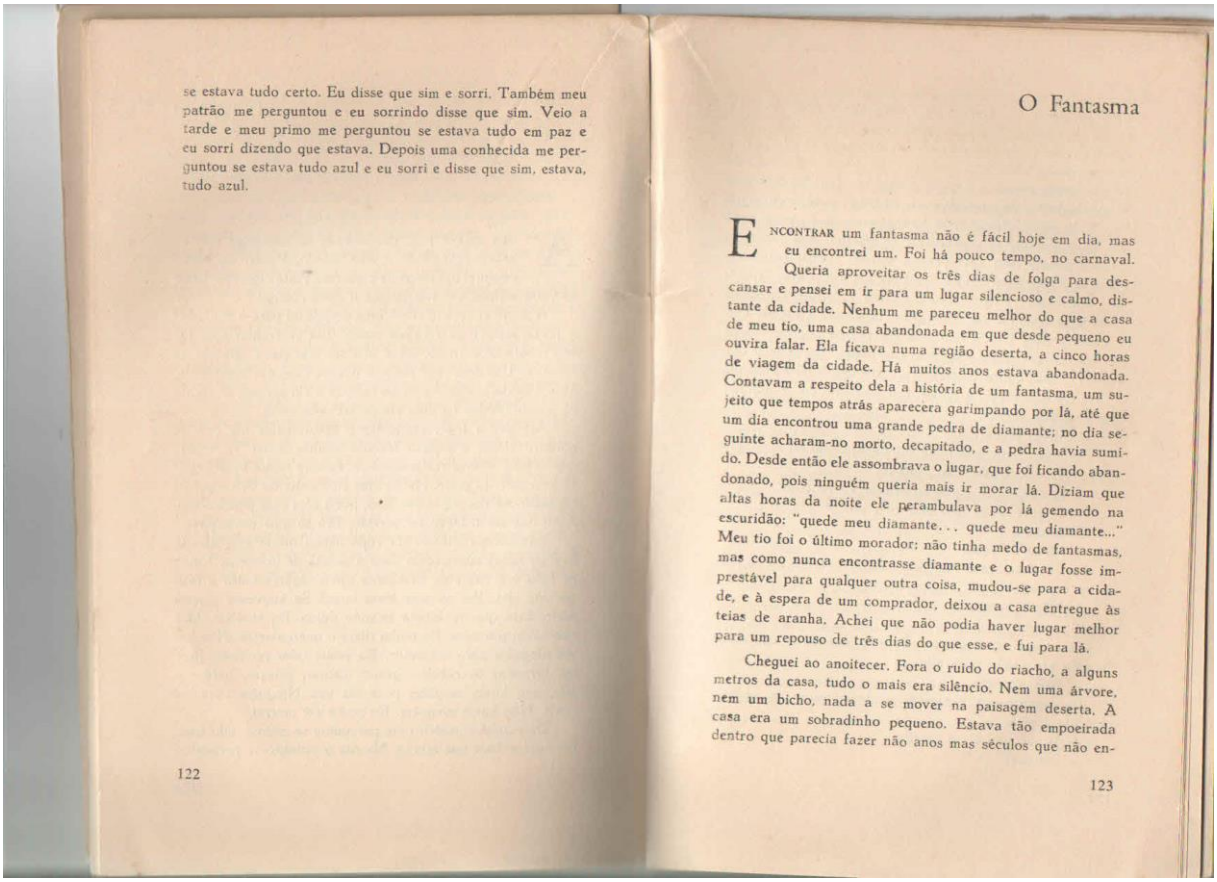
Bom: agora imagine um salão de baile cheio de gente — e de repente quem vai entrando? Nada menos que nossos tios. Sim, senhor: nossos tios. Eles entrando e começando a dançar. É uma coisa que você tem mesmo de imaginar, pois eu não sei lhe contar; estava lá e não sei. Os dois entrando no salão e dançando, nosso fabuloso tio dançando com Titia, magrinha e sumida num vestido modesto. Ela não conseguia dizer uma palavra, chorando o tempo todo de felicidade. Até outras pessoas, que estavam no salão, também choraram. Para os que conheciam os dois, era de fato uma

cena difícil de ver sem chorar. Era uma coisa que ninguém jamais poderia ter imaginado. O único que se mantinha durão em tudo isso era o próprio Titio. Dizia para os que iam visitá-los à mesa: "Hoje é o carnaval da velha. Pelo menos um dia na vida ela vai saber o que é viver."

De fato, aquela noite ela soube o que é viver. Mas quando ele dizia aquilo, ele não estava de modo algum pensando que se ela não vivera mais, não fora por culpa dela, mas por culpa dele. Não, isso ele nunca pensaria. Em matéria de compreender os outros ou de ser justo com as pessoas, não havia ninguém como ele: sua cegueira era exemplar. Cometia as piores injustiças com a cara mais limpa do mundo. É que essas coisas não existiam para ele. Uma injustiça, para ele, não era uma injustiça, era algo como um espirro ou um bocejo — uma coisa que acontecia simplesmente. Para ele, só existia a vida: a vida com suas mulheres, suas bebidas, suas matas e rios para caçar e pescar. O resto era conversa fiada. Foi assim até a morte. Quando, pouco antes de morrer, lhe perguntaram se queria alguma coisa, ele respondeu: "Viver."

AP 100

Método Criativo – conto “O Fantasma”



se estava tudo certo. Eu disse que sim e sorri. Também meu patrão me perguntou e eu sorrindo disse que sim. Veio a tarde e meu primo me perguntou se estava tudo em paz e eu sorri dizendo que estava. Depois uma conhecida me perguntou se estava tudo azul e eu sorri e disse que sim, estava, tudo azul.

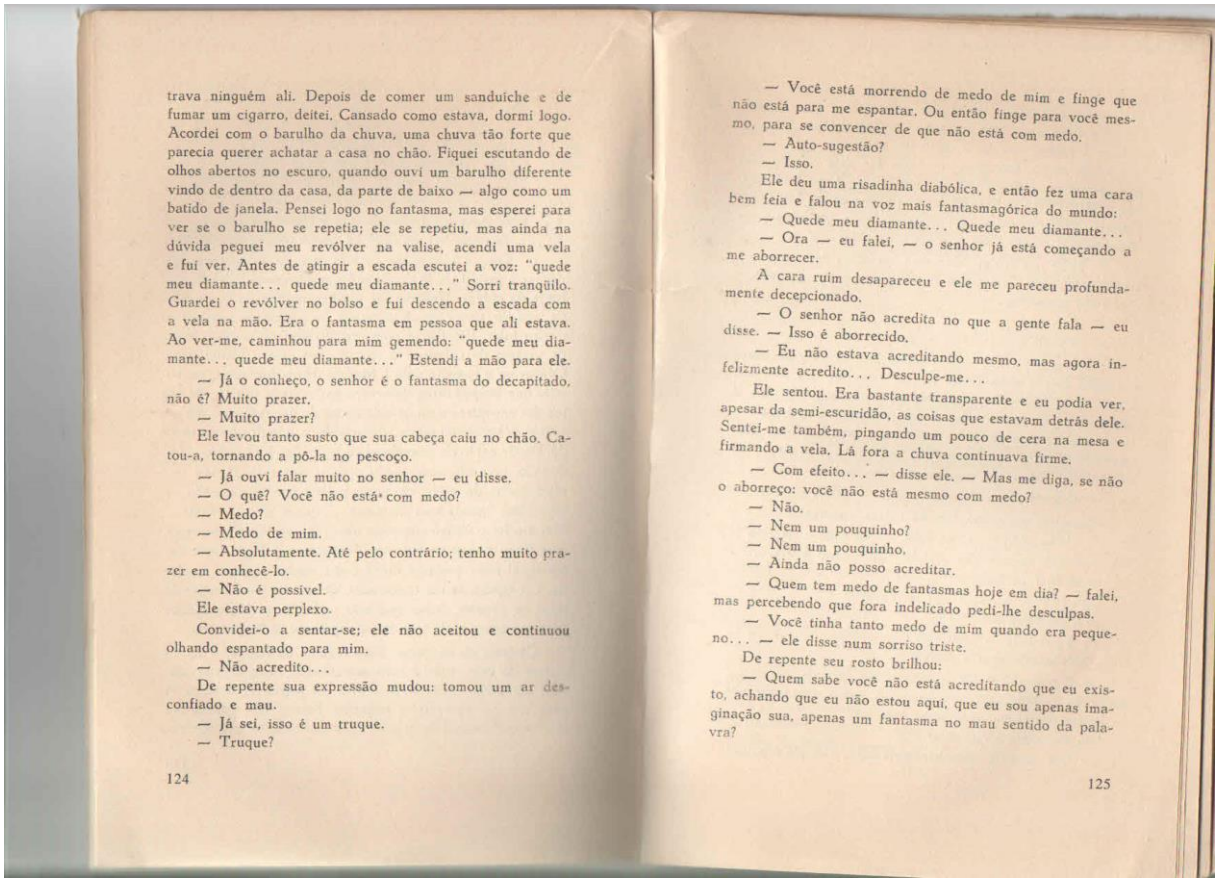
122

O Fantasma

ENCONTRAR um fantasma não é fácil hoje em dia, mas eu encontrei um. Foi há pouco tempo, no carnaval. Queria aproveitar os três dias de folga para descansar e pensei em ir para um lugar silencioso e calmo, distante da cidade. Nenhum me pareceu melhor do que a casa de meu tio, uma casa abandonada em que desde pequeno eu ouvira falar. Ela ficava numa região deserta, a cinco horas de viagem da cidade. Há muitos anos estava abandonada. Contavam a respeito dela a história de um fantasma, um sujeito que tempos atrás aparecera garimpando por lá, até que um dia encontrou uma grande pedra de diamante; no dia seguinte acharam-no morto, decapitado, e a pedra havia sumido. Desde então ele assombrava o lugar, que foi ficando abandonado, pois ninguém queria mais ir morar lá. Diziam que altas horas da noite ele perambulava por lá gemendo na escuridão: "quede meu diamante... quede meu diamante..." Meu tio foi o último morador; não tinha medo de fantasmas, mas como nunca encontrasse diamante e o lugar fosse imprestável para qualquer outra coisa, mudou-se para a cidade, e à espera de um comprador, deixou a casa entregue às teias de aranha. Achei que não podia haver lugar melhor para um repouso de três dias do que esse, e fui para lá.

Cheguei ao anoitecer. Fora o ruído do riacho, a alguns metros da casa, tudo o mais era silêncio. Nem uma árvore, nem um bicho, nada a se mover na paisagem deserta. A casa era um sobradinho pequeno. Estava tão empoeirada dentro que parecia fazer não anos mas séculos que não en-

123



trava ninguém ali. Depois de comer um sanduíche e de fumar um cigarro, deitei. Cansado como estava, dormi logo. Acordei com o barulho da chuva, uma chuva tão forte que parecia querer achatar a casa no chão. Fiquei escutando de olhos abertos no escuro, quando ouvi um barulho diferente vindo de dentro da casa, da parte de baixo — algo como um batido de janela. Pensei logo no fantasma, mas esperei para ver se o barulho se repetia; ele se repetiu, mas ainda na dúvida peguei meu revólver na valise, acendi uma vela e fui ver. Antes de atingir a escada escutei a voz: "quede meu diamante... quede meu diamante..." Sorri tranqüilo. Guardei o revólver no bolso e fui descendo a escada com a vela na mão. Era o fantasma em pessoa que ali estava. Ao ver-me, caminhou para mim gemendo: "quede meu diamante... quede meu diamante..." Estendi a mão para ele.

— Já o conheço, o senhor é o fantasma do decapitado, não é? Muito prazer.

— Muito prazer?

Ele levou tanto susto que sua cabeça caiu no chão. Catou-a, tornando a pô-la no pescoço.

— Já ouvi falar muito no senhor — eu disse.

— O quê? Você não está com medo?

— Medo?

— Medo de mim.

— Absolutamente. Até pelo contrário; tenho muito prazer em conhecê-lo.

— Não é possível.

Ele estava perplexo.

Convidei-o a sentar-se; ele não aceitou e continuou olhando espantado para mim.

— Não acredito...

De repente sua expressão mudou: tomou um ar desconfiado e mau.

— Já sei, isso é um truque.

— Truque?

— Você está morrendo de medo de mim e finge que não está para me espantar. Ou então finge para você mesmo, para se convencer de que não está com medo.

— Auto-sugestão?

— Isso.

Ele deu uma risadinha diabólica, e então fez uma cara bem feia e falou na voz mais fantasmagórica do mundo:

— Quede meu diamante... Quede meu diamante...

— Ora — eu falei, — o senhor já está começando a me aborrecer.

A cara ruim desapareceu e ele me pareceu profundamente decepcionado.

— O senhor não acredita no que a gente fala — eu disse. — Isso é aborrecido.

— Eu não estava acreditando mesmo, mas agora infelizmente acredito... Desculpe-me...

Ele sentou. Era bastante transparente e eu podia ver, apesar da semi-escuridão, as coisas que estavam detrás dele. Sentei-me também, pingando um pouco de cera na mesa e firmando a vela. Lá fora a chuva continuava firme.

— Com efeito... — disse ele. — Mas me diga, se não o aborreço: você não está mesmo com medo?

— Não.

— Nem um pouquinho?

— Nem um pouquinho.

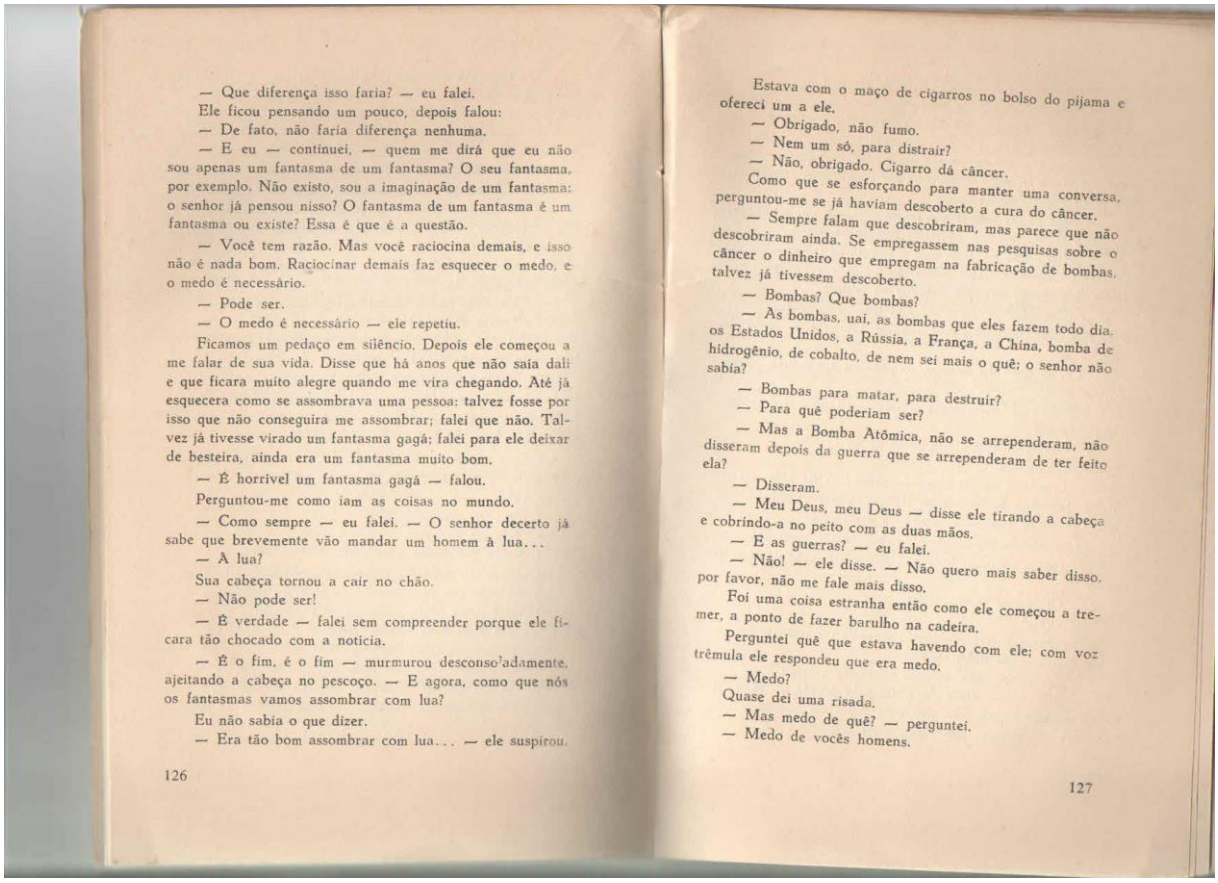
— Ainda não posso acreditar.

— Quem tem medo de fantasmas hoje em dia? — falei, mas percebendo que fora indelicado pedi-lhe desculpas.

— Você tinha tanto medo de mim quando era pequeno... — ele disse num sorriso triste.

De repente seu rosto brilhou:

— Quem sabe você não está acreditando que eu existo, achando que eu não estou aqui, que eu sou apenas imaginação sua, apenas um fantasma no mau sentido da palavra?



— Que diferença isso faria? — eu falei.

Ele ficou pensando um pouco, depois falou:

— De fato, não faria diferença nenhuma.

— E eu — continuei, — quem me dirá que eu não sou apenas um fantasma de um fantasma? O seu fantasma, por exemplo. Não existo, sou a imaginação de um fantasma: o senhor já pensou nisso? O fantasma de um fantasma é um fantasma ou existe? Essa é que é a questão.

— Você tem razão. Mas você raciocina demais, e isso não é nada bom. Raciocinar demais faz esquecer o medo, e o medo é necessário.

— Pode ser.

— O medo é necessário — ele repetiu.

Ficamos um pedaço em silêncio. Depois ele começou a me falar de sua vida. Disse que há anos que não saía dali e que ficara muito alegre quando me viu chegando. Até já esquecera como se assombrava uma pessoa: talvez fosse por isso que não conseguira me assombrar; falei que não. Talvez já tivesse virado um fantasma gagá; falei para ele deixar de besteira, ainda era um fantasma muito bom.

— É horrível um fantasma gagá — falou.

Perguntou-me como iam as coisas no mundo.

— Como sempre — eu falei. — O senhor decerto já sabe que brevemente vão mandar um homem à lua...

— À lua?

Sua cabeça tornou a cair no chão.

— Não pode ser!

— É verdade — falei sem compreender porque ele ficara tão chocado com a notícia.

— É o fim, é o fim — murmurou desconsoladamente, ajeitando a cabeça no pescoço. — E agora, como que nós os fantasmas vamos assombrar com lua?

Eu não sabia o que dizer.

— Era tão bom assombrar com lua... — ele suspirou.

Estava com o maço de cigarros no bolso do pijama e ofereci um a ele.

— Obrigado, não fumo.

— Nem um só, para distrair?

— Não, obrigado. Cigarro dá câncer.

Como que se esforçando para manter uma conversa, perguntou-me se já haviam descoberto a cura do câncer.

— Sempre falam que descobriram, mas parece que não descobriram ainda. Se empregassem nas pesquisas sobre o câncer o dinheiro que empregam na fabricação de bombas, talvez já tivessem descoberto.

— Bombas? Que bombas?

— As bombas, uai, as bombas que eles fazem todo dia. os Estados Unidos, a Rússia, a França, a China, bomba de hidrogênio, de cobalto, de nem sei mais o quê; o senhor não sabia?

— Bombas para matar, para destruir?

— Para quê poderiam ser?

— Mas a Bomba Atômica, não se arrependeram, não disseram depois da guerra que se arrependeram de ter feito ela?

— Disseram.

— Meu Deus, meu Deus — disse ele tirando a cabeça e cobrindo-a no peito com as duas mãos.

— E as guerras? — eu falei.

— Não! — ele disse. — Não quero mais saber disso, por favor, não me fale mais disso.

Foi uma coisa estranha então como ele começou a tremer, a ponto de fazer barulho na cadeira.

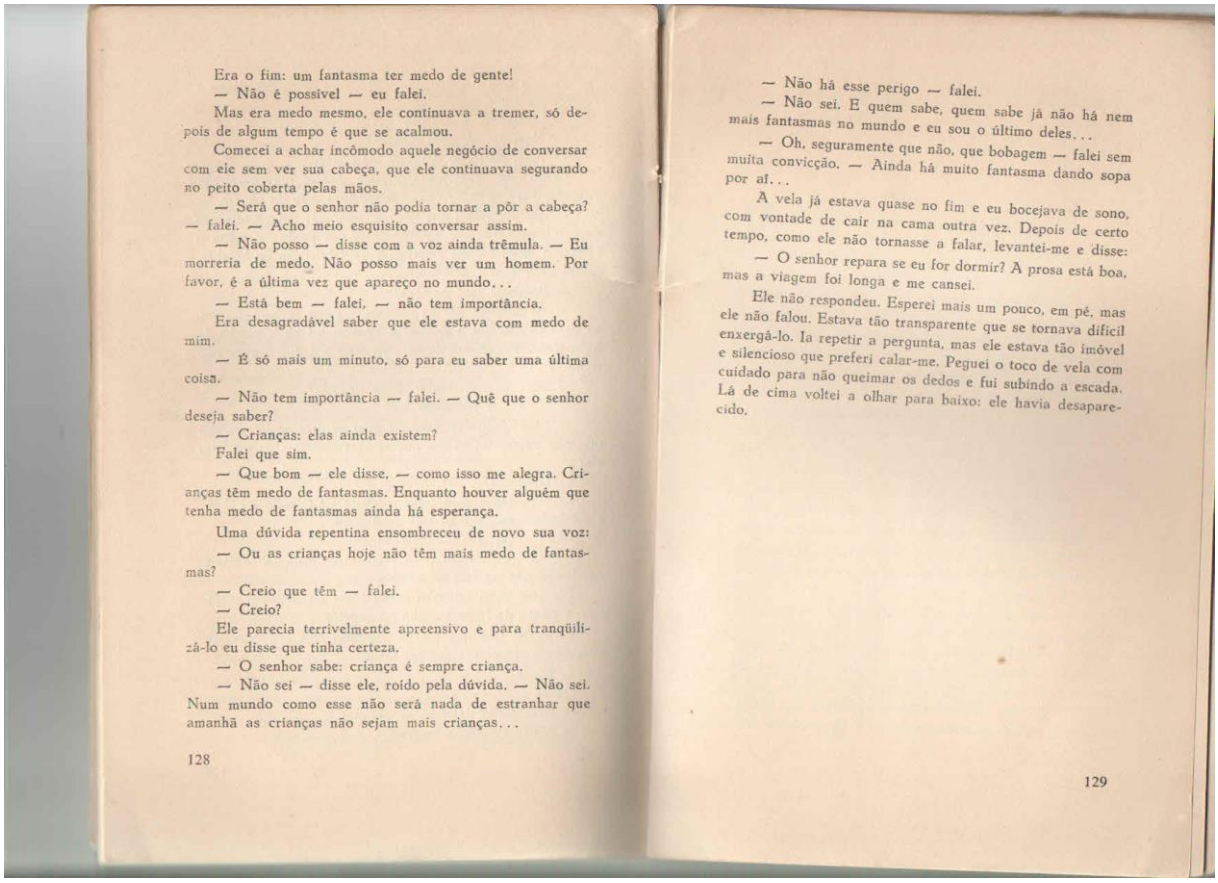
Perguntei quê que estava havendo com ele; com voz trêmula ele respondeu que era medo.

— Medo?

Quase dei uma risada.

— Mas medo de quê? — perguntei.

— Medo de vocês homens.



Era o fim: um fantasma ter medo de gente!

— Não é possível — eu falei.

Mas era medo mesmo, ele continuava a tremer, só depois de algum tempo é que se acalmou.

Comecei a achar incômodo aquele negócio de conversar com ele sem ver sua cabeça, que ele continuava segurando no peito coberta pelas mãos.

— Será que o senhor não podia tornar a pôr a cabeça? — falei. — Acho meio esquisito conversar assim.

— Não posso — disse com a voz ainda trêmula. — Eu morreria de medo. Não posso mais ver um homem. Por favor, é a última vez que apareço no mundo...

— Está bem — falei, — não tem importância.

Era desagradável saber que ele estava com medo de mim.

— É só mais um minuto, só para eu saber uma última coisa.

— Não tem importância — falei. — Quê que o senhor deseja saber?

— Crianças: elas ainda existem?

Falei que sim.

— Que bom — ele disse, — como isso me alegra. Crianças têm medo de fantasmas. Enquanto houver alguém que tenha medo de fantasmas ainda há esperança.

Uma dúvida repentina ensombreceu de novo sua voz:

— Ou as crianças hoje não têm mais medo de fantasmas?

— Creio que têm — falei.

— Creio?

Ele parecia terrivelmente apreensivo e para tranqüilizá-lo eu disse que tinha certeza.

— O senhor sabe: criança é sempre criança.

— Não sei — disse ele, roído pela dúvida. — Não sei. Num mundo como esse não será nada de estranhar que amanhã as crianças não sejam mais crianças...

— Não há esse perigo — falei.

— Não sei. E quem sabe, quem sabe já não há nem mais fantasmas no mundo e eu sou o último deles...

— Oh, seguramente que não, que bobagem — falei sem muita convicção. — Ainda há muito fantasma dando sopa por aí...

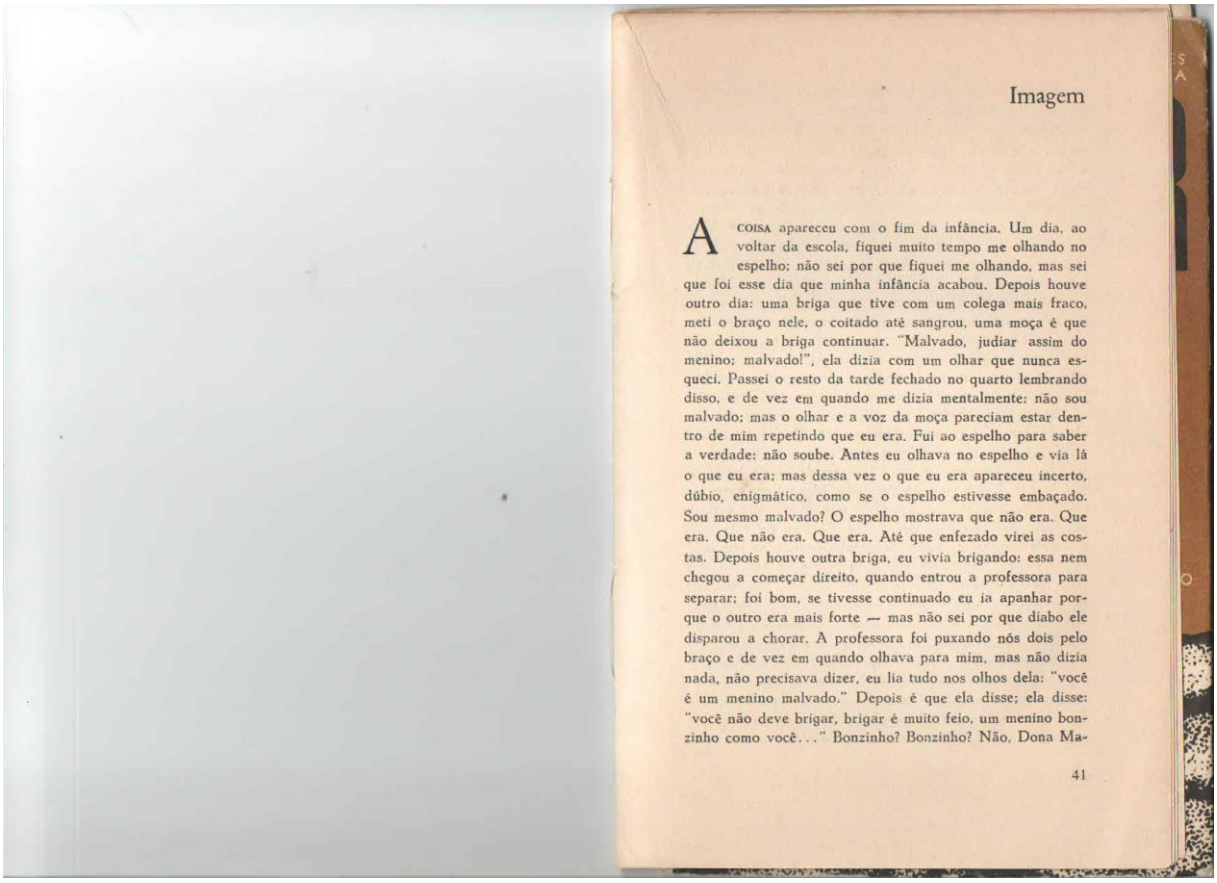
A vela já estava quase no fim e eu bocejava de sono, com vontade de cair na cama outra vez. Depois de certo tempo, como ele não tornasse a falar, levantei-me e disse:

— O senhor repara se eu for dormir? A prosa está boa, mas a viagem foi longa e me cansei.

Ele não respondeu. Esperei mais um pouco, em pé, mas ele não falou. Estava tão transparente que se tornava difícil enxergá-lo. Ia repetir a pergunta, mas ele estava tão imóvel e silencioso que preferi calar-me. Peguei o toco de vela com cuidado para não queimar os dedos e fui subindo a escada. Lá de cima voltei a olhar para baixo: ele havia desaparecido.

AP 101

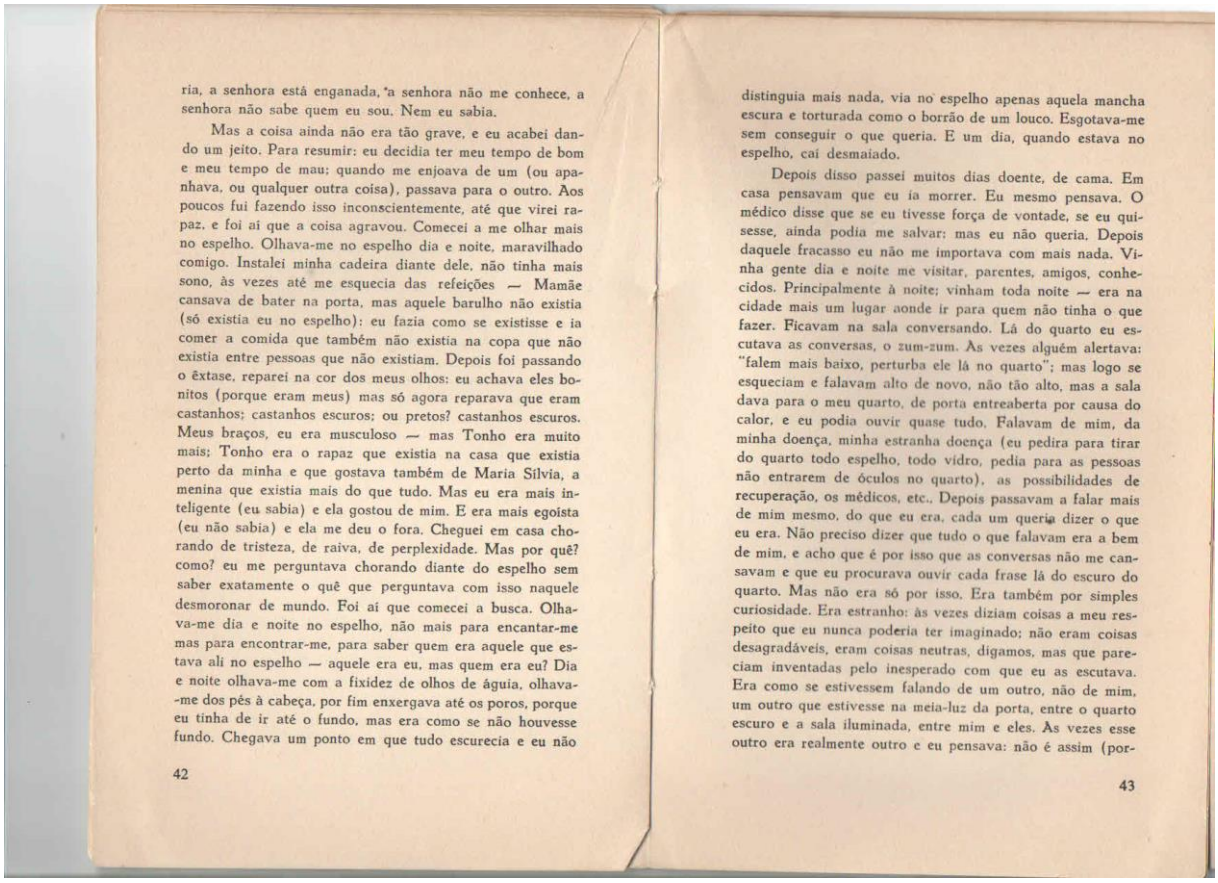
Método Criativo- conto “Imagem”



Imagem

A COISA apareceu com o fim da infância. Um dia, ao voltar da escola, fiquei muito tempo me olhando no espelho; não sei por que fiquei me olhando, mas sei que foi esse dia que minha infância acabou. Depois houve outro dia: uma briga que tive com um colega mais fraco, meti o braço nele, o coitado até sangrou, uma moça é que não deixou a briga continuar. "Malvado, judiar assim do menino; malvado!", ela dizia com um olhar que nunca esqueci. Passei o resto da tarde fechado no quarto lembrando disso, e de vez em quando me dizia mentalmente: não sou malvado; mas o olhar e a voz da moça pareciam estar dentro de mim repetindo que eu era. Fui ao espelho para saber a verdade: não soube. Antes eu olhava no espelho e via lá o que eu era; mas dessa vez o que eu era apareceu incerto, dúbio, enigmático, como se o espelho estivesse embaçado. Sou mesmo malvado? O espelho mostrava que não era. Que era. Que não era. Que era. Até que enfezado virei as costas. Depois houve outra briga, eu vivia brigando: essa nem chegou a começar direito, quando entrou a professora para separar; foi bom, se tivesse continuado eu ia apanhar porque o outro era mais forte — mas não sei por que diabo ele disparou a chorar. A professora foi puxando nós dois pelo braço e de vez em quando olhava para mim, mas não dizia nada, não precisava dizer, eu lia tudo nos olhos dela: "você é um menino malvado." Depois é que ela disse; ela disse: "você não deve brigar, brigar é muito feio, um menino bonzinho como você..." Bonzinho? Bonzinho? Não, Dona Ma-

41



ria, a senhora está enganada, a senhora não me conhece, a senhora não sabe quem eu sou. Nem eu sabia.

Mas a coisa ainda não era tão grave, e eu acabei dando um jeito. Para resumir: eu decidia ter meu tempo de bom e meu tempo de mau; quando me enjoava de um (ou apanhava, ou qualquer outra coisa), passava para o outro. Aos poucos fui fazendo isso inconscientemente, até que virei rapaz, e foi aí que a coisa agravou. Comecei a me olhar mais no espelho. Olhava-me no espelho dia e noite, maravilhado comigo. Instalei minha cadeira diante dele, não tinha mais sono, às vezes até me esquecia das refeições — Mamãe cansava de bater na porta, mas aquele barulho não existia (só existia eu no espelho); eu fazia como se existisse e ia comer a comida que também não existia na copa que não existia entre pessoas que não existiam. Depois foi passando o êxtase, reparei na cor dos meus olhos: eu achava eles bonitos (porque eram meus) mas só agora reparava que eram castanhos; castanhos escuros; ou pretos? castanhos escuros. Meus braços, eu era musculoso — mas Tonho era muito mais; Tonho era o rapaz que existia na casa que existia perto da minha e que gostava também de Maria Silvia, a menina que existia mais do que tudo. Mas eu era mais inteligente (eu sabia) e ela gostou de mim. E era mais egoísta (eu não sabia) e ela me deu o fora. Cheguei em casa chorando de tristeza, de raiva, de perplexidade. Mas por quê? como? eu me perguntava chorando diante do espelho sem saber exatamente o quê que perguntava com isso naquele desmoronar de mundo. Foi aí que comecei a busca. Olhava-me dia e noite no espelho, não mais para encantar-me mas para encontrar-me, para saber quem era aquele que estava ali no espelho — aquele era eu, mas quem era eu? Dia e noite olhava-me com a fixidez de olhos de águia, olhava-me dos pés à cabeça, por fim enxergava até os poros, porque eu tinha de ir até o fundo, mas era como se não houvesse fundo. Chegava um ponto em que tudo escurecia e eu não

distinguia mais nada, via no espelho apenas aquela mancha escura e torturada como o borrão de um louco. Esgotava-me sem conseguir o que queria. E um dia, quando estava no espelho, caí desmaiado.

Depois disso passei muitos dias doente, de cama. Em casa pensavam que eu ia morrer. Eu mesmo pensava. O médico disse que se eu tivesse força de vontade, se eu quisesse, ainda podia me salvar: mas eu não queria. Depois daquele fracasso eu não me importava com mais nada. Vinha gente dia e noite me visitar, parentes, amigos, conhecidos. Principalmente à noite; vinham toda noite — era na cidade mais um lugar aonde ir para quem não tinha o que fazer. Ficavam na sala conversando. Lá do quarto eu escutava as conversas, o zum-zum. Às vezes alguém alertava: "falem mais baixo, perturba ele lá no quarto"; mas logo se esqueciam e falavam alto de novo, não tão alto, mas a sala dava para o meu quarto, de porta entreaberta por causa do calor, e eu podia ouvir quase tudo. Falavam de mim, da minha doença, minha estranha doença (eu pedira para tirar do quarto todo espelho, todo vidro, pedia para as pessoas não entrarem de óculos no quarto), as possibilidades de recuperação, os médicos, etc., Depois passavam a falar mais de mim mesmo, do que eu era, cada um queria dizer o que eu era. Não preciso dizer que tudo o que falavam era a bem de mim, e acho que é por isso que as conversas não me cansavam e que eu procurava ouvir cada frase lá do escuro do quarto. Mas não era só por isso. Era também por simples curiosidade. Era estranho: às vezes diziam coisas a meu respeito que eu nunca poderia ter imaginado; não eram coisas desagradáveis, eram coisas neutras, digamos, mas que pareciam inventadas pelo inesperado com que eu as escutava. Era como se estivessem falando de um outro, não de mim, um outro que estivesse na meia-luz da porta, entre o quarto escuro e a sala iluminada, entre mim e eles. Às vezes esse outro era realmente outro e eu pensava: não é assim (por-

que havia pessoas que inventavam mesmo e isso me irritava ou me dava vontade de rir). Mas às vezes eu pensava: será que é assim mesmo? Ou então: é, é assim mesmo (e isso muitas vezes com espanto). Comecei a pensar: essas pessoas me conhecem; talvez possam me dizer quem sou. Esse pensamento, que se tornou mais forte cada dia que passava, foi como uma injeção de vida: com uma semana eu estava de pé outra vez, e embora fraco, logo dei início ao plano que arquitetara nas últimas noites: visitar a casa dos meus amigos, parentes, conhecidos, e sem deixá-los perceber o que eu queria, faria com que falassem o máximo a respeito de mim.

Comecei pelos parentes. Eu ia com a desculpa de agradecer a visita. O começo da conversa era sempre o mesmo: a satisfação de me ver forte outra vez, como eu estava me sentindo, se já estava inteiramente restabelecido, etc.. Depois é que eu ia entrando sutilmente com o que queria. Não era difícil, eu tinha lido muito a respeito de métodos modernos de entrevistas, e além disso conhecia bastante psicologia, sabia distinguir quando a pessoa estava dizendo o que realmente pensava e quando não estava. Era como uma pescaria: eu lançava o anzol e ficava esperando o peixe morder a isca — então fisgava-o e guardava no embornal. Em casa ia conferir o resultado da pescaria: no espelho. Ao chegar da primeira visita — meu irmão foi o escolhido — e me olhar no espelho, notei que alguma coisa não estava normal: a imagem, estava fraca, eu não via direito. Atribuí isso à minha fraqueza. Mas no dia seguinte o que aconteceu foi muito pior. Eu tinha ido visitar minha avó, e quando olho no espelho o que vejo? a figura embaçada de um rapazinho! No meu susto cheguei a olhar para trás: mas não, não havia ninguém mais ali, aquele só podia ser, tinha que ser eu. Aos poucos, com uma perplexidade que crescia, fui reconhecendo traços meus, inclusive a cicatriz de um acidente nos quinze anos. Mas e outras coisas: o jeito de olhar, por

exemplo; nunca que podia ser meu. Não era. Se fosse, eu não estranharia — mas e se fosse, e se fosse algo realmente meu que eu nunca tinha visto porque eu nunca poderia ter visto, como nunca poderia me ter visto dormindo? Mas não, seguramente que eu não era um rapazinho de quinze anos, e para provar isso passei a mão em minha barba; foi a coisa mais esquisita: o do espelho também passou para provar que não tinha e eu apesar de ter sentido que tinha senti como se não tivesse: eu era eu ou minha imagem? Mas como eu podia saber se eu era eu senão através da minha imagem que eu tinha através dos outros? E se essa imagem não era eu, quem era eu, e quem era minha imagem? A menos que eu fosse a imagem de uma imagem, um espelho refletindo uma imagem de outro espelho sem nada entre os dois — o que já era absurdo. Fui deitar com uma terrível dor de cabeça, depois de ter tomado todos os analgésicos que encontrei na gaveta. Mas resolvi levar a coisa para frente. Era uma busca que eu não queria cessar — que eu não podia mais cessar.

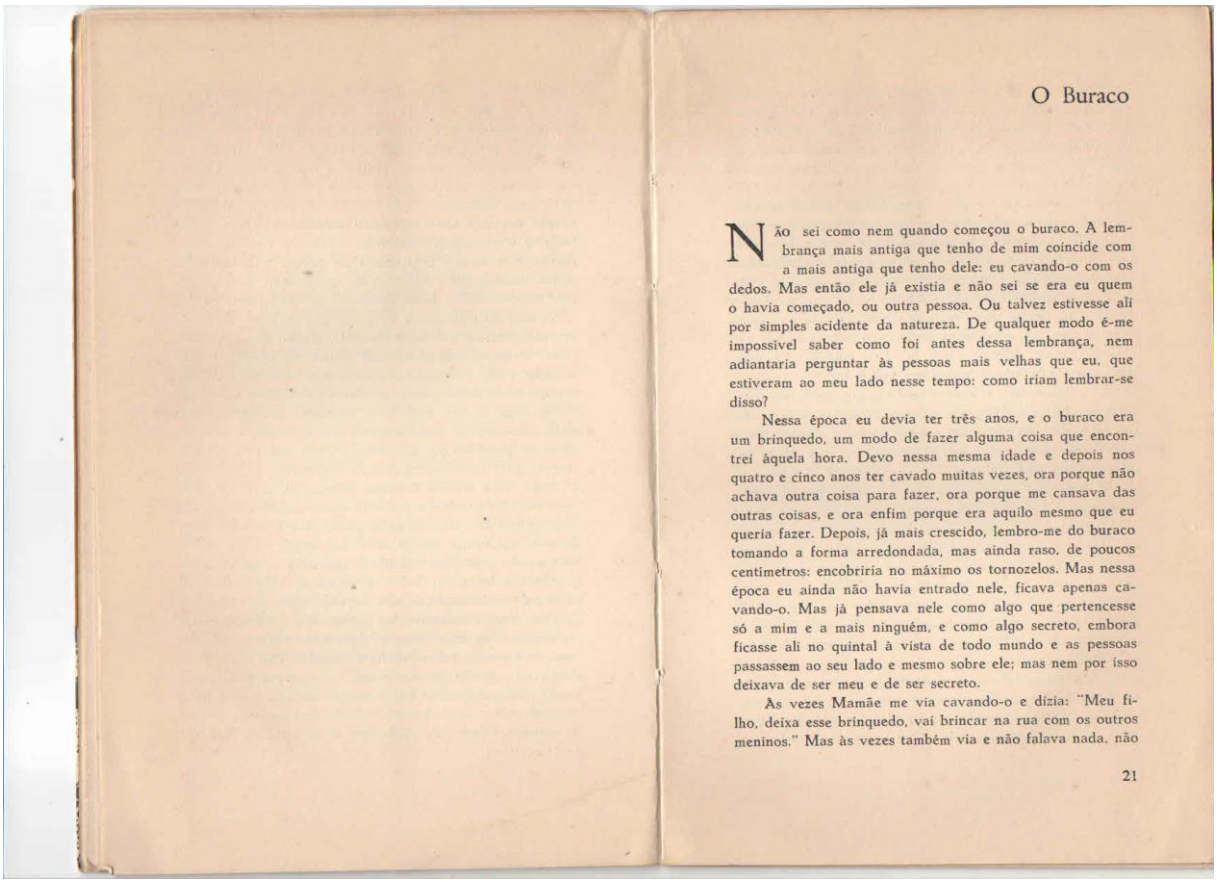
Continuei as visitas. De cada vez que, chegando em casa, me olhava no espelho, a imagem era outra. Sempre embaçadas, difusas, dúbias. Nas primeiras vezes eu dizia: não, isso não, não é assim; ou: é isso mesmo; ou: é mais ou menos isso; é exatamente isso; é até certo ponto isso; não é possível que seja isso, etc.. Um dia, por exemplo, foi a imagem de um sujeito monstruoso (eu tinha ido visitar um amigo de infância, o tal que eu surrei); disse na mesma hora: não, isso é mentira, nunca que eu sou assim. Mas com a continuação das visitas a coisa foi mudando: olhava-me no espelho e não sabia o que dizer; não sabia se dizia: é isso mesmo; ou se dizia: não é isso. As imagens mais diferentes apareciam e eu ficava mudo contemplando-as, sem poder dizer nada. Uma ou outra vez ainda me perguntava tristemente qual era a minha verdadeira imagem, sabendo que não tinha mais sentido fazer essa pergunta.

Na minha vida as coisas mudaram. As pessoas diziam que eu andava diferente, que eu não era mais o mesmo (que mesmo? eu perguntava com os olhos cheios de aflição), que eu parecia outra pessoa (que outra pessoa?) que não me reconheciam mais (e eu, eu me reconhecia?). Perdi minha namorada, meus amigos, meu emprego, ninguém mais queria me empregar por causa de minha fama de mentiroso, hipócrita, instável, doido.

Nessa época chegou na cidade um circo e fui lá na última tentativa de arranjar um emprego. Como várias de minhas imagens eram as de um sujeito engraçado, apresentei-me ao diretor do circo como palhaço; ele mandou eu dar uma demonstração, eu dei; ele começou a rir, achei que ele tinha gostado, mas a coisa era bem outra. Ele falou: "quem te pôs na cabeça que você é palhaço?" Eu respondi: "os outros." "E você acreditou nos outros?" "Em quem mais que eu iria acreditar?", eu respondi. Ele olhou para mim e disse: "é, você é realmente um palhaço..." E me deu até logo.

AP 102

Método Criativo – conto “O Buraco”

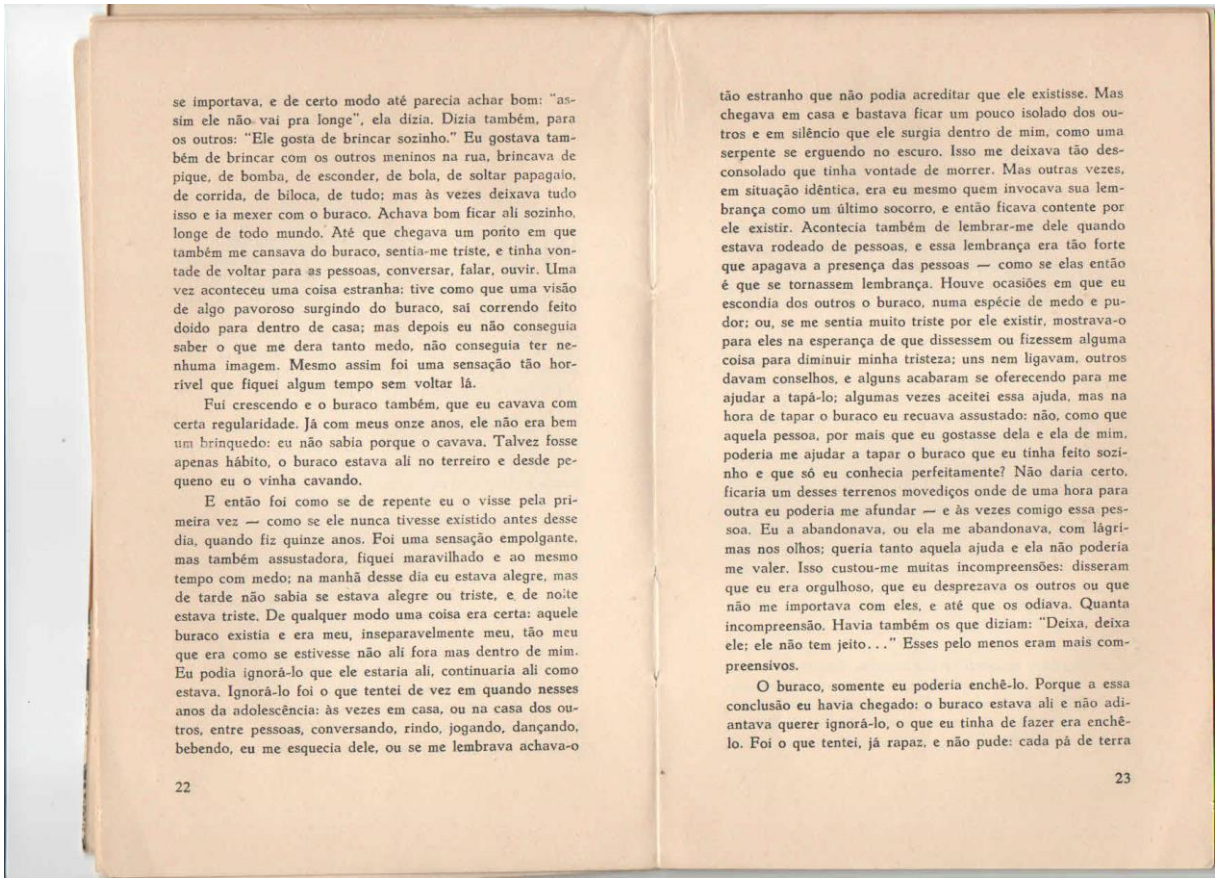


O Buraco

Não sei como nem quando começou o buraco. A lembrança mais antiga que tenho de mim coincide com a mais antiga que tenho dele: eu cavando-o com os dedos. Mas então ele já existia e não sei se era eu quem o havia começado, ou outra pessoa. Ou talvez estivesse ali por simples acidente da natureza. De qualquer modo é-me impossível saber como foi antes dessa lembrança, nem adiantaria perguntar às pessoas mais velhas que eu, que estiveram ao meu lado nesse tempo: como iriam lembrar-se disso?

Nessa época eu devia ter três anos, e o buraco era um brinquedo, um modo de fazer alguma coisa que encontrei àquela hora. Devo nessa mesma idade e depois nos quatro e cinco anos ter cavado muitas vezes, ora porque não achava outra coisa para fazer, ora porque me cansava das outras coisas, e ora enfim porque era aquilo mesmo que eu queria fazer. Depois, já mais crescido, lembro-me do buraco tomando a forma arredondada, mas ainda raso, de poucos centímetros: encobriria no máximo os tornozelos. Mas nessa época eu ainda não havia entrado nele, ficava apenas cavando-o. Mas já pensava nele como algo que pertencesse só a mim e a mais ninguém, e como algo secreto, embora ficasse ali no quintal à vista de todo mundo e as pessoas passassem ao seu lado e mesmo sobre ele; mas nem por isso deixava de ser meu e de ser secreto.

As vezes Mamãe me via cavando-o e dizia: "Meu filho, deixa esse brinquedo, vai brincar na rua com os outros meninos." Mas às vezes também via e não falava nada, não



se importava, e de certo modo até parecia achar bom: "assim ele não vai pra longe", ela dizia. Dizia também, para os outros: "Ele gosta de brincar sozinho." Eu gostava também de brincar com os outros meninos na rua, brincava de pique, de bomba, de esconder, de bola, de soltar papagaio, de corrida, de biloca, de tudo; mas às vezes deixava tudo isso e ia mexer com o buraco. Achava bom ficar ali sozinho, longe de todo mundo. Até que chegava um ponto em que também me cansava do buraco, sentia-me triste, e tinha vontade de voltar para as pessoas, conversar, falar, ouvir. Uma vez aconteceu uma coisa estranha: tive como que uma visão de algo pavoroso surgindo do buraco, saí correndo feito doído para dentro de casa; mas depois eu não conseguia saber o que me dera tanto medo, não conseguia ter nenhuma imagem. Mesmo assim foi uma sensação tão horrível que fiquei algum tempo sem voltar lá.

Fui crescendo e o buraco também, que eu cavava com certa regularidade. Já com meus onze anos, ele não era bem um brinquedo: eu não sabia porque o cavava. Talvez fosse apenas hábito, o buraco estava ali no terreiro e desde pequeno eu o vinha cavando.

E então foi como se de repente eu o visse pela primeira vez — como se ele nunca tivesse existido antes desse dia, quando fiz quinze anos. Foi uma sensação empolgante, mas também assustadora, fiquei maravilhado e ao mesmo tempo com medo; na manhã desse dia eu estava alegre, mas de tarde não sabia se estava alegre ou triste, e de noite estava triste. De qualquer modo uma coisa era certa: aquele buraco existia e era meu, inseparavelmente meu, tão meu que era como se estivesse não ali fora mas dentro de mim. Eu podia ignorá-lo que ele estaria ali, continuaria ali como estava. Ignorá-lo foi o que tentei de vez em quando nesses anos da adolescência: às vezes em casa, ou na casa dos outros, entre pessoas, conversando, rindo, jogando, dançando, bebendo, eu me esquecia dele, ou se me lembrava achava-o

tão estranho que não podia acreditar que ele existisse. Mas chegava em casa e bastava ficar um pouco isolado dos outros e em silêncio que ele surgia dentro de mim, como uma serpente se erguendo no escuro. Isso me deixava tão desconsolado que tinha vontade de morrer. Mas outras vezes, em situação idêntica, era eu mesmo quem invocava sua lembrança como um último socorro, e então ficava contente por ele existir. Acontecia também de lembrar-me dele quando estava rodeado de pessoas, e essa lembrança era tão forte que apagava a presença das pessoas — como se elas então é que se tornassem lembrança. Houve ocasiões em que eu escondia dos outros o buraco, numa espécie de medo e pudor; ou, se me sentia muito triste por ele existir, mostrava-o para eles na esperança de que dissessem ou fizessem alguma coisa para diminuir minha tristeza; uns nem ligavam, outros davam conselhos, e alguns acabaram se oferecendo para me ajudar a tapá-lo; algumas vezes aceitei essa ajuda, mas na hora de tapar o buraco eu recuava assustado: não, como que aquela pessoa, por mais que eu gostasse dela e ela de mim, poderia me ajudar a tapar o buraco que eu tinha feito sozinho e que só eu conhecia perfeitamente? Não daria certo, ficaria um desses terrenos movediços onde de uma hora para outra eu poderia me afundar — e às vezes comigo essa pessoa. Eu a abandonava, ou ela me abandonava, com lágrimas nos olhos; queria tanto aquela ajuda e ela não poderia me valer. Isso custou-me muitas incompreensões: disseram que eu era orgulhoso, que eu desprezava os outros ou que não me importava com eles, e até que os odiava. Quanta incompreensão. Havia também os que diziam: "Deixa, deixa ele; ele não tem jeito..." Esses pelo menos eram mais compreensivos.

O buraco, somente eu poderia enchê-lo. Porque a essa conclusão eu havia chegado: o buraco estava ali e não adiantava querer ignorá-lo, o que eu tinha de fazer era enchê-lo. Foi o que tentei, já rapaz, e não pude: cada pá de terra

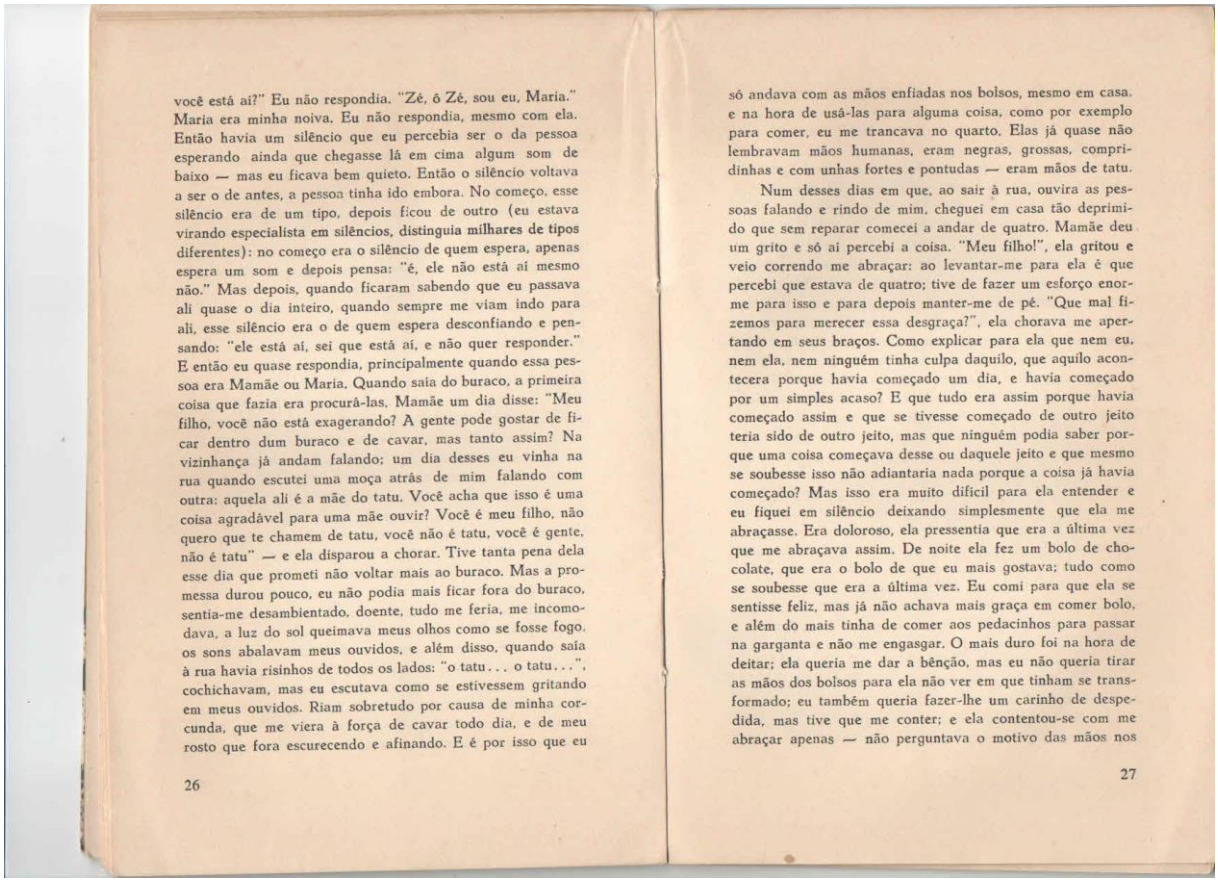
atirada dentro do buraco era como se fosse atirada dentro da minha boca. Eu não podia fazer aquilo, era como se eu estivesse me assassinando. Então desisti. Deixei a pá no chão e fiquei olhando desolado para o buraco — e nesse estado escorreguei e caí dentro dele. No primeiro instante tive um pavor horrível, como se eu estivesse cara a cara com a coisa de que eu naquele dia da infância tivera a visão; ali estava ela, visível e invisível, palpável e imaterial. Meu primeiro impulso foi o de fugir, mas não fugi, porque fiquei paralisado, ou porque me dominei, não sei; mas não demorou o pavor foi sumindo e dando lugar a uma espécie de familiaridade com a coisa. Notei então o escuro de ali dentro, o frio das paredes, e isso que talvez fosse o que me apavorou de início, passou a me agradar — não exatamente a me agradar, mas a despertar minha curiosidade, a interessar-me. Ainda com um certo receio apalpei as paredes: eram frias, úmidas; cheguei até a cheirá-las: era o mesmo cheiro, mais forte, que eu já estava sentindo no ar ali dentro, cheiro de terra, um cheiro bom. Depois de alguns minutos a sensação de pavor havia desaparecido por completo, e eu sentia-me bem ali dentro, perfeitamente à vontade, como se fosse ali realmente o meu lugar, o meu habitat. Era como um homem que perdido na escuridão vê de repente surgir à sua frente um pavoroso castelo mal-assombrado e empurrado por força estranha caminha em sua direção, descobrindo à medida que caminha e que as brumas vão se dissipando que o castelo é a sua própria casa, onde ele deseja estar. Minha cabeça estava apenas a alguns palmos acima do nível da terra. Mais um pouco e o buraco me encobriria.

Esse pouco eu cavei no dia seguinte. Depois que cavei entrei dentro. Nessa hora uma pessoa me procurou no quintal chamando por meu nome. Eu permaneci quieto e em silêncio no buraco, com a mesma sensação de quando em criança me procuravam pela casa chamando-me e eu estava

escondido debaixo da cama. Não gostava dessa pessoa, e resolvi não responder; ela acabou indo embora. Repeti a experiência depois com outras pessoas: sempre dava certo. A verdade é que, das pessoas que me cercavam, com quem lidava todo dia, a maioria me aborrecia, me desgostava, me cansava; me cansavam sobretudo por causa de uma coisa: elas falavam demais; por que não conseguiam ficar em silêncio? Depois de estar com elas, como era bom entrar no buraco e ficar ali naquele silêncio.

Mas ainda era um silêncio muito frágil e qualquer barulho mais forte lá fora vinha trincá-lo. Era preciso tornar o buraco mais fundo. Além disso, as pessoas que me procuravam já o haviam descoberto e então chegavam na beirada e pediam para eu sair, e se eu me recusava, insistiam, ameaçavam jogar coisas dentro; não tinham o menor respeito pelo buraco e isso me dava mais vontade ainda de ficar dentro dele, e de não encontrar-me com essas pessoas. "Você está parecendo tatu, tatu é que fica cavando buraco assim; desse jeito um dia quando você menos espera você está aí virado num tatu; olha aí suas mãos, sujas de terra..." Tatu, pensei, e se eu virasse mesmo um tatu? Aquelas pessoas me deixariam em paz no meu buraco, não viriam molestar-me, eu não precisaria mais procurá-las nem elas sentiriam minha falta; quem iria sentir falta dum tatu? Aquela hora eu desejei de fato ser um tatu, mas nem de longe estava pensando nas coisas que iriam acontecer. Pensei apenas que devia ser bom viver sozinho no escuro e no silêncio, longe das pessoas.

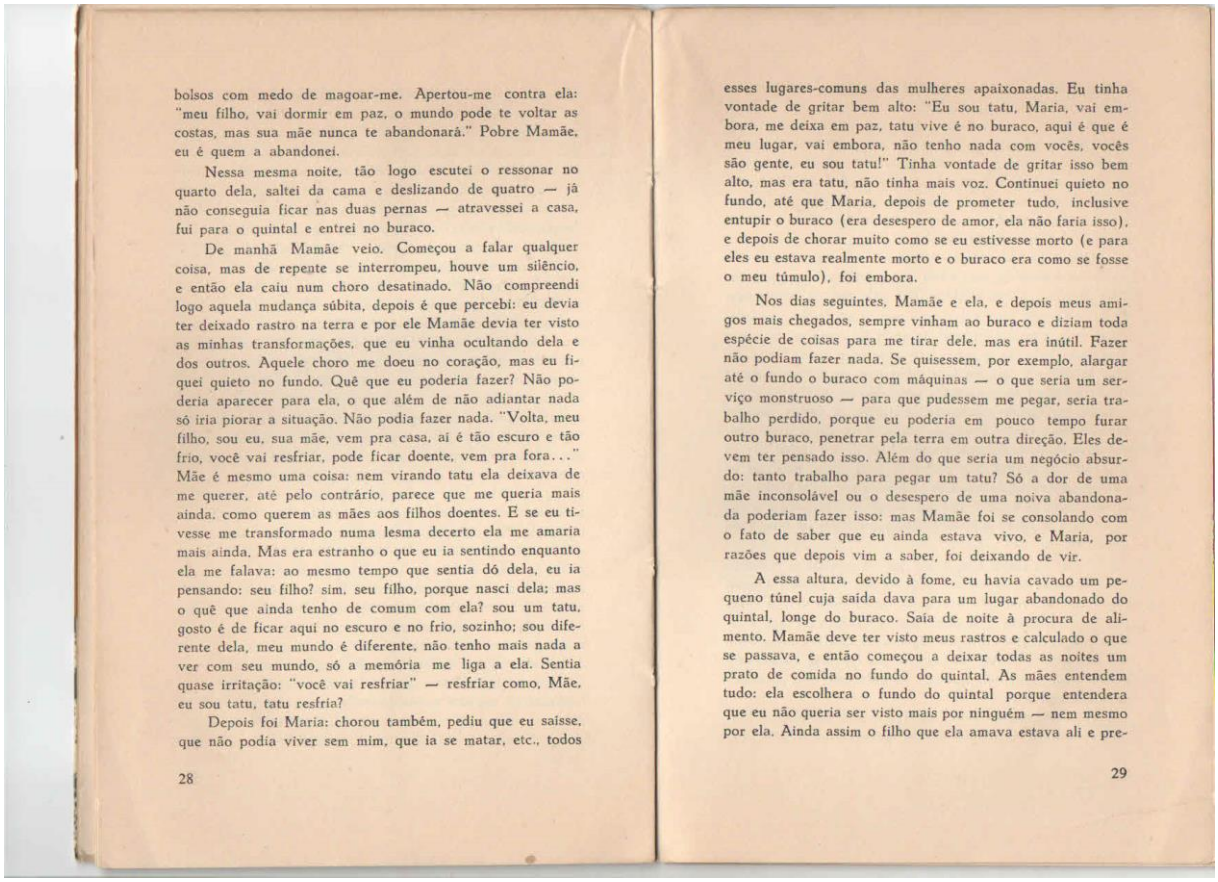
Para conseguir pois maior silêncio, e menos claridade, continuei cavando o buraco. Às vezes levava água e comida e passava o dia inteiro cavando-o. Quando cansava, parava de cavar e ficava lá à toa sem fazer nada, apenas sentindo o silêncio, o escuro, o cheiro da terra, aquele cheiro que eu achava tão bom. Às vezes acontecia de chegar gente me procurando; curvavam-se sobre o buraco mas já estava muito fundo para que pudessem enxergar, então gritavam: "Zé,



você está aí?" Eu não respondia. "Zé, ô Zé, sou eu, Maria." Maria era minha noiva. Eu não respondia, mesmo com ela. Então havia um silêncio que eu percebia ser o da pessoa esperando ainda que chegasse lá em cima algum som de baixo — mas eu ficava bem quieto. Então o silêncio voltava a ser o de antes, a pessoa tinha ido embora. No começo, esse silêncio era de um tipo, depois ficou de outro (eu estava virando especialista em silêncios, distinguia milhares de tipos diferentes): no começo era o silêncio de quem espera, apenas espera um som e depois pensa: "é, ele não está aí mesmo não." Mas depois, quando ficaram sabendo que eu passava ali quase o dia inteiro, quando sempre me viam indo para ali, esse silêncio era o de quem espera desconfiando e pensando: "ele está aí, sei que está aí, e não quer responder." E então eu quase respondia, principalmente quando essa pessoa era Mamãe ou Maria. Quando saía do buraco, a primeira coisa que fazia era procurá-las. Mamãe um dia disse: "Meu filho, você não está exagerando? A gente pode gostar de ficar dentro dum buraco e de cavar, mas tanto assim? Na vizinhança já andam falando; um dia desses eu vinha na rua quando escutei uma moça atrás de mim falando com outra: aquela ali é a mãe do tatu. Você acha que isso é uma coisa agradável para uma mãe ouvir? Você é meu filho, não quero que te chamem de tatu, você não é tatu, você é gente, não é tatu" — e ela disparou a chorar. Tive tanta pena dela esse dia que prometi não voltar mais ao buraco. Mas a promessa durou pouco, eu não podia mais ficar fora do buraco, sentia-me desambientado, doente, tudo me feria, me incomodava, a luz do sol queimava meus olhos como se fosse fogo, os sons abalavam meus ouvidos, e além disso, quando saía à rua havia risinhos de todos os lados: "o tatu... o tatu...", cochichavam, mas eu escutava como se estivessem gritando em meus ouvidos. Riam sobretudo por causa de minha corcunda, que me viera à força de cavar todo dia, e de meu rosto que fora escurecendo e afinando. E é por isso que eu

só andava com as mãos enfiadas nos bolsos, mesmo em casa, e na hora de usá-las para alguma coisa, como por exemplo para comer, eu me trancava no quarto. Elas já quase não lembravam mãos humanas, eram negras, grossas, compridinhas e com unhas fortes e pontudas — eram mãos de tatu.

Num desses dias em que, ao sair à rua, ouvira as pessoas falando e rindo de mim, cheguei em casa tão deprimido que sem reparar comecei a andar de quatro. Mamãe deu um grito e só aí percebi a coisa. "Meu filho!", ela gritou e veio correndo me abraçar: ao levantar-me para ela é que percebi que estava de quatro; tive de fazer um esforço enorme para isso e para depois manter-me de pé. "Que mal fizemos para merecer essa desgraça?", ela chorava me apertando em seus braços. Como explicar para ela que nem eu, nem ela, nem ninguém tinha culpa daquilo, que aquilo acontecera porque havia começado um dia, e havia começado por um simples acaso? E que tudo era assim porque havia começado assim e que se tivesse começado de outro jeito teria sido de outro jeito, mas que ninguém podia saber porque uma coisa começava desse ou daquele jeito e que mesmo se soubesse isso não adiantaria nada porque a coisa já havia começado? Mas isso era muito difícil para ela entender e eu fiquei em silêncio deixando simplesmente que ela me abraçasse. Era doloroso, ela pressentia que era a última vez que me abraçava assim. De noite ela fez um bolo de chocolate, que era o bolo de que eu mais gostava; tudo como se soubesse que era a última vez. Eu comi para que ela se sentisse feliz, mas já não achava mais graça em comer bolo, e além do mais tinha de comer aos pedacinhos para passar na garganta e não me engasgar. O mais duro foi na hora de deitar; ela queria me dar a bênção, mas eu não queria tirar as mãos dos bolsos para ela não ver em que tinham se transformado; eu também queria fazer-lhe um carinho de despedida, mas tive que me conter; e ela contentou-se com me abraçar apenas — não perguntava o motivo das mãos nos



bolsos com medo de magoar-me. Apertou-me contra ela: "meu filho, vai dormir em paz, o mundo pode te voltar as costas, mas sua mãe nunca te abandonará." Pobre Mamãe, eu é quem a abandonei.

Nessa mesma noite, tão logo escutei o ressonar no quarto dela, saltei da cama e deslizando de quatro — já não conseguia ficar nas duas pernas — atravessei a casa, fui para o quintal e entrei no buraco.

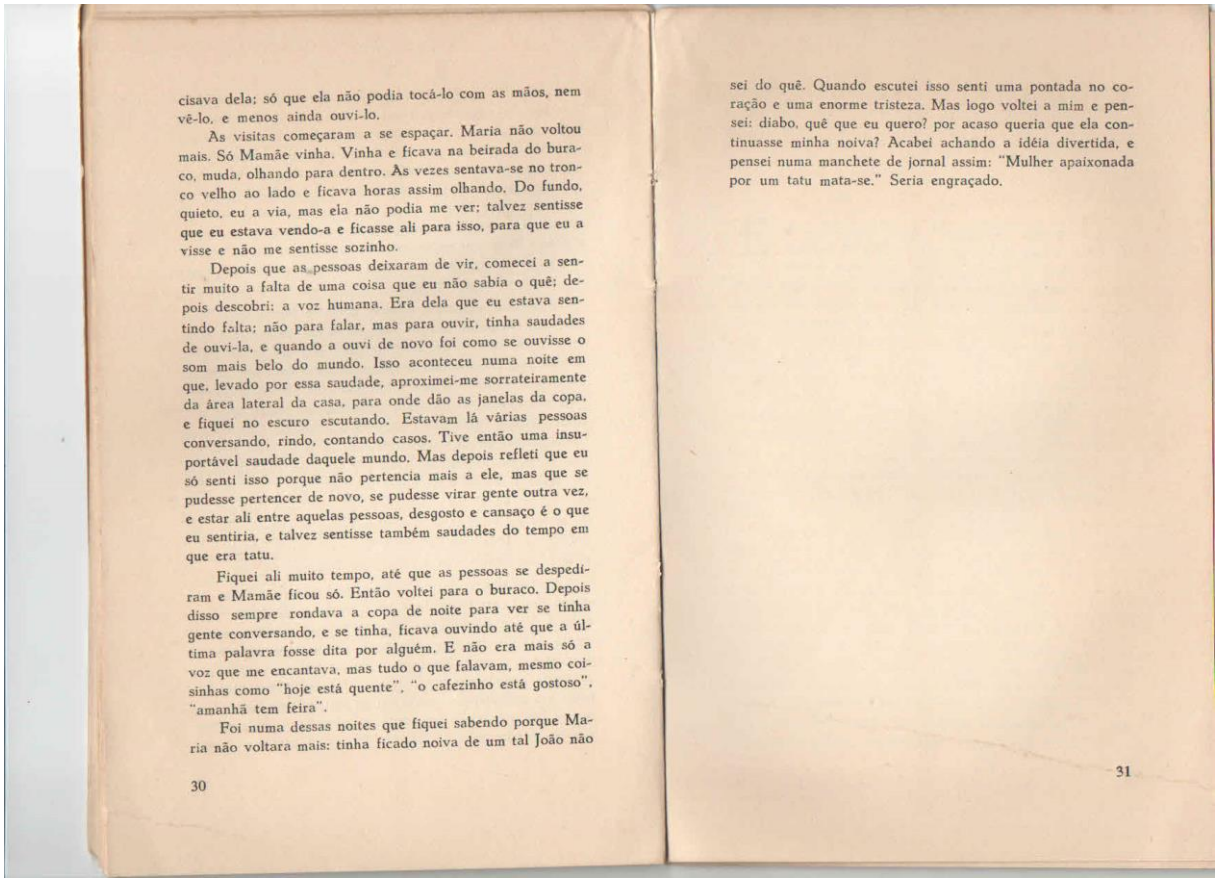
De manhã Mamãe veio. Começou a falar qualquer coisa, mas de repente se interrompeu, houve um silêncio, e então ela caiu num choro desatinado. Não compreendi logo aquela mudança súbita, depois é que percebi: eu devia ter deixado rastro na terra e por ele Mamãe devia ter visto as minhas transformações, que eu vinha ocultando dela e dos outros. Aquele choro me doeu no coração, mas eu fiquei quieto no fundo. Quê que eu poderia fazer? Não poderia aparecer para ela, o que além de não adiantar nada só iria piorar a situação. Não podia fazer nada. "Volta, meu filho, sou eu, sua mãe, vem pra casa, aí é tão escuro e tão frio, você vai resfriar, pode ficar doente, vem pra fora..." Mãe é mesmo uma coisa: nem virando tatu ela deixava de me querer, até pelo contrário, parece que me queria mais ainda, como querem as mães aos filhos doentes. E se eu tivesse me transformado numa lesma decerto ela me amaria mais ainda. Mas era estranho o que eu ia sentindo enquanto ela me falava: ao mesmo tempo que sentia dó dela, eu ia pensando: seu filho? sim, seu filho, porque nasci dela; mas o quê que ainda tenho de comum com ela? sou um tatu, gosto é de ficar aqui no escuro e no frio, sozinho; sou diferente dela, meu mundo é diferente, não tenho mais nada a ver com seu mundo, só a memória me liga a ela. Sentia quase irritação: "você vai resfriar" — resfriar como, Mãe, eu sou tatu, tatu resfria?

Depois foi Maria: chorou também, pediu que eu saísse, que não podia viver sem mim, que ia se matar, etc., todos

esses lugares-comuns das mulheres apaixonadas. Eu tinha vontade de gritar bem alto: "Eu sou tatu, Maria, vai embora, me deixa em paz, tatu vive é no buraco, aqui é que é meu lugar, vai embora, não tenho nada com vocês, vocês são gente, eu sou tatu!" Tinha vontade de gritar isso bem alto, mas era tatu, não tinha mais voz. Continuei quieto no fundo, até que Maria, depois de prometer tudo, inclusive entupir o buraco (era desespero de amor, ela não faria isso), e depois de chorar muito como se eu estivesse morto (e para eles eu estava realmente morto e o buraco era como se fosse o meu túmulo), foi embora.

Nos dias seguintes, Mamãe e ela, e depois meus amigos mais chegados, sempre vinham ao buraco e diziam toda espécie de coisas para me tirar dele, mas era inútil. Fazer não podiam fazer nada. Se quisessem, por exemplo, alargar até o fundo o buraco com máquinas — o que seria um serviço monstruoso — para que pudessem me pegar, seria trabalho perdido, porque eu poderia em pouco tempo furar outro buraco, penetrar pela terra em outra direção. Eles devem ter pensado isso. Além do que seria um negócio absurdo: tanto trabalho para pegar um tatu? Só a dor de uma mãe inconsolável ou o desespero de uma noiva abandonada poderiam fazer isso: mas Mamãe foi se consolando com o fato de saber que eu ainda estava vivo, e Maria, por razões que depois vim a saber, foi deixando de vir.

A essa altura, devido à fome, eu havia cavado um pequeno túnel cuja saída dava para um lugar abandonado do quintal, longe do buraco. Saía de noite à procura de alimento. Mamãe deve ter visto meus rastros e calculado o que se passava, e então começou a deixar todas as noites um prato de comida no fundo do quintal. As mães entendem tudo: ela escolhera o fundo do quintal porque entendera que eu não queria ser visto mais por ninguém — nem mesmo por ela. Ainda assim o filho que ela amava estava ali e pre-



cisava dela; só que ela não podia tocá-lo com as mãos, nem vê-lo, e menos ainda ouvi-lo.

As visitas começaram a se espaçar. Maria não voltou mais. Só Mamãe vinha. Vinha e ficava na beirada do buraco, muda, olhando para dentro. Às vezes sentava-se no tronco velho ao lado e ficava horas assim olhando. Do fundo, quieto, eu a via, mas ela não podia me ver; talvez sentisse que eu estava vendo-a e ficasse ali para isso, para que eu a visse e não me sentisse sozinho.

Depois que as pessoas deixaram de vir, comecei a sentir muito a falta de uma coisa que eu não sabia o quê; depois descobri: a voz humana. Era dela que eu estava sentindo falta; não para falar, mas para ouvir, tinha saudades de ouvi-la, e quando a ouvi de novo foi como se ouvisse o som mais belo do mundo. Isso aconteceu numa noite em que, levado por essa saudade, aproximei-me sorrateiramente da área lateral da casa, para onde dão as janelas da copa, e fiquei no escuro escutando. Estavam lá várias pessoas conversando, rindo, contando casos. Tive então uma insuportável saudade daquele mundo. Mas depois refleti que eu só senti isso porque não pertencia mais a ele, mas que se pudesse pertencer de novo, se pudesse virar gente outra vez, e estar ali entre aquelas pessoas, desgosto e cansaço é o que eu sentiria, e talvez sentisse também saudades do tempo em que era tatu.

Fiquei ali muito tempo, até que as pessoas se despediram e Mamãe ficou só. Então voltei para o buraco. Depois disso sempre rondava a copa de noite para ver se tinha gente conversando, e se tinha, ficava ouvindo até que a última palavra fosse dita por alguém. E não era mais só a voz que me encantava, mas tudo o que falavam, mesmo coisinhas como "hoje está quente", "o cafezinho está gostoso", "amanhã tem feira".

Foi numa dessas noites que fiquei sabendo porque Maria não voltara mais: tinha ficado noiva de um tal João não

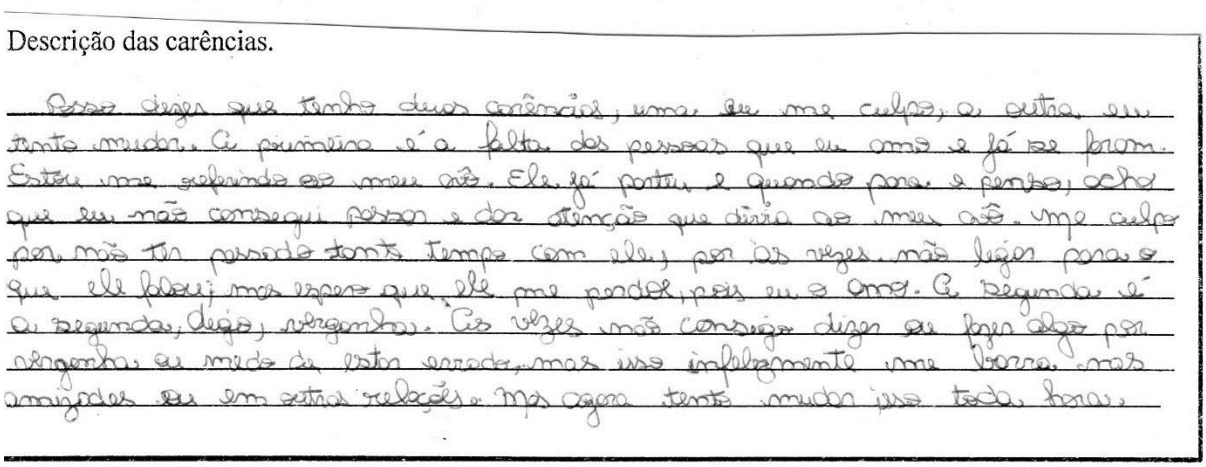
sei do quê. Quando escutei isso senti uma pontada no coração e uma enorme tristeza. Mas logo voltei a mim e pensei: diabo, quê que eu quero? por acaso queria que ela continuasse minha noiva? Acabei achando a idéia divertida, e pensei numa manchete de jornal assim: "Mulher apaixonada por um tatu mata-se." Seria engraçado.

AP 103

FIGURA 7

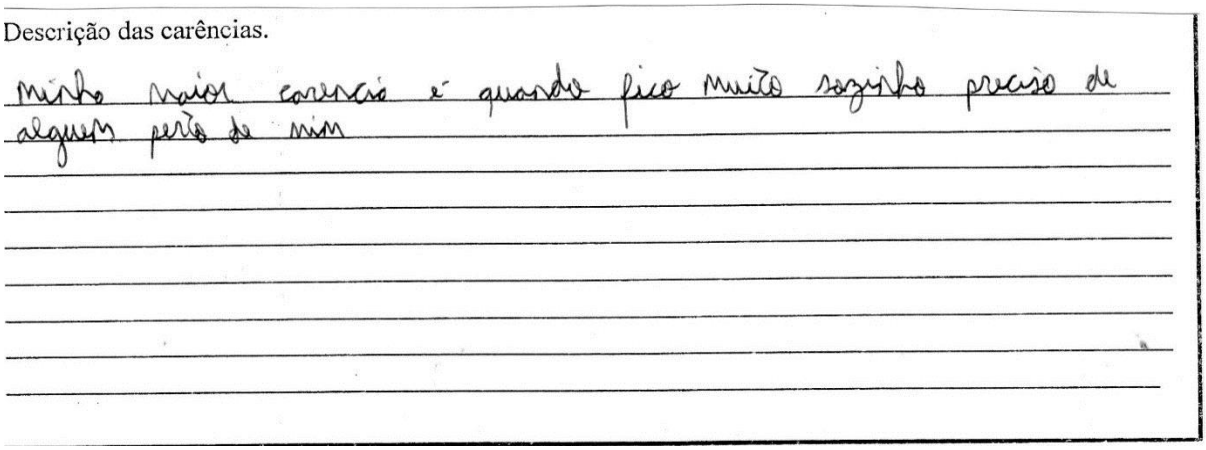
Método Criativo – carência

Ficha 1 – A/CAM/8/4


Descrição das carências.

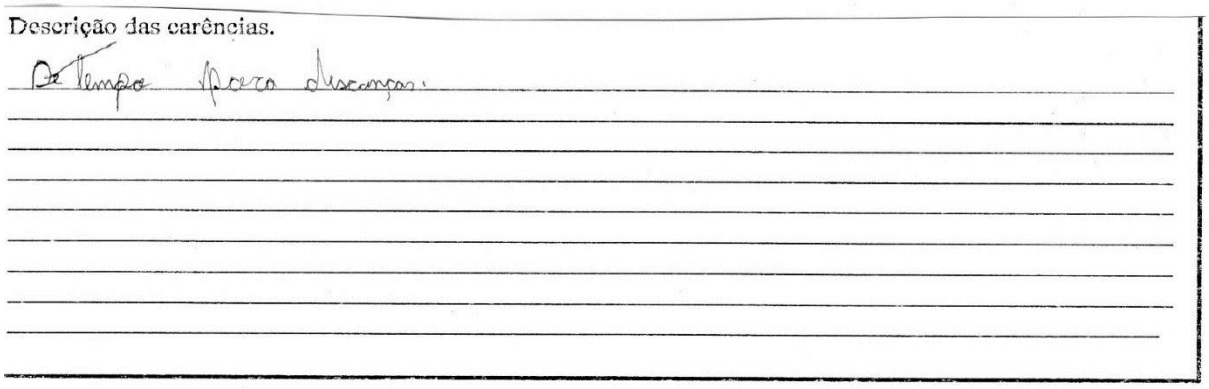
Posso dizer que tenho duas carências, uma de me culpo, a outra, eu tento mudar. A primeira é a falta das pessoas que eu amo e já se foram. Estou me referindo ao meu avô. Ele já partiu e quando penso, acho que eu não consegui passar a dor e atenção que dava ao meu avô. Uma culpa por não ter passado tanto tempo com ele, por às vezes não dizer para o que ele ficou; mas espero que ele me perdoe, pois eu o amo. A segunda é a segunda, digo, vergonha. Às vezes não consigo dizer ou fazer algo por vergonha ou medo de estar errada, mas isso infelizmente uma barreira nas amizades ou em outras relações. Mas agora tento mudar isso todas horas.

Ficha 2 – A/MARC/8/4


Descrição das carências.

Minha maior carência é quando fico muito sozinha preciso de alguém perto de mim

Ficha 3 – A/LUH/8/4


Descrição das carências.

De tempo para descansar.

AP 104

Método Criativo - descrição das carências dos alunos.

Folha 1

Descrição das carências.

Eu minha carência é de ter alguém perto, próximo de mim para me ajudar para entender o que sinto e os problemas que tenho. É eu ter que me virar sozinha como se eu fosse contar o que sinto, meus segredos, o que acontece comigo para as paredes.
A minha carência é de eu olhar para aquela pessoa e falar "Nossa, como você me faz falta minha irmã" É também de eu olhar para a casinha de minha cachorrinha e pensar que talvez poderia ter evitado sua morte. Essa é minha carência.

Descrição das carências.

Carência da presença do meu bisavô, da minha Tia avó e de certos amigos.
Infelizmente, perdi Tudo isso devido a dois motivos: a morte e a discussão.

Descrição das carências.

Minha carência é que desde pequena eu fui sozinha minha mãe trabalhava o dia todo e meu pai em outra cidade e quando ele voltou meus pais se separaram e então aos 4 anos minha mãe casou com o Ringo e ele tinha uma filha de 4 anos também e até os 10 anos nós nos víamos sempre, sabe eu finalmente tinha alguém e fomos crescendo e por causa dos nossos pais fomos nos afastando e eu fui ficando solitária demais. Minha carência é ter ela aqui comigo de novo

AP 105

Folha 2

Descrição das carências.

Saúdades de pessoas falecidas de minha família e amigos

Descrição das carências.

De meus avós maternos.

Descrição das carências.

Não acho que tenho uma carência, mas tenho medo de perder meus parentes como meu pai, mãe, minha irmã e minha avó materna, que são as pessoas que mais convivo no meu dia-a-dia. Também tenho medo de perder alguns amigos, não todos, alguns só. E também do meu cachorro que com o passar dos anos peguei amor por ele.

AP 106

Folha 3

Descrição das carências.

Minha carência sempre foi ter uma amiga, uma companheira mas eu tive o grande dia que ganhei minha rachelinha.

Descrição das carências.

Sinto falta de ter um irmão pois me sinto muito sozinho

Descrição das carências.

Eu tenho carência de atenção dos meus pais. Carência do meu namorado, pelas vezes que ele não esta comigo.

AP 107

Folha 4

Descrição das carências.

Minha carência é o fato de muitos não me conhecerem e ainda vim me julgarem mal, eu sinto falta de quando todos se conheciam e só depois disso julgavam uns aos outros

... "Você é o espelho que reflete a imagem do senhor. Não chore se o mundo ainda não notou já é o bastante Deus reconhecer o seu valor, você é preciosa mais raro que o ouro puro de ouro se você desistir Deus não vai desistir ele está aqui pra te levantar se o mundo te fizer cair..."

Minha carência era uma carência de Deus uma carencia de atenção, eu achava que ninguem se importava comigo

AP 108

Folha 5

Descrição das carências.

~~A~~ ~~minha~~ Eu não tenho nenhuma carência em casa

Descrição das carências.

Não possuo nenhum tipo de carência

Descrição das carências.

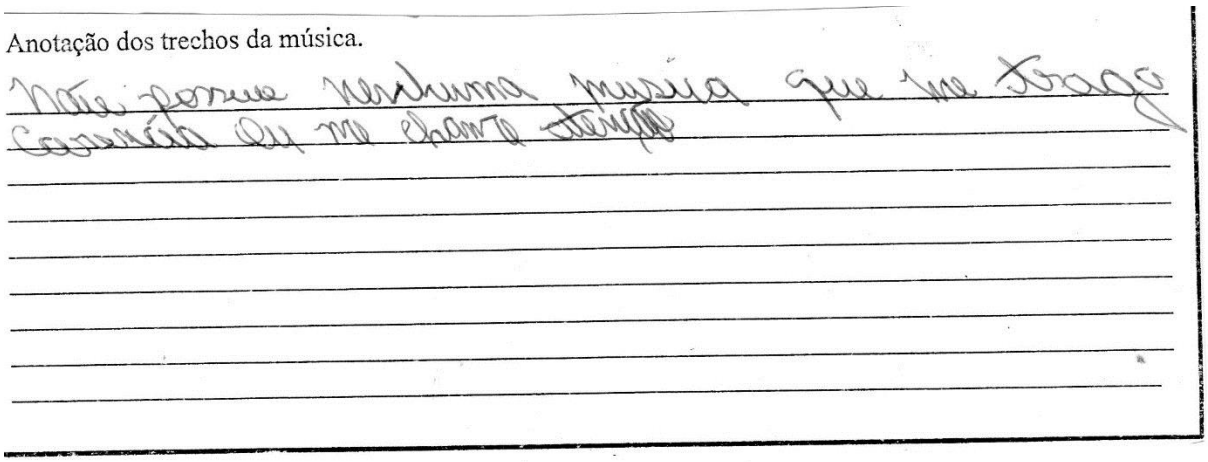
Não tem.

AP 109

FIGURA 8

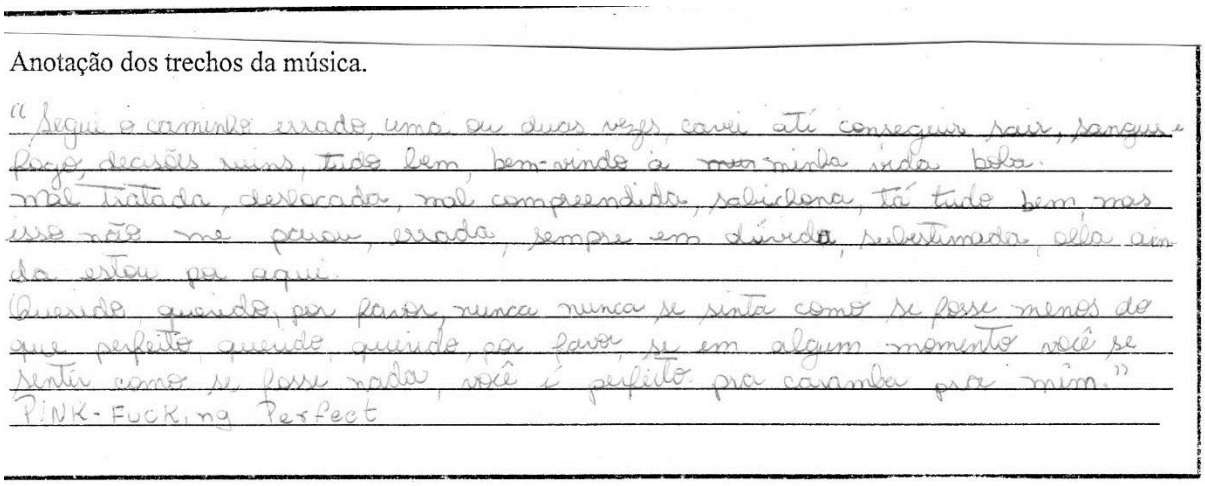
Método Criativo – música

Ficha 1 – A/MAT/8/4


Anotação dos trechos da música.

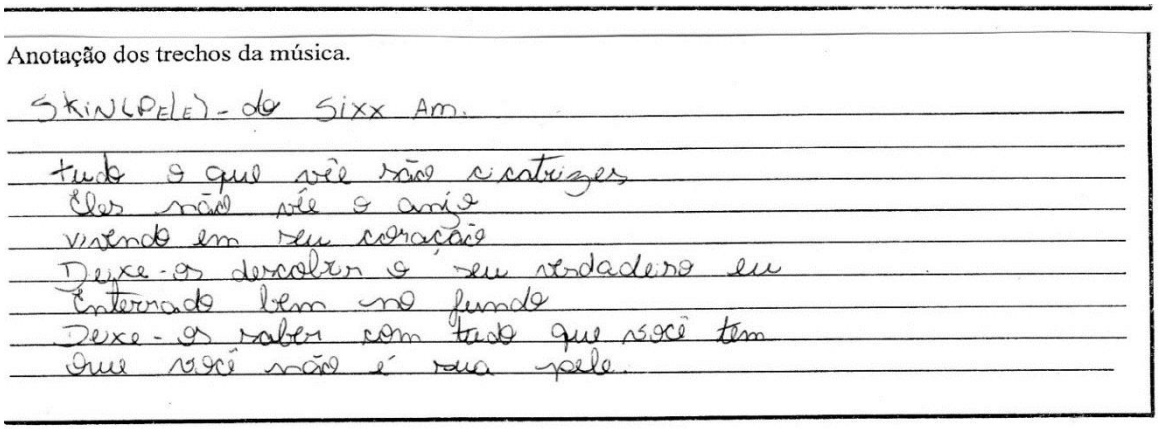
Não, porque nenhuma música que me traga
Consolo ou me chame atenção

Ficha 2 – A/ISA/8/4


Anotação dos trechos da música.

"Segui o caminho errado, uma ou duas vezes, caí até conseguir sair, sangue, fogo, decisões ruins, tudo bem, bem-vinde à minha vida bela.
Mal tratada, descascada, mal compreendida, sabichona, tá tudo bem mas isso não me parou, errada, sempre em dúvida, subestimada, olha ainda estou por aqui.
Querido, querido, por favor, nunca nunca se sinta como se fosse menos do que perfeito, querido, querido, por favor, se em algum momento você se sentir como se fosse nada, você é perfeito pra caramba pra mim."
P!NK - F*cK!ng Perfect

Ficha 3 –A/RAQ/8/4


Anotação dos trechos da música.

SKIN (PELE) - do Sixx Am.

Tudo o que vê não cicatrizes
Eles não vêe o anjo
vivendo em seu coração
Deixe-os descobrir o seu verdadeiro eu
Enterrado bem no fundo
Deixe-os saber com tudo que você tem
Que você não é sua pele.

AP 110

Folha 1

Anotação dos trechos da música.

Amar não é ter que ter sempre certeza. É aceitar que ninguém é perfeito pra ninguém. É poder ser você mesmo e não precisar fingir. É tentar esquecer e não conseguir fugir.	Eu quero só você Eu quero só você Não importa o que não dizer Eu quero só você Eu quero só você - Jorge e Mateus.

Anotação dos trechos da música.

"Amar não é ter que ter sempre certeza." "Afinal, será que amar é mesmo tudo?" - O Amor Eu Também Não Entendo / Sara Rues.

"Eu estive tão errada por tanto tempo, apenas tentando me agradar." "Mas eu e você fomos destinados a durar para sempre." - Whatcha Say / Jason Derulo.

Anotação dos trechos da música.

"Já pensei em te largar, já olhei tantas vezes pro lado mas quando penso em alguém, é por você que fecho os olhos"

AP 111

Folha 2

Anotação dos trechos da música.

"Eu olho para meu reflexo no espelho
Por que estou fazendo isso comigo mesma?
Perdendo minha cabeça por um pequeno erro
Eu quase deixei meu verdadeiro eu na prateleira"

Música: Who You Are
Cantora: Jessie J

Anotação dos trechos da música.

Amar, não é ter que ter
Sempre certeza
É aceitar, aquele alguém
É perfeito pra ninguém
É poder ser você mesmo
É não precisar fingir
É tentar esquecer
É não conseguir fugir, fugir.

Anotação dos trechos da música.

Música: "Mais que amigos"

"É com você que sorrir e chorar,
Toda a hora vamos caminhar."

"Quando da ajuda você precisar,
Dou minha vida pra lhe resgatar."

AP 112

Folha 3

Anotação dos trechos da música.

(outra música)

"Amigos, pra sempre
Sont amigos que nasceram pela fé
Amigos pra sempre
Para sempre amigos sim, se Deus quiser."

"... se eu me perder pelo caminho
quem me dará a mão?"

Anotação dos trechos da música.

Amar não é ter que ter
sempre certeza
É aceitar que ninguém
é perfeito pra ninguém
É poder ser Você mesmo
E não precisa fingir
É tentar esquecer
E não complicar. Fuja, fuja.

Anotação dos trechos da música.

O que Eu também não entendo - Jota Quest
"Amar não é ter que ter
Sempre certeza
É aceitar que ninguém
É perfeito pra ninguém
É poder ser você mesmo
E não precisa fingir ...

AP 113

Folha 4

Anotação dos trechos da música.

Agora o que vamos fazer?
Eu também não sei!
Afinal, será que amar.
É mesmo tudo?
De isso não é amor.
O que mais pode ser?
Estou aprendendo também.

"... porque você acha que está feliz? Feliz de verdade sou eu que que tenho família e tenho alguém para amar, já você pelo contrário: tem sobra dinheiro e te falta amor..."

Trecho do livro "Os fantasmas de Scrooge".

AP 114

FIGURA 9

Método Criativo – trecho do conto “Felicidade”

Ficha 1 – A/GIO/8/4

Anotação dos trechos do conto.

"Seu grito de solidão famais chegaria até ela quando então escutou seu nome suavemente e era ela sorrindo e dizendo fale alguma coisa querido."

"Outro amigo que estava perto riu também sem saber do quê que os dois estavam rindo e falou também qualquer coisa que não tinha nada a ver com o que os dois falaram e os três riram juntos e nenhum sabia direito de quê que estava rindo."

Ficha 2 – A/MARC/8/4

Anotação dos trechos do conto.

"E pela primeira vez na quela noite sentiu um pouco de felicidade"

Ficha 3 – A/ISA/8/4

Anotação dos trechos do conto.

"... e essa mulher do lado era também apenas uma casca sorrindo e ele sentiu como estava longe dela..."

"... e olhando para o chão e pensando o quê que ia falar se não tinha vontade de falar e ninguém ali e se não tinha nada para falar..."

"... franciscos-se no banheiro e sozinho e sentado... e pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade."

AP 115

Folha 1- Anotação do trecho escolhido do conto “Felicidade”

Anotação dos trechos do conto.

“Os dois deram uma gargalhada e ninguem tinha achado muita graça nisso e outro amigo que estava perto riu tambem sem saber de quê que os dois estavam rindo e falou tambem qualquer coisa ... e os três riram juntos e ninguem sabia direito de que estava rindo e pareciam muito amigos e felizes.

Anotação dos trechos do conto.

O conto retrata o aniversario de 40 anos do senhor Edgar nesse aniversário ele não estava confortavel, pois tinha que rir sem motivo e fingir que estava gostando, então finalmente quando ele vai ao banheiro e se sente livre de toda aquela desconfortância ele se sente feliz.

As vezes coisas simples e faceis nos faz feliz

Anotação dos trechos do conto.

“... pareciam muito amigos e felizes e todos ali no salão pareciam muito amigos e felizes com o cenário enchendo os copos e os salgadinhos enchendo as bocas e as risadas e conversas e gritos das mulheres e dos meninos na copa enchendo o apartamento de barulhos e movimento ...”

AP 116

Folha 2

Anotação dos trechos do conto.

pelo menos alguma coisa sorrindo ! !)

Anotação dos trechos do conto.

Conto: "Felicidade"

"... pensando o quê ia falar se não tinha vontade de falar a ninguém ali e se não tinha ~~vontade~~ nada para falar e então olhar de novo para a mulher e ele estava sozinho sozinho ..."

"... durante alguns minutos não teria de sorrir ou de falar ou de aperTar a mão de alguém ..."

Anotação dos trechos do conto.

Transeunte - Se ne banheira e sozinha e sentada na beira da banheira olhando para a porta trancada e pensando que pelo menos durante alguns minutos não teria de sorrir ou de falar ou de apertar a mão de alguém ela pela primeira vez naquela noite teria um pouco de felicidade.

AP 117

Folha 3

Anotação dos trechos do conto.

"Pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade"

"Os ~~Vezes~~ Vezes um momento é melhor que a festa" t

Anotação dos trechos do conto.

..." pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade."

Anotação dos trechos do conto.

"... pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade."

AP 118

Folha 4

Anotação dos trechos do conto.

Deu para perceber que Edgar não gosta muito de barulho ou de muita gente em um só lugar, porque estava todo mundo festejando e ele não estava feliz, o único momento que ele ficou realmente feliz, foi quando ele se viu longe de todo mundo, sem barulho, sem pessoas.

Anotação dos trechos do conto.

"Sentou-se no banheiro e sozinho sentado no quina do banheiro olhando para o forro trincado, pensando que daqueles cinco minutos não teria de sorrir ou de fingir ou de oferecer a mão de alguém ele pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade."

Anotação dos trechos do conto.

"... ele pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade."

AP 119

Folha 5

Anotação dos trechos do conto.

"... era também apenas um resto sorrindo e ele sentiu como se estivesse longe dela naquele instante tão perdidamente longe que sem querer teve saudade [illegible] até ela ..."

"... trancou-se novamente e sozinho e sentado na quina do banheiro olhando para o ralo trancado e pensando que pelo menos durante alguns minutos não teria de sorrir ou de falar ou de aceitar a não aceitação ... pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade"

Anotação dos trechos do conto.

"Ficaram com vergonha e ela ficou sozinha cantando e gritando com as próprias palavras e os dos outros que olharam e sorriam sem graça e ele também olhava e sorria sem graça e sem saber se olhava para a vizinha ou para os outros que olharam para ele..."

"De alguém ele pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade..."

Anotação dos trechos do conto.

"Ele sorria sem saber para que todo olhava ou o que fazia com as mãos (...) Todo o discurso e todos agora estavam em silêncio (...) E pela 1ª vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade.

AP 120

FIGURA 10

Método Criativo - conto "Amor".

Ficha 1 – A/LET/8/4

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

Quando ele começa a dar respostas ríspidas, pois parece uma criança brigada com ~~sua~~ outra.

Ficha 2 – A/LUF/8/4

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

"Ela já havia entrado no ônibus."

"Ele apenas olhou para ele; mas não correu, nem abaixou-lhe a mão."

"Ele ficou vendo se distanciar pela avenida, o rosto abatido, pensando por que o amor era tão difícil..."

Ficha 3 – A/MAT/8/4

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

Triste, pois quando a pessoa ama, ela permanece dentro da gente e com certeza o amor ficou dentro daquele frasco que provavelmente ficou esperando a sua amada voltar.

AP 121
Método Criativo – anotação de trechos do conto "Amor"

Folha 1

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

... O silêncio ia inteiras um quarteirão, quando ele disse:
– Porque não podemos passar sem brigas? Por que a gente tem sempre que brigar?
– Não é minha culpa
– Eu sei: é minha
– Hoje, por exemplo: eu estava só puxando conversa, e você....
– Foi rápido, já sei, não preciso começar tudo de novo.
– Quer saber de uma coisa? O melhor é nós terminarmos
– Terminarmos? – Ele sentiu um frio.
– Não combinamos mais mesmo.

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

Neste conto seja uma situação muito comum. Sempre, ou melhor, em quase em 80% dos casais que discutem esperam que o companheiro venha se desculpar após a discussão. Neste caso, os dois saem em esperança das ligações. Mas apesar, um fato inquietador, a discordância de opiniões em relação ao papel da vítima.

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

Bom eu não achei muito justo o fechamento, pois do já fiz declarações, tudo sem que o Thomas tivesse chance de argumentar, mas tirando isso achei o conto muito interessante

AP 122

Folha 2

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

~~to~~ Gostei da ação da mulher mesmo ligada com o marido conversa com ele.

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

Muito interessante pois revela o amor entre personagens e como ele pode acabar

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

Eu gostei da história, só achei sem final.

AP 123

Folha 3

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

A hora que ele vai ao teatro e ele da tchau e ela não acredita etchau.

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

Quando eles estão sem papo para conversar e inventa um assunto aleatório.

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

Bom, isso é um caso normal de se acontecer, discussões em relacionamentos acontecem constantemente.

AP 124

Folha 4

ofessora: Anotação das passagens pertinentes.

Enquanto o ônibus não vinha, ele ficava "embru-
ado" apenas olhando para o chão como duas crianças
rigadas.

AP 125

Folha 5

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

"Ele ficou vendo a família se distanciar pela avenida, e nada lhe Tirou, pensando por que o amor era Tão difícil."

"— Terminamos?
Ele sentiu um frio."

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

A parte que eu achei mais interessante foi quando ela disse "Você não é mais como antes, quando nos conhecemos". Sendo que eles aceitaram de se conhecer, não podem definir a personalidade do outro, é até engraçado e um pouco triste o fato que eles retratam a cena.

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

Não gostei do final, porque não se sabe na verdade o que aconteceu, mas gostei de quando eles começam a conversar quando aconteceu

AP 126

FIGURA 11

Método Criativo – Personagem

Ficha 1 – A/CAR/8/4

O que você faria no lugar do personagem?

Quando o ônibus chegasse em casa, esperaria ele me ligar, se não me ligasse, eu ligaria para podermos resolver a situação. Mas com certeza seria melhor se eles terminassem, pois parece que eles não se comunicam mais, ele está sempre cansado, e ela querendo atenção, acho que não daria mais certo.

Ficha 2 –A/LET/8/4

O que você faria no lugar do personagem?

Se eu percebesse que o amava e que ele realmente me ama também... eu voltaria atrás pediria desculpas e o abraçaria fortemente.

Ficha 3 – A/CAM/8/4

O que você faria no lugar do personagem?

Eu também faria a mesma coisa no lugar do personagem. Ficaria esperando a ligação e desculpas do meu namorado.

AP 127
Método Criativo– explicação do que fariam no lugar das personagens dos contos lidos.

Folha 1

O que você faria no lugar do personagem?

Quando o ônibus chegasse em casa, esperaria ele me ligar, se não me ligasse, eu ligaria para podermos resolver a situação. Mas com certeza seria melhor se eles terminassem, pois parece que eles não se comunicam mais, ele está sempre cansado, e ela querendo atenção, acho que não daria mais certo.

O que você faria no lugar do personagem?

Se eu percebesse que o amava e que ele realmente me ama também,... eu voltaria atrás, pediria desculpas e o abraçaria fortemente.

O que você faria no lugar do personagem?

Eu também faria a mesma coisa no lugar do personagem. Ficaria esperando a ligação e desculpas do meu namorado.

AP 128

Folha 2

O que você faria no lugar do personagem?

No lugar dele eu procuraria outra garota, não ligava mais para ela.

O que você faria no lugar do personagem?

Se eu fosse a mulher que estaria no ônibus eu começaria a motorista a parar o veículo falando que a pessoa que eu "amo" me abandonaria se eu não fosse atrás dela, correria até o homem e o abraçaria com toda a força do meu corpo esquecendo o mundo ao meu redor, falaria Tudo o que eu sinto e o que passei até chegar a ele.

O que você faria no lugar do personagem?

Eu sairia no ônibus assim como ela, e não correria atrás dele até ELE pedir perdão.

AP 129

Folha 3

O que você faria no lugar do personagem?

Iria embora e esperaria o outro dia para fazer a ligação, que havia comentado

O que você faria no lugar do personagem?

Iria embora, depois que me despedisse e depois de refletir ligaria com o grupo para resolver a situação do roubo.

O que você faria no lugar do personagem?

Ficaria brava com a ação da mulher.

AP 130

Folha 4

O que você faria no lugar do personagem?

Simplesmente iria ir para casa procurar outra menina namorar ela é contínua a vida, pois ela é uma

O que você faria no lugar do personagem?

Eu me arrependeria e depois ligaria para ela pedindo perdão por isso não é certo

O que você faria no lugar do personagem?

Se eu fosse o homem eu iria a traz dela para tentar reatar pois quando o amor existe não pode ser separado de uma hora para outra

AP 131

Folha 5

O que você faria no lugar do personagem?

Sairia correndo atraz do onibus não importa para onde passe, correria atraz de onde da minha vida

AP 132

FIGURA 12 A

Método Criativo – conclusão

Aluna: A/MAR/8/4

1) Qual o conteúdo da mensagem?

Dia das Mães.

2) Como será expresso esse conteúdo?

Através de uma carta.

3) A quem a mensagem se dirige?

À minha mãe.

4) Como será transmitida ao destinatário?

A carta será entregue pessoalmente.

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

Até o Dia das Mães.

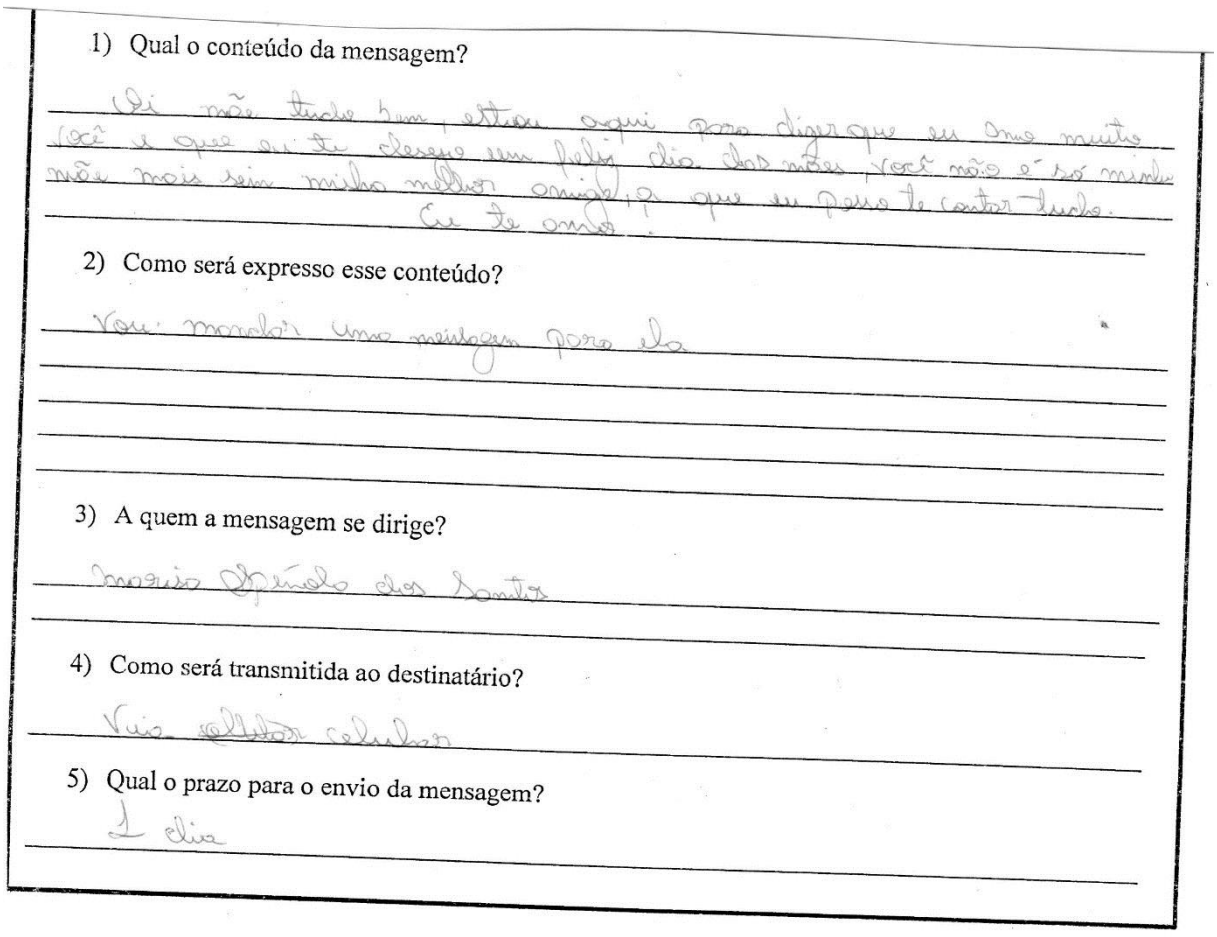
Mãe,

Sabe por que tem um dia dedicado só a você? Porque ser mãe é ser guerreira, protetora, delicada, cuidadosa, paciente, tudo isso ao mesmo tempo, transmitido por um sentimento muito forte: o amor. Parabéns por você além de ser a melhor mãe do mundo, ser minha amiga, meu amigo e meu porto seguro. Te amo!

Mariana

AP 133
Método Criativo – elaboração do trabalho final do método.

Folha 1



1) Qual o conteúdo da mensagem?

Oi mãe tudo bem, estou aqui para dizer que eu amo muito você e que eu te desejo um feliz dia das mães, você não é só minha mãe mais sim minha melhor amiga, e que eu posso te contar tudo. Eu te amo.

2) Como será expresso esse conteúdo?

Vou mandar uma mensagem para ela

3) A quem a mensagem se dirige?

Maria Aparecida dos Santos

4) Como será transmitida ao destinatário?

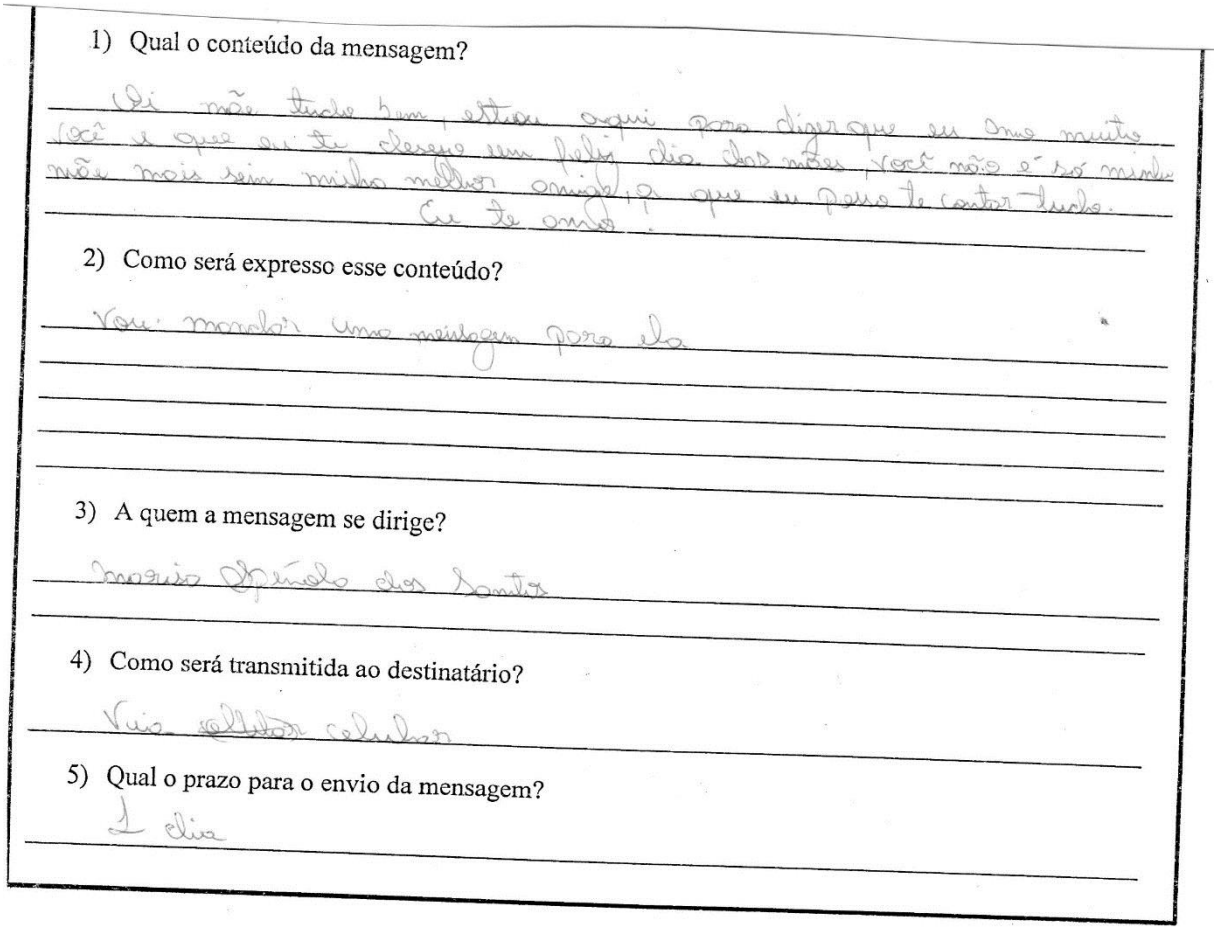
Vai ser por celular

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

1 dia

AP 134

Folha 2



1) Qual o conteúdo da mensagem?

Oi mãe tudo bem, estou aqui para dizer que eu amo muito você e que eu te desejo um feliz dia das mães você não é só minha mãe mais sim minha melhor amiga, e que eu peço te contar tudo. Eu te amo.

2) Como será expresso esse conteúdo?

Vou mandar uma mensagem para ela

3) A quem a mensagem se dirige?

Maria Aparecida dos Santos

4) Como será transmitida ao destinatário?

Vai [illegible] celular

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

1 dia

AP 135

Folha 3

1) Qual o conteúdo da mensagem?

mensagem do dia das mães

2) Como será expresso esse conteúdo?

Uma carta.

3) A quem a mensagem se dirige?

minha mãe.

4) Como será transmitida ao destinatário?

Entregue pessoalmente.

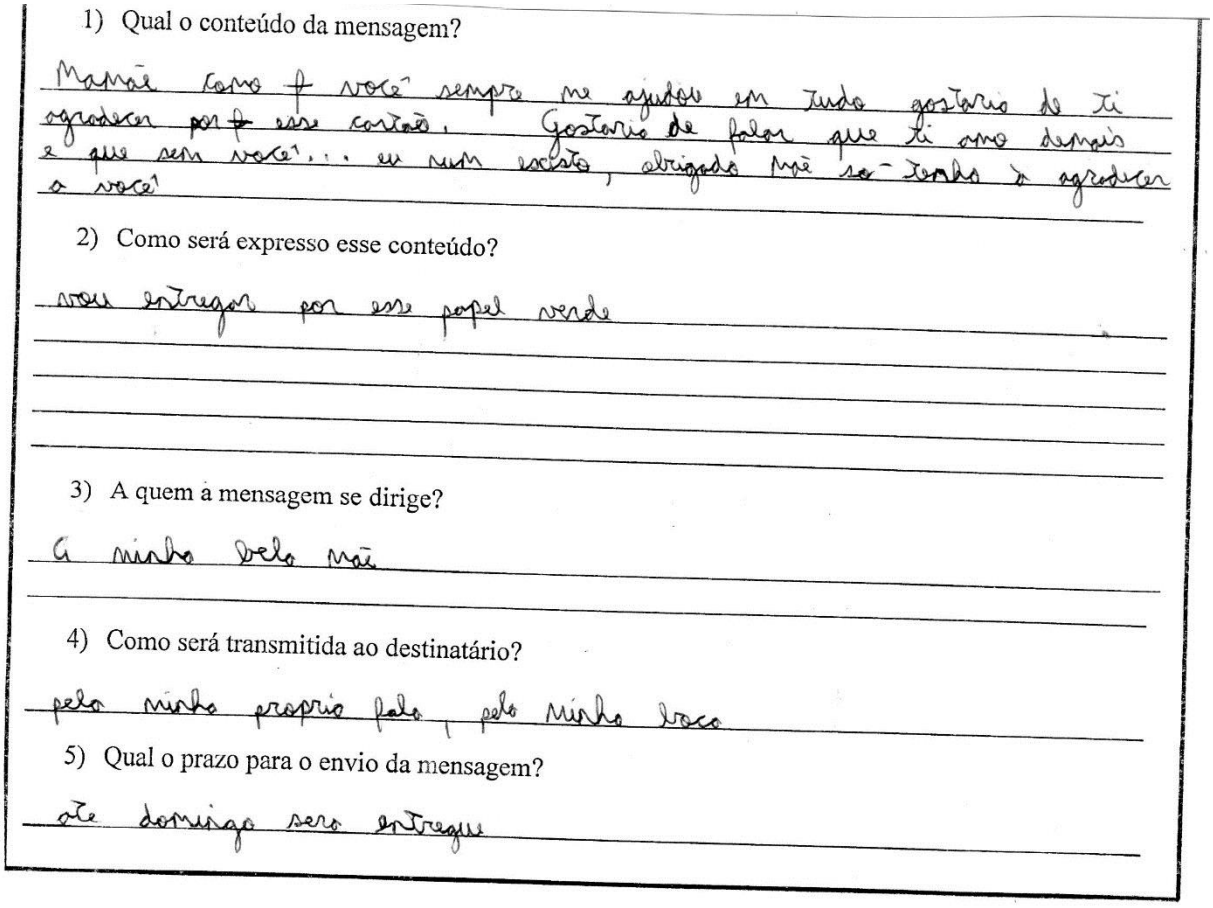
5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

Até o Dia das mães.

FELIZ
DIA
DAS
MÃES
EM
RO
ER
CO
ES
DO
O
R
A

AP 136

Folha 4



1) Qual o conteúdo da mensagem?

Mamãe como você sempre me ajudou em tudo gostaria de ti agradecer por esse carinho. Gostaria de falar que ti amo demais e que sem você... eu num existo, obrigado mãe só tenho a agradecer a você

2) Como será expresso esse conteúdo?

vou entregar por esse papel verde

3) A quem a mensagem se dirige?

A minha bela mãe

4) Como será transmitida ao destinatário?

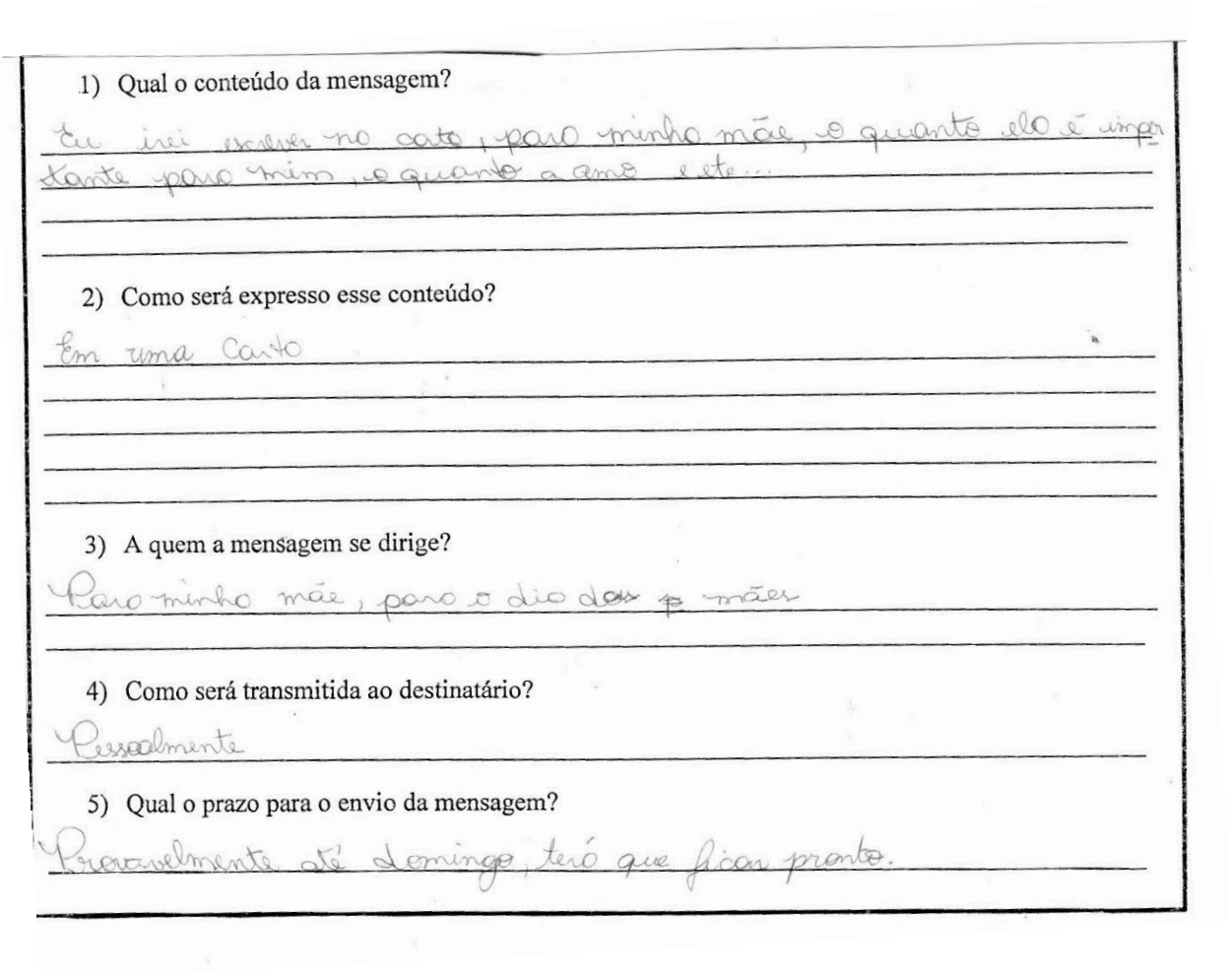
pela minha propria fala, pela minha boca

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

até domingo sera entregue

AP 137

Folha 5



1) Qual o conteúdo da mensagem?

Eu irei escrever no carta, para minha mãe, o quanto ela é importante para mim, e quanto a amo e ete...

2) Como será expresso esse conteúdo?

Em uma Carta

3) A quem a mensagem se dirige?

Para minha mãe, para o dia das ~~p~~ mães

4) Como será transmitida ao destinatário?

Pessoalmente

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

Provavelmente até domingo, terá que ficar pronto.

AP 138

Folha 6

1) Qual o conteúdo da mensagem?

mensagem do dias dos mães

2) Como será expresso esse conteúdo?

mensagem de celular

3) A quem a mensagem se dirige?

Minha mãe

4) Como será transmitida ao destinatário?

através de mensagem de celular

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

Dia das mães

Mãe sei que eu sou falha ~~as~~ e muitas vezes te desobedeço mas vou tentar melhorar, agradeço por tudo que você faz por mim

Feliz dia
dos mães

AP 139

Folha 7

1) Qual o conteúdo da mensagem?

Feliz dia das Mães.

2) Como será expresso esse conteúdo?

Em uma carta.

3) A quem a mensagem se dirige?

Minha mãe.

4) Como será transmitida ao destinatário?

Pessoalmente.

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

Mais ou menos uma semana.

AP 140

Folha 8

1) Qual o conteúdo da mensagem?

Feliz dia das Mães.

2) Como será expresso esse conteúdo?

Em uma carta.

3) A quem a mensagem se dirige?

Minha mãe.

4) Como será transmitida ao destinatário?

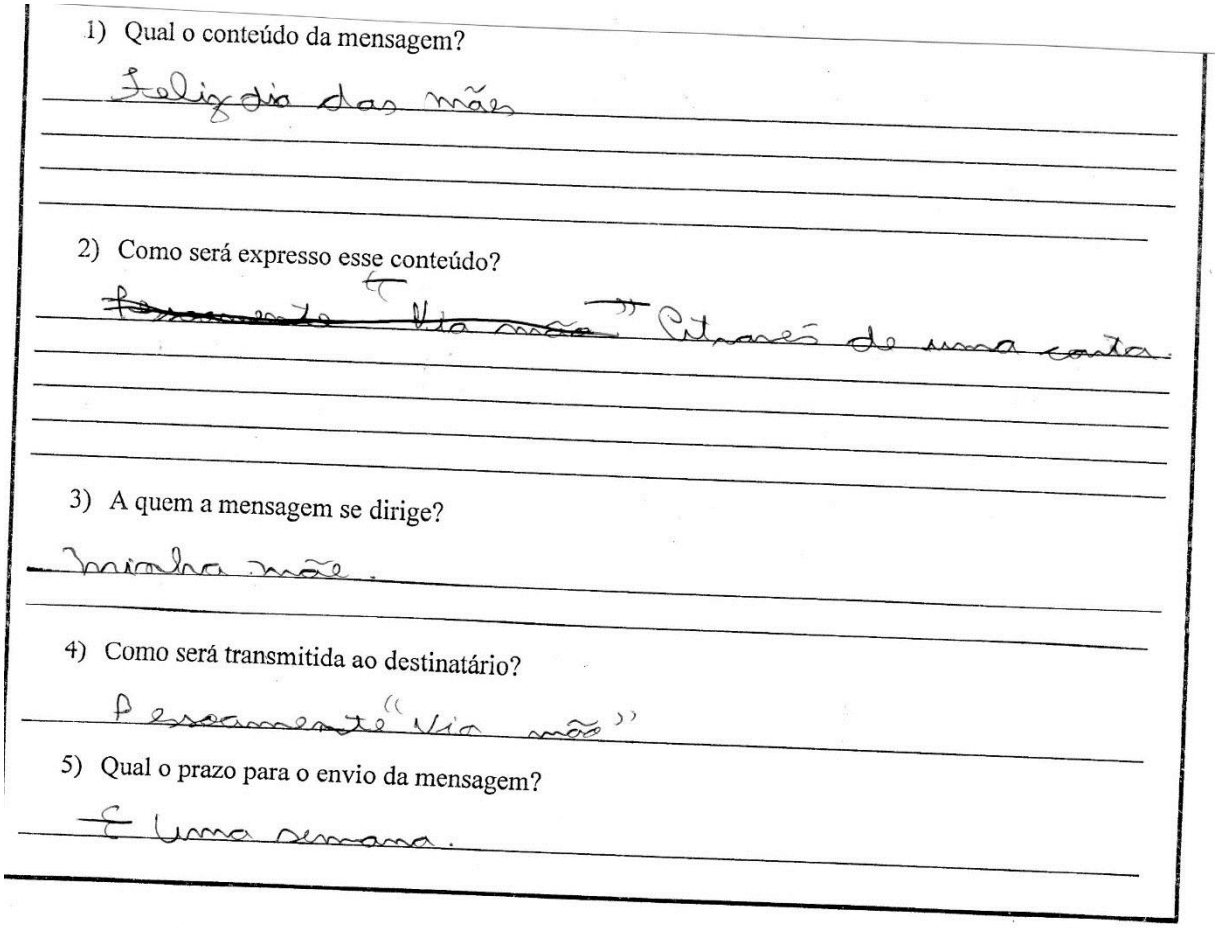
Pessoalmente.

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

Mais ou menos uma semana.

AP 141

Folha 9



1) Qual o conteúdo da mensagem?

Feliz dia das mães

2) Como será expresso esse conteúdo?

~~Pessoalmente "Via mão"~~ Através de uma carta.

3) A quem a mensagem se dirige?

Minha mãe.

4) Como será transmitida ao destinatário?

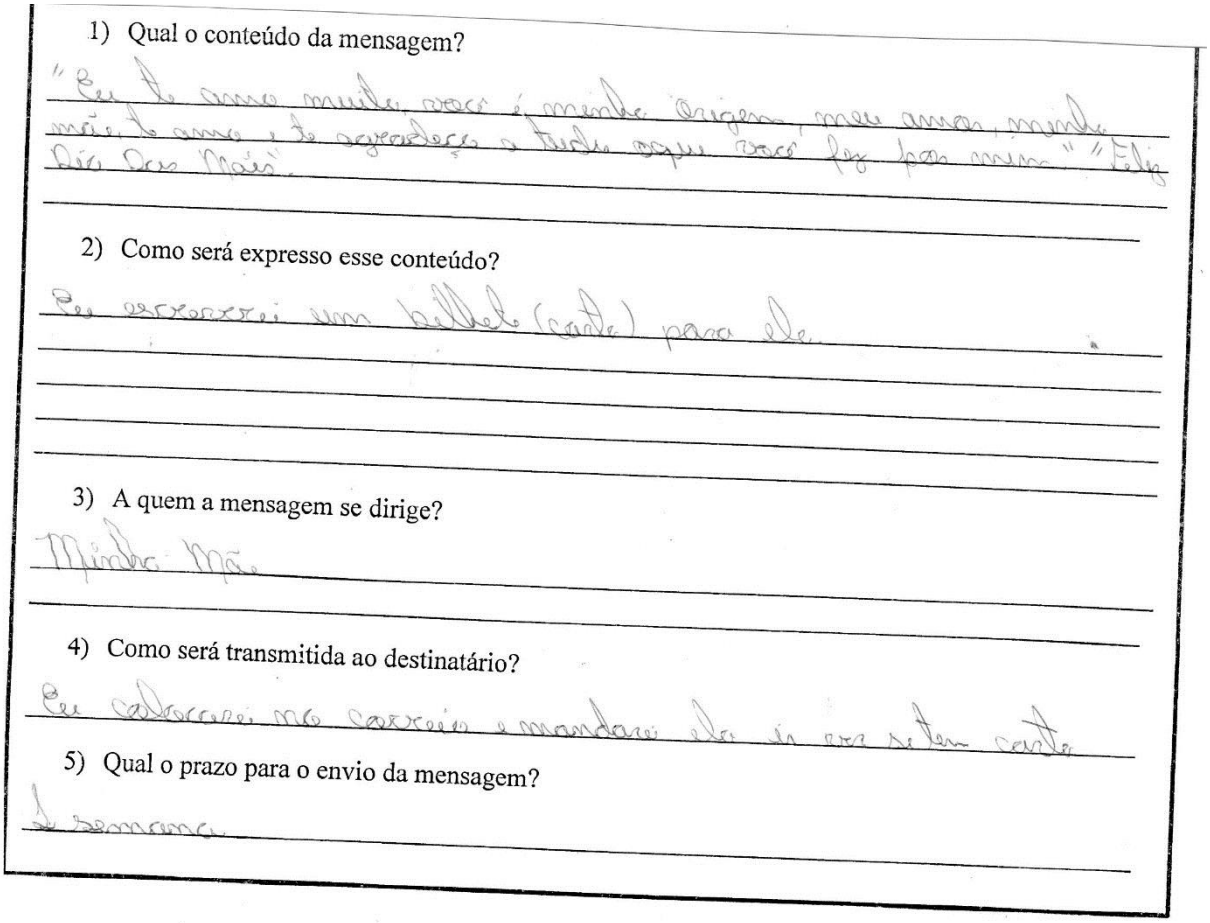
Pessoalmente "Via mão"

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

É uma semana.

AP 142

Folha 10



1) Qual o conteúdo da mensagem?

"Eu te amo muito, você é minha origem, meu amor, minha mãe, te amo e te agradeço a tudo oque você fez por mim." "Feliz Dia Das Mães"

2) Como será expresso esse conteúdo?

Eu escreverei um bilhete (carta) para ela.

3) A quem a mensagem se dirige?

Minha Mãe.

4) Como será transmitida ao destinatário?

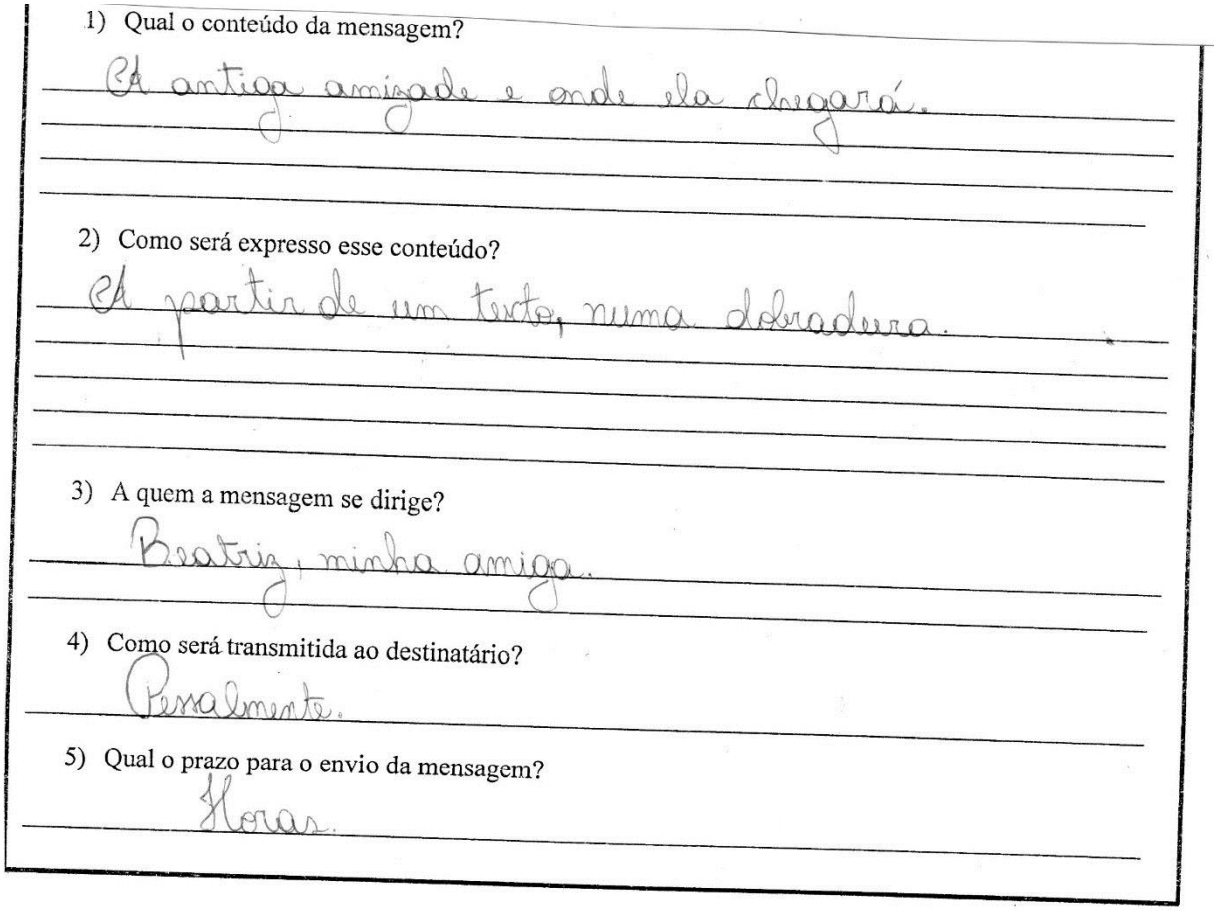
Eu colocarei no correio e mandarei ela irá ver se tem carta

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

1 semana.

AP 143

Folha 11



1) Qual o conteúdo da mensagem?

Da antiga amizade e onde ela chegará.

2) Como será expresso esse conteúdo?

A partir de um texto, numa dobradura.

3) A quem a mensagem se dirige?

Beatriz, minha amiga.

4) Como será transmitida ao destinatário?

Pessalmente.

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

Horas.

AP 144

Folha 12

1) Qual o conteúdo da mensagem?

Desejará parabéns a minha avó que está fazendo aniversário.

2) Como será expresso esse conteúdo?

Será escrito (escrita) em um suporte, o papel no qual expressarei a mensagem.

3) A quem a mensagem se dirige?

A minha avó paterna.

4) Como será transmitida ao destinatário?

Através de uma carta entregado pessoalmente.

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

No máximo até o dia 8/5.

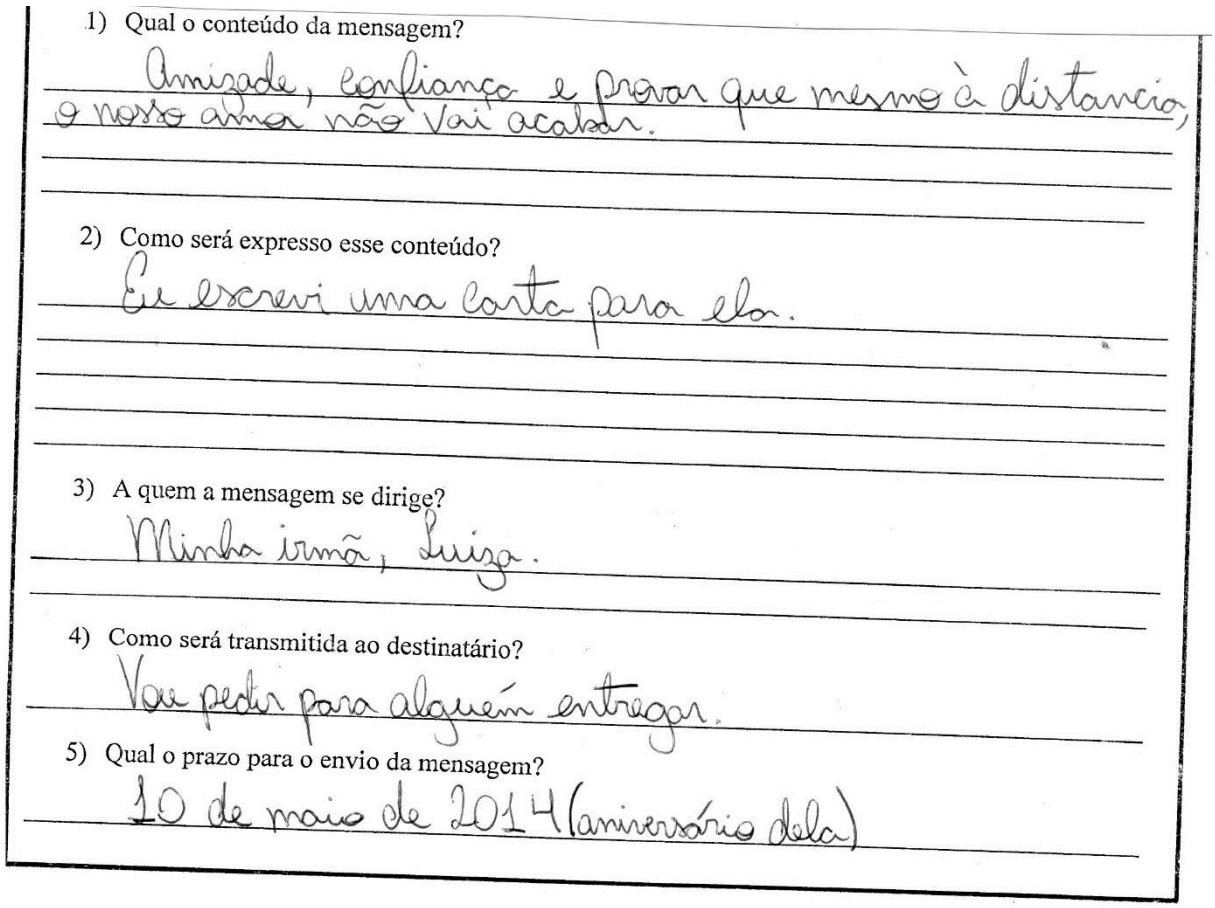
PARABÉNS...!!

Nesta dia muito especial, quero desejar a minha querida avó; muitas saúde, paz, amor e alegria, além disso dizer que Te amo muito ♥

Camila

AP 145

Folha 13



1) Qual o conteúdo da mensagem?

Amizade, confiança e provar que mesmo à distancia, o nosso amor não vai acabar.

2) Como será expresso esse conteúdo?

Eu escrevi uma carta para ela.

3) A quem a mensagem se dirige?

Minha irmã, Luiza.

4) Como será transmitida ao destinatário?

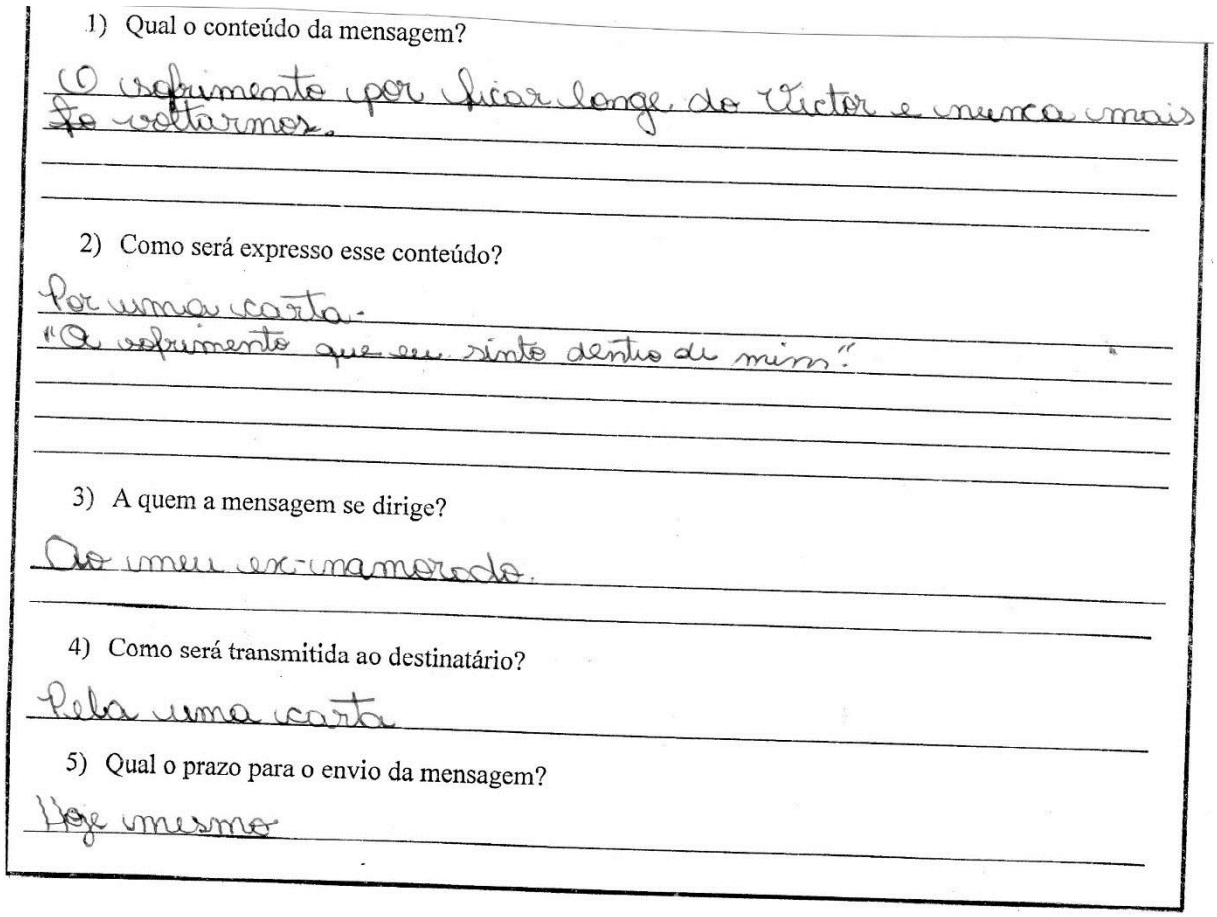
Vou pedir para alguém entregar.

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

10 de maio de 2014 (aniversário dela)

AP 146

Folha 14



1) Qual o conteúdo da mensagem?

O sofrimento por ficar longe do Victor e nunca mais ~~te~~ voltarmos.

2) Como será expresso esse conteúdo?

Por uma carta.
"O sofrimento que eu sinto dentro de mim."

3) A quem a mensagem se dirige?

Ao meu ex-namorado.

4) Como será transmitida ao destinatário?

Pela uma carta

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

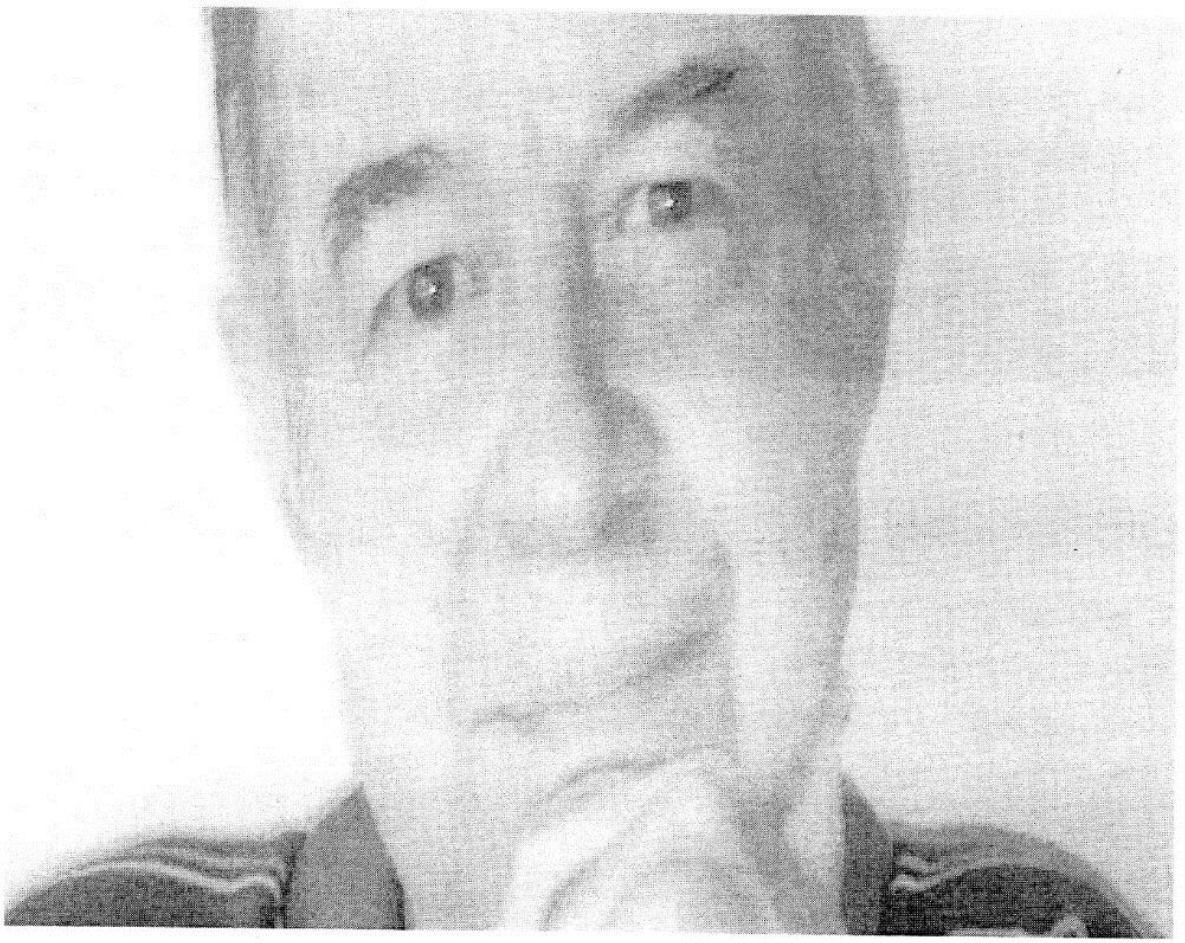
Hoje mesmo

AP 147

FIGURA 12 B

Método Criativo – conclusão

Conto:"Imagem"
Autor:Luiz Vilela



A dúvida destemida

Eu cresci,eu vivi.

Tô à toa,to de boa.

Só me intriga uma coisa,

O que eu sou de verdade,

Ninguém sabe.

Sai perguntando o que acham de mim,

Mas dizer a verdade ninguém tá afim.

A vida é cheia de dúvidas e descobertas,

Umas erradas e outras certas.

Eu quero seguir a minha vida,

E a dúvida destemida,

Um dia será resolvida.

E a verdade vou transformar em liberdade.

A sociedade em igualdade.

E o amor em cumplicidade.

Relatório

Depois de muitas discussões,o grupo decidiu relatar um poema demonstrativo sobre o conto "Imagem",em que uma aluna ficou responsável por relatar o poema(Mariana)e as restantes em interpretar o poema através de sinais(Beatriz ,Fabiana,Camila,Letícia,Nathália e Raquel).

Este trabalho foi muito divertido e interativo,pois cada uma conseguiu expressar a sua ideia,opinião para formar este trabalho se divertindo ao mesmo tempo.

TERCEIRO MOMENTO

MÉTODO RECEPCIONAL

CONTOS TRABALHADOS:

“Por toda vida” (2001)
“Pai e filho” (2001)
“Escapando com a bola” (1979)

AP 148

PLANEJAMENTO

Método Recepcional – currículo por áreas

Conteúdo
Leitura: uma prática social.

Material
Contos de Luiz Vilela: “**Por toda vida**”, “**Pai e filho**” e “**Escapando com a bola**”.

Objetivo
Proporcionar ao aluno contatos com textos que representem problemas sociais no Brasil.

Procedimentos didáticos
Determinação do horizonte de expectativa
O professor traz para a sala jornais da semana e os distribui para os alunos. Propõe uma sessão de leitura livre. Durante a leitura, circula entre as carteiras, observando os assuntos escolhidos pelos alunos. Ao término da leitura, o professor promove um debate informal sobre os temas levantados. Extraindo deste o tema que será trabalhado com a turma – problemas sociais atuais. Sugere, então, que levantem, das notícias lidas, elementos que representem o tema.

Atendimento do horizonte de expectativas
Os alunos, dentro de cada grupo, leem a obra escolhida. Definem juntos, já que estarão divididos por grupo temático, o tema de pesquisa e transcrevem este para uma cartolina que fixam na parede, próxima a eles, para que todos os alunos possam ver o problema levantado por cada grupo a partir do conto escolhido.

Formulação de hipóteses
Para atender os interesses levantados pelos alunos sobre o tema, o professor propõe a leitura do conto “**Pai e filho**” do escritor Luiz Vilela. Tece comentário a partir da capa do livro, despertando leituras, motivando a curiosidade dos alunos, sem revelar as pistas e a solução do mistério.
Na data combinada, efetua-se a leitura coletiva, desenvolvido da seguinte maneira: reunidos em círculo cada aluno lê uma parte do conto. O professor não entrega aos alunos a última parte do conto levantando questionamentos sobre o que teria ocorrido com a personagem filho.

Ruptura do horizonte de expectativas
A atividade propiciará a revelação dos elementos textuais extraídos do texto, revelando as angústias que envolvem um pai na tentativa de entender a tragédia vivida por seu filho. Os alunos são divididos em dois grandes grupos para debater quais as possibilidades de a personagem filho ter optado por aquele caminho.
.

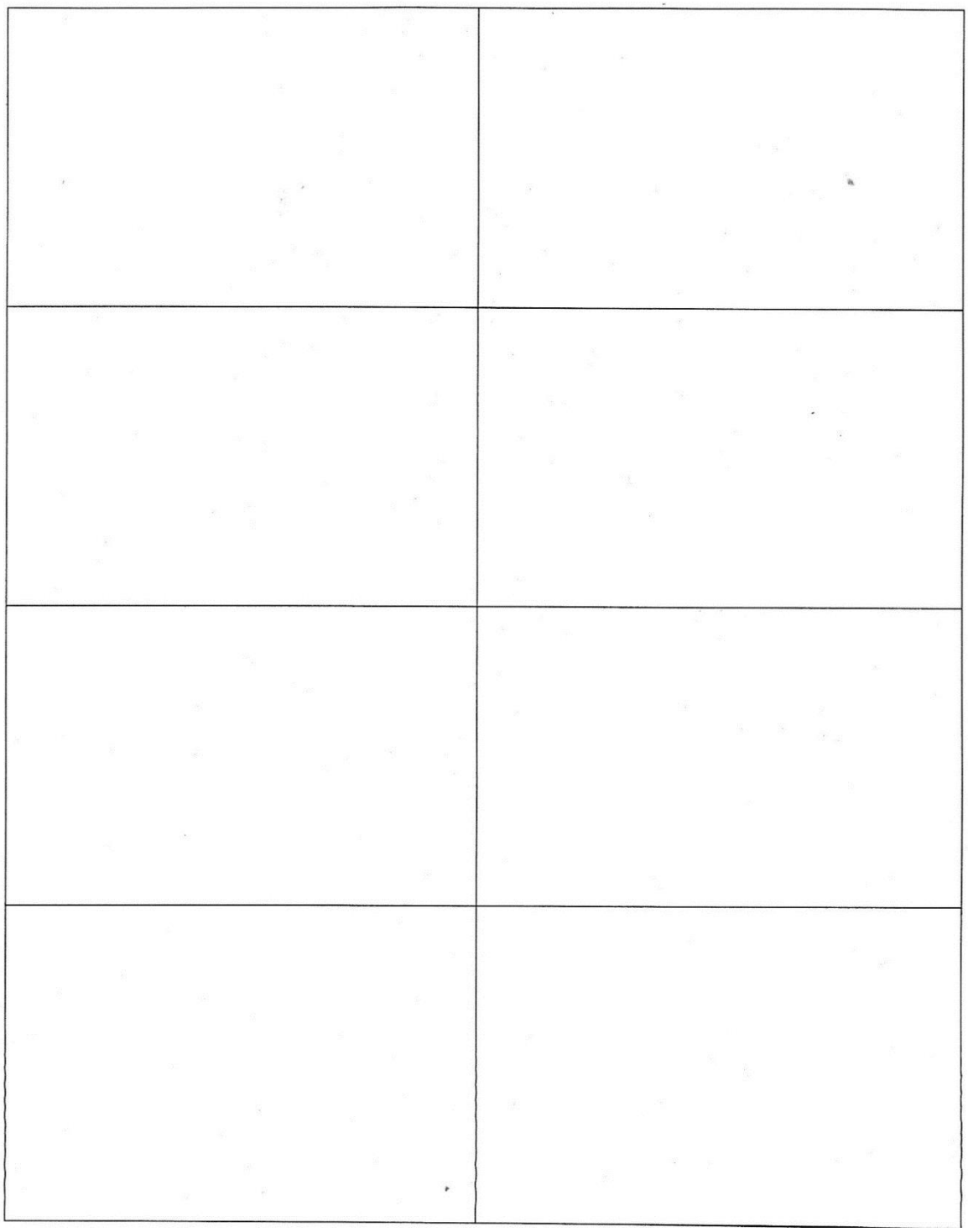
Questionamento do horizonte de expectativa
O professor relembrando as atividades realizadas e contextualizando sua fala, propõe a leitura dos contos "**Por toda a vida**" e "**Escapando com a bola**". A atividade é realizada com os alunos divididos em dois grupos e é proposta uma representação teatral do dois contos. Após esse momento é solicitado aos alunos que elaborem histórias em quadrinhos sobre os três contos trabalhados e ocorre uma discussão sobre os trabalhos que será realizado.

Ampliação do horizonte de expectativas
A discussão anterior provavelmente coincidirá sobre a constatação das regras impostas pela sociedade ou da influência que esta tem em nossas vidas, em nossa formação. De posse desses dados, o professor questiona-os sobre: Como a sociedade determina o comportamento das pessoas? O professor incentiva-os a relacionar às questões com o conteúdo que vem sendo estudado.

AP 149

Método Recepcional- Modelo de atividade

Faça sua História em Quadrinhos



AP 150

Método Recepcional – Conto: "Por toda vida"

Por toda a vida

Ele trabalhava numa carpintaria. Quando a sirene apitava, às cinco horas, ela corria para a janela da sala e ficava esperando ele passar na calçada. Ele surgia com o rosto já voltado na direção da janela, sabendo que ela estaria ali, à sua espera. Cumprimentava-a com ligeira inclinação da cabeça, ao que ela respondia, também com uma inclinação.

Então ela deu o primeiro sorriso: ele ficou olhando, muito perturbado, e, sem saber o que fazer, tornou a inclinar a cabeça. E na tarde seguinte os dois sorriram ao mesmo tempo. E na outra tarde, de longe ele já a viu no portão.

E chegou o momento de se dizerem as primeiras frases. Um ano depois, entre risos e beijos, recordariam este momento, quando estavam tão perturbados, tão apaixonados um pelo outro, que nenhum dos dois conseguia falar nada, nem mesmo uma dessas frases banais sobre o tempo.

Toda tarde ela ia esperá-lo no portão, e ficavam conversando: ela do lado de dentro, ele na calçada. Ele

falava sobre sua vida: viera de uma cidadezinha do interior, onde ainda viviam os pais. Eram pobres: o pai era pedreiro, a mãe trabalhava numa padaria. Ele viera com um amigo, num transporte de carga, gostara da cidade e resolvera ficar. Depois entrara para a carpintaria, serviço que já fazia antes, em sua terra. Estava satisfeito; não ganhava muito, mas gostava do serviço. Ainda haveria de ter um dia sua própria carpintaria. Mas, para isso, teria de trabalhar muito ainda.

Ela contou que também não eram ricos: o pai tinha um armazém, viviam disso. Eram cinco irmãos, todos menores e estudando. A despesa era grande. O pai trabalhava muito para dar conta. A mãe ajudava na costura, fazendo as roupas dos meninos. Ela era a filha mais velha e ajudava fazendo bordados para fora.

— Nós já somos pobres, e você ainda namora um rapaz mais pobre do que nós? — falou a mãe, que não via com bons olhos aquele namoro.

— Quê que tem isso, Mamãe? Ele é trabalhador, inteligente.

— Isso não basta. Sem dinheiro, ninguém vale nada hoje. É o dinheiro que manda. Em toda parte é assim. Você ainda é moça e inexperiente. É melhor casar com um homem bom e rico do que com um homem bom e pobre. Não estou desfazendo dele, parece até ser muito bom rapaz. Mas você ainda é inexperiente. Casar hoje com uma pessoa pobre não é um bom negócio.

— E a senhora, não casou?

— Casei. Mas naquele tempo as coisas eram diferentes, não eram como hoje. A vida era mais fácil.

Hoje a pessoa que não tem sua conta no banco não consegue nada, é um joão-ninguém.

— Eu gosto dele. E ele gosta de mim.

— Amor só não basta.

— Há muita gente que é pobre e vive feliz; mais feliz do que outros, que são ricos.

— Isso é invenção dessas novelas de rádio, minha filha; a realidade não é assim. Qualquer um sabe que é melhor ser rico do que ser pobre. Se a gente pudesse escolher, não havia um só pobre no mundo.

— Nós não somos ricos, e vivemos felizes.

— Inês, você não me escutou sempre? Você não sabe que tudo o que eu falo é para o seu bem? Então por que você não quer me atender agora, minha filha? Você não tem experiência da vida. João pode ser um rapaz muito bom, não digo que não seja; mas há tantos outros aí, tantos outros que também são bons e que estão em situação melhor que a dele...

— A senhora parece ter mágoa de ser pobre.

— Minha filha...

— Nem sei o que é amor para a senhora. A senhora parece que só pensa em dinheiro.

— É assim que você agradece os conselhos de sua mãe?...

De noite saíam de mãos dadas pelo quarteirão, parando na loja de roupas da esquina para olhar as vitrines. Do que viam ali quase nada podiam comprar, mas faziam muitos planos.

— Quando formos ricos — ela dizia.

— Nós ainda seremos ricos — ele completava.

No domingo iam ao cinema. Ele vinha de terno e gravata — sempre o mesmo terno azul-marinho —, a camisa muito branca e impecavelmente passada. Aquela pobreza digna e limpa a encantava.

Ele dizia:

— Gosto de uma roupa bem passada.

E esse pequeno capricho, que ela achava maravilhoso, como que fazia desaparecer sua pobreza. Ela o adorava. Ele também a adorava.

— Um dia ainda teremos tudo — ele disse: — uma casa grande, arejada, com jardim e quintal, os melhores móveis, carro, roupas finas, tudo do bom e do melhor...

— E uma porção de filhos também.

— Também. Filhos para encher a casa inteira...

Eles se abraçavam no escuro e juravam amor por toda a vida.

A mãe, cansada de falar, entregou a filha à Santa Inês, que era sua santa protetora. O pai quase nada falava. Escutava as conversas, presenciava as discussões, e ora concordava com uma, ora concordava com outra. Chegava muito cansado do serviço. Dizia para a mulher que orientasse bem a filha; para a filha, dizia que pensasse no que estava fazendo. E ia jogar baralho na casa dos amigos.

O resto da família se dividia: os a favor e os contra. Os a favor falavam no trabalho e na inteligência do rapaz. Os contra falavam na pobreza. Quanto aos dois, não ligavam para uns nem para outros. Só pensavam no seu amor. Decidiram se casar, e nada no mundo poderia impedir isso.

Depois de um curto noivado, casaram-se e foram passar a lua-de-mel no Rio. Ficaram poucos dias, por causa do dinheiro, que era pouco.

Foram morar numa casinha, de propriedade do pai dela. A mãe relutara um pouco, por causa do genro, a quem não ocultava sua hostilidade; mas como estava em jogo também a filha, e como, afinal de contas, a burrada — assim se referia ela àquele casamento — já estava feita e não tinha mais conserto, o jeito era cooperar, do melhor modo que pudesse.

O aluguel era barato. Com o dinheiro que ele ganhava e mais o pouco que ela recebia pelos bordados — que continuava a fazer, e mais agora, para ajudar na despesa —, viviam razoavelmente bem.

Tudo na casa era modesto: os móveis, os enfeites, os talheres. Alguns dos objetos tinham sido presentes do casamento, e sendo pobre tanto a família dela quanto a dele (a dele mais ainda), os objetos tinham sido escolhidos entre os mais baratos nas lojas da cidade. O presente mais caro fora dos pais dela: a bateria da cozinha. Dos pais dele fora a Sagrada Ceia de madeira, que colocaram na parede da copa. O patrão, que muito o estimava, dera um jogo de talheres. Tios e amigos da família dela haviam dado as outras coisas: jarras, jogos de copos e de xícaras, manteigueira, faca de pão, cinzeiros, uma plaquinha de madeira com a figura de dois pombinhos trazendo nos bicos uma faixa com a frase: "Aqui reina o amor e a felicidade". A placa foi pendurada à entrada da sala.

À tarde ela o esperava no portãozinho da rua. Ele vinha com o rosto cansado. Diziam frases curtas sobre

a lida do dia, e, quando entravam, ele a puxava contra si e beijavam-se.

Depois iam para a cozinha. Ele olhava as panelas, suspirando fundo e dizendo:

— Hum...

— No forno tem bolinho de arroz — ela dizia.

Era o preferido dele.

Ele abria o forno:

— Olha para lá: faz de conta que você não está vendo...

Tirava dois: um que segurava na mão, e o outro, que punha inteiro na boca e ia comendo a caminho do banheiro.

Ela, enquanto acabava de fazer a comida, escutava-o no banheiro, lavando-se e cantando músicas de carnaval. Largava um minuto as panelas, unia as mãos, e, erguendo os olhos para o alto, dizia baixinho:

— Meu Deus, eu vos agradeço, eu vos agradeço...

Os apertos vieram com o primeiro filho, que batizaram de Antônio, em homenagem ao avô paterno. Era um garotinho mirrado e vivia nos médicos e farmácias. As consultas caras, os remédios pela hora da morte: no fim do mês as contas por pagar e a falta de dinheiro — empréstimos, dívidas. A mulher punha o pequeno para dormir e ficava até mais de meia-noite bordando, enquanto ele, do outro lado da mesa, conferia contas e recibos. Não, se o patrão não aumentasse o seu ordenado, ele teria de procurar outro serviço. Daquele jeito não era mais possível...

Ele era bom empregado, e o patrão aumentou. A sogra soube e insinuou um aumento no aluguel: quatro

filhos para educar, todos pequenos, só de grupo quanto não tinham pago aquele mês?

Depois que a sogra saiu, ele disse para a mulher:

— Sua mãe é mais sovina que não sei o quê...

— Ela é minha mãe.

— E daí? Eu gosto muito de você; mas sua mãe, faça-me o favor. Ela é tarada com dinheiro...

— É minha mãe, viu! — a mulher gritou, batendo o pé.

Ele deu uma risadinha e saiu para a rua.

O menino começou a chorar no quarto. Ela o pegou. O menino não parava de chorar. Ela gritou. O menino chorou mais ainda, e ela também começou a chorar: chorava e ninava o menino e pedia à Nossa Senhora que tivesse pena dela e de todos eles.

Com um ano o menino arribou, as visitas ao médico se espaçaram, a despesa diminuiu.

Então veio o segundo filho. Isto é: os segundos — duas menininhas.

— Meu Deus! — ele exclamou, torcendo as mãos.

As gêmeas nasceram bem fortes e mamavam que nem duas bezerrinhas, no dizer da mãe, cujo leite acabou logo no começo. Ela tinha de comprar leite em pó. Nem bem uma lata acabava, ela já comprava outra.

Ele viu o restinho no fundo da lata e disse que ela não se importava de fazer economia, não colaborava com ele. Ela ficou calada, para evitar discussão. Ele continuou: disse que tanto tinha de sovina a mãe quanto tinha ela de esbanjadora. Por exemplo, aquela armação dos óculos (óculos que ela acabara usando, por causa

do bordado à noite): havia outras que custavam a metade do preço. Mas ela gostava de coisas finas...

— Eu já disse que as outras estavam me machucando.

— Gosta de luxo... Quem sabe você pensa que é a Gina Lollobrigida?... — ele segurou-lhe o queixo.

Ela fugiu de sua mão, afastando o rosto — e sentindo o cheiro da pinga. Começou a chorar.

— Chora, chora... Lágrimas de pecadora arrependida...

No outro dia ele pediu-lhe desculpas e explicou que estava muito chateado: pedira novo aumento ao patrão, e ele negara — um explorador, só pensava no bolso dele, os empregados que se danassem.

— Ele tem sido tão bom para você, bem...

— Bom? Aquele ladrão? Pois sim... Um velhaco, isso é o que ele é.

Ela queixou-se à mãe: toda tarde ele chegava meio embriagado. A mãe não teve meias palavras:

— Essa gentinha é assim mesmo: quando não dá em ladrão, dá em pinguço.

A filha se derreteu em lágrimas, o pai veio consolá-la. Abraçando-a e dando tapinhas no ombro, repreendia a mulher:

— Isso é coisa que se fale de um genro, Joana?

A mulher não parou:

— Falta de prevenir é que não foi. Cansei de falar.

A filha chorava, o pai dando tapinhas:

— Isso passa, minha filha; todo homem tem dessas coisas, todo homem gosta de tomar seu traguinho

de vez em quando. Seu pai mesmo não é assim? E no entanto, modéstia à parte, não sou bom marido e bom pai? São coisas; deixa a situação de vocês melhorar, que isso passa, você vai ver. Pode confiar no seu pai, eu sei como são essas coisas...

Enfim as coisas melhoraram. O patrão não só aumentou seu ordenado, como também logo depois o convidou para substituir o gerente, que morrera.

— O senhor é como um pai para mim — ele disse, sem saber como externar sua gratidão.

Passou a vestir-se melhor e a barbear-se todo dia. Era outra coisa dar ordens. Às vezes ficava na parte mais alta da oficina, observando o serviço: guinchos de serras, motores resfolegando, homens carregando tábuas, batidas de martelo, um cheiro bom de madeira e de verniz — e de repente sua imaginação estava longe. Enchia o peito, empinava o queixo: mas, por enquanto, era só o gerente — e ia dar uma ordem.

Em casa a despesa começava a se equilibrar. Os meninos cresciam sadios, com uma ou outra doença ocasional. A mulher continuava bordando para fora. Quando ele chegava, de noite, das reuniões, ainda a encontrava curvada sobre a máquina.

— Planejaram muitas coisas hoje?... — ela perguntou, olhando por cima dos óculos, enquanto ele se mirava no espelho, primeiro de frente e depois de perfil, antes de desatar a gravata.

— Mais ou menos...

— Vou ter de comprar uns carretéis novos amanhã.

— O quê?

— Uns carretéis. Uns carretéis de linha.

— Sei...

Ela tornou a olhar por cima dos óculos: ele admirava os dentes.

Depois ele foi assobiando baixo para o quarto, terminando a música num grande bocejo de braços abertos — ela o seguia por cima dos óculos.

Dez minutos depois, ela já o encontrou roncando. Deitada ao lado dele, ficou de olhos abertos, escutando os latidos do cão no vizinho.

De manhã, sozinha no quarto, contemplou-se no espelho: magra.

— Magérrima — corrigiu-se.

Branca. Branquela. Anêmica. E aqueles óculos — parecia uma velha. Como seria a outra? Cheia, macia, perfumada... Ele a abraçaria, lhe diria palavras de amor, lhe daria beijos na despedida...

— "Reuniões" — e ela atirou os óculos com força na cama, sem coragem de quebrá-los.

Gritou pelo menino: o menino não respondeu.

— Esse diabinho... Ele me paga...

Pegou a correia velha e saiu atrás do menino.

— Você grita demais com esses meninos — ele disse após o almoço, palitando os dentes, enquanto lia o jornal.

Ela não respondeu, e gritou mais ainda.

Ele foi para a sala, levando o jornal. Espichou os pés sobre a mesinha nova de fórmica, acendeu um cigarro, e continuou a ler a notícia sobre o lançamento de mais um foguete espacial.

AP 151

Método Recepcional – Conto: “Pai e filho”

Pai e filho

— Eu ainda estou muito chocado — ele disse. — Você compreende: um filho; e, depois, nessas circunstâncias. Foi muito duro...

— E a Diná?

— Para ela também; foi muito duro para todos nós. Foi muito cruel. Depois, com o tempo, parece que a gente vai se acostumando. Não é bem se acostumando: não tem jeito de se acostumar com uma coisa dessas; é que a gente vai ficando mais forte. Mesmo assim, ainda estou muito chocado.

Ele ficou um instante olhando para o chão. Depois olhou para mim, com uma expressão amável:

— Você toma uma cerveja, Rubens?

— Obrigado, Geraldo — eu disse. — Não precisa se incomodar.

— Não é incômodo, é um prazer. Você toma?

— Bom, se tiver...

— Um momentinho só — ele disse.

Levantou-se e foi pelo pequeno corredor.

Eu fiquei olhando a sala. Era uma sala como qualquer outra de uma pessoa de classe média. Lá estava,

inclusive, sobre a televisão, a infalível jarra com flores de plástico, as flores já encardidas e perdendo a cor.

Escutei o barulho da porta da geladeira batendo. Depois o barulho de copos. Depois o de Geraldo abrindo a garrafa, a tampinha caindo no ladrilho.

Ele então veio. Pôs o copo na mesinha, em minha frente, e encheu-o:

— Você não vai tomar? — perguntei.

— Não faz muito tempo que jantei — ele disse; — estou com o estômago cheio, não gosto de beber assim.

Ficou um instante como que a se lembrar de algo.

— Espere mais um minutinho — disse, e voltou à cozinha.

Geraldo era gordo e andava lento; devia pesar uns noventa quilos. No tempo do ginásio ele já era gordo e tinha o apelido de Geraldão.

Passado um pouco, ele veio, trazendo um pratinho: azeitonas pretas.

— Não precisava se incomodar, Geraldo...

— Não é incômodo, Rubens...

Tomei um gole da cerveja, depois espetei uma azeitona.

Geraldo, no sofá, olhava de novo para o chão. Deduzi logo em que ele pensava. Parecia que ele não conseguia pensar em outra coisa que não fosse aquilo. Eu tinha decidido a não tocar no assunto, mas logo vi que aquela era a única coisa de que ele poderia falar.

E foi ele mesmo que recomeçou:

— O pior, sabe, é que eu não consigo entender; não consigo entender como isso veio a acontecer. Ele

era um menino tão bom, Rubens; tão direitinho... Como que ele foi se meter nisso?

— Uma pessoa nessa idade, Geraldo, uma pessoa com dezoito anos, uma pessoa nessa idade tem muitos problemas — eu disse, tentando consolá-lo. — Você sabe disso mais do que eu. Às vezes há coisas que a gente ignora. Quero dizer: coisas que não têm relação direta com a gente, com os pais.

— Mas que coisas, Rubens? O que faltava para ele? Tudo o que nós pudemos dar a ele nós demos. É verdade que às vezes uma coisa ou outra a gente não pôde dar, porque também não somos ricos. Mas isso eu posso dizer: o que estava ao nosso alcance, nós demos. E não falo só de coisas, mas de afeição; sempre fomos carinhosos com ele, compreensivos. Alguma falha a gente pode ter tido, mas que pai que não teve? Que pai pode dizer que deu ao filho uma educação perfeita?

— É verdade — eu falei.

— E depois... Não era difícil, sabe? Ele nunca nos deu grandes problemas; ele foi sempre um menino obediente, amável... Ele era, dos filhos, o que tinha conosco mais carinho. Pelo menos até quando ele começou a se modificar.

— E quando você notou isso nele? Essa modificação...

— Quando? Bom, não sei dizer bem quando. Sei que eu comecei a observá-lo e a notar nele certas atitudes; umas atitudes diferentes, um modo ríspido de tratar a gente... Pensei que isso devia ser coisa passageira,

fase da adolescência... Mas depois fui percebendo que não era, que era algo mais profundo, mais sério...

— Ele não conversava com você?

— Conversava, mas não sobre essas coisas: conversava sobre coisas à toa, coisas sem maior importância; mas, mesmo sobre elas, a gente conversava cada vez menos. Era esquisito: era como se a gente fosse se tornando estranho um para o outro, como se a gente não fosse pai e filho. Às vezes fico pensando; fico pensando se eu não devia ter sido mais enérgico e pedido a ele que se abrisse comigo. Talvez eu não tenha tido suficiente autoridade; não é o que todo mundo diz hoje dos pais?

Ele olhou para mim, com um misto de amargura e ironia.

— Algum tempo atrás, sabe, antes de isso acontecer, eu li um artigo de um psiquiatra sobre os pais e a juventude hoje. O artigo era meio complicado, mas alguma coisa deu para eu entender. Minha conclusão sabe qual foi? Que eu era um monstro. Se aquilo tudo era mesmo verdade e eu tinha entendido direito; então eu era um monstro. Cheguei em casa deprimido; fui ao espelho, e fiquei olhando a figura daquele homem gordo e careca, com cara de boi sonso. Pensei: imagine só, esse sujeito aí um monstro...

— Se a gente fosse levar a sério tudo o que esse pessoal diz, a gente estava perdido — eu falei.

— Eu, um pobre-diabo que passou a vida dando duro para educar quatro filhos e dar a eles um pouco de felicidade, descobria de repente que eu era um

monstro, que eu tinha feito, sem saber, uma porção de coisas erradas; tinha, às vezes, "de um modo irremediável", como dizia o artigo, desgraçado a vida dos meus filhos. E tudo sem eu saber: isso é que era o mais chato...

Abanou a cabeça:

— Quem sabe?... Quem sabe até que ponto esse psiquiatra tem razão? Quantas vezes a gente não faz o mal pensando que está fazendo o bem? Até que ponto a gente tem consciência das coisas que faz?

— E com a Diná? — eu perguntei. — Ele também não conversava?

— Com a Diná? Sabe, a Diná é boa mãe, mas ela foi sempre muito seca com os meninos; e quem sabe isso também não terá influído?... Já pensei nisso também, a gente pensa em tudo nessas ocasiões. Falta de carinho da mãe, falta de autoridade do pai... Mas, eu me pergunto, seria mesmo falta de autoridade? O que acontece é que eu sempre procurei respeitar a liberdade de meus filhos. Você mesmo sabe disso.

— Sei.

— E se eu nem sempre consegui isso, pelo menos me esforcei por conseguir. Assim, eu procurava respeitar os silêncios dele. Pode ser também que... Sabe, ele andava com umas respostas tão rudes, que às vezes eu tinha medo de falar com ele... Não sei... Acontece que ele raramente parava em casa, e a gente não se encontrava. Ele parecia mais uma visita do que uma pessoa que morava aqui. Foi nessa ocasião que ele me disse que tinha arranjado uma representação de livros

e que passaria a viajar pelo interior. Nós ficamos muito alegres; saber que ele ia trabalhar já dava à gente uma certa tranqüilidade. Pensei: isso vai ter ótimas conseqüências para ele. Eu nunca, nem de longe, duvidei de nada; toda vez que ele chegava de uma viagem e contava como tinha sido o trabalho, eu acreditava, acreditava em tudo. E, depois, também, é assim: um sujeito que trabalha o dia inteiro não tem muito tempo para ficar desconfiando das coisas. Eu só comecei mesmo a desconfiar depois, uma vez que ele chegou de uma viagem e estava muito magro, com um aspecto preocupado. Ele passou quase uma semana em casa. Ficava a maior parte do tempo fechado no quarto, só saía à rua para comprar cigarro. Diná disse que o cinzeiro dele, no fim do dia, estava abarrotado. A gente via que tinha qualquer coisa de errado com ele; a gente via. Mas não deu nem tempo de descobrir...

Ele fez uma pausa, e então olhou para a garrafa de cerveja; pegou-a para pôr mais em meu copo.

— Não precisa, Geraldo; está bom.

— Isso é para você mesmo — ele disse, e encheu o copo, acabando de esvaziar a garrafa. — Vou buscar mais umas azeitonas...

— Não, não — eu o brequei: — só essas; está ótimo.

Ele sorriu e ficou de novo olhando para o chão.

— Foi nessa ocasião que nós o vimos pela última vez — disse, continuando. — Foi um domingo, véspera do meu aniversário. De manhã chegou um telegrama para ele, e pouco depois ele disse que tinha

de viajar à tarde. Achei esquisito ele ter de viajar assim, tão de repente; mas ele disse que era uma coisa urgente, que tinha acontecido um problema na firma. Disse também que não precisávamos nos preocupar, não era nada sério. Perguntei se ele não podia esperar até o dia seguinte. O que eu queria mesmo perguntar é se ele não podia passar meu aniversário em casa... Mas não falei isso; talvez eu tivesse medo de ver que ele nem estava lembrando do aniversário... É uma coisa boba, sem importância, mas aniversário aqui a gente sempre passa junto, come uma comidinha diferente, toma um vinho... Sabe como é: tradição de família... Ele disse que não podia, que tinha mesmo de viajar. Nós almoçamos quase em silêncio esse dia; parecia que... Não sei se você acredita em pressentimento...

Fiz um gesto vago. Ele tornou a olhar para o chão; falava sempre olhando para o chão.

— Parecia que a gente estava sabendo que era a última vez... Depois, acabamos de almoçar, ele pegou a mala e se despediu de nós. Quando ele já estava no portão, voltou, veio até mim e falou: "Amanhã é aniversário do senhor..." E me deu um abraço...

Geraldo passou a mão nos olhos.

— É muito duro... muito cruel... A gente faz força para agüentar, mas... É um filho, você compreende...

Ele tirou um lenço do bolso de trás da calça e enxugou os olhos; depois deu uma assoada forte.

— Eu vou trazer uma azeitonas, Rubens — falou, naquela voz entrecortada, o que chegou a ficar meio cômico.

— Não, Geraldo, eu já parei; obrigado. Estava ótimo.

— E mais uma cerveja?

— Não, obrigado.

Ele passou a mão nos olhos já secos.

— É duro; às vezes a gente acha que já não sente mais tanto, que já se acostumou; mas vem um amigo e...

— Eu não devia ter tocado no assunto — falei.

— Não — ele protestou, — não é isso; é a gente mesmo que... Parece que é uma necessidade de contar... Isso alivia um pouco...

Peguei o maço de cigarros e ofereci a ele.

— Obrigado — ele recusou; — estou vendo se vou parando aos poucos. O médico aconselhou.

— Só um... — eu falei.

— Bom: um de vez em quando...

Ele pegou: eu acendi os dois. Ele deu uma tragada funda e foi soltando devagar. Notei que foi bom para ele: ele se relaxou um pouco — e tinha sido esta a minha intenção.

Eu pensei que ele já havia terminado, mas aquela necessidade de contar, de contar tudo até o fim, era mais forte do que ele. Parecia uma coisa que fora ligada dentro dele e que só poderia parar à hora que a história terminasse.

— Foi seis dias depois que aconteceu — ele disse, dessa vez olhando na direção da janela, para o escuro do pequeno jardim lá fora. — Quer dizer: que eu fiquei sabendo, pois o fato mesmo foi no dia anterior — esclareceu já controlado, com aquela calma que

vem depois de um momento de emoção e lágrimas. — Eu tinha saído de manhã para o serviço. No ponto final do lotação tem uma banca onde eu sempre compro jornal. Eu comprei e fui folheando. E então, lá na última página, estava a fotografia: "Terrorista morto pela polícia".

Ele fez uma pausa e olhou para mim:

— Ele estava furado de balas, Rubens. Tinha buraco de bala por todo o corpo: no peito, na barriga, nas pernas, no rosto. Deram tiro nele em toda parte.

Fez outra pausa, fumou e, olhando agora para o ar, continuou:

— Não foi fácil trazer o corpo para aqui: houve uma série de problemas com a polícia. Quando conseguimos, já era de tarde; ele teve de ser enterrado quase que imediatamente. O corpo já estava cheirando mal. Ele não ficou nem uma hora aqui. A decomposição estava sendo muito rápida.

Ficamos um momento em silêncio. Ele apagou o cigarro no cinzeiro.

— Esse é o primeiro cigarro que eu fumo em uma semana — me disse, sorrindo.

— Por culpa minha — eu falei.

— Não, não tem importância: de vez em quando eu fumo um; tenho até um maço aí, comigo. O médico pediu apenas que eu diminuísse. Precaução; você sabe, um cara gordo como eu... Se a gente não toma cuidado... Não quero morrer cedo não...

AP 152

Método Recepcional – conto: “Escapando com a bola”

ESCAPANDO COM A BOLA

Seria ele? Meu Deus, mas como estava acabado! Cabelos grisalhos, magro, enrugado... Mas, não tinha mais dúvida, era ele mesmo. Então acabou de entrar no bar e foi até a mesa do fundo, onde ele estava, o único freguês àquela hora da tarde. Parou à sua frente:

— Canhoto...

O outro encarou-o: ao reconhecê-lo, teve uma súbita e intensa expressão de ódio — um ódio que vinha daquele tempo, que atravessara todos aqueles anos e que agora irrompia no rosto como uma explosão.

Esperava por uma reação hostil, o que seria natural, mas não tão forte assim. Sentiu-se desconcertado, sem saber como prosseguir; mas a determinação que o trouxera até aquele lugar e aquele momento fez com que ele recobrasse o controle, e então disse:

— Como vai?...

O outro mal sacudiu a cabeça em resposta.

— Posso sentar?

Um gesto impreciso com a mão, indicando a cadeira. Ele sentou-se.

— Não vou demorar, a conversa é rápida; eu só queria falar umas coisas com você.

O outro virou mais um gole da pinga, sem olhar para ele, a mesma cara fechada.

— Fiquei sabendo que você morava nessa cidade, andei perguntando umas pessoas e descobri. Então fiz essa viagem. Eu vim aqui só pra encontrar com você.

O outro então o olhou, um ar de estranheza no rosto hostil.

— Estou com sede, vou pedir uma cerveja… Você toma comigo?

Respondeu mostrando o copinho de pinga. Ele olhou para o garçom e pediu a cerveja e um copo.

— Quê que você faz aqui? — perguntou, tentando criar um papo.

— Faço umas coisas.

— Sei… Eu tenho uma loja lá em Belo Horizonte, uma loja de roupas. Não é grande coisa, mas dá pra ir vivendo, dá pra ir criando a família, a mulher e os três filhos. Uma hora aperta daqui, outra hora dali, a gente vai levando…

O outro não falou nada.

— De vez em quando eu pensava: "Gente, e o Canhoto, quê será que ele anda fazendo?" Eu sempre procurava ter notícias suas, mas ninguém sabia direito. Na época, quando aconteceu a coisa, eu acompanhei tudo: a operação, o tratamento, depois a complicação que houve, a conversa de uma outra operação, as dificuldades financeiras do clube e as suas; acompanhei tudo. O dia que eu soube que você não poderia mais jogar, eu fiquei muito triste; muito triste. Torci pra que não fosse verdade, pra que ainda houvesse jeito, pra… Eu torci…

Olhou para o outro, que se mantinha em silêncio, os olhos fixos no copo: segurava-o como se, a qualquer momento, fosse esmagá-lo com a mão.

— Desculpe, Canhoto, me desculpe estar aqui falando essas coisas; eu sei que não é agradável pra você, eu sei; acho que você preferiria muito mais que eu não estivesse aqui. Pois eu te prometo: prometo que não aparecerei mais, isso eu posso te prometer. Mas dessa vez eu precisava vir, eu precisava falar com você. Há seis anos que isso está atravessado na minha garganta…

Pôs mais cerveja no copo.

— Você não quer mesmo?…

— Não.

— Sabe, eu reconheço: eu fui covarde; eu devia ter te procurado logo, naqueles dias ainda, e conversado com você, te explicado como que aconteceu. Não ia adiantar muito, mas… Sei lá, pelo menos… Eu não tive intenção, Canhoto, não tive nenhuma intenção; juro. É que… Você lembra, nós tínhamos de ganhar aquele jogo, tínhamos de ganhar de qualquer jeito; era decisivo pra nossa classificação. Faltavam só três minutos pra terminar, a torcida já comemorava: quando vi você escapando com a bola naquele contra-ataque, nossa defesa toda batida, eu fiquei louco; eu vi que ali não tinha erro. Eu só tinha um recurso: te parar; não havia outro jeito. E aí eu fui. Fui pra valer. Mas eu não tinha intenção de… Eu não sou violento, nunca fui. Você vê, eu era o capitão do time, o cara mais controlado. Mas àquela hora…

O outro levou o copinho à boca e virou de uma vez o resto da pinga.

— Nós ganhamos o jogo; é, nós ganhamos… Aí veio a melhor fase do time, e nós chegamos a campeão. Pra mim também foi a melhor fase: eu nunca tinha jogado tão bem. Chegaram a falar de mim pra Seleção. Já pensou? Eu na Seleção… Seria a maior alegria de minha vida. Era esse o meu maior sonho. É o maior sonho de todo jogador, devia ser o seu também… Aliás, você poderia chegar lá mais do que eu: você tinha muito mais futebol, você driblava melhor e tinha um chute que eu vou te contar… era uma bomba. Não estou falando isso agora, pra rasgar seda; eu já achava isso, muita gente achava, você sabe; dos times do interior naquela época você despontava como a maior estrela, isso era indiscutível. "Tiago, marca esse garoto", lembro do Maia me dizendo aquele dia, antes do jogo, nas instruções: "marca esse garoto que ele é um capeta; não tira o olho dele um segundo." Foi uma parada; o nosso duelo de meio de campo…

E ele ficou lembrando, o olhar perdido na mesa. Lem-

brou também de outros jogos, a emoção dos gols, o coro da torcida... Tudo isso acabara — pra quê lembrar?...

Lá fora a tarde ia morrendo; vagos barulhos chegavam da rua calma daquela pequena cidade.

— Mas o que eu queria mais te contar — ele continuou, — é que... eu não podia esquecer daquilo, não podia. Eu sempre lembrava. E quanto mais bem eu ia, quanto mais o pessoal falava de mim nos jornais, mais eu lembrava; um troço de louco. Era como se tudo aquilo só viesse acontecendo por causa daquele dia. Quer dizer: se não fosse aquele dia nada daquilo teria acontecido. Troço de louco. No campo então, em dia de jogo, era eu entrar e lembrar: uma vez cheguei até a te ver lá dentro. Pra você ver como eu estava; parecia que eu estava mesmo ficando pirado. Foi aí que começou minha fase ruim; tudo começou a dar errado comigo: errava os passes, perdia as bolas, chutava fora, tudo dando errado. "Quê que há com você?", eles me perguntavam. Eu sabia? "Quê que você tem?" Sei lá quê que eu tinha, só sabia que estava dando tudo errado, só sabia isso. Fui parar até em terreiro de macumba. Adiantou? Picas. Aí chegou a hora de renovar o contrato: cadê que eles renovaram... Mas eu dei razão: renovar daquele jeito, com aquela macaca?... Aí fui pro interior, o Esporte; um salariozinho de merda, só mesmo pra não ficar parado. Fui. E a macaca também; tudo continuou do mesmo jeito, o mesmo azar, puta que pariu: nunca vi coisa igual. E uma tarde, depois de um jogo terminado em derrota e em que perdi dois gols, olhei pro gramado, olhei assim pro gramado e falei: "Tiau, irmão." Virei as costas, e nunca mais botei os pés num campo de futebol.

Acabou de esvaziar a garrafa de cerveja.

— Encerrada minha gloriosa carreira, fui tratando de ajeitar a vidinha cá fora. Comprei a loja, andei perdendo dinheiro numas besteiras, mas aos poucos tudo foi se ajeitando. Tudo, menos uma coisa... Essa não tinha jeito. Eu pensara que longe do gramado ela iria desaparecendo. Qual... Desapareceu nada. Cheguei à conclusão de que ela nunca

desapareceria; ficaria na minha memória feito uma cicatriz. Um dia, na hora de deitar, eu falei com minha mulher, contei pra ela a história toda; eu nunca tinha contado pra ninguém. Ela escutou, escutou com atenção, depois disse: "Por que você não vai e procura ele, por que você não vai e conta pra ele tudo isso que você me contou?..." Ela estava certa, era isso mesmo que eu devia fazer. Eu já pensara nisso, mas logo depois pensava: com que cara que eu vou chegar nele? com que cara que eu vou chegar e falar tudo isso?... Esses dias, de repente, eu resolvi: eu vou, eu vou lá. Descobri onde você morava, peguei o ônibus, e aqui estou: aqui estou, nessa cidade que eu nem conhecia antes; aqui estou agora te contando tudo isso...

Ele pegou o copo e tomou um demorado gole de cerveja. Houve um silêncio prolongado.

— E você, não fala nada? Eu queria que você falasse alguma coisa; qualquer coisa. Mesmo que seja pra me mandar pro inferno. Mas que você falasse alguma coisa.

— Falar o quê? — disse o outro então, a voz saindo ofegante. — Você arruinou minha vida, você não vê? Não foi só minha perna que você quebrou: foi minha vida. Eu ia ser um grande jogador, ia ser um dos maiores craques que o Brasil já teve. Mas você acabou com tudo, você acabou com tudo àquela tarde.

— Eu tentei te explicar...

— Foi um pesadelo, um pesadelo noite e dia; um inferno; pensar que eu nunca mais poderia jogar era para mim pior do que a morte. Eu queria morrer. Comecei a beber, bebia feito um louco pra não pensar naquilo. Aí acabei de estragar minha saúde; tive uma porção de problemas, precisei da ajuda de meus pais, meus irmãos, acabei com o dinheiro deles, foi desgraça atrás de desgraça: desgraça atrás de desgraça. Hoje eu sou isso que você vê: um molambo, um farrapo, resto de gente. Falar: você quer que eu fale o quê? hem? quê que você quer que eu fale?

Parou, a respiração opressa.

— Desculpe, Canhoto, eu não sabia; não sabia que ti-

nha acontecido tanta coisa; juro que eu não sabia. Alguma coisa eu podia imaginar, mas... Sinto muito; sinto muito de verdade. Eu tentei te explicar; eu te contei como foi. De uma coisa você pode estar certo: eu me arrependi muito nesses anos todos; me arrependi muito. Mas foi como te contei: um momento de loucura; foi uma coisa que normalmente eu não faria; uma coisa que aconteceu comigo, mas que podia ter acontecido com qualquer outro, inclusive você. Era isso que eu queria que você compreendesse. Queria que você compreendesse que eu também, de certo modo, fui vítima; que nós dois juntos fomos, naquela hora, vítimas de uma mesma coisa, uma coisa maior do que nós, sei lá o quê: talvez aquela torcida, talvez aquele relógio, talvez aquele vento louco que de repente dá na cabeça da gente... Era isso que eu queria que você compreendesse. Foi pra isso que eu vim aqui, que eu viajei esses mil quilômetros. Queria que você compreendesse e... que você me perdoasse.

— Não há perdão pra isso.

O outro então se levantou e, sem se despedir, foi caminhando rumo ao balcão, puxando uma perna; pagou e saiu do bar.

Ele ficou só na mesa, só com aquele passado e aquele arrependimento que não encontrara perdão. O quê mais podia fazer? Fizera o que podia. Não podia fazer mais nada. Mas, pensando bem, aquilo estava certo. É, estava. Ele também não era uma vítima? Então devia também arrastar aquele arrependimento pela vida afora, como o outro arrastaria a perna.

Assim era e assim devia ser — concluiu a caminho do balcão, onde, surpreso, ficou sabendo que o outro tinha pago sua cerveja.

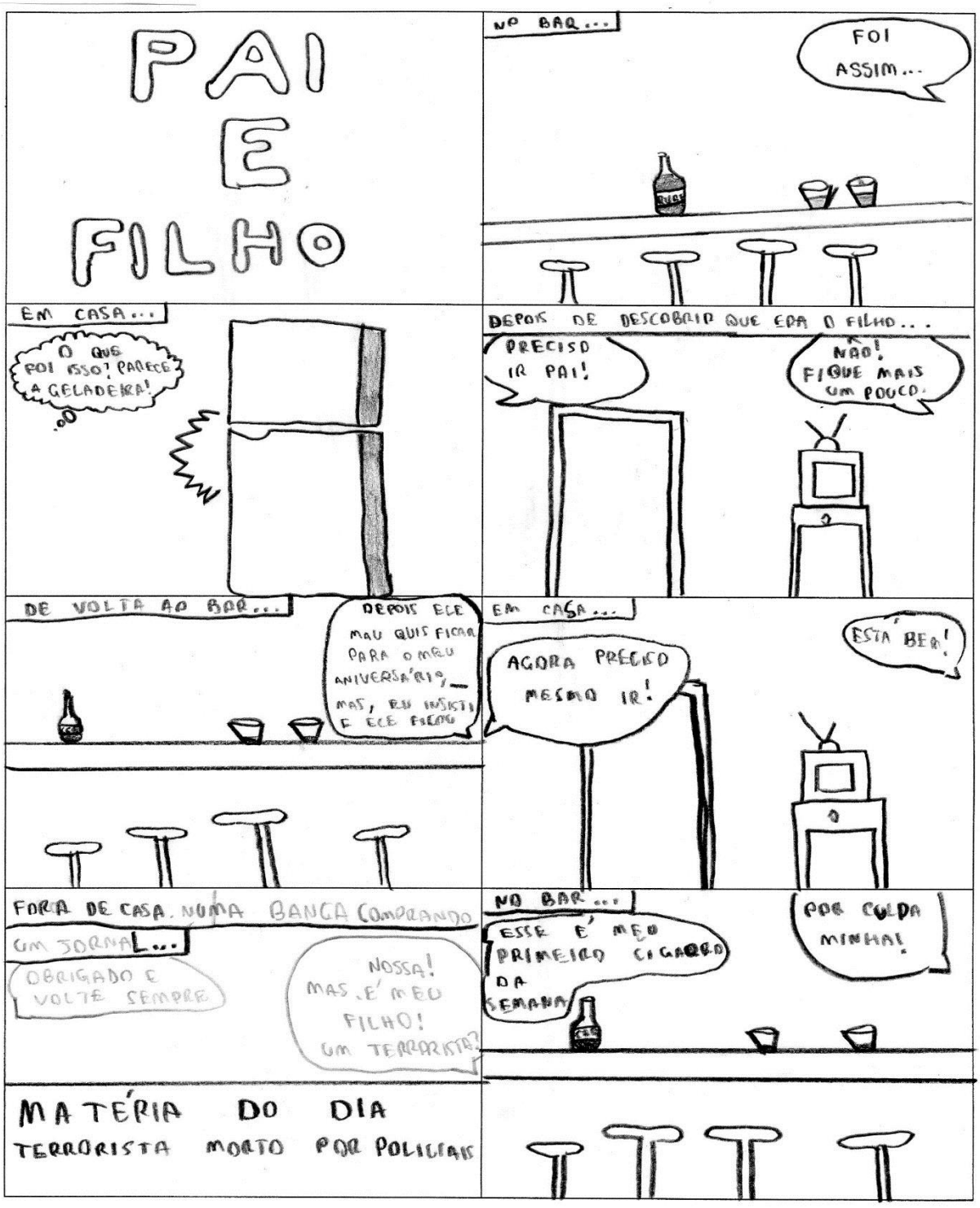
AP 153

Atividade 1

FIGURA 13

Metodo Recepcional - Conto “Pai e filho”
Alunos :A/ JOA/ MAT/ RAF /LUO/8/4

Faça sua História em Quadrinhos



AP 154

Atividade 2

FIGURA 14

Método Recepcional - Conto: “Por toda a vida”
Alunas: A/ CAR/CAM/MAR/ MARP/8/4



AP 155

Atividade 3

FIGURA 15

Conto: Por toda a vida

~~Escol~~ Entre os personagens do Conto (o pai, a mãe, a filha ...) escolhemos a mãe. Como no texto diz que ela era uma mulher ganancisosa, que gostava muito de dinheiro, pegamos somente ela e criamos uma nova história com base na mãe.

Na nova história ela se casa com um homem muito rico, só que infelizmente seu marido falece. Com o marido falecendo suas contas aumentam, contas bancárias, dívidas muito caras e com isso seu dinheiro ~~esta~~ está quase acabando.

Só que ela descobre que está grávida de seu falecido marido. E vê em sua filha uma chance de ganhar novamente todo o seu dinheiro.

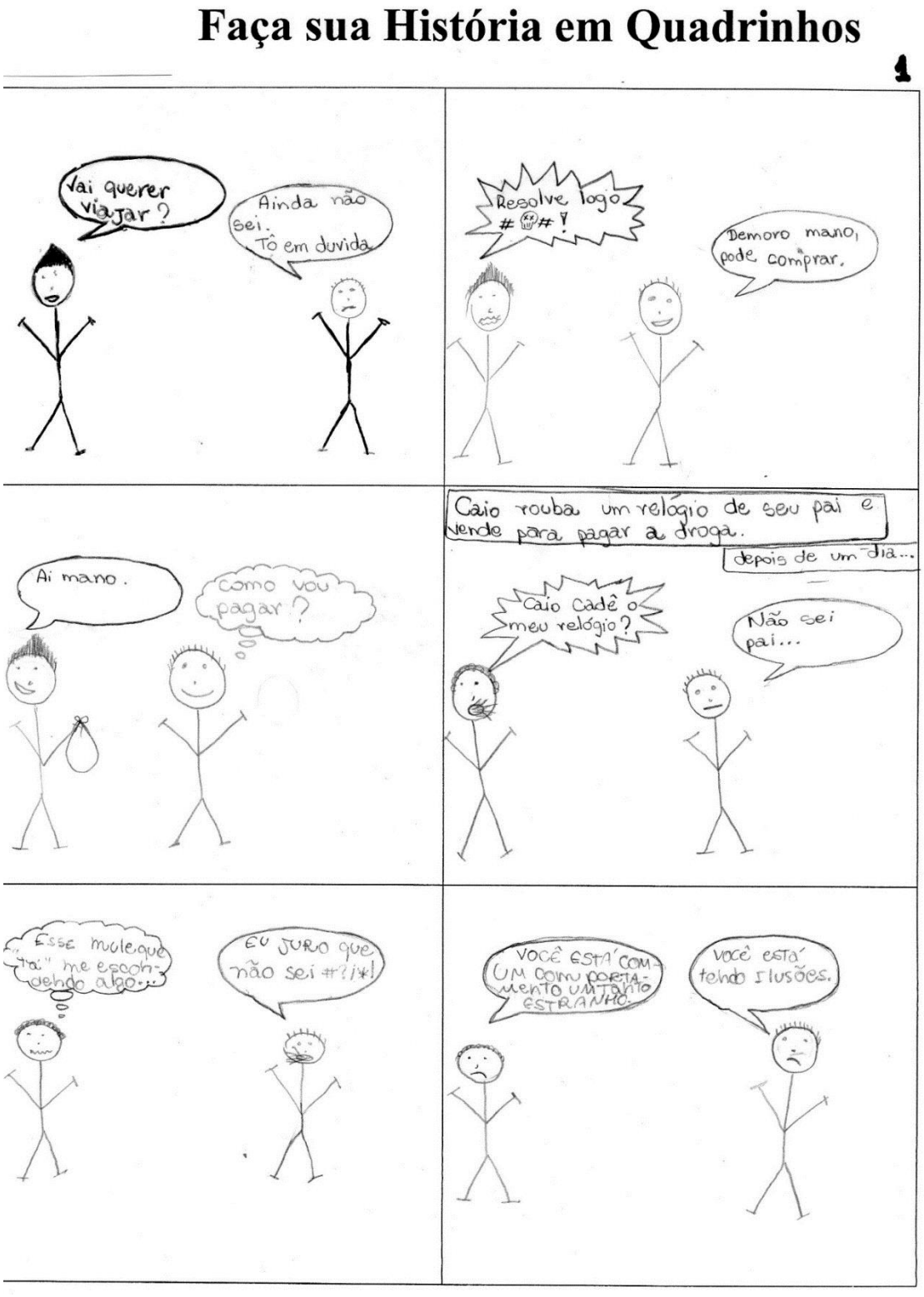
.

AP 156

Atividade 4

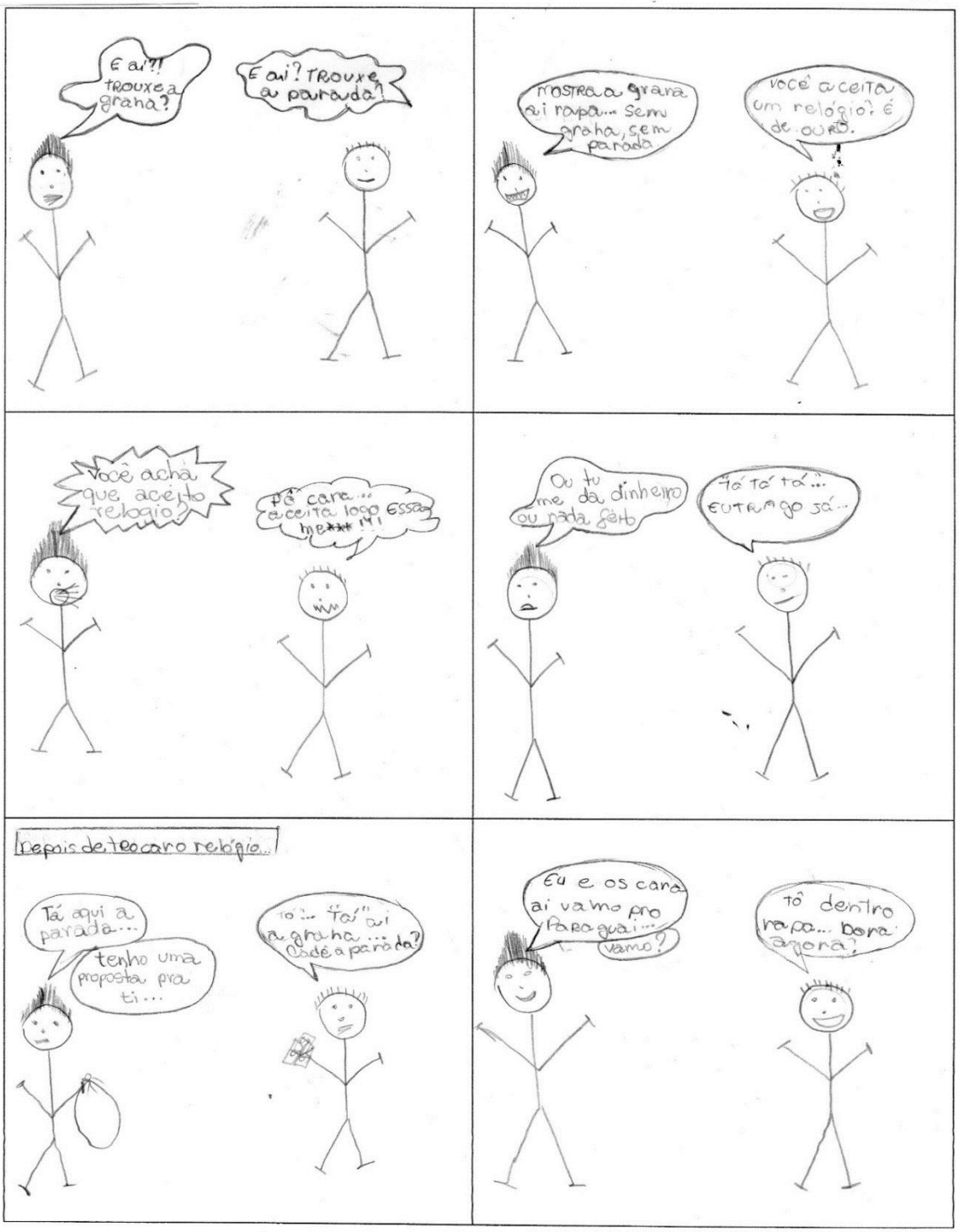
FIGURA 16

Método Recepcional - Conto: “Pai e filho”
Alunos: A/ LUF/ DAN/MARC/GABR/8/4



Faça sua História em Quadrinhos

2



Faça sua História em Quadrinhos

3



AP 157
Atividade 5
Conto **“Escapando com a bola”.**
Aluno: A/ LUH//RAF/8/4

Faça sua História em Quadrinhos

ESCAPANDO COM A BOLA



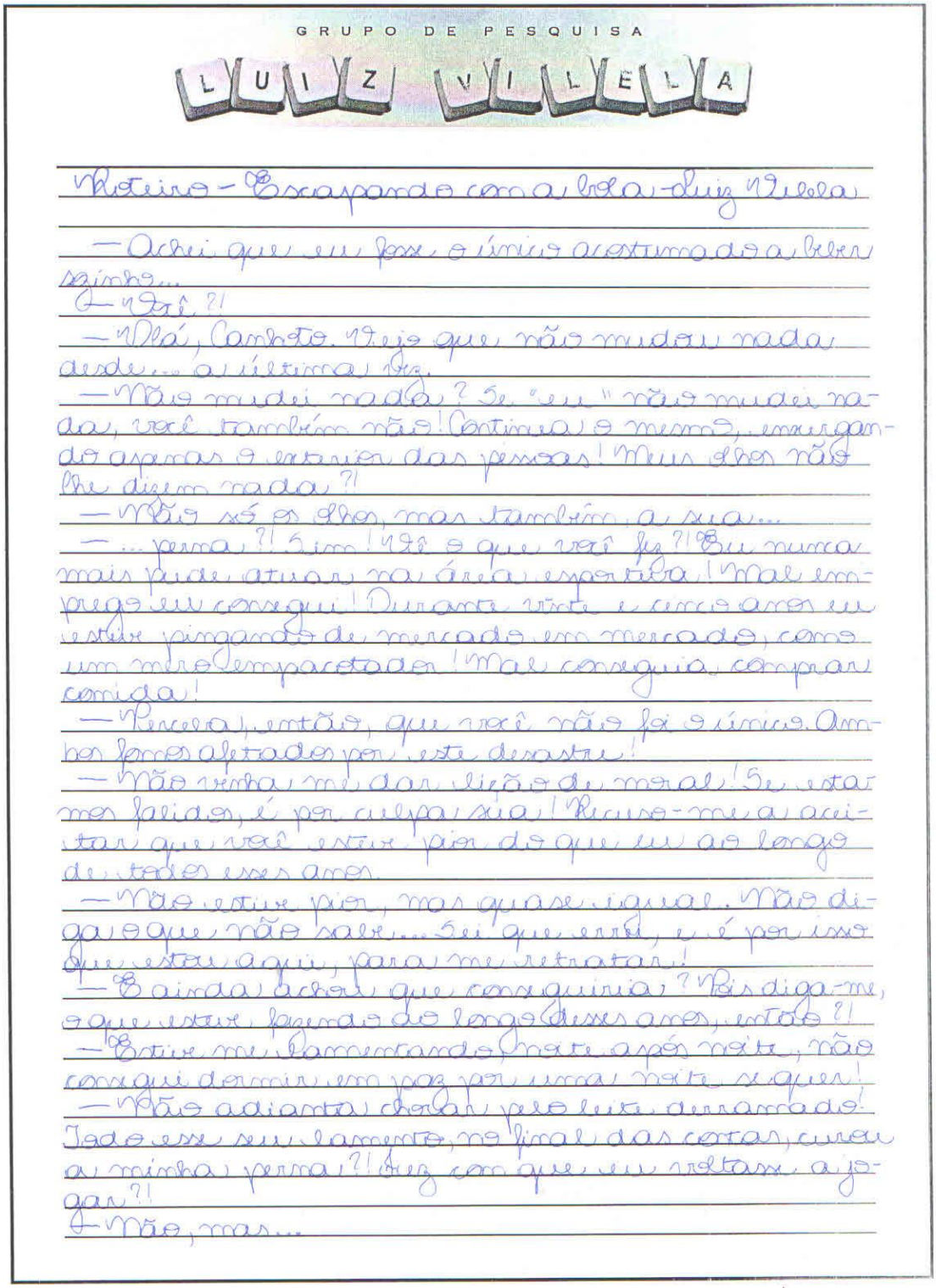
AP 158
Atividade 6
Conto **"Escapando com a bola**
Aluno: A/ EDU/8/4

Faça sua História em Quadrinhos



AP 159

Roteiro teatral: Conto "Escapando com a bola"
Aluna: A/FAB/8/4


GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

Roteiro - Escapando com a bola - Luiz Vilela

— Achei que eu fosse o único acostumado a beber sozinho...

— Você ?!

— Olá, Cambito. Vejo que não mudou nada desde... a última vez.

— Não mudei nada? Se "eu" não mudei nada, você também não! Continua o mesmo, enxergando apenas o exterior das pessoas! Meus olhos não lhe dizem nada?!

— Não só os olhos, mas também a sua...

— ... perna?! Sim! Vê o que você fez?! Eu nunca mais pude atuar na área esportiva! Mal empregos eu consegui! Durante vinte e cinco anos eu estive pingando de mercado em mercado, como um mero empacotador! Mal conseguia comprar comida!

— Percebo, então, que você não foi o único. Ambos fomos afetados por este desastre!

— Não venha me dar lição de moral! Se estamos falidos, é por culpa sua! Recuso-me a aceitar que você estivesse pior do que eu ao longo de todos esses anos.

— Não estive pior, mas quase igual. Não diga o que não sabe... Sei que errei, e é por isso que estou aqui, para me retratar!

— Ainda acha que conseguiria?! Pois diga-me, o que estive fazendo ao longo desses anos, então?!

— Estive me lamentando, noite após noite, não consegui dormir em paz por uma noite sequer!

— Não adianta chorar pelo leite derramado! Todo esse seu lamento, no final das contas, curou a minha perna?! Deus com que eu retasse a jogar?!

— Não, mas...

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILLELA

—"Mas" o que?! Você, ao menos, seguiu com a carreira de jogador! Pelo o que gosta!

—Quem disse, Você, pôde ao menos ouvir meu nome, na mídia nesses últimos tempos?

—Bem, de qualquer forma, não é mais problema meu.

—Bratamente, é problema meu, e que problema! Quando eu soube, o que aquela tarde lhe causou, não tive mais aquela inspiração que tinha antes. Não houve um gol sequer que eu tenha marcado sem lembrar de você.

—E o que você espera que eu faça?!

—Confesso, eu compreendo a sua revolta, mas eu queria, do fundo da alma, que você me perdoasse. Você sabe que eu nunca fui uma pessoa violenta!

—E por quê eu te perdoaria?!

—Boa pergunta...

—E como você espera que eu faça algo que nem você sabe? Eu passei dois anos fazendo tratamentos, cuidando desta maldita perna! Era um raio X após o outro! Fisioterapia quase todos os dias! Até acupuntura eu fiz! E adiantou alguma coisa? Eu ainda ando como se carregasse um peso na perna! E carrego! O peso de não poder seguir meu sonho, de não poder fazer o que gosto!

—Acredite, eu não, eu também carrego esse peso! Tanto que nunca mais pisei num gramado, eu não jogo há vinte anos! Após aquele acidente, eu nunca mais fui o mesmo! Não jogava bem, quem disse que queriam renovar o contrato? Não me deram nem uma segunda chance, e eu sei que não merecia. Após isso, tentei seguir a minha vida. Comprei uma pequena loja de bugigangas, tomei um rumo...

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

— Viver como se nada tivesse acontecido, não é?

— Não, eu bem que tentei, mas não consegui. Por isso, estou aqui hoje. Eu sei que estou errado, para você, estar aqui ouvindo isso.

— E agora, você espera que eu te perdoe?

— Bom... sim. Você me perdoa?

— Se eu te perdoo? Hum, o que você acha?

QUARTO MOMENTO

MÉTODO COMUNICACIONAL

CONTOS TRABALHADOS:

O Suicida (1983)
Feliz Natal (1979)

AP 160

PLANEJAMENTO

Método Comunicacional – currículo por áreas

Conteúdo
A literatura como expressão comunicacional.

Material
Contos: “**Feliz Natal" "O suicida**”.

Objetivo
Propor à classe textos que demonstrem a literatura como expressão comunicacional da sociedade.

Procedimentos didáticos

Contato com textos que comuniquem um fato individual ou social
O professor faz circular entre os alunos o texto do Código de Defesa do Consumidor e discute alguns artigos, verificando sua rigidez e eficiência no cumprimento da lei.
Na aula seguinte o professor leva à classe um vídeo de um consumidor e a reclamação feita por este do produto comprado, pede para que os alunos observem como esse vídeo estabelece uma denúncia ou reivindica algo. Em grupos, os alunos discutem a questão, produzindo um relatório.
Como dever de casa, os alunos são instigados a observar e a pesquisar como essas infrações ocorrem no cotidiano de suas casas, de sua rua de seu bairro; registrando as observações em fichas.
No prazo estabelecido as fichas são lidas e a sala sugere as atitudes a serem tomadas. Os alunos observarão que há muita divergência sobre o certo e o errado nos anúncios veiculados pelos diversos meios midiáticos e a dificuldade de se respeitar e cumprir os direitos que lhes correspondem.
O professor solicita a leitura dos contos escolhidos.

Identificação dos elementos do jogo comunicativo
Depois de realizada a leitura dos contos, o professor propõe um jogo de diagrama, colocando o esquema no quadro e pedindo que, enquanto explica as regras, a turma se divida em grupos e escolha um dos textos anteriores para ser objeto de discussão.
Os diagramas são preenchidos pelos grupos conforme as regras correspondentes:

(A) Quem?
(B) A quem?
(X) O quê?
(m) Através de quê?
(n) Quais as regras para x funcionar?
(C) Sobre o quê?

Cada grupo preencherá seu diagrama conforme o texto examinado e tentará verificar, sem o auxílio do professor, o que liga A, B, C, X, m e n em cada caso.

Análise das funções linguísticas expressas nos textos comunicativos
O professor pede que o grupo escolha um dos diagramas trabalhados para trabalhar naquele dia.

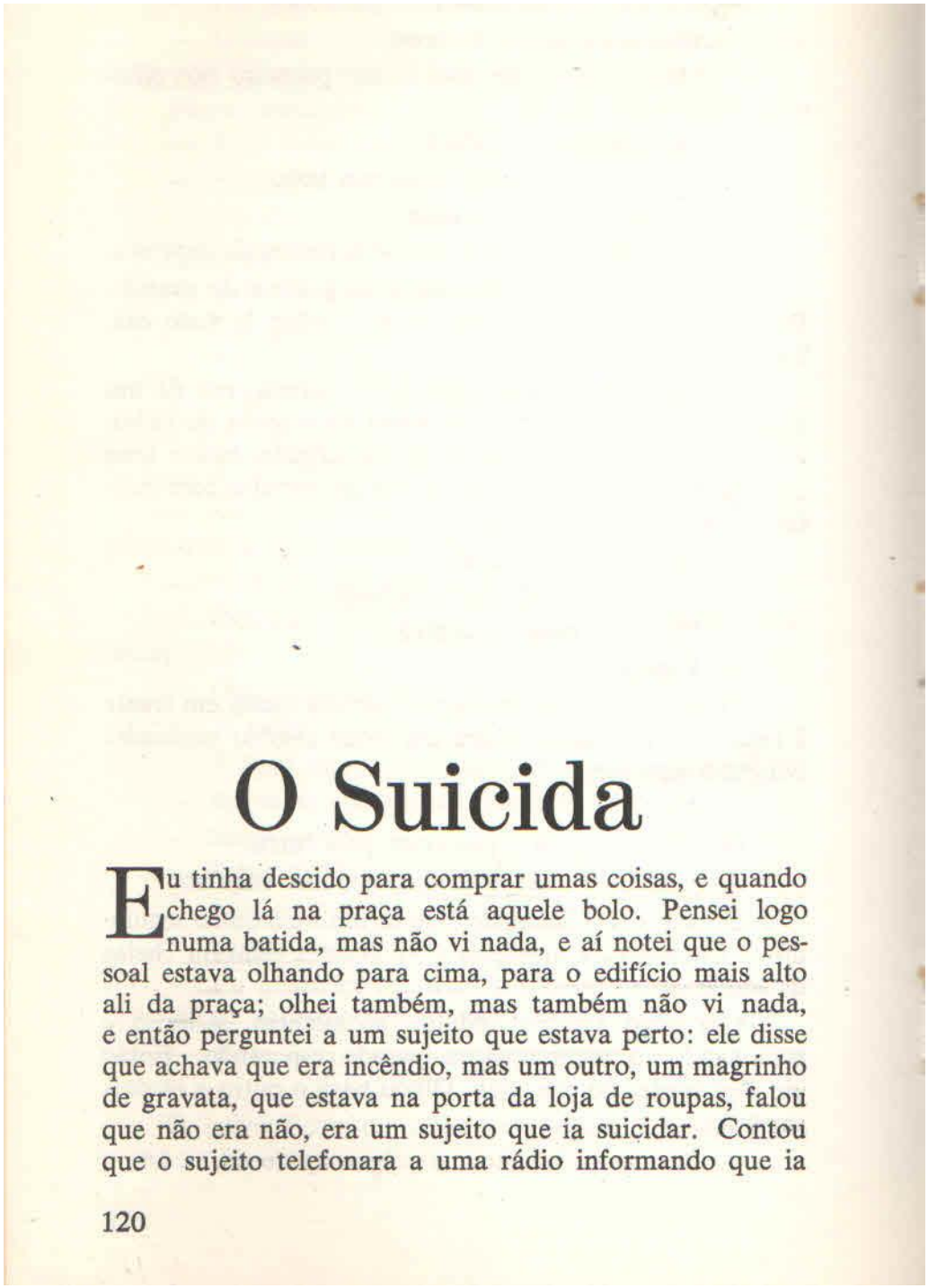
Exame das formas de manifestação de função predominante
Os alunos recebem um roteiro para preparar sua intervenção, optando por um texto determinado. O roteiro pode ser:
- Qual a intervenção de A ao produzir X?
- Qual o efeito de X sobre B?
- m interferiu sobre esse efeito?
- A soube usar n?
- B precisa de C para entender X?
- Que elemento do diagrama você acha que tem mais importância nesse texto?

Em seguida, o professor tece questões que envolvam todos os textos lidos e abre para discussão, até que todos sejam contemplados, verificando a função predominante em cada texto.

Cotejo dos textos quanto à predominância de funções linguísticas
Ao final os alunos comparam os textos observando suas intenções comunicativas. Ao término o professor lança a produção de um texto.

AP 161

Método Comunicacional – conto: “O suicida”



O Suicida

Eu tinha descido para comprar umas coisas, e quando chego lá na praça está aquele bolo. Pensei logo numa batida, mas não vi nada, e aí notei que o pessoal estava olhando para cima, para o edifício mais alto ali da praça; olhei também, mas também não vi nada, e então perguntei a um sujeito que estava perto: ele disse que achava que era incêndio, mas um outro, um magrinho de gravata, que estava na porta da loja de roupas, falou que não era não, era um sujeito que ia suicidar. Contou que o sujeito telefonara a uma rádio informando que ia

saltar daquele edifício às dezessete horas em ponto, mas não se identificara. A rádio divulgou a notícia, um vespertino a dera, e logo todo mundo já estava sabendo — era por isso que estavam ali. O do incêndio: "De qual andar que ele vai pular?" O magrinho disse que isso o sujeito não falara — "deve ser do último, do vigésimo andar: geralmente é de lá que eles pulam, os caras que suicidam; do vigésimo andar não há perigo." "Perigo de quê?" "Do cara não morrer." "Ah."

"É rapaz?", perguntou o do incêndio. Esse do incêndio era um cara já mais velho, vendedor de bilhete de loteria; estava tão empolgado com a coisa que nem lembrara de nos oferecer bilhete; ainda bem, porque enchem o saco esses caras de loteria: pode comprar que vai dar esse — você não quer ganhar, né? — você está deixando de comprar a sorte, escuta o que eu tou dizendo, hem. Enchem o saco. Uma vez uma velhinha chegou ao ponto de me dizer que tinha pena de mim — pena por quê? porque eu estava recusando a fortuna que ela estava pondo em minhas mãos. Sim senhor: pena. "É rapaz?" — o velho perguntou; era banguelo e ficava mascando as gengivas enquanto escutava. O magrinho disse que isso não se sabia: o sujeito só dissera que ia pular, o lugar e a hora, mais nada. "Deve ser", falou o velho; "briga de namorado, mulher, essas coisas, sabem como é..." — ele deu uma piscada sem-vergonha e o magrinho coçou o saco, puxando depois a calça para cima. Um freguês chamou-o para perguntar o preço de uma camisa na vitrine. O velho e eu continuamos olhando.

Dizer que a praça estava lotada seria exagero, mas que havia muita gente, havia, a ponto de atrapalhar o trânsito, porque ali na praça mesmo, no chafariz, o espaço para ficar era curto e as pessoas tinham invadido a avenida, despreocupadas com os carros que passavam e tinham de buzinar para abrir caminho; mas também ali, por causa dos sinais de trânsito, eles não podiam correr

muito e o perigo de atropelamento não era grande. Gente, tinha de todo jeito: era o pessoal que se vê normalmente na rua, nessa hora movimentada, quando o dia já vai acabando; homens e mulheres, velhos, moços, crianças, empregados, estudantes, malandros, mulheres em compras, etc. Uns, sabendo da notícia, tinham vindo especialmente para ver; outros, como eu, fora por acaso: iam passando, viram o ajuntamento, e ficaram. Nos edifícios da praça também, debruçadas nas janelas e sacadas, havia pessoas esperando ou apenas olhando curiosas a multidão embaixo.

Quatro e meia; estava cedo e a expectativa ainda não era grande. O pessoal, parado ali, esperava o tempo passar, de braços cruzados, conversando, ou olhando o movimento, porque ficar o tempo todo olhando para cima é que ninguém agüentava.

O magrinho voltou para fora: "O cúmulo do azar é se um freguês me chamar na hora exata que o sujeito pular." O velho olhou para dentro da loja para ver de quê que era e ficou mascando as gengivas, depois voltou a olhar para o alto do edifício. Olhou as horas. "Ainda tenho de ir longe daqui", falou; "até as cinco e quinze eu espero; se até essa hora não acontecer nada, eu vou embora, não posso perder tempo." Quando parava de falar, mascava mais depressa ainda. "Bom se a gente tivesse um binóculo aqui", falou o magrinho.

"Já viram alguém suicidar pulando de um edifício?", o velho perguntou, os olhos muito atentos à resposta; dissemos que não, e ele deu um sorriso satisfeito: pois ele já. Apontou para a outra esquina: "ali, do banco." Ia passando, assim uma tarde, vendendo os seus bilhetes, e de repente — dessas coisas que acontecem de repente, sem a gente saber por quê — olhou para cima e viu: o cara bem lá na pontinha; pois foi a conta de ver e ele já tinha pulado e já estava espatifado ali no chão. Morreu na hora. Um barulho feio, igual um saco de chumbo.

Tinha até afundado um pouco o asfalto no lugar — não sabia se ainda estava assim, já tinha mais de ano isso. "Não lembram desse suicídio? Os jornais deram..." O magrinho coçou o queixo e disse que lembrava sim, estava lembrado; eu não. "Pois é", falou o velho, "foi esse. Até hoje não esqueci. Trem feio, sô. O cara caiu de ponta, não ficou quase nada da cabeça, espirrou miolo pra todo lado, até hoje lembro dos pedacinhos de miolo ali no chão, parecidos com couve-flor; nunca mais pude comer couve-flor, pois era ver e lembrar dos miolos. Trem feio. E esse pessoal ainda fica ali perto, bem embaixo de onde o sujeito vai pular; conforme o jeito que ele cair não acontece isso, mas se cair de ponta vai espirrar miolo em todo mundo; eu é que não sou bobo de chegar ali debaixo..."

A tarde estava quente, me deu vontade de tomar uma laranjada. Chamei os dois: o magrinho não podia sair, o velho aceitou e veio, andando com o pescoço virado para trás. Pegou o copo e foi para a porta — sabe lá se o sujeito resolvia pular antes? Perguntei à moça que me servira se ela não ia ver. "Cruiz credo", ela se benzeu. "Diz que é um noivo", falou a outra que atendia também no balcão. "Diz que na hora do casamento, na hora já de ir andando para o altar, a noiva saiu com outro, um que estava apaixonado por ela sem o noivo saber, e os dois saíram dali, assim, nas vistas do noivo, imaginem; isso é coisa pra suicidar mesmo; eu morria na hora, nem sei o que acontecia, acho que desmontava ali, já imaginaram?" Uma que foi chegando da rua e tinha ouvido o resto da conversa, foi logo dizendo que não era nada de noivo: era um sujeito que tinha roubado no caixa de um banco e depois descobriram, gente de família conhecida na cidade, gente de nome. "Ouvi dizer que é um noivo, que a noiva dele ficou com outro na hora do casamento." "Não é nada disso", insistiu a outra. "Como você sabe que não é? quem te contou?" As duas ficaram discutindo

sobre o que era e o que não era. Eu saí; o velho já tinha saído antes e estava agora na esquina conversando com um preto. Eu fiquei ali de novo, perto da loja de roupas. O magrinho devia estar lá dentro atendendo algum freguês.

Duas mulheres pararam perto de mim. "Acho que a hora que o sujeito pular eu vou ter um desmaio — olha como eu já tou." Estava pingando de suor; era uma gorducha, com cara de solteirona; as papadas dela brilhavam. A outra, que estava com ela, era mais nova e bonitinha. As duas chupando picolé. "Como que pode ter coragem...", falou a gorducha; "pular lá de cima... Só de chegar na janela de um terceiro andar eu já fico tonta, agora imagino o sujeito lá em cima, lá na pontinha, olhando pra baixo e ainda pular; só mesmo um doido; acho que se eu ver eu sofro um trem; é melhor a gente ir embora, Dorinha." "Não, Titia, vamos esperar, é às cinco, já está quase na hora, faltam só dez minutos..." A gorducha suspirou doridamente, depois deu uma dentada no picolé, rancando de uma vez a metade. "Olha como que eu tou", falou, assobiando um pouco por causa do picolé na boca.

De repente houve uma agitação num montinho mais perto do edifício: uns caras apontando para cima como se o suicida já estivesse lá, e logo todo mundo estava olhando e procurando, cadê, cadê ele. Mas não havia ninguém, era só gozação. Houve umas risadas e logo a turma estava com aquela cara de riso, de esse-pessoal-não-tem-jeito-não. Mas agora já estava mesmo na hora, já eram as dezessete, e as pessoas olhavam com mais atenção para cima: de um instante para outro o suicida podia apontar lá na quina do edifício, contra o céu pálido do entardecer, e se precipitar no espaço. Toda a atenção agora era pouca, ainda mais que não se sabia se ele ia pular do terraço ou de algum dos últimos andares, onde havia várias pessoas olhando — e quem sabe não seria

uma delas? Estava ali, uma pessoa entre outras, e de repente um corpo se atirando no ar. O magrinho estava firme lá na porta e escutei ele lamentar outra vez, com um companheiro de serviço, a falta do binóculo: "daqui a gente não vê direito, é muito alto; um binóculo quebraria o galho." O velho dos bilhetes de loteria continuava na esquina com o preto — segurava o braço do preto como se estivesse com muito medo. O preto estava com a boca aberta, o queixo pendurado, os olhos escancarados. A gorducha: "Acho que vou ter um trem; não agüento mais essa expectativa." Eu, que não sou besta, saí dali de perto mais que depressa: não estava disposto a carregar ninguém, ainda mais um hipopótamo daqueles. Fui lá para perto do velho; quando cutuquei no ombro dele ele quase deu um pulo de susto. Os olhos do homem brilhavam: "Tá na hora", falou me mostrando o relógio; "cinco em ciminha da pinta." O preto nem mexeu, parecia uma estátua, podia entrar e sair mosquito à vontade na boca dele; nos cantos já havia até um pouco de baba e se ele continuasse assim ia acabar babando na roupa ali na vista de todo mundo.

Tinha dois estudantes ali perto, dois rapazinhos assanhados, discutindo se o cara ia ou não pular mesmo, já estavam quase brigando por causa disso, quando um deles gritou: "alá!" O grito foi ouvido ao redor, ao mesmo tempo que outras pessoas também faziam a mesma exclamação e apontavam com o dedo. Dessa vez tinha mesmo um sujeito sozinho lá na última janela do edifício. Não havia dúvida: era ele. Quando pôs uma perna de fora da janela, toda a praça ficou em absoluto silêncio, os rostos todos voltados para cima, olhos paralisados, gargantas secas. O sujeito, de costas, calmamente, pôs a outra perna de fora, na platibanda. Suspense geral. De repente um outro apareceu na janela também e estendeu algo para ele: um balde — era um pedreiro fazendo um conserto ali. Um "ahhhhh..." de decepção se espalhou pela tur-

ma, e uma vaia foi-se formando em alguns montinhos, assobios, houve mesmo uns que xingaram alto o pedreiro. De qualquer modo, houve um certo alívio e todo mundo pôde abaixar a cabeça um pouco para descansar.

"Cinco e dez já", falou o velho. O preto continuava na mesma posição, era incrível como ele agüentava ficar aquele tempo todo com o pescoço esticado. Mas de repente deu uma risadona grossa de retardado mental e falou: "Não era ele não, Quinzim; não era o homem não..." Quinzim era o velho. E logo em seguida, como se não tivesse rido nem nada, o preto já estava firme de novo, a boca aberta e os olhos escancarados. O velho: "até cinco e quinze eu espero; depois disso azar; tenho que ir longe daqui, pegar dois lotações e chegar antes das seis ainda."

"Já caiu! já caiu! já caiu!", uma turminha começou a gritar ritmadamente para o pedreiro.

"Se pelo menos aquele pedreiro despencasse lá de cima", um dos estudantes falou, o branquinho sardento, de cabelos compridos. "Poxa, a gente mata aula, chega aqui, espera esse tempo todo, e não tem nada?... Sacanagem."

A turma continuava: "já caiu! já caiu! já caiu!" De repente o pedreiro fez um gesto lá em cima e houve um corre-corre na rua: despejara o balde e uma pequena chuvinha caiu embaixo. A turma começou a xingá-lo, enquanto outros riam calados. Logo apareceram dois guardas e a turma calou. Os guardas ficaram por ali, esperando novas bagunças. Não demorou, o pedreiro voltou a pular a janela para dentro, mas antes de sumir ainda parou e deu uma olhada de desprezo para a multidão embaixo; quer dizer: dali a gente não podia ver a cara dele, mas qualquer um podia imaginar a cara que ele fez quando deu aquela paradinha antes de desaparecer.

O sol já sumira e um belo crepúsculo ia terminando o dia, com a impaciência crescente do pessoal na praça

e já o cansaço da espera. A essa hora quase todo mundo já estava descrente de que alguém fosse realmente pular lá de cima, aquilo não passava da invenção de algum engraçadinho querendo se divertir à custa alheia, não era a primeira vez que isso acontecia. "Eu bem que estava desconfiando", falou o velho; "desde o começo que eu estava achando que era mentira: então um sujeito que vai suicidar avisa os outros, telefona pra uma rádio avisando que vai suicidar?"

O pessoal já começava a ir embora, o bolo na praça ia rareando. Cinco e meia, dentro em pouco começaria a escurecer. Alguns prédios já estavam de luz acesa.

"Irresponsabilidade; um sujeito desses merece é cadeia; a polícia devia descobrir quem foi e dar umas boas borrachadas nele." O velho estava por conta. Um cara que ia passando parou e com um ar experimentado de quem conhecia toda a trama e já presenciara aquela mesma situação dezenas de vezes, comentou: "isso é coisa de comunista." O velho olhou muito para ele, mascando furiosamente as gengivas, depois olhou o relógio e resmungou: "me fazer perder meia hora" — e foi embora andando depressa e danado da vida. O preto respondeu ao até-logo do velho, mas não despregou os olhos do edifício, só a boca mexera; a impressão que a gente tinha é a de que se passasse por ali à meia-noite ainda encontraria ele no mesmo lugar, com aquela mesma boca aberta e os olhos escancarados. "Sofrer tudo isso para nada", escutei a gorducha falando ao passar por mim; ela também já desistira e ia embora. A decepção era geral, todo mundo se sentia logrado. O único que vi contente com a coisa foi um dos estudantes: tinham apostado uma Brahma, e o que apostara que ninguém ia suicidar ria e gozava o outro dando soquinhos. Mas o outro ainda não se dera por vencido; ainda não estava escuro, o sujeito ainda podia pular.

Mas ninguém pulou mesmo.

AP 162

Método Comunicacional – Conto: “Feliz Natal”

FELIZ NATAL

Quase. Se não dobra a esquina daria de cara com ele — logo Geraldo, seu companheiro de serviço. Não tinha nem graça: seria reconhecido na hora. Puxa, que sorte; escapara por pouco. Agora estava intrigado: que diabo fora Geraldo fazer ali no seu bairro? Não tinha a menor idéia. Mas noite de Natal é assim mesmo, a gente encontra as pessoas que menos espera. Isso servira de aviso: todo cuidado era pouco. Era preciso o máximo de atenção.

Na ida correra tudo bem. A única pessoa conhecida que ele encontrara fora a mulher do açougueiro: ela tinha saído de repente da farmácia; ele pensou em dar meia-volta, ou então atravessar para o outro lado, mas resolveu arriscar e por à prova o seu disfarce. Foi sensacional: a mulher nem suspeitou — olhou para ele como para um estranho e continuou tranqüilamente o caminho. Sensacional.

Mas também caprichara antes de sair: ficara quase uma hora se preparando. Partira o cabelo do outro lado, deixara a barba meio crescida, vestira uma capa de *shantoong* que há anos não usava (à tarde choviscara um pouco), pusera um óculos verde-escuro comprado de um camelô e que não chegara a usar nenhuma vez, e ainda pegara a piteira do tempo em que fumava. Nem sua mãe, se o visse na rua, o reconheceria — ele pensou, contemplando no espelho aquela estranha figura. Mas não, não era assim; tinha gente danada. A mulher do açougueiro nem de longe percebera, mas tinha gente que por um pequeno detalhe já descobriria. E em seu caso havia um detalhe perigoso: ele mancava um pouco da perna direita. Quando viu a mulher, temendo ser reconhecido por

esse detalhe, apelou para uma solução que depois lhe pareceria genial: como não podia ocultar o defeito — a menos que parasse, o que chamaria mais a atenção —, resolveu acentuá-lo, mancando fortemente. E passou de liso. Foi perfeito. Isso deu-lhe maior confiança.

Mas não podia se descuidar, nem um só minuto. Ainda mais agora, na volta, quando trazia o embrulho sob o braço. Na ida, se apesar de tudo fosse reconhecido, podia inventar que estava se dirigindo a algum lugar; e quanto ao disfarce, as pessoas que o conheciam já o consideravam tão estranho que certamente não se admirariam de mais aquela esquisitice. Em último caso poderia dar uma resposta qualquer, como, por exemplo: assim como Cristo nascia àquela noite, ele decidira renascer como um outro homem, começando pela roupa. Uma bobagem qualquer desse tipo. Não seria problema. O problema maior era agora, com aquele embrulho, pois certamente perguntariam o que era e aí ele poderia se enroscar. O melhor mesmo seria não encontrar ninguém. O que não era fácil, pois aquela zona estava cheia de conhecidos.

O perigo não estava só na calçada; estava também na rua, nos carros que passavam — dentro de um deles podia estar um conhecido. Esse perigo era maior na hora de atravessar a esquina, quando ficava esperando uma oportunidade — o trânsito estava muito movimentado — e então se expunha inteiramente à vista dos outros. Mas os carros estacionados não eram menos perigosos: às vezes pensava que não tinha ninguém dentro e quando ia passando, pronto, lá estava um conhecido. E o pior é que tinha uma certa dificuldade em enxergar as pessoas dentro dos carros.

Chez Nunes; Esconderijo; Brasa; Juca's: lá estavam, nos quarteirões acima, os luminosos coloridos chamando com um ar frenético para as conversas e bebedeiras em ambientes alegres. Os carros, estacionados nos dois lados da rua, deixavam apenas uma faixa estreita por onde escorria devagar e incessante um rio de faróis acesos. Passar ali? Seria um suicídio. Se bem que se sentia tentado: só para

provar de novo e com maior risco o seu disfarce. Mas claro que não faria isso: seria cometer uma loucura. Em vez disso, tomar a esquerda, aquela ruazinha estreita — que não era muito menos perigosa: havia várias residências de conhecidos, e ali para fugir só na meia-volta, pois atravessar a rua não adiantaria nada, uma vez que ela era estreita. Em todo o caso, risco por risco, aquele era muito menor.

Primeiro uma boa olhada. Ninguém à vista. Em frente, pois. Caminhar devagar, pronto para voltar atrás ao menor sinal de perigo. Nos portões nenhuma pessoa. Um carro estacionado; não, não havia ninguém dentro. Agora a casa de Gildásio, no outro lado. Como calculara: muita gente lá. Marta, Celinha, Rogério, Souza: estavam conversando e bebendo no alpendre. E Ritinha — Ritinha! Se ela olhasse para ali era bem capaz de reconhecê-lo. Ele estaria perdido. Retroceder ou continuar? Continuar. Andar rápido, rápido . . . Pronto: passara. Mas correra um perigo imenso: Ritinha reconhecia uma pessoa até a léguas de distância; era terrível. Atravessar agora para evitar o próximo perigo: a casa do Doutor Melquíades. Já devia estar todo mundo lá também, em plena comemoração. Não se enganara: a casa cheia, gente no jardim. Aquele no murinho era Wander; estava sozinho e fumava olhando para a rua. Perigo a vista. Mancar fortemente. Ir passando tranqüilo. Ele está olhando; está olhando. Pronto, virara a esquina.

Ufa! . . . — respirou com alívio. Dera para suar. Ainda bem que esse quarteirão agora era tranqüilo. Mas nem pensara isso direito, um grito veio de um carro parado: "Ranulfo!" Seu coração foi lá embaixo. Mas ele não parou, foi andando, foi andando, não se chamava Ranulfo. A voz não tornou a chamar. Teria acreditado ser engano? Ou estaria chamando por outro Ranulfo, no prédio em frente ao qual o carro estava estacionado? Não sabia, nem queria saber: o fato é que escapara, e agora já estava quase chegando à outra esquina, andando depressa. É o que continuaria a fazer, nos três quarteirões que ainda restavam: andaria depressa, não pararia para nada, se alguém o chamasse ele continuaria a

andar e se alguém o cumprimentasse ele não responderia. O que podia acontecer é que alguém reconhecendo-o, estranhasse sua pressa e quisesse ir atrás para saber o que havia, ou então aparecesse mais tarde em seu apartamento. Isso podia acontecer; mas e os riscos que também corria andando devagar? Assim pelo menos chegaria mais depressa.

Ah, a hora que atravessasse a porta de seu apartamento; a hora que entrasse, trancasse à chave e colocasse o pega-ladrão... Depois de passar por todos aqueles perigos... Aquele grito quase o matara de susto. Seria ele mesmo ou algum outro Ranulfo? Não conhecia nenhum ali na vizinhança. Mas claro que podia ser outro. Seu nome não era comum, mas também não era tão raro assim. Não reconhecera aquela voz; se tivesse reconhecido seria fácil saber. Mas o pior mesmo fora ele quase dando de cara com Geraldo. Imagine, logo Geraldo; que diabo, gente, estaria ele fazendo por ali, tão longe de onde morava? Estaria paquerando alguma mulher? Ou quem sabe teria ido ao seu apartamento procurá-lo? ...

Enfim: lá estava seu prédio. Mais um quarteirão e estaria à porta. E então vinha o perigo maior de todos: o porteiro. Se o porteiro o visse entrando, tudo estaria perdido. Conseguira sair sem ser visto por ele. Agora, muito mais importante, a parte decisiva, seria entrar sem ser visto por ele. Para isso teria de esperar uma oportunidade: o porteiro ser chamado a algum apartamento ou então descer para abrir a garagem, pois já passara das dez.

Ficou sob a marquise do armazém em frente ao prédio. Agora era esperar e torcer para que algum conhecido que saísse do prédio não o reconhecesse. Enquanto esperava viu dois que saíram, mas não houve perigo: nenhum olhou na sua direção. Um cabeludo, que acabara de sair do elevador, conversava com o porteiro. Era um inquilino novo e, se não se enganava, ele tinha um Opala. Parece que acertara: o porteiro dera a volta ao balcão e os dois desceram a escada que dava para a garagem. Era a hora: mais que depressa atravessou a rua, entrou no prédio, e foi subindo a escada.

Então diminuiu o passo. O elevador seria uma loucura, mas a escada também era bastante perigosa: era preciso ir devagar, pronto para agir com rapidez. Enquanto subia, ia escutando o barulho de conversas, risadas, e músicas que vinham dos apartamentos, vários dos quais de gente conhecida. Seu maior medo era na hora que atingia um novo andar. Mas dessa vez teve sorte: não deu com ninguém.

E assim, bufando de cansaço e exausto emocionalmente, chegou ao décimo andar, onde morava — para descobrir que, exatamente agora, na última etapa de sua caminhada, o maior dos azares o esperava: a porta do apartamento vizinho, diante da qual tinha de passar para ir ao seu apartamento, estava aberta e havia gente na sala conversando. Encostou-se à parede, na mal iluminada curva da escada, e quase chorou de raiva. Logo agora! Logo no fim! O que faria? O que poderia fazer? Aquela porta não seria tão cedo fechada. Sentou-se desolado na escada, entregando os pontos. Agora só mesmo um milagre.

Então escutou o barulho forte de uma batida de carro lá fora, na rua — e percebeu, de repente, que o milagre desejado acontecera: todo mundo devia ter corrido para a sacada. Devia ou não, resolveu arriscar: pôs a piteira bem ostensiva, firmou os óculos, baixou a cabeça, e foi. Ninguém na sala — ele acertara. Muito rápido e sem fazer ruído, girou a chave na porta, abriu-a, entrou, fechou, tudo sem o menor barulho. Colocou o pega-ladrão. Então pôs o embrulho sobre a mesa e foi para o quarto: deixou-se cair na cama e nela afundou com todo o peso de seu cansaço, suspirando profundamente.

Assim ficou, sem se mover, o apartamento todo no escuro, durante uma meia hora. Então se levantou, caminhou até a copa e acendeu a luz. Foi ao banheiro urinar; deixou de dar a descarga para não fazer barulho. Evitava fazer qualquer barulho, até na hora de ligar ou desligar o interruptor de luz. Nada devia ser ouvido lá fora que indicasse sua presença em casa. Até andar: andava de macio para que o morador do apartamento de baixo, seu conhecido, não o

escutasse. Porta, ele não atenderia a nenhum chamado. As persianas descidas: ninguém veria a luz da copa.

Então, tranqüilo e certo de que não seria perturbado por ninguém, e agora comodamente em seu pijama e de chinelos, ele sentou-se à mesa. Pegou o embrulho, que era um saco de papel, amarrado na ponta. Desamarrou-o calmamente e tirou de dentro dois embrulhos menores. Abriu o primeiro: uma garrafa de vinho. Abriu o segundo: um pacote de azeitonas pretas curtidas no óleo. Alisou as mãos satisfeito. Pegou no armário ao lado um cálice de vidro e um paliteiro. Pôs o vinho até quase encher o cálice. Depois espetou uma azeitona — mas antes de comê-la, ergueu o cálice no ar e disse: "Feliz Natal!"

AP 163

FIGURA 17

Método Comunicacional
Texto 1- A/ FAB/8/4

GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

"O Suicida" e "Feliz Natal" - Reflexão

É incrível como hoje em dia as pessoas são curiosas, e isso acaba sendo como um instinto, pois todos nós temos a curiosidade dentro de si. O conto "O Suicídio" retrata parte da sociedade e seus costumes.

Fazendo um breve resumo, o conto fala sobre um suposto suicídio que pode ocorrer com um homem que ameaça pular de um edifício.

A situação é passada de boca em boca das pessoas que assistem à situação, e a cada um a história aumenta, sendo que não passava de um padeiro exercendo seu trabalho.

O foco do conto é o fato de atualmente, as pessoas têm certo interesse por tragédias, não pelo ocorrido, e sim pela polêmica gerada e repercutida, transformam os fatos em acontecimentos mais chamativos.

Mas agora, falando sobre o conto "Feliz Natal", chegamos à conclusão de que a mensagem transmitida é a mesma de "O Suicida", porém, esta mostra mais o lado da pessoa atingida com a "loca". Fala sobre um homem que atualmente, como todos os outros, comemora o Natal, porém de um modo diferente.

Durante todo o enredo, o protagonista passa o mais despercebido possível até chegar à sua casa, comer azeitonas, tomar vinho e dizer:

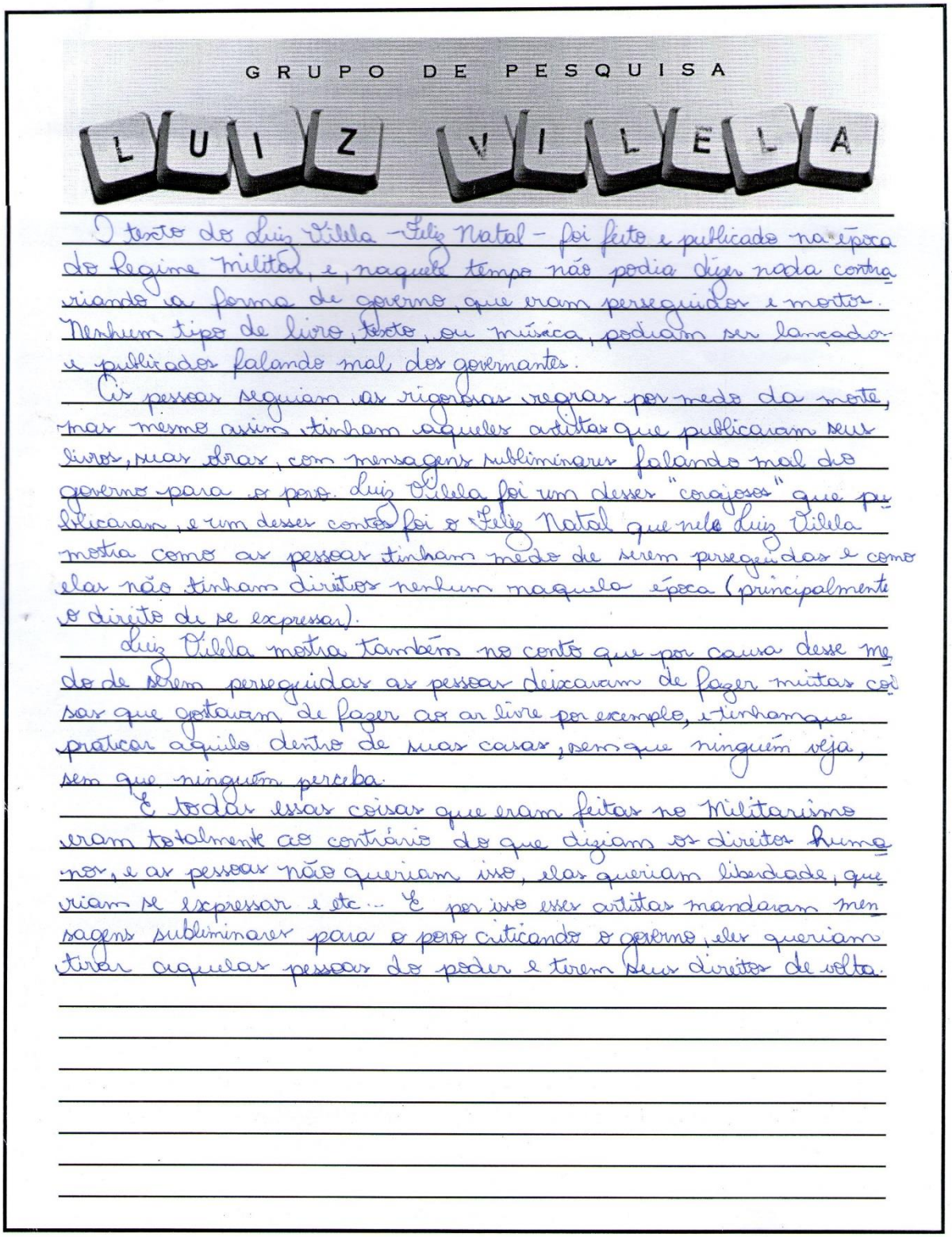
— Feliz Natal. O que parece, relacionando ambos os contos, concluímos que "Feliz Natal" é uma metáfora: o homem se esconde junto de uma caixa durante toda a história, e já que "O Suicida" fala sobre a língua do povo, entender que o que havia dentro da caixa (azeitonas) representa um possível segredo que ele tanto guardava, para não cair na fúria do povo.

AP 164

FIGURA 18

Método Comunicacional

Texto 2- A/ CAR/8/4



O texto do Luiz Vilela - Feliz Natal - foi feito e publicado na época do Regime Militar, e, naquele tempo não podia dizer nada contrariando a forma de governo, que eram perseguidos e mortos. Nenhum tipo de livro, texto, ou música, podiam ser lançados e publicados falando mal dos governantes.

As pessoas seguiam as rigorosas regras por medo da morte, mas mesmo assim tinham aqueles artistas que publicaram seus livros, suas obras, com mensagens subliminares falando mal do governo para o povo. Luiz Vilela foi um desses "corajosos" que publicaram, e um desses contos foi o Feliz Natal que nele Luiz Vilela mostra como as pessoas tinham medo de serem perseguidas e como elas não tinham direitos nenhum naquela época (principalmente o direito de se expressar).

Luiz Vilela mostra também no conto que por causa desse medo de serem perseguidas as pessoas deixaram de fazer muitas coisas que gostavam de fazer ao ar livre por exemplo, e tinham que praticar aquilo dentro de suas casas, sem que ninguém veja, sem que ninguém perceba.

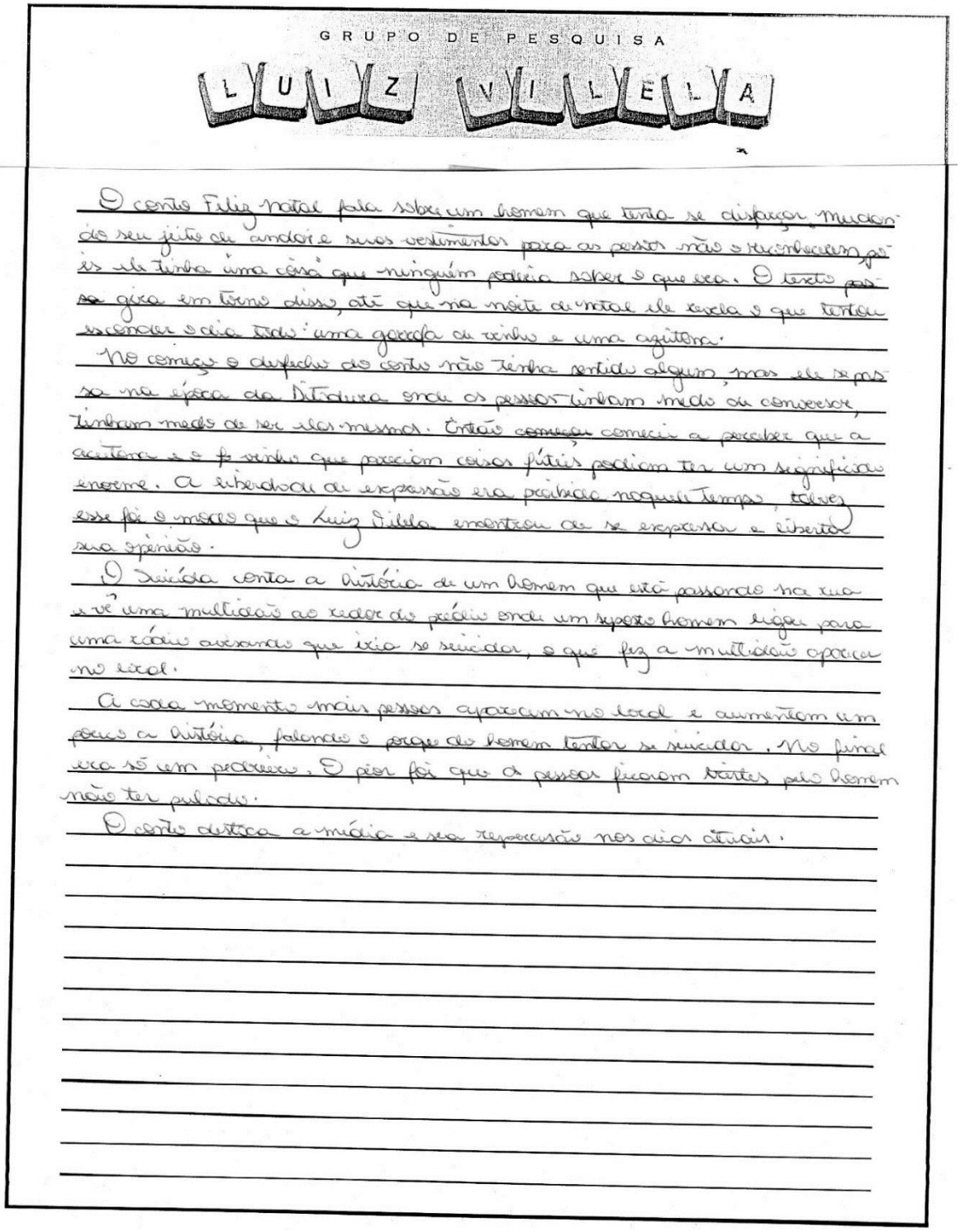
E todas essas coisas que eram feitas no Militarismo eram totalmente ao contrário do que diziam os direitos humanos, e as pessoas não queriam isso, elas queriam liberdade, queriam se expressar e etc... E por isso esses artistas mandaram mensagens subliminares para o povo criticando o governo, eles queriam tirar aquelas pessoas do poder e terem seus direitos de volta.

AP 165

FIGURA 19

Método Comunicacional

Texto 3- A/ MARP/8/4



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

O conto Feliz natal fala sobre um homem que tenta se disfarçar, mudando seu jeito de andar e seus vestimentos para as pessoas não o reconhecerem pois ele tinha uma coisa que ninguém poderia saber o que era. O texto passa em torno disso, até que na noite de natal ele revela o que tentou esconder o dia todo: uma garrafa de vinho e uma agulha.

No começo o desfecho do conto não tinha sentido algum, mas ele se passa na época da Ditadura onde as pessoas tinham medo de conversar, tinham medo de ser elas mesmas. Então comecei a perceber que a escritora e o vinho que pessoas coisas fúteis podiam ter um significado enorme. A liberdade de expressão era proibida naquele tempo, talvez esse foi o motivo que o Luiz Vilela encontrou de se expressar e liberdade sua opinião.

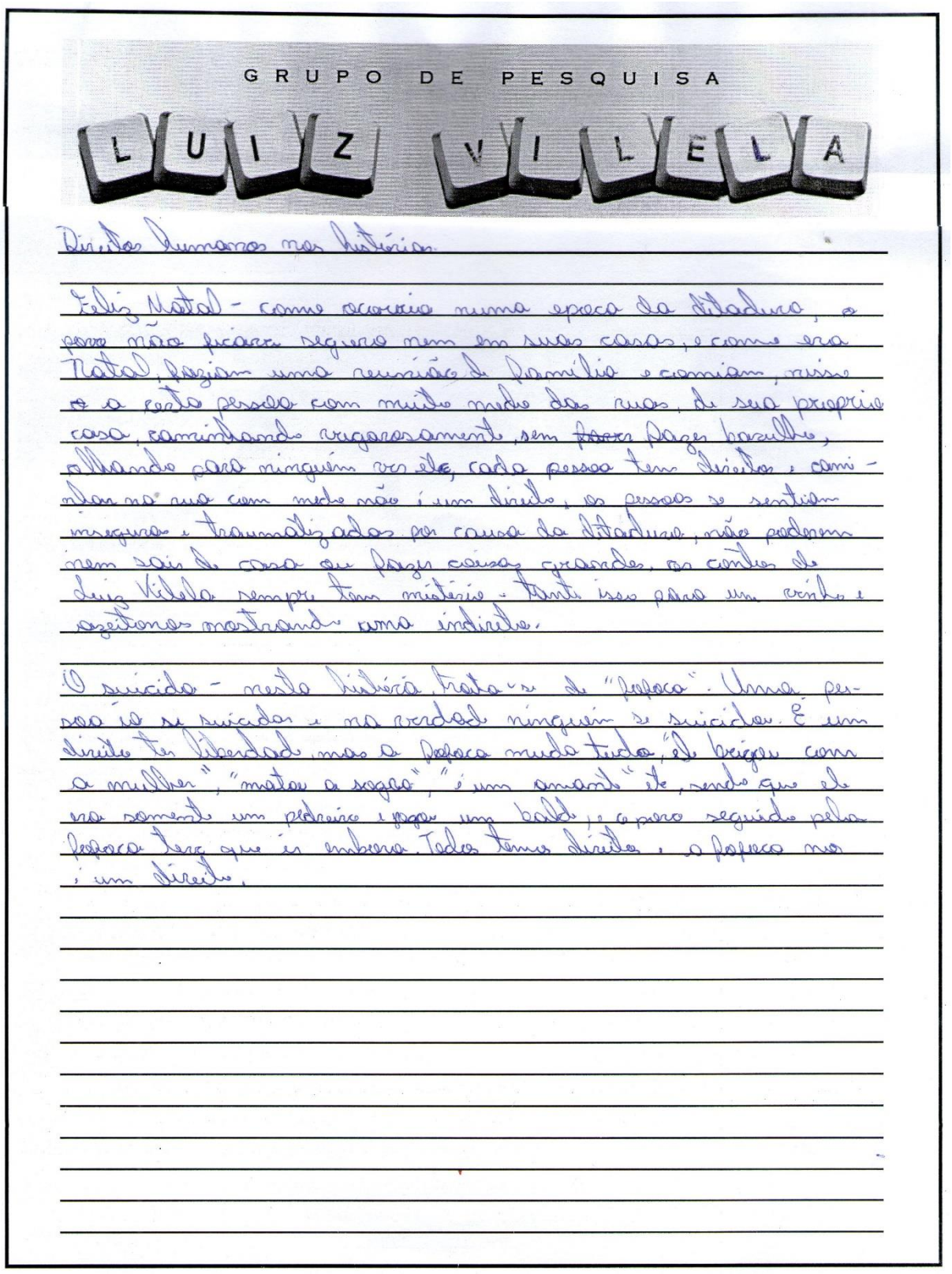
O Suicida conta a história de um homem que está passando na rua e vê uma multidão ao redor de prédio onde um suposto homem ligou para uma rádio avisando que iria se suicidar, o que fez a multidão aparecer no local.

A cada momento mais pessoas aparecem no local e aumentam um pouco a história, falando o porque do homem tentar se suicidar. No final era só um pedreiro. O pior foi que as pessoas ficaram tristes pelo homem não ter pulado.

O conto destaca a mídia e seus repercussão nos dias atuais.

AP 166

Método Comunicacional
Texto 4- A/EMA/8/4



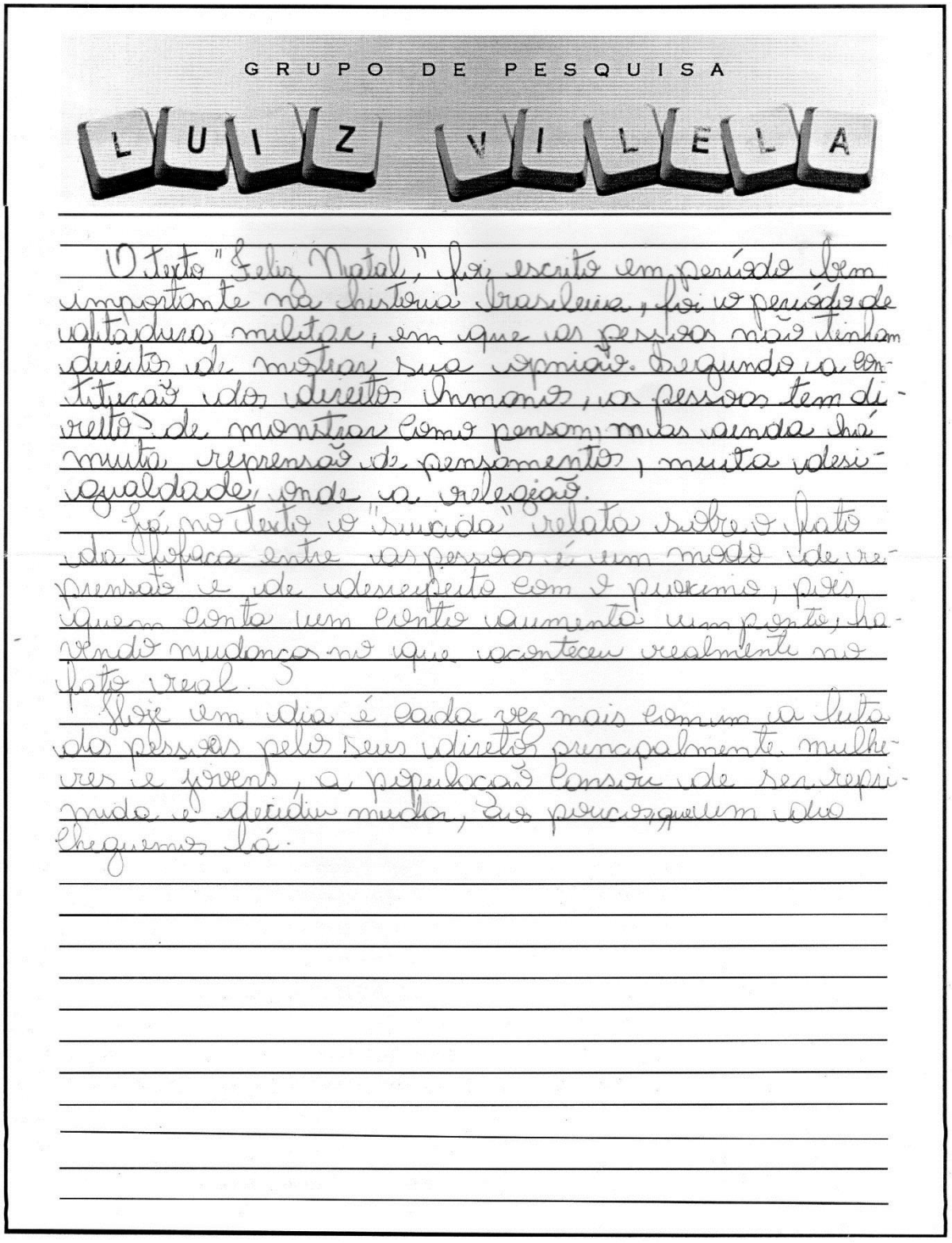
Direitos humanos nas histórias

Feliz Natal - como ocorria numa época da ditadura, o povo não ficava seguro nem em suas casas, e como era Natal, faziam uma reunião de família e comiam, assim o resto passava com muito medo das ruas, de sua própria casa, caminhando vagarosamente, sem fazer fazer barulho, olhando para ninguém ver ele, cada pessoa tem direitos, caminhar na rua com medo não é um direito, as pessoas se sentiam inseguras e traumatizadas por causa da ditadura, não podiam nem sair de casa ou fazer coisas grandes, os contos de Luiz Vilela sempre tem mistério - tanto isso para um conto e aspectos mostrando uma infância.

O suicida - neste história trata-se de "Peloca". Uma pessoa já se suicidou e na verdade ninguém se suicidou. É um direito ter liberdade, mas o Peloca muda tudo, "ele brigou com a mulher", "matou a sogra", "é um amante" etc, sendo que ele era somente um pobrezinho e pagou um bode, o povo seguido pelo Peloca teve que ir embora. Todos temos direitos, o Peloca não é um direito.

AP 167

Método Comunicacional
Texto 5- A/GABL/8/4



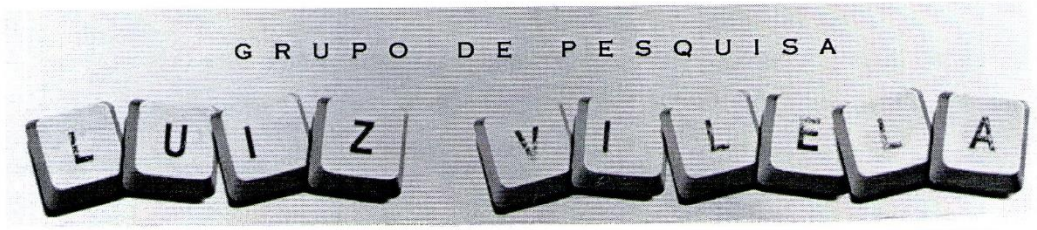
O Texto "Feliz Natal", foi escrito em período bem importante na história Brasileira, foi o período de ditadura militar, em que as pessoas não tinham direito de mostrar sua opinião. De acordo com a Constituição dos direitos humanos, as pessoas tem direito de mostrar como pensam, mas ainda há muita repressão de pensamentos, muita desigualdade, onde a religião.

Já no Texto o "Suicida" relata sobre o fato da ilusão entre as pessoas é um modo de repensar e de desrespeito com o próximo, pois quem conta um conto aumenta um ponto, havendo mudanças no que aconteceu realmente no fato real.

Hoje em dia é cada vez mais comum a luta das pessoas pelos seus direitos principalmente mulheres e jovens, a população tem o direito de ser respeitado e decidir muda, e os preconceitos não chegamos lá.

AP 168

Método Comunicacional
Texto 6- A/ LET/8/4



Contos relacionados aos direitos humanos.

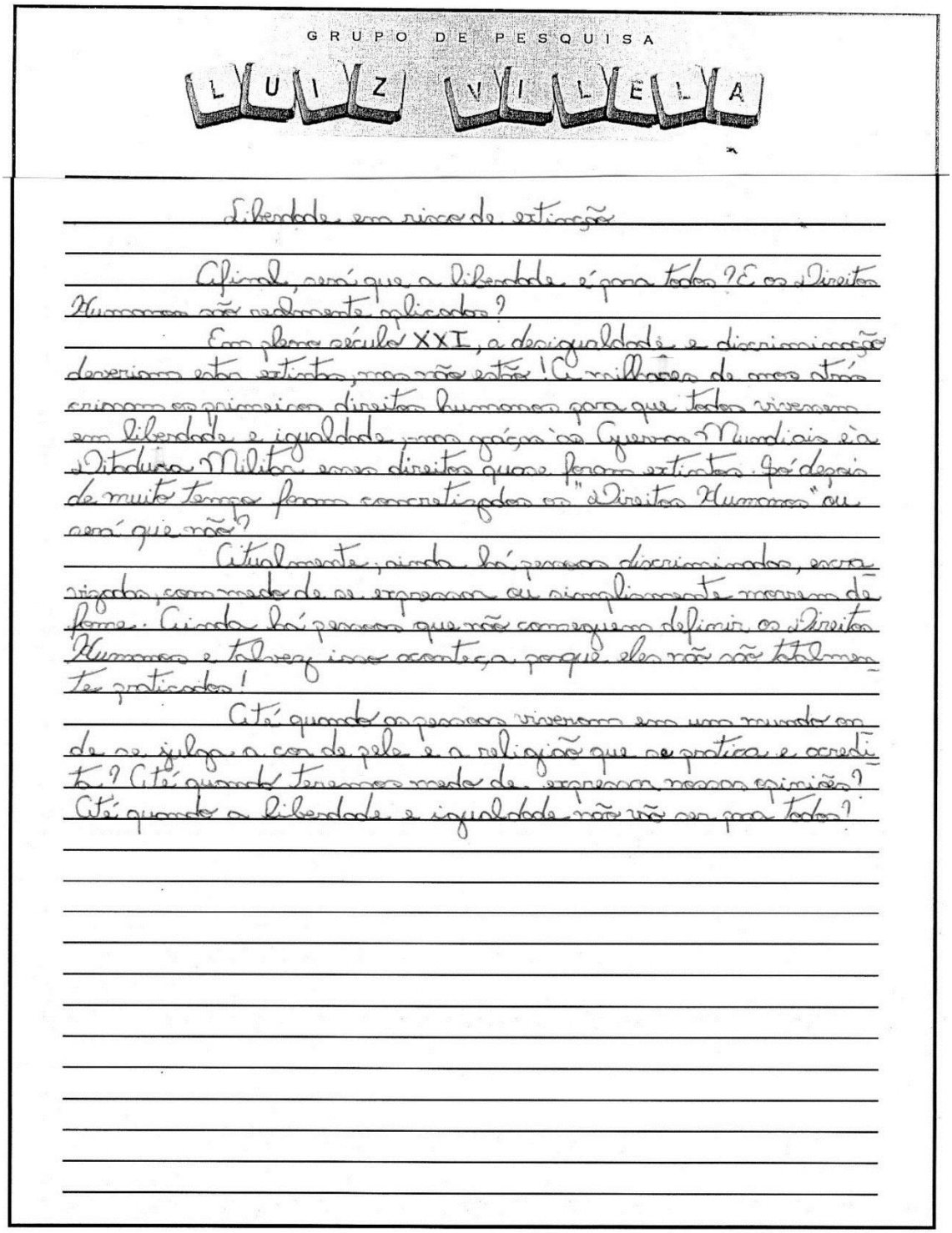
A relação que vimos entre os textos (O suicida) e (Feliz Natal) com os direitos humanos é que no conto Feliz Natal trata-se de uma pessoa (homem) que sai na noite de Natal todo disfarçado para não ser reconhecido por ninguem, para simplesmente chegar em seu apartamento escondido e silenciosamente para comer angiteros tomando um vinho bojudo. e os direitos humanos se encaixa nesse texto especificamente porque há anos atrás as pessoas não tinham liberdade para sair e viverem livres, sem medo e sem desconfiança dos outros... O texto diz que esse ponto no caso de o homem sair disfarçado e chegar em casa sem que ninguém o perceba, ele provavelmente estaria vivendo na época que não tinha liberdade.

Já no texto O suicida fala que a cada vez que uma História vai passando de ouvido em ouvido ela vai aumentando e acrescenta-se coisas que não aconteceu. Retrata-se da fofoca que além da pessoa espalhar um assunto que não é dela, ela ainda aumenta a História e é um direito ser mantido a Sua História só com aquela pessoa sem que ninguem saiba.

AP 169

Método Comunicacional

Texto 7- A/ MAR/8/4


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILLELA

Liberdade, em risco de extinção

Afinal, será que a liberdade é para todos? E os Direitos Humanos são realmente aplicados?

Em pleno século XXI, a desigualdade e discriminação deveriam estar extintas, mas não estão! Cê milhares de anos atrás criaram os primeiros direitos humanos para que todos vivessem em liberdade e igualdade, mas após às Guerras Mundiais e à Ditadura Militar, esses direitos quase foram extintos. Só depois de muito tempo foram concretizados os "Direitos Humanos" ou será que não?

Atualmente, ainda há pessoas discriminadas, escravizadas, com medo de se expressar ou simplesmente morrem de fome. Ainda há pessoas que não conseguem definir os Direitos Humanos e talvez isso aconteça, porque eles não são totalmente praticados!

Até quando as pessoas viverão com uma mentalidade de julgar a cor da pele e a religião que se pratica e acredita? Até quando teremos medo de expressar nossas opiniões? Até quando a liberdade e igualdade não vão ser para todos?

QUINTO MOMENTO

MÉTODO SEMIOLÓGICO

CONTOS TRABALHADOS:

“Professor de inglês” (1983)
“Aprendizado” (1983)

AP 170

PLANEJAMENTO

Método Semiológico – currículo por áreas.

Conteúdo

A leitura na comunidade escolar.

Material

Contos de Luiz Vilela: “**Professor de inglês**” e “**Aprendizado**”.

Objetivo

Proporcionar ao aluno a oportunidade de portar-se como sujeito social e veicular as ideologias observadas por ele em relação a leitura literária na escola.

Procedimentos didáticos

Coleta de textos culturais diversificados

O professor propõe que os alunos examinem o contato dos funcionários da escola com o texto literário, bem como o espaço concedido a ela na unidade escolar, colhendo entrevistas, relatórios, descrições sobre a Instituição Escolar.

Na data marcada, os alunos expõem à turma, através de relatos orais, o que obtiveram junto à biblioteca, aos funcionários, aos alunos e docentes. Em grupo, leem os materiais coletados, retirando seus conceitos básicos.

Depois da exposição oral dos materiais selecionados, os alunos decidem qual deles farão parte da matéria jornalística que comporão ao final do trabalho.

Aquisição das regras do jogo semiológico

Divididos em grupos, os alunos leem os textos literários selecionados pelo professor, com o objetivo de constituir um banco de dados maior sobre a Instituição Escolar veiculada na sociedade.

O professor sugere que os alunos criem um mapa-modelo dos textos lidos: nome do texto, componentes, característica de cada componente, relações estabelecidas entre os componentes.

Reconhecimento do uso intencional das linguagens

Com os dados obtidos e divulgados, a turma é instigada fazer a leitura dos contos e a, posteriormente, participar de uma discussão sobre as características dos contos e a relação deles com a realidade que presenciam e com os artigos que leram.

Análise das intenções conformadoras ou emancipatórias dos textos

Na aula seguinte, o professor sugere a elaboração de uma página de jornal com colunistas. Cada grupo escolhe um texto e redige uma coluna, justificando as razões de sua escolha. Em conjunto, montam a página, organizando um quadro-resumo dos textos in e out da escola.

Interação dos sujeitos com os textos

Do exame da página de jornal, o professor consulta os alunos sobre a hipótese de transformar a experiência vivida em algo prático. Sugere a elaboração de uma "Carta Aberta à Nossa Escola", em que se aproveitem as ideias surgidas durante o trabalho para tentar transformar as condições de ensino-aprendizagem num projeto mais efetivo de educação. O alunos decidem para quem irão enviá-la.

AP 171

Método Semiológico – conto: “Professor de inglês”

O Professor de Inglês

Chegou atrasado à primeira aula. A porta estava encostada e ele empurrou-a. Ao entrar, não vendo nenhuma carteira vazia, pegou a que estava em frente à porta e arrastou-a para junto das outras.

— Muito bem — disse o professor, — então eu pus essa carteira aí foi para você sentar?

A classe riu e ele enrubesceu.

— Não viu que eu pus ela aí foi para encostar a porta?

Ficou ali em pé, procurando com os olhos aflitos uma carteira, todas aquelas caras fixas nele.

— Como é? — disse o professor. — Estou esperando; você vai sentar ou não vai?

— Não há carteira — balbuciou.

— Pois então senta nessa aí, moço! — gritou o professor, e a sala pareceu encolher. — Você já chegou atrasado, já interrompeu minha aula, e agora vai ficar aí de pé atrapalhando até quando?

Ele sentou-se.

O professor passou os olhos desconfiados pela classe. Continuou a ler.

Ele perguntou ao colega de trás o número da página; abriu o livro e acompanhou a leitura com os outros. Seu coração ainda batia depressa, sua cabeça estava zonza, acompanhava com dificuldade.

O professor terminou de ler. Tirou os óculos, de aros de tartaruga. Abriu a pasta em cima da mesa. Era um sujeito pequeno, com alguns cabelos ralos na cabeça e uma cara de rato. Devia ter uns quarenta anos. Enquanto mexia na pasta olhava de momento a momento para a classe, com a testa franzida e um ar desconfiado. Não se ouvia o menor ruído na sala.

Tirou a caderneta de chamada e fechou a pasta, afastando-a para um lado. Tornou a pôr os óculos. Abriu a caderneta. Correu os olhos pela página, de cima a baixo e depois de baixo a cima.

— Número três — disse.

Um aluno se levantou e foi à frente levando o livro.

“E meu número?” — ele pensou, aterrado. Era o primeiro dia que ia à aula e não podia nem imaginar qual o seu número de chamada.

— Vamos lá — disse o professor.

O rapaz começou a ler.

— Mais alto — disse o professor.

O rapaz aumentou a voz, continuando a ler.

— Mais alto, já disse — insistiu o professor.

O rapaz interrompeu a leitura e olhou sem graça para os colegas.

— Estou esperando — disse o professor.

O rapaz continuou a ler.

— Você não tomou café hoje não, moço? — gritou o professor.

A classe riu, mas foi um riso brusco: logo todo mundo estava em silêncio de novo, enquanto o professor se demorava a olhar para o rapaz, que de cabeça baixa e o livro já fechado, esperava.

— Vai sentar, vai — encerrou o professor.

Tirou a caneta do paletó, destampou-a com lentidão, e escreveu na caderneta.

— Ganha dois — disse, sem erguer os olhos.

Percorreu outra vez a lista de chamada. Toda a classe em silêncio.

— Número vinte.

Uma menina caminhou para a frente. Começou a ler onde o rapaz havia parado.

O professor acompanhava no seu livro. De repente parou de acompanhar e ficou olhando para a menina. A menina, concentrada no livro, ia lendo. Quando chegou num parágrafo novo, parou e olhou para o professor.

— Onde você fez o ginásio? — o professor perguntou: — no interior?

— É sim senhor — a menina respondeu com timidez.

— Está se vendo — disse o professor.

Voltou-se para a caderneta, e sem olhar para a menina:

— Pode ir: ganha um.

A classe em silêncio de novo. Alguém se mexeu inquieto numa carteira.

— Cinco; número cinco.

Ninguém se levantou.

— Número cinco! — repetiu forte o professor, olhando para a classe.

— Número cinco não será você?... — o colega de trás sussurrou.

— Eu?... — sua voz sumiu.

O professor voltara à caderneta:

— Número cinco: Carlos. Não está?

Ele se levantou.

— Você outra vez, rapaz?

A classe riu.

— Há uma semana que começaram as aulas, e você até hoje não sabe o seu número?

— É o primeiro dia que ele vem, professor — o colega de trás explicou.

— Ninguém está te perguntando nada — disse o professor.

— Estou dizendo porque...

— Ninguém está te perguntando nada — disse mais forte o professor e o rapaz se calou.

Ele foi à frente. Abriu o livro e começou a ler.

— Chegue mais para a frente — disse o professor.

Deu alguns passos. Recomeçou a ler. Suas mãos tremiam, suas pernas tremiam, sua voz tremia.

— Vire-se para os seus colegas — interrompeu o professor; — você não está lendo só para mim.

Virou-se com dificuldade, as pernas duras, todo ele tremendo. Ao continuar a leitura sua voz engasgou, ele ficou indo e vindo pela página, simulando haver perdido a seqüência.

— Estou esperando — disse o professor.

Leu mais algumas palavras.

— Mais depressa, moço, mais depressa; desse jeito tartaruga te atropela.

A classe riu. O professor passeou os olhos satisfeito.

Ele leu mais um pouco, de novo parou: era impossível.

— Escuta, moço — disse o professor, olhando para ele: — você não prepara as lições, você não vem às aulas; aqui na lista de chamada você não tem nenhuma presença; como é? Desse jeito você já está na bomba.

Ele ficou em silêncio, incapaz de dizer que estivera doente aqueles dias, incapaz de dizer uma palavra que fosse, paralisado ali na frente da classe.

— Vai — disse o professor, — vai sentar.

Pegou a caneta:

— Ganha um.

Tornou a percorrer os nomes na caderneta.

— Número sete.

Mais três alunos foram argüidos. Quando o último começou a ler, a sirene tocou. O aluno parou e olhou para o professor: o professor não se mexeu; o aluno continuou. Lá fora o barulho no corredor.

— Professor, o sinal já tocou — alguém observou do fundo da sala.

— Eu ouvi muito bem, moço, eu não sou surdo, eu ouvi muito bem; não tem importância nenhuma o sinal ter tocado. — Voltou-se para o que lia: — Pode continuar.

No fim do parágrafo mandou o aluno ir sentar-se e deu a nota.

— Vão deixando de estudar — falou. — Vão deixando de estudar. No fim do ano está todo mundo na bomba. Do jeito que vai está todo mundo na bomba.

Marcou uma lição nova para a próxima aula. Fechou o livro e guardou-o na pasta. Depois guardou a caderneta. Enfiou a caneta no bolso interno do paletó. Toda a classe estava em silêncio, olhando para ele. Guardou os óculos. Olhou desconfiado para a classe. Levantou-se, colocou a pasta debaixo do braço, e desceu do tablado.

— Até logo — disse.

Mal saiu, a classe se transformou: gente pulando, batucando nas carteiras, gritos, aviõezinhos de papel, bolinhas.

Carlos tomou um café na cantina, depois saiu para o pátio. Lá, por acaso, encontrou o colega.

— Obrigado pelo que você fez — disse.

— Eu?... — o colega espantou-se, depois lembrou e fez um gesto vago com a cabeça.

— Você foi camarada.

— Não fiz nada de mais, só falei. Se ainda tivesse adiantado alguma coisa. Quanto mesmo que ele te deu?

— Um — disse, olhando envergonhado para o chão.

— Pois é — disse o colega.

Iam andando devagar pelo campo de futebol, vazio àquela hora. A manhã estava fresca. Longe, por sobre o muro do colégio, apareciam alguns prédios da cidade, muito brancos contra o céu azul. Carlos pensou em sua casa e em sua cidade, que estava longe dali; teve vontade de chorar.

— Você é de onde? — perguntou o colega.

Ele disse.

— Sua família mora lá?

— É.

— Foi lá que você fez o ginásio?

— É.

O colega ficou em silêncio.

— E você?...

— Sou daqui mesmo.

— Ainda não sei o seu nome...

— Newton; mas me chamam aí é de Baiano.

— Baiano?...

— Pois é — disse o colega; — não tem explicação; cismaram de me chamar de Baiano, agora só me chamam assim. Você entende uma coisa dessas? Tenho cara de baiano?

Voltou-se para ele. Carlos riu.

— Não tenho cara nenhuma de baiano, essa é que é a verdade. Mas cismaram.

Carlos riu.

— Você já estudou aqui antes?

— O ano passado. Tomei bomba.

— Com o Godofredo?

— Não; com o Godofredo até que eu fiz uma prova boa; foi em francês.

— Ele é sempre assim, Newton?

— Pode me chamar de Baiano mesmo, só me chamam assim.

— Tá...

— Quê que você perguntou?

— Ele é sempre assim?

— Godofredo?

— É.

— Você diz feito hoje?

— É.

Baiano sacudiu a cabeça:

— Sempre...

Carlos sentiu um aperto na barriga.

— Mas a gente acostuma — acrescentou Baiano.

— Eu nunca me acostumarei com isso.

— Você vai ver — disse Baiano.

Tinham parado. Baiano pegou o maço de cigarros no bolso da camisa e ofereceu-lhe; ele agradeceu; Baiano tirou um, pôs na boca e acendeu-o.

— E nas provas — continuou perguntando; — como que ele é?

— Provas?

— Nas provas mensais.

— Ele não dá prova não — disse Baiano, — é só argüição.

— Só argüição?...

— Toda aula tem argüição.

— Toda aula?... — sentiu outro aperto na barriga.

— A nota mensal é a média das notas das argüições; toda aula ele dá argüição.

Ficou sentindo como se estivesse de novo lá na frente e tudo aquilo acontecendo de novo.

— É assim — explicou Baiano: — se você ganha nota ruim, ele te chama outra vez: para melhorar a nota, como ele diz; mas se você tem nota boa, ele também te chama outra vez: para ver se você mantém a nota, como ele diz; ele sempre te chama outra vez, não tem jeito de escapar. O jeito, você pode pensar então, é matar aula; mas acontece que quem não tem nenhuma falta ganha mais um ponto, e ninguém quer perder esse ponto assim à toa; uma falta, uma falta só, e o sujeito já não ganha mais o ponto. É... — Baiano deu uma risadinha, — bobo a gente não pode dizer que o Godofredo é não; ele é até muito sabido...

— E você acostumou com isso?

— A gente acostuma, você vai ver; eu também no começo pensava assim.

Ficaram um momento em silêncio.

— Godofredo é um neurótico — disse Carlos. — Ele devia estar num hospital.

— É, neurótico ele é mesmo — concordou Baiano.

— Nunca tentaram tirar ele daqui?

— Tirar? Quem vai ter peito pra isso?

— Podiam pelo menos reclamar.

— Reclamar? Na diretoria? Você acha que eles se importariam?... Eles já sabem que ele é assim, faz tempo que o Godofredo dá aula aqui no colégio. Aqui, o sujeito dando aula e o aluno pagando, eles estão pouco ligando pro resto. E depois também, o Godofredo é competente, ele entende mesmo de inglês; por quê que eles vão-se preocupar com o resto?...

A sirene tocou no alto-falante, colocado acima da porta que dava para o pátio. Alunos começaram a aparecer de vários cantos, caminhando para o prédio.

Os dois também foram voltando.

— Acho tudo isso horrível — disse Carlos.

— É — disse Baiano; — mas um dia você ainda vai achar graça disso; você vai ver.

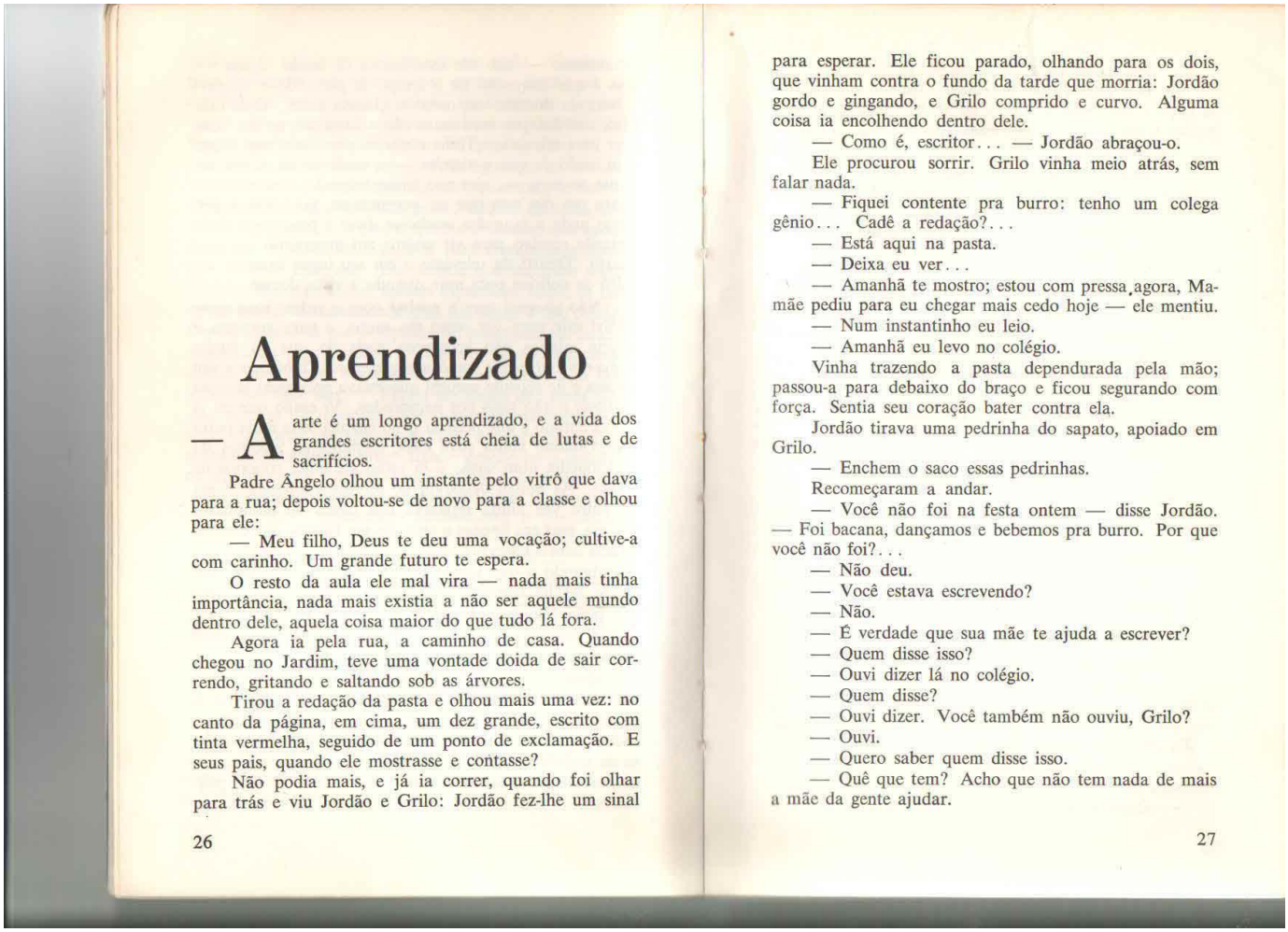
— Nunca vou achar graça disso, tenho certeza.

— Você vai ver — disse Baiano.

— Nunca vou achar graça disso, nem vou esquecer. Nunca vou esquecer disso.

AP 172

Método Semiológico – conto: “Aprendizado”



Aprendizado

— A arte é um longo aprendizado, e a vida dos grandes escritores está cheia de lutas e de sacrifícios.

Padre Ângelo olhou um instante pelo vitrô que dava para a rua; depois voltou-se de novo para a classe e olhou para ele:

— Meu filho, Deus te deu uma vocação; cultive-a com carinho. Um grande futuro te espera.

O resto da aula ele mal vira — nada mais tinha importância, nada mais existia a não ser aquele mundo dentro dele, aquela coisa maior do que tudo lá fora.

Agora ia pela rua, a caminho de casa. Quando chegou no Jardim, teve uma vontade doida de sair correndo, gritando e saltando sob as árvores.

Tirou a redação da pasta e olhou mais uma vez: no canto da página, em cima, um dez grande, escrito com tinta vermelha, seguido de um ponto de exclamação. E seus pais, quando ele mostrasse e contasse?

Não podia mais, e já ia correr, quando foi olhar para trás e viu Jordão e Grilo: Jordão fez-lhe um sinal

para esperar. Ele ficou parado, olhando para os dois, que vinham contra o fundo da tarde que morria: Jordão gordo e gingando, e Grilo comprido e curvo. Alguma coisa ia encolhendo dentro dele.

— Como é, escritor... — Jordão abraçou-o.

Ele procurou sorrir. Grilo vinha meio atrás, sem falar nada.

— Fiquei contente pra burro: tenho um colega gênio... Cadê a redação?...

— Está aqui na pasta.

— Deixa eu ver...

— Amanhã te mostro; estou com pressa agora, Mamãe pediu para eu chegar mais cedo hoje — ele mentiu.

— Num instantinho eu leio.

— Amanhã eu levo no colégio.

Vinha trazendo a pasta dependurada pela mão; passou-a para debaixo do braço e ficou segurando com força. Sentia seu coração bater contra ela.

Jordão tirava uma pedrinha do sapato, apoiado em Grilo.

— Enchem o saco essas pedrinhas.

Recomeçaram a andar.

— Você não foi na festa ontem — disse Jordão. — Foi bacana, dançamos e bebemos pra burro. Por que você não foi?...

— Não deu.

— Você estava escrevendo?

— Não.

— É verdade que sua mãe te ajuda a escrever?

— Quem disse isso?

— Ouvi dizer lá no colégio.

— Quem disse?

— Ouvi dizer. Você também não ouviu, Grilo?

— Ouvi.

— Quero saber quem disse isso.

— Quê que tem? Acho que não tem nada de mais a mãe da gente ajudar.

— Minha mãe não me ajuda — ele disse.

— Pois minha mãe me ajuda. De vez em quando eu peço a ela. Não é porque eu tenho preguiça; é que mulher é que tem jeito pra essas coisas.

Ele ficou calado.

— Eu não tenho jeito nenhum — continuou Jordão. — Meu negócio é ser macho — virou-se e deu uns socos em Grilo, provocando-o.

— Você não dá nem pro começo — disse Grilo.

— Uma esquerda só e eu te amasso, Grilo.

— Você não dá nem pra começar — disse Grilo.

Jordão atirou a esquerda, não com tanta força que machucasse; Grilo desviou-se e deu-lhe uma gravata.

— Agora — disse Grilo, segurando-o com o braço ossudo, os olhos brilhantes.

— Me larga — Jordão tossiu sufocado, — você tá me enforcando...

Grilo ainda deu uma apertada, provando sua força, depois soltou-o.

— Você quase me mata — choramingou Jordão, passando a mão pelo pescoço, que estava vermelho.

Grilo ria contente.

— Filho duma égua — Jordão ameaçou avançar de novo e Grilo deu uma corridinha rindo. — Vem, vem agora se você é homem...

— Eu não, bem, você é muito gorda...

Jordão riu.

— Cavalo...

Ele esperava, olhando para os dois.

Jordão foi andando com ele. Olhou para trás:

— Olha que coisa mais esquisita, olha se isso é gente; eu se tivesse nascido assim suicidava...

— Que quê foi aí, gorda? — Grilo se aproximou. — Tá querendo me dar?...

— Aqui quê que eu tou querendo te dar — Jordão balançou para ele.

— Deixa eu ver se tem alguma coisa aí...

Jordão empurrou-o com o corpo.

— Hum, bruta...

Jordão riu.

Os três iam andando. Tinham atravessado metade do Jardim.

— Acho que é uma sacanagem... — disse Jordão.

— Sacanagem o quê? — ele perguntou, e seu coração começou a bater depressa de novo.

— Você não deixar a gente ler agora a redação...

— Já te falei que amanhã eu levo no colégio; amanhã você lê.

— Amanhã está longe, queria ler é agora...

Ele apertava a pasta contra o corpo.

Na calçada em frente, por entre as árvores do Jardim, viu seu tio passando: ia calmamente, as mãos atrás, olhando para a tarde; se tivesse virado um pouco a cabeça, o teria visto; mas foi passando calmamente, olhando para a tarde, e então chegou na esquina, olhou se vinha carro, atravessou a rua e desapareceu.

— Só dar uma lida rápida, Eduardo...

— Não! — explodiu. — Que merda!

Os dois pararam assustados.

— Você fica enchendo o saco! Já te falei que agora não dá, que amanhã eu levo no colégio! Que diabo!

— Tá bem — disse Jordão, — não é caso de briga não...

Recomeçaram a andar.

— Falei que não dá e você fica insistindo. Se desse eu mostrava.

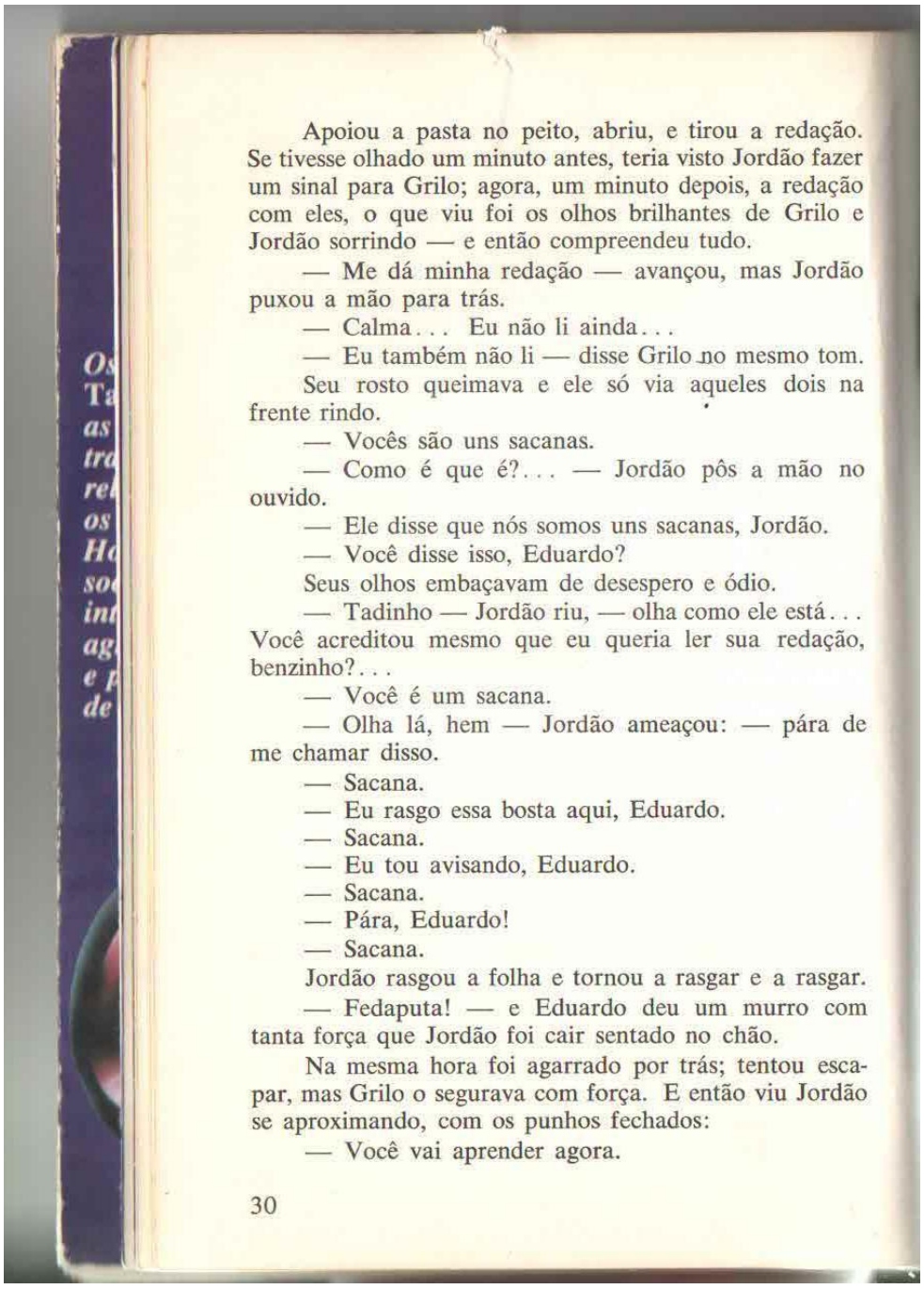
— Tá certo — disse Jordão. — Não tem problema não, você não quer não quer; estava só pedindo...

Grilo vinha atrás e parecia mais curvado ainda.

— Só por uma questão de amizade; você tinha mostrado para os outros, e então pensei que...

— Está bem — ele parou de repente: — eu vou mostrar; mas vê se lê rápido, em dois minutos, tá?

— Em dois minutos — concordou Jordão.



Apoiou a pasta no peito, abriu, e tirou a redação. Se tivesse olhado um minuto antes, teria visto Jordão fazer um sinal para Grilo; agora, um minuto depois, a redação com eles, o que viu foi os olhos brilhantes de Grilo e Jordão sorrindo — e então compreendeu tudo.

— Me dá minha redação — avançou, mas Jordão puxou a mão para trás.

— Calma... Eu não li ainda...

— Eu também não li — disse Grilo no mesmo tom.

Seu rosto queimava e ele só via aqueles dois na frente rindo.

— Vocês são uns sacanas.

— Como é que é?... — Jordão pôs a mão no ouvido.

— Ele disse que nós somos uns sacanas, Jordão.

— Você disse isso, Eduardo?

Seus olhos embaçavam de desespero e ódio.

— Tadinho — Jordão riu, — olha como ele está... Você acreditou mesmo que eu queria ler sua redação, benzinho?...

— Você é um sacana.

— Olha lá, hem — Jordão ameaçou: — pára de me chamar disso.

— Sacana.

— Eu rasgo essa bosta aqui, Eduardo.

— Sacana.

— Eu tou avisando, Eduardo.

— Sacana.

— Pára, Eduardo!

— Sacana.

Jordão rasgou a folha e tornou a rasgar e a rasgar.

— Fedaputa! — e Eduardo deu um murro com tanta força que Jordão foi cair sentado no chão.

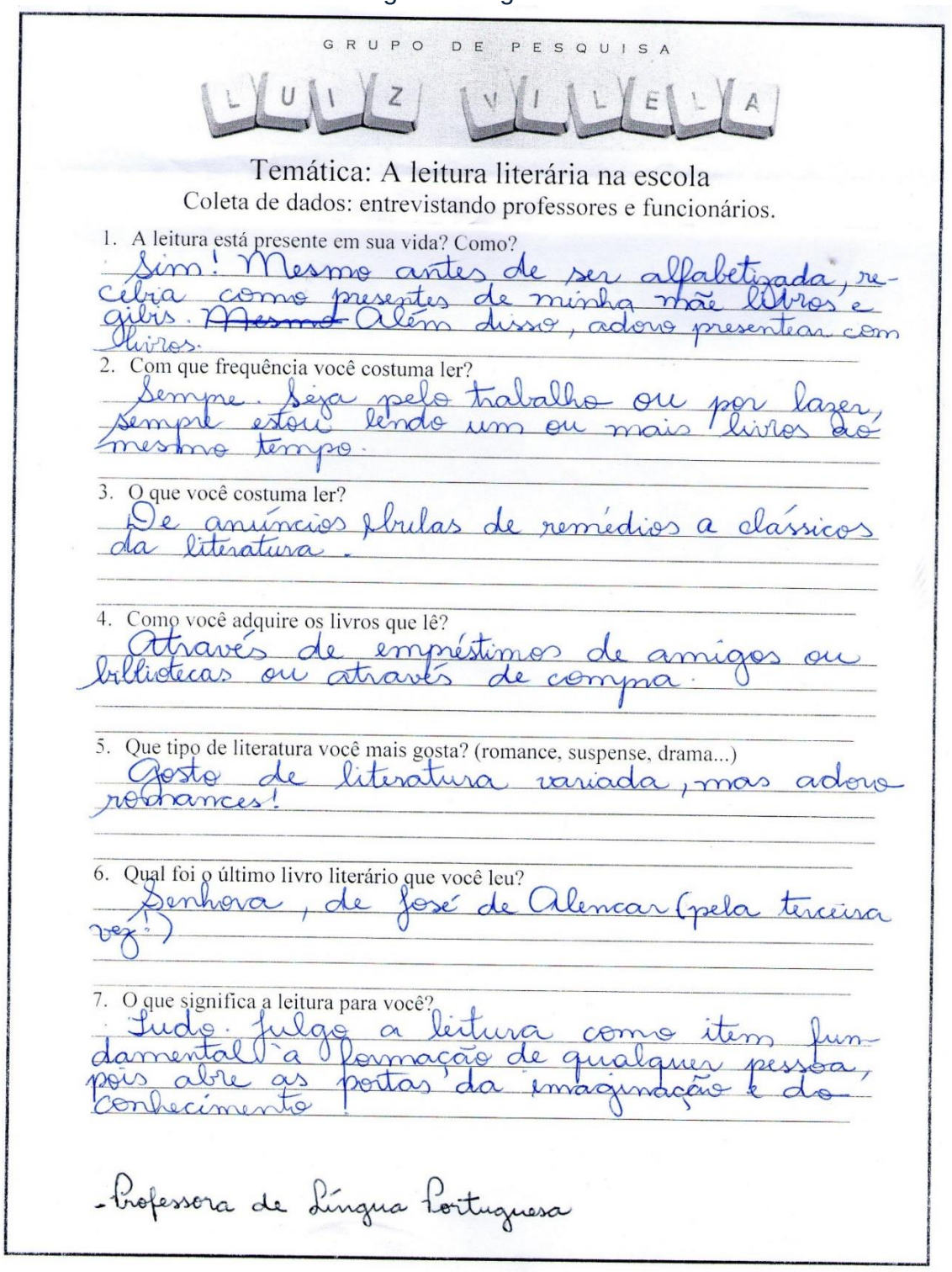
Na mesma hora foi agarrado por trás; tentou escapar, mas Grilo o segurava com força. E então viu Jordão se aproximando, com os punhos fechados:

— Você vai aprender agora.

AP 173

FIGURA 20 A

Método Semiológico – Entrevista 1
Entrevistadora- Aluna A/CAM/8/4
Entrevistada- Professora de Língua Portuguesa/ LIL/



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando professores e funcionários.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim! Mesmo antes de ser alfabetizada, recebia como presentes de minha mãe livros e gibis. ~~Mesmo~~ Além disso, adoro presentear com livros.

2. Com que frequência você costuma ler?
Sempre. Seja pelo trabalho ou por lazer, sempre estou lendo um ou mais livros ao mesmo tempo.

3. O que você costuma ler?
De anúncios, bulas de remédios a clássicos da literatura.

4. Como você adquire os livros que lê?
Através de empréstimos de amigos ou bibliotecas ou através de compra.

5. Que tipo de literatura você mais gosta? (romance, suspense, drama...)
Gosto de literatura variada, mas adoro romances!

6. Qual foi o último livro literário que você leu?
Senhora, de José de Alencar (pela terceira vez!)

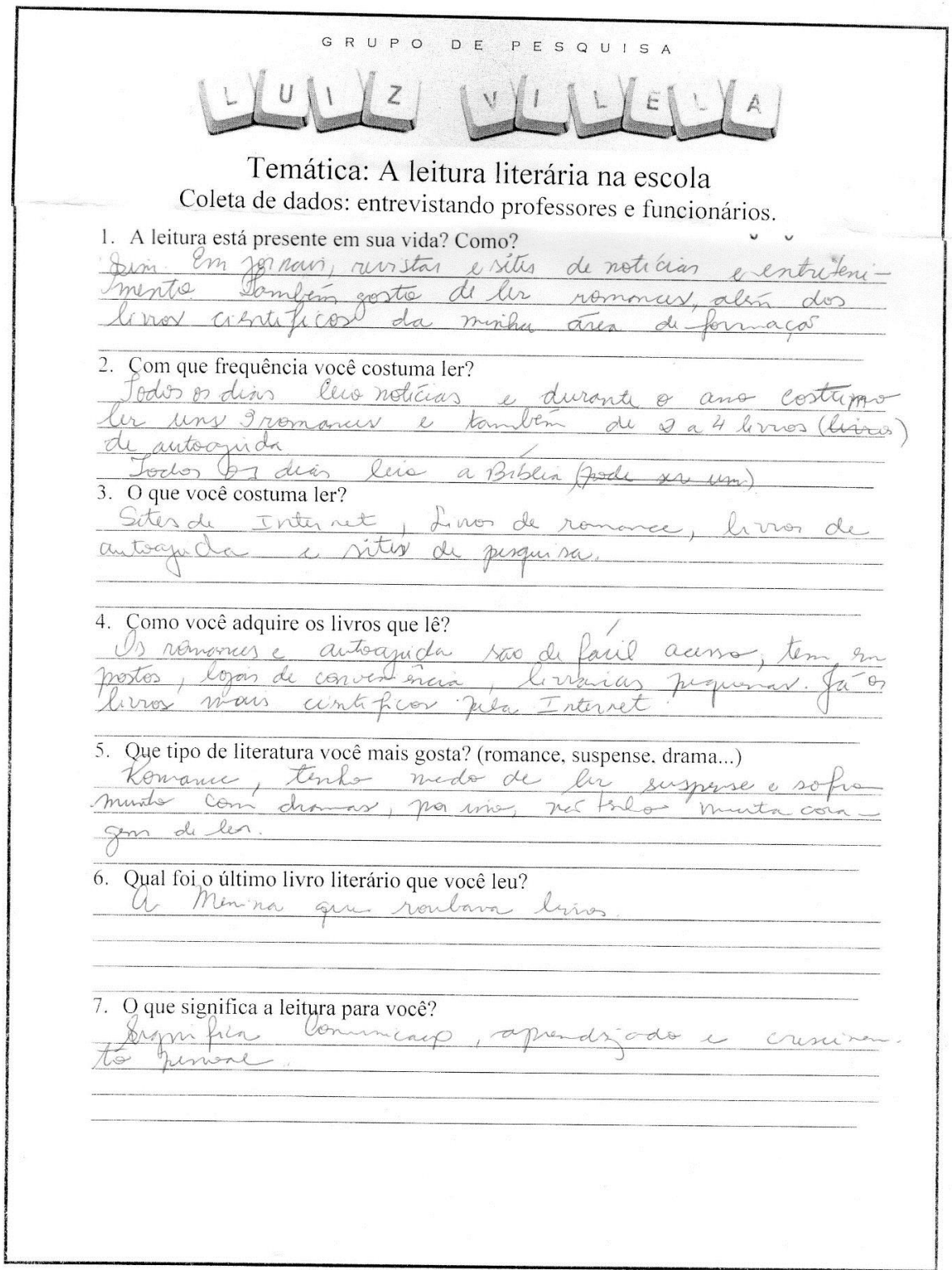
7. O que significa a leitura para você?
Tudo. Julgo a leitura como item fundamental à formação de qualquer pessoa, pois abre as portas da imaginação e do conhecimento.

- Professora de Língua Portuguesa

AP 174

FIGURA 20 B

Método Semiológico – Entrevista 2
Entrevistado- Aluno A/ JOA/8/4
Entrevistado- Professora de Geografia /ARL/



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando professores e funcionários.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim. Em jornais, revistas e sites de notícias e entretenimento. Também gosto de ler romances, além dos livros científicos da minha área de formação.

2. Com que frequência você costuma ler?
Todos os dias leio notícias e durante o ano costumo ler uns 3 romances e também de 2 a 4 livros (livros) de autoajuda.
Todos os dias leio a Bíblia (pode ser um)

3. O que você costuma ler?
Sites de Internet, Livros de romance, livros de autoajuda e sites de pesquisa.

4. Como você adquire os livros que lê?
Os romances e autoajuda são de fácil acesso, tem em postos, lojas de conveniência, livrarias pequenas. Já os livros mais científicos pela Internet.

5. Que tipo de literatura você mais gosta? (romance, suspense, drama...)
Romance, tenho medo de ler suspense e sofro muito com dramas, prefiro ler tudo muita coisa gosto de ler.

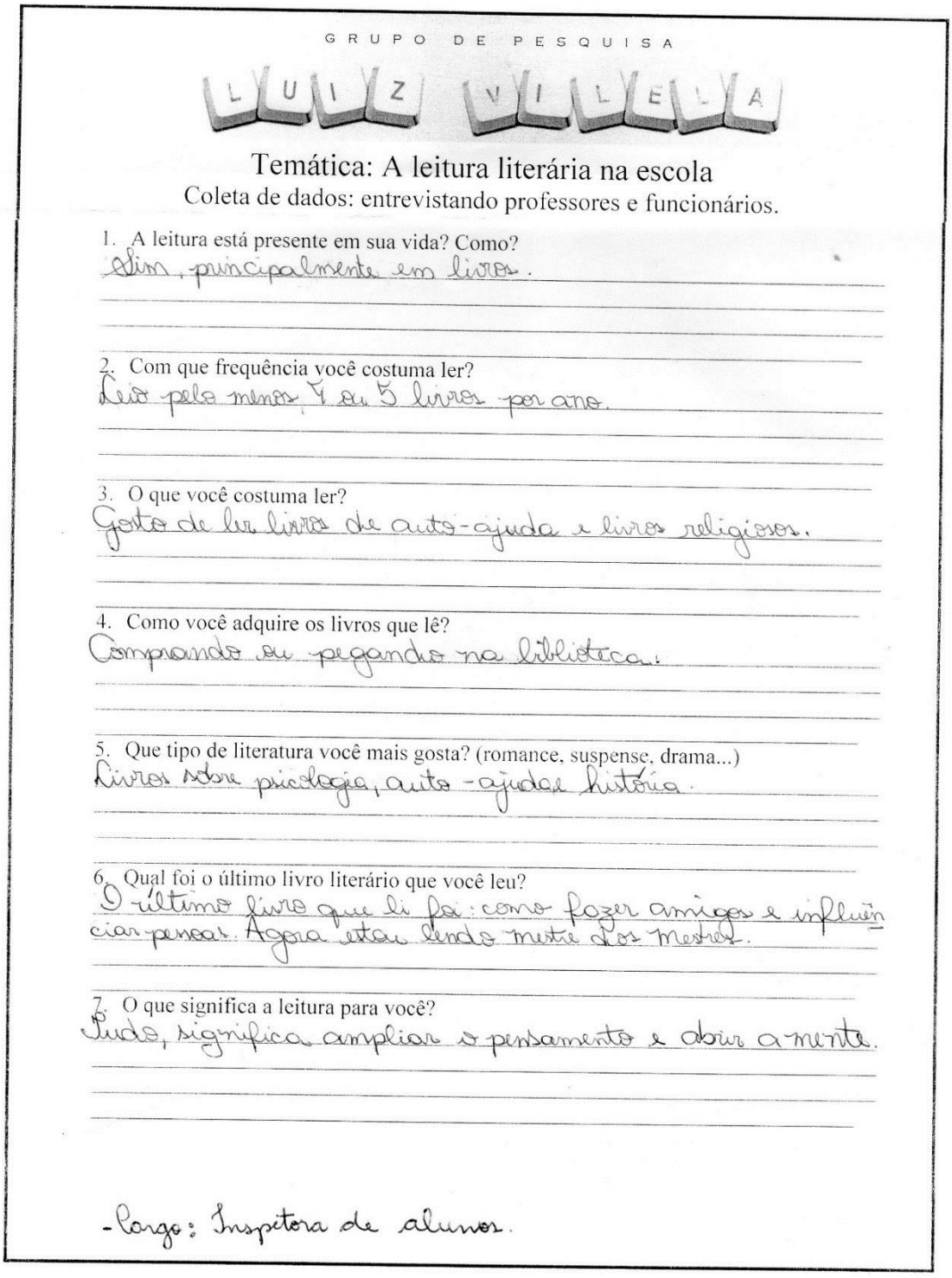
6. Qual foi o último livro literário que você leu?
A Menina que roubava livros.

7. O que significa a leitura para você?
Significa comunicação, aprendizado e crescimento pessoal.

AP 175

FIGURA 21

Método Semiológico – Entrevista 3
Entrevistadora- Aluna A/ CAR/8/4
Entrevistada- Inspetora de aluno / CLA/



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando professores e funcionários.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim, principalmente em livros.

2. Com que frequência você costuma ler?
Leio pelo menos 4 ou 5 livros por ano.

3. O que você costuma ler?
Gosto de ler livros de auto-ajuda e livros religiosos.

4. Como você adquire os livros que lê?
Comprando ou pegando na biblioteca.

5. Que tipo de literatura você mais gosta? (romance, suspense, drama...)
Livros sobre psicologia, auto-ajuda e história.

6. Qual foi o último livro literário que você leu?
O último livro que li foi: como fazer amigos e influenciar pessoas. Agora estou lendo muito dos mestres.

7. O que significa a leitura para você?
Tudo, significa ampliar o pensamento e abrir a mente.

- Cargo: Inspetora de alunos.

AP 176

FIGURA 22

Método Semiológico – Entrevista 4
Entrevistadora- Aluna A/ GAB/8/4
Entrevistada- Aluna A/MARJ/8/4

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola
Coleta de dados: entrevistando alunos.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim. Por toda parte. Leio o tempo todo.

2. Que livro você mais gostou de ter lido? Por quê?
Como Eu Era Antes de Você.
Porque é um romance diferente dos outros e não tem um final feliz, o que o torna melhor.

3. Quantos livros você lê por ano?
2013 - 30 livros } em média
2014 - 50 livros }
2015 - até agora 17 livros

4. Qual foi o último livro que você leu?
A Vingança de Mara Dyer.

5. Você procura um livro para ler por iniciativa própria?
Sempre.

6. Ao ler um livro você costuma:
a) Ficar no início e as figuras
b) parar na metade
c) (X) ir até o fim
d) só olhar para a capa

7. A leitura de livros literários é trabalhada na sua escolha?
Sempre.

8. A sua família tem o hábito de ler ou de incentivar a leitura?
Minha mãe também le bastante e veio dela minha vontade de ler.

AP 177

Método Semiológico – Entrevista 5
Entrevistadora- Aluna A/ LET/8/4
Entrevistada- Aluna A/ MAR/8/4

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola
Coleta de dados: entrevistando alunos.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim, livros escolares, revistas, jornais e livros para meu lazer.

2. Que livro você mais gostou de ter lido? Por quê?
"Um dia", porque foi um romance que me surpreendeu muito.

3. Quantos livros você lê por ano?
Em média 6 livros.

4. Qual foi o último livro que você leu?
Cidades de Papel (John Green)

5. Você procura um livro para ler por iniciativa própria?
Por iniciativa própria ou pedido de escola

6. Ao ler um livro você costuma:
a) Ficar no início e as figuras b) parar na metade ~~c)~~ ir até o fim d) só olhar para a capa

7. A leitura de livros literários é trabalhada na sua escolha?
Sim, um por bimestre.

8. A sua família tem o hábito de ler ou de incentivar a leitura?
Sim, meus pais que sempre incentivaram e dão exemplos de revistas, jornais etc...

AP 178

Método Semiológico - Entrevista 6
Entrevistadora- Aluna A/ GAB/8/4
Entrevistada- Aluna A/ GIO/8/4

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola
Coleta de dados: entrevistando alunos.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim, através de livros.

2. Que livro você mais gostou de ter lido? Por quê?
O lado bom da vida. Pois trata de um recomeço, o livro traz "a mente" de um homem que confia em si mesmo e acredita que pode tomar um novo rumo para sua vida.

3. Quantos livros você lê por ano?
5 livros por mês
5x12=60 livros por ano.

4. Qual foi o último livro que você leu?
Contos de A Seleção - O príncipe e o guarda. Kiera Kass.

5. Você procura um livro para ler por iniciativa própria?
Sim.

6. Ao ler um livro você costuma:
a) Ficar no início e as figuras b) parar na metade X) ir até o fim d) só olhar para a capa

7. A leitura de livros literários é trabalhada na sua escolha?
Sim, são trabalhados livros paradidáticos

8. A sua família tem o hábito de ler ou de incentivar a leitura?
Eu procuro ler. Meus pais não tem hábito de leitura.

AP 179

Método Semiológico - Entrevista 7
Entrevistador- Aluno A/ RAF/8/4
Entrevistado- Aluno A/ FEL/8/4

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando alunos.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim, em livros, revistas e jornais.

2. Que livro você mais gostou de ter lido? Por quê?
O Pequeno Príncipe, porque foi o livro que me estimulou a ter o hábito de ler.

3. Quantos livros você lê por ano?
Em média são oito.

4. Qual foi o último livro que você leu?
Maze Runner - Prova de fogo.

5. Você procura um livro para ler por iniciativa própria?
Normalmente.

6. Ao ler um livro você costuma:
a) Ficar no início e as figuras b) parar na metade ⊗ ir até o fim d) só olhar para a capa

7. A leitura de livros literários é trabalhada na sua escolha?
Sim

8. A sua família tem o hábito de ler ou de incentivar a leitura?
Sim

AP 180

Método Semiológico - Entrevista 8

Entrevistadora- Aluna A/ LET/8/4

Entrevistada- Aluna A/CAM/8/4

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando alunos.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?

"Sim, minha mãe não para de ler e sou influenciada por isso."

2. Que livro você mais gostou de ter lido? Por quê?

"Sofia e outros contos."

3. Quantos livros você lê por ano?

"4 a 5."

4. Qual foi o último livro que você leu?

"Mitos gregos."

5. Você procura um livro para ler por iniciativa própria?

"Às vezes sim."

6. Ao ler um livro você costuma:

a) Ficar no início e as figuras b) parar na metade c) ir até o fim d) só olhar para a capa

7. A leitura de livros literários é trabalhada na sua escolha?

"Não."

8. A sua família tem o hábito de ler ou de incentivar a leitura?

"Sim, principalmente minha mãe."

AP 181
Método Semiológico- Entrevista 9
Entrevistadora- Aluna A/MARP/8/4
Entrevistado- Inspetor de alunos -/ ANT/

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando professores e funcionários.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim, principalmente em livros.

2. Com que frequência você costuma ler?
Leio pelo menos 4 ou 5 livros por ano.

3. O que você costuma ler?
Gosto de ler livros de auto-ajuda e livros religiosos.

4. Como você adquire os livros que lê?
Comprando ou pegando na biblioteca.

5. Que tipo de literatura você mais gosta? (romance, suspense, drama...)
Livros sobre psicologia, auto-ajuda e história.

6. Qual foi o último livro literário que você leu?
O último livro que li foi: como fazer amigos e influenciar pessoas. Agora estou lendo muita dos mestres.

7. O que significa a leitura para você?
Tudo, significa ampliar o pensamento e abrir a mente.

- Cargo: Inspetora de alunos.

AP 182

Método Semiológico -Entrevista 10

Entrevistadora- Aluna A/MAR/8/4

Entrevistada- secretária /SAN/

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando professores e funcionários.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim, através da faculdade em preparações de trabalhos, seminários e avaliações.

2. Com que frequência você costuma ler?
Todos os dias.

3. O que você costuma ler?
Livros para conhecimento científico.

4. Como você adquire os livros que lê?
Através da biblioteca da faculdade.

5. Que tipo de literatura você mais gosta? (romance, suspense, drama...)
Notícias, histórias verídicas na atualidade.

6. Qual foi o último livro literário que você leu?
Prática Educativa (autor: Zabala)

7. O que significa a leitura para você?
Conhecimento

Função - Secretária

AP 183

Método Semiológico -Entrevista 11
Entrevistadora- Aluna A/ CAR/8/4
Entrevistado- Porteiro/ PAU/

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando professores e funcionários.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
A leitura está pouco presente em minha vida, não muito ~~muito~~ Está mais presente em livros e jornais.

2. Com que frequência você costuma ler?
Procuro ler jornais todos os dias, já os livros 3 ou 4 vezes na semana.

3. O que você costuma ler?
Costumo ler jornais e revistas e livros.

4. Como você adquire os livros que lê?
Comprando os livros, ou lendo pela internet.

5. Que tipo de literatura você mais gosta? (romance, suspense, drama...)
Gosto mais de livros de suspense.

6. Qual foi o último livro literário que você leu?
Não me lembro qual foi o último livro que li.

7. O que significa a leitura para você?
Significa conhecimento, melhora no vocabulário.

AP 184

Método Semiológico - Entrevista 12
Entrevistadora- Aluna A/ MAR/8/4
Entrevistado- Professor /THI/

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola
Coleta de dados: entrevistando professores e funcionários.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim, para adquirir conhecimento, aperfeiçoamento. Leio por prazer, é uma leitura lúdica.

2. Com que frequência você costuma ler?
Diariamente leio jornais, mas livros geralmente leio quatro vezes na semana.

3. O que você costuma ler?
Revistas científicas, jornais online, livros, biografias.

4. Como você adquire os livros que lê?
Pela internet ou no PlayBooks.

5. Que tipo de literatura você mais gosta? (romance, suspense, drama...)
Ficção científica, crônicos / narração.

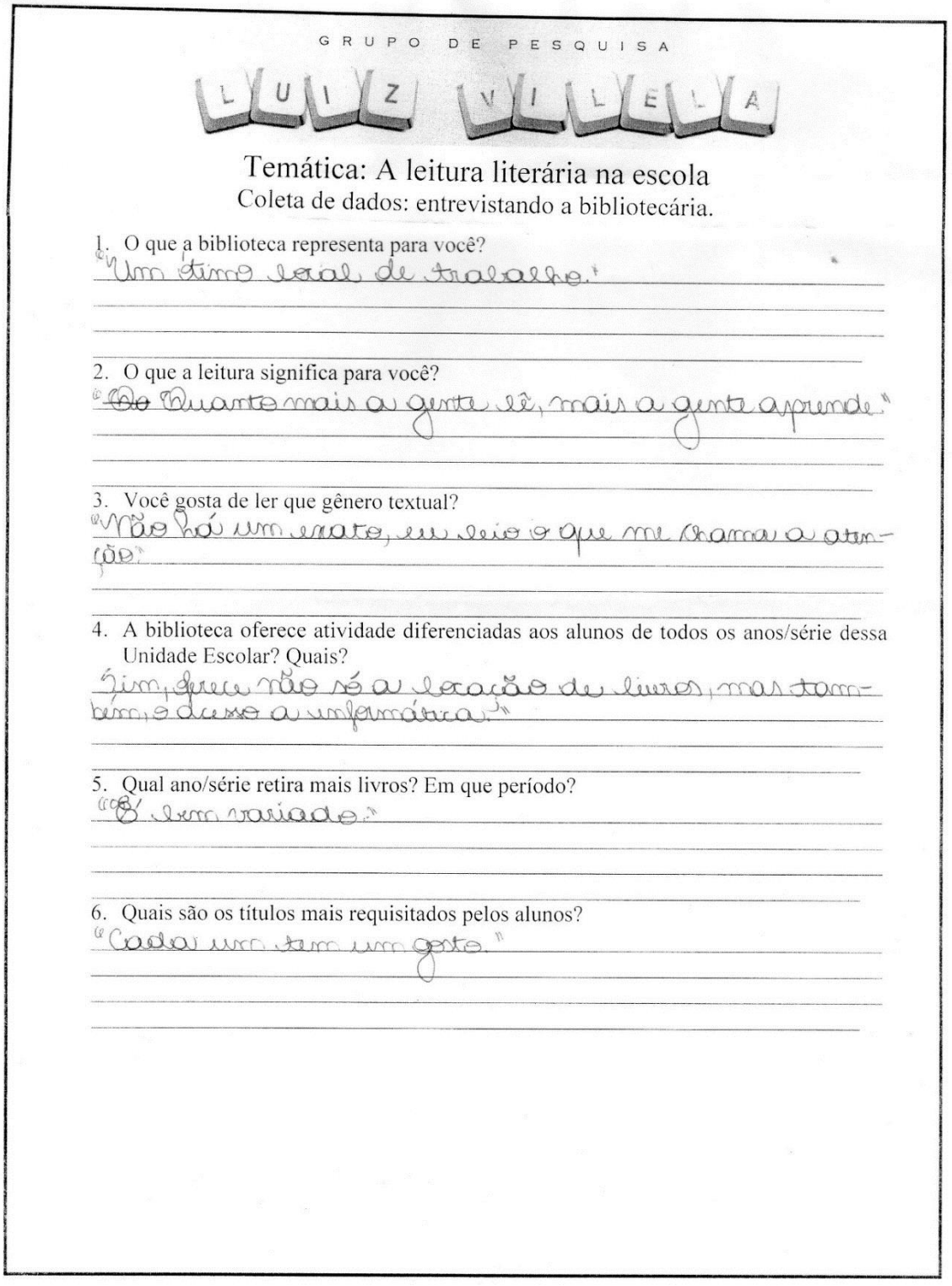
6. Qual foi o último livro literário que você leu?
Os missionários.

7. O que significa a leitura para você?
Significa novos universos, portas para outros lugares não imaginados.

Função: Professor (Química)

AP 185

Método Semiológico - Entrevista 13
Entrevistadora- Aluna A/ FAB/8/4
Entrevistada- Bibliotecária / VAL/



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola
Coleta de dados: entrevistando a bibliotecária.

1. O que a biblioteca representa para você?
"Um ótimo local de trabalho."

2. O que a leitura significa para você?
"Quanto mais a gente lê, mais a gente aprende."

3. Você gosta de ler que gênero textual?
"Não há um gênero, eu leio o que me chama a atenção."

4. A biblioteca oferece atividade diferenciadas aos alunos de todos os anos/série dessa Unidade Escolar? Quais?
"Sim, além não só a locação de livros, mas também, o acesso a informática."

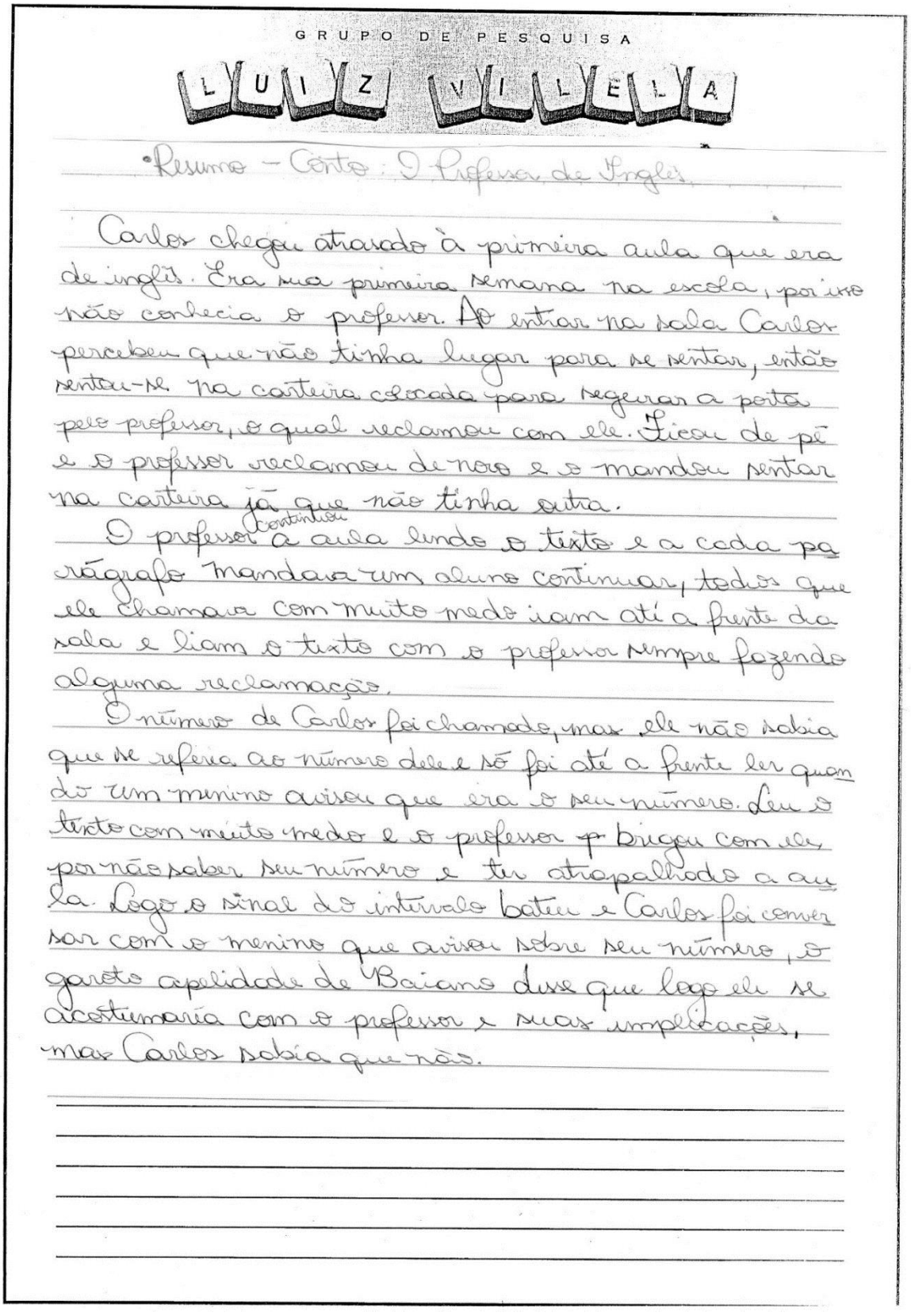
5. Qual ano/série retira mais livros? Em que período?
"8º bem variado."

6. Quais são os títulos mais requisitados pelos alunos?
"Cada um tem um gosto."

AP 186

Resumo 1 – conto “Professor de Inglês”.

Aluna: A/CAR/8/4



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILLELA

•Resumo – Conto: O Professor de Inglês.

Carlos chegou atrasado à primeira aula que era de inglês. Era sua primeira semana na escola, por isso não conhecia o professor. Ao entrar na sala Carlos percebeu que não tinha lugar para se sentar, então sentou-se na carteira colocada para segurar a porta pelo professor, o qual reclamou com ele. Ficou de pé e o professor reclamou de novo e o mandou sentar na carteira já que não tinha outra.

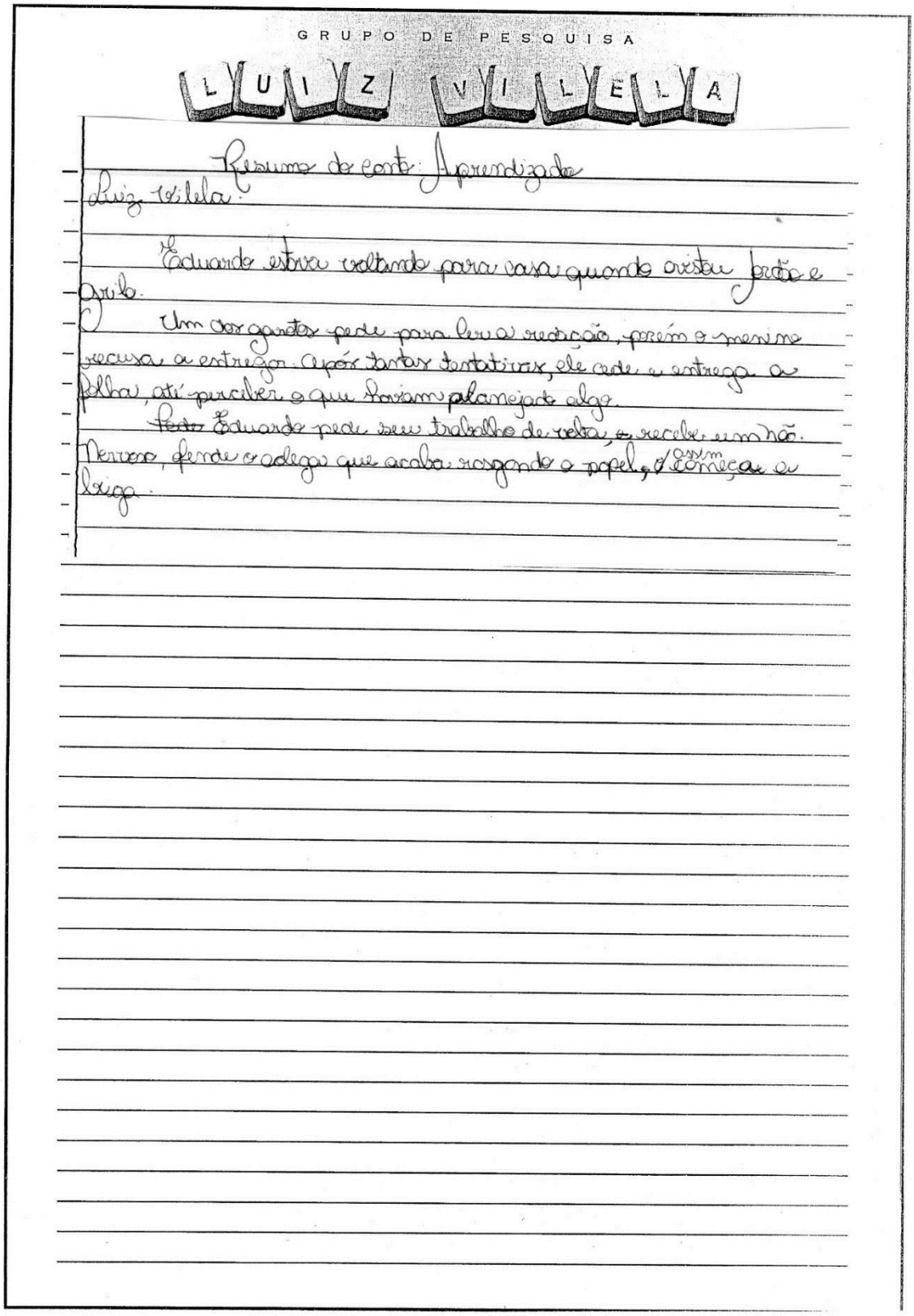
O professor continuou a aula lendo o texto e a cada parágrafo mandava um aluno continuar, todos que ele chamava com muito medo iam até a frente da sala e liam o texto com o professor sempre fazendo alguma reclamação.

O número de Carlos foi chamado, mas ele não sabia que se referia ao número dele e só foi até a frente ler quando um menino avisou que era o seu número. Leu o texto com muito medo e o professor já brigou com ele por não saber seu número e ter atrapalhado a aula. Logo o sinal do intervalo bateu e Carlos foi conversar com o menino que avisou sobre seu número, o garoto apelidado de Baiano disse que logo ele se acostumaria com o professor e suas implicações, mas Carlos sabia que não.

AP 187

Resumo 2 – conto “Aprendizado”.

Aluna: A/ LET/8/4



Resumo do conto: Aprendizado
Luiz Vilela.

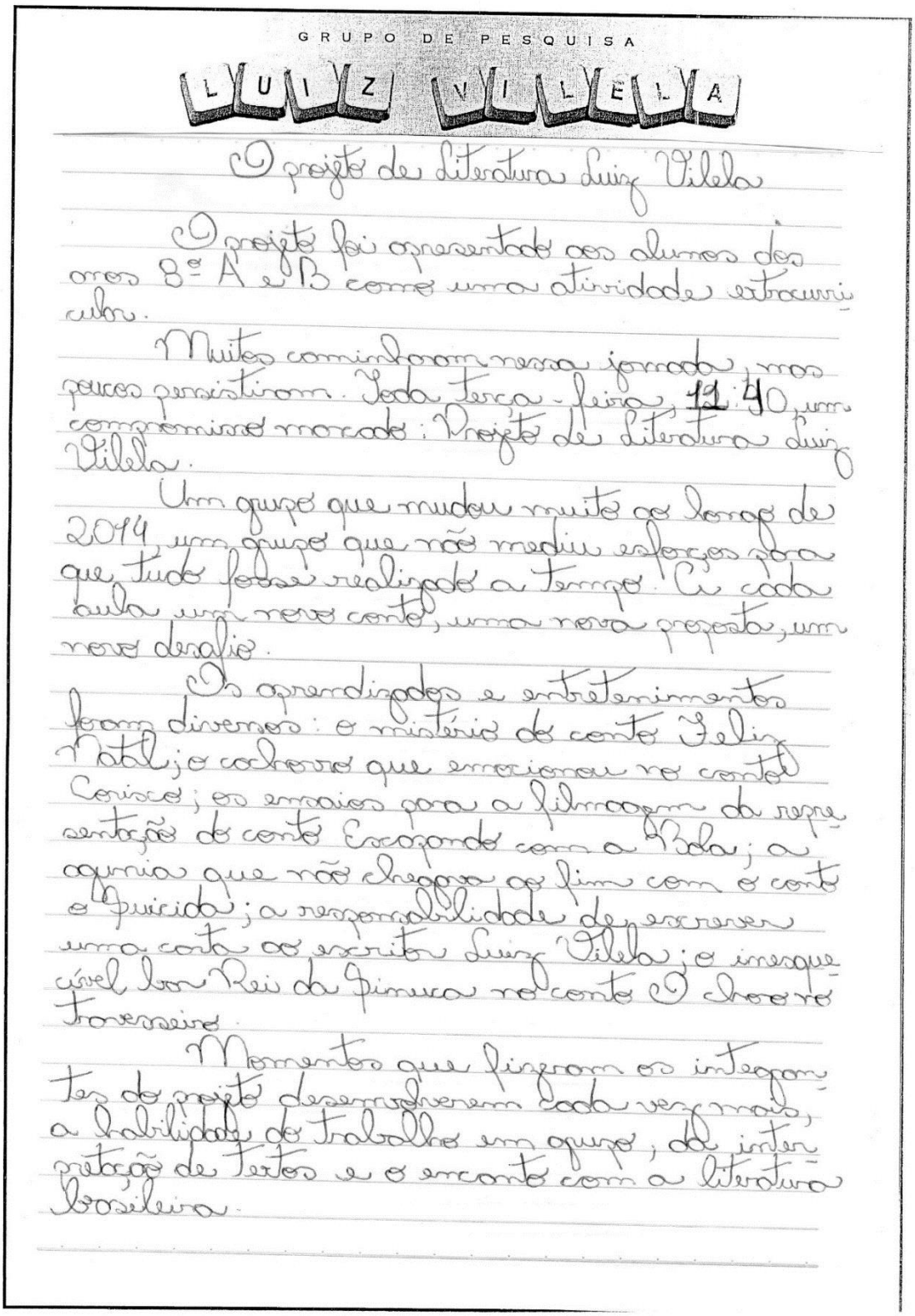
Eduardo estava voltando para casa quando avistou Jacão e Grilo.

Um dos garotos pede para ler a redação, porém o menino recusa a entregá-la. Após várias tentativas, ele cede e entrega a folha, até perceber o que haviam planejado algo.

Então Eduardo pede seu trabalho de volta, e recebe um não. Nervoso, ferve e adega que acaba rasgando o papel, e assim começa a luta.

AP 188

TEXTO – JORNAL
Aluna- A/MAR/8/4



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

O projeto de Literatura Luiz Vilela

O projeto foi apresentado aos alunos dos anos 8º A e B como uma atividade extracurricular.

Muitos comentaram nessa jornada, mas poucos persistiram. Toda terça-feira, 11:40, um compromisso marcado: Projeto de Literatura Luiz Vilela.

Um grupo que mudou muito ao longo de 2014, um grupo que não mediu esforços para que tudo fosse realizado a tempo. Em cada aula um novo conto, uma nova proposta, um novo desafio.

Os aprendizados e entretenimentos foram diversos: o mistério do conto Feliz Natal; o cachorro que emocionou no conto Coisas; os ensaios para a filmagem da representação do conto Escapando com a Boda; a agonia que não chegou ao fim com o conto o Suicida; a responsabilidade de escrever uma carta ao escritor Luiz Vilela; o inesquecível Ivo Rei da Pimenta no conto O choro transeunte.

Momentos que fizeram os integrantes do projeto desenvolverem cada vez mais, a habilidade do trabalho em grupo, da interpretação de textos e o encanto com a literatura brasileira.

AP 189

TEXTO - JORNAL
Aluna- A/ LET/8/4

GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

Tarefa - Ângela - Reportagem

"Bom dia! Estamos aqui no Unicolégio Caracatuba, para falar sobre um projeto cultural e literário, para adolescentes dos 8º anos A, B e C. O projeto incluí 20 alunos instruídos pela coordenadora Ângela, que tem como objetivo, conscientizar os alunos sobre a importância da leitura e da cultura teatral.

Empolgados e com sede de conhecimento, os alunos interagem uns com os outros. A aluna Eduarda Santos nos responderá algumas perguntas!

"Duda, por quê você decidiu fazer parte do projeto?"

"— Porque achei que seria uma experiência legal!"

"Você está gostando? Pretende finalizar o curso?"

"— Com certeza!"

Os alunos têm como exemplo, crônicas do escritor Luis Vilela, do qual procuram conhecer cada vez mais! E finalizamos o projeto, com uma palavra selecionada pela própria coordenadora, para descrever o projeto "Literatura!"

AP 190
Lista dos livros
Aluna: A/ GAB/8/4

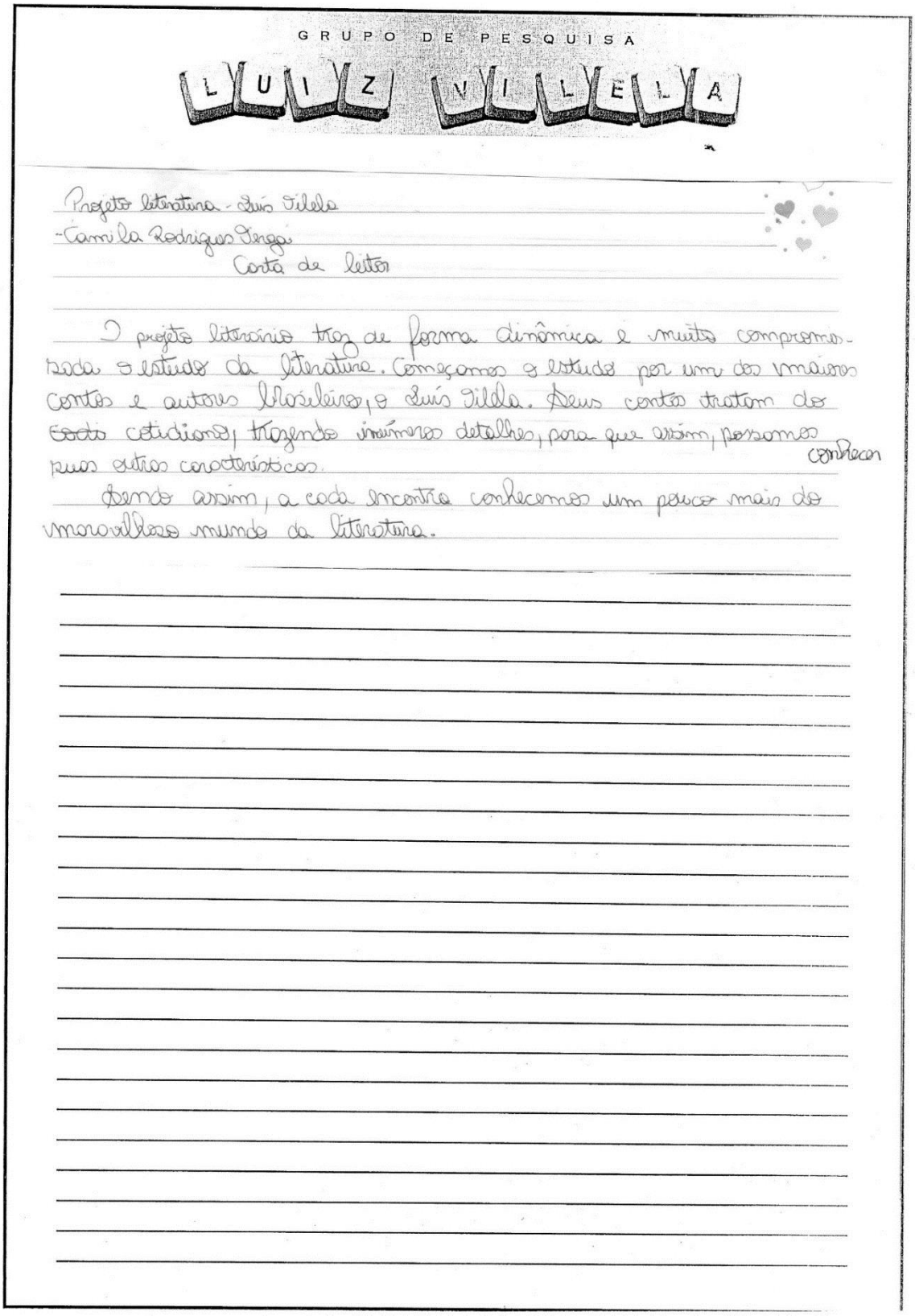
GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

20 livros mais pedidos no Vestibular

Agosto - Ruben Fonseca
Poesia Completa - Carlos Drummond de Andrade
A Hora da Estrela - Clarice Lispector
Estrela da Vida Inteira - Manuel Bandeira
Grande Sertão: Veredas - Guimarães Rosa
Capitães de areia - Jorge Amado
Manifesto da Poesia Pau-Brasil - Oswald de andrade
Triste Fim de Policarpo Quaresma - Lima Barreto
Os sertões - Euclides da Cunha
Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis
Lil - José de Alencar
Memórias de um sargento de milícias - Manoel Antônio de Almeida
O cortiço - Aluísio Azevedo
Viagens na minha Terra - Almeida Garret
A cidade e as serras - Eça de Queirós
Vidas Secas - Graciliano Ramos
Sentimento do Mundo - Carlos Drummond de Andrade
Papéis Avulsos - Machado de Assis
O rei da Vela - Oswald de Andrade
Várias histórias - Machado de Assis

AP 191

Carta aos leitores, produzida pela aluna.
Aluna: A/ CAM/8/4



GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

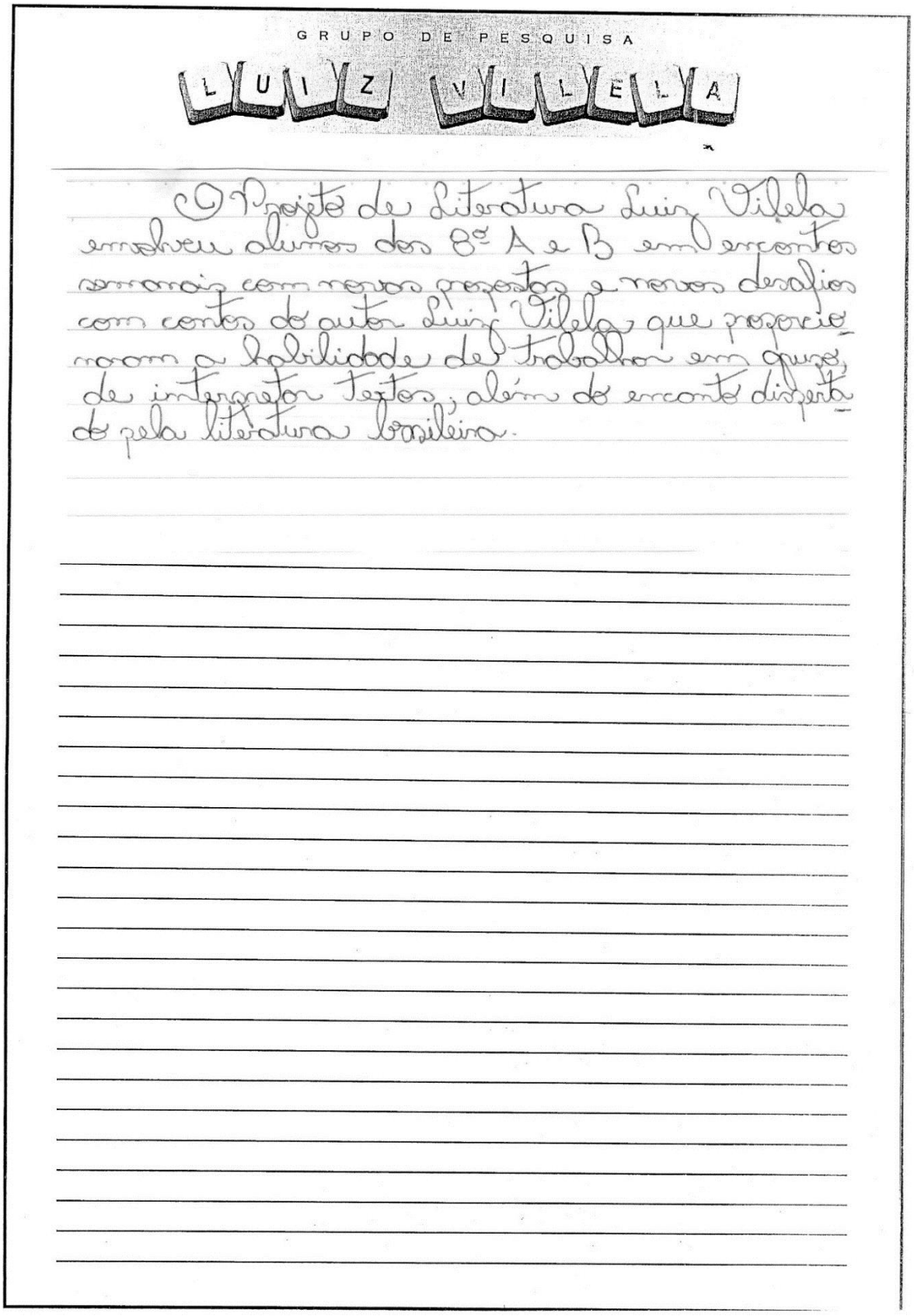
Projeto literatura - Luís Vilela
- Camila Rodrigues Diogo
Carta de leitor

O projeto literário traz de forma dinâmica e muito compromissada o estudo da literatura. Começamos o estudo por um dos maiores contos e autores brasileiros, o Luís Vilela. Seus contos tratam dos fatos cotidianos, trazendo inúmeros detalhes, para que assim, personagens possam obter outras características.

Sendo assim, a cada encontro conhecemos um pouco mais do maravilhoso mundo da literatura.

AP 192

Notícia- projeto desenvolvido na escola, para incentivar a leitura.
Aluna- A/MAR/8/4


GRUPO DE PESQUISA

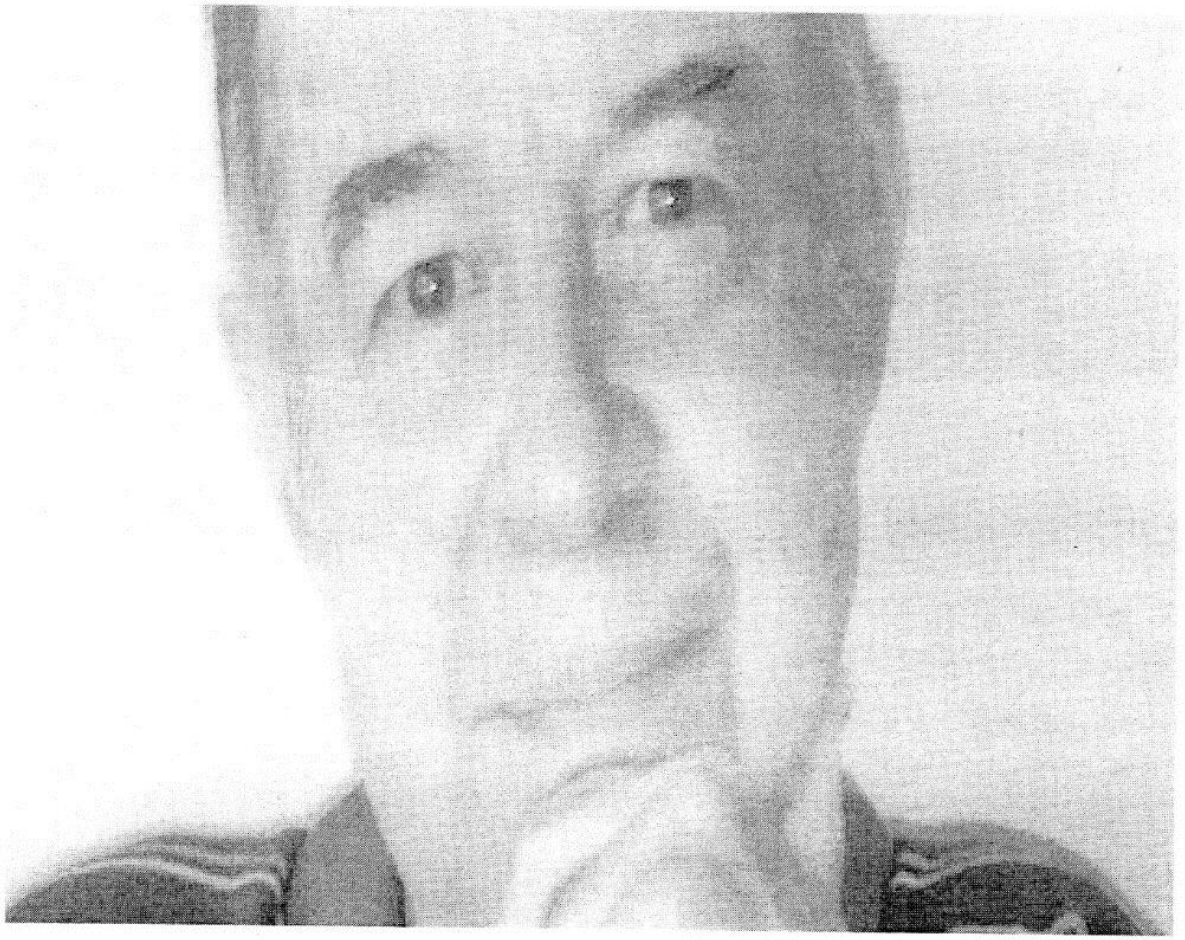
LUIZ VILELA

O Projeto de Literatura Luiz Vilela envolveu alunos dos 8os A e B em encontros semanais com novos propostos e novos desafios com contos do autor Luiz Vilela, que proporcionaram a habilidade de trabalhar em grupo, de interpretar textos, além do encanto despertado pela literatura brasileira.

AP 193

Trabalho escolhido para integrar o jornal.

Conto:"Imagem"
Autor:Luiz Vilela



Relatório

Depois de muitas discussões,o grupo decidiu relatar um poema demonstrativo sobre o conto "Imagem",em que uma aluna ficou responsável por relatar o poema(Mariana)e as restantes em interpretar o poema através de sinais(Beatriz ,Fabiana,Camila,Letícia,Nathália e Raquel).

Este trabalho foi muito divertido e interativo,pois cada uma conseguiu expressar a sua ideia,opinião para formar este trabalho se divertindo ao mesmo tempo.

A dúvida destemida

Eu cresci,eu vivi.

Tô à toa,to de boa.

Só me intriga uma coisa,

O que eu sou de verdade,

Ninguém sabe.

Sai perguntando o que acham de mim,

Mas dizer a verdade ninguém tá afim.

A vida é cheia de dúvidas e descobertas,

Umas erradas e outras certas.

Eu quero seguir a minha vida,

E a dúvida destemida,

Um dia será resolvida.

E a verdade vou transformar em liberdade.

A sociedade em igualdade.

E o amor em cumplicidade.

AP 194

Inovações na Biblioteca

Biblioteca atual:





Exemplos e sugestões de Bibliotecas propostas pelos alunos:











O Grupo de Literatura pensou nas seguintes propostas:

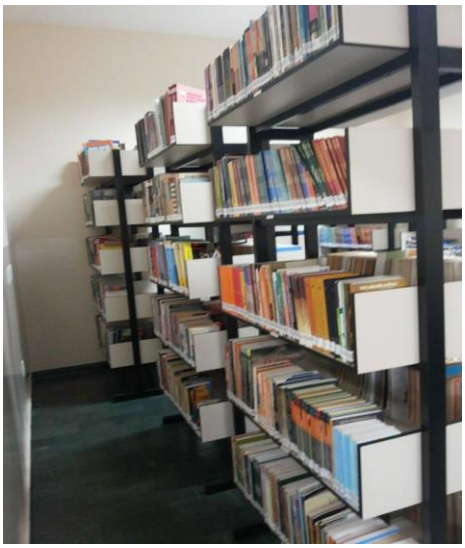
Inovações no ambiente:

-Placas de regras :nossa proposta é retirar as placas restritivas e colocar as regras em um só mural que estaria presente em todas as salas e na própria biblioteca.



-Prateleiras: colocar prateleiras com espaço mais extenso entre elas e acrescentar *puffs*.

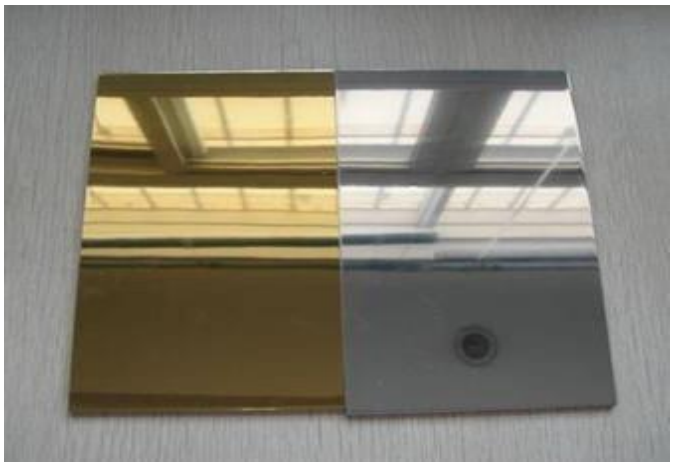




-Segurança :colocar extintores de incêndio para garantir a segurança em caso de incêndios.



- Porta: propomos a aplicação de um *insulfilm* espelhado (metalizado) no interior da porta de entrada para melhor concentração dos estudantes que não permite a visualização do ambiente externo.



Inovações no arquivamento de livros:

-Propomos a compra de livros atuais com conteúdos que atrairiam todo o público escolar e que também possuam conteúdos escolares.

-Também propomos a exibição mensal de filmes com conteúdos escolares e que seja também um momento de descontração entre os alunos.

Sugestões de livros:

*Querido John.

Autor: Nicholas Sparks.

*O menino do pijama listrado.

Autor: John Boyne.

*Quando meu pai perdeu o emprego.

Autor: Wagner Costa.

*As Crônicas de Nárnia.

Autor: C.S Lewis.

*Harry Potter(coleção)

Autor: J.K Rowling

*Colecão: Falen.

Autor: Lauren Kate.

*Percy Jackson(coleção)

Autor: Rick Riordan.

*A seleção(coleção)

Autor: Kiera Cass.

*A menina que roubava livros.

Autor: Markus Zusak.

*Extraordinário.

Autor: R.J Palacio.

*O Hobbit.

Autor: Tolkien.

*O pequeno Príncipe.

Autor: Ferreira Gullar.

*Senhor dos Anéis.

Autor: Tolkien.

*Anjos e Demônios.

Autor: Dan Brown.

*O Código Da Vinci.

Autor: Dan Brown.

*Diário de Anne Frank.

Autor: Pressler,Mirjan.

*Uma prova de fogo.

Autor: Alex Kendrick,Stephen Kendrick.

*Romeu e Julieta.

Autor: Willian Shakespeare.

*Ou isto ou aquilo.

Autor: Cecília Meireles.

*Poderosa(coleção)

Autor: Sérgio Klein.

Sugestões de filmes:

*Os 7 poetas.

*Anjos e Demônios.

*Titanic.

*Romeu e Julieta.

*Django.

*A menina que roubava livros.

*Harry Potter.

*Avatar.

Esperamos que o sr. Joaribes Torquato pense em nossas propostas e execute-as conforme o possível.

Atenciosamente,

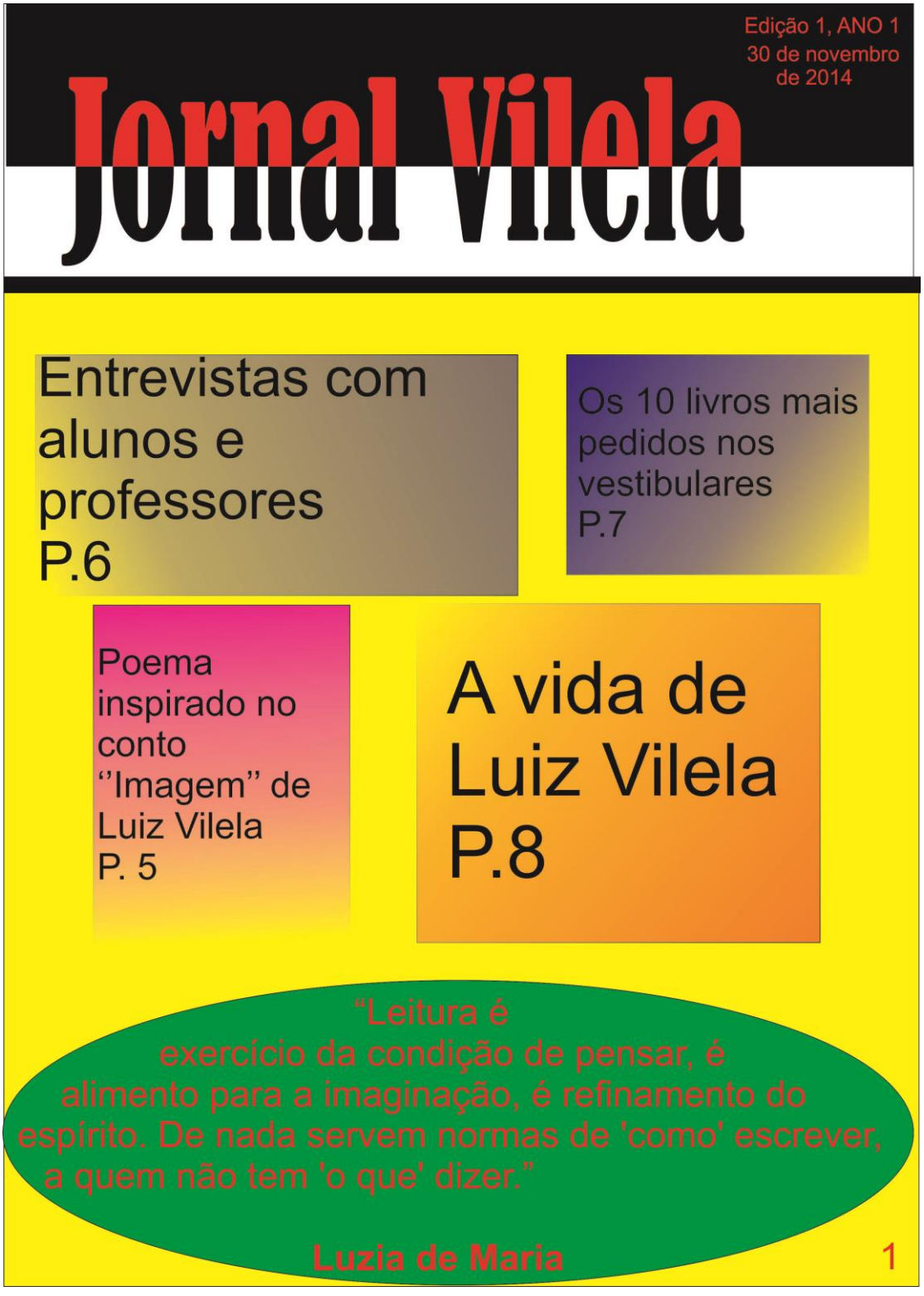
Grupo de Literatura.

(Coord.Ângela)

AP 195

FIGURA 23

Método Semiológico
Jornal elaborado pelo grupo de alunos do 8º ano

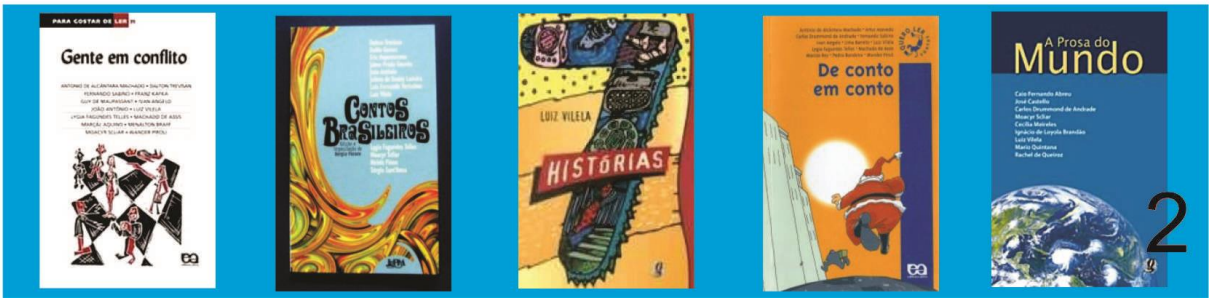




Carta ao leitor

Começamos o projeto pelo escritor brasileiro Luiz Vilela que, além de romances e novelas, escreve contos. Essas pequenas histórias, pelas quais iniciamos o projeto, tratam do cotidiano das pessoas.Com uma linguagem simples, mas carregada de sentidos profundos, os contos levam o leitor a reflexão.

A cada encontro conhecemos um pouco mais do autor e nos aprofundamos no maravilhoso mundo da literatura.



O projeto

O projeto foi apresentado aos alunos como uma atividade extracurricular a ser realizada fora do horário normal de aula.

Muitos caminharam nessa jornada, mas poucos persistiram. Toda terça-feira, às 11h 40 min um compromisso marcado: Projeto de Literatura Luiz Vilela.

Um grupo que mudou muito ao longo de 2014, que não mediu esforços para que tudo fosse realizado a tempo. A cada aula um novo conto, uma nova proposta, um novo desafio.

Os aprendizados e interações foram diversos: o mistério do conto "Feliz natal"; o cachorro que emocionou no conto "Corisco"; os ensaios para a filmagem da representação de conto "Escapando com a bola"; a agonia que não chegava ao fim com o conto "O suicida"; a responsabilidade de escrever uma carta ao escritor Luiz Vilela.

Momentos que fizeram os integrantes do projeto desenvolverem cada vez mais a habilidade de trabalhar em grupo, interpretar textos e se encantar com a literatura brasileira.

Mariana Ameko Bozzi

Depoimentos

Não imaginava que este projeto influenciaria tanto minha vida como influenciou. Começou com leitura e interpretação com um dos ‘’grandes’’ da literatura brasileira, Luiz Vilela, que possibilitou-me ter uma outra visão da leitura, tornou-me mais crítica.

Além disso, os encontros promovidos pela professora Ângela Nubiato, proporcionaram-me maior interação entre os alunos, e comecei a expressar minha opinião. Ao mesmo tempo que aprendia, também se descontraía.

Aproveito já a oportunidade, para agradecer por participar do projeto e dessa jornada de aprendizado.

Camila Rodrigues

A leitura tem vários benefícios, como aprender a gramática das palavras e, proporcionar uma melhor comunicação entre as pessoas de uma forma geral. Além de desenvolver a criatividade, a imaginação e adquirir cultura, conhecimentos e valores. Tudo isso é o que faz a diferença no futuro e na vida profissional.

Por isso, o projeto foi feito basicamente em torno desses resultados. Demonstrando que a leitura não é ‘’chata e sonolenta’’ como as pessoas pensam, mas bem criativa e emocionante.

Gabriela Martins

A dúvida destemida

Eu cresci, eu vivi
Tô à-toa, tô de boa.

Só me intriga uma coisa
O que sou de verdade,
ninguém sabe.

Saí perguntando
O que acham de mim,
Mas dizer a verdade
Ninguém tá afim.

A vida
É cheia de descobertas,
Umas erradas
E outras certas.

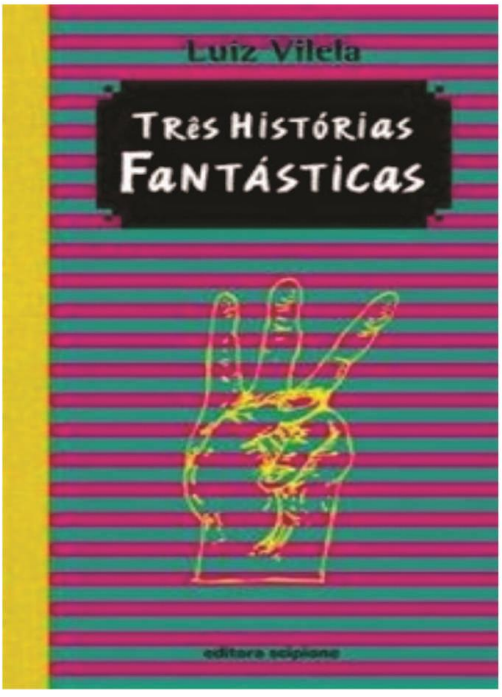
Eu quero
seguir minha vida,
E a dúvida destemida
Um dia, será resolvida

E a verdade vou transformar
Em liberdade,
A sociedade
Em igualdade,
E o amor
Em cumplicidade

Mariana Ameko Bozzi
Letícia Moretti
Camila Rodrigues

Os alunos do 8º ano fizeram um poema inspirado no conto de Luiz Vilela ‘’Imagem’’, que faz parte do livro ‘’Três histórias fantásticas’’.

No conto ‘’Imagem’’, um jovem em busca da própria identidade mantém uma relação digna de Narciso, personagem da mitologia grega, com o espelho de seu quarto, porém o rosto que ele vê refletido, muda a todo momento.





Não percam!!!

... Em 2015, novidades por aí!

No salão de sinuca, Roberto passou toda a juventude. Ali, conheceu a literatura russa, através de Nicolau e aprendeu a apreciar bons autores, observar diferentes tipos de livros e preparou-se para partir. Mas, nunca esqueceria aquele lugar tranquilo, nem sua pacata cidade, onde além dos conflitos familiares, dos primeiros sonhos e desilusões, a poesia emanava das coisas mais simples.

Entrevistas

1.A leitura está presente em sua vida? Como?
R: Sim, Por toda parte, pois leio o tempo todo.

2.Que livro você mais gostou de ter lido? Por quê?
R: Como eu era antes de você. Porque é um romance diferente dos outros e não tem um final feliz, o que o torna diferente.

3.Quantos livros você lê por ano?
R: Em 2014, li 50 livros e, em 2013, li 30 livros.

4.Você procura um livro por iniciativa própria?
R: Sempre

5.Qual foi o último livro que você leu?
R: A vingança de Mara Dyer.

6.A leitura de livros literários é trabalhada na sua escola?
R: Sim

7.A sua família tem o hábito de ler ou incentivar a leitura?
R: Minha mãe também lê bastante e veio dela a minha vontade.

Nome: Gabriela Martins
Entrevistado: Maria Júlia Marini (aluna)

1.A leitura está presente em sua vida? Como?
R: Sim! Mesmo antes de ser alfabetizada, recebia livros de minha mãe. Além disso, adoro presentear com livros.

2.Com que frequência você costuma ler?
R: Sempre, seja pelo trabalho ou por lazer, sempre estou lendo um ou mais livros ao mesmo tempo.

3.O que você costuma ler?
R: De anúncios e bulas de remédios a clássicos da literatura.

4.Como você adquiri os livros que lê?
R: Através de empréstimos de amigos ou bibliotecas, ou da compra.

5.Que tipo de literatura você mais gosta?
R: Literatura variada, mas adoro romances.

6.Qual foi o último livro que você leu?
R: Senhora, de José de Alencar

7.O que significa a leitura pra você?
R: Tudo. Julgo a leitura como item fundamental à formação de qualquer pessoa, pois abre as portas da imaginação e do conhecimento.

Nome: Camila Rodrigues
Entrevistado: Lilia Regina Dias (professora)

Conto: A chuva

O padre da igreja disse que "um belo dia", opa, errei, "uma bela noite" estava indo para casa de Deus.
"Estava um temporal..."- relata ele- "Um temporal de chuva".
Não... "magina"... ia ser um temporal de Mocolate mesmo, bom, continuando...
Então, de repente, eu vi uma moça muito bonita com uma sacola na cabeça correndo em busca de abrigo e entra na igreja... e como sou um pouquinho curiosa, fui perguntar o que aconteceu e ela disse:
- Ai padre, o senhor nem sabe! Eu tô com essa coisa na cabeça, porque fiz chapinha e não queria que molhasse!
- Ai meu Deus, filha- disse o padre.

Letícia Moretti

Os 10 mais pedidos em VESTIBULARES

*Memórias póstumas de Brás Cubas- Machado de Assis

*Memórias de um sargento de milícias- Manoel Antônio de Almeida

*O cortiço- Aluísio de Azevedo

*Til- José de Alencar

*A hora da estrela- Clarice Lispector

*Vidas secas- Graciliano Ramos

*Capitães de areia- Jorge Amado

*O rei da vela- Oswald de Andrade

*Os sertões- Euclides da Cunha

*Papéis avulsos- Machado de Assis

Conto aprendizado (Resumo)

Eduardo estava voltando para casa quando avistou Jordão e Grilo. Um dos garotos pede para ler a redação, porém o menino recusa a entregar.

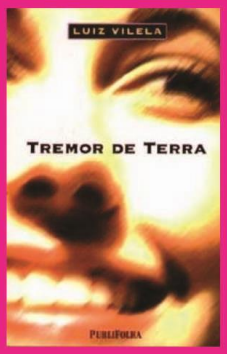
Após tantas tentativas, ele cede e entrega a folha, até perceber o que haviam planejado algo.

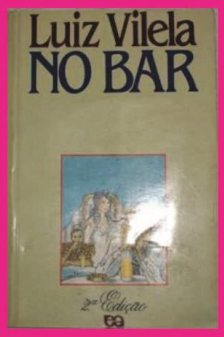
Eduardo pede seu trabalho de volta, e recebe um não. Nervoso, ofende o colega que acaba rasgando o papel, e assim começa a briga.

Ficou curioso para conhecer o final dessa história? Leia o livro **"Tarde da noite"**, de Luiz Vilela.



Luiz Vilela

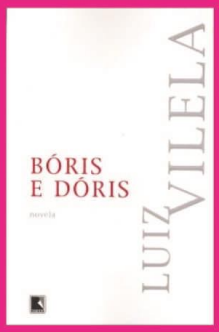


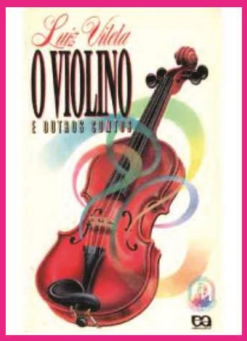


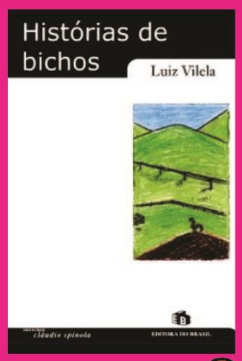


Luiz Vilela nasceu em Ituiutaba, no ano de 1942, fora criado numa família em que todos liam muito. Com 13 anos de idade, começou a escrever e, aos 14 fez sua primeira publicação em um jornal de estudantes. Estreou na literatura aos 24 anos, com o livro de contos ‘’Tremor de terra’’, pelo qual recebeu o Prêmio Nacional de Ficção em Brasília. Luiz Vilela também foi premiado no I e II Concurso Nacional de Contos, do Paraná. Seus contos, novelas e romances já forampublicados em vários países.

Que tal você seguir o exemplo de Luiz Vilela, e começar a escrever?







8

Resumo do conto '' O professor de inglês, Luiz Vilela''

Carlos chegou atrasado para sua primeira aula de inglês. Era a primeira semana na escola, e não conhecia o professor. Ao entrar na sala, Carlos percebeu que não havia lugar para se sentar, então sentou-se na carteira colocada para segurar a porta pelo professor, que reclamou com ele. Ficou de pé e levou uma advertência do professor novamente, que mandou-o sentar na carteira já que não havia outra.
O professor continuou a aula lendo o texto, e a cada parágrafo mandava um aluno continuar, todos que ele chamava, com muito medo iam até a frente da sala e liam o texto, sempre seguida de alguma reclamação do professor.
O número de Carlos foi chamado , mas ele não sabia que se referia ao seu número, e só levantou quando um menino o avisou. Leu o texto com muito medo. O professor brigou com ele, por não saber seu número e ter atrapalhado a aula. Logo, o sinal do intervalo tocou e, Carlos foi conversar com o menino que o havia avisado sobre seu número. Ele tinha o apelido de ''baiano'', e disse que logo Carlos se acostumaria com o professor e suas implicações, mas Carlos sabia que não...

Edição Nº.1

Colaboradores e créditos:
Grupo de Estudos literários Luiz Vilela - 8º Ano

Parceria: Unicolégio Objetivo

Formatação e Diagramção: João Pedro Cândido José

Apoio: Profªs Priscila Costa, Gisele Patrícia de Oliveira

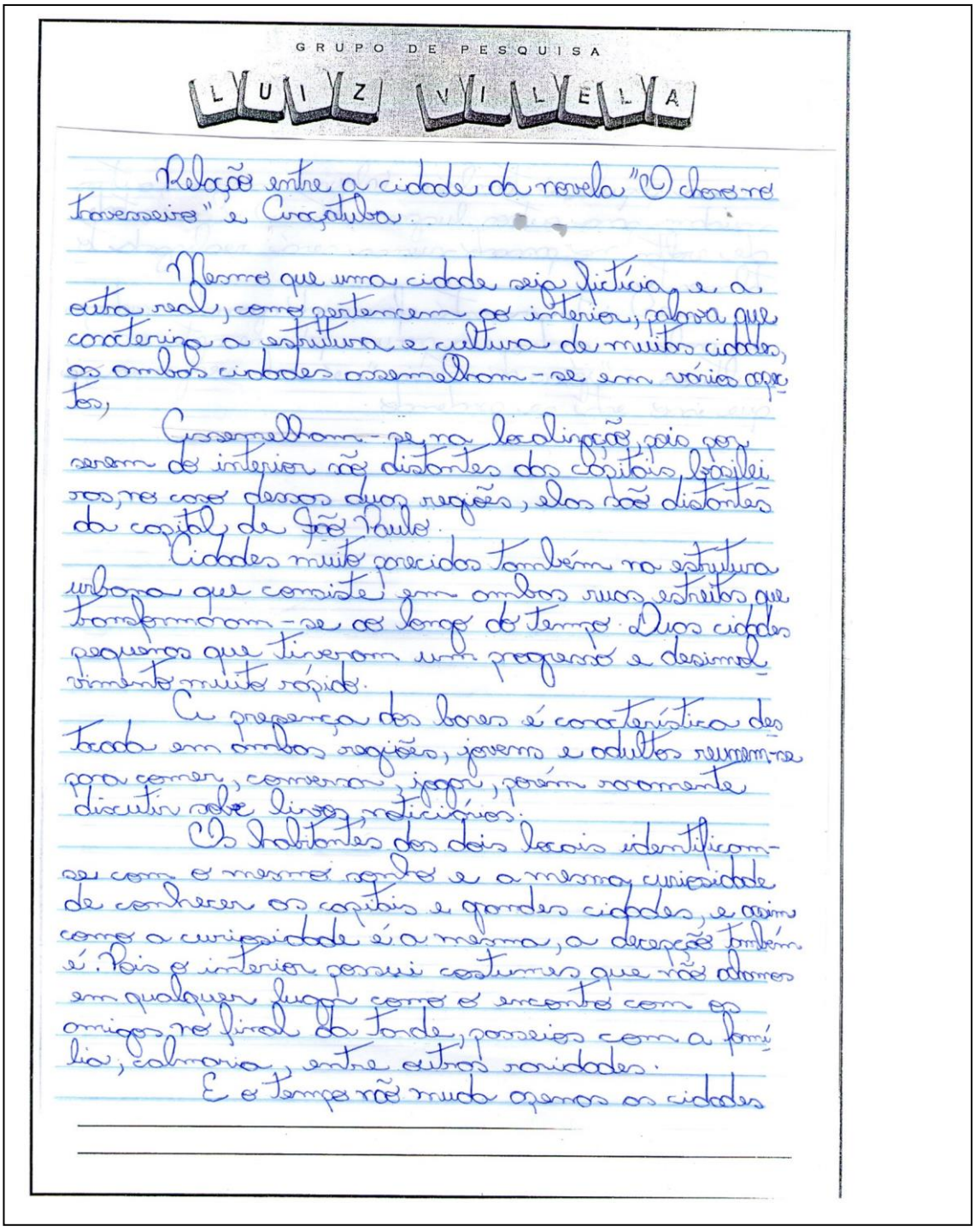
Coordenação geral do projeto: Ângela Nubiato Lopes

Orientação Geral: Rauer Ribeiro Rodrigues

FASE 2

SEXTO MOMENTO

AP 196
Novela- O *Choro no travesseiro*
Texto -1
Aluna- A/ MAR/9/5



GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

Relação entre a cidade da novela "O choro no travesseiro" e Curaçatuba.

Mesmo que uma cidade seja fictícia, e a outra real, como pertencem ao interior, sabemos que carateriza a estrutura e cultura de muitas cidades, as ambas cidades assemelham-se em vários aspectos,

Assemelham-se na localização, pois por serem do interior são distantes das capitais brasileiros, no caso dessas duas regiões, elas são distantes da capital de São Paulo.

Cidades muito parecidas também na estrutura urbana que consiste em ambas ruas estreitas que transformam-se ao longo do tempo. Duas cidades pequenas que tiveram um progresso e desenvolvimento muito rápido.

A preferência dos bares é característica de toda em ambas regiões, jovens e adultos reunem-se para comer, conversar, jogar, porém raramente discutir sobre livros noticiários.

Os habitantes dos dois locais identificam-se com o mesmo ponto e a mesma curiosidade de conhecer as capitais e grandes cidades, e assim como a curiosidade é a mesma, a decepção também é. Pois o interior possui costumes que não observa em qualquer lugar como o encontro com os amigos no final de tarde, passeios com a família, calmaria, entre outras raridades.

E o tempo não muda apenas as cidades

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

mas a população também (alguns morrem, outros mudam para outros lugares, etc...). E a vontade de voltar no passado nunca será realizada totalmente.

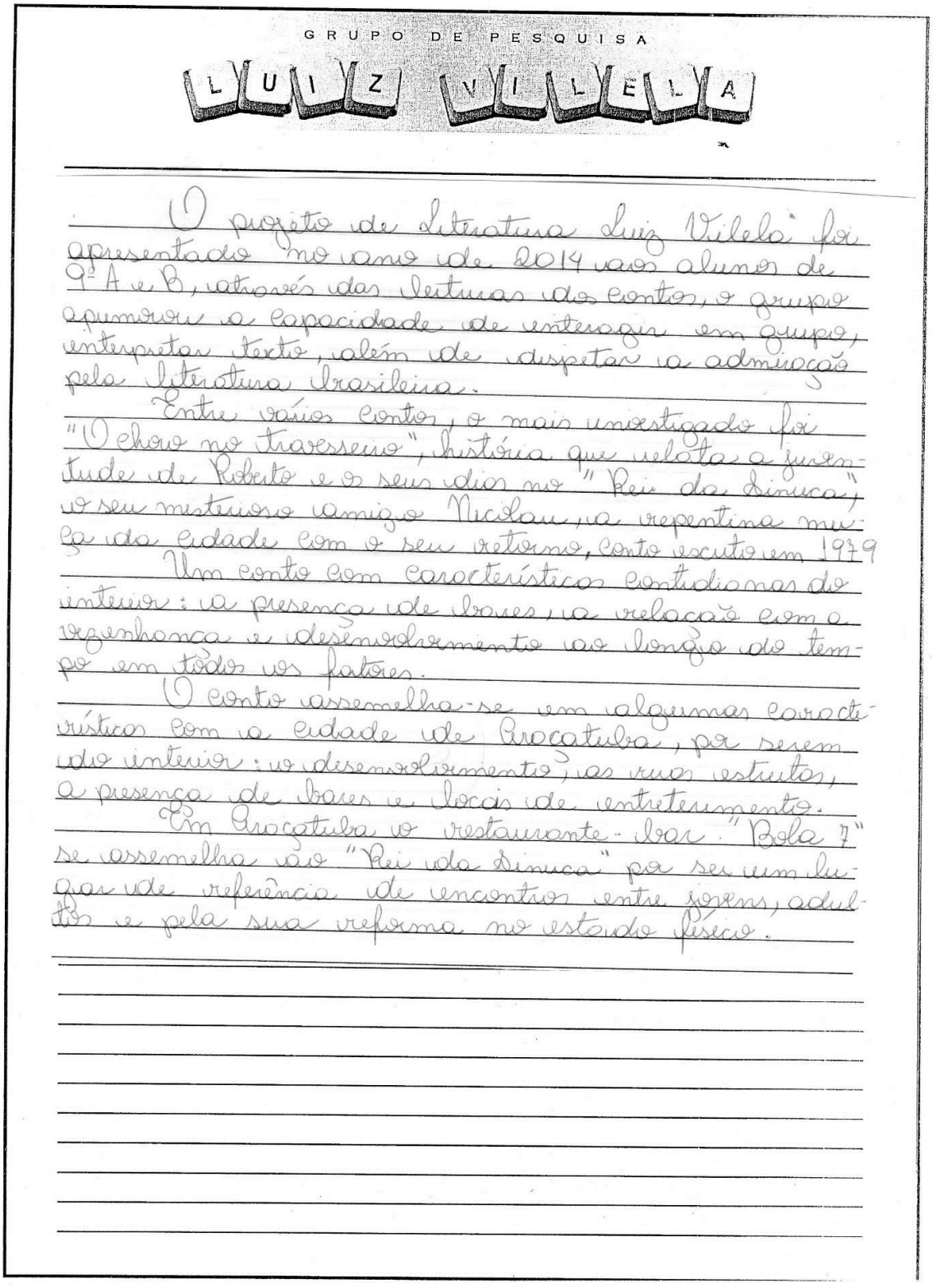
O interior está oferecendo grandes mudanças em ambas cidades, e a procura pelo resgate dos valores e "jeios do interior" é cada vez maior, já que isso está se perdendo.

AP 197

Novela- *O Choro no travesseiro*

Texto- 2

Aluna- A/ LET/9/5



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

O projeto de literatura Luiz Vilela foi apresentado no ano de 2014 aos alunos de 9º A e B, através das leituras dos contos, o grupo apurou a capacidade de interagir em grupo, interpretar texto, além de despertar a admiração pela literatura brasileira.

Entre vários contos, o mais investigado foi "O choro no travesseiro", história que relata a juventude de Roberto e o seu idolo no "Rei da Sinuca", o seu misterioso amigo Nicolau, a repentina mudança da cidade com o seu retorno, conto escrito em 1979

Um conto com características cotidianas do interior: a presença de bares, a relação com a vergonha e desenvolvimento ao longo do tempo em todos os fatores.

O conto assemelha-se em algumas características com a cidade de Arcatuba, por serem do interior: o desenvolvimento, as ruas estreitas, a presença de bares e locais de entretenimento.

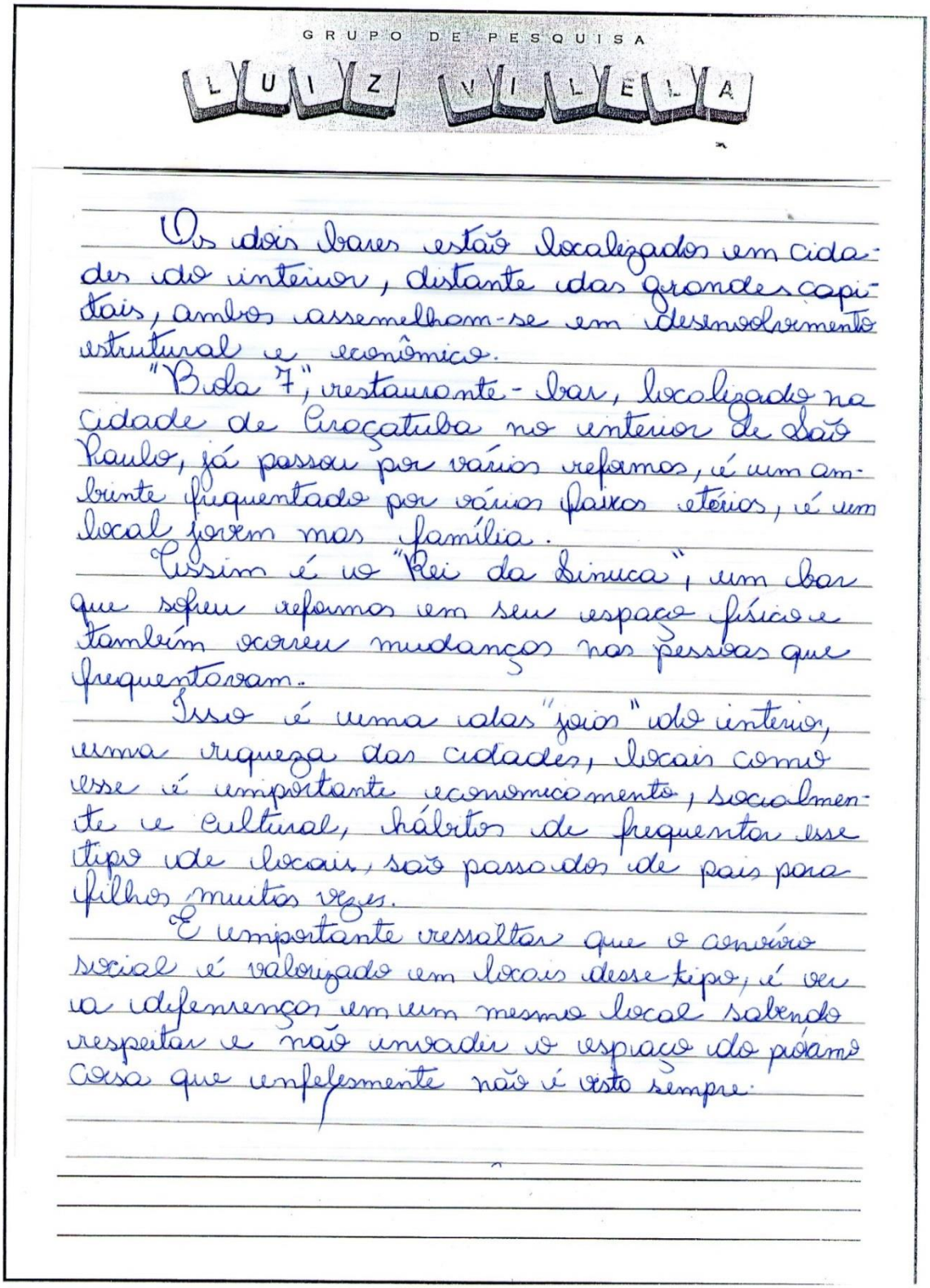
Em Arcatuba o restaurante-bar "Bola 7" se assemelha ao "Rei da Sinuca" por ser um lugar de referência de encontros entre jovens, adultos e pela sua reforma no estado físico.

AP 198

Novela- ***O Choro no travesseiro***

Texto- 3

Aluna- A/ MARP/9/5


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Os dois bares estão localizados em cidades do interior, distante das grandes capitais, ambos assemelham-se em desenvolvimento estrutural e econômico.

"Bida 7", restaurante - bar, localizado na cidade de Piraçatuba no interior de São Paulo, já passou por várias reformas, é um ambiente frequentado por vários faixas etérios, é um local jovem mas família.

Assim é o "Rei da Sinuca", um bar que sofreu reformas em seu espaço físico e também ocorreu mudanças nas pessoas que frequentaram.

Isso é uma das "joias" do interior, uma riqueza das cidades, locais como esse é importante economicamente, socialmente e cultural, hábitos de frequentar esse tipo de locais, são passados de pais para filhos muitas vezes.

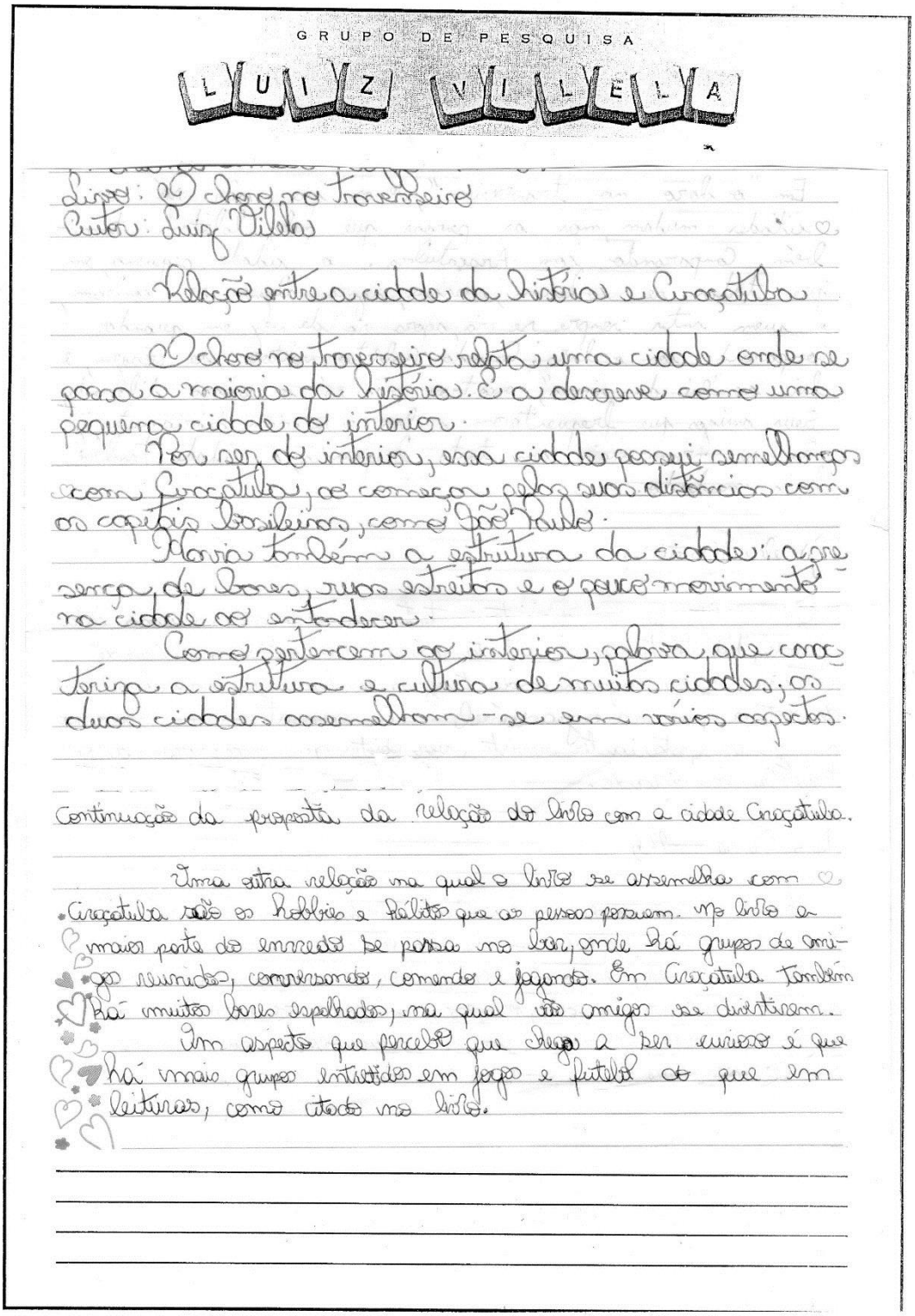
É importante ressaltar que o convívio social é valorizado em locais desse tipo, é ver a diferenças em um mesmo local sabendo respeitar e não invadir o espaço do próximo coisa que infelizmente não é visto sempre.

AP 199

Novela- ***O Choro no travesseiro***

Texto- 4

Alunos- A/ MAR/ GAB/ JOA/LUO/ LET/9/5


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Livro: O Choro no Travesseiro
Autor: Luiz Vilela

Relação entre a cidade da história e Curaçatiba

O choro no travesseiro relata uma cidade onde se passa a maioria da história. É a descreve como uma pequena cidade do interior.

Por ser do interior, essa cidade possui semelhanças com Curaçatiba, se começar pelos seus distúrbios com os capitais brasileiros, como São Paulo.

Havia também a estrutura da cidade: a presença de bares, ruas estreitas e o pouco movimento na cidade os entediavam.

Como pertencem ao interior, palavra que caracteriza a estrutura e cultura de muitas cidades, as duas cidades assemelham-se em vários aspectos.

Continuação da proposta da relação do livro com a cidade Curaçatiba.

Uma outra relação na qual o livro se assemelha com Curaçatiba são os hobbies e hábitos que as pessoas possuem. No livro a maior parte do enredo se passa no bar, onde há grupos de amigos reunidos, conversando, comendo e jogando. Em Curaçatiba também há muitos bares espalhados, na qual os amigos se divertiram.

Um aspecto que percebi que chega a ser curioso é que há mais grupos interagindo em jogos e futebol do que em leituras, como citado no livro.

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Em "o Choro no Travesseiro", vemos que não só as cidades mudam, mas as pessoas que nela habitam, também. Comparando com Araçatuba, a cidade pequena, em que todos se conhecem, viveu; agora alguns se conhecem, e quem antes sempre se via, agora só de vez em quando. Comparando com o livro, Quando Roberto voltou de viagem, e foi ao "Rei da Pinga", encontrou não só o espaço diferente, Seus amigos que frequentavam o bar e se viam diariamente, já não se viam mais com tanta frequência, a cidade também havia mudado.

Como muitas pessoas do interior tentam a vida ~~em~~ em uma cidade grande, Roberto tentou a sorte também. E ao voltar na cidade anterior, ir em lugares onde trazem lembranças boas, lembrar de rotina que era agradável e não cansativa, ~~ter~~ rever os amigos ou gostaria ter revisto, ver objetos que marcaram a sua trajetória na cidade.

No livro "O choro no travesseiro" nota-se alguns aspectos semelhantes a Araçatuba, como os bares pequenos que ficam ~~esta~~ espalhados pela cidade, amigos que vão para o bar pra se encontrar, beber e se divertir, os assuntos discutidos nos bares normalmente são: esporte em geral, mulheres e raramente jornalismo. No livro os três jovens falam sobre leitura, o fato deles se encontrarem em um bar pra conversar sobre leitura torna a história um pouco confusa e mais curiosa.

AP 200

Novela- *O Choro no travesseiro*

Texto- 5

Aluna- A/ MAR/9/5

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Escritor brasileiro de contos e novelas, Luiz Vilela nasceu em 31 de dezembro de 1942 em Minas Gerais, formou-se em Filosofia na universidade Federal de seu estado e é reconhecido como um dos mais renomados escritores brasileiros.

Entre suas diversas obras, o seu gênero de destaque é a ficção, cujo é apenas um plano de fundo, pois o que interessa do escritor é a retratação do ser humano e seu cotidiano. Usou como inspiração os grandes conflitos mundiais, a exemplo a Segunda Guerra e a ditadura brasileira, fazendo com que os leitores reflitam sobre suas obras.

Um dos maiores sucessos de Luiz Vilela foi a novela "O choro no travesseiro", que relata o cotidiano de Roberto em suas diversas tardes no bar "Rei da Sinuca" em que ler vários amigados, entre a mais marcante é de Nicolau. Entre os conversas com o amigo, desenvolveu a paixão pela literatura russa. Algum tempo depois, Roberto surpreende a todos com a notícia de que sairá do interior para morar em São Paulo, onde receberá a infeliz notícia da morte de Nicolau. Volta, depois de muito tempo esperando que o bar e a cidade estejam do mesmo jeito de quando foi embora, porém tudo havia mudado.

A novela retrata o cotidiano do interior, palavras que caracterizam a estrutura e cultura de muitas cidades, capaz de comparar a cidade fictícia da novela com a cidade real:

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Cruzeiro. Além da localização distante dos capitais, as estruturas urbanas assemelham-se na presença de ruas estreitas e locais de entretenimento, cujo destacado nas duas cidades é o bar, que na novela era o "Rei da Pinga" que assemelha-se com os bares e restaurantes de Cruzeiro, entre eles o "Bela Fate", local que também é frequentado por diversos tipos étnicos, que transformam-se ao longo do tempo seu espaço físico, além dos perfis que frequentam que não são sempre os mesmos. Junto a novela como a cidade de Cruzeiro realça os característicos e costumes do interior: os constantes encontros com os amigos, a calmaria, a mudança na pintura não só da cidade como da população, os diversos opções de entretenimento e lazer, formando o conjunto dos "tipos do interior".

AP 201

Resumo elaborado pelos alunos

Livro: O choro no travesseiro – Luis Vilela

- Pontos importantes que o livro retrata

1- Local de encontro "O Rei da Sinuca era um salão de jogo", era como um segundo lar (para alguns talvez o único).

"Frederico e o salão eram imutáveis eternos: ali estariam para todo o sempre mesmo quando nós tivéssemos desaparecido". Pág 1.

2- Sentimentos – Depressão, melancolia, desanimo, brutalidade, choro, tristeza, falta de compaixão.

3- Duelo religioso – Católicos e Protestantes (filosofia e religião).

4- Solidão presente na obra de Luiz Vilela.

"Fiquei olhando também e pensando naquilo: a solidão da chuva, a solidão das coisas... pág 26.

5- A chuva constante, sinal de dias difíceis.

"A chuva parecia intensificar tudo especialmente com Nicolau, que bebia mais ainda". Pág 31.

6- Doença da alma.

"Ele sofre de um mal secreto", disse Adilson.

Que doença é essa.

"A pior doença; ninguém sabe o que é, ás vezes nem o próprio doente". Pág 33.

- Idéias revolucionárias;
- Escritores russos eram os melhores;
- Formação de leitor, identificação de idéias a partir de leituras;

7- "Perez Escrich é um escritor medíocre", Nicolau falou; "um escritor para todo mundo", acrescentou – e que desprezo pôs nesse "todo mundo". Pág 17.

"Eu queria estar lá também, queria estar ao lado de Nicolau, ao lado dos poucos, dos solitários e incompreendidos, dos rebeldes, dos malditos". Pág 18.

8 – União de Idéias.

"Tentei conquistar os outros companheiros para aquela espécie de seita que formáramos, mas foi inútil: nenhum estava interessado". Pág 21.

9 – Pessoas, que pensam diferente são consideradas inúteis para a sociedade.

"Nicolau é a ovelha negra da família". Pág 25.

"Aprenda uma coisa: o alcoólatra é um homem inútil; o mais inútil dos homens". Pág 25.

10 – Pessoas que tinham pensamentos de liberdade, que conseguiam se libertar das regras e viviam fora dos padrões impostos pela sociedade eram consideradas malucas.

"Lá no interior eu tinha um amigo que só lia escritor russo; era um cara meio "maluco". Pág 42.

11 – Mudança das coisas e quebra de união.

"Mas não é como vocês eram", abanou negativamente a cabeça. "Não é. Eles não têm a atenção que vocês tinham. Eu não tenho coragem de pedir a eles um favorzinho. Não digo que eles não façam, mas não é como era, entende? A gente não tem mais aquela liberdade, aquele entendimento".

"As coisas mudaram muito; muito mesmo". Pág 47.

12 – Relato da morte de Nicolau.

"Há solidão até nas coisas, numa chuva, por exemplo... DOSTOIEVSKI é o maior de todos os escritores, por que é o que teve mais compaixão". Pág 48.

13 – Determinismo e Sbedoria.

"Conclui que as vezes há um determinismo nas coisas, e parece, até uma sabedoria". Pág 50.

"Ao final, no travesseiro, encontraremos um pouco de nossas próprias lágrimas". Claudio Lembo. Folha de São Paulo.

AP 202

FIGURA 24

Texto coletivo produzido pelos alunos

O interior na literatura

Uma cidade pode ser fictícia ou real, pertencer ao interior, palavra tal que caracteriza a estrutura de muitas cidades; pequenas, aconchegantes, distantes de toda a gritaria que ecoa sutilmente das almas solitárias de uma cidade grande. Nas profundezas de um ser humano se desenvolvem os mais complexos sentimentos, e a busca por expressão se torna parte de um cotidiano, como o tranquilo ato de tomar um café da tarde olhando os campos que fogem a visão e formam a redoma dos pequenos centros.

A palavra tem o poder de dar sentidos aos símbolos histórica e culturalmente construídos, e a literatura de descrever sensações que a alma incomunicável aos olhos demonstra tacitamente perceber. O interior da alma e do espaço físico já formou os mais interessantes e relevantes escritores. Dentre essas inúmeras "joias do interior" cabe citar o escritor Luiz Vilela, brasileiro, nascido em dezembro de 1942, no interior de Minas Gerais, autor de muitas obras entre contos, novelas e romances, e que conseguiu captar de forma tão delicada a essência do interior.

O interior a que este texto se refere é o da cidade de Araçatuba descrito de forma tão clara na novela ***O choro no travesseiro***, de Luiz Vilela. A obra não trata especificamente da cidade, mas da subjetividade que caracteriza uma pequena cidade em face das mudanças propostas pelo progresso, seja ele do tempo ou dos pensamentos provincianos, que vão se perdendo, se globalizando como a tecnologia, a ideologia e os sentimentos.

Os pingos de chuva (os da alma) permeiam a história do ***O choro no travesseiro,*** o céu límpido e estrelado que vemos na cidade de Araçatuba é aquele que enleia a lembrança dos jovens e motiva suas esperanças na busca de um livro, um grito, um amor ou um amigo que lhes dê sentido... Essa existência jovem é exposta no palco da alegria de um bar, na força tão intensa do que se chama juventude... Aquela pouca idade em que os impulsos noleva m aos sentimentos mais profundos.

Araçatuba com seus bares e vida noturna carnavaliza a existência dando a alegria tão necessária ao intuito da vida. Faz crescer em suas terras produtivas, tradicionais e fortes, jovens com a mesma sede por mudanças que Nicolau, Roberto e seus amigos almejavam em suas noites no "Rei da Sinuca", personagens e espaço fictícios da obra de Vilela e que são tão presentes nas descrições dos jovens que aqui participaram dessa elaboração e projeto.

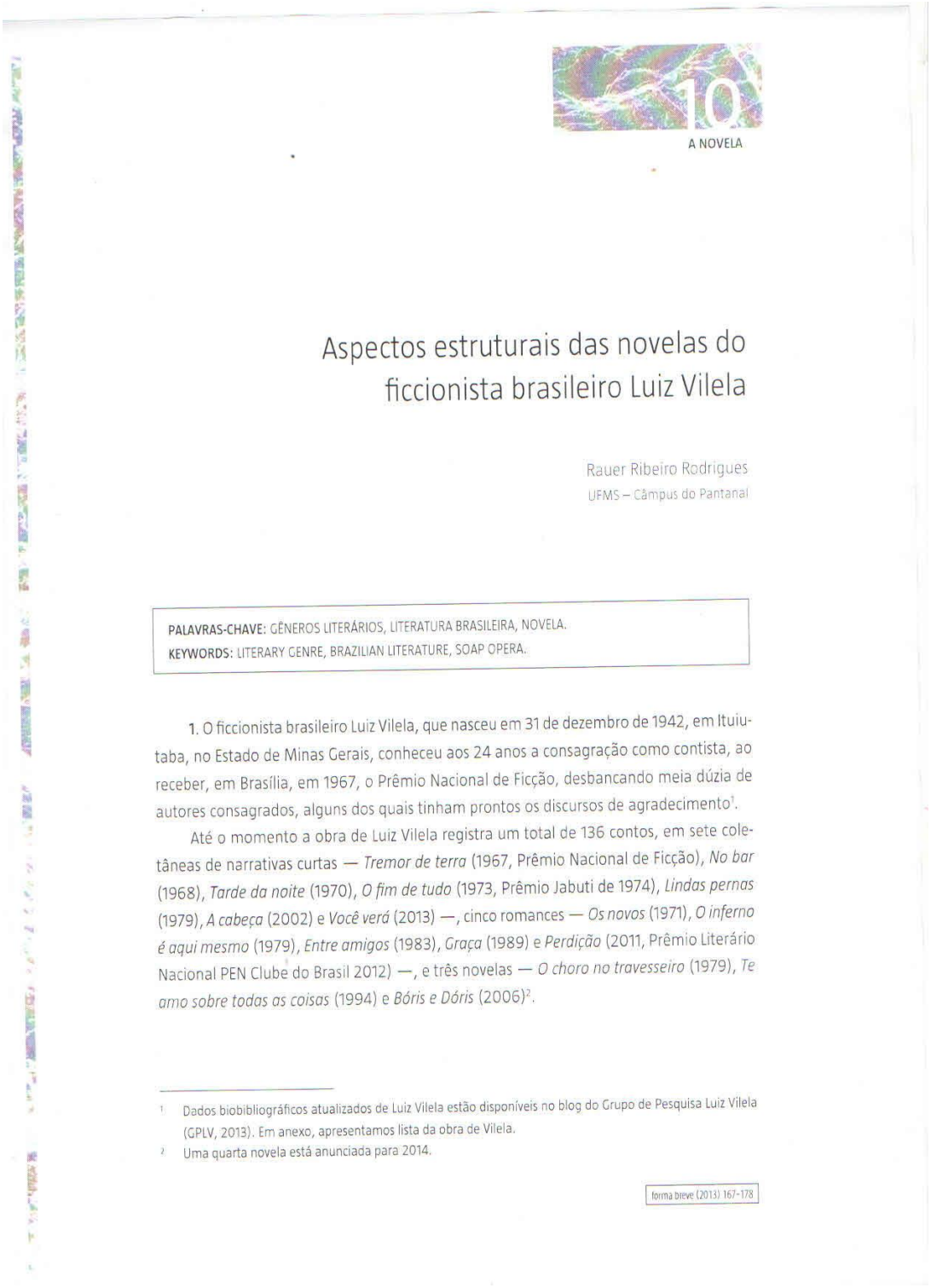
Araçatuba tem literatura, tem histórias que sobreviveram as guerras e ditaduras. Seus campos conhecidos pela produção de gados dão contorno tradicional a calmaria, tranquilidade, expressa no acolhimento de seus cidadãos. Tem revolução reivindicadas pelas mentes jovens que acompanham o progresso dos grandes filósofos e das grandes ideias. Tem nas palavras de seu simples contexto toda a força de uma jovem, porém tradicional cidade. E tem na literatura, as entrelinhas que são tão úteis as verdadeiras intenções e a busca pelo tal sentido que muitos chamam de vida.

Grupo- Círculo de leitura “Luiz Vilela” 9º Ano

SÉTIMO MOMENTO

AP 203

Novela *Bóris e Dóris* – Texto: Aspectos estruturais das novelas do ficcionista brasileiro Luiz Vilela



10

A NOVELA

Aspectos estruturais das novelas do ficcionista brasileiro Luiz Vilela

Rauer Ribeiro Rodrigues
UFMS – Câmpus do Pantanal

PALAVRAS-CHAVE: GÊNEROS LITERÁRIOS, LITERATURA BRASILEIRA, NOVELA.
KEYWORDS: LITERARY GENRE, BRAZILIAN LITERATURE, SOAP OPERA.

1. O ficcionista brasileiro Luiz Vilela, que nasceu em 31 de dezembro de 1942, em Ituiutaba, no Estado de Minas Gerais, conheceu aos 24 anos a consagração como contista, ao receber, em Brasília, em 1967, o Prêmio Nacional de Ficção, desbancando meia dúzia de autores consagrados, alguns dos quais tinham prontos os discursos de agradecimento[1].

Até o momento a obra de Luiz Vilela registra um total de 136 contos, em sete coletâneas de narrativas curtas — *Tremor de terra* (1967, Prêmio Nacional de Ficção), *No bar* (1968), *Tarde da noite* (1970), *O fim de tudo* (1973, Prêmio Jabuti de 1974), *Lindas pernas* (1979), *A cabeça* (2002) e *Você verá* (2013) —, cinco romances — *Os novos* (1971), *O inferno é aqui mesmo* (1979), *Entre amigos* (1983), *Graça* (1989) e *Perdição* (2011, Prêmio Literário Nacional PEN Clube do Brasil 2012) —, e três novelas — *O choro no travesseiro* (1979), *Te amo sobre todas as coisas* (1994) e *Bóris e Dóris* (2006)[2].

1 Dados biobibliográficos atualizados de Luiz Vilela estão disponíveis no blog do Grupo de Pesquisa Luiz Vilela (GPLV, 2013). Em anexo, apresentamos lista da obra de Vilela.
2 Uma quarta novela está anunciada para 2014.

Compulsando a Fortuna Crítica de estudos acadêmicos sobre a obra do escritor, tal como ela consta em novembro de 2013 no Blog do Grupo de Pesquisa Luiz Vilela (GPLV, 2013), registramos um total de quatro teses e dezenove dissertações, as quais assim podem ser divididas quanto ao objeto abordado: quatro estudam o conjunto da obra, três tratam de aspectos sem ligação com o gênero literário, onze abordam o gênero conto, quatro o gênero romance e uma aborda o gênero novela, voltando-se para o estudo de *O choro no travesseiro*. Há uma adaptação fílmica da novela *Bóris e Dóris*, realizada, em 2007, como trabalho de uma turma de graduação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Esses números parecem evidenciar que a novela de Luiz Vilela tem pouca ressonância acadêmica, além de frequentar de modo rarefeito a própria obra do ficcionista, ao menos como volume do que foi publicado até o momento, com a ressalva de que o escritor, aos 71 anos, continua em plena atividade, tendo anunciado que no momento escreve um novo romance e tem uma nova novela pronta para ir à editora. Se a crítica acadêmica pouco se voltou para as novelas produzidas por Luiz Vilela, os leitores têm, ao menos a uma delas, em altíssima conta: *O choro no travesseiro*, por três diferentes casas publicadoras, é o livro de Luiz Vilela com maior número de edições comerciais, já na casa da dezena, e se não com maior número de edições, e se não com o maior número de exemplares vendidos, está entre os mais comercializados (informações atualizadas a partir de Rauer, 2006: 328-331).

Quanto ao aspecto estrutural, a divisão das narrativas em gêneros parece, para Vilela, questão secundária. Eis como ele explica a diferença entre conto, novela e romance:

> Conto, novela, romance, os três têm para mim o mesmo interesse e a mesma importância, nenhum é mais que o outro. Agora, eles são diferentes, cada um é uma coisa. Particularidade? O romance é grande, o conto é pequeno, a novela está entre os dois. (Vilela, 1981, entrevista para Editora Ática, in Zamboni, [n.p.].)

Na prática, assim se configura a novela de Luiz Vilela: uma narrativa que avança para além dos limites definidos pela tradição do conto que vem de Poe e Tchekhov, mas que não chega ao corpo físico do romance, medido pelo volume, pelo número de páginas (no Brasil, a mensuração de textos pelo número de palavras ou de toques não é disseminada). Assim, se os contos de Luiz Vilela vão de meia página a pouco mais de trinta páginas (e, nesse caso, em apenas uma narrativa), as três novelas estão em edições que variam entre sessenta e oitenta páginas, enquanto os romances variam de edições entre 112 e 400 páginas.

Entre as narrativas, há o caso notável do romance *Entre amigos*, estruturalmente encenado com um longo diálogo entre cinco personagens, ao longo de uma tarde, com

pouquíssimos verbos *dicendi* e meia dúzia de parágrafos unifrásicos do narrador ao longo de suas 103 páginas de texto ininterrupto. Miguel Sanches Neto – romancista, professor universitário e crítico literário – é categórico: "*Entre amigos* está mais próximo, estruturalmente, das novelas do autor" (Sanches Neto, 2008: 47). Já Wilson Martins trata do *Entre amigos* em artigo sintomaticamente nomeado "O conto literário" (Martins, 1995: 316-317). As unidades de espaço e tempo da narrativa, na técnica do diálogo palavra puxa palavra que chega ao clímax epifânico e se fecha, tem mesmo certa similaridade com a estrutura de um conto alongado; no caso, alongado pela conversação entre as personagens, sendo o diálogo a técnica narrativa predominante em *Te amo sobre todas as coisas* e *Bóris e Dóris*, novelas posteriores. Mas Luiz Vilela considera *Entre amigos* um romance, o que, na visão do autor Luiz Vilela, define, pelo critério da dimensão, o limite máximo da novela e o limite mínimo do romance.

Verifiquemos, pois, como estruturalmente se configuram as três novelas de Luiz Vilela lançadas até o momento.

2. Pela ordem cronológica, examinemos *O choro no travesseiro*. Temos aqui uma novela de formação, embora não chegue ao *Bildungsroman* ou ao *Künstlerroman*. O protagonista é Roberto, narrador autodiegético que encena seus amigos adolescentes, regularmente reunidos em torno de uma mesa de sinuca em "O Rei da Sinuca". O grupo enfrenta a ira da beata Carolina, "ou Creolina, como eu a chamava em casa, o que mostra bem quais eram os meus sentimentos com relação a ela" (Vilela, 1994: 4). Vencida a implicância, o enredo desvela a convivência forjada em torno do pano verde, a descoberta dos amores juvenis, nascidos torrencialmente e abruptamente encerrados, e, em particular, a amizade entre Roberto e Nicolau, construída no diálogo em torno da leitura de autores que Nicolau indica a Roberto, "[o]s grandes escritores, os que vale a pena ler" (*ibid.*: 18): Dostoievski, Tolstoi, Turguenev, Tchekhov, Gogol, Andreev e Gorki.

A novela se centraliza nos diálogos entre os dois, com as descobertas literárias e de aspectos da vida por parte de Roberto, enquanto Nicolau, filho de família abastada, se empanturra de comida e bebida, cada vez mais gordo. Em "O Rei da Sinuca", os dois cuidam de um vira-lata, Sarnakov. Na ida a um prostíbulo, Nicolau prefere beber a ficar com alguma mulher, o que os amigos compreendem ser sinal de doença, fruto de tristeza interior. Certo dia, Roberto anuncia que sua família vai se mudar para São Paulo. Promete que voltará nas férias e combina com Nicolau se escreverem toda semana. O retorno nas férias não é possível, as cartas rareiam; Nicolau bebe cada vez mais, até sofrer um colapso e morrer.

Muito tempo depois, o protagonista retorna à cidade natal. O salão de sinuca da juventude mudara de nome, agora era "*Fred's*" — enfim, nada mais estava como era. Decepcionado, Roberto parte, levando como lembrança a velha placa de identificação: "O Rei da Sinuca". Na viagem, no entanto, a placa desaparece. A personagem resigna-se, considerando "que às vezes há um determinismo nas coisas, e, parece, até uma sabedoria" (*ibid.*: 50).

Em termos estruturais, a novela se apresenta com diversos blocos curtos, sequenciais, cronológicos, centrados na figura do protagonista, sem digressões, coladas ao fluxo dos acontecimentos as poucas passagens de reflexões do narrador autodiegético.

Assim também se estrutura *Te amo sobre todas as coisas*: blocos curtos, em sequência cronológica, sem digressões, em que um narrador observador, ao modo câmera, recolhe o diálogo entre Max e Edna, os protagonistas-antagonistas que discutem o relacionamento a que ele colocou fim. A novela se desenvolve pelo diálogo vívido entre os dois, no aeroporto de cidade do interior no qual ele espera um voo atrasado. Ela tenta convencê-lo a não partir, insistindo para que retomem a relação amorosa. Na estratégia de reconquista, ela se lembra das intensas sessões de amor carnal que viveram.

Os oito blocos nos quais a narrativa se divide são de tamanhos diferentes, o narrador conduz a narrativa, reproduz o diálogo, anota os pequenos gestos das personagens e descreve sumariamente o espaço encenado. Ao erotismo latejante no diálogo memorialístico se une a ironia das personagens, que se consideram partícipes de drama conduzido por autor "sádico", que as faz "paga[rem] o pato" por dor que ele, o autor, antes vivenciou (*ibid.*: 26).

O sofrimento de Edna é o abandono; o de Max, a presença dela. Edna se aproveita de o voo estar atrasado e ele não poder sair do aeroporto para evitá-la. Do diálogo em que digladiam, defendendo-se e defendendo seus pontos de vista, a narrativa tem seu término com a chegada do avião. Nesse momento, quando Max parece pronto para reavaliar sua decisão, ela emerge do fundo de si mesma decidida: despede-se dele duramente, pede que ele a esqueça, deseja que ele seja feliz e para sempre se vai, "passo firme e elegante" (*ibid.*: 74).

Decisão similar a essa parece impossível no universo da protagonista de *Bóris e Dóris*. Professora que abandonou a atividade após casar-se com empresário muito mais velho, Dóris faz de chistes inócuos o meio de expor suas frustrações existenciais, nascidas da solidão, alimentadas pela ausência de expectativas quanto à própria vida, sedimentadas por convívio definido na subalternidade aos objetivos do marido.

Bóris, por seu lado, centra suas preocupações em se realizar profissionalmente. Pobre, enriqueceu-se pelo trabalho. Autodidata, recuperou a empresa da qual é diretor. Líder, está a um passo de ser indicado para o cargo máximo do conglomerado em que a empresa se

transformou. Complexo quase à contradição, é personagem marcante, um dos mais inesquecíveis da galeria das personagens de Luiz Vilela. Empresário típico, que se fez em cenário de poucas oportunidades e vindo da miséria socioeconômica, é antirreligioso. Marido apaixonado, é descuidado quanto aos interesses da mulher. Sem formação escolar avançada, domina os fundamentos da retórica argumentativa e dos princípios organizacionais de uma empresa. É empresário: organizado, atento, decidido, determinado, incansável, persistente, inabalável. Mas também é um homem irônico, brincalhão, engraçado, chistoso quase à arrogância, despreocupado, sensual.

Em um hotel campestre, no café da manhã, Bóris aguarda o motorista para ir à convenção da empresa, convenção que pode sagrá-lo comandante do conglomerado. O diálogo com Dóris vai do cômico ao tenso, do quase trágico ao banal, do blefe ao pungente. A narrativa é encenada pela conversação das duas personagens, característica de muitas das obras de Vilela. Se o tempo da espera é cronológico em cenário único, o discurso narrativo também está disposto em blocos, como nas demais novelas. São oito blocos até que Bóris saia, com a chegada do motorista, rumo às atividades empresariais, e um último bloco, quando ele retorna, noite alta, e encontra Dóris ainda acordada, à sua espera. Ela se desculpa por uma mentira que contou para ele um pouco antes dele sair. E ele informa que não conquistou a cadeira que almejava. Não há tempo para especulações, lamentos, busca de culpas (o leitor pode se perguntar se a mentira dela não influenciou no desempenho errático dele ao intervir na convenção): ele afirma que a empresa continuará seu crescimento com outro comando, e que devem dormir, pois de manhã o motorista passará mais cedo, para uma nova reunião de trabalho.

Em síntese, quanto ao aspecto estrutural do discurso da narrativa, as três novelas apresentam-se em blocos relativamente curtos, não numerados, nos quais as cenas se desenvolvem predominantemente pelo diálogo, no fluxo cronológico dos fatos. O narrador é observador, ao modo câmera, mesmo quando em primeira pessoa, pois, neste caso, o protagonista narra sua formação quase sem digressões.

3. Diante do exposto, entendemos que *O choro no travesseiro* é novela de espaço, *Te amo sobre todas as coisas* é novela de tempo, e *Bóris e Dóris* é novela de personagem. De modo que Luiz Vilela, a cada vez que enfrentou a narrativa intermédia entre o conto e o romance, teve por centro uma diferente categoria da narrativa.

Na primeira novela, o narrador autodiegético fala da sua juventude a partir da configuração espacial da pequena cidade interiorana, com a falsa oposição entre o *domus*, espaço

sagrado da família, e o *lupanaris*[3], espaço que causaria "sérios danos à [...] formação moral" do protagonista, segundo denuncia à família do jovem uma preocupada prima beata. A esse espaço da juventude se contrapõe, no final, o espaço da cidade grande, indiciado no presente da enunciação que perfaz o narrado em retrospectiva.

O espaço degradado de "O Rei da Sinuca" tornado "*Fred's*" marca a mudança cultural do país na virada dos anos 1960 para os 1970, e o esvaziamento do passado é simbolizado pela plaquinha do bar que se perde na viagem entre a cidade de origem e a nova vida, que se realiza no espaço da cidade grande, com suas outras possibilidades de crescimento pessoal – aliás, talvez se possa dizer que no espaço do interior não haveria possibilidade para que a formação ampla do protagonista fosse empreendida.

Na segunda novela, o narrador registra o diálogo tenso, chistoso, insinuante, de Edna e Max, enquanto o tempo escoa e o avião que o levará não chega. O tempo futuro, de um futuro imediato que já deveria ser passado, pois o avião está atrasado, permite que Edna evoque um passado não muito longínquo, em que os dois se amavam. Nesse tempo esvaziado do encontro no presente da narrativa, como que coagulado entre o futuro que não mais os verá juntos e o passado que os tinha tão amorosos, o passado se esbate, é refratado, quase revivido, para que o futuro se conforme de modo diverso. Se o futuro se mostra inamovível, o passado ameaça fazer do presente um pretérito imperfeito no qual todas as vinganças se realizarão. O tempo se faz condutor da narrativa, da história de todos os relacionamentos conjugais[4], da narrativa que enfeixa todas as despedidas, todos os amores que chegam ao fim. Mas se o passado não retorna, o presente não continua o suplício do voo que não parte e o futuro termina por se realizar, bem, era assim mesmo que deveria ser, e Edna deseja que o passado desapareça e que Max, com o tempo, "até meu nome [...] esqueça".

Na terceira novela, o embate entre as personagens não se dá em torno do tempo, o narrador não configura o eixo da narrativa pela oposição entre espaços: o enredo se ergue pelo entrechoque das personalidades em cena. O ator masculino figurativiza o homem empreendedor cujas forças propulsoras vão da força íntima que não se verga a nenhuma força exterior, animada por visão realizadora da existência, constituindo inabalável exem-

[3] Segundo Saraiva (2000), *Domus*, "casa, morada, habitação", e *Lupanaris*, "casas de alcouce", "lugares de prostituição". A terminologia não está em Vilela (1979), sendo leitura aqui estabelecida.

[4] Sobre o tema dos relacionamentos conjugais na obra de Vilela, consultar na aba Fortuna Crítica do Blog do Grupo de Pesquisa Luiz Vilela (GPLV, 2013) os trabalhos de Rauer Ribeiro Rodrigues (Rauer, 2006), Paula Vaz (2008) e Aline Sena (2010).

plo aos subordinados do chefe invencível, inexpugnável, ironizando todas as adversidades. Já o ator figurativizado pelo feminino amolda-se às exigências do parceiro, mas mantém senso crítico e autocrítico — ainda que não vislumbre saída para sua inação de momento, sabe que deve buscar algo além de se conformar ao *status quo* benfazejo. A narrativa tem, pois, por sustentação, a oposição e a complementaridade decorrentes dos caracteres das personagens.

A configuração das três novelas mostra, pois, um criador que procura novos caminhos, novos desafios expressionais e narrativos a cada novo trabalho, de modo a representar o humano em suas mais diferentes latitudes e longitudes[5]. De certo modo, há movimento narrativo que vai do jovem que busca caminhos (Roberto, de *O choro no travesseiro*) ao profissional com curso superior que se defronta com a vida (Max, de *Te amo sobre todas as coisas*) e ao homem bem-sucedido, que conquistou seus objetivos e está estabilizado profissional e sentimentalmente (o Bóris, de *Bóris e Dóris*). De um a outro, há, em linguagem simples, o retrato da vida cotidiana de pessoas comuns, indistinguíveis daquelas com as quais cruzamos todos os dias, sejam os colegas de escola ou do trabalho, sejam os chefes hierárquicos ou as autoridades públicas. Se antes havia, no âmbito da ficção de Luiz Vilela, uma classe média com personagens "de bem", escolarizadas, quase todas pequenas proprietárias distante do lúmpen, temos agora personagens desse mesmo grupo social, algumas enfrentando problemas econômicos (como, por exemplo, no conto "Rua da amargura", da coletânea *A cabeça*), outras aspirando a crescimento profissional mesmo já estando no topo (como é o caso de Bóris), e outras, estáveis e consolidadas, narrando episódios memoráveis (como o advogado do conto "O Bem", da coletânea *Você verá*).

Os romances do escritor referendam a trajetória desse narrador aqui esboçado. No primeiro romance, *Os novos*, jovens debatem seu futuro. No segundo romance, *O inferno é aqui mesmo*, um jovem adulto fala do seu trabalho em uma organização jornalística. No terceiro romance, *Entre amigos*, colegas entre os trinta e os quarenta anos discutem os sonhos da juventude em confronto com a vida que levam — e o saldo é desolador. No quarto romance, *Graça*, um homem na meia-idade vive seu amor outonal como um balanço da família, um típico clã de proprietários de terra, boa formação escolar e inserção na vida social de uma pequena comunidade. No quinto romance, *Perdição*, o ciclo se perfaz por inteiro, e um jovem pescador do interior conhece a fortuna financeira ao se tornar pastor

[5] Diante disso, a anunciada quarta novela de Luiz Vilela, ainda a ser lançada, pode homologar, suplementar ou obrigar revisão das conclusões deste trabalho.

em uma grande cidade, a tragédia no epílogo da personagem não sendo — a nosso ver— estigma da trajetória, mas signo do vazio existencial do nosso tempo.

4. Tal cosmovisão do ficcionista Luiz Vilela parece referendada não só pela sequência temática do novelista, mas também pela estrutura fragmentada com a qual as narrativas são elaboradas. A divisão em blocos, mantida na ordem do discurso a cronologia dos fatos, mostra o artifício literário das duas últimas novelas. Pois tanto o debate entre Edna e Max quanto o diálogo rascante e bem-humorado entre Bóris e Dóris se dão em única sequência temporal, e a divisão em blocos obedece a objetivos estéticos: assim construído, o discurso da narrativa chama a atenção para aspectos temáticos específicos, realçando-os e os ressaltando do interior da conversação travada pelas personagens.

Em *Te amo sobre todas as coisas*, entre outros aspectos, a divisão favorece para que o narrador, em complementaridade às afirmações das personagens, discuta – em rápidas inserções dialógicas – o estatuto ficcional da novela encenada, o papel do autor que a imaginou e a função do narrador que a narra. O demiurgo que move os cordões narrativos é questionado, provocado, chamado às falas, quase esvaziado do poder narrativo. As personagens assumem os cordéis, sem que de fato os tenham sob seu domínio, deixando tal impasse indistinguir sobre quem determina os destinos da ficção. Aqui, a literatura expõe as próprias entranhas.

Em *Bóris e Dóris*, os blocos, exceto pela última cena, são ainda mais fortemente arbitrários, pois o diálogo é estático quanto ao cenário e quanto à intervenção de personagens secundários. Sem a divisão, e o leitor pode fazer esse exercício, há continuidade — com coerência e coesão — no diálogo, ainda que o assunto mude de um bloco para outro. Essa, uma das razões dos blocos: entre idas e vindas dos temas, surgem quase todas as obsessões da obra de Luiz Vilela (infância, religião, sexo, relações humanas, riso literário, morte), e a mudança de bloco indica um novo tema. O efeito estético suplementar, e vital na economia da novela, é de que a chegada do último bloco se faz sem que o leitor se pegue refletindo sobre a mudança temporal e espacial, com a elipse do dia transcorrido e a mudança de ambiente, da manhã ensolarada no salão de café, com vistas para as montanhas, para a cena noturna, no quarto fechado. Há, pois, uma preparação subjacente para que tal ruptura ocorra sem impactar o leitor, sem que o leitor se pegue fazendo perguntas ao texto, sem que o leitor corte o fluxo de leitura no momento do clímax e do desfecho.

A construção por blocos não numerados é também utilizada por Vilela em contos e em romances. Nos romances, está em *Os novos* e em *Graça*. Blocos internos em grandes divisões estão em *O inferno é aqui mesmo* e em *Perdição*, sendo que no primeiro as cinco

partes não recebem título, enquanto no romance mais recente as três partes são tituladas. Já o romance *Entre amigos* é extraordinário *tour de force*, constituído por um único grande bloco, sem divisões externas, com o diálogo seguindo ininterrupto por mais de cem páginas.

Nos contos, a técnica da divisão do discurso da narrativa em blocos é utilizada — embora com parcimônia — tanto em contos mais curtos quanto em contos mais longos. Por exemplo, em "Inferno", de *No bar*. Já em "Meus oito anos", da mesma coletânea, cada parágrafo conta uma narrativa diferente, e elas se amarram pelo título, mas não há, entre os parágrafos, espaço algum, como se fosse uma única fábula. Em "A cabeça", da coletânea homônima, os quadros se sucedem, tendo por moldura uma cabeça jogada na rua, e o narrador observador, de modo lacônico, preenche as passagens de uma cena para outra com pequenas anotações sobre o cenário ou com perguntas retóricas que funcionam como piscadelas do autor ao leitor. Nomeamos tal procedimento, em contraposição ao conceito de narrador implícito proposto por Booth (1980), como de autor-explícito (Rauer, 2006). De certo modo, ainda que pareça mais tradicional, talvez siga esse modelo o mais longo conto de Luiz Vilela, "O Bem", de *Você verá*. A narrativa, com narrador em primeira pessoa — irônico, talvez inconfiável —, leva o leitor a engano já a partir do título.

5. Aqui descritas de modo sumário quanto a alguns de seus aspectos estruturais, as novelas de Luiz Vilela, conquanto não gozem do sucesso de análise crítica dos contos e dos romances do ficcionista, nos parecem narrativas de grande vigor, fundamentais no conjunto de sua obra, de um lado como estudos vigorosos do espaço, do tempo ou das personagens, do outro lado porque perfazem grupo narrativo cuja cosmovisão homologa as diretrizes temáticas e estéticas da obra de Luiz Vilela.

Com sua primeira novela, *O choro no travesseiro*, Luiz Vilela assentou as bases de sua novelística, caracterizada estruturalmente por blocos não numerados, curtos, relativamente autônomos, mas à diegese integrados de tal modo que nenhum deles pode ser excluído pois modificaria o sentido final da obra.

Com sua segunda novela, *Te amo sobre todas as coisas*, Luiz Vilela mostra a dilaceração do discurso amoroso em suas muitas formas de encontro e de desencontro, cada bloco sendo movimento único amarrado aos demais nos movimentos de sístoles e diástoles do amor. Os blocos narrativos assim constituídos fazem do embate entre passado, presente e futuro uma discussão do estatuto criador da arte literária. O jovem narrador de *O choro no travesseiro* é agora autor que se questiona no que faz e é questionado pelas próprias personagens que encena.

Ao trazer à boca do palco as personagens de *Bóris e Dóris*, o arquinarrador[6] das novelas de Luiz Vilela amplia o escopo dos temas tratados, e os vê agora sob a luz irônica e debochada de um homem bem sucedido, em que pese a origem de desprovido e a intensa e permanente seriedade com que luta por seu quinhão na face da terra. A compaixão e a autocomiseração que latejam em Dóris só são possíveis pelo contraponto derrisório, empreendedor e criativo de Bóris.

No termo final deste percurso pelas novelas de Luiz Vilela publicadas até o momento, vislumbramos cosmovisão entre cética e niilista: o discurso das narrativas indicia o niilista; o enredo do novelista se equilibra entre a crença no homem e a descrença no humano – e esses polos se negam, se atraem e se repelem; as personagens encenadas se matizam entre o amor, a volição, a negatividade e o otimismo; já a semiose fundamental indicia o cético — no âmbito da novela, o narrador de Luiz Vilela, ao encenar o homem em suas dores, as vividas e as imaginadas, perfaz a narrativa de um cético incapaz de discernir se existe o humano para além do vazio da existência humana.

BIBLIOGRAFIA

Livros

BOOTH, Wayne C. (1980). *A retórica da ficção*. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia.

SARAIVA, F. R. dos Santos (2000). *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier.

VILELA, Luiz (1994). *O choro no travesseiro*. 8. ed. São Paulo: Atual.

ZAMBONI, José Carlos, org. (2005). *Da arte de esconder a arte – Entrevistas com Luiz Vilela*. Assis, SP: [n.p.] [Livro em preparo com entrevistas e depoimentos de Luiz Vilela, incluindo textos inéditos do ficcionista sobre o seu pensamento estético. Fornecido pelo organizador, arquivo .doc, 219 f. 2005].

Artigos ou capítulos de livros

MARTINS, Wilson (1995). "O conto literário". In *Pontos de vista* (Crítica Literária). v. 11. São Paulo: T. A. Queiroz, 316-319. [Publicado originalmente no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, em 25 fev. e 4 mar. 1984.]

SANCHES NETO, Miguel (2008). "O romancista Luiz Vilela". In Fundação Cultural (org.). *1ª. Semana Luiz Vilela*. Ituiutaba, MG: EGIl; Prefeitura de Ituiutaba, 29-52.

Dissertações de mestrado e doutoramento

CINTRA, Ismael Angelo (1978). *O foco narrativo na ficção; uma leitura de Nove novena, de Osman Lins*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). FFLCH, Universidade de São Paulo.

[6] Utilizo o conceito tal como proposto por Ismael Cintra (1978).

RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues] (2006). *Faces do conto de Luiz Vilela*. Araraquara, SP. Tese (Doutorado, Estudos Literários). FCL-Ar, Unesp. Disponível em: <*http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/fortuna-critica.html* >, acesso em 16 maio 2013.

SENA, Aline de Jesus (2010). *Da submissão à dominação: as mulheres na obra de Luiz Vilela*. Campo Grande. Dissertação (Mestrado, Estudos de Linguagens). PPGMEL, UFMS.

VAZ, Paula Gerez Robles Campos (2008). *Configurações do amar: as afetividades em Luiz Vilela*. Mestrado. Universidade Estadual de Londrina – Letras.

Blog

GPLV – Grupo de Pesquisa Luiz Vilela. 2013. Disponível em < *http://gpluizvilela.blogspot.com.br* >, acesso em 16 maio 2013.

ANEXO

Obras de Luiz Vilela:

Novelas

O Choro no Travesseiro. São Paulo: Cultura, 1979. 9. ed., São Paulo: Atual, 2000.

Te Amo Sobre Todas as Coisas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Bóris e Dóris. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Romances

Os Novos. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

O Inferno É Aqui Mesmo. São Paulo: Ática, 1979. 3. ed., São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

Entre Amigos. São Paulo: Ática, 1983.

Graça. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

Perdição. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Contos

Tremor de terra. Belo Horizonte: edição do autor, 1967. 9. ed., São Paulo: Publifolha, 2004.

No Bar. Rio de Janeiro: Bloch, 1968. 2. ed., São Paulo: Ática, 1984.

Tarde da Noite. São Paulo: Vertente, 1970. 5. ed., São Paulo: Ática, 1999.

O Fim de Tudo. Belo Horizonte: Liberdade, 1973.

Lindas Pernas. São Paulo: Cultura, 1979.

A Cabeça. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 1. reimpressão, São Paulo, Cosac & Naify, 2002; 2. reimpressão, Cosac & Naify, 2012.

Você Verá. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Antologias

Contos Escolhidos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978. 2. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

Uma Seleção de Contos. São Paulo, Nacional, 1986. 2. ed., reformulada, São Paulo: Nacional, 2002.

Contos. Belo Horizonte, Lê, 1986. 4. ed., introdução de Miguel Sanches Neto, São Paulo: Scipione, 2010.

Os Melhores Contos de Luiz Vilela. Introdução de Wilson Martins. São Paulo: Global, 1988. 3. ed., São Paulo: Global, 2001.

O Violino e Outros Contos. São Paulo, Ática, 1989. 7. ed., São Paulo: Ática, 2007.

Contos da Infância e da Adolescência. São Paulo: Ática, 1996. 4. ed., São Paulo: Ática, 2007.
Boa de Garfo e Outros Contos. São Paulo: Saraiva, 2000. 4. ed., São Paulo: Saraiva, 2010.
Sete Histórias. São Paulo: Global, 2000. 3. ed., São Paulo: Global, 2001. 1ª reimpressão, 2008.
Histórias de Família. Introdução de Augusto Massi. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
Chuva e Outros Contos. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.
Histórias de Bichos. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.
Contos Eróticos. Belo Horizonte: Leitura, 2008.
Sofia e Outros Contos. São Paulo: Saraiva, 2008. 2ª tiragem, 2012.
Amor e Outros Contos. Erechim, RS: Edelbra, 2009.
Três Histórias Fantásticas. Introdução de Sérgio Rodrigues. São Paulo: Scipione, 2009.

Traduções
Frosch im Hals. Trad. Ute Hermanns. Berlim: Babel Verlag, 1996.

RESUMO

O ficcionista brasileiro Luiz Vilela publicou até o momento — entre coletâneas de contos, novelas e romances — quinze livros, além de quinze antologias de contos. Como novelas, foram classificadas, pelo autor, as narrativas de tamanho médio. O objetivo deste trabalho é descrever a forma estrutural do gênero novela no conjunto da obra de Luiz Vilela.

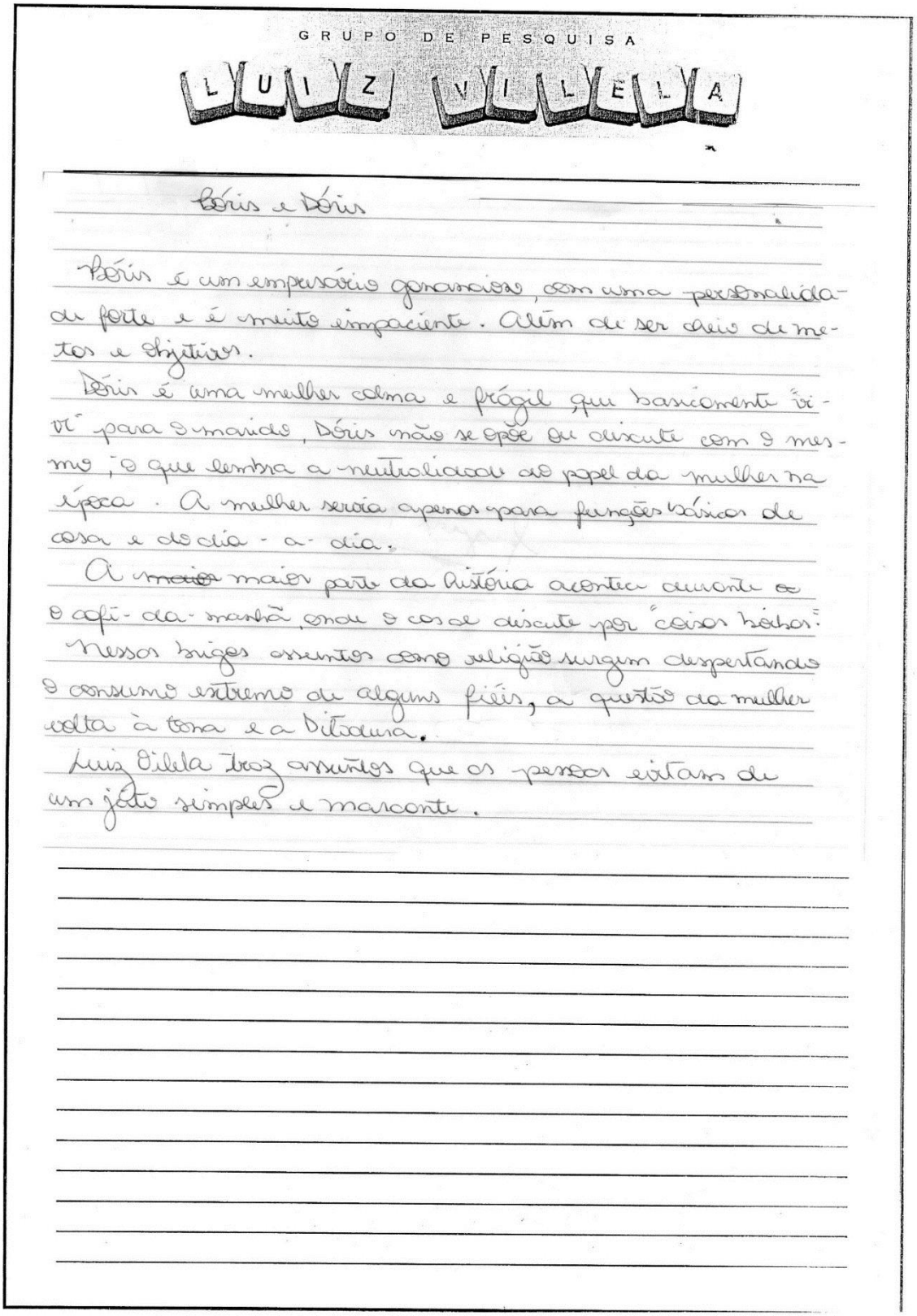
ABSTRACT

The Brasilian fictionist Luiz Vilela published until the moment among collections of stories, soap operas and novels fifteen books, besides fifteen anthologies of stories. As soap operas, were classified, by the author, the narratives of medium size. The objective of this work is to describe the structural form of the soap opera genre in the overall of Luiz Vilela's work.

AP 204

FIGURA 25

Novela- *Bóris e Dóris*
Texto 1- A/ MAR/9/5


GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

Bóris e Dóris

Bóris é um empresário aposentado, com uma personalidade forte e é muito impaciente. Além de ser cheio de metas e objetivos.

Dóris é uma mulher calma e frágil que basicamente "vive" para o marido, Dóris não se opõe ou discute com o mesmo; o que lembra a neutralidade do papel da mulher na época. A mulher servia apenas para funções básicas de casa e do dia-a-dia.

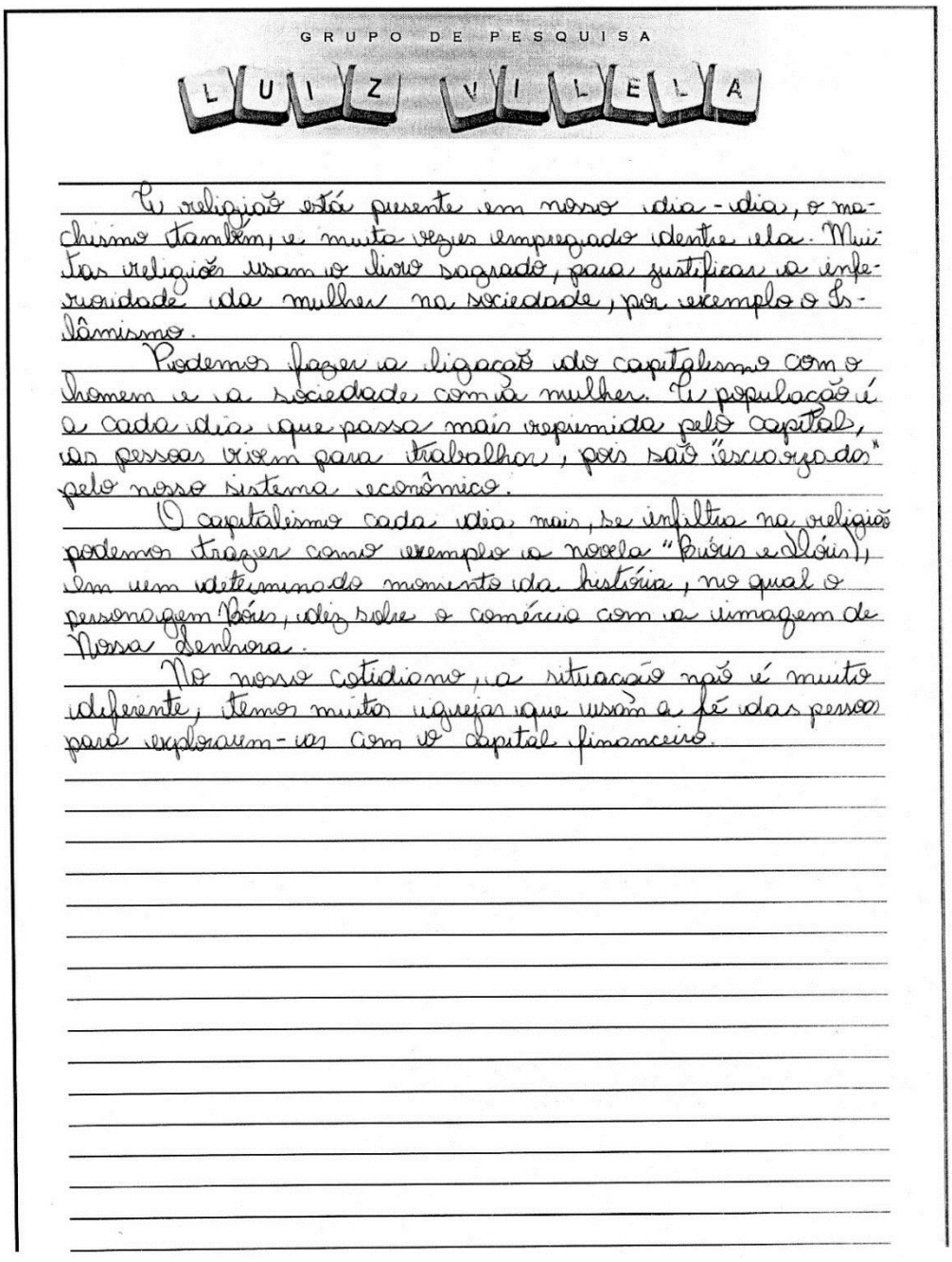
A ~~maior~~ maior parte da história acontece durante o café-da-manhã, onde o casal discute por "coisas bobas". Nessas brigas sempre como religião surgem despertando o consumo extremo de alguns fiéis, a questão da mulher volta à tona e a ditadura.

Luiz Vilela traz assuntos que os pessoas viviam de um jeito simples e marcante.

AP 205

FIGURA 26

Novela- ***Bóris e Dóris***
Texto 2- A/ GABL/9/5



A religião está presente em nosso dia-dia, o machismo também, e muitas vezes empregado dentre ela. Muitas religiões usam o livro sagrado, para justificar a inferioridade da mulher na sociedade, por exemplo o Islâmismo.

Podemos fazer a ligação do capitalismo com o homem e a sociedade com a mulher. A população é a cada dia que passa mais reprimida pelo capital, as pessoas vivem para trabalhar, pois são "escravizados" pelo nosso sistema econômico.

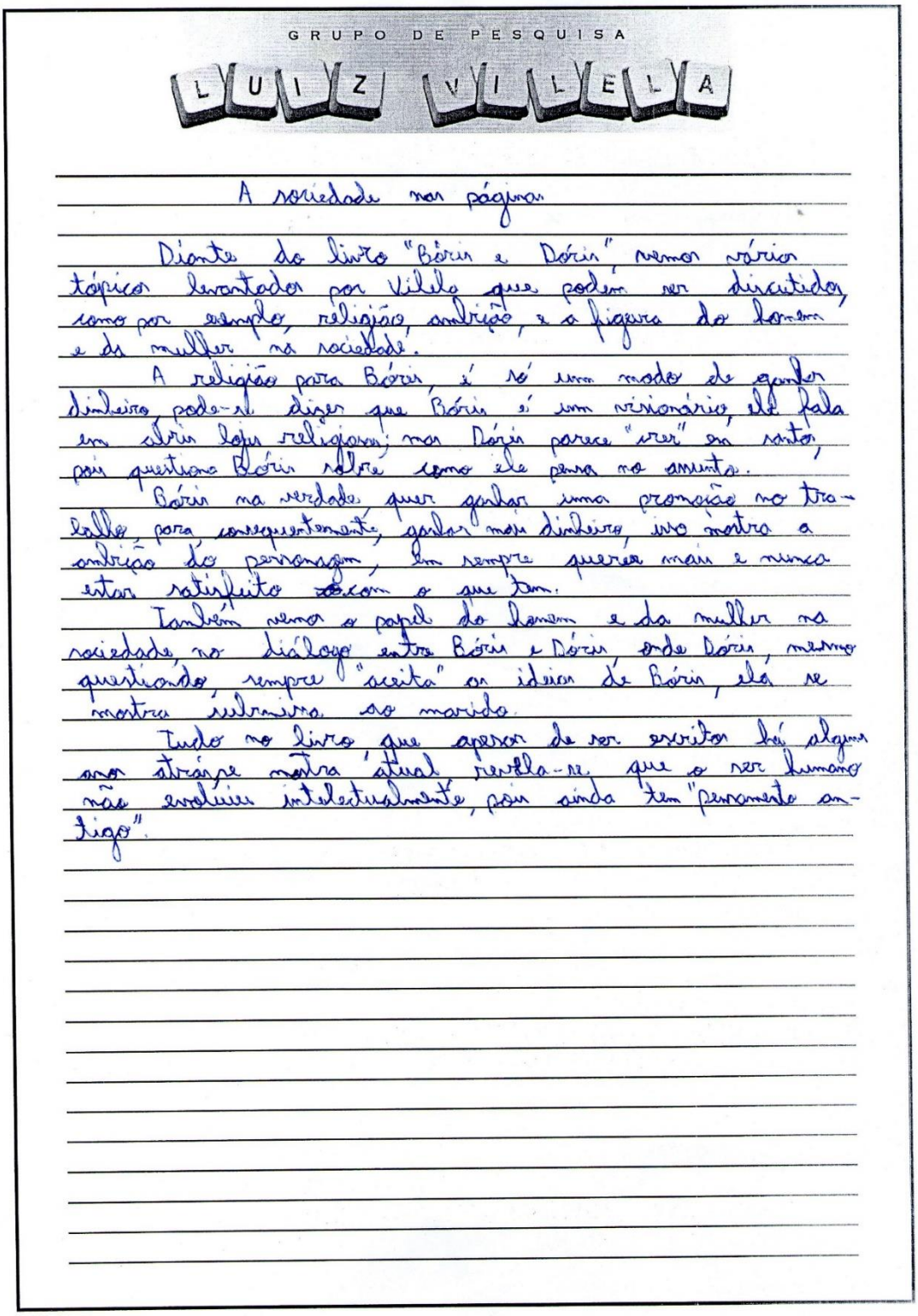
O capitalismo cada dia mais, se infiltra na religião podemos trazer como exemplo a novela "Bóris e Dóris", em um determinado momento da história, no qual o personagem Bóris, diz sobre o comércio com a imagem de Nossa Senhora.

No nosso cotidiano, a situação não é muito diferente, temos muitas igrejas que usam a fé das pessoas para explorarem-as com o capital financeiro.

AP 206

FIGURA 27

Novela- ***Bóris e Dóris***
Texto 3- A/ JOA/9/5



A sociedade nas páginas

Diante do livro "Bóris e Dóris" vemos vários tópicos levantados por Vilela que podem ser discutidos, como por exemplo, religião, ambição, e a figura do homem e da mulher na sociedade.

A religião para Bóris, é só uma moda de agradar Dinheiro, pode-se dizer que Bóris é um visionário, ele fala em abrir loja religiosa; mas Dóris parece "ver" os santos, pois questiona Bóris sobre como ele pensa os santos.

Bóris na verdade, quer ganhar uma promoção no trabalho, para consequentemente, ganhar mais dinheiro, isso mostra a ambição do personagem, ele sempre quer mais e nunca estar satisfeito com o que tem.

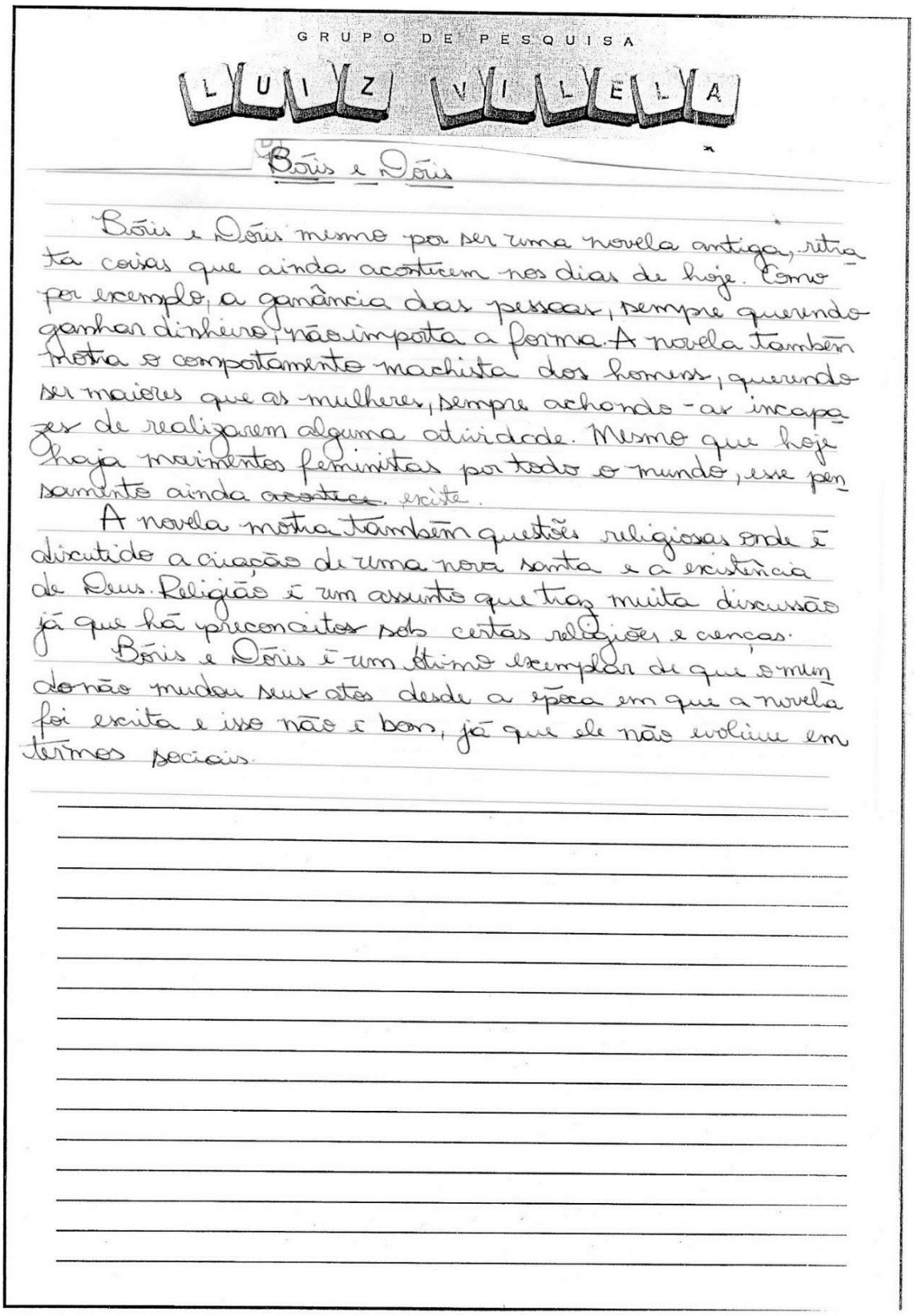
Também vemos o papel do homem e da mulher na sociedade, no diálogo entre Bóris e Dóris, onde Dóris, mesmo questionando, sempre "aceita" as ideias de Bóris, ela se mostra submissa ao marido.

Tudo no livro que apesar de ser escrito há alguns anos atrás se mostra atual revela-se que o ser humano não evoluiu intelectualmente, pois ainda tem "pensamento antigo".

AP 207

FIGURA 28

Novela- ***Bóris e Dóris***
Texto 4- A/ CAR/9/5



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Bóris e Dóris

Bóris e Dóris mesmo por ser uma novela antiga, retrata coisas que ainda acontecem nos dias de hoje. Como por exemplo, a ganância das pessoas, sempre querendo ganhar dinheiro, não importa a forma. A novela também mostra o comportamento machista dos homens, querendo ser maiores que as mulheres, sempre achando-as incapazes de realizarem alguma atividade. Mesmo que hoje haja movimentos feministas por todo o mundo, esse pensamento ainda existe.

A novela mostra também questões religiosas onde é discutido a criação de uma nova santa e a existência de Deus. Religião é um assunto que traz muita discussão já que há preconceitos sobs certas religiões e crenças.

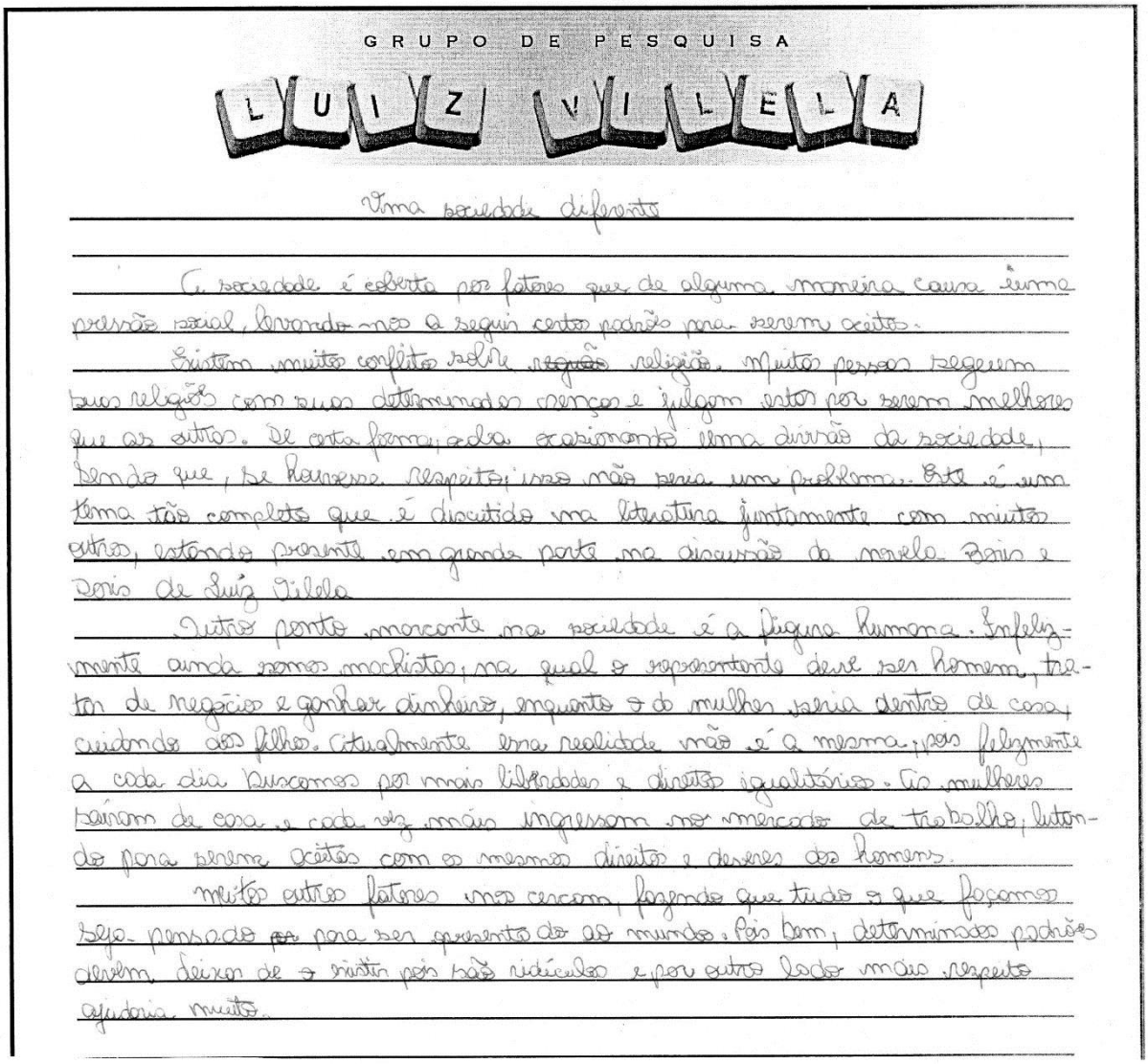
Bóris e Dóris é um último exemplar de que o homem não mudou seus atos desde a época em que a novela foi escita e isso não é bom, já que ele não evoluiu em termos sociais.

AP 208

FIGURA 29

Novela- ***Bóris e Dóris***

Texto 5 - A/ CAM/9/5


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILLELA

Uma sociedade diferente

A sociedade é cobrada por fatores que de alguma maneira causa uma pressão social, levando-nos a seguir certos padrões para serem aceitos.

Existem muitos conflitos sobre ~~religião~~ religião. Muitas pessoas rejeitam suas religiões com suas determinadas crenças e julgam estas por serem melhores que as outras. De certa forma, cada excêntrico uma divisão da sociedade, tendo que, se houvesse respeito, isso não seria um problema. Este é um tema tão complexo que é discutido na literatura juntamente com muitos outros, estando presente em grande parte na discussão da novela Bóris e Dóris de Luiz Villela.

Outro ponto marcante na sociedade é a figura humana. Infelizmente ainda somos machistas, na qual o representante desse ser humano, trator de negócios e ganhar dinheiro, enquanto o da mulher seria dentro de casa, cuidando dos filhos. Atualmente essa realidade não é a mesma, pois felizmente a cada dia buscamos por mais liberdades e direitos igualitários. As mulheres saíram de casa e cada vez mais ingressam no mercado de trabalho, lutando para serem aceitas com os mesmos direitos e deveres dos homens.

Muitos outros fatores nos cercam, fazendo que tudo o que façamos seja pensado ~~por~~ para ser apresentado ao mundo. Pois bem, determinados padrões devem deixar de existir pois são ridículos e por outro lado mais respeito ajudaria muito.

AP 209

Novela- *Bóris e Dóris*

Texto 6- A/MARP/9/5

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

O livro todo em diálogo, demonstra como a mulher é submetida às vontades do homem. Dóris é receiosa em o que e como dizer as coisas para Bóris, por isso as falas dela são curtas e diretas, apenas concordando com o que ele diz. Bóris tem personalidade forte, impaciente.

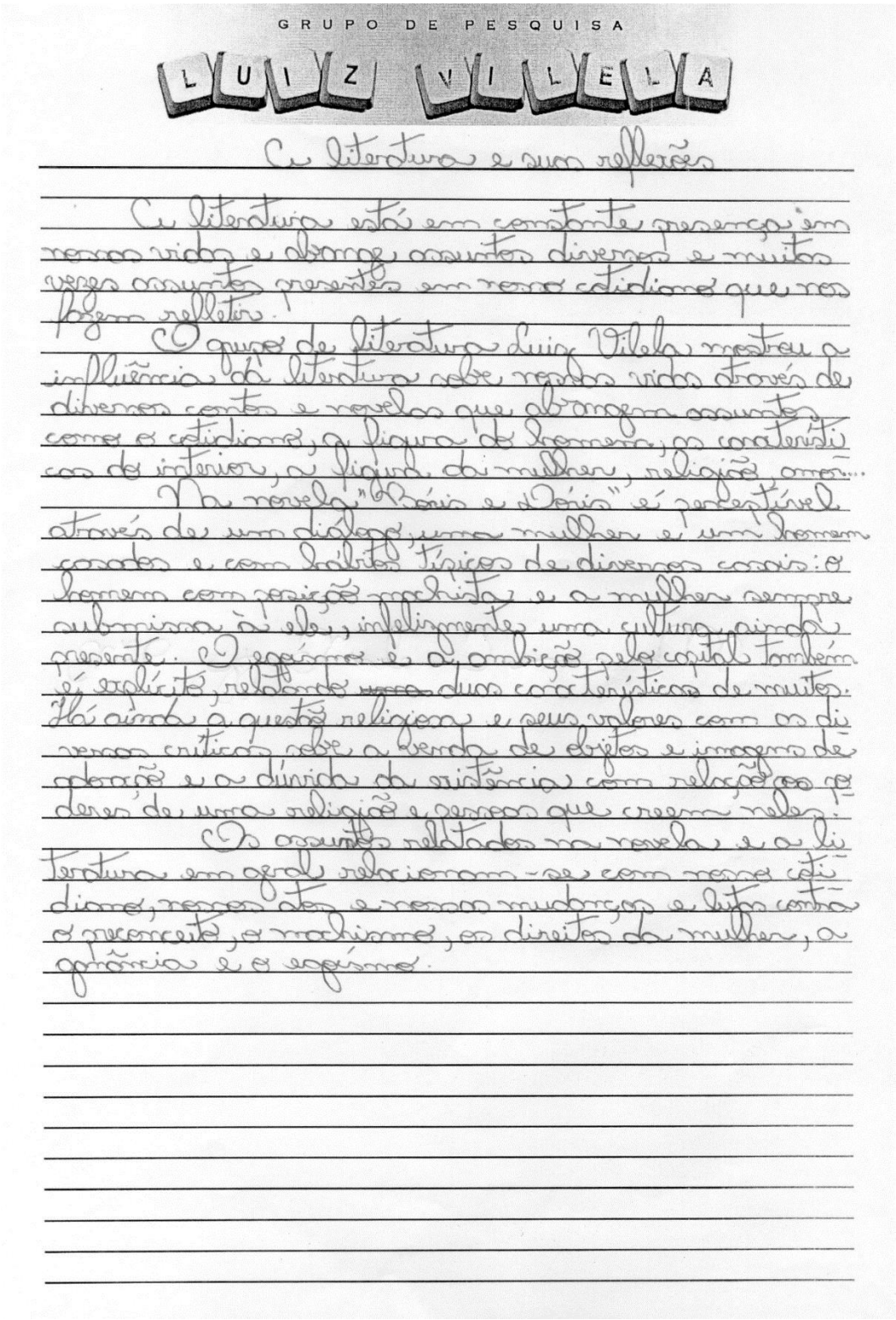
Bóris várias vezes é irônico e sarcástico com a sua mulher, mesmo assim Dóris se sente submissa e diz que o marido falar com ela como quizer.

Bóris e Dóris discordam de ~~o quase tudo~~ que dizem. O que mais discutirão e que são muito polêmicos é a questão da pedofilia na Igreja Católica, racismo e outras banais, até mesmo o apelido do único irmão que Bóris tivera.

AP 210

Novela- *Bóris e Dóris*

Texto 7- A/MAR/9/5


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

A literatura e suas reflexões

A literatura está em constante presença em nossas vidas e abrange assuntos diversos e muitas vezes assuntos presentes em nosso cotidiano que nos fazem refletir.

O curso de literatura Luiz Vilela mostrou a influência da literatura sobre nossas vidas através de diversos contos e novelas que abrangem assuntos como o cotidiano, a figura do homem, os conteúdos do interior, a figura da mulher, religião, amor...

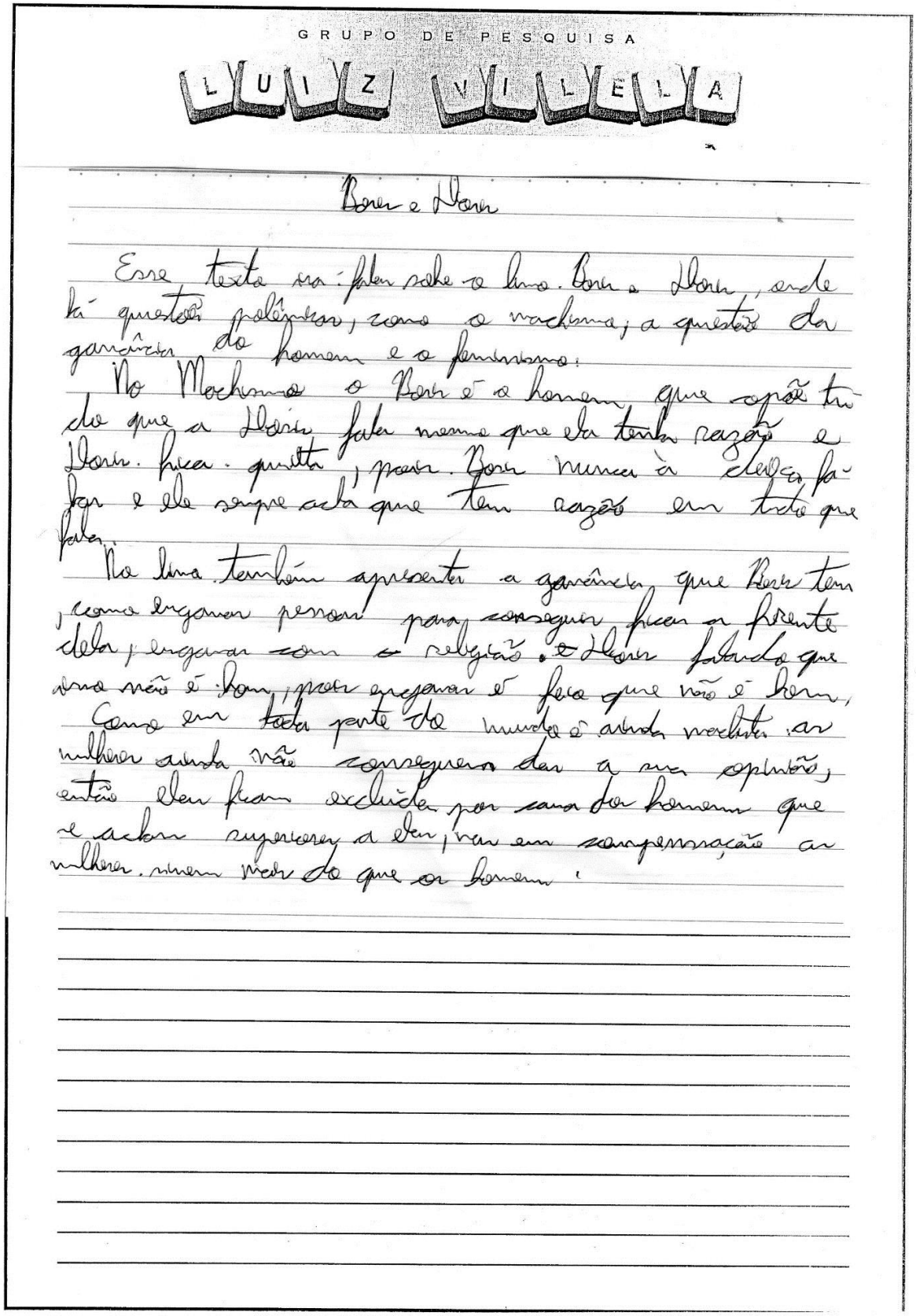
Na novela "Bóris e Dóris" é perceptível através de um diálogo, uma mulher e um homem casados e com hábitos típicos de diversos casais: o homem com posição machista e a mulher sempre submissa à ele, infelizmente uma cultura ainda presente. O egoísmo e a ambição pelo capital também é explícito, relatando duas características de muitos. Há ainda a questão religiosa e seus valores com os diversos críticos sobre a venda de objetos e imagens de adoração e a dúvida da existência com relação aos fiéis de uma religião e pessoas que creem nela.

Os assuntos relatados na novela e a literatura em geral relacionam-se com nosso cotidiano, nossos dias e nossas mudanças e lutas contra o preconceito, o machismo, os direitos da mulher, a ganância e o egoísmo.

AP 211

Novela- *Bóris e Dóris*

Texto 8- A/ RAF/9/5



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Bóris e Dóris

Esse texto vai falar sobre o livro Bóris e Dóris, onde há questões polêmicas, como o machismo, a questão da garantia do homem e o feminismo.

No Machismo o Bóris é o homem que opõe tudo que a Dóris fala mesmo que ela tenha razão e Dóris fica quieta, pois Bóris nunca à deixa falar e ele sempre acha que tem razão em tudo que fala.

No livro também apresenta a garantia que Bóris tem, como enganar pessoas para conseguir ficar na frente dela, enganar com a religião. E Dóris falando que uma mão é boa, para enganar é fala que não é bom,

Como em toda parte do mundo é ainda machista as mulheres ainda não conseguem dar a sua opinião, então elas ficam excluídas por causa dos homens que se acham superiores a elas, vai em compensação as mulheres, mais mais do que os homens.

AP 212

Novela- ***Bóris e Dóris***

Texto 9- A/ LET/9/5

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Dóris e Bóris é uma novela que retrata muitos assuntos que acontecem atualmente, como por exemplo, a visão machista de Bóris, que mostra uma superioridade sobre a mulher. Fala também sobre a aparência, que é uma das maiores preocupações das pessoas, tanto física quanto mentalmente, que são percebidas através do comportamento e indica o grau de maturidade e social.

Quando o casal está no restaurante, a mulher percebe que há muita gente os observando e pede para seu esposo mudar o comportamento.

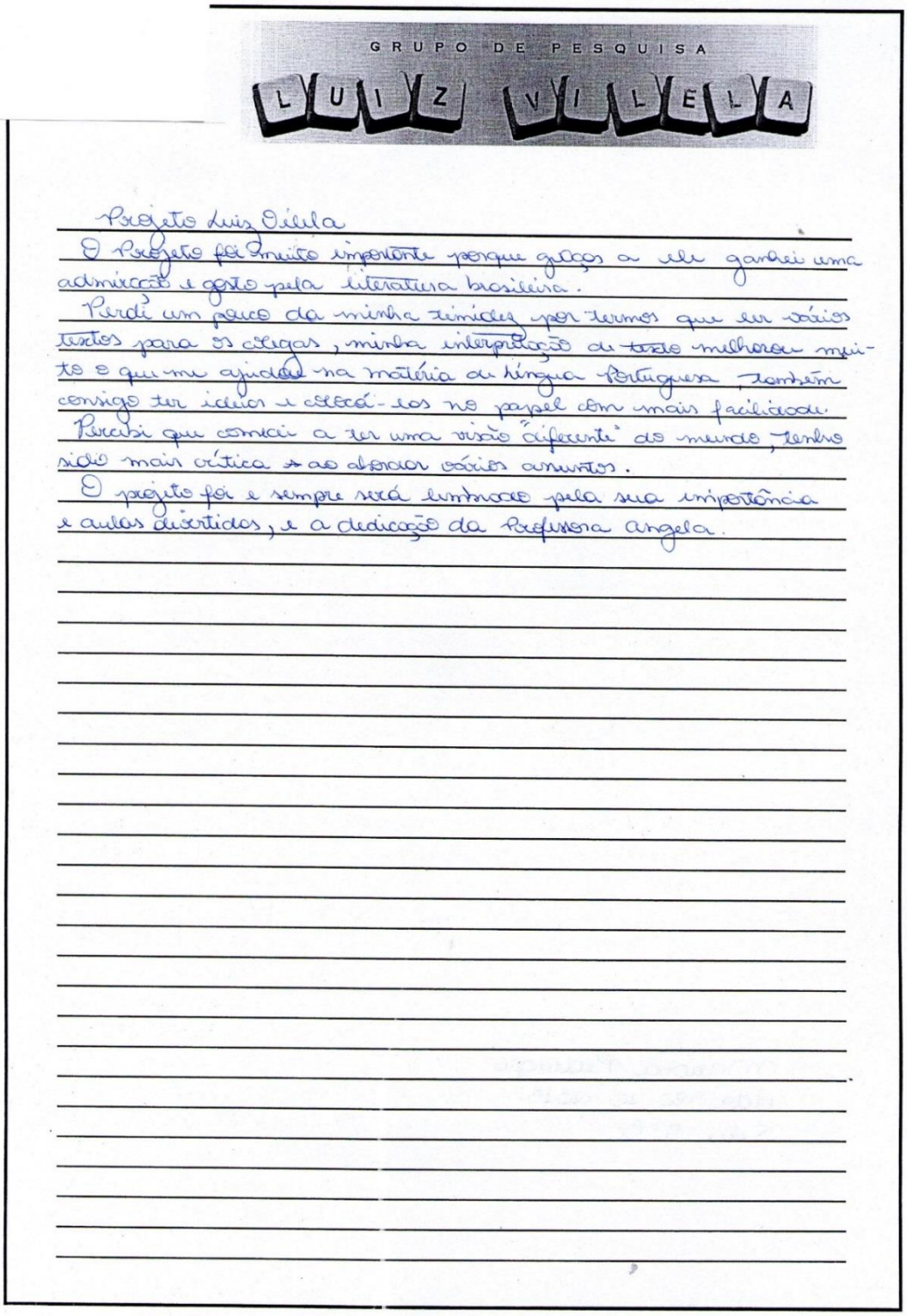
O nervosismo é uma questão muito importante apresentada no livro, pois ele sempre traz informações de que Bóris vai a um lugar importante (entrevista para subir de cargo) e não consegue, chega nervoso em casa encontrando uma preocupação em sua esposa.

Um assunto muito discutido é a religião (falando sobre o catolicismo, citando Maria) e as diferenças das religiões.

AP 213

FIGURA 30

Impressões dos alunos Texto- 1
Aluna- A/MARP/9/5



Projeto Luiz Vilela

O Projeto foi muito importante porque graças a ele ganhei uma admiração e gosto pela literatura brasileira.

Perdi um pouco da minha timidez por termos que ler vários textos para os colegas, minha interpretação de texto melhorou muito e que me ajudou na matéria de língua Portuguesa, também consigo ter ideias e colocá-los no papel com mais facilidade.

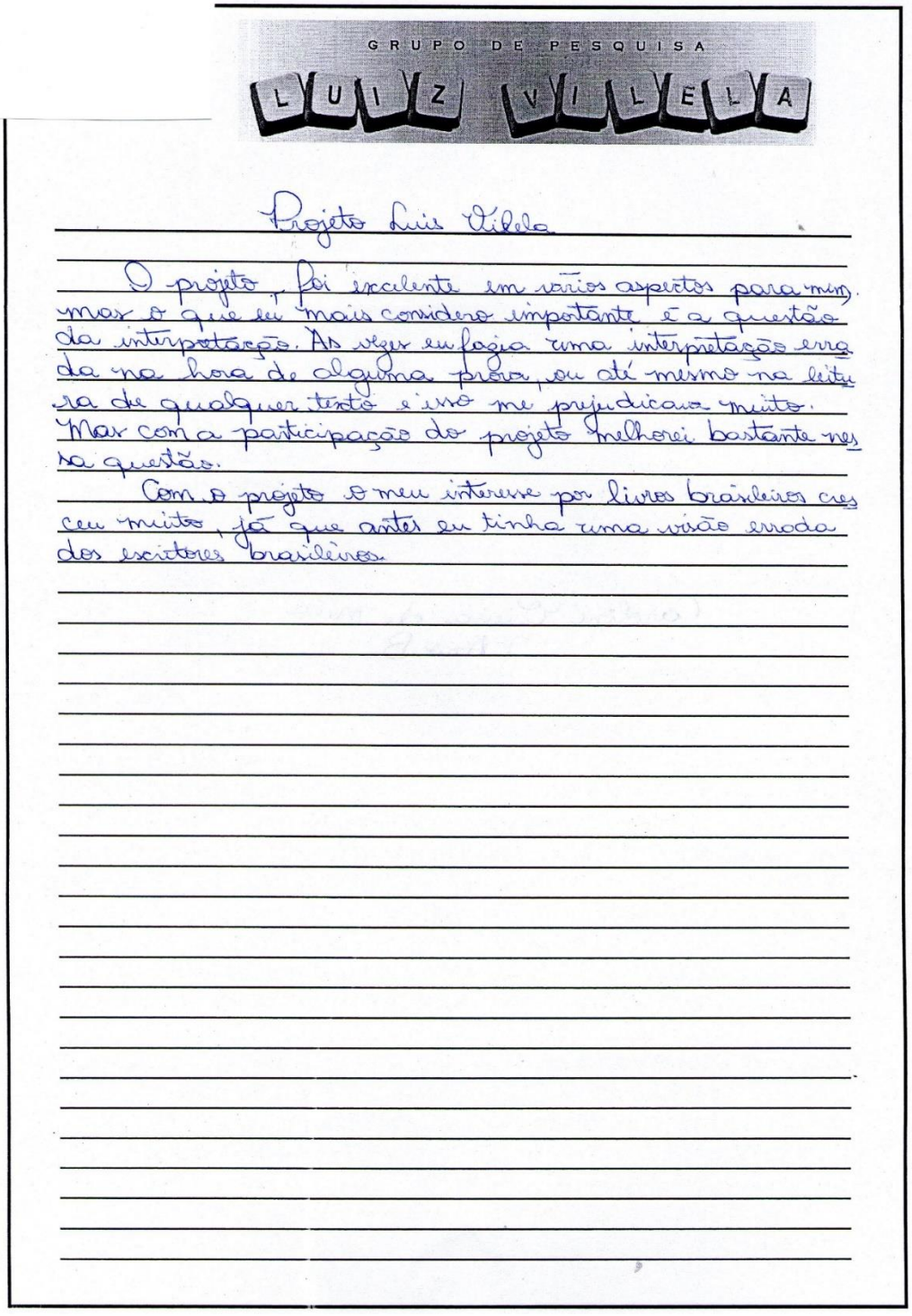
Percebi que comecei a ter uma visão "diferente" do mundo, tenho sido mais crítica ao abordar vários assuntos.

O projeto foi e sempre será lembrado pela sua importância e aulas divertidas, e a dedicação da Professora Angela.

AP 214

FIGURA 31

Texto- 2
Aluna- A/CAR/9/5



Projeto Luis Vilela

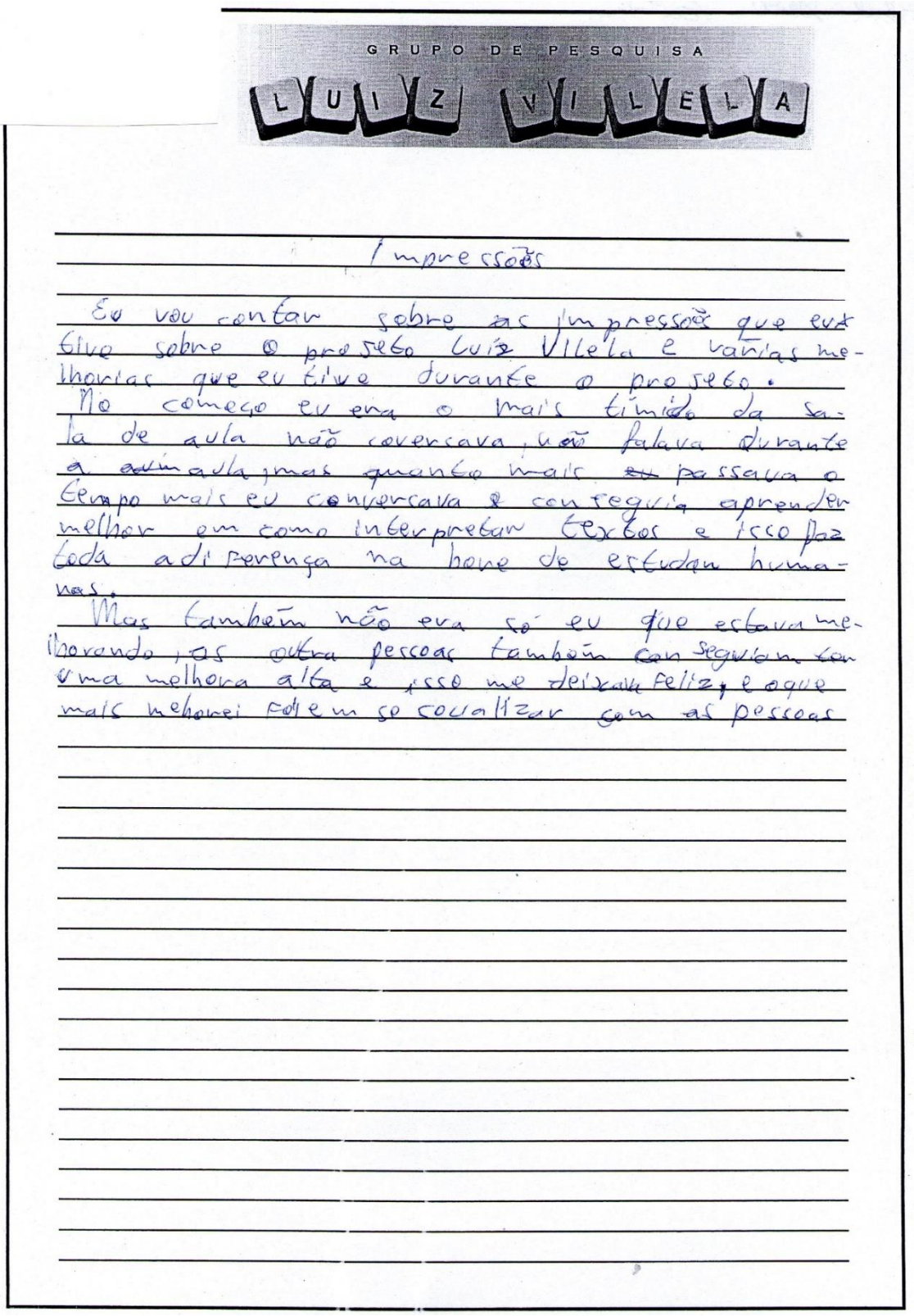
O projeto, foi excelente em vários aspectos para mim, mas o que eu mais considero importante é a questão da interpretação. As vezes eu fazia uma interpretação errada na hora de alguma prova, ou até mesmo na leitura de qualquer texto e isso me prejudicava muito. Mas com a participação do projeto melhorei bastante nessa questão.

Com o projeto o meu interesse por livros brasileiros cresceu muito, já que antes eu tinha uma visão errada dos escritores brasileiros.

AP 215

FIGURA 32

Texto- 3
Aluno- A/RAF/9/5



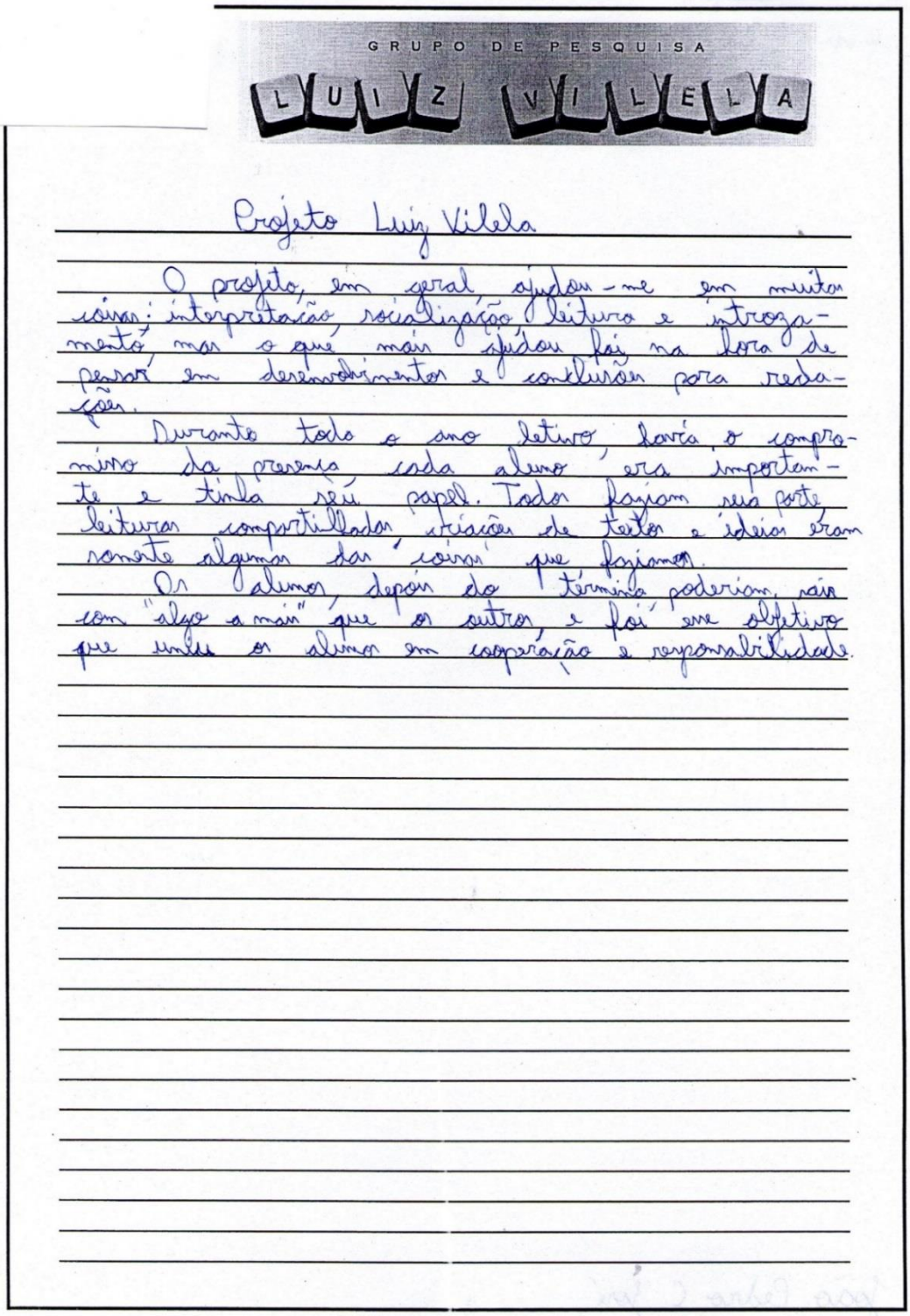
Impressões

Eu vou contar sobre as impressões que eu tive sobre o preseo Luiz Vilela e varias melhorias que eu tive durante o preseo.
No começo eu era o mais timido da sala de aula não conversava, não falava durante a aula, mas quando mais ~~eu~~ passava o tempo mais eu conversava e consegui aprender melhor em como interpretar textos e isso faz toda a diferença na hora de estudar humanas.
Mas também não era só eu que estava melhorando, as outra pessoas também consegui com uma melhora alta e isso me deixou feliz, e oque mais melhorei foi em se socializar com as pessoas

AP 216

FIGURA 33

Texto- 4
Aluno- A/JOA/9/5



Projeto Luiz Vilela

O projeto, em geral, ajudou-me em muitas coisas: interpretação, socialização, leitura e interrogamento, mas o que mais ajudou foi na hora de pensar em desenvolvimento e conclusão para redação.

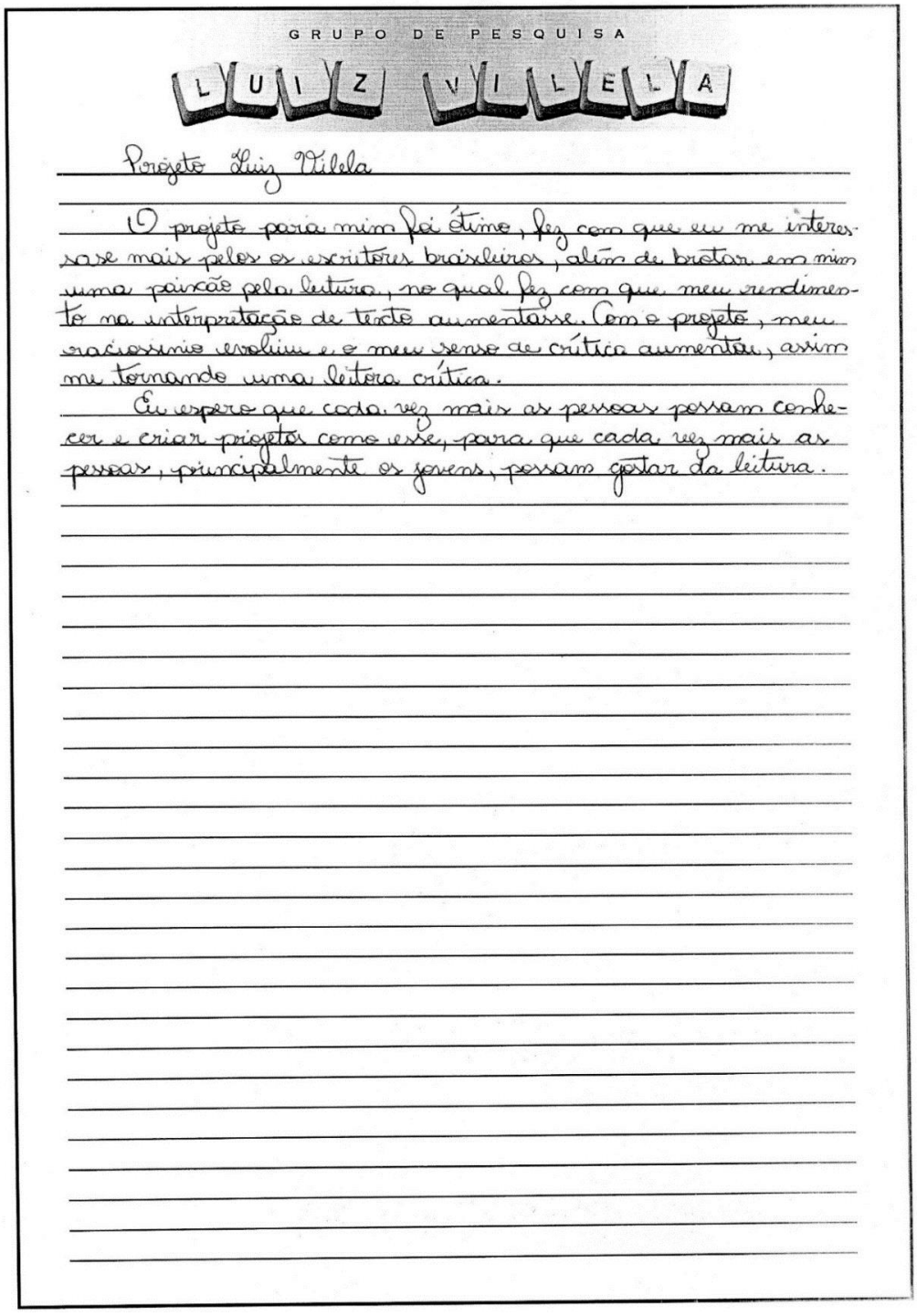
Durante todo o ano letivo, havia o compromisso da presença, cada aluno era importante e tinha seu papel. Todos fizeram sua parte, leituras compartilhadas, criação de textos e ideias eram somente algumas das coisas que fizemos.

Os alunos, depois do término poderiam, sair com "algo a mais" que os outros, e foi esse objetivo que uniu os alunos em cooperação e responsabilidade.

AP 217

FIGURA 34

Texto- 5
Aluno- A/GAB/9/5


GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

Projeto Luiz Vilela

O projeto para mim foi ótimo, fez com que eu me interessasse mais pelos os escritores brasileiros, além de brotar em mim uma paixão pela leitura, no qual fez com que meu rendimento na interpretação de texto aumentasse. Com o projeto, meu raciocínio evoluiu e o meu senso de crítica aumentou, assim me tornando uma leitora crítica.

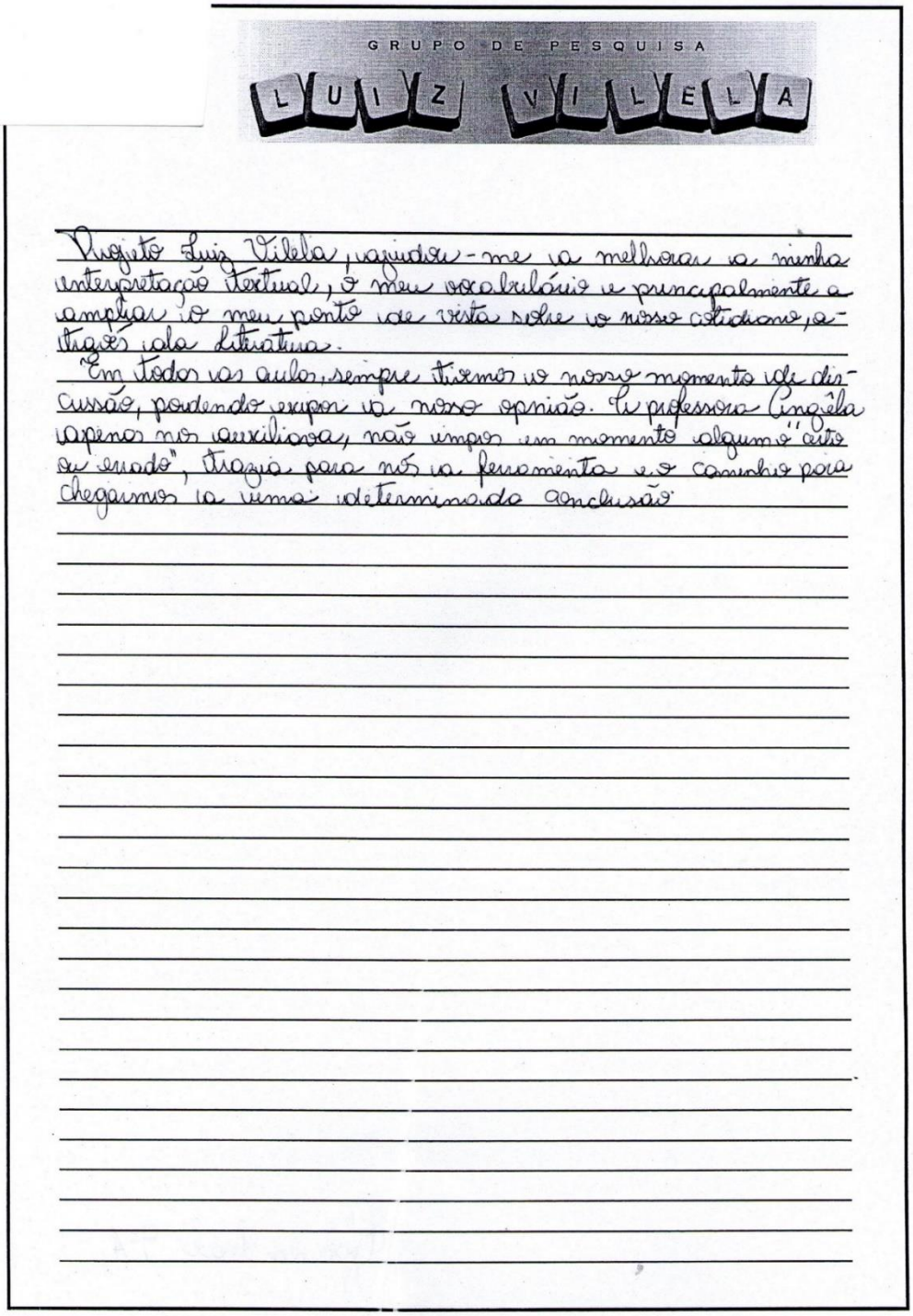
Eu espero que cada vez mais as pessoas possam conhecer e criar projetos como esse, para que cada vez mais as pessoas, principalmente os jovens, possam gostar da leitura.

AP 218

FIGURA 35

Texto- 6

Aluno- A/GABL/9/5



Projeto Luiz Vilela, ajudou-me a melhorar a minha interpretação textual, o meu vocabulário e principalmente a ampliar o meu ponto de vista sobre o nosso cotidiano, a-través da literatura.

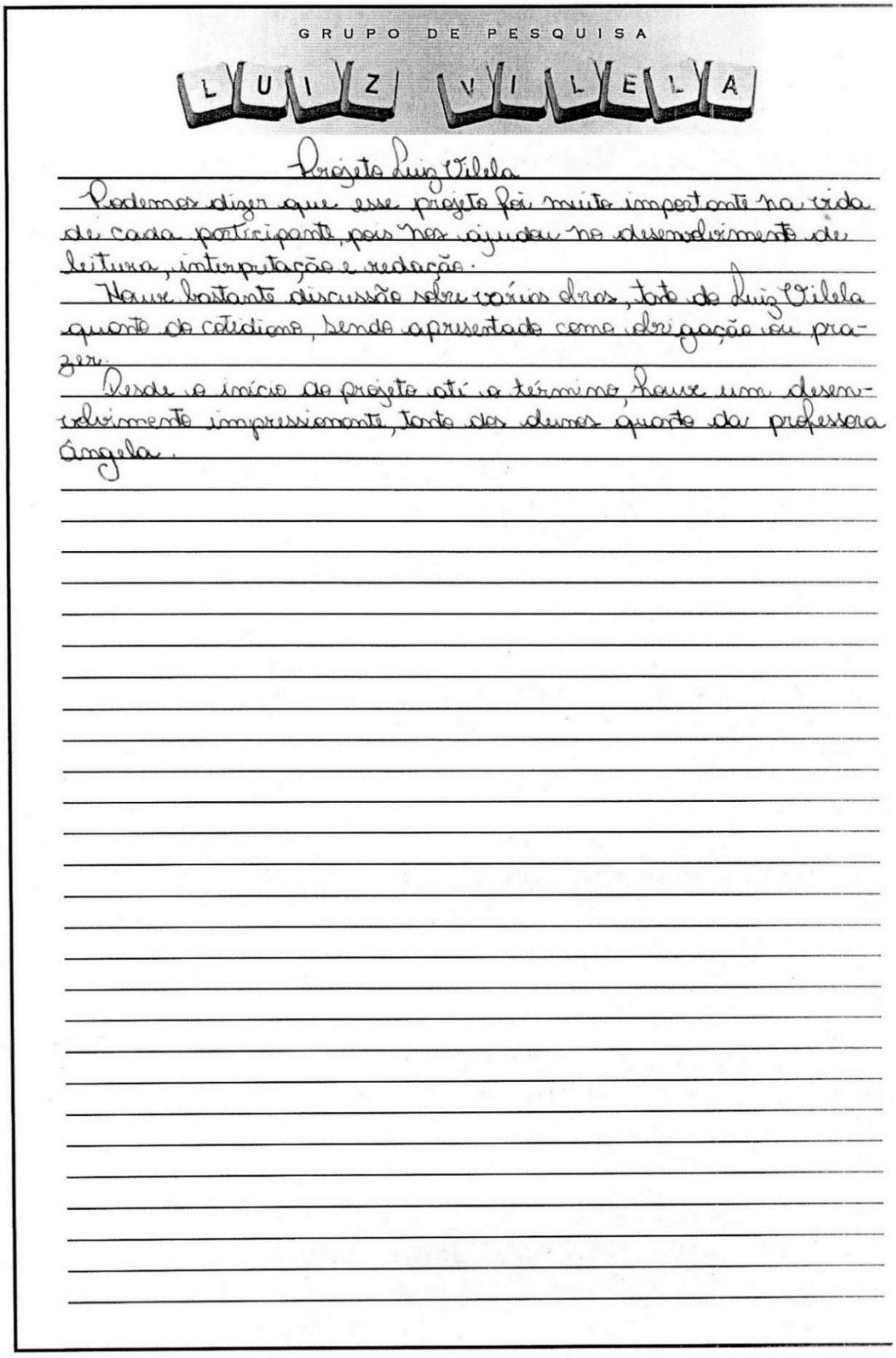
Em todas as aulas, sempre tivemos o nosso momento de dis-cussão, podendo expor a nossa opinião. A professora Cinzéla apenas nos auxiliava, não impôs em momento algum o "certo ou errado", trazia para nós as ferramentas e o caminho para chegarmos a uma determinada conclusão.

AP 219

FIGURA 36

Texto- 7

Aluno: A/LET9/5



Projeto Luiz Vilela

Podemos dizer que esse projeto foi muito importante na vida de cada participante, pois nos ajudou no desenvolvimento de leitura, interpretação e redação.

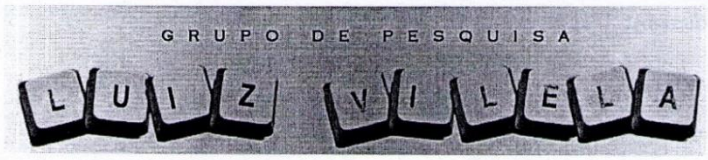
Houve bastante discussão sobre vários livros, tanto do Luiz Vilela quanto do cotidiano, sendo apresentado como obrigação ou prazer.

Desde o início do projeto até o término, houve um desenvolvimento impressionante, tanto dos alunos quanto da professora Ângela.

AP 220

Texto- 8

Aluno: A/ REN/9/5



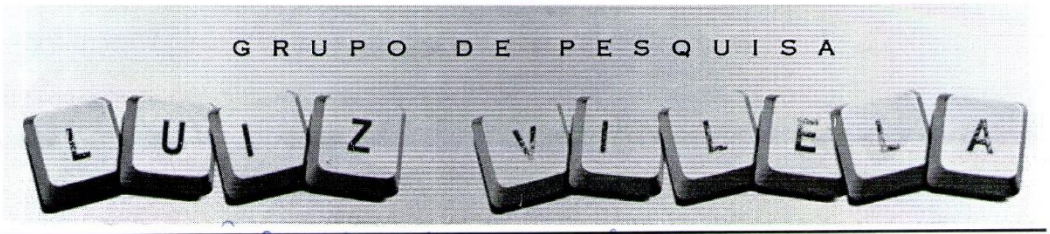
Evolução

O projeto foi muito legal porque me mostrou o gosto pela leitura e o ver com outros olhos de ver que essa comunidade, dava sono, e pesquisar e ver outras culturas da história brasileira, além de cada um ter um gosto pela leitura de ter um vocabulário melhor e um diálogo maior.

AP 221

Texto- 9

Aluno- A/ LUI/9/5



"Projeto Luiz Vilela".

Neste projeto aprendi coisas novas, mudei meu ponto de vista em alguns momentos, aprendi um pouco mais sobre literatura e como explorá-la de um modo legal, nenhum pouco cansativo, há, sobre Luiz Vilela cada encontro aprendia uma coisa nova, não apenas culturais, mas também pessoais, coisas que vou ~~levar~~ levar para toda minha vida.

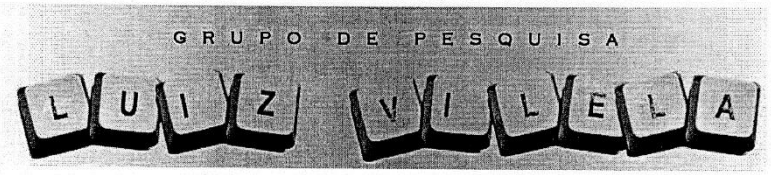
No grupo também conheci pessoas novas, fiz amizade para debater assuntos legais e interessantes, particularmente é a hora que mais gosto em nossos encontros.

Tenho apenas agradecimentos a este projeto que abriu meus pensamentos e mostrou-me o quanto literatura é interessante.

AP 222

Texto- 10

Aluna- A/ MAR/9/5



Grupo de estudos literários Luiz Vilela.

Desde o ano 2014 até 2015 o grupo desenvolveu dinâmicas e interpretações pelas leituras dos diversos contos apresentados pela professora pesquisadora e coordenadora do projeto: Cinegia Rubiato.

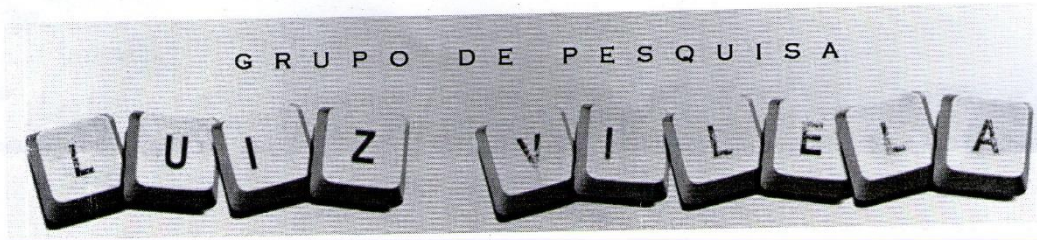
Através de leituras, interpretações, reflexões e trabalhos interativos, cada integrante do grupo desenvolveu um senso crítico pela literatura, uma admiração pela literatura brasileira, especialmente pelo autor Luiz Vilela, que me surpreendeu a cada conto apresentado. Com os trabalhos em grupo, desenvolvi o hábito de trabalho interativo e a se expressar sobre sua opinião.

O grupo resultou em uma família que reuniu-se através da literatura.

AP 223

Texto- 11

Aluna- A/GABL/9/5



As aulas que fazemos sobre o Luiz Vilela todas as terças-feiras das 11:40 a 12:30 são realmente muito interessantes e muito legais. Nelas aprendemos sobre contos, textos e livros do Luiz Vilela. Contos de romance, tragédia e até mistério onde a coordenadora Cinge la faz todo um drama nos deixando malucos para descobrir o final.

Eu acredito que essas aulas vão nos ajudar bastante quando estivermos no colegial e tivermos como matéria Literatura, porque essas aulas são literatura, estamos aprendendo sobre um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. E também acho legal estarmos aprendendo sobre um escritor de nosso país, porque na maioria das vezes ficamos muito "presos" a escritores de outros países e acabamos esquecendo que no nosso país também existem escritores tão bons quanto os de outros lugares. Isso nos ajuda a apreciar a arte brasileira.

E também estamos tendo cultura, porque literatura também faz parte da cultura. Eu particularmente gosto dessas aulas, pena que nem todo mundo pensa assim

AP 224

Texto- 12

Aluna- A/ CAM/9/5

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Projeto Luiz Vilela.

Primeiramente eu agradeço a oportunidade de fazer parte de trabalho, que sem dúvida me proporcionou muitas coisas.

Com o projeto pude melhorar a forma de interpretação, agora podendo identificar elementos climáticos dentro dos personagens, ajudando a compreender o texto. Por exemplo; "Hoje está nublado" pode estar referindo-se ao tempo como clima, ou pode estar querendo indicar o estado da pessoa (feliz, triste). Não somente isso, consegui ampliar meu gosto pela leitura, me interessando mais por leitura, inclusive por escritores brasileiros.

Consegui ver o mundo dentro da literatura, e, suas mudanças com o passar do tempo. Isso foi incrível. Minha gramática melhorou, significamente. Estou prestando bem mais atenta à pontuação.

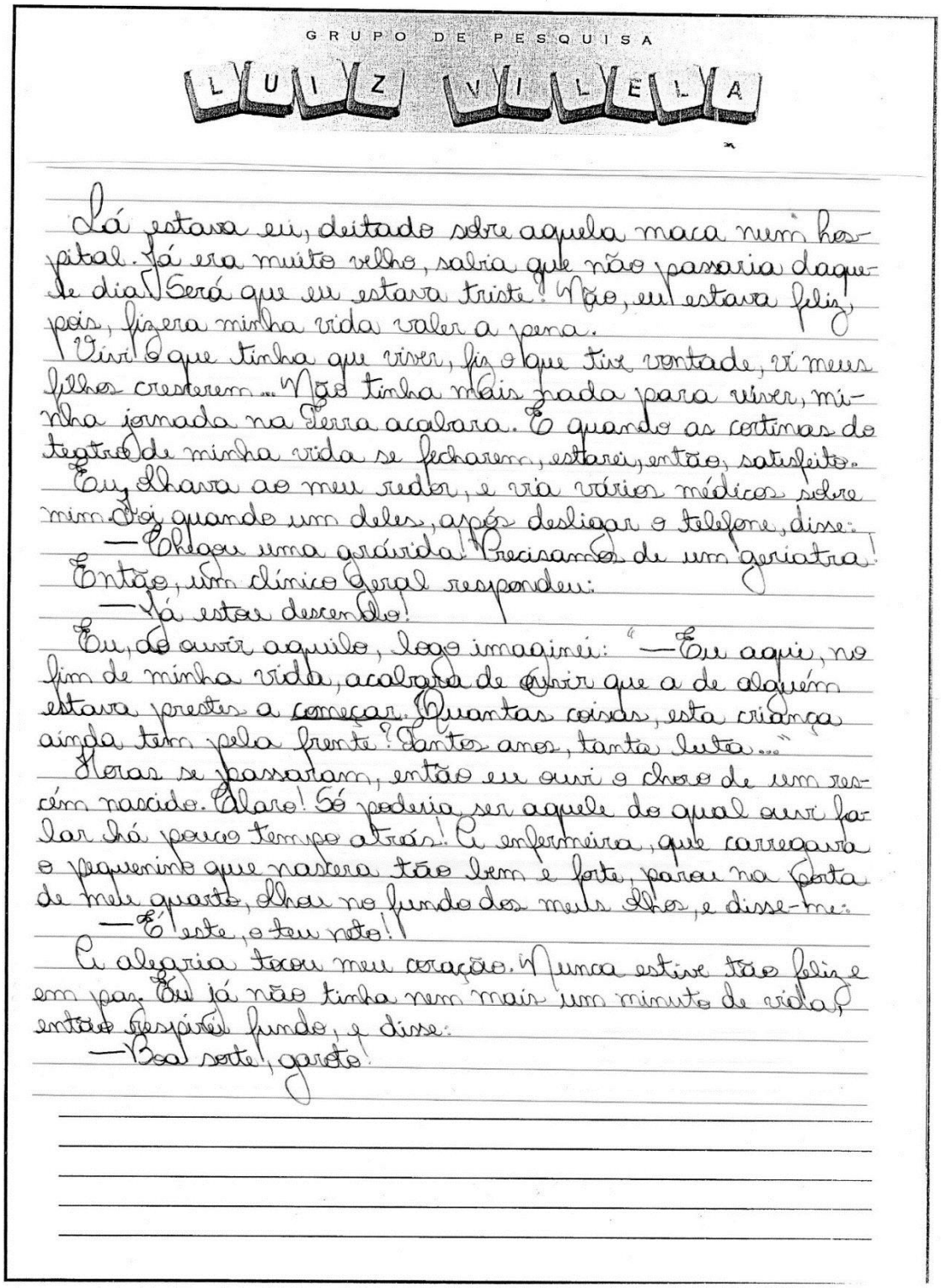
Bom, depois de tudo, agradeço novamente a oportunidade por fazer parte do projeto e pelo convite da coordenadora Angela. O projeto foi uma ideia brilhante!

AP 225

Textos Espontâneos

Texto- 1

Aluna- A/ FAB/9/5



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Lá estava eu, deitado sobre aquela maca num hospital. Já era muito velho, sabia que não passaria daquele dia. Será que eu estava triste? Não, eu estava feliz, pois, fizera minha vida valer a pena.

Vivi o que tinha que viver, fiz o que tive vontade, vi meus filhos crescerem... Não tinha mais nada para viver, minha jornada na Terra acabara. E quando as cortinas do teatro de minha vida se fechassem, estaria, então, satisfeito.

Eu olhava ao meu redor, e via vários médicos sobre mim. Foi quando um deles, após desligar o telefone, disse:

— Chegou uma grávida! Precisamos de um geriatra!

Então, um clínico geral respondeu:

— Já estou descendo!

Eu, ao ouvir aquilo, logo imaginei: "— Eu aqui, no fim de minha vida, acabara de ouvir que a de alguém estava prestes a começar. Quantas coisas, esta criança ainda tem pela frente? Tantos anos, tantas lutas..."

Horas se passaram, então eu ouvi o choro de um recém nascido. Claro! Só poderia ser aquele do qual ouvi falar há pouco tempo atrás! A enfermeira, que carregava o pequenino que nascera tão bem e forte, parou na porta de meu quarto, olhou no fundo dos meus olhos, e disse-me:

— É este, o teu neto!

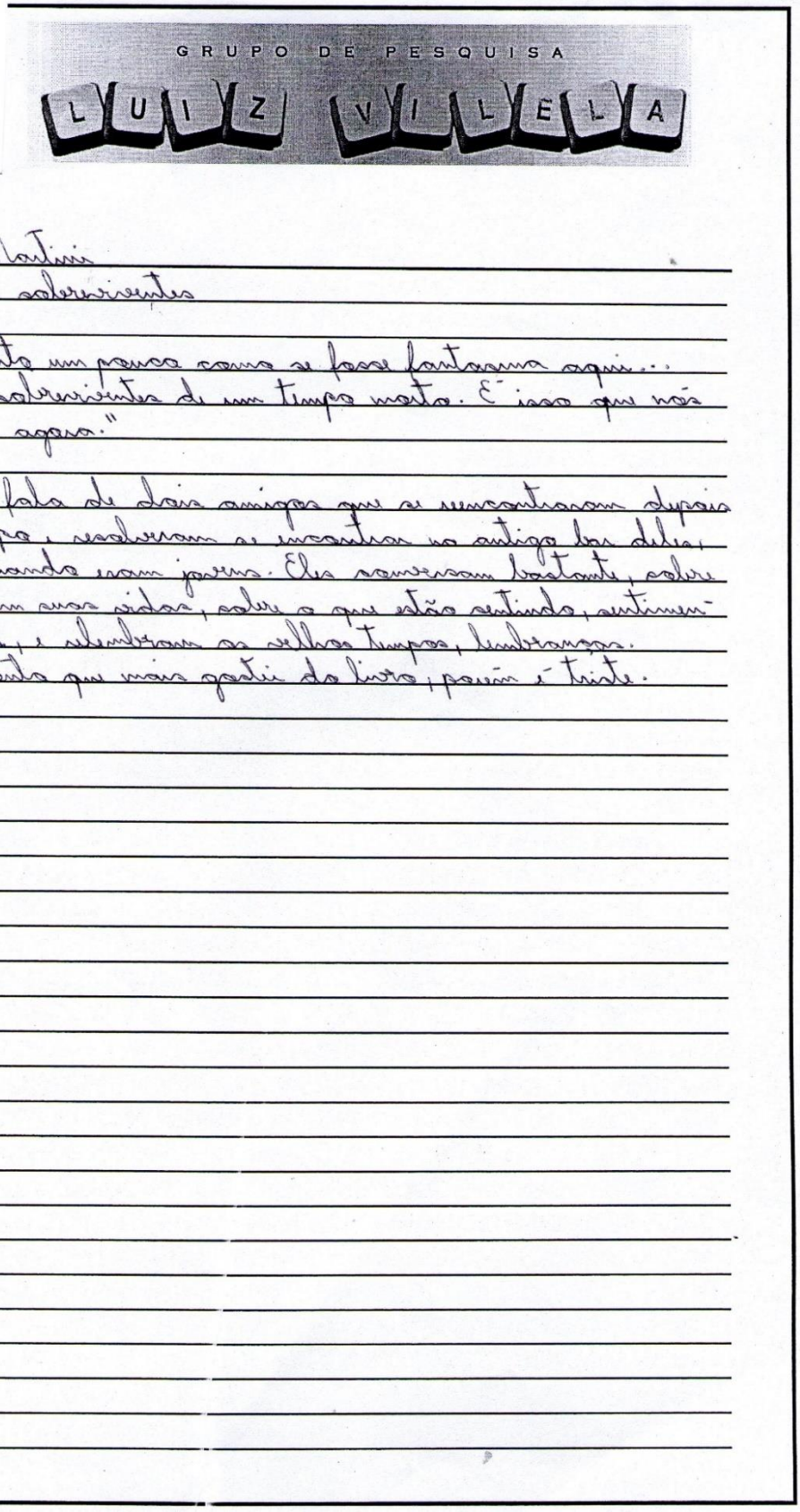
A alegria tocou meu coração. Nunca estive tão feliz e em paz. Eu já não tinha nem mais um minuto de vida, então respirei fundo, e disse:

— Boa sorte, garoto!

AP 226

Texto- 2

Aluna- A/ GAB/9/5



Kathleen Martins
Conto: Os sobreviventes

"Eu me sinto um pouco como se fosse fantasma aqui...
Somos os sobreviventes de um tempo morto. É isso que nós somos aqui agora."

O conto fala de dois amigos que se reencontraram depois de muito tempo, resolveram se encontrar no antigo bar deles, o bar de quando eram jovens. Eles conversam bastante, sobre como andam suas vidas, sobre o que estão sentindo, sentimentos, emoções, e relembram os velhos tempos, lembranças.
Foi o conto que mais gostei do livro, porém é triste.

AP 227

Texto- 3

Aluna- A/LET/9/5

Conto: A chuva

O padre da igreja disse que hum belo dia, apareceu huma bela noite estava indo para casa de Deus.

"Estava um temporal..." - relata ele, "Um temporal de chuva."

Não... magina... ou ser temporal de chacoalhar mesmo, bem, continuando...

"Então de repente eu vi UMA MOÇA MUITO bonita como UMA SACOLA na cabeça correndo em busca de abrigo e entra na igreja... e como sou um pouquinho curioso né, só um pouquinho... fui perguntar a ela o que acontece e ela disse:"

"Ei padre, a senhor nem sabe, eu 'tô' com essa coisa na cabeça porque fiz chapinha e não queria que molhasse."

"ei meu Deus filha..." - Disse o padre.

www.viarondon.com.br

AP 228

Texto- 4

Aluna- A/LET/9/5

Conto. O medo

Acaba a luz da cidade e Letícia Tem muito medo de escuro. Medo de ter alguma bicha papão ou coisa do Tipo.

Quando derrepente... fica tudo totalmente escuro, daí, com medo, porque não tinha ninguém em casa, Letícia desce as escadas diretamente para o porão e derrepente... Ela cai no chão, e lembra que do chão não passa.

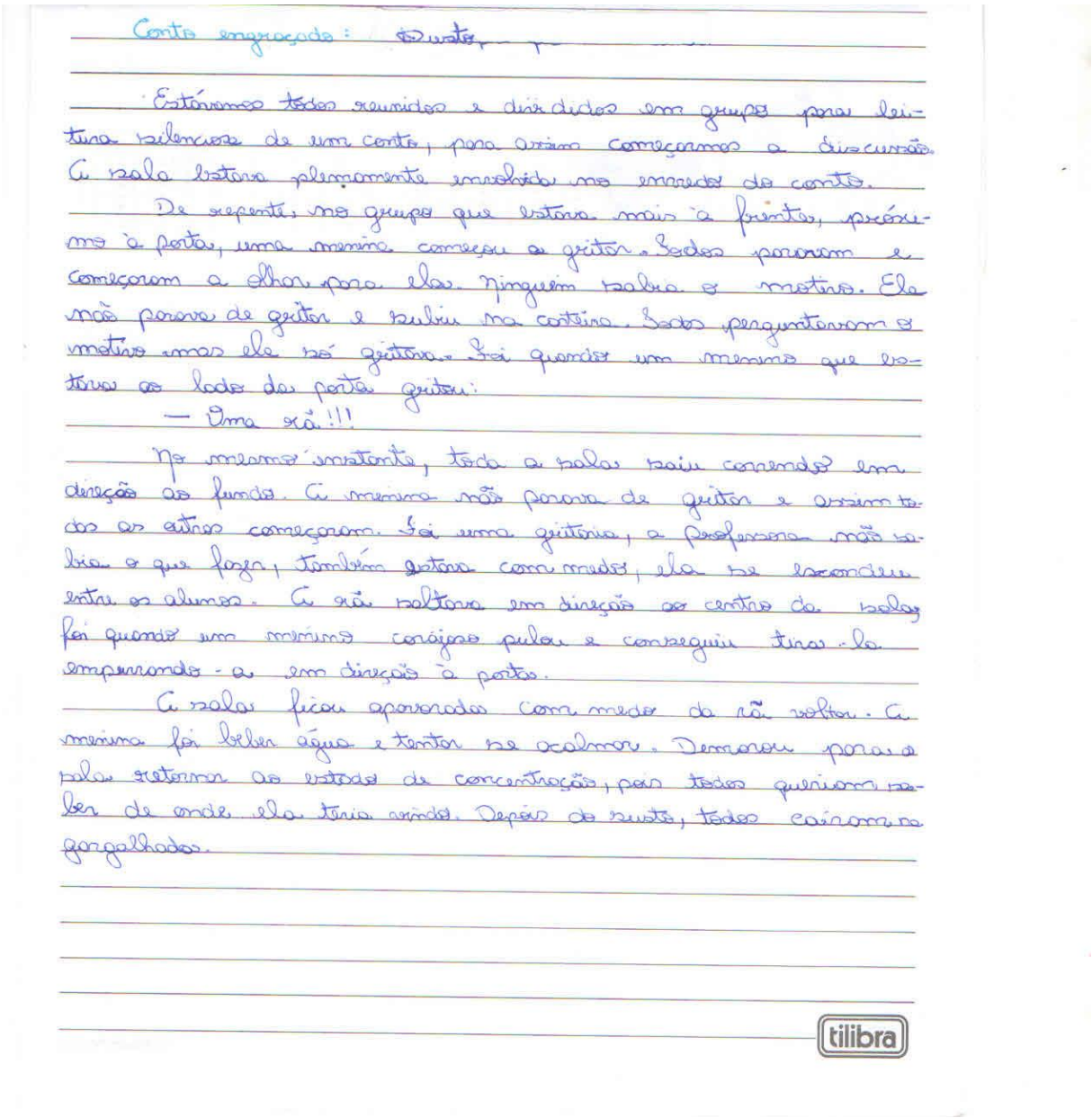
Só que ela estava escrevendo um conto para a professora Angela e caiu no sono, não da escada. Ela só sonhou mesmo. KKK. FIM.

www.viarondon.com.br

AP 229

Texto- 5

Aluna- A/CAM/9/5



Conto engraçado: reunião

Estávamos todos reunidos e divididos em grupos para leitura silenciosa de um conto, para assim começarmos a discussão. A sala estava plenamente envolvida no enredo do conto.

De repente, no grupo que estava mais à frente, próximo à porta, uma menina começou a gritar. Todos pararam e começaram a olhar para ela. Ninguém sabia o motivo. Ela não parava de gritar e subiu na carteira. Todos perguntaram o motivo mas ela só gritava. Foi quando um menino que estava ao lado da porta gritou:

— Uma rã!!!

No mesmo instante, toda a sala saiu correndo em direção ao fundo. A menina não parava de gritar e assim todos os outros começaram. Foi uma gritaria, a professora não sabia o que fazer, também gritava com medo, ela se escondeu entre os alunos. A rã voltava em direção ao centro da sala foi quando um menino corajoso pulou e conseguiu tirar-la empurrando-a em direção à porta.

A sala ficou aparentada com medo da rã voltar. A menina foi beber água e tentar se acalmar. Demorou para a sala retornar ao estado de concentração, pois todos queriam saber de onde ela teria vindo. Depois do susto, todos caíram na gargalhada.

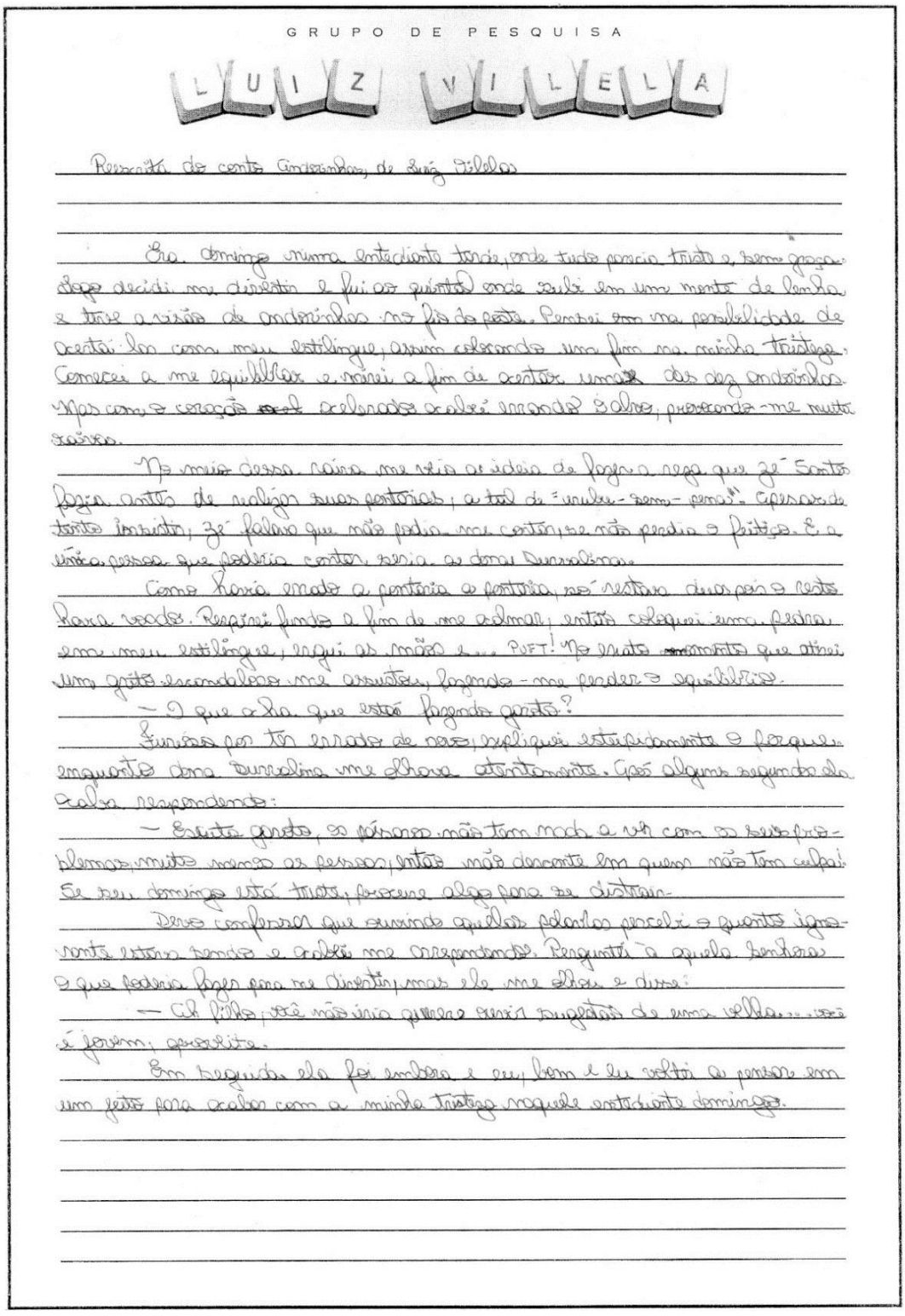
tilibra

2- DOCUMENTOS DE PRODUÇÕES ANALISADAS DOS ALUNOS

PA 01

FIGURA 1
TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS NA CONCLUSÃO DO MÉTODO CIENTÍFICO

Aluna - A/ CAM/8/4 do 8º ano, a partir da leitura do conto "**Andorinhas**", de Luiz Vilela.



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Resenha do conto Andorinhas, de Luiz Vilelas

Era domingo numa entediante tarde, onde tudo parecia triste e sem graça. Daqui decidi ir para a fazenda e fui até o quintal onde subi em uma mesa de lenha e tive a visão de andorinhas no fio da pessa. Pensei em uma possibilidade de acertá-las com meu estilingue, assim colocando uma fim na minha tristeza. Comecei a me equilibrar e mirei a fim de acertar uma das dez andorinhas. Mas com o coração acelerado acabei errando o alvo, provocando-me muito raiva.

No meio dessa raiva me veio a ideia de fazer o nego que Zé Santos fazia antes de roubar suas pantorias, a tal de "vuelo-bomba-pena". Apesar de tanto insistir, Zé falava que não podia mas contava se não perdia o feitiço. E a única pessoa que poderia contar seria a dona Dusvalina.

Como havia errado a pontaria e pontaria, não restava duas pra o resto para voar. Respirei fundo a fim de me acalmar, então coloquei uma pedra em meu estilingue, esqui as mãos e... POFT! No exato momento que atirei uma gota escandalosa me assustou, fazendo-me perder o equilíbrio.

— O que acha que estão fazendo gosto?

Surpresa por ter errado de novo, expliquei detalhadamente o porque enquanto dona Dusvalina me olhava atentamente. Após alguns segundos ela acaba respondendo:

— Escuta gosto, os pássaros não tem nada a ver com os seus problemas, muito menos as pessoas, então não descontes em quem não tem culpa! Se seu domingo está triste, procure algo para se distrair.

Devo confessar que ouvindo aquelas palavras percebi o quanto ignorante estava sendo e acabei me arrependendo. Perguntei à aquela senhora o que poderia fazer para me distrair, mas ela me olhou e disse:

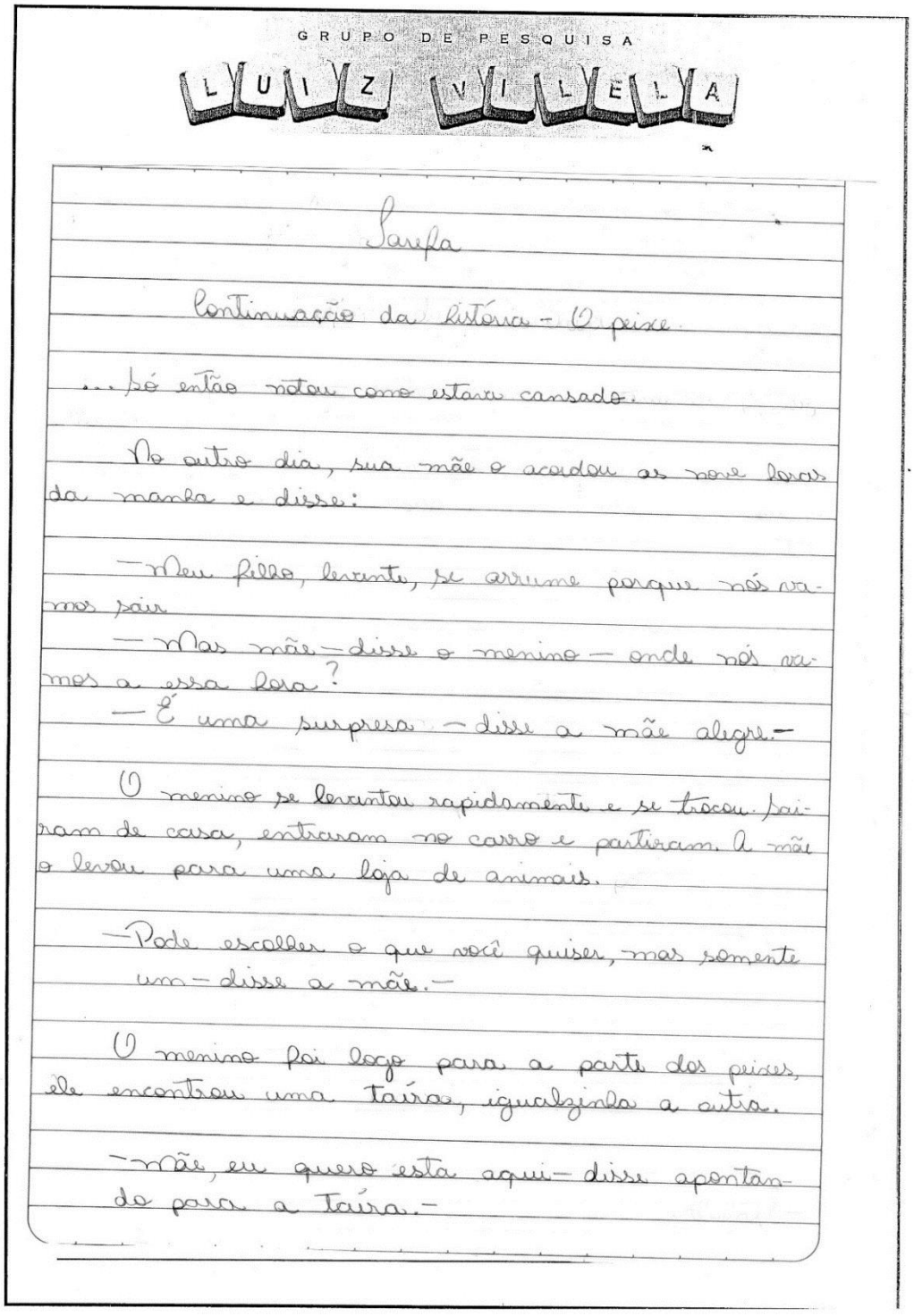
— Ah filho, você não sabia que pessoas de uma idade... você é jovem, aproveita.

Em seguida ela foi embora e eu, bem e lá voltei a pensar em um jeito para acabar com a minha tristeza naquele entediante domingo.

PA 02

FIGURA 2

Trabalho realizado pela aluna A/ ISA/8/4, do 8º ano, após a leitura do conto “Um peixe”, de Luiz Vilela.



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Tarefa

Continuação da história - O peixe

...Só então notou como estava cansado.

No outro dia, sua mãe o acordou as nove horas da manhã e disse:

— Meu filho, levanta, se arruma porque nós vamos sair

— Mas mãe — disse o menino — onde nós vamos a essa hora?

— É uma surpresa — disse a mãe alegre.—

O menino se levantou rapidamente e se trocou. Saíram de casa, entraram no carro e partiram. A mãe o levou para uma loja de animais.

— Pode escolher o que você quiser, mas somente um — disse a mãe.—

O menino foi logo para a parte dos peixes, ele encontrou uma taíra, igualzinho a outra.

— mãe, eu quero esta aqui — disse apontando para a taíra.—

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

— Então é este que vamos levar — disse a mãe.

A mãe chamou a atendente, pegaram o peixe, compraram um aquário e ração. No carro, o menino disse:

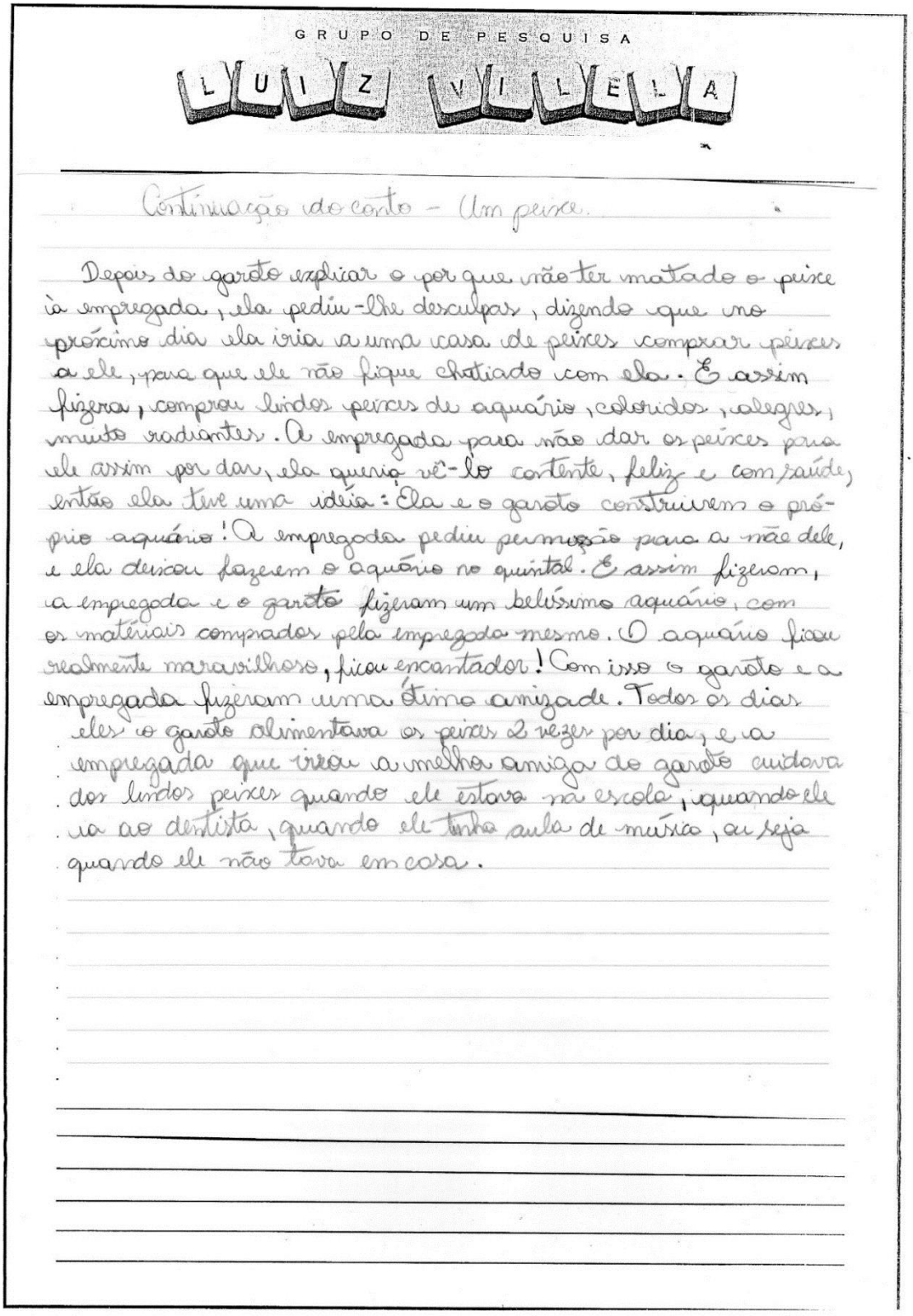
— Muito obrigado mãe.

Os dois sorriram, chegaram em casa, montaram o aquário, colocaram o peixe e todos ficaram contentes

PA 03

FIGURA 3

Trabalho realizado pela aluna A/ GAB/8/4, do 8º ano, após a leitura do conto "Um peixe", de Luiz Vilela.



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

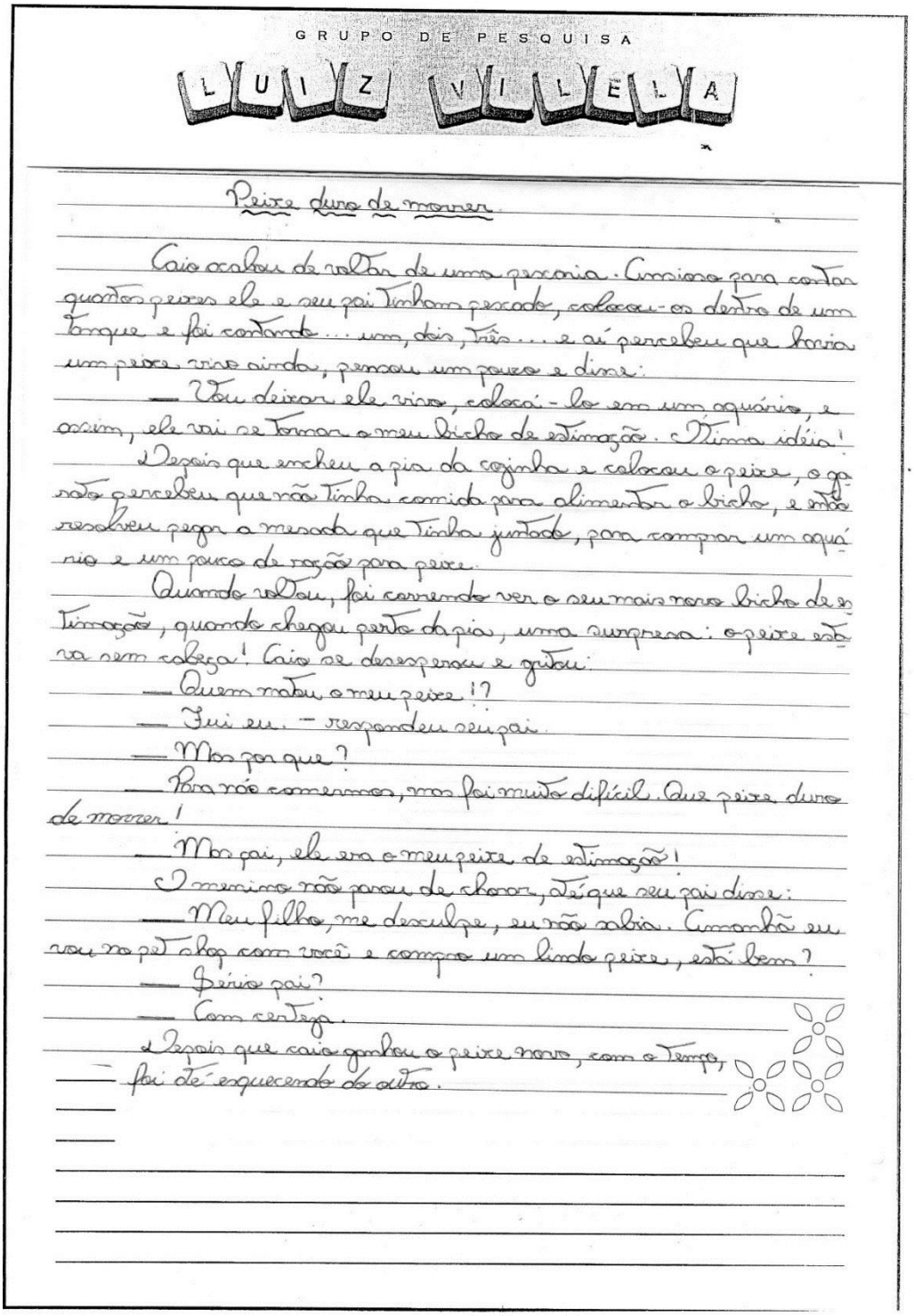
Continuação do conto - Um peixe.

Depois do garoto explicar o porque não ter matado o peixe à empregada, ela pediu-lhe desculpas, dizendo que no próximo dia ela iria a uma casa de peixes comprar peixes a ele, para que ele não fique chateado com ela. E assim fizera, comprou lindos peixes de aquário, coloridos, alegres, muito radiantes. A empregada para não dar os peixes para ele assim por dar, ela queria vê-lo contente, feliz e com saúde, então ela teve uma idéia: Ela e o garoto construirem o próprio aquário! A empregada pediu permissão para a mãe dele, e ela deixou fazerem o aquário no quintal. E assim fizeram, a empregada e o garoto fizeram um belíssimo aquário, com os matériais comprados pela empregada mesmo. O aquário ficou realmente maravilhoso, ficou encantador! Com isso o garoto e a empregada fizeram uma ótima amizade. Todos os dias eles o garoto alimentava os peixes 2 vezes por dia, e a empregada que virou a melhor amiga do garoto cuidava dos lindos peixes quando ele estava na escola, quando ele ia ao dentista, quando ele tinha aula de música, ou seja quando ele não tava em casa.

PA 04

FIGURA 4

Trabalho realizado pela aluna A/ MAR/8/4, do 8º ano, após a leitura do conto "Um peixe", de Luiz Vilela.


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Peixe duro de morrer.

Caio acabou de voltar de uma pescaria. Ansiosa para contar quantos peixes ele e seu pai tinham pescado, colocou-os dentro de um tanque e foi contando... um, dois, três... e aí percebeu que havia um peixe vivo ainda, pensou um pouco e disse:

— Vou deixar ele vivo, colocá-lo em um aquário, e assim, ele vai se tornar o meu bicho de estimação. Uma idéia!

Depois que encheu a pia da cozinha e colocou o peixe, o garoto percebeu que não tinha comida para alimentar o bicho, e então resolveu pegar a mesada que tinha juntado, para comprar um aquário e um pouco de ração para peixe.

Quando voltou, foi correndo ver o seu mais novo bicho de estimação, quando chegou perto da pia, uma surpresa: o peixe estava sem cabeça! Caio se desesperou e gritou:

— Quem matou o meu peixe!?

— Fui eu. — respondeu seu pai.

— Mas por que?

— Para não comermos, mas foi muito difícil. Que peixe duro de morrer!

— Mas pai, ele era o meu peixe de estimação!

O menino não parou de chorar, até que seu pai disse:

— Meu filho, me desculpe, eu não sabia. Amanhã eu vou no pet shop com você e compro um lindo peixe, está bem?

— Prova pai?

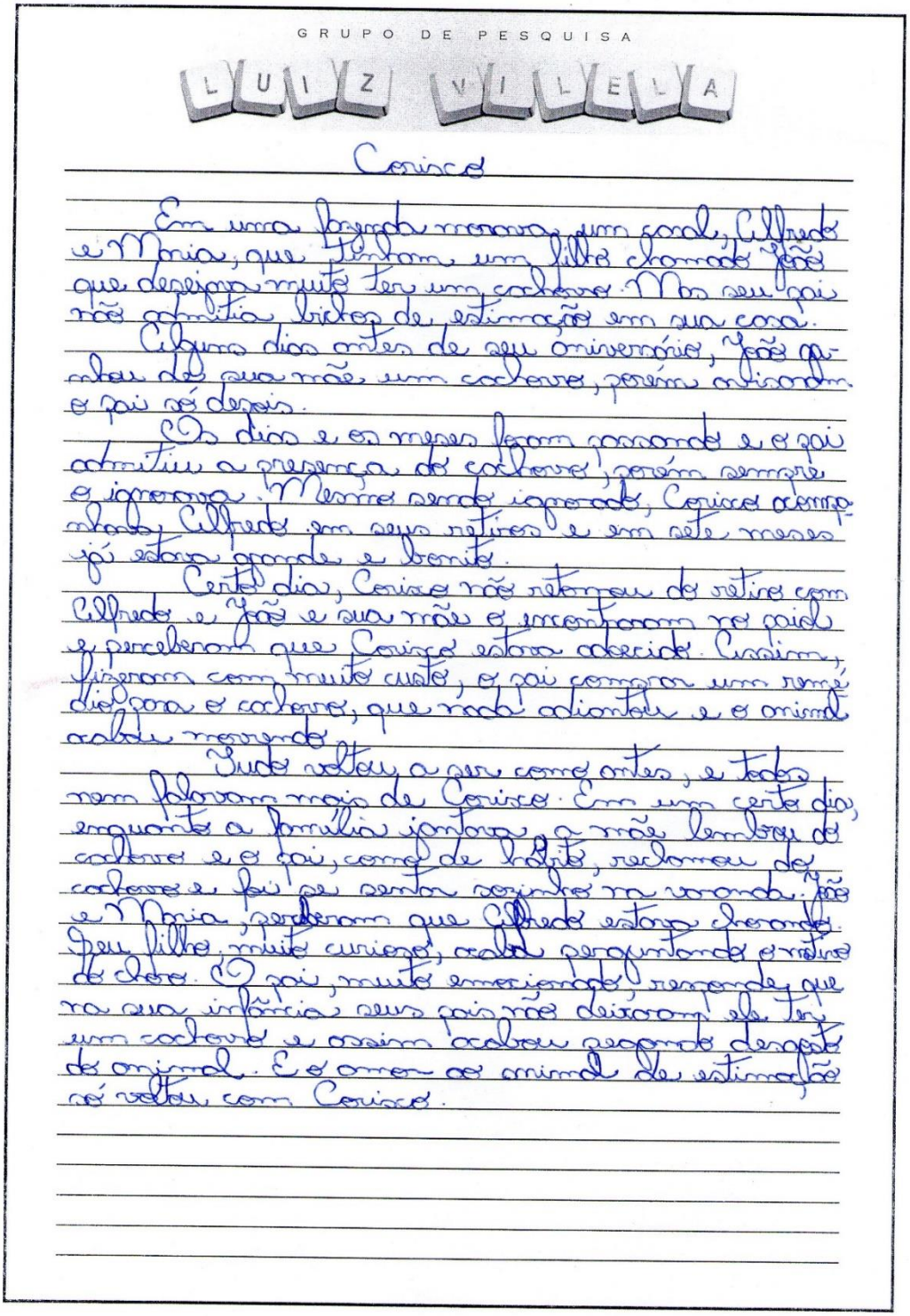
— Com certeza.

Depois que Caio ganhou o peixe novo, com o tempo, foi de esquecendo do outro.

PA 05

FIGURA 5

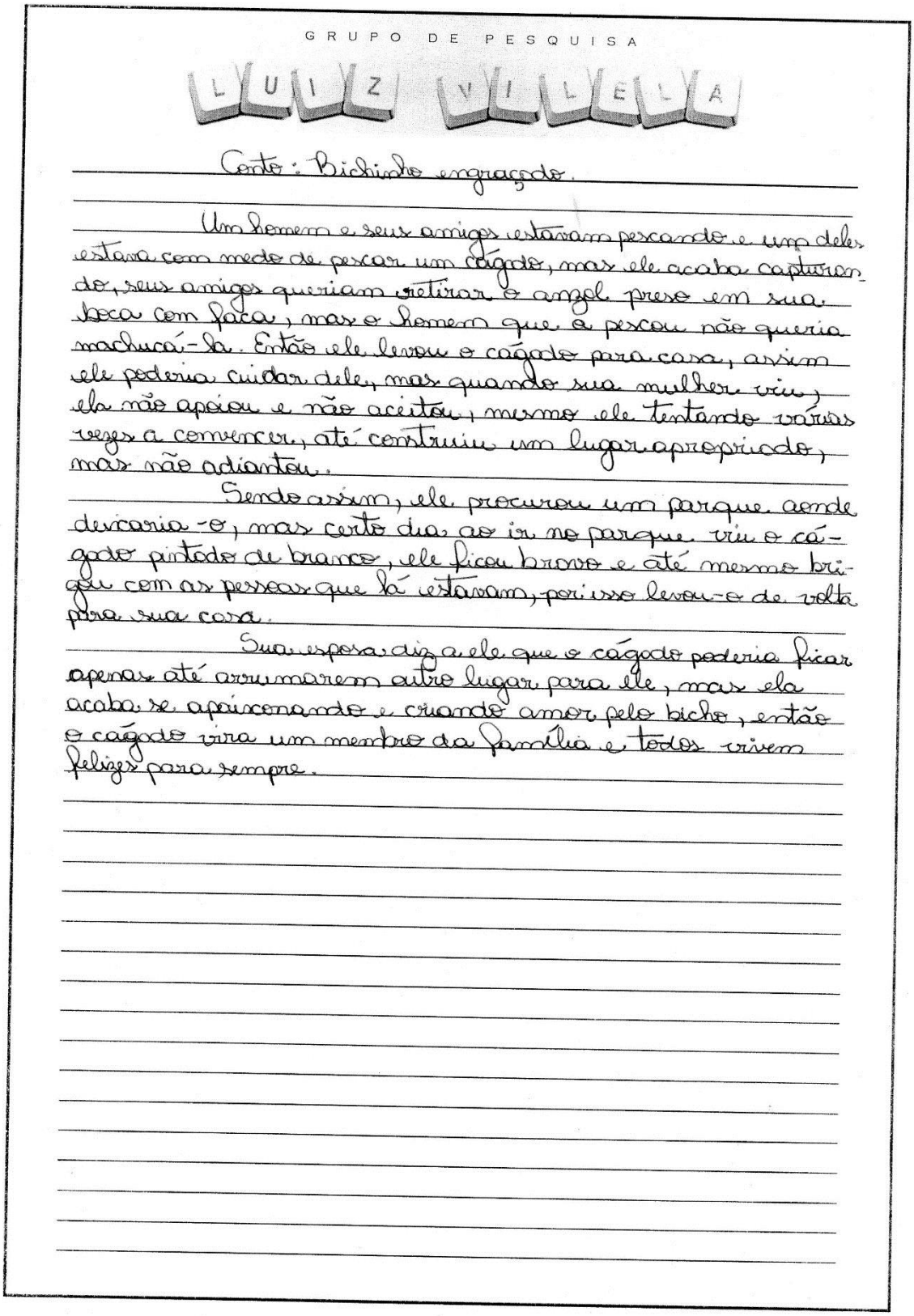
Trabalho realizado pela aluna A/ LET/8/4, do 8º ano, após a leitura do conto "Corisco", de Luiz Vilela.



PA 06

FIGURA 6

Trabalho realizado pela aluna A/ MARP/8/4., do 8º ano, após a leitura do conto “Bichinho engraçado”, de Luiz Vilela.



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Conto: Bichinho engraçado.

Um homem e seus amigos estavam pescando e um deles estava com medo de pescar um cágado, mas ele acaba capturando, seus amigos queriam retirar o anzol preso em sua boca com faca, mas o homem que o pescou não queria machucá-lo. Então ele levou o cágado para casa, assim ele poderia cuidar dele, mas quando sua mulher viu, ela não apoiou e não aceitou, mesmo ele tentando várias vezes a convencer, até construiu um lugar apropriado, mas não adiantou.

Sendo assim, ele procurou um parque aonde deixaria-o, mas certo dia ao ir no parque viu o cágado pintado de branco, ele ficou bravo e até mesmo brigou com as pessoas que lá estavam, por isso levou-o de volta para sua casa.

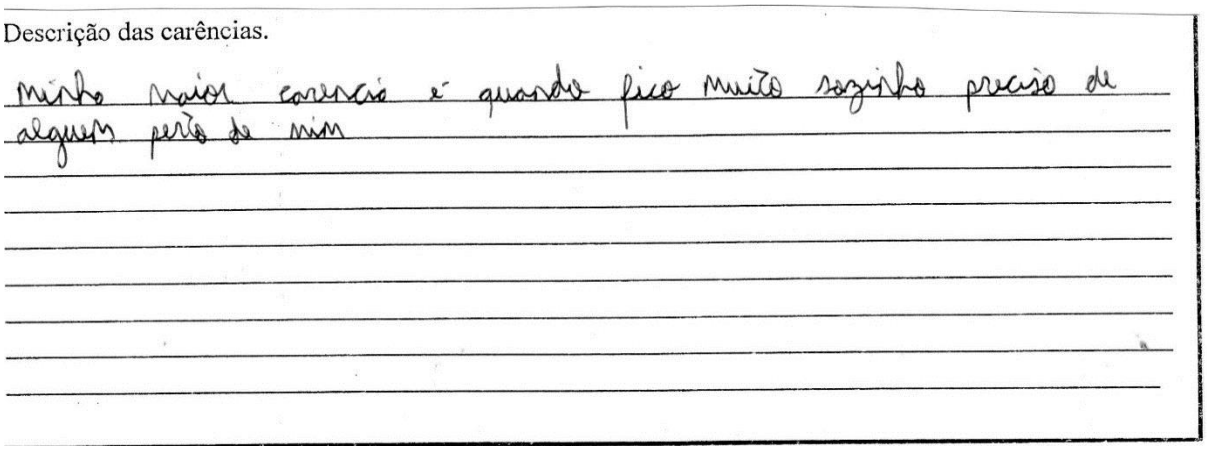
Sua esposa diz a ele que o cágado poderia ficar apenas até arrumarem outro lugar para ele, mas ela acaba se apaixonando e criando amor pelo bicho, então o cágado vira um membro da família e todos vivem felizes para sempre.

PA 07

FIGURA 7

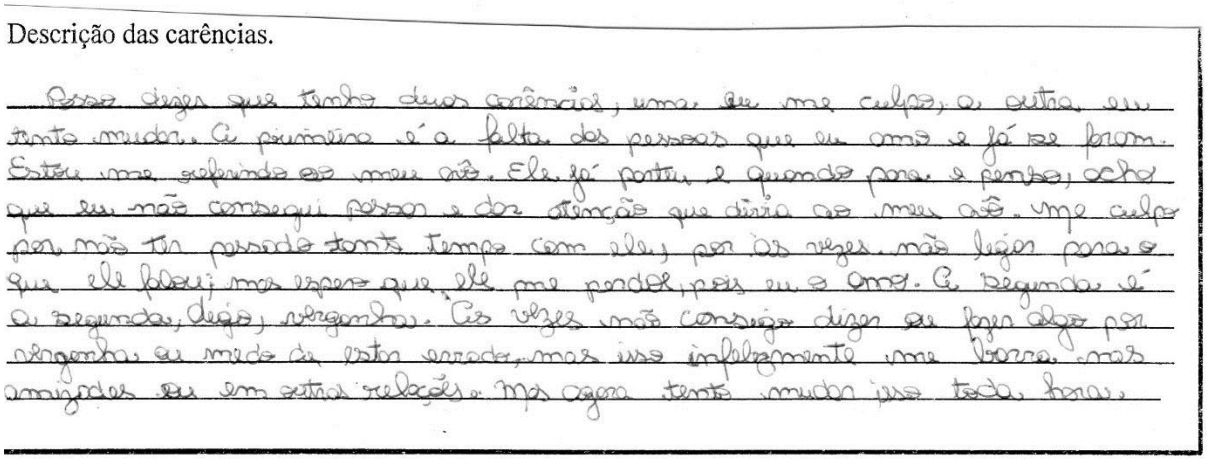
Método Criativo – carência

Ficha 1 – A/CAM/8/4


Descrição das carências.

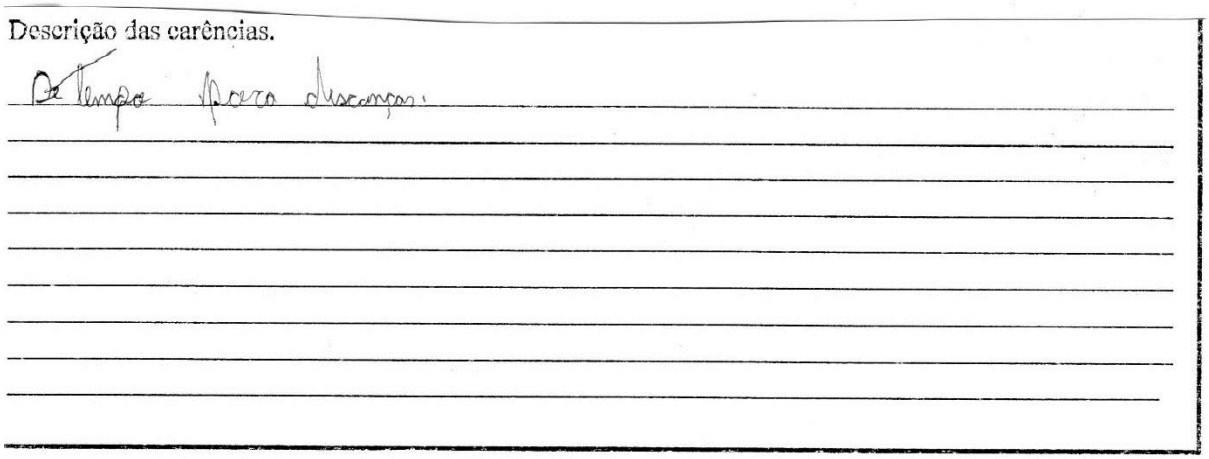
minha maior carência é quando fico muito sozinha preciso de alguem perto de mim

Ficha 2 –A/MARC/8/4


Descrição das carências.

Posso dizer que tenho duas carências, uma de me culpar, e outra, eu tento mudar. A primeira é a falta das pessoas que eu amo e já se foram. Estou me referindo ao meu avô. Ele já partiu e quando penso, acho que eu não consegui passar a dar atenção que dava ao meu avô. Uma culpa por não ter passado tanto tempo com ele, por às vezes não dizer para o que ele fosse; mas espero que ele me perdoe, pois eu o amo. A segunda é a segunda, digo, vergonha. Às vezes não consigo dizer ou fazer algo por vergonha ou medo de estar errada, mas isso infelizmente uma barreira, nas amizades ou em outras relações. Mas agora tento mudar isso todas horas.

Ficha 3 – A/LUH/8/4


Descrição das carências.

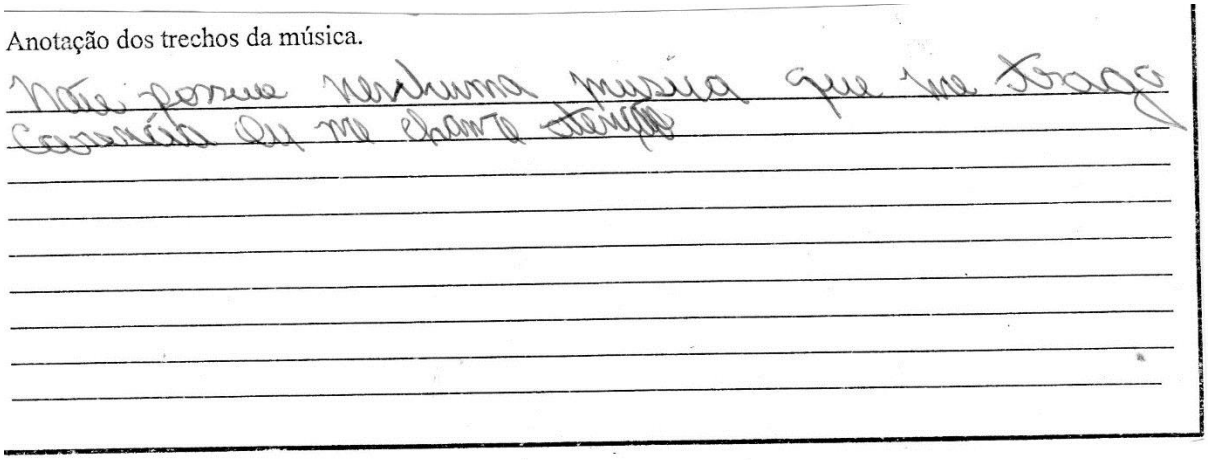
Falta de tempo para descansar.

PA 08

FIGURA 8

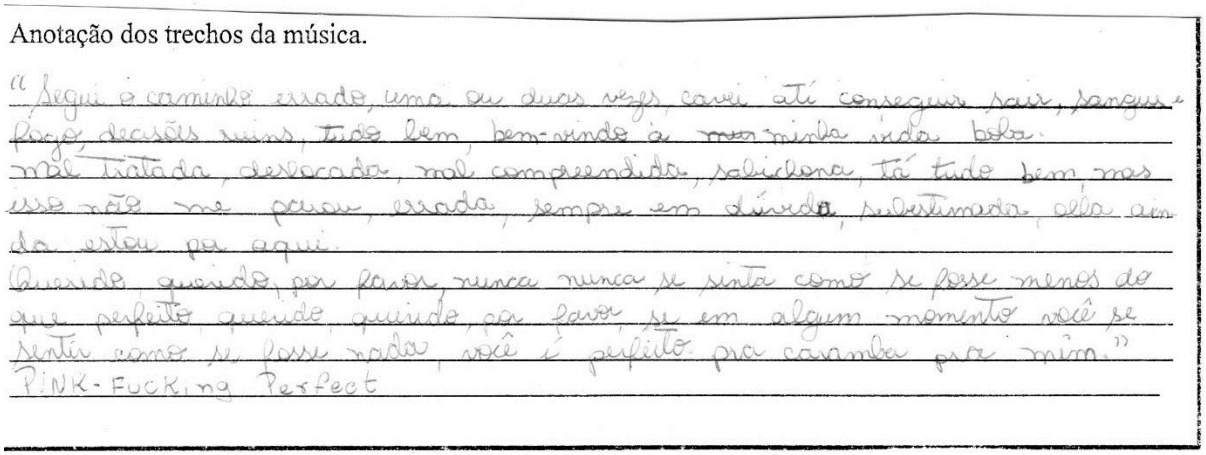
Método Criativo – música

Ficha 1 –A/MAT/8/4


Anotação dos trechos da música.

Não possue nenhuma música que me toque

Ficha 2 –A/ISA/8/4

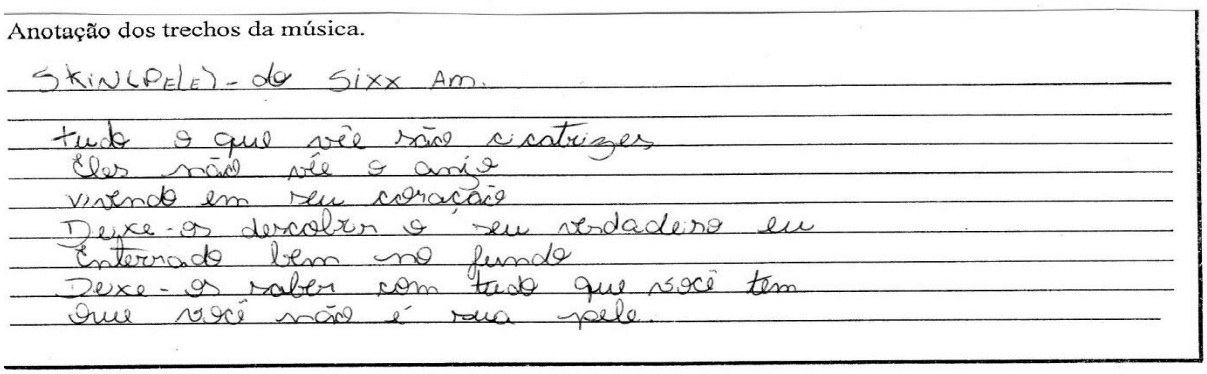

Anotação dos trechos da música.

"Segui o caminho errado, uma ou duas vezes, caí até conseguir sair, sangue, poço, decisões ruins, tudo bem, bem-vinde à minha vida bela. mal tratada, descacada, mal compreendida, salsicha, tá tudo bem, mas isso não me parou, errada, sempre em dívida, subestimada, olha aí tô aqui.

Querido querido, por favor, nunca nunca se sinta como se fosse menos do que perfeito querido, querido, por favor se em algum momento você se sentir como se fosse nada, você é perfeito pra caramba pra mim."

PINK - Fucking Perfect

Ficha 3 – A/RAQ/8/4


Anotação dos trechos da música.

SKIN (PELE) - do Sixx Am.

Tudo o que você não é cicatrizes
Eles não vêe o anjo
vivendo em seu coração
Deixe-os descobrir o seu verdadeiro eu
Enterrado bem no fundo
Deixe-os saber com tudo que você tem
Que você não é sua pele.

PA 09

FIGURA 9

Método Criativo – trecho do conto " Felicidade"

Ficha 1 – A/GIO/8/4

Anotação dos trechos do conto.

"Seu grito de solidão famais chegaria até ela quando então escutou seu nome suavemente e era ela sorrindo e dizendo fale alguma coisa querido."

"Outro amigo que estava perto riu também sem saber do quê que os dois estavam rindo e falou também qualquer coisa que não tinha nada a ver com o que os dois falaram e os três riram juntos e nenhum sabia direito de quê que estava rindo."

Ficha 2 –A/MARC/8/4

Anotação dos trechos do conto.

"E pela primeira vez na quela noite sentiu um pouco de felicidade"

Ficha 3 –A/ISA/8/4

Anotação dos trechos do conto.

"... e essa mulher de todos esse bandidos apenas uma coisa queria e ele sentiu como estava longe dela..."

"... e olhando para o chão e pensando o quê que ia falar se não tinha coragem de falar a ninguém ali e se não tinha nada para falar..."

"... franciu-se no banheiro e sozinho e sentado... e pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade."

PA 10

FIGURA 10

Método Criativo - conto "Amor".

Ficha 1- A/LET/8/4

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

Quando ele começa a dar respostas ríspidas, pois parece uma criança brigada com ~~sua~~ outra.

Ficha 2 –A/LUF/8/4

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

"Ela já havia entrado no ônibus."

"Da plataforma olhou para ele: mas não sorriu, nem abanou-lhe a mão."

"Ele ficou vendo se distanciar pela avenida, o resto abatido, pensando por que o amor era tão difícil..."

Ficha 3 – A/MAT/8/4

Professora: Anotação das passagens pertinentes.

Triste, pois quando a pessoa ama, ela permanece dentro da gente, e com certeza o amor ficou dentro daquele rapaz que provavelmente ficou esperando a sua amada voltar.

PA 11

FIGURA 11

Método Criativo – Personagem

Ficha 1- A/CAR/8/4

O que você faria no lugar do personagem?

Quando o ônibus chegasse em casa, esperaria ele me ligar, se não me ligasse, eu ligaria para podermos resolver a situação. Mas com certeza seria melhor se eles terminassem, pois parece que eles não se comunicam mais, ele está sempre cansado, e ela querendo atenção, acho que não daria mais certo.

Ficha 2 – A/LET/8/4

O que você faria no lugar do personagem?

Se eu percebesse que o amava e que ele realmente me ama também... eu voltaria atrás pediria desculpas e o abraçaria fortemente.

Ficha 3 – A/CAM/8/4

O que você faria no lugar do personagem?

Eu também faria a mesma coisa no lugar do personagem. Ficaria esperando a ligação e desculpas do meu namorado.

PA 12

FIGURA 12 A

Método Criativo – conclusão

Aluna- A/MAR/8/4

1) Qual o conteúdo da mensagem?

Dia das Mães.

2) Como será expresso esse conteúdo?

Através de uma carta.

3) A quem a mensagem se dirige?

À minha mãe

4) Como será transmitida ao destinatário?

A carta será entregue pessoalmente.

5) Qual o prazo para o envio da mensagem?

Até o Dia das Mães.

Mãe,

Sabe por que tem um dia dedicado só a você? Porque ser mãe é ser guerreira, protetora, dedicada, cuidadosa, paciente, Tudo isso ao mesmo tempo, transmitido por um sentimento muito forte: o amor. Parabéns por você além de ser a melhor mãe do mundo, ser minha amiga, meu amigo e meu porto seguro. Te amo!

Mariana

PA 13

FIGURA 12 B

Método Criativo – conclusão



A dúvida destemida

Eu cresci,eu vivi.

Tô à toa,to de boa.

Só me intriga uma coisa,

O que eu sou de verdade,

Ninguém sabe.

Sai perguntando o que acham de mim,

Mas dizer a verdade ninguém tá afim.

A vida é cheia de dúvidas e descobertas,

Umas erradas e outras certas.

Eu quero seguir a minha vida,

E a dúvida destemida,

Um dia será resolvida.

E a verdade vou transformar em liberdade.

A sociedade em igualdade.

E o amor em cumplicidade.

Relatório

Depois de muitas discussões,o grupo decidiu relatar um poema demonstrativo sobre o conto "Imagem",em que uma aluna ficou responsável por relatar o poema(Mariana)e as restantes em interpretar o poema através de sinais(Beatriz ,Fabiana,Camila,Letícia,Nathália e Raquel).

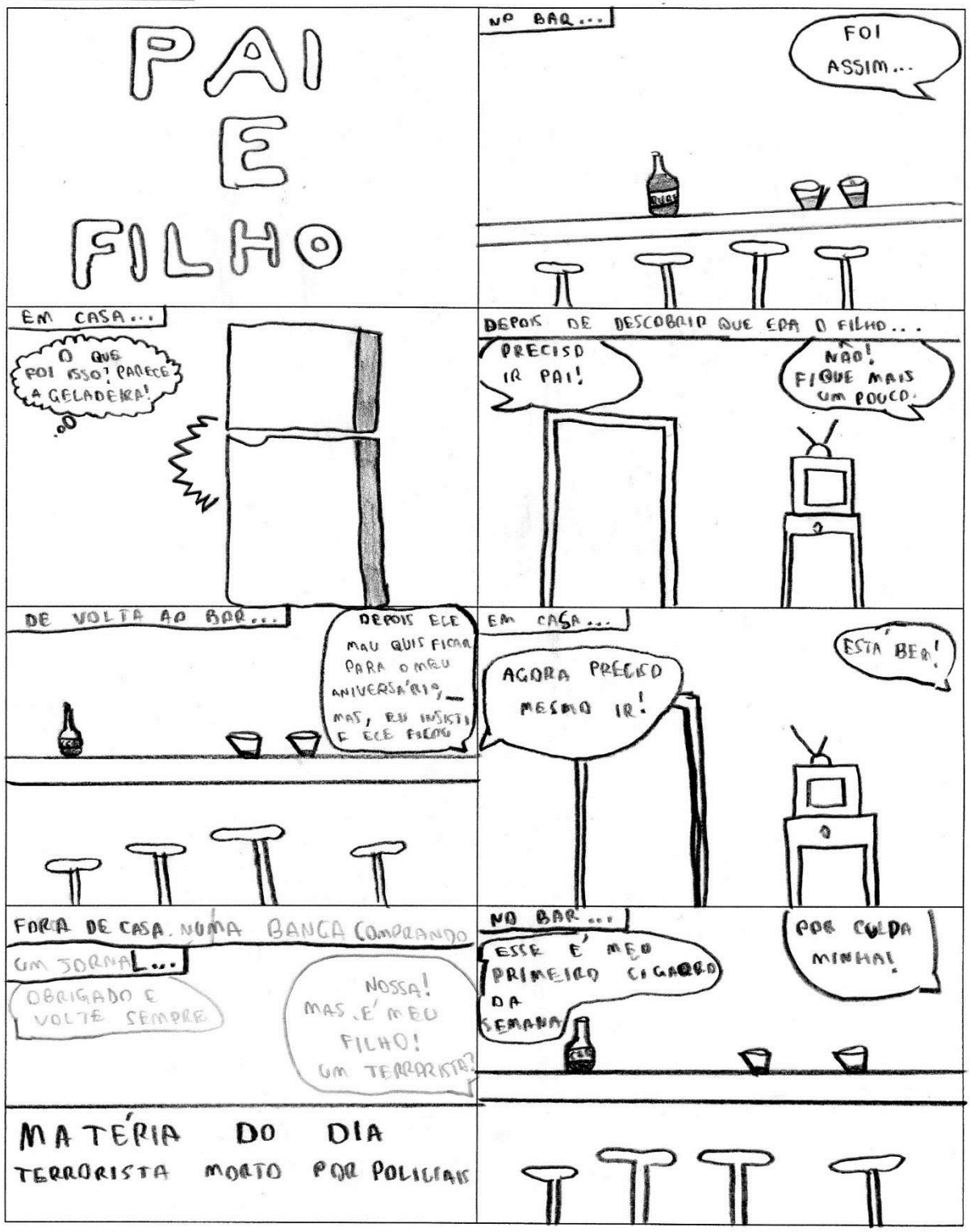
Este trabalho foi muito divertido e interativo,pois cada uma conseguiu expressar a sua ideia,opinião para formar este trabalho se divertindo ao mesmo tempo.

PA 14

FIGURA 13

Método Recepcional - conto “Pai e filho”
Alunos- A/ JOA/ MAT/ RAF/ LUO/8/4

Faça sua História em Quadrinhos



PA 015

FIGURA 14

Método Recepcional – conto- “Por toda a vida”
Alunas- A/ CAR/ CAM/MAR/ MARP/8/4



PA 016

FIGURA 15

Conto: Por toda a vida

~~Escol~~ Entre os personagens do Conto (o pai, a mãe, a filha...) escolhemos a mãe. Como no texto diz que ela era uma mulher ganancisosa, que gostava muito de dinheiro, pegamos somente ela e criamos uma nova história com base na mãe.

Na nova história ela se casa com um homem muito rico, só que infelizmente seu marido falece. Com o marido falecendo suas contas aumentam, contas bancárias, dívidas muito caras e com isso seu dinheiro ~~esta~~ está quase acabando.

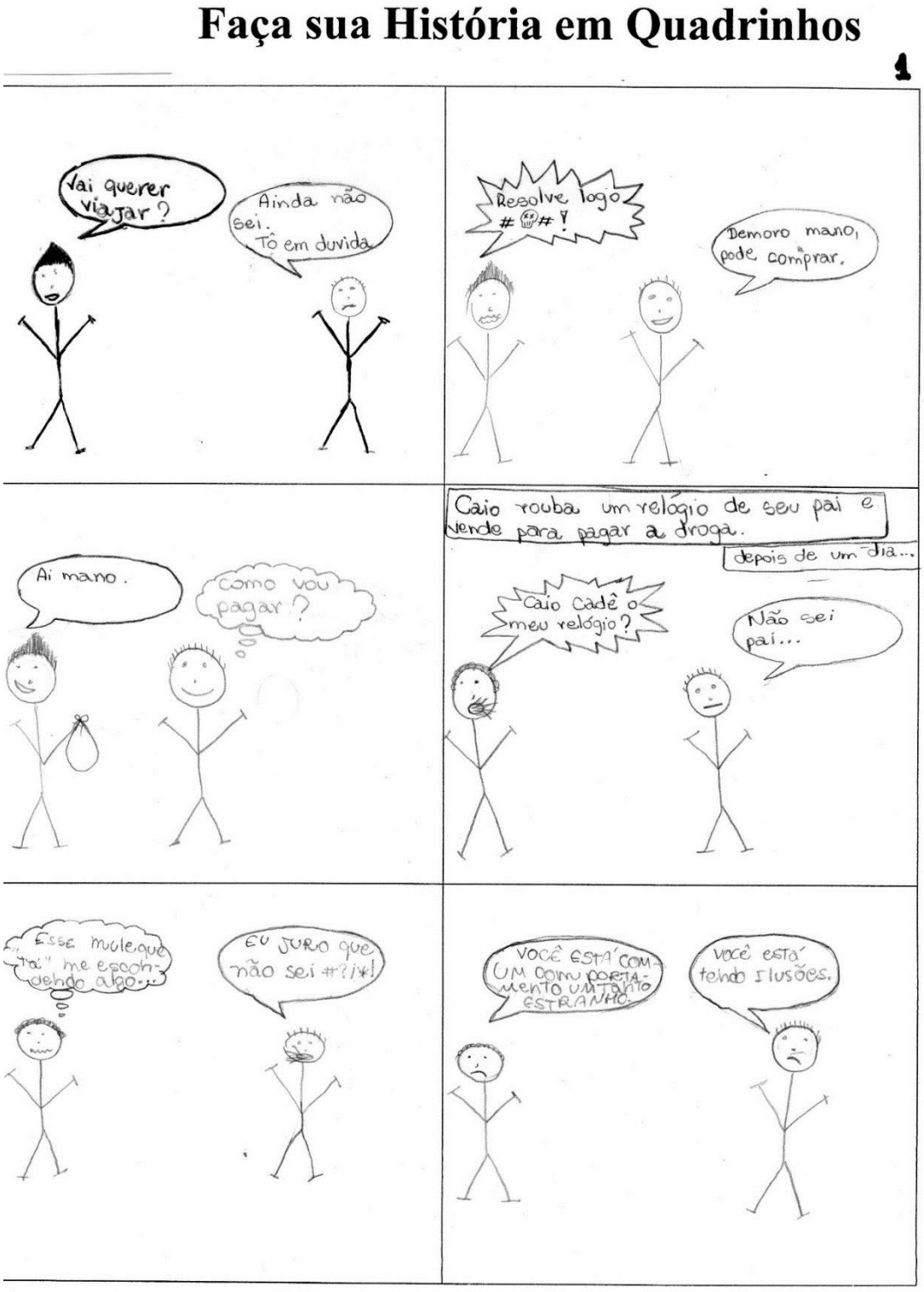
Só que ela descobre que está grávida de seu falecido marido. E vê em sua filha uma chance de ganhar novamente todo o seu dinheiro.

.

PA 017

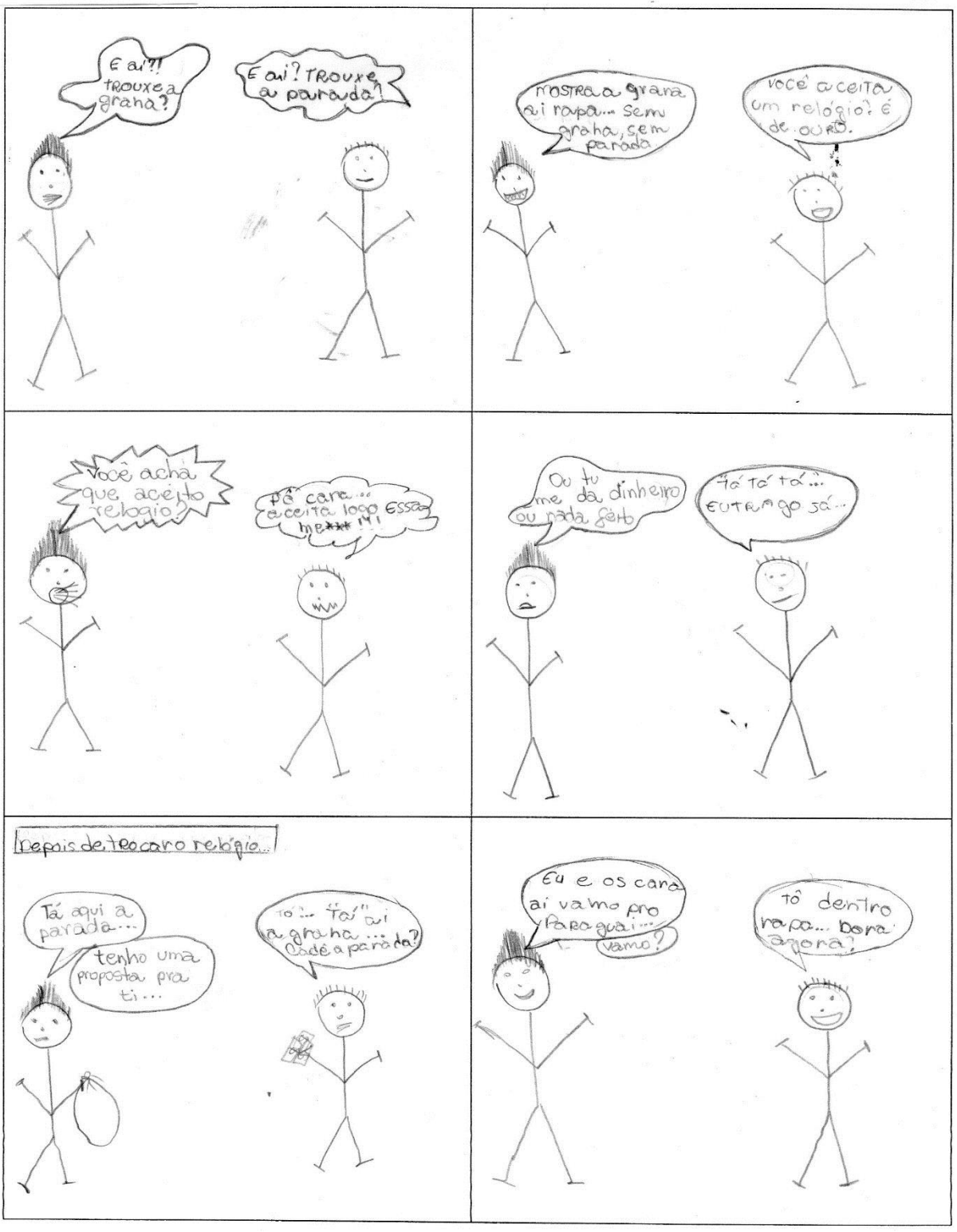
FIGURA 16

Método Recepcional – conto- “Pai e filho”
Alunos- A/ LUF/DAN/MARC/GABR/8/4



Faça sua História em Quadrinhos

2



Faça sua História em Quadrinhos

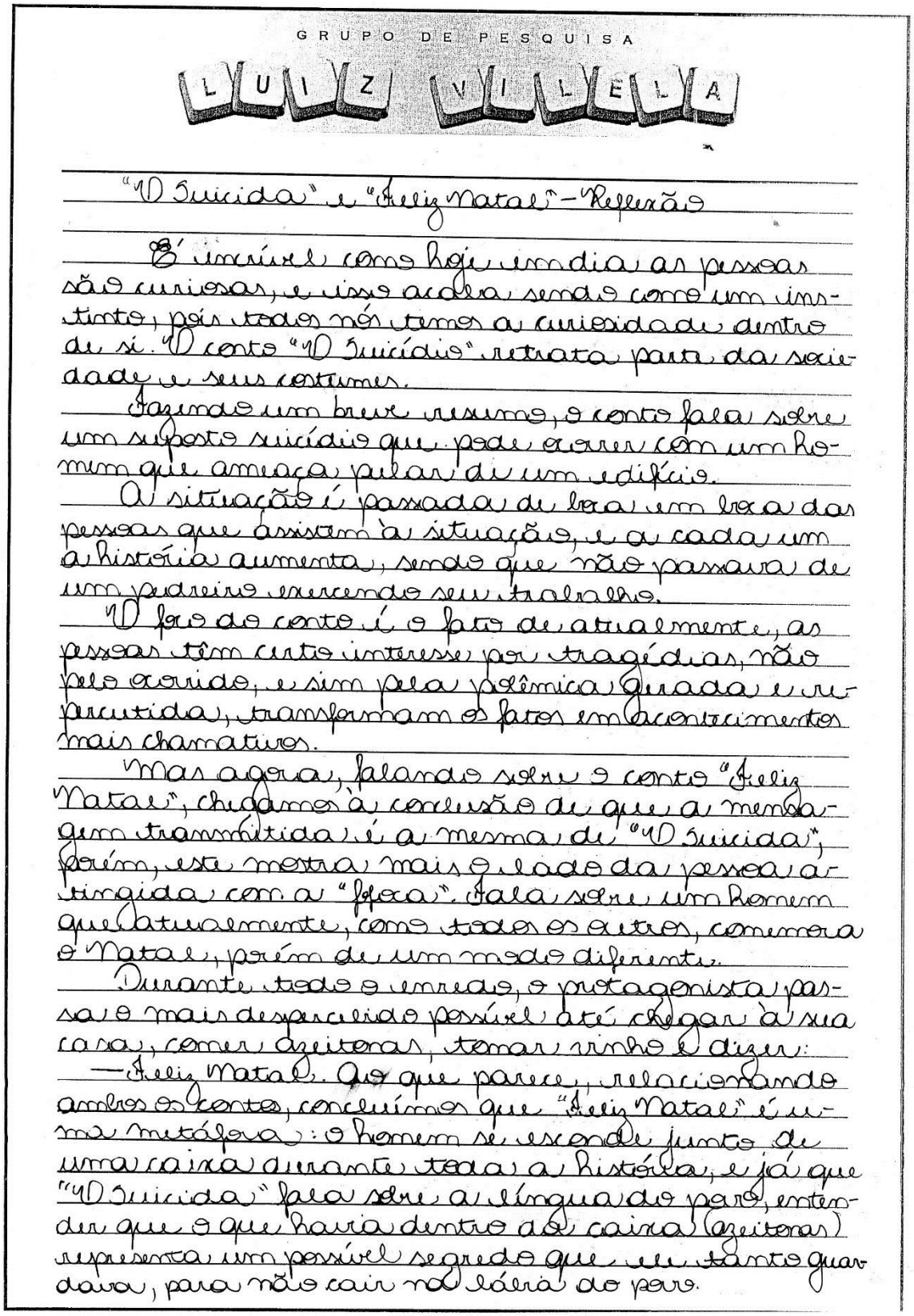
3



PA 018

FIGURA 17

Método Comunicacional
Texto- A/FAB/8/4



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILLELA

"O Suicida" e "Feliz Natal" - Reflexão

É incrível como hoje em dia as pessoas são curiosas, e isso acaba sendo como um instinto, pois todos nós temos a curiosidade dentro de si. O conto "O Suicídio" retrata parte da sociedade e seus costumes.

Fazendo um breve resumo, o conto fala sobre um suposto suicídio que pode ocorrer com um homem que ameaça pular de um edifício.

A situação é passada de boca em boca das pessoas que assistem à situação, e a cada um a história aumenta, sendo que não passava de um padeiro exercendo seu trabalho.

O foco do conto é o fato de atualmente, as pessoas têm certo interesse por tragédias, não pelo ocorrido, e sim pela polêmica gerada e repercutida, transformam os fatos em acontecimentos mais chamativos.

Mas agora, falando sobre o conto "Feliz Natal", chegamos à conclusão de que a mensagem transmitida é a mesma de "O Suicida", porém, este mostra mais o lado da pessoa atingida com a "fofoca". Fala sobre um homem que atualmente, como todos os outros, comemora o Natal, porém de um modo diferente.

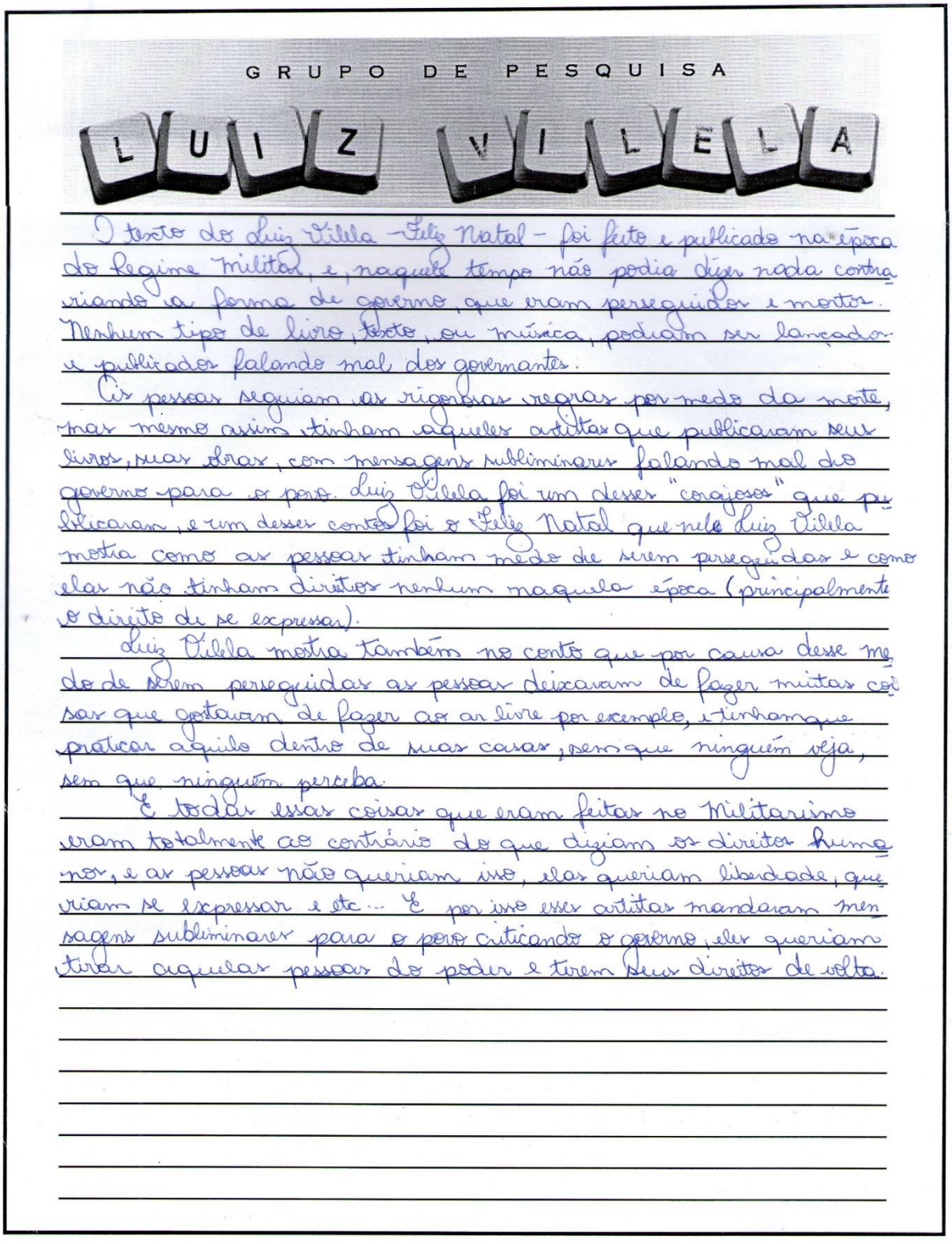
Durante todo o enredo, o protagonista passa o mais despercebido possível até chegar à sua casa, comer azeitonas, tomar vinho e dizer:

— Feliz Natal. Ao que parece, relacionando ambos os contos, concluímos que "Feliz Natal" é uma metáfora: o homem se esconde junto de uma caixa durante toda a história, e já que "O Suicida" fala sobre a língua do povo, entender que o que havia dentro da caixa (azeitonas) representa um possível segredo que ele tanto guardava, para não cair na fofoca do povo.

PA 019

FIGURA 18

Método Comunicacional
Texto- A/ CAR/8/4



O texto do Luiz Vilela - Feliz Natal - foi feito e publicado na época do Regime Militar, e, naquele tempo não podia dizer nada contrariando a forma de governo, que eram perseguidos e mortos. Nenhum tipo de livro, texto, ou música, podiam ser lançados e publicados falando mal dos governantes.

As pessoas seguiam as rigorosas regras por medo da morte, mas mesmo assim tinham aqueles artistas que publicavam seus livros, suas obras, com mensagens subliminares falando mal do governo para o povo. Luiz Vilela foi um desses "corajosos" que publicaram, e um desses contos foi o Feliz Natal que nele Luiz Vilela mostra como as pessoas tinham medo de serem perseguidas e como elas não tinham direitos nenhum naquela época (principalmente o direito de se expressar).

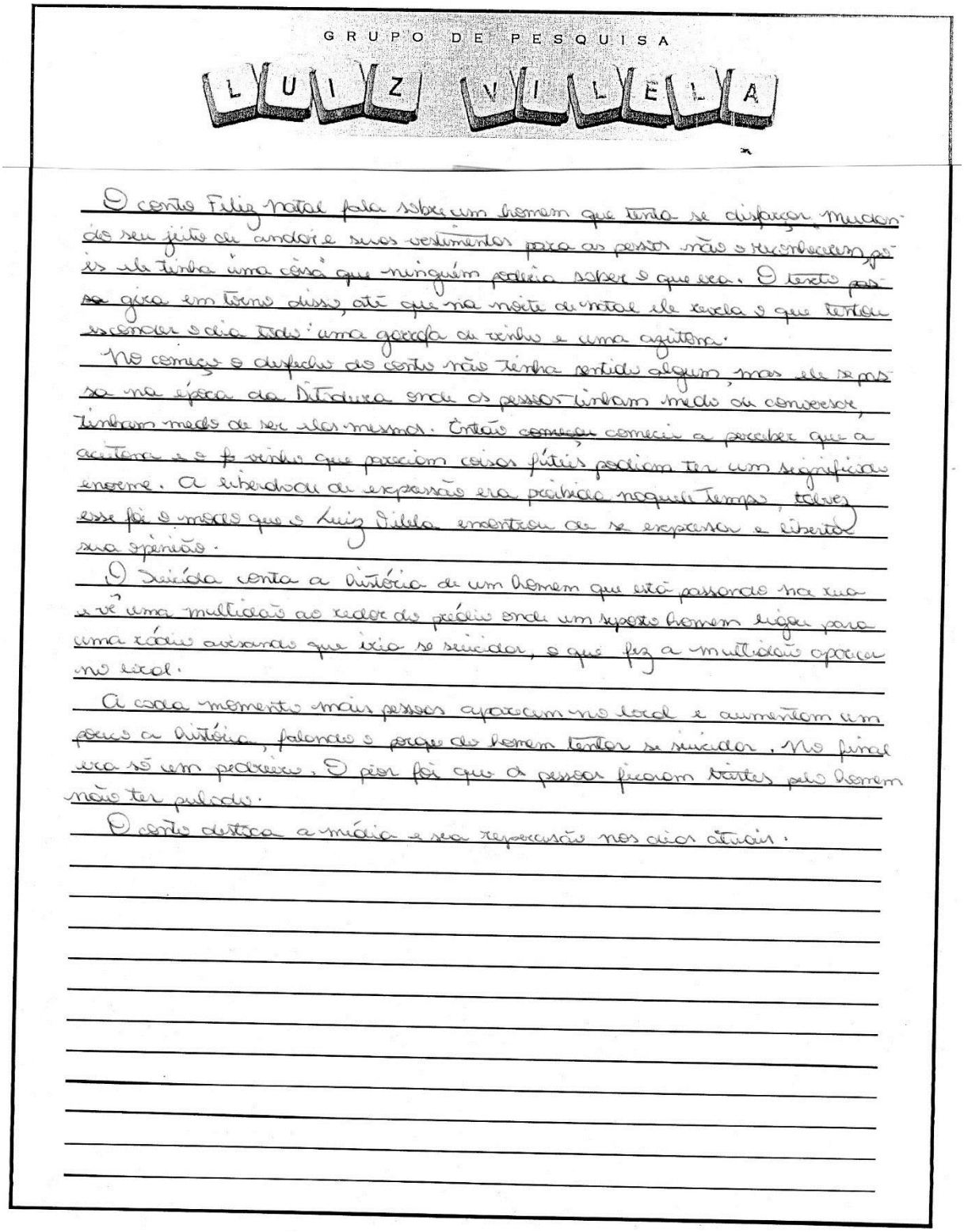
Luiz Vilela mostra também no conto que por causa desse medo de serem perseguidas as pessoas deixaram de fazer muitas coisas que gostavam de fazer ao ar livre por exemplo, e tinham que praticar aquilo dentro de suas casas, sem que ninguém veja, sem que ninguém perceba.

E todas essas coisas que eram feitas no Militarismo eram totalmente ao contrário do que diziam os direitos humanos, e as pessoas não queriam isso, elas queriam liberdade, queriam se expressar e etc... E por isso esses artistas mandavam mensagens subliminares para o povo criticando o governo, eles queriam tirar aquelas pessoas do poder e terem seus direitos de volta.

PA 020

FIGURA 19

Método Comunicacional
Texto- A/ MARP/8/4



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

O conto Feliz natal fala sobre um homem que tenta se disfarçar mudando seu jeito de andar e seus vestimentos para as pessoas não o reconhecerem já que ele tinha uma casa que ninguém poderia saber o que era. O texto passa em torno disso, até que na noite de natal ele recebe o que tentou esconder o dia todo: uma garrafa de vinho e uma agulheta.

No começo o disfarce do conto não tinha sentido algum, mas ele se passa na época da Ditadura onde as pessoas tinham medo de conversar, tinham medo de ser elas mesmas. Então começou a perceber que a agulheta e o vinho que pareciam coisas fúteis podiam ter um significado enorme. A liberdade de expressão era proibida naquele tempo, talvez esse foi o meio que o Luiz Vilela encontrou de se expressar e liberta sua opinião.

O texto conta a história de um homem que está passando na rua e vê uma multidão ao redor de prédio onde um suposto homem ligou para uma rádio avisando que iria se suicidar, o que fez a multidão aparecer no local.

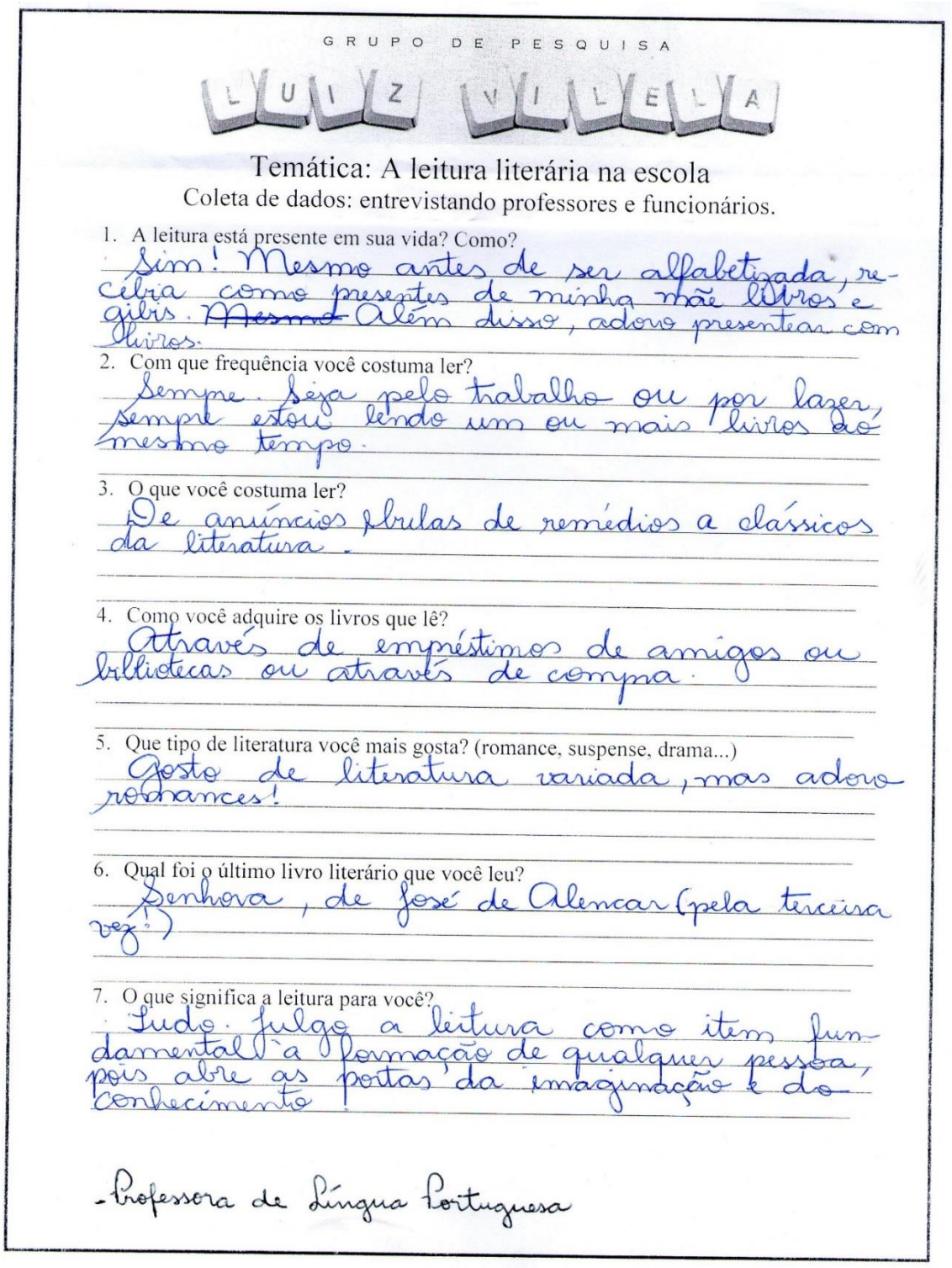
A cada momento mais pessoas aparecem no local e aumentam um pouco a história, falando o porque do homem tentar se suicidar. No final era só um pedreiro. O pior foi que as pessoas ficaram tristes pelo homem não ter pulado.

O conto destaca a mídia e sua repercussão nos dias atuais.

PA 021

FIGURA 20 A

Método Semiológico
Entrevistadora- Aluna A/ CAM/8/4
Entrevistada- Professora /LIL/



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando professores e funcionários.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim! Mesmo antes de ser alfabetizada, recebia como presentes de minha mãe livros e gibis. ~~Mesmo~~ Além disso, adoro presentear com livros.
2. Com que frequência você costuma ler?
Sempre. Seja pelo trabalho ou por lazer, sempre estou lendo um ou mais livros ao mesmo tempo.
3. O que você costuma ler?
De anúncios, bulas de remédios a clássicos da literatura.
4. Como você adquire os livros que lê?
Através de empréstimos de amigos ou bibliotecas ou através de compra.
5. Que tipo de literatura você mais gosta? (romance, suspense, drama...)
Gosto de literatura variada, mas adoro romances!
6. Qual foi o último livro literário que você leu?
Senhora, de José de Alencar (pela terceira vez!)
7. O que significa a leitura para você?
Tudo. Julgo a leitura como item fundamental à formação de qualquer pessoa, pois abre as portas da imaginação e do conhecimento.

- Professora de Língua Portuguesa

PA 022

FIGURA 20 B

Método Semiológico
Entrevistador- Aluno A/ JOA/8/4
Entrevistado- Professora de Geografia/ ARL/

GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando professores e funcionários.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim. Em jornais, revistas e sites de notícias e entretenimento. Também gosto de ler romances, além dos livros científicos da minha área de formação.

2. Com que frequência você costuma ler?
Todos os dias leio notícias e durante o ano costumo ler uns 2 romances e também de 3 a 4 livros (livros) de autoajuda.
Todos os dias leio a Bíblia (pode ser uma)

3. O que você costuma ler?
Sites de Internet, Livros de romance, livros de autoajuda e sites de pesquisa.

4. Como você adquire os livros que lê?
Os romances e autoajuda são de fácil acesso, tem em postos, lojas de conveniência, livrarias pequenas. Já os livros mais científicos pela Internet.

5. Que tipo de literatura você mais gosta? (romance, suspense, drama...)
Romance, tenho medo de ler suspense e sofro muito com dramas, por isso, não tenho muita coragem de ler.

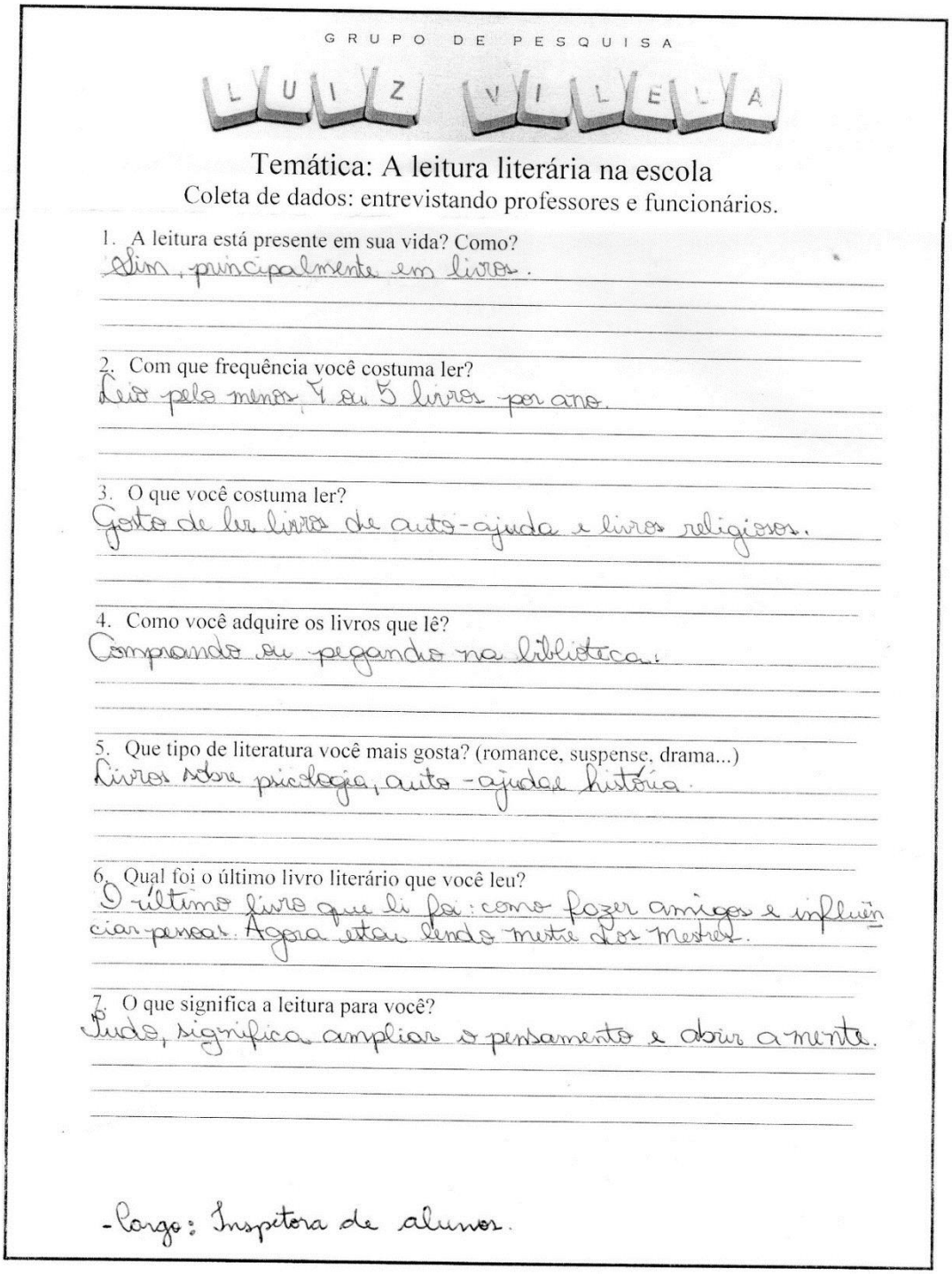
6. Qual foi o último livro literário que você leu?
A Menina que roubava livros

7. O que significa a leitura para você?
Significa comunicação, aprendizado e crescimento pessoal.

PA 023

FIGURA 21

Método Semiológico
Entrevistadora- Aluna A/ CAR/8/4
Entrevistada- Inspetora de aluno- / CLA/



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando professores e funcionários.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim, principalmente em livros.

2. Com que frequência você costuma ler?
Leio pelo menos 4 ou 5 livros por ano.

3. O que você costuma ler?
Gosto de ler livros de auto-ajuda e livros religiosos.

4. Como você adquire os livros que lê?
Comprando ou pegando na biblioteca.

5. Que tipo de literatura você mais gosta? (romance, suspense, drama...)
Livros sobre psicologia, auto-ajuda, história.

6. Qual foi o último livro literário que você leu?
O último livro que li foi: como fazer amigos e influenciar pessoas. Agora estou lendo muito dos mestres.

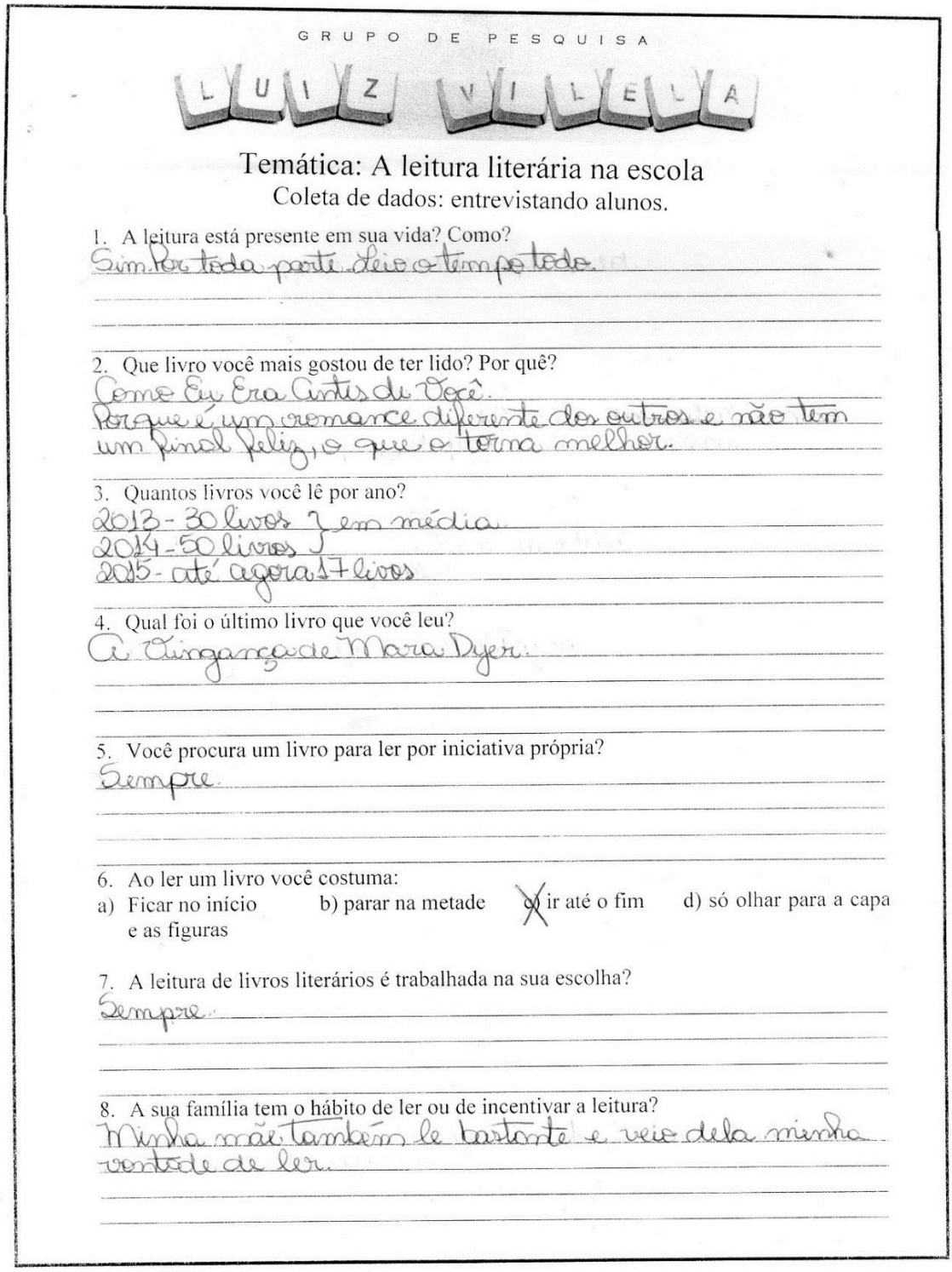
7. O que significa a leitura para você?
Tudo, significa ampliar o pensamento e abrir a mente.

-Cargo: Inspetora de alunos.

PA 024

FIGURA 22

Método Semiológico
Entrevistadora- Aluna A/ GAB/8/4
Entrevistada- Aluna A/MARJ/8/4



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Temática: A leitura literária na escola

Coleta de dados: entrevistando alunos.

1. A leitura está presente em sua vida? Como?
Sim. Por toda parte. Leio o tempo todo.

2. Que livro você mais gostou de ter lido? Por quê?
Como Eu Era Antes de Você.
Porque é um romance diferente dos outros e não tem um final feliz, o que o torna melhor.

3. Quantos livros você lê por ano?
2013 - 30 livros ? em média.
2014 - 50 livros ?
2015 - até agora 17 livros

4. Qual foi o último livro que você leu?
A Vingança de Mara Dyer.

5. Você procura um livro para ler por iniciativa própria?
Sempre.

6. Ao ler um livro você costuma:
a) Ficar no início e as figuras
b) parar na metade
c) ir até o fim
d) só olhar para a capa

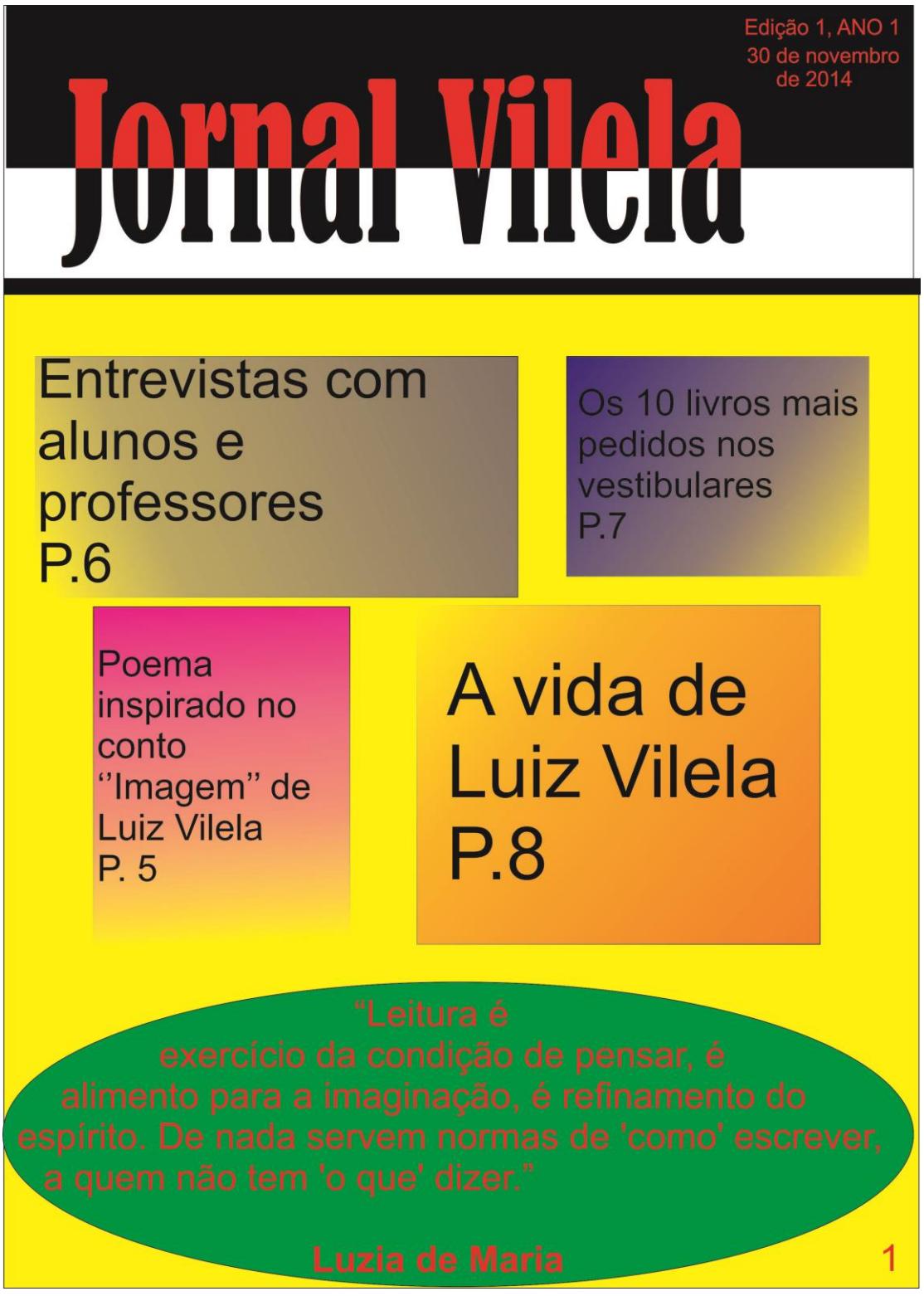
7. A leitura de livros literários é trabalhada na sua escolha?
Sempre.

8. A sua família tem o hábito de ler ou de incentivar a leitura?
Minha mãe também le bastante e veio dela minha vontade de ler.

PA 025

FIGURA 23

Método Semiológico
Jornal elaborado pelo grupo de alunos do 8º ano

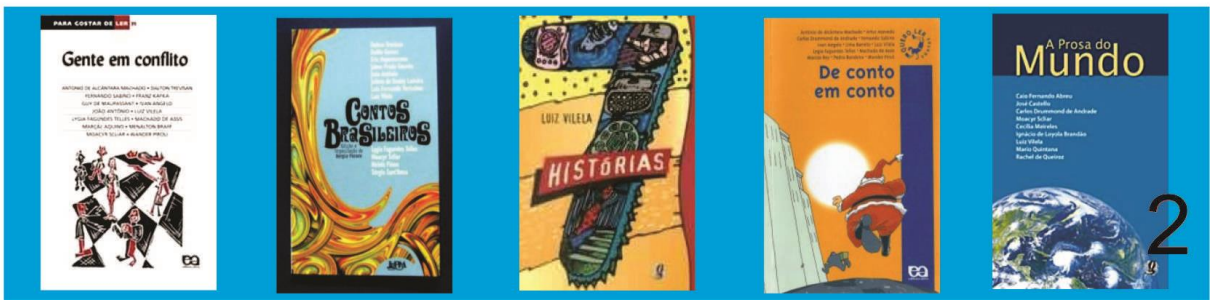




Carta ao leitor

Começamos o projeto pelo escritor brasileiro Luiz Vilela que, além de romances e novelas, escreve contos. Essas pequenas histórias, pelas quais iniciamos o projeto, tratam do cotidiano das pessoas.Com uma linguagem simples, mas carregada de sentidos profundos, os contos levam o leitor a reflexão.

A cada encontro conhecemos um pouco mais do autor e nos aprofundamos no maravilhoso mundo da literatura.



O projeto

O projeto foi apresentado aos alunos como uma atividade extracurricular a ser realizada fora do horário normal de aula.

Muitos caminharam nessa jornada, mas poucos persistiram. Toda terça-feira, às 11h 40 min um compromisso marcado: Projeto de Literatura Luiz Vilela.

Um grupo que mudou muito ao longo de 2014, que não mediu esforços para que tudo fosse realizado a tempo. A cada aula um novo conto, uma nova proposta, um novo desafio.

Os aprendizados e interações foram diversos: o mistério do conto "Feliz natal"; o cachorro que emocionou no conto "Corisco"; os ensaios para a filmagem da representação de conto "Escapando com a bola"; a agonia que não chegava ao fim com o conto "O suicida"; a responsabilidade de escrever uma carta ao escritor Luiz Vilela.

Momentos que fizeram os integrantes do projeto desenvolverem cada vez mais a habilidade de trabalhar em grupo, interpretar textos e se encantar com a literatura brasileira.

Mariana Ameko Bozzi

Depoimentos

Não imaginava que este projeto influenciaria tanto minha vida como influenciou. Começou com leitura e interpretação com um dos ‘’grandes’’ da literatura brasileira, Luiz Vilela, que possibilitou-me ter uma outra visão da leitura, tornou-me mais crítica.

Além disso, os encontros promovidos pela professora Ângela Nubiato, proporcionaram-me maior interação entre os alunos, e comecei a expressar minha opinião. Ao mesmo tempo que aprendia, também se descontraía.

Aproveito já a oportunidade, para agradecer por participar do projeto e dessa jornada de aprendizado.

Camila Rodrigues

A leitura tem vários benefícios, como aprender a gramática das palavras e, proporcionar uma melhor comunicação entre as pessoas de uma forma geral. Além de desenvolver a criatividade, a imaginação e adquirir cultura, conhecimentos e valores. Tudo isso é o que faz a diferença no futuro e na vida profissional.

Por isso, o projeto foi feito basicamente em torno desses resultados. Demonstrando que a leitura não é ‘’chata e sonolenta’’ como as pessoas pensam, mas bem criativa e emocionante.

Gabriela Martins

4

A dúvida destemida

Eu cresci, eu vivi
Tô à-toa, tô de boa.

Só me intriga uma coisa
O que sou de verdade,
ninguém sabe.

Saí perguntando
O que acham de mim,
Mas dizer a verdade
Ninguém tá afim.

A vida
É cheia de descobertas,
Umas erradas
E outras certas.

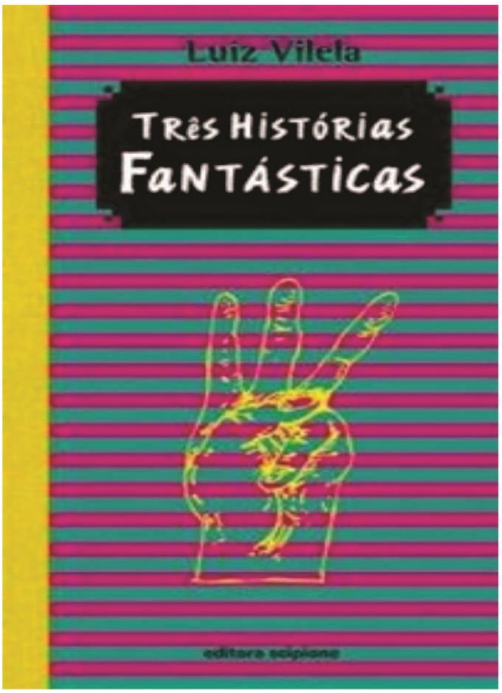
Eu quero
seguir minha vida,
E a dúvida destemida
Um dia, será resolvida

E a verdade vou transformar
Em liberdade,
A sociedade
Em igualdade,
E o amor
Em cumplicidade

Mariana Ameko Bozzi
Letícia Moretti
Camila Rodrigues

Os alunos do 8º ano fizeram um poema inspirado no conto de Luiz Vilela ‘’Imagem’’, que faz parte do livro ‘’Três histórias fantásticas’’.

No conto ‘’Imagem’’, um jovem em busca da própria identidade mantém uma relação digna de Narciso, personagem da mitologia grega, com o espelho de seu quarto, porém o rosto que ele vê refletido, muda a todo momento.





... Em 2015, novidades por aí!

No salão de sinuca, Roberto passou toda a juventude. Ali, conheceu a literatura russa, através de Nicolau e aprendeu a apreciar bons autores, observar diferentes tipos de livros e preparou-se para partir. Mas, nunca esqueceria aquele lugar tranquilo, nem sua pacata cidade, onde além dos conflitos familiares, dos primeiros sonhos e desilusões, a poesia emanava das coisas mais simples.

Não percam!!!

Entrevistas

1.A leitura está presente em sua vida? Como?
R: Sim, Por toda parte, pois leio o tempo todo.

2.Que livro você mais gostou de ter lido? Por quê?
R: Como eu era antes de você. Porque é um romance diferente dos outros e não tem um final feliz, o que o torna diferente.

3.Quantos livros você lê por ano?
R: Em 2014, li 50 livros e, em 2013, li 30 livros.

4.Você procura um livro por iniciativa própria?
R: Sempre

5.Qual foi o último livro que você leu?
R: A vingança de Mara Dyer.

6.A leitura de livros literários é trabalhada na sua escola?
R: Sim

7.A sua família tem o hábito de ler ou incentivar a leitura?
R: Minha mãe também lê bastante e veio dela a minha vontade.

Nome: Gabriela Martins
Entrevistado: Maria Júlia Marini (aluna)

1.A leitura está presente em sua vida? Como?
R: Sim! Mesmo antes de ser alfabetizada, recebia livros de minha mãe. Além disso, adoro presentear com livros.

2.Com que frequência você costuma ler?
R: Sempre, seja pelo trabalho ou por lazer, sempre estou lendo um ou mais livros ao mesmo tempo.

3.O que você costuma ler?
R: De anúncios e bulas de remédios a clássicos da literatura.

4.Como você adquiri os livros que lê?
R: Através de empréstimos de amigos ou bibliotecas, ou da compra.

5.Que tipo de literatura você mais gosta?
R: Literatura variada, mas adoro romances.

6.Qual foi o último livro que você leu?
R: Senhora, de José de Alencar

7.O que significa a leitura pra você?
R: Tudo. Julgo a leitura como item fundamental à formação de qualquer pessoa, pois abre as portas da imaginação e do conhecimento.

Nome: Camila Rodrigues
Entrevistado: Lilia Regina Dias (professora)

Conto: A chuva

O padre da igreja disse que "um belo dia", opa, errei, "uma bela noite" estava indo para casa de Deus.
"Estava um temporal..."- relata ele- "Um temporal de chuva".
Não... "magina"... ia ser um temporal de Mocolate mesmo, bom, continuando...
Então, de repente, eu vi uma moça muito bonita com uma sacola na cabeça correndo em busca de abrigo e entra na igreja... e como sou um pouquinho curiosa, fui perguntar o que aconteceu e ela disse:
- Ai padre, o senhor nem sabe! Eu tô com essa coisa na cabeça, porque fiz chapinha e não queria que molhasse!
- Ai meu Deus, filha- disse o padre.

Letícia Moretti

Os 10 mais pedidos em VESTIBULARES

*Memórias póstumas de Brás Cubas- Machado de Assis

*Memórias de um sargento de milícias- Manoel Antônio de Almeida

*O cortiço- Aluísio de Azevedo

*Til- José de Alencar

*A hora da estrela- Clarice Lispector

*Vidas secas- Graciliano Ramos

*Capitães de areia- Jorge Amado

*O rei da vela- Oswald de Andrade

*Os sertões- Euclides da Cunha

*Papéis avulsos- Machado de Assis

Conto aprendizado (Resumo)

Eduardo estava voltando para casa quando avistou Jordão e Grilo. Um dos garotos pede para ler a redação, porém o menino recusa a entregar.

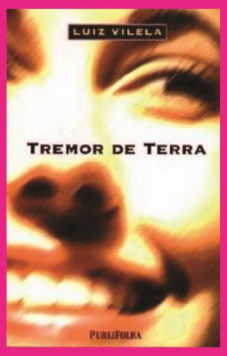
Após tantas tentativas, ele cede e entrega a folha, até perceber o que haviam planejado algo.

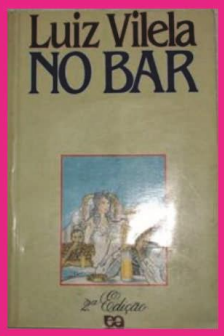
Eduardo pede seu trabalho de volta, e recebe um não. Nervoso, ofende o colega que acaba rasgando o papel, e assim começa a briga.

Ficou curioso para conhecer o final dessa história? Leia o livro **"Tarde da noite"**, de Luiz Vilela.



Luiz Vilela

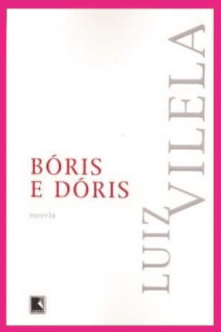


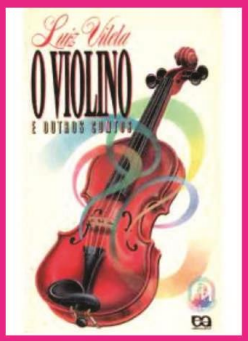


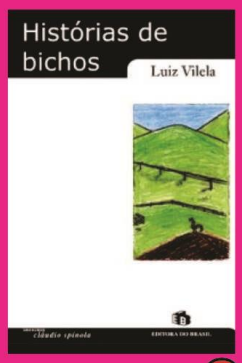


Luiz Vilela nasceu em Ituiutaba, no ano de 1942, fora criado numa família em que todos liam muito. Com 13 anos de idade, começou a escrever e, aos 14 fez sua primeira publicação em um jornal de estudantes. Estreou na literatura aos 24 anos, com o livro de contos ‘’Tremor de terra’’, pelo qual recebeu o Prêmio Nacional de Ficção em Brasília. Luiz Vilela também foi premiado no I e II Concurso Nacional de Contos, do Paraná. Seus contos, novelas e romances já forampublicados em vários países.

Que tal você seguir o exemplo de Luiz Vilela, e começar a escrever?







8

Resumo do conto ‘’ O professor de inglês, Luiz Vilela’’

Carlos chegou atrasado para sua primeira aula de inglês. Era a primeira semana na escola, e não conhecia o professor. Ao entrar na sala, Carlos percebeu que não havia lugar para se sentar, então sentou-se na carteira colocada para segurar a porta pelo professor, que reclamou com ele. Ficou de pé e levou uma advertência do professor novamente, que mandou-o sentar na carteira já que não havia outra.
O professor continuou a aula lendo o texto, e a cada parágrafo mandava um aluno continuar, todos que ele chamava, com muito medo iam até a frente da sala e liam o texto, sempre seguida de alguma reclamação do professor.
O número de Carlos foi chamado , mas ele não sabia que se referia ao seu número, e só levantou quando um menino o avisou. Leu o texto com muito medo. O professor brigou com ele, por não saber seu número e ter atrapalhado a aula. Logo, o sinal do intervalo tocou e, Carlos foi conversar com o menino que o havia avisado sobre seu número. Ele tinha o apelido de ‘’baiano’’, e disse que logo Carlos se acostumaria com o professor e suas implicações, mas Carlos sabia que não...

Edição Nº.1

Colaboradores e créditos:
Grupo de Estudos literários Luiz Vilela - 8º Ano

Parceria: Unicolégio Objetivo

Formatação e Diagramção: João Pedro Cândido José

Apoio: Profªs Priscila Costa, Gisele Patrícia de Oliveira

Coordenação geral do projeto: Ângela Nubiato Lopes

Orientação Geral: Rauer Ribeiro Rodrigues

PA 026

FIGURA 24

Texto coletivo produzido pelos alunos

O interior na literatura

Uma cidade pode ser fictícia ou real, pertencer ao interior, palavra tal que caracteriza a estrutura de muitas cidades; pequenas, aconchegantes, distantes de toda a gritaria que ecoa sutilmente das almas solitárias de uma cidade grande. Nas profundezas de um ser humano se desenvolvem os mais complexos sentimentos, e a busca por expressão se torna parte de um cotidiano, como o tranquilo ato de tomar um café da tarde olhando os campos que fogem a visão e formam a redoma dos pequenos centros.

A palavra tem o poder de dar sentidos aos símbolos histórica e culturalmente construídos, e a literatura de descrever sensações que a alma incomunicável aos olhos demonstra tacitamente perceber. O interior da alma e do espaço físico já formou os mais interessantes e relevantes escritores. Dentre essas inúmeras "joias do interior" cabe citar o escritor Luiz Vilela, brasileiro, nascido em dezembro de 1942, no interior de Minas Gerais, autor de muitas obras entre contos, novelas e romances, e que conseguiu captar de forma tão delicada a essência do interior.

O interior a que este texto se refere é o da cidade de Araçatuba descrito de forma tão clara na novela ***O choro no travesseiro***, de Luiz Vilela. A obra não trata específicamente da cidade, mas da subjetividade que caracteriza uma pequena cidade em face das mudanças propostas pelo progresso, seja ele do tempo ou dos pensamentos provincianos ,que vão se perdendo, se globalizando como a tecnologia, a ideologia e os sentimentos.

Os pingos de chuva (os da alma) permeiam a história ***O Choro no travesseiro***, o céu límpido e estrelado que vemos na cidade de Araçatuba é aquele que enleia a lembrança dos jovens e motiva suas esperanças na busca de um livro, um grito, um amor ou um amigo que lhes dê sentido... Essa existência jovem é exposta no palco da alegria de um bar, na força tão intensa do que se chama juventude...Aquela pouca idade em que os impulsos nos levam aos sentimentos mais profundos.

Araçatuba com seus bares e vida noturna carnavaliza a existência dando a alegria tão necessária ao intuito da vida. Faz crescer em suas terras produtivas, tradicionais e fortes, jovens com a mesma sede por mudanças que Nicolau, Roberto e seus amigos almejavam em suas noites no "Rei da Sinuca", personagens e espaço fictícios da obra de Vilela e que são tão presentes nas descrições dos jovens que aqui participaram dessa elaboração e projeto.

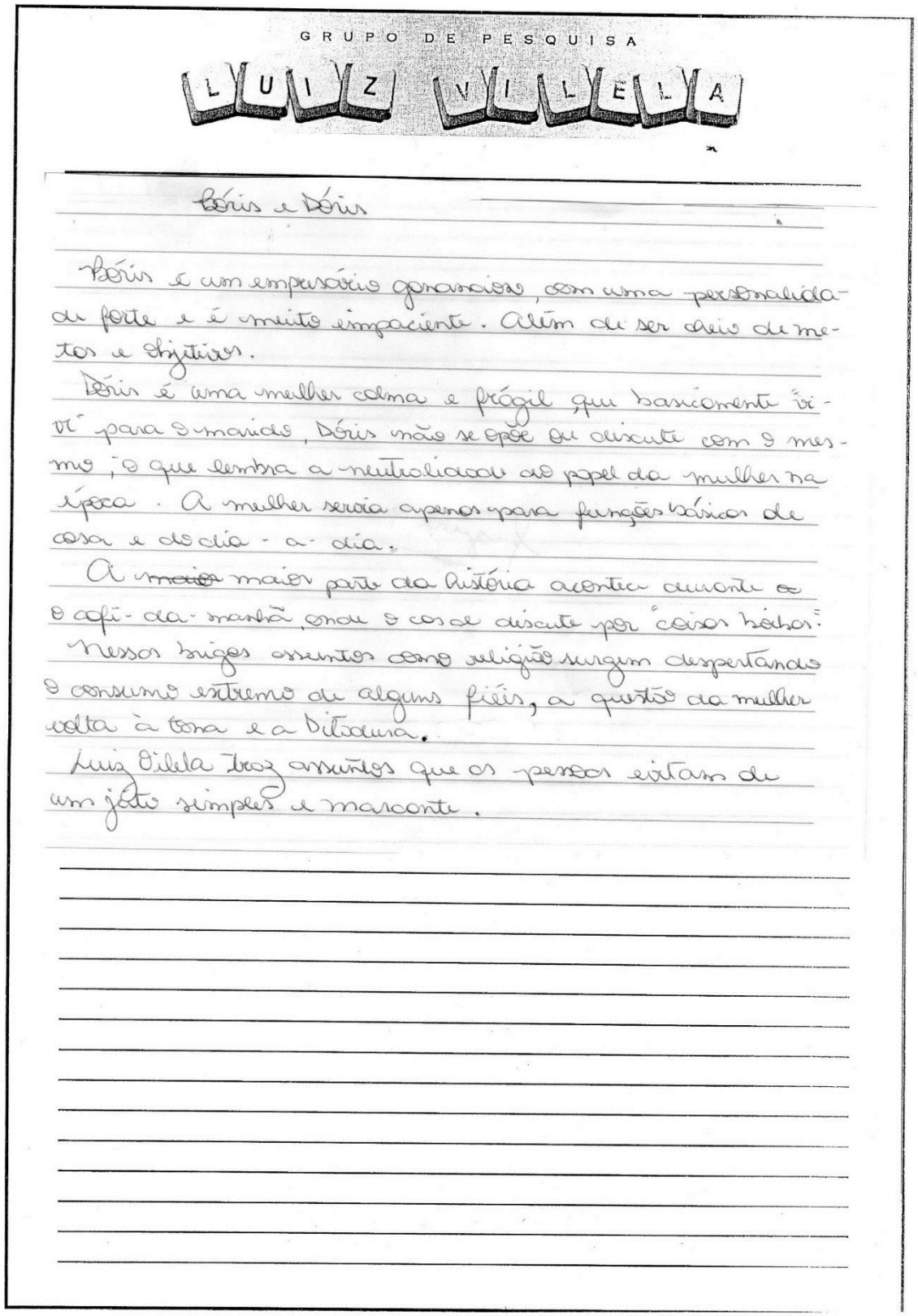
Araçatuba tem literatura, tem histórias que sobreviveram as guerras e ditaduras. Seus campos conhecidos pela produção de gados dão contorno tradicional a calmaria, tranquilidade, expressa no acolhimento de seus cidadãos. Tem revolução reivindicadas pelas mentes jovens que acompanham o progresso dos grandes filósofos e das grandes ideias. Tem nas palavras de seu simples contexto toda a força de uma jovem, porém tradicional cidade. E tem na literatura, as entrelinhas que são tão úteis as verdadeiras intenções e a busca pelo tal sentido que muitos chamam de vida.

Grupo- Círculo de Leitura “Luiz Vilela” 9° ano

PA 027

FIGURA 25

Novela- ***Bóris e Dóris***
Texto- A/ MARP/9/5



GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

Bóris e Dóris

Bóris é um empresário gaúcho, com uma personalidade forte e é muito impaciente. Além de ser dono de metros e objetivos.

Dóris é uma mulher calma e frágil, que basicamente vive para o marido, Dóris não se opõe ou discute com o mesmo, o que lembra a neutralidade do papel da mulher na época. A mulher servia apenas para funções básicas de casa e do dia-a-dia.

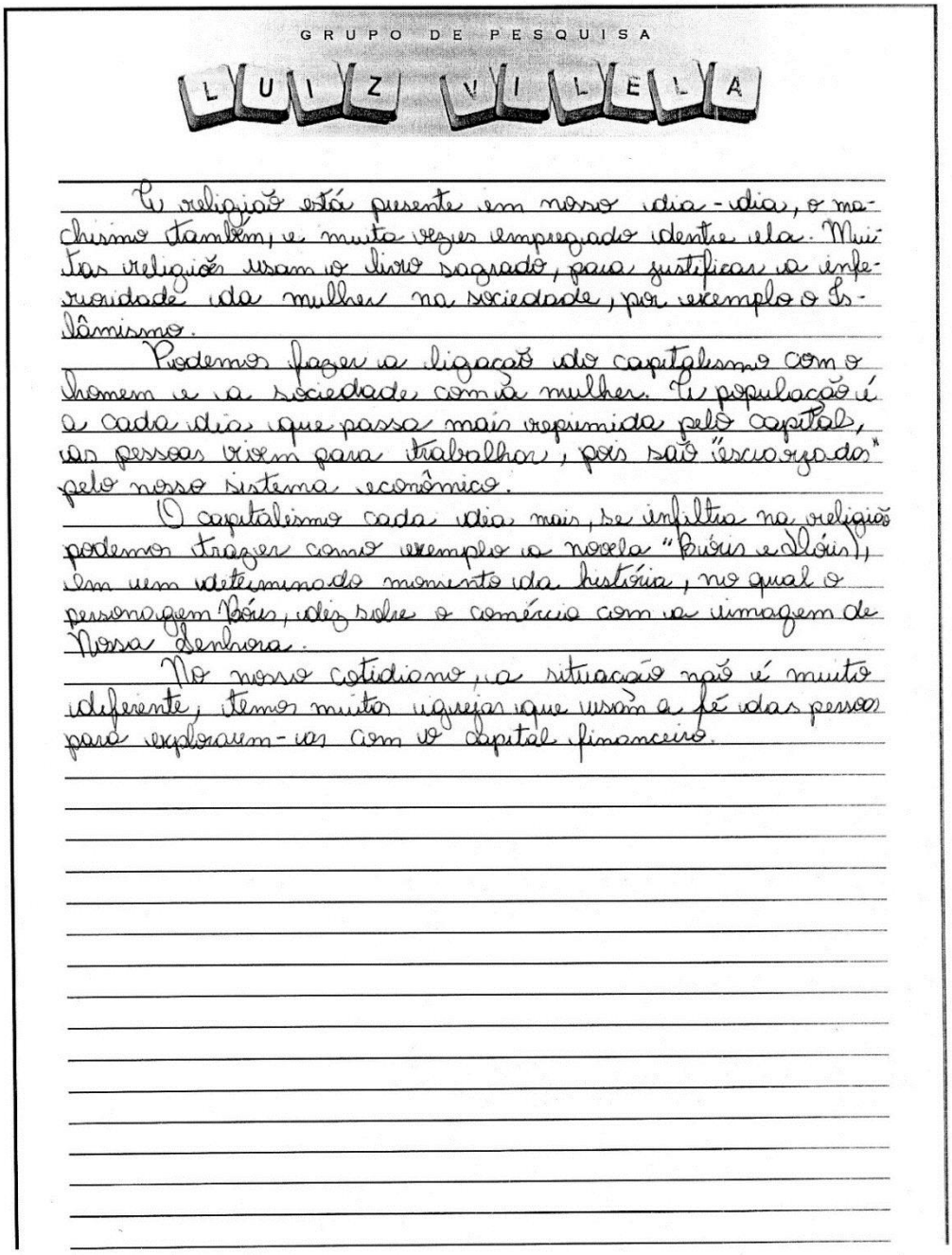
A ~~maior~~ maior parte da história acontece durante o café-da-manhã, onde o casal discute por "coisas bobas". Nessas brigas assuntos como religião surgem despertando o consumo extremo de alguns fiéis, a questão da mulher volta à tona e a Ditadura.

Luiz Vilela traz assuntos que os pessoas viviam de um jeito simples e marcante.

PA 028

FIGURA 26

Novela- ***Bóris e Dóris***
Texto- A/ GABL/9/5


GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

A religião está presente em nosso dia-dia, o machismo também, e muitas vezes empregado dentro dela. Muitas religiões usam o livro sagrado, para justificar a inferioridade da mulher na sociedade, por exemplo o Islâmismo.

Podemos fazer a ligação do capitalismo com o homem e a sociedade com a mulher. A população é a cada dia que passa mais reprimida pelo capital, as pessoas vivem para trabalhar, pois são "escravizadas" pelo nosso sistema econômico.

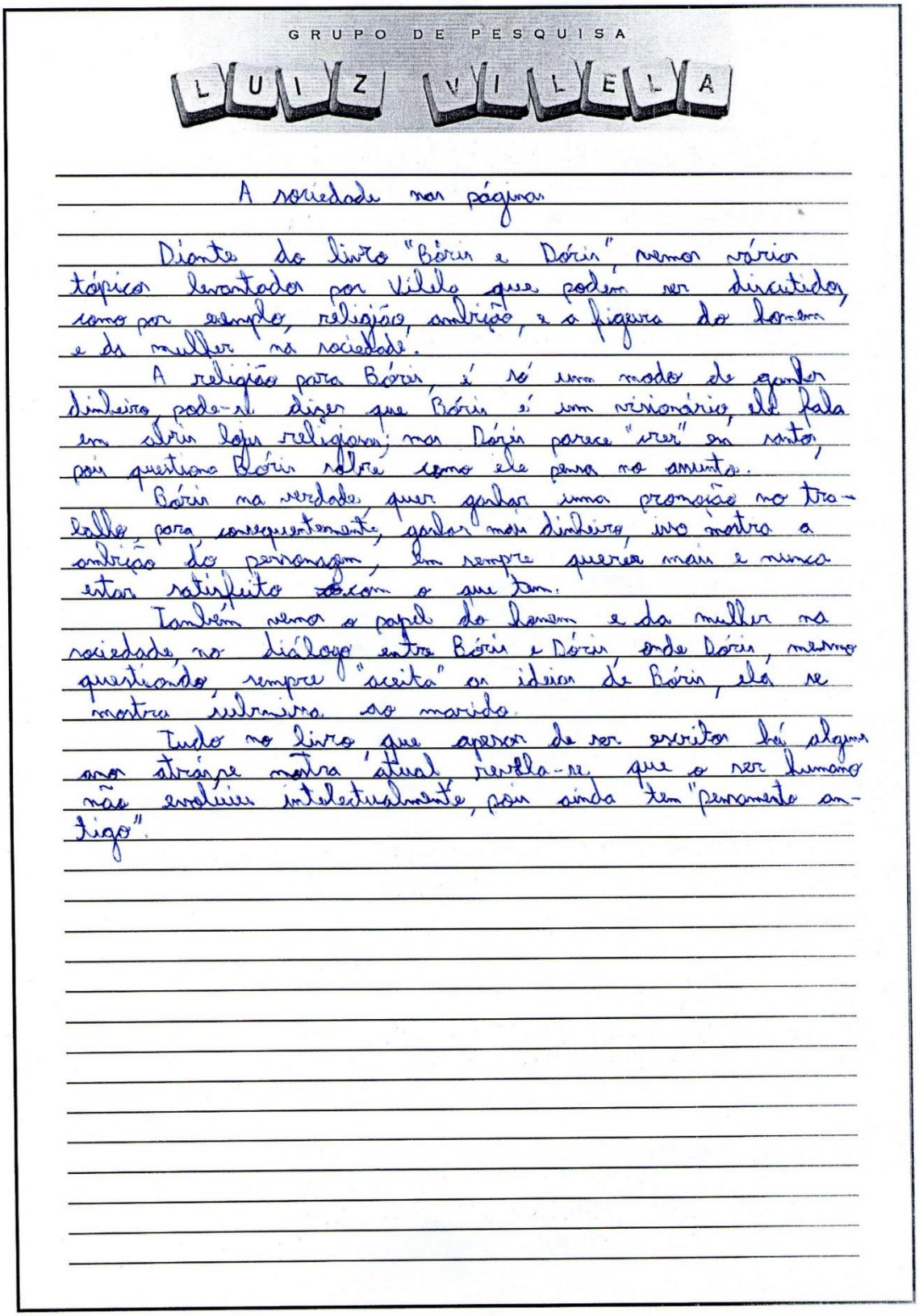
O capitalismo cada dia mais, se infiltra na religião podemos trazer como exemplo a novela "Bóris e Dóris", em um determinado momento da história, no qual o personagem Bóris, diz sobre o comércio com a imagem de Nossa Senhora.

No nosso cotidiano, a situação não é muito diferente, temos muitas igrejas que usam a fé das pessoas para explorarem-as com o capital financeiro.

PA 029

FIGURA 27

Novela- ***Bóris e Dóris***
Texto- A/JOA/9/5



A sociedade nas páginas

Diante do livro "Bóris e Dóris", vemos vários tópicos levantados por Vilela que podem ser discutidos, como por exemplo, religião, ambição, e a figura do homem e da mulher na sociedade.

A religião para Bóris, é só uma moda de ganhar dinheiro, pode-se dizer que Bóris é um visionário, ele fala em abrir lojas religiosas; mas Dóris parece "ver" os santos, pois questiona Bóris sobre como ele pensa os santos.

Bóris na verdade, quer ganhar uma promoção no trabalho, para consequentemente, ganhar mais dinheiro, isso mostra a ambição do personagem, ele sempre quereu mais e nunca estar satisfeito com o que tem.

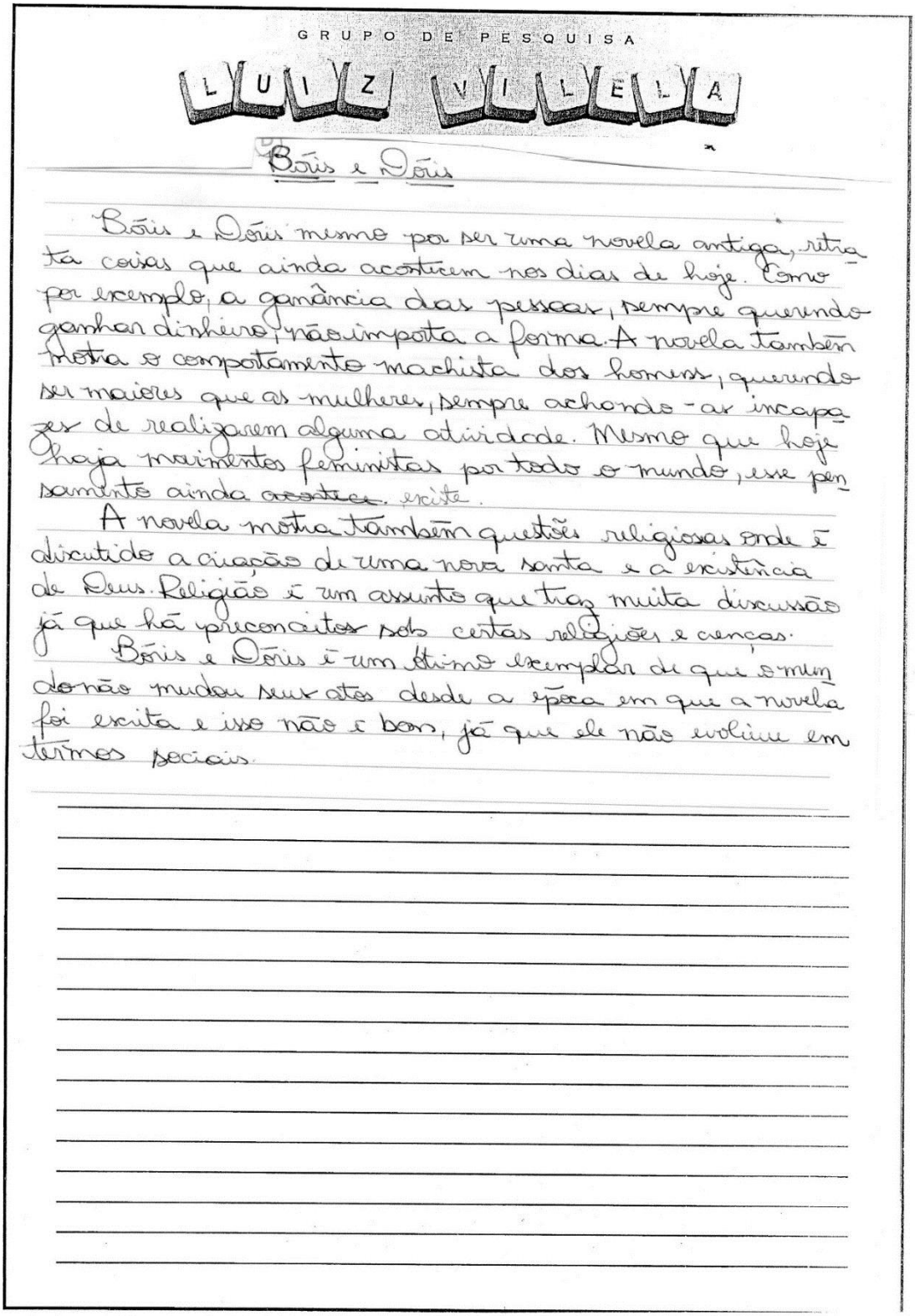
Também vemos o papel do homem e da mulher na sociedade, no diálogo entre Bóris e Dóris, onde Dóris, mesmo questionando, sempre "aceita" as ideias de Bóris, ela se mostra submissa ao marido.

Tudo no livro que apesar de ser escrito há alguns anos atrás é muito atual revela-se, que o ser humano não evoluiu intelectualmente, pois ainda tem "pensamento antigo".

PA 030

FIGURA 28

Novela- ***Bóris e Dóris***
Texto- A/ CAR/9/5



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Bóris e Dóris

Bóris e Dóris mesmo por ser uma novela antiga, retrata coisas que ainda acontecem nos dias de hoje. Como por exemplo, a ganância das pessoas, sempre querendo ganhar dinheiro, não importa a forma. A novela também mostra o comportamento machista dos homens, querendo ser maiores que as mulheres, sempre achando-as incapazes de realizarem alguma atividade. Mesmo que hoje haja movimentos feministas por todo o mundo, esse pensamento ainda ~~acontece~~ existe.

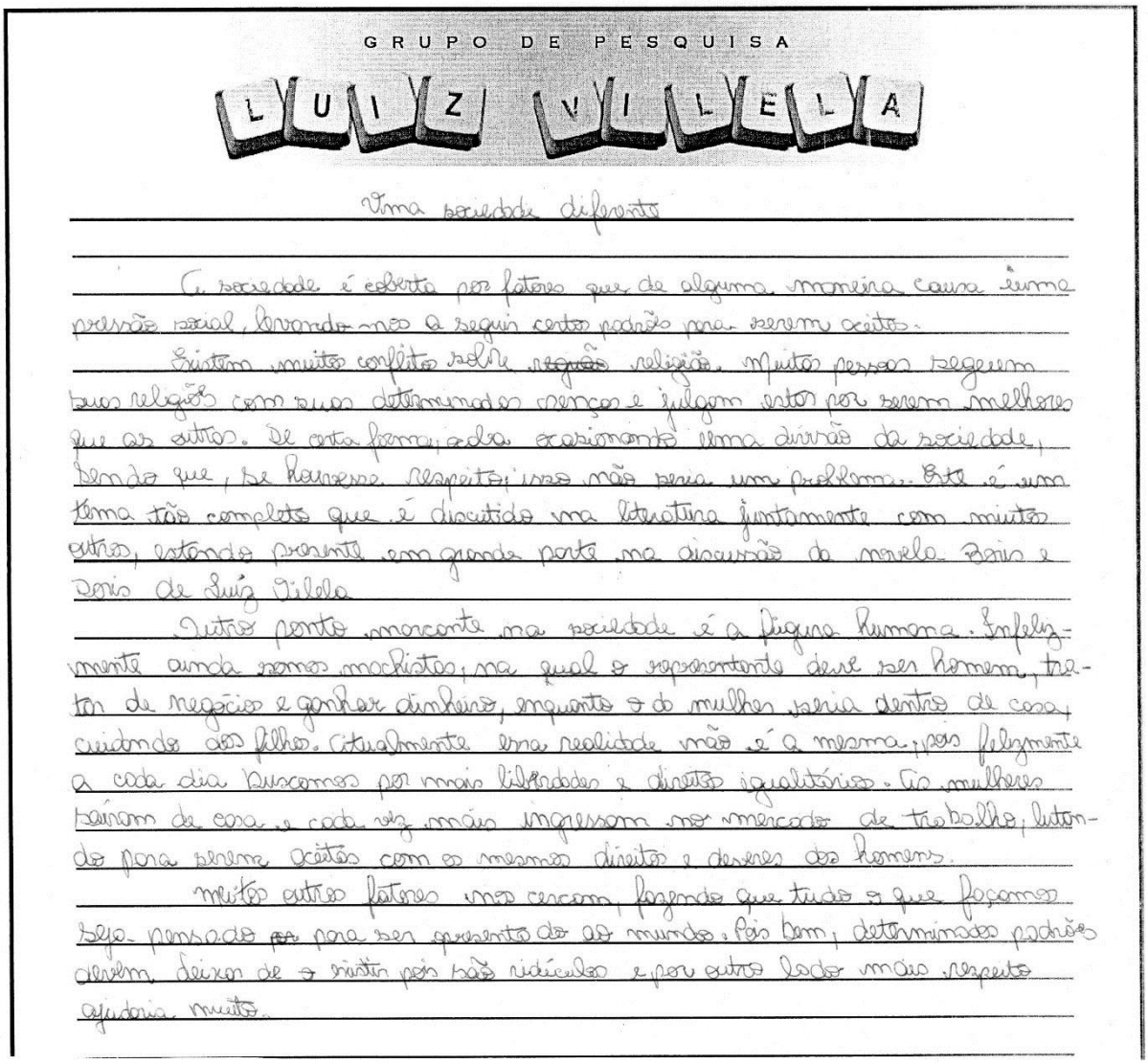
A novela mostra também questões religiosas onde é discutido a criação de uma nova santa e a existência de Deus. Religião é um assunto que traz muita discussão já que há preconceitos sobs certas religiões e crenças.

Bóris e Dóris é um ótimo exemplar de que o ser humano não mudou seus atos desde a época em que a novela foi escrita e isso não é bom, já que ele não evoluiu em termos sociais.

PA 031

FIGURA 29

Novela- ***Bóris e Dóris***
Texto- A/ CAM/9/5



GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Uma sociedade diferente

A sociedade é cobrada por fatores que de alguma maneira causa uma pressão social, levando-nos a seguir certos padrões para serem aceitos.

Existem muitos conflitos sobre ~~religião~~ religião. Muitas pessoas rejeitam suas religiões com suas determinadas crenças e julgam estas por serem melhores que as outras. De certa forma, cada vez mais uma divisão da sociedade, tendo que, se houvesse respeito, isso não seria um problema. Isto é um tema tão completo que é discutido na literatura juntamente com muitos outros, estando presente em grande parte na discussão do novela Bóris e Dóris de Luiz Vilela.

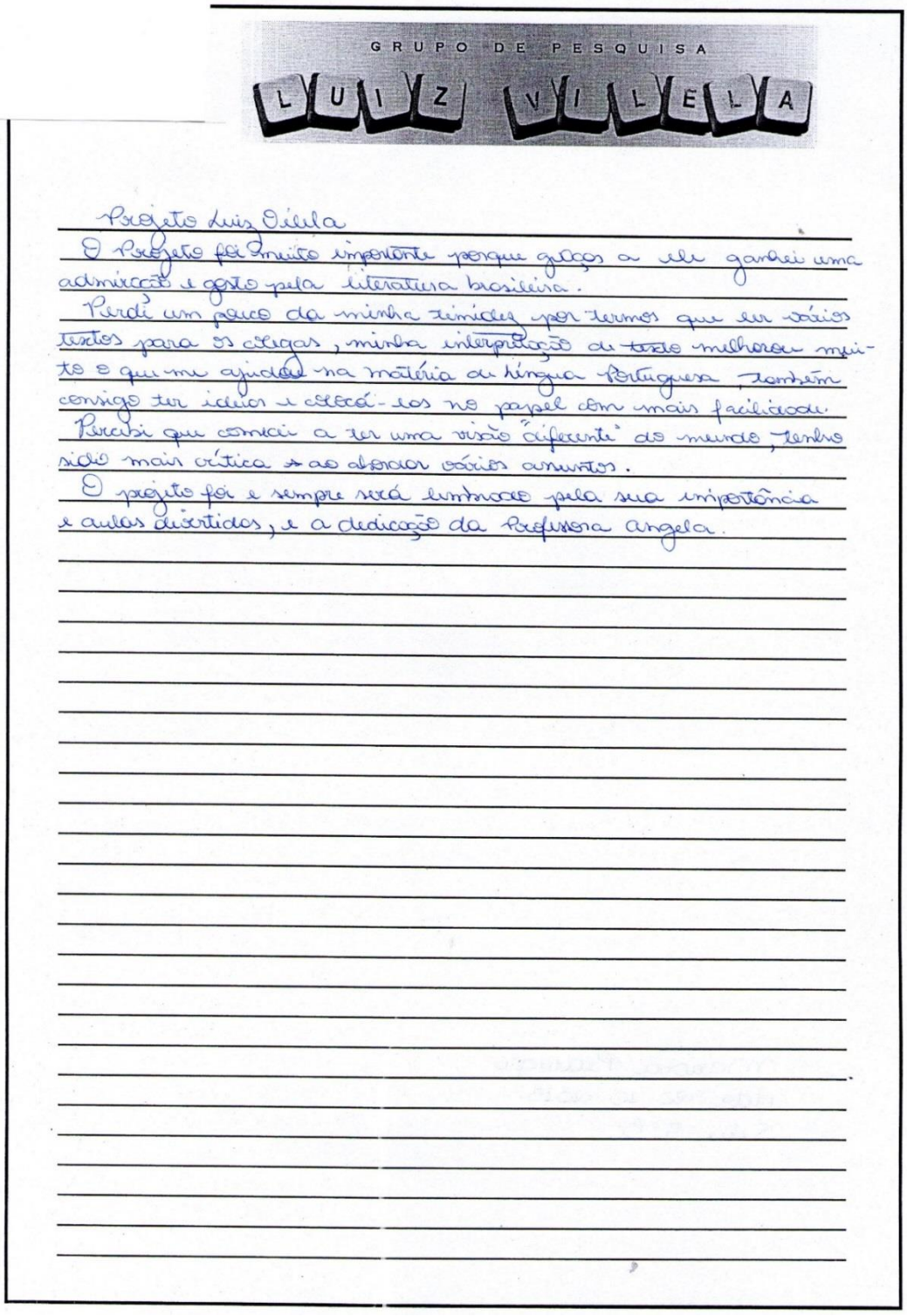
Outro ponto marcante na sociedade é a figura humana. Infelizmente ainda somos machistas, na qual o representante deve ser homem, tratar de negócios e ganhar dinheiro, enquanto o da mulher seria dentro de casa, cuidando dos filhos. Atualmente uma realidade não é a mesma, pois felizmente a cada dia buscamos por mais liberdades e direitos igualitários. As mulheres saíram de casa e cada vez mais ingressam no mercado de trabalho, lutando para serem aceitas com os mesmos direitos e deveres dos homens.

Muitos outros fatores nos cercam, fazendo que tudo o que fazemos seja pensado ~~por~~ para ser aprovado ao mundo. Pois bem, determinados padrões devem deixar de existir pois são ridículos e por outro lado mais respeito ajudaria muito.

PA 032

FIGURA 30

Texto- 3
Aluna- A/MARP/9/5


GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

Projeto Luiz Vilela

O Projeto foi muito importante porque graças a ele ganhei uma admiração e gosto pela literatura brasileira.

Perdi um pouco da minha timidez por termos que ler vários textos para os colegas, minha interpretação de ~~texto~~ melhorou muito e que me ajudou na matéria de língua Portuguesa. Também consigo ter ideias e colocá-los no papel com mais facilidade.

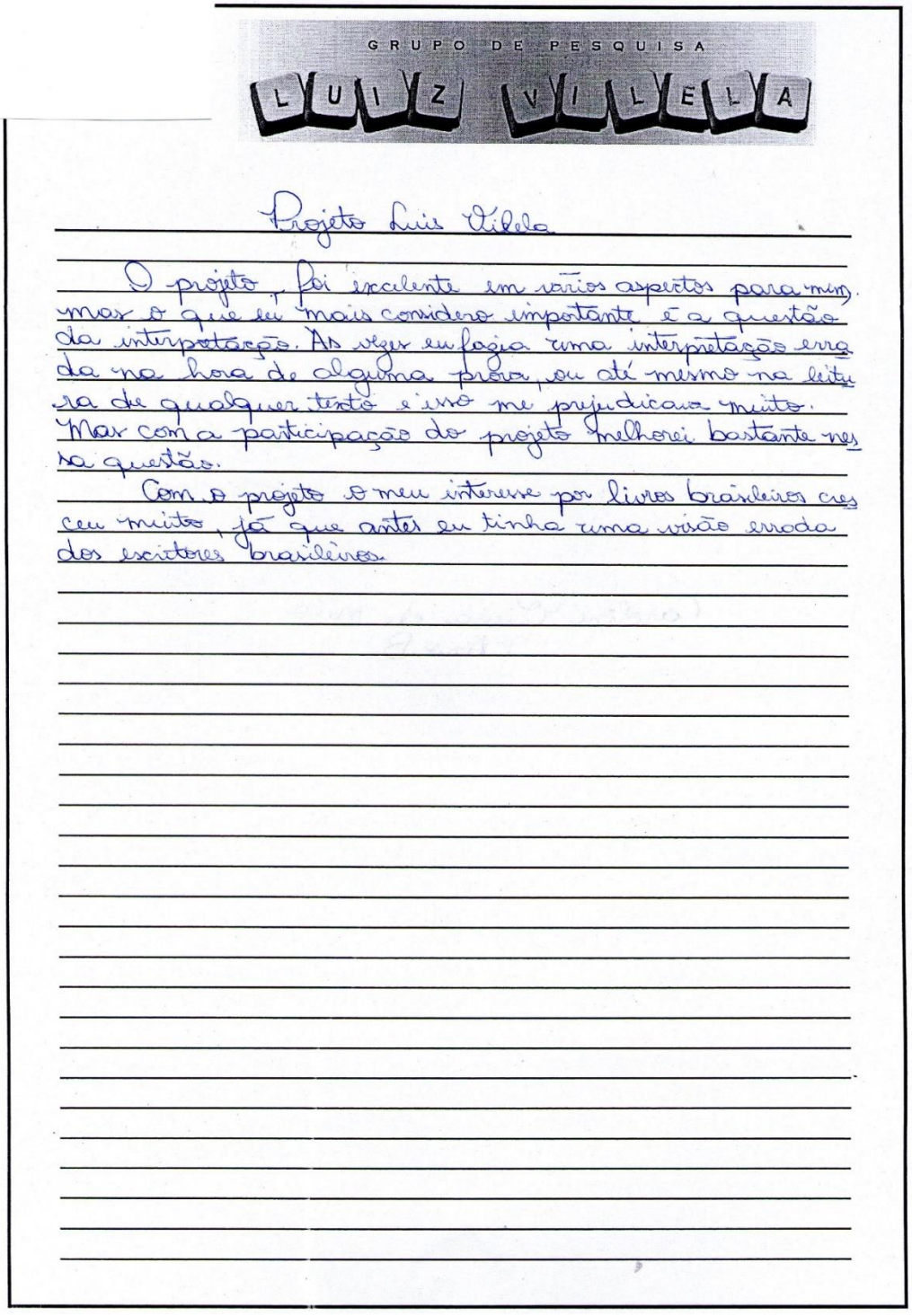
Percebi que comecei a ter uma visão diferente do mundo, tenho sido mais crítica ao abordar vários assuntos.

O projeto foi e sempre será lembrado pela sua importância e aulas divertidas, e a dedicação da Professora Angela.

PA 033

FIGURA 31

Texto- 4
Aluna- A/CAR/9/5



Projeto Luis Vilela

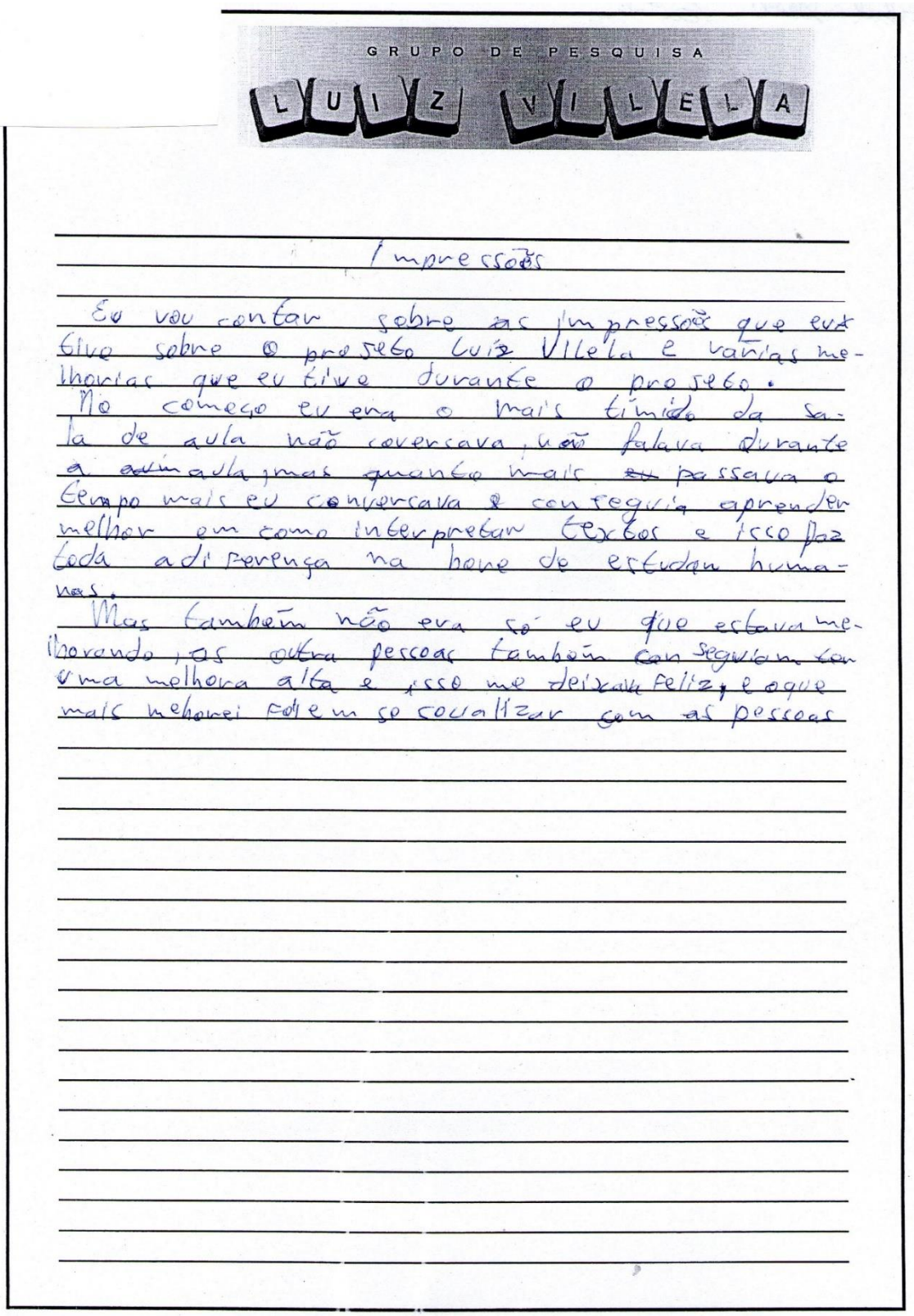
O projeto, foi excelente em vários aspectos para mim, mas o que eu mais considero importante é a questão da interpretação. As vezes eu fazia uma interpretação errada na hora de alguma prova, ou até mesmo na leitura de qualquer texto e isso me prejudicava muito. Mas com a participação do projeto melhorei bastante nessa questão.

Com o projeto o meu interesse por livros brasileiros cresceu muito, já que antes eu tinha uma visão errada dos escritores brasileiros.

PA 034

FIGURA 32

Texto- 5
Aluno- A/RAF/9/5


GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

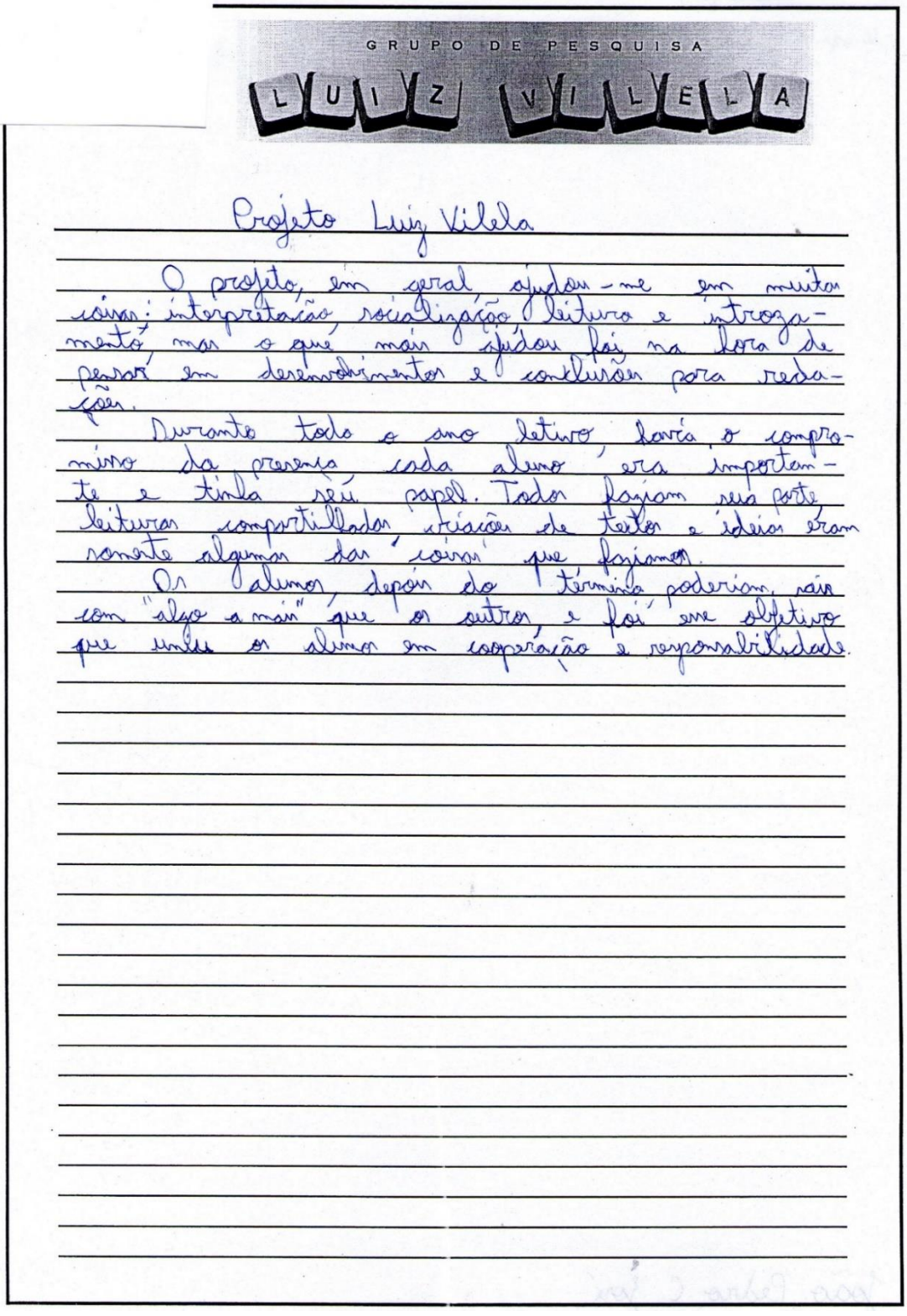
Impressões

Eu vou contar sobre as impressões que eu tive sobre o professo Luiz Vilela e varias melhorias que eu tive durante o professo.
No começo eu era o mais tímido da sala de aula não conversava, não falava durante a ~~a~~ aula, mas quando mais ~~eu~~ passava o tempo mais eu conversava e consegui aprender melhor em como interpretar textos e isso faz toda a diferença na hora de estudar humanas.
Mas também não era só eu que estava melhorando, as outra pessoas também conseguiam ter uma melhora alta e isso me deixou feliz, e oque mais melhorei foi em se socializar com as pessoas

PA 035

FIGURA 33

Texto- 6
Aluno- A/JOA/9/5


GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

Projeto Luiz Vilela

O projeto, em geral, ajudou-me em muitas coisas: interpretação, socialização, leitura e entrosamento, mas o que mais ajudou foi na hora de pensar em desenvolvimento e conclusão para redação.

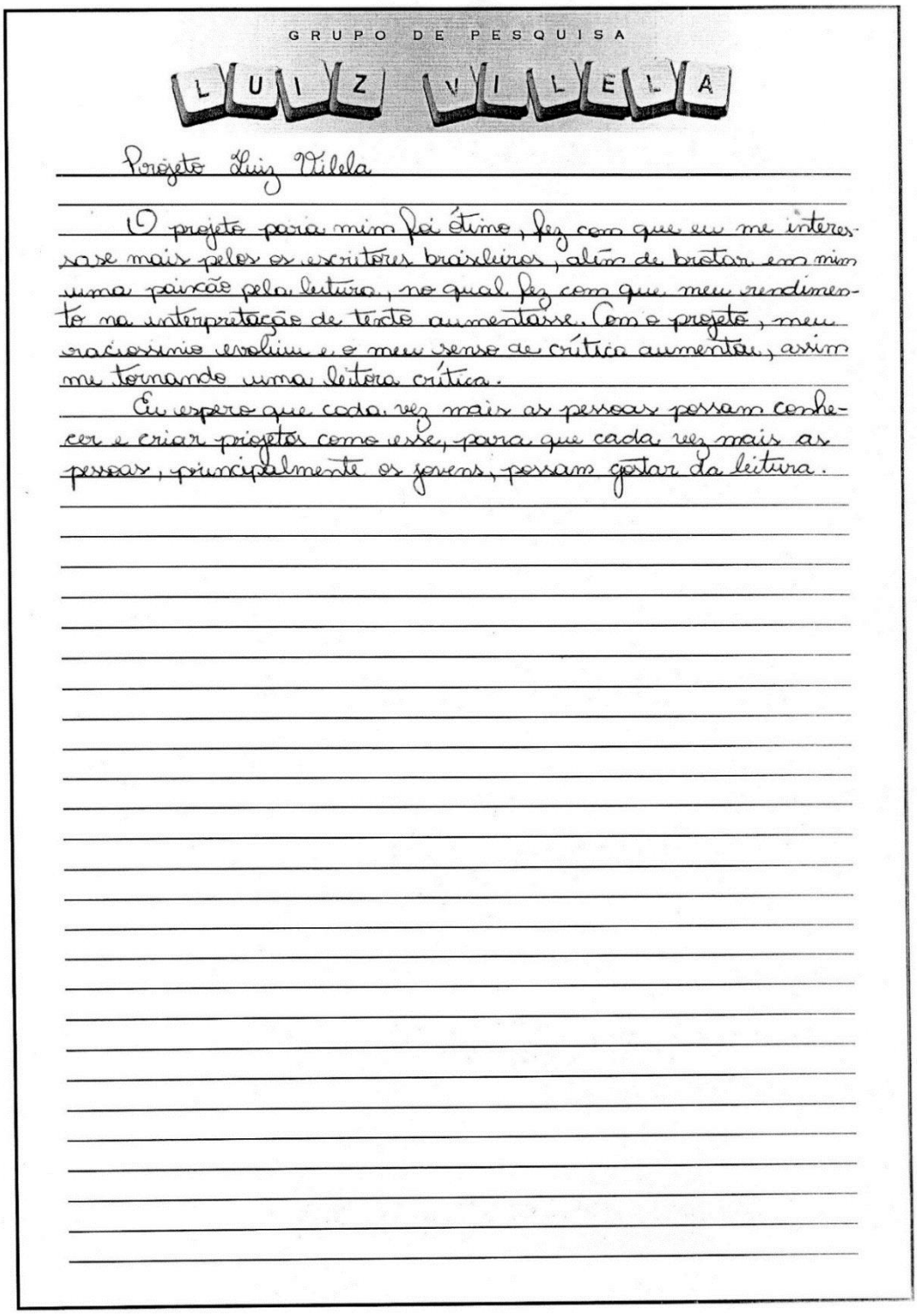
Durante todo o ano letivo, havia o compromisso da presença, cada aluno era importante e tinha seu papel. Todos fazíamos nossa parte, leituras compartilhadas, criação de textos e ideias eram somente algumas das coisas que fazíamos.

Os alunos, depois do término poderiam sair com "algo a mais" que os outros, e foi esse objetivo que uniu os alunos em cooperação e responsabilidade.

PA 036

FIGURA 34

Texto- 7
Aluno- A/GAB/9/5


GRUPO DE PESQUISA

LUIZ VILELA

Projeto Luiz Vilela

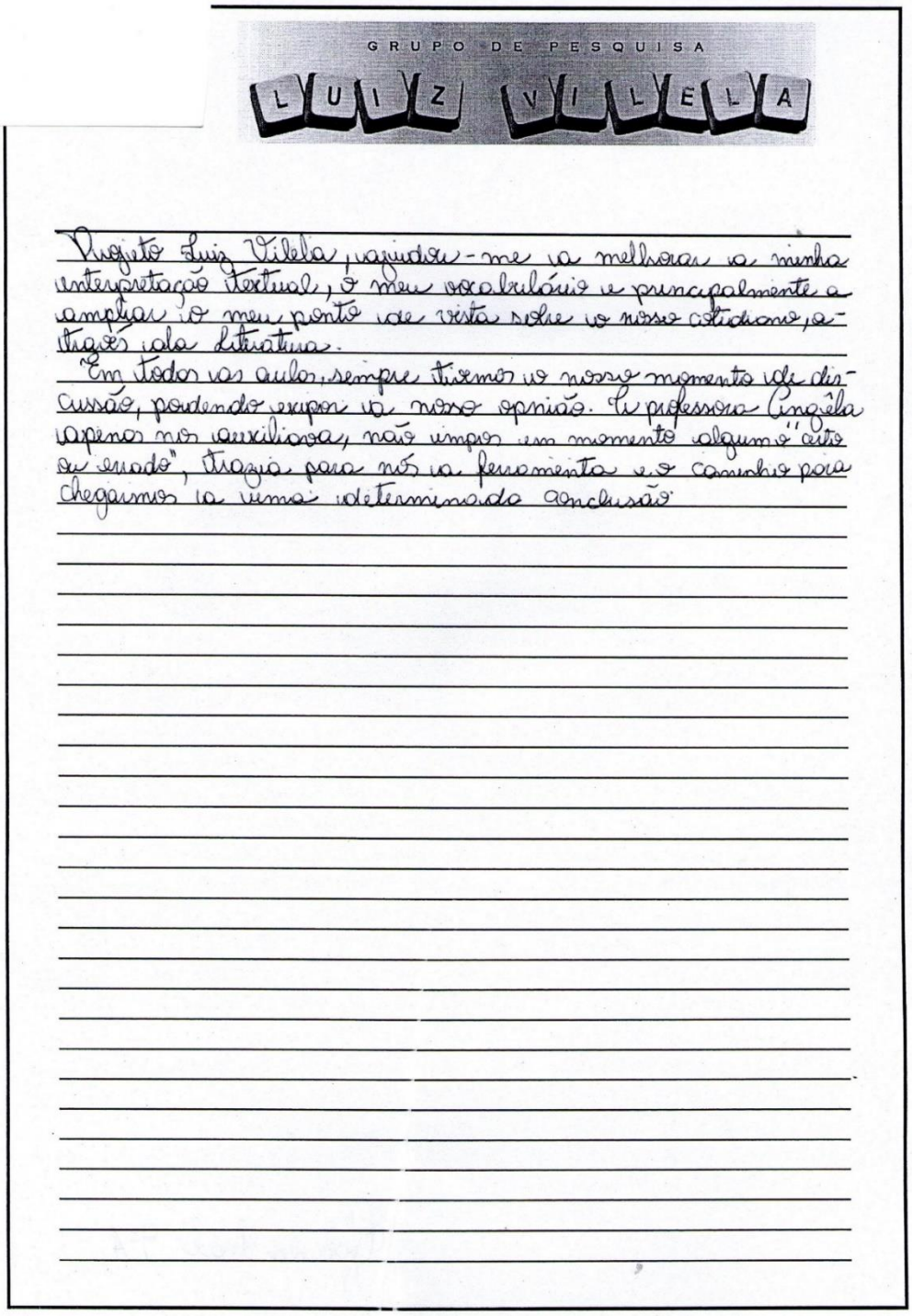
O projeto para mim foi ótimo, fez com que eu me interessasse mais pelos os escritores brasileiros, além de brotar em mim uma paixão pela leitura, no qual fez com que meu rendimento na interpretação de texto aumentasse. Com o projeto, meu raciocínio evoluiu e o meu senso de crítica aumentou, assim me tornando uma leitora crítica.

Eu espero que cada vez mais as pessoas possam conhecer e criar projetos como esse, para que cada vez mais as pessoas, principalmente os jovens, possam gostar da leitura.

PA 037

FIGURA 35

Texto- 8
Aluno- A/GABL/9/5



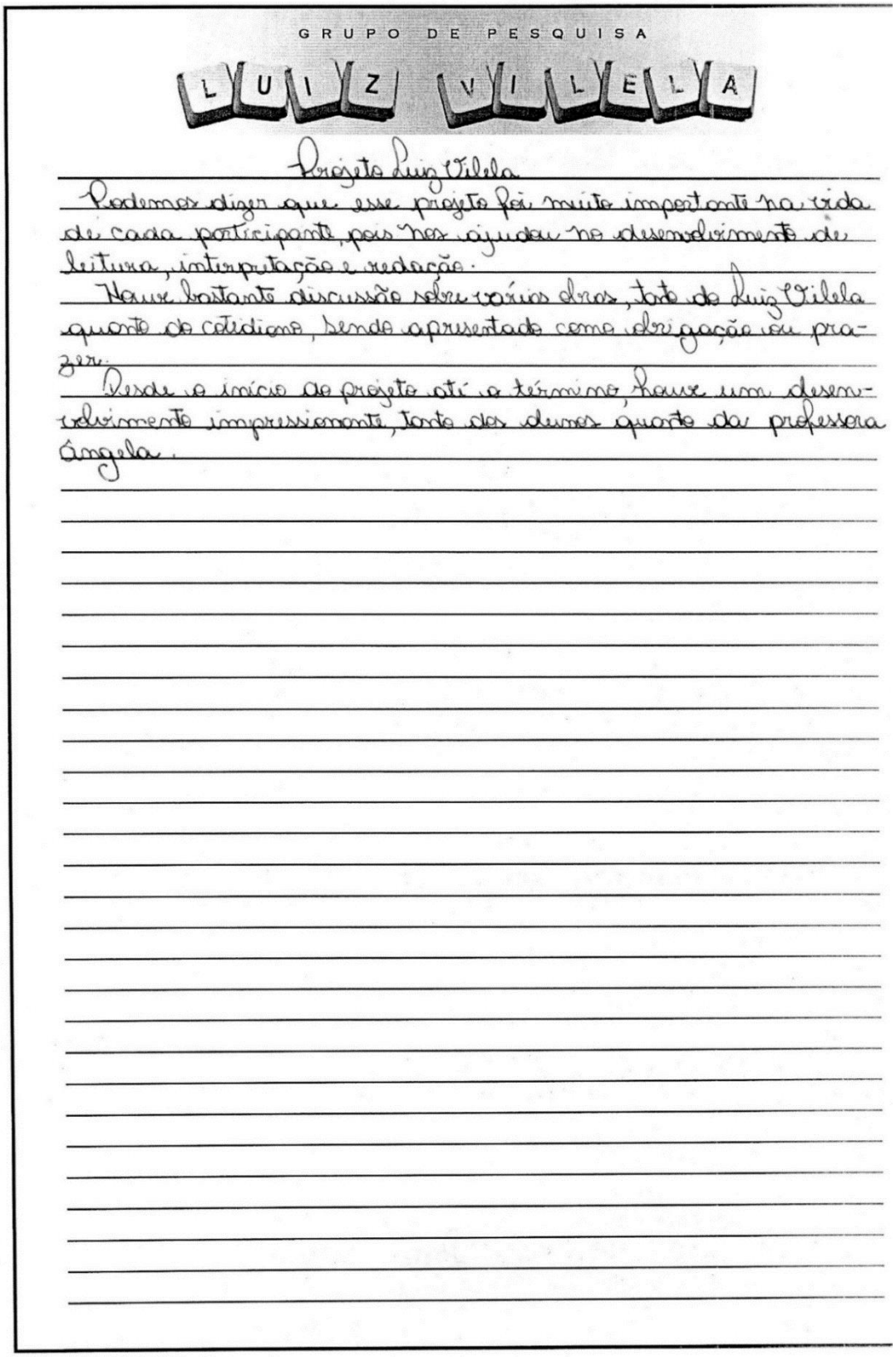
Projeto Luiz Vilela, ajudou-me a melhorar a minha interpretação textual, o meu vocabulário e principalmente a ampliar o meu ponto de vista sobre o nosso cotidiano, através da literatura.

Em todas as aulas, sempre tivemos o nosso momento de discussão, podendo expor a nossa opinião. A professora Cinçela apenas nos auxiliava, não impondo em momento algum o "certo ou errado", trazia para nós as ferramentas e o caminho para chegarmos a uma determinada conclusão.

PA 038

FIGURA 36

Texto- 9
Aluno- A/LET9/5


GRUPO DE PESQUISA
LUIZ VILELA

Projeto Luiz Vilela

Podemos dizer que esse projeto foi muito importante na vida de cada participante, pois nos ajudou no desenvolvimento de leitura, interpretação e redação.

Houve bastante discussão sobre vários livros, tanto de Luiz Vilela quanto do cotidiano, sendo apresentado como obrigação ou prazer.

Desde o início do projeto até o término, houve um desenvolvimento impressionante, tanto dos alunos quanto da professora Ângela.

Índice

Capa 001
Dedicatória 004
Agradecimento 005
Epígrafe 008
Resumo 009
Abstract 010
Documentos de produções analisadas dos Alunos- Figuras 011
Sumário 012
INTRODUÇÃO 013
1. **CAMINHOS DA PESQUISA** 019
    1.1. Contos em Luiz Vilela 041
    1.2. Novelas em Luiz Vilela 045
    1.3. Metodologia e Procedimentos 052
    1.4. Escola e alunos 054
    1.5. Sondagem inicial dos alunos 058
2. **NA SALA DE AULA** 062
    2.1. Método Científico 064
        2.1.1. Método Científico- aplicação 066
        2.1.2. Método Científico- analise 071
    2.2. Método Criativo 077
        2.2.1. Método Criativo- aplicação 080
        2.2.2. Método Criativo- analise 084
    2.3. Método Recepcional 091
        2.3.1. Método Recepcional- aplicação 094
        2.3.2. Método Recepcional- analise 099
    2.4. Método Comunicacional 101
        2.4.1. Método Comunicacional- aplicação 103
        2.4.2. Método Comunicacional- analise 107
    2.5. Método Semiológico 109
        2.5.1. Método Semiológico- aplicação 112
        2.5.2. Método Semiológico- analise 115
3. **CÍRCULO DE LEITURA** 117
    3.1. ***O Choro no Travesseiro***- aplicação 118
    3.2. ***O Choro no Travesseiro***- resultados 126
    3.3. ***Bóris e Dóris***- aplicação 128
    3.4. ***Bóris e Dóris***- resultados 131
    3.5. Impressões finais dos alunos 133
CONCLUSÃO 136
REFERÊNCIAS 139
Documentos de Aplicação do Projeto em Ordem Lógico-Cronológica 148
Documentos de Produções Analisadas dos Alunos- Figuras 513

1- Aplicação do projeto em ordem lógica- cronológica
AP 001- Artigo- Adriana da Silva- Documento Sondagem 149
AP 002- Documento de sondagem- A/CAM/8/4 163
AP 003- Documento de sondagem- A/CAR/8/ 164
AP 004- Documento de sondagem- A/DAN/8/4 165

AP 005- Documento de sondagem- A/EDUS/8/4 166
AP 006- Documento de sondagem- A/EDUP/8/4 167
AP 007- Documento de sondagem- A/EMA/8/4 168
AP 008- Documento de sondagem- A/GIO/8/4 169
AP 009- Documento de sondagem- A/GIOV/8/4 170
AP 010- Documento de sondagem- A/ISA/8/4 171
AP 011- Documento de sondagem- A/JOA/8/4 172
AP 012- Documento de sondagem- A/LET/8/4 173
AP 013- Documento de sondagem- A/LUF/8/4 174
AP 014- Documento de sondagem- A/LUH/8/4 175
AP 015- Documento de sondagem- A/LUO/8/4 176
AP 016- Documento de sondagem- A/MARC/8/4 177
AP 017- Documento de sondagem- A/MARCC/8/4 178
AP 018- Documento de sondagem- A/MAR/8/4 179
AP 019- Documento de sondagem- A/MARP/8/4 180
AP 020- Documento de sondagem- A/MAT/8/4 181
AP 021- Documento de sondagem- A/NAT/8/4 182
AP 022- Documento de sondagem- A/BEA/8/4 183
AP 023- Documento de sondagem- A/RAF/8/4 184
AP 024- Documento de sondagem- A/RAQ/8/4 185
AP 025- Documento de sondagem- A/GAB/8/4 186
AP 026- Método Científico- Planejamento 189
AP 027- Método Científico- questionário- conto “ Um Peixe" 191
AP 028- Método Científico- questionário- conto “Bichinho Engraçado”.. 192
AP 029- Método Científico- questionário- conto “As Formigas 193
AP 030- Método Científico- questionário- conto “Andorinha” 194
AP 031- Método Científico- questionário- conto “Corisco” 195
AP 032- Método Científico- conto” Um Peixe” 196
AP 033- Método Científico- conto “ Bichinho Engraçado” 200
AP 034- Método Científico- conto “ As Formigas” 214
AP 035- Método Científico- conto “ Andorinha” 217
AP 036- Método Científico- conto “Corisco” 223
AP 037- Método Científico- questionário 1- A/CAR/8/4 227
AP 038- Método Científico- questionário 2- A/ISA/8/4 228
AP 039- Método Científico- questionário 3- A/EMA/8/4 229
AP 040- Método Científico- questionário 4- A/CAM/8/4 230
AP 041- Método Científico- questionário 5- A/GAB/8/4 231
AP 042- Método Científico- questionário- 6- A/MAR/8/4 232
AP 043- Método Científico- questionário- 7-A/RAF/8/4 233
AP 044- Método Científico- questionário- 8- A/EDU/8/ 234
AP 045- Método Científico- questionário- 9- A/RAQ/8/4 235
AP 046- Método Científico- questionário- 10- A/GIO/8/4 236
AP 047- Método Científico- questionário- 11- A/LET/8/4 237
AP 048- Método Científico- questionário- 12- A/BEA/8/4 238
AP 049- Método Científico- questionário- 13- A/NAT/8/4 239
AP 050- Método Científico- questionário- 14- A/MARP/8/4 240
AP 051- Método Científico- questionário- 15- A/MARC/8/4 241
AP 052- Método Científico- questionário- 16- A/IGO/8/4 242
AP 053- Método Científico- questionário- 17- A/JOA/8/4 243
AP 054- Método Científico- questionário- 18- A/MAT/8/4 244

AP 055- Método Científico- questionário- 19- A/DAN/8/4.....245
AP 056- Método Científico- questionário- 20- A/LUH/8/4.....246
AP 057- Método Científico- questionário- 21- A/LUF/8/4 247
AP 058- Método Científico- questionário- 22- A/EDU/8/4.....248
AP 059- Método Científico- questionário- 23- A/MAT/8/4.....249
AP 060- Método Científico- tabulação- conto “Um peixe” 250
AP 061- Método Científico- tabulação- conto “Bichinho Engraçado” 251
AP 062- Método Científico- tabulação- conto “As Formigas” 252
AP 063- Método Científico- tabulação- conto “Andorinha” 253
AP 064- Método Científico- tabulação- conto “Corisco” 254
AP 065- Método Científico- desenho 1- A/RAF/8/4.....255
AP 066- Método Científico- desenho 2- A/MAR/8/4 256
AP 067- Método Científico- desenho 3- A/LET/8/4 257
AP 068- Método Científico- desenho 4- A/GAB/8/4 258
AP 069- Método Científico- desenho 5- A/GABR/8/4.....259
AP 070- Método Científico- desenho 6- A/FAB/8/4.....260
AP 071- Método Científico- desenho 7- A/MAT/8/4 261
AP 072- Método Científico- desenho 8- A/EMA/8/4 262
AP 073- Método Científico- desenho 9- A/JOA/8/4.....263
AP 074- Método Científico- Ilustração 1- A/GAB/8/4.....264
AP 075- Método Científico- Ilustração 2- A/GAB/8/4.....265
AP 076- Método Científico- Ilustração 3- A/GAB/8/4.....266
AP 077- Método Científico- Ilustração 4- A/GAB/8/4.....267
AP 078- Método Científico- Ilustração 5- A/GAB/8/4.....268
AP 079- Método Científico- Texto 1- A/CAM/8/4- Figura 1.....269
AP 080- Método Científico- Texto 2- A/ISA/8/4- Figura 2.....270
AP 081- Método Científico- Texto 3- A/GAB/8/4- Figura 3.....272
AP 082- Método Científico- Texto 4- A/MAR/8/4- Figura 4.....273
AP 083- Método Científico- Texto 5- A/LET/8/4- Figura 5.....274
AP 084- Método Científico- Texto 6- A/MARP/8/4- Figura 6 275
AP 085- Método Científico- texto 7- A/CAM/8/4 276
AP 086- Método Científico- texto 8- A/BEA/8/4.....277
AP 087- Método Científico- texto 9- A/CAR/8/4 278
AP 088- Método Científico- texto 10- A/RAF/8/4.....279
AP 089- Método Científico- texto 11- A/LET/8/4 280
AP 090- Método Científico- texto 12- A/LUH/8/4.....281
AP 091- Método Científico- texto 13- A/MAT/8/4 282
AP 092- Método Científico- texto 14- A/GABR/8/4.....283
AP 093- Método Criativo- planejamento.....285
AP 094- Método Criativo- modelo das fichas 287
AP 095- Método Criativo- modelo das fichas 288
AP 096- Método Criativo- letra da música.....289
AP 097- Método Criativo- conto “Felicidade”.....290
AP 098- Método Criativo- conto “Amor” 292
AP 099- Método Criativo- conto “Nosso fabuloso tio” 295
AP 100- Método Criativo- conto “ O Fantasma” 298
AP 101- Método Criativo- conto “Imagem” 302
AP 102- Método Criativo- conto “ O Buraco”.....306
AP 103- Método Criativo- figura 7- descrição das carências.....312
AP 104- Método Criativo- folha 1- descrição das carências.....313

AP 105- Método Criativo- folha 2- descrição das carências.....314
AP 106- Método Criativo- folha 3- descrição das carências.....315
AP 107- Método Criativo- folha 4- descrição das carências.....316
AP 108- Método Criativo- folha 5- descrição das carências.....317
AP 109- Método Criativo- figura 8- trecho da música.....318
AP 110- Método Criativo- folha 1- trecho da música.....319
AP 111- Método Criativo- folha 2- trecho da música.....320
AP 112- Método Criativo- folha 3- trecho da música.....321
AP 113- Método Criativo- folha 4- trecho da música.....322
AP 114- Método Criativo- figura 9- conto “Felicidade” 323
AP 115- Método Criativo- folha 1- conto “Felicidade”.....324
AP 116- Método Criativo- folha 2- conto “Felicidade”.....325
AP 117- Método Criativo- folha 3- conto “Felicidade”.....326
AP 118- Método Criativo- folha 4- conto “Felicidade”.....327
AP 119- Método Criativo- folha 5- conto “Felicidade”.....328
AP 120- Método Criativo- figura 10- conto “Amor” 329
AP 121- Método Criativo- folha 1- conto “Amor” 330
AP 122- Método Criativo- folha 2- conto “Amor” 331
AP 123- Método Criativo- folha 3- conto “Amor” 332
AP 124- Método Criativo- folha 4- conto “Amor” 333
AP 125- Método Criativo- folha 5- conto “Amor” 334
AP 126- Método Criativo- personagem- figura 11.....335
AP 127- Método Criativo folha 1- personagem 336
AP 128- Método Criativo folha 2- personagem 337
AP 129- Método Criativo- folha 3- personagem 338
AP 130- Método Criativo- folha 4- personagem 339
AP 131- Método Criativo- folha 5- personagem 340
AP 132- Método Criativo- conclusão- figura 12A 341
AP 133- Método Criativo- folha 01- trabalho final.....342
AP 134- Método Criativo- folha 02- trabalho final.....343
AP 135- Método Criativo- folha 03- trabalho final.....344
AP 136- Método Criativo- folha 04- trabalho final.....345
AP 137- Método Criativo- folha 05- trabalho final.....346
AP 138- Método Criativo- folha 06- trabalho final.....347
AP 139- Método Criativo- folha 07- trabalho final.....348
AP 140- Método Criativo- folha 08- trabalho final.....349
AP 141- Método Criativo- folha 09- trabalho final.....350
AP 142- Método Criativo- folha 10- trabalho final.....351
AP 143- Método Criativo- folha 11- trabalho final.....352
AP 144- Método Criativo- folha 12- trabalho final.....353
AP 145- Método Criativo- folha 13- trabalho final.....354
AP 146- Método Criativo- folha 14- trabalho final.....355
AP 147- Método Criativo- conclusão- figura 12B 356
AP 148- Método Recepcional- planejamento.....360
AP 149- Método Recepcional- ficha- histórias em quadrinhos.....362
AP 150- Método Recepcional- conto “ Por toda vida” 363
AP 151- Método Recepcional- conto “ Pai e Filho” 369
AP 152- Método Recepcional- conto “ Escapando com a bola” 374
AP 153- Método Recepcional- história em quadrinhos- figura 13 378
AP 154- Método Recepcional- história em quadrinhos- figura 14 379

AP 155- Método Recepcional- história em quarinhos- figura15 380
AP 156- Método Recepcional- história em quadrinho- figura 16 381
AP 157- Método Recepcional- história em quadrinho- atividade 5..... 384
AP 158- Método Recepcional- história em quadrinho- atividade 6..... 385
AP 159- Método Recepcional- roteiro teatral 386
AP 160- Método Comunicacional- planejamento 390
AP 161- Método Comunicacional- conto “O suicida”..... 392
AP 162- Método Comunicacional- conto “ Feliz Natal”..... 400
AP 163- Método Comunicacional- texto1- A/FAB/8/4- figura 17 406
AP 164- Método Comunicacional- texto2- A/CAR/8/4- figura 18..... 407
AP 165- Método Comunicacional- texto3- A/MARP/8/4- figura 19 408
AP 166- Método Comunicacional- texto 4- A/EMA/8/4..... 409
AP 167- Método Comunicacional- texto 5- A/GABL/8/4 410
AP 168- Método Comunicacional- texto 6- A/LET/8/4 411
AP 169- Método Comunicacional- texto 7- A/MAR/8/4..... 412
AP 170- Método Semiológico- planejamento 414
AP 171- Método Semiológico- conto “ Professor de Inglês”..... 416
AP 172- Método Semiológico- conto “Aprendizado” 420
AP 173- Método Semiológico- entrevista1- figura 20A..... 423
AP 174- Método Semiológico- entrevista 2- figura 20B..... 424
AP 175- Método Semiológico- entrevista 3- inspetora de alunos..... 425
AP 176- Método Semiológico- entrevista 4- aluna figura 22 426
AP 177- Método Semiológico- entrevista 5- aluna 427
AP 178- Método Semiológico- entrevista 6- aluna 428
AP 179- Método Semiológico- entrevista 7- aluno 429
AP 180- Método Semiológico- entrevista 8- aluna 430
AP 181- Método Semiológico- entrevista 9- inspetor de alunos..... 431
AP 182- Método Semiológico- entrevista 10- secretária 432
AP 183- Método Semiológico- entrevista 11- porteiro..... 433
AP 184- Método Semiológico- entrevista 12- professor 434
AP 185- Método Semiológico- entrevista 13- bibliotecária..... 435
AP 186- Método Semiológico- resumo- conto “Professor de inglês”..... 436
AP 187- Método Semiológico- resumo 2-conto “Aprendizado” 437
AP 188- Método Semiológico- produção texto- A/MAR/8/4..... 438
AP 189- Método Semiológico- produção texto- A/LET/8/4..... 439
AP 190- Método Semiológico- livros indicados-A/GAB/8/4 440
AP 191- Método Semiológico- carta aos leitores A/CAM/8/4 441
AP 192- Método Semiológico- notícias sobre projeto A/MAR/8/4 442
AP 193- Método Semiológico- trabalho- Conto “Imagem”..... 443
AP 194- Método Semiológico- inovações na biblioteca..... 446
AP 195- Método Semiológico- jornal- figura 23..... 453
AP 196- Novela ***O Choro no travesseiro***- texto 1- A/MAR/9/5 463
AP 197- Novela ***O Choro no travesseiro***- texto 2- /LET/9/5..... 465
AP 198- Novela ***O Choro no travesseiro***- texto 3- /MARP/9/5 466
AP 199- Novela ***O Choro no travesseiro***- texto 4-coletivo 467
AP 200- Novela ***O Choro no travesseiro***- texto5- A/MAR/9/5 469
AP 201- Novela ***O Choro no travesseiro***- resumo 471
AP 202- Novela ***O Choro no travesseiro***- figura24 472
AP 203- Novela ***Bóris e Dóris***- artigo- novelas 475
AP 204- Novela ***Bóris e Dóris***- texto 1- figura 25..... 487

AP 205- Novela ***Bóris e Dóris***- texto 2- figura26 488
AP 206- Novela ***Bóris e Dóris***- texto 3- figura27 489
AP 207- Novela ***Bóris e Dóris***- texto 4- figura28 490
AP 208- Novela ***Boris e Doris***- texto 5- figura29 491
AP 209- Novela ***Bóris e Dóris***- texto 6- A/MARP/9/5 492
AP 210- Novela ***Bóris e Dóris***- texto 7- A/MAR/9/5 493
AP 211- Novela ***Bóris e Dóris***- texto 8- A/RAF/9/5 494
AP 212- Novela ***Bóris e Dóris***- texto 9- A/LET/9/5 495
AP 213- Produção de texto- figura 30- A/MARP/9/5 496
AP 214- Produção de texto- figura 31- A/CAR/9/5 497
AP 215- Produção de texto- figura 32- A/RAF/9/5 498
AP 216- Produção de texto- figura 33- A/JOA/9/5 499
AP 217- Produção de texto- figura 34- A/GAB/9/5 500
AP 218- Produção de texto- figura 35- A/GABL/9/5 501
AP 219- Produção de texto- figura 36- A/LET/9/5 502
AP 220- Produção de texto- A/REN/9/5 503
AP 221- Produção de texto- A/LUI/9/5 504
AP 222- Produção de texto- A/MAR/9/5 505
AP 223- Produção de texto- A/GABL/9/5 506
AP 224- Produção de texto- A/CAM/9/5 507
AP 225- Texto espontâneo- A/FAB/9/5 508
AP 226- Texto espontâneo- A/GAB/9/5 509
AP 227- Texto espontâneo- A/LET/9/5 510
AP 228- Texto espontâneo- A/LET/9/5 511
AP 229- Texto espontâneo- A/CAM/9/5 512

2- Documento de Produções Analisadas dos alunos - Figuras

PA 01- Método Científico- figura 1- A/CAM/8/4 514
PA 02- Método Científico- figura 2- A/ISA/8/4 515
PA 03- Método Científico- figura 3- A/GAB/8/4 517
PA 04- Método Científico- figura 4- A/MAR/8/4 518
PA 05- Método Científico- figura 5- A/LET/8/4 519
PA 06- Método Científico- figura 6- A/MARP/8/4 520
PA 07- Método Criativo- figura 7- descrições das carências 521
PA 08- Método Criativo- figura 8- trecho da música 522
PA 09- Método Criativo- figura 9- conto “Felicidade” 523
PA 10- Método Criativo--figura 10- conto “Amor” 524
PA 11- Método Criativo- figura 11- personagem 525
PA 12- Método Criativo- figura 12A- Conclusão 526
PA 13- Método Criativo- figura 12B- conto “Imagem” 527
PA 14- Método Recepcional- figura 13- conto “Pai e Filho” 530
PA 15- Método Recepcional- figura 14- conto” Por toda vida” 531
PA 16- Método Recepcional- figura 15- texto- Conto 532
PA 17- Método Recepcional- figura 16- história em quadrinhos 533
PA 18- Método Comunicacional- figura 17- texto- A/FAB/8/4 536
PA 19- Método Comunicacional- figura 18- texto- A/CAE/8/4 537
PA 20- Método Comunicacional- figura 19- texto- A/MARP/8/4 538
PA 21- Método Semiológico- figura 20A- entrevista-professora 539
PA 22- Método Semiológico- figura 20B- entrevista-professora 540
PA 23- Método Semiológico- figura 21- entrevista-inspetora 541

PA 24- Método Semiológico- figura 22- entrevista-aluna.....542
PA 25- Método Semiológico- figura 23- jornal Vilela.....543
PA 26- Novela ***O choro do travesseiro***- figura 24-texto.....552
PA 27- Novela ***Bóris e Dóris***- figura 25- texto- A/MARP/9/5.....553
PA 28- Novela ***Bóris e Dóris***- figura 26- texto- A/GABL/9/5.....554
PA 29- Novela ***Bóris e Dóris***- figura 27- texto- A/JOA/9/5 555
PA 30- Novela ***Bóris e Dóris***- figura 28- texto- A/CAR/9/5.....556
PA 31- Novela ***Bóris e Dóris***- figura 29- texto- A/CAM/9/5 557
PA 32- Produção de texto- figura 30- A/MARP/9/5 558
PA 33- Produção de texto- figura 31- A/CAR/9/5.....559
PA 34- Produção de texto- figura 32- A/RAF/9/5 560
PA 35- Produção de texto- figura 33- A/JOA/9/5 561
PA 36- Produção de texto- figura 34 -A/GAB/9/5.....562
PA 37- Produção de texto- figura 35- A/GABL/9/5.....563
PA 38- Produção de texto- figura 36- A/LET/9/5.....564

Terminou-se de preparar a presente versão final desta tese, para o Banco de Teses do PROFLETRAS / UFMS, em novembro de 2016.